

ALICE HOFFMAN

As mulheres do deserto

romance



 Planeta



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

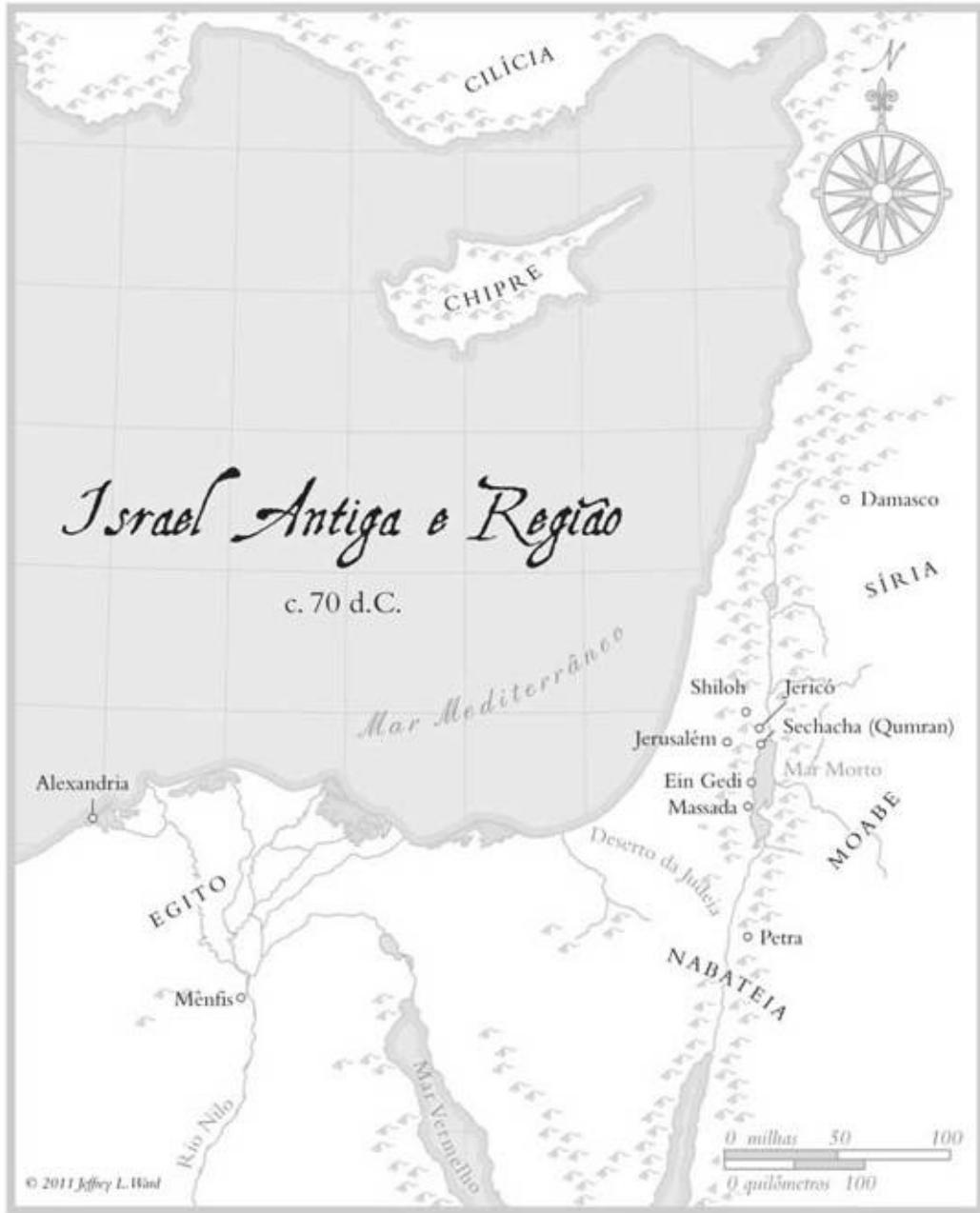
Converted by [ePubtoPDF](#)

ALICE HOFFMAN
As mulheres do deserto

Tradução de:
HENRIQUE MONTEIRO

 Planeta

Deixe que o meu fardo seja o seu fardo, e que o seu seja o meu.



PRIMEIRA PARTE

Verão, 70 d.C.

A Filha do Assassino

Vimos como pombos através do deserto. Em um tempo em que não existia nada além da morte, éramos gratos por qualquer coisa, e muito gratos por tudo quando acordávamos para mais um dia.

CAMINHAMOS POR TANTO TEMPO QUE me esqueci do que era viver entre quatro paredes ou dormir por toda uma noite. Nessa época, perdi tudo o que poderia ter possuído caso Jerusalém não tivesse caído: um marido, uma família, um futuro para chamar de meu. A minha infância desapareceu no deserto. A pessoa que fora um dia deixou de existir quando me vesti de branco e a poeira subiu em nuvens. Éramos nômades, deixando para trás camas e pertences, tapetes e vasos de bronze. O nosso lar então era a casa do deserto, preta à noite, brutalmente branca ao meio-dia.

Dizem que a beleza mais verdadeira encontra-se na terra mais árida e que Deus pode ser encontrado lá por quem tem os olhos abertos. Mas os meus olhos estavam fechados contra os ventos da mudança, que podem cegar uma pessoa em um instante. A própria respiração era um milagre quando as tempestades vinham rodopiando por toda a terra. A voz que surge do silêncio é algo que ninguém é capaz de imaginar até que seja ouvida. Ela ruge quando fala, mente para convencê-lo, rouba-lhe o pouco que tenha e o deixa sem uma única palavra de conforto. O conforto não pode existir em tal lugar. Só o que é brutal sobrevive. O que é astúcia subsiste até de manhã.

A minha pele estava queimada, as minhas mãos, esfoladas. Entreguei-me ao deserto, curvando-me à sua voz poderosa. Por onde quer que andasse, o meu destino andava comigo, costurado aos meus pés com linha vermelha. Tudo o que nunca será já foi escrito muito antes que aconteça. Não há nada que possamos fazer para impedi-lo. Não poderia seguir em outra direção. As estradas de Jerusalém levavam apenas a três lugares: a Roma, ao mar ou ao deserto. Meu povo tornara-se errante, como fora no início dos tempos, novamente expulso.

Segui meu pai para fora da cidade porque não tinha escolha.

Nenhum de nós tinha, verdade seja dita.

NÃO SEI COMO tudo começou, mas sei como terminou. Ocorreu no mês de Av¹, cujo signo é *Arieh*, o leão. É um mês que para o nosso povo significa a destruição, um período em que as pedras do deserto tornam-se tão quentes que não se pode tocá-las sem queimar os dedos, em que a fruta murcha nas árvores antes de amadurecer e as sementes chacoalham em seu interior, em que o céu torna-se branco e a chuva não cai. O primeiro Templo foi destruído nesse mês. As ferramentas significavam armas e não puderam ser usadas na construção do mais sagrado dos lugares santos; por isso, o grande guerreiro, o rei Davi, foi proibido de construir o Templo, porque conhecera os males da guerra. Em vez disso, a honra recaiu sobre seu filho, o rei Salomão, que invocou o *shamir*, um verme capaz de atravessar a pedra, e assim criou glória a Deus sem o uso de ferramentas de metal.

O Templo foi construído como Deus decretara que deveria ser, livre de derramamento de sangue e da guerra. Seus nove portões foram recobertos com ouro e prata. Lá, no mais sagrado dos lugares, ficou a Arca que guardava a aliança do nosso povo com Deus, um baú feito com a melhor madeira de acácia, decorado com dois querubins dourados. Mas, apesar da grandiosidade, o primeiro Templo foi destruído, o nosso povo, e Livros para a Babilônia. Entretanto, retornaria após setenta anos para reconstruí-lo no mesmo local em que Abraão se dispusera a oferecer o filho Isaac em sacrifício ao Todo-Poderoso, em que o mundo fora originalmente criado.

O segundo Templo resistiu por centenas de anos como a morada da palavra de Deus, o centro da criação no centro de Jerusalém, embora a Arca em si tivesse desaparecido, talvez na Babilônia. Mas então o tempo de derramamento de sangue impôs-se a nós uma vez mais. Os romanos quiseram tudo o que tínhamos. Chegaram até nós depois de invadirem inúmeras terras com suas legiões imensas, pretendendo não apenas conquistar, mas humilhar, reivindicar não só a nossa terra e o nosso ouro, mas a nossa humanidade.

Quanto a mim, não esperava nada além de desastre. Conhecera o seu abraço antes mesmo de respirar ou enxergar. Era a segunda criança na família, um ano mais nova que o meu irmão Amram, mas radicalmente o oposto dele, amaldiçoada pelo fardo do meu primeiro alento. Minha mãe morreu pouco antes de eu nascer. Naquele momento, o mapa da minha vida manifestou-se sobre a minha pele como uma explosão de marcas vermelhas, pintas que, quando seguidas de uma para outra, me conduziram ao meu destino.

Lembro-me do instante em que entrei no mundo, a grande calma que foi subitamente interrompida, o calor da minha pulsação sob a pele. O ventre da

minha mãe foi aberto com uma faca afiada e fui tirada de lá. Estou convencida de que ouvi o rugido de dor do meu pai enlutado, o único som a romper o silêncio terrível de alguém que nasce da morte. Eu mesma não chorei, nem me lamuriei. As pessoas notaram isso. As parteiras sussurraram entre si, convencidas de que eu era ou abençoada ou amaldiçoada. Meu silêncio não foi o único aspecto incomum em mim, nem as sardas avermelhadas que surgiram sobre a minha pele uma hora depois do meu nascimento. Foi o meu cabelo, com a sua cor vermelho-escura de sangue, uma cobertura espessa crescente, como se eu já conhecesse este mundo e aqui já tivesse estado antes.

Disseram que trazia os olhos abertos, a marca de um rebanho à parte. O que era de esperar de uma criança nascida de uma mulher morta, pois fui tocada por *Mal'ach ha-Mavet*, o Anjo da Morte, antes de nascer no mês de *Av*, no *Tisha B'Av*, o nono dia, sob o signo do leão. Sempre soube que haveria um leão à minha espera. Sonho com tais criaturas desde que consigo me lembrar. Nos meus sonhos, alimentava um leão com a minha mão. Em troca, ele tomava a minha mão inteira em sua boca e me comia viva.

Ao deixar a infância, decidi cobrir a cabeça; mesmo quando estivesse no pátio do meu pai, guardava-me para mim. Nas raras ocasiões em que acompanhei a nossa cozinheira ao mercado, via outras jovens se divertindo e enciumava-me até mesmo da mais comum dentre elas. Elas viviam uma vida plena, ao passo que eu só conseguia pensar em tudo o que não tinha. Elas falavam alegremente de seu futuro como noivas enquanto se encontravam junto ao poço ou se reuniam na rua dos Padeiros, acompanhadas das mães e tias. Sentia vontade de gritar com elas, mas não dizia nada. Como poderia falar da minha inveja quando havia coisas que queria ainda mais do que um marido, um filho ou uma casa própria?

Ansiava por uma noite sem sonhos, um mundo sem leões, um ano sem *Av*, aquele amargo mês vermelho.

DEIXAMOS A CIDADE quando o segundo Templo foi posto em ruínas, aventurando-nos pelo Vale dos Espinhos. Durante meses os romanos haviam profanado o Templo, crucificando o nosso povo dentro dos seus muros sagrados, arrancando o ouro dos umbrais de entrada e dos pórticos. Era para lá que os judeus de toda a criação viajavam a fim de oferecer sacrifícios perante o local mais sagrado, com milhares chegando à época da Festa dos Pães Ázimos, ansiosos por vislumbrar as paredes de ouro do lugar de morada da palavra de Deus.

Quando os romanos atacaram o terceiro muro, o nosso povo foi forçado a fugir daquela parte do Templo. Em seguida, a legião derrubou o segundo muro.

Ainda não foi o bastante. O grande Tito, líder militar de toda a Judeia, passou a construir quatro rampas de cerco. Nosso povo as destruiu com fogo e pedras, mas o ataque dos romanos aos muros do Templo havia enfraquecido as nossas defesas. Não muito tempo depois conseguiram abrir uma brecha. Os soldados entraram no labirinto de muros que cercavam o nosso local mais sagrado, correndo como ratos, os escudos erguidos para o alto, as túnicas brancas abrasando-se com o sangue. O Templo sagrado estava sendo destruído por suas mãos. Depois que isso acontecesse, a cidade também, obrigada a acompanhá-lo, tombaria de joelhos como um prisioneiro comum, pois sem o Templo não haveria *lev ha-olam*, o mundo perderia o centro, não restando nada por que lutar.

O anseio por Jerusalém era um fogo que não se extinguia. Existia uma faísca dentro do mais sagrado dos lugares santos que fazia as pessoas quererem possuí-lo, e o que mais desejam muitas vezes os próprios homens destroem. À noite, os muros que tinham sido feitos para durar uma eternidade gemeram e oscilaram. Quanto mais os romanos nos prendiam por crimes contra a sua lei, mais lutávamos entre nós mesmos, incapazes de nos decidir sobre uma única linha de ação. Talvez por saber que não conseguiríamos triunfar sobre o seu poderio, voltávamo-nos uns contra os outros, divididos por ciúme, desunidos pela traição, a nossa vida tornou-se um emaranhado sombrio de medo.

As vítimas muitas vezes atacam umas às outras, como galinhas em um cercado, trocando bicadas frenéticas. Nós fizemos o mesmo que elas. Não só o nosso povo foi sitiado pelos romanos, mas as pessoas entraram em guerra umas contra as outras. Os sacerdotes foram condescendentes, pendendo para o lado de Roma, e os que lhes faziam oposição eram declarados ladrões e bandidos, meu pai e seus amigos entre os opositores. Os impostos eram tão altos que os pobres não podiam mais alimentar os filhos, enquanto os que se aliaram a Roma prosperavam e enriqueciam. As pessoas testemunhavam contra os próprios vizinhos, roubavam umas das outras e fechavam a porta aos necessitados. Quanto mais desconfiávamos uns dos outros, mais éramos derrotados, divididos em grupos hostis, quando na verdade éramos um corpo só na crença em *Adonai*, éramos os filhos e as filhas do reino de Israel.

*

DURANTE OS MESES que antecederam a destruição do Templo, instalou-se o caos enquanto enfrentávamos os nossos inimigos. Fizemos todo o esforço para vencer aquela guerra, mas, assim como Deus criou a vida, também gerou a destruição. Durante o furioso mês vermelho de *Av*, corpos inchados lotavam o *kidron*, a ravina profunda que separava a cidade do cintilante Monte das Oliveiras. O

sangue de homens e animais formava lagos escuros nos nossos lugares mais sagrados. O calor era estranho e implacável, como se a maldade da terra se refletisse contra nós, um espelho dos nossos pecados. Dentro dos salões mais secretos do Templo, o ouro era fundido e partilhado; desaparecia, roubado do mais santo dos lugares, para nunca mais ser visto.

Nem uma única brisa soprava. A temperatura subira com a desordem, do chão para cima, e os tijolos que pavimentavam as estradas romanas eram tão quentes que queimavam os pés das pessoas, enquanto os desesperados buscavam um paraíso seguro – um estábulo, uma câmara abandonada, até mesmo um espaço de pedra fria no interior do forno de um padeiro. Os soldados da décima legião, que seguiam a insígnia do javali, plantaram as suas bandeiras sobre as ruínas do Templo, com pleno conhecimento de que isso era uma afronta para nós, pois atiravam em nossa cara um animal que considerávamos impuro. Os soldados eram como os próprios javalis, irresponsáveis, cruéis. Corriam por todo lado, matando galos brancos do lado de fora das sinagogas, tratando lugares que serviam como *bet kenesset* e *bet tefilliah*, casas tanto de reunião como de oração, como um insulto e uma maldição. O sangue de um galo tornava as nossas casas de adoração impuras. As mulheres esfregavam os degraus com soda cáustica, lamuriando-se enquanto o faziam. Estávamos contaminados, não importava o quanto esfregassem ou quanta água fossem capazes de derramar sobre as pedras.

A cada violação entendíamos o aviso da legião: *O que fazemos com o galo, podemos fazer com vocês.*

*

UMA NOITE, uma estrela semelhante a uma espada despontou sobre a cidade. Podia ser vista noite após noite, brilhando continuamente no leste. As pessoas tremeram, certas de que era um presságio, esperando pelo que estava por vir. Pouco depois o portão oriental do Templo abriu-se por conta própria. Multidões se reuniram, apavoradas, convencidas de que essa ocorrência permitiria a chegada do desastre. Os portões não se abrem se não há uma razão. As espadas não surgem no céu se a paz está para vir. Os nossos vizinhos começaram a negociar os pequenos tesouros que possuíam, acotovelando-se pelas ruas, determinados a escapar com o pouco que tinham. Reuniram os filhos e começaram a fugir de Jerusalém, esperando chegar à Babilônia ou a Alexandria, saudosos do Sião desde o instante em que partiam.

Nas valas que se enchiam de água da chuva durante os períodos de enchentes repentinas, logo se formou um rio de sangue escorrendo do Templo. O sangue

chorava, lamentava-se e amaldiçoava, pois as suas vítimas não abriam mão da vida facilmente. Os soldados mataram os rebeldes primeiro, depois chacinaram a esmo. Quem fosse infeliz o bastante para passar por perto deles era pego em sua rede. As pessoas eram arrancadas da família, arrebanhadas nas ruas. Veio a noite conhecida como Flagelo dos Inocentes. A última ilusão de que as nossas orações seriam atendidas desapareceu. Quantos de nós perderam a fé naquela noite? Quantos se afastaram do que o nosso povo sempre acreditou? Um menino de dez anos foi levado a ferros e depois crucificado porque se recusou a se curvar aos soldados. Esse menino padecia de surdez e nem sequer ouvira a ordem, mas ninguém se importava mais com essas coisas. Um mundo de ódio se abatera sobre nós.

O pecado da morte do menino elevou-se como uma nuvem, evidente para todos. Depois disso, vinte mil pessoas entraram em pânico nas ruas, atropelando-se umas às outras em frenesi, abandonando a dignidade enquanto afluíam para as estradas.

No momento em que a manhã surgiu, quase todos haviam abandonado Jerusalém.

*

QUANTO A MIM, o meu mundo se acabara antes que o Templo começasse a queimar, antes que o pó de pedra cobrisse as velas. Muito antes de o Templo cair, eu perdera a minha fé. Não significava nada para o meu pai, abandonada por ele desde o momento em que nasci. Teria sido completamente negligenciada não fosse a família da minha mãe insistir em que se contratasse uma babá. Uma jovem serva de Alexandria foi trazida para cuidar de mim, mas quando ela cantava canções de ninar, meu pai, o temível Yosef bar Elhanan, mandava que se calasse. Quando me alimentava, ele insistia em que eu já comera o bastante.

Eu mal deixara de engatinhar quando o meu pai me chamou para contar-me a verdade do meu nascimento. Chorei ao descobrir a realidade e assumi o peso da minha entrada nesta vida. Meu nome era Yael e foi a primeira coisa sobre mim que aprendi a desprezar. Esse fora o nome da minha mãe também. Toda vez que era pronunciado, servia somente para lembrar ao meu pai que a ocasião da minha chegada a este mundo roubara a sua esposa.

– O que isso faz de você? – ele perguntou amargamente.

Eu não tinha uma resposta, mas me vi refletida em seus olhos. Era uma assassina, digna de sua indignação e de sua ira.

A garota contratada para cuidar de mim foi logo despedida, levando consigo toda a consolação e o conforto. Eu sabia o que me esperava depois de sua partida, a vida atrofiada de uma criança órfã de mãe. No dia em que ela nos deixou, eu soluzei segurando-me em suas saias, desesperada pelo seu abraço terno. Meu irmão, Amram, disse-me para não chorar; tínhamos um ao outro. A serva ofertou-me uma romã para dar sorte, antes de gentilmente desvencilhar as saias do meu enlace. Ela era jovem o bastante para ser minha irmã, mas fora como uma mãe para mim e me dera a única ternura que eu conhecera.

Dei a minha romã de presente ao meu irmão, tendo já decidido deixá-lo sempre em primeiro lugar. Mas essa não foi a única razão. Já tivera o bastante do meu quinhão de tristeza.

*

QUANDO CRESCI, tornei-me calma e bem-comportada. Não pedia nada, e isso era exatamente o que recebia. Se fosse inteligente, tentava não demonstrá-lo. Se me ferisse, guardava as feridas para mim mesma. Virava-me para o lado sempre que via as outras meninas com o pai, pois o meu não queria ser visto comigo. Ele não falava comigo nem me tomava no colo. Preocupava-se apenas com o meu irmão, seu amor por Amram era evidente a cada instante. No jantar eles se sentavam juntos, enquanto eu era deixada no corredor, onde dormia. Havia escorpiões escondidos pelos cantos e eles logo se acostumaram comigo. Observava-os temerosa, mas também admirando como ficavam à espreita de suas presas nas pedras frias sem nunca se revelar. Guardei o meu sentimento de profunda vergonha dentro de mim, de maneira muito semelhante a como um escorpião esconde o seu desejo insaciável. Nisso éramos iguais.

Ao mesmo tempo, eu era humana. Ansiava por uma mecha de cabelo da minha mãe, para que pudesse conhecer a sua cor. Naquele corredor muitas vezes chorei pelo conforto dos seus braços.

– Acaso acha que sinto pena de você? – perguntou o meu pai um dia em que se fartara do meu pranto. – Vai ver que foi esse seu choro que a matou. Causando tal inundação que a afogou por dentro.

Eu nunca retrucara antes, mas saltei à frente dele. O pensamento de que poderia ter afogado a minha mãe com as minhas lágrimas era demais para suportar. Meu peito e a garganta ardiam. Nesse instante, não me importava que o homem à minha frente fosse Yosef bar Elhanan e eu não fosse nada.

– Não foi culpa minha – declarei.

Vi uma expressão estranha atravessar o rosto do meu pai. Ele deu um passo para trás.

– Está dizendo que a causa fui eu? – advertiu ele, erguendo as mãos como que para se proteger de uma maldição.

Não respondi, mas depois que ele saiu percebi que na realidade tínhamos algo em comum, mais do que com os escorpiões, mesmo que meu pai nunca falasse comigo ou me chamasse pelo nome. Tínhamos matado a minha mãe juntos. E, no entanto, ele queria que eu carregasse a culpa sozinha. Se era isso o que ele queria, então assumiria o manto da culpa, porque eu era uma filha obediente. Não choraria nunca mais. Nada me faria quebrar essa promessa. Quando uma vespa me picou, e formou-se um vergão vermelho no meu braço, forcei-me a ficar quieta e não sentir a sua dor. Meu irmão correu até mim para certificar-se de que eu não me ferira. Chamou-me pelo nome secreto que me dera quando éramos pouco mais que dois bebês, Yaya. Eu adorava ouvi-lo chamar-me assim, pois o apelido carinhoso fazia-me lembrar das canções de ninar da minha babá e de uma época anterior à consciência de que trouxera a ruína para a minha família.

Eu ardia de dor com a picada da vespa, mas insisti que estava bem. Quando ergui os olhos, vi o brilho de lágrimas nos olhos de Amram. Qualquer um teria pensado que fora ele quem tinha se ferido. Ele sentia a dor mais facilmente que eu e era muito mais sensível. Às vezes, eu cantava para ele quando não conseguia dormir, entoando as canções de ninar de Alexandria de cujas palavras me recordava, como se tivesse vivido antes outra vida.

DURANTE TODO o tempo em que crescia, eu me perguntava como seria ter um pai que não olhasse para o lado ao me ver, que me dissesse como estava bonita, muito embora o meu cabelo flamejasse com uma estranha tonalidade avermelhada e a minha pele fosse salpicada de manchas cor de terra como se eu tivesse sido aspergida com lama. Ouvi meu pai dizer a outro homem que aquelas marcas eram manchas do sangue da minha mãe. Depois disso, tentei arrancá-las com as unhas, até tirar sangue da carne, mas meu irmão me impediu quando descobriu as depressões avermelhadas em meus braços e pernas. Ele me garantiu que as sardas eram salpicos de cinzas caídos das estrelas do céu. Por causa disso, eu sempre brilharia na escuridão. E ele sempre seria capaz de me encontrar, por mais longe que estivesse.

Quando me tornei mulher, não tive mãe para me dizer o que fazer com o sangue que veio com a lua ou para me acompanhar na *mikvah*, o banho ritual que

teria me purgado com uma imersão total na pureza. A primeira vez que sangrei pensei que estivesse morrendo, até que uma velha que era minha vizinha teve pena de mim e me disse a verdade sobre os ciclos mensais das mulheres. Baixei os olhos enquanto ela falava, envergonhada de ser informada de tais detalhes íntimos por uma estranha, sem acreditar muito no que ela dizia, imaginando por que o nosso Deus faria com que eu me tornasse impura. Mesmo agora, acho que poderia estar certa por tremer de medo no dia em que sangrei pela primeira vez. Talvez o fato de me tornar mulher fosse o fim para mim, por ter nascido no sangue e merecer ser tirada da vida do mesmo modo.

Não me incomodei em contornar os meus olhos com *kohl* ou esfregar óleo de romã nos pulsos. O flerte não era algo que praticasse, nem me achava atraente. Não perfumei o meu cabelo, em vez disso preendi as tranças na nuca e depois cobri a cabeça com um xale de lã do tecido mais simples que pude encontrar. Meu pai só se dirigia a mim quando me chamava para trazer a sua refeição ou lavar as suas roupas. Por essa época eu tinha começado a perceber o que ele fazia quando saía para se encontrar com os companheiros durante a noite. Geralmente ele envolvia os ombros em um manto cinza-claro, que se dizia ter sido tecido com os fios de uma teia de aranha. Eu tocara a sua bainha uma vez. Era tão sinistro quanto belo, concedendo ao seu portador a capacidade de se dissimular. Quando o meu pai saía, desaparecia, porque tinha o poder de desaparecer mesmo ele estando à sua frente.

Eu ouvira meu pai ser chamado de assassino pelos nossos vizinhos. Franzira a testa e não acreditara, mas, quanto mais analisava as suas idas e vindas, mais sabia que era verdade. Ele fazia parte de um grupo secreto de homens que carregavam a adaga encurvada dos sicários, zelotes fanáticos que escondiam as facas afiadas sob seus mantos e as usavam para punir aqueles que se recusavam a lutar contra Roma, especialmente os sacerdotes que aceitassem sacrifícios da legião e seus favores ao Templo. Os assassinos eram implacáveis, até eu sabia disso. Ninguém estava a salvo de sua ira; os outros zelotes os repudiavam, contestando os seus métodos brutais. Dizia-se que os sicários lutavam contra os judeus que se curvavam demais a Roma, e que *Adonai*, o nosso grande Deus, nunca perdoaria o assassinato, especialmente de irmão contra irmão. Mas os judeus eram uma fraternidade dividida, em conflito na prática e nas orações. Os que pertenciam aos sicários riam-se da ideia de que Deus não desejava outra coisa senão que todos os homens fossem livres. O preço era de nenhuma consequência. Seu objetivo era um só governante, não imperadores, não reis, só o Rei da Criação. Somente ele governaria quando tivessem terminado o seu trabalho na terra.

MEU PAI fora um assassino por tanto tempo que os homens que ele matara eram como folhas de uma árvore de salgueiro, muitas para contar. Porque ele possuía uma habilidade que poucos homens tinham e afirmava ter o poder da invisibilidade, era capaz de entrar em uma sala como uma sombra e despachar o inimigo antes que a vítima estivesse mesmo ciente de que uma janela se abria ou que uma porta se fechara.

Para a minha tristeza, o meu irmão seguiu o caminho do nosso pai assim que teve idade suficiente para se tornar um discípulo da vingança. Amram era perigosamente suscetível a seus estilos violentos, pois em sua pureza via o mundo como bom ou mau, sem gradação entre os extremos. Sempre os espiava juntos, meu pai falando no ouvido do meu irmão, ensinando-lhe as regras do assassinato. Um dia, enquanto reunia as túnicas e a capa de Amram para lavar no poço, encontrei uma adaga, já marcada por uma linha carmesim. Teria chorado se fosse capaz, mas tinha abandonado as lágrimas. Não afogaria mais ninguém como afogara a minha mãe, de dentro para fora.

Ainda assim, saí em busca do meu irmão, encontrando-o no mercado com os amigos. As mulheres desacompanhadas não eram vistas com frequência entre os homens que se dirigiam àquelas passagens estreitas; as que não tinham escolha a não ser sair desacompanhadas dirigiam-se às pressas à rua dos Padeiros ou às barracas que ofereciam cerâmica e jarros feitos do barro de Jerusalém, e depois, rapidamente, corriam de volta para casa. Eu usava um véu e a minha túnica estava apertada com força. Havia *zonnoth* no mercado, mulheres que se vendiam para o prazer dos homens, que não cobriam os braços ou o cabelo. Uma delas zombou de mim enquanto passava apressada, o rosto soturno abrindo-se em um sorriso quando me viu correndo pelo beco.

– Você acha que é diferente de nós? – gritou. – Você é apenas uma mulher, assim como nós.

Puxei o meu irmão para longe dos amigos para que pudéssemos ficar debaixo de um *flamboyant*. As flores vermelhas exalavam o cheiro do fogo e pensei que isso era um presságio, que o meu irmão conheceria o fogo. Preocupava-me com o que aconteceria com ele quando a noite chegasse e os sicários se reunissem sob os cedros, local em que faziam seus planos. Pedi-lhe para renunciar aos meios violentos que adotara, mas meu irmão, jovem como era, ardia por justiça e uma nova ordem na qual todos os homens fossem iguais.

– Não posso reconsiderar a minha fé, Yaya.

– Então considere a sua vida – foi a minha resposta.

Para me provocar, Amram riu imitando uma galinha, empertigando o corpo magro e forte e debruçando-se, enquanto batia asas imaginárias.

– Você quer que eu fique em casa no galinheiro, onde possa me trancar por dentro e ter certeza de que estou seguro?

Ri, apesar dos meus temores. Meu irmão era corajoso e bonito. Não admirava que o meu pai o favorecesse. Tinha o cabelo dourado, os olhos escuros, mas salpicados de luz. Nesse momento, vi que a criança de quem cuidara como uma mãe tornara-se um homem, um homem puro em suas intenções. Eu não poderia fazer mais do que questionar o caminho que escolhera. No entanto, estava determinada a agir em seu benefício. Quando meu irmão voltou para junto dos amigos, continuei para dentro do mercado, chegando até o fundo das ruas tortuosas, por fim contornando para um beco pavimentado com tijolos cinzentos empoeirados. Ouvira dizer que era possível comprar boa sorte nas proximidades, ali havia uma loja misteriosa de que sussurravam as mulheres do bairro. Em geral, elas interrompiam a conversa quando eu me aproximava, mas ficara curiosa e ouvira dizer que, se uma pessoa seguisse a imagem de um olho rabiscada dentro de um círculo, seria levada a um lugar de medicamentos e magias. Tomei o caminho do olho até chegar à casa de *keshaphim*, um tipo de magia praticada por mulheres, sempre perseguido em segredo.

Bati na porta e apareceu uma velha que me examinou atentamente. Irritada com a minha presença, ela perguntou por que eu estava ali. Como hesitasse, ela começou a fechar a porta contra mim, resmungando.

– Não tenho tempo para alguém que não sabe o que quer – murmurou.

– Proteção para o meu irmão – consegui dizer, nervosa demais para informar mais que isso.

No Templo praticava-se a magia dos sacerdotes, homens santos ungidos pela oração, escolhidos para oferecer sacrifícios, tentar milagres e realizar exorcismos, expulsando o mal de que muitas vezes os homens poderiam estar possuídos. Nas ruas praticava-se a magia das *minim*, menosprezadas pelos sacerdotes, chamadas de charlatãs e impostoras por alguns, muito embora respeitadas por muitos. As casas de *keshaphim*, no entanto, eram consideradas os lugares em que se praticava o tipo mais desprezível de magia, um trabalho de mulheres, nocivo, vingativo, praticado por aquelas que eram acusadas de bruxas. Mas uma *min* que realizasse feitiços e maldições jamais falaria com uma garota como eu se não tivesse prata para entregar e um pai ou irmão para me recomendar. E se tivesse procurado um dos sacerdotes em busca de um amuleto,

eles o negariam a mim, porque era filha de alguém que lhes fazia oposição. Até eu sabia que não merecia os seus favores.

O aposento atrás da velha achava-se às escuras, mas vislumbrei ervas e plantas penduradas em cordas compridas presas ao teto. Reconheci a arruda e a murta, e as amareladas maçãs secas da mandrágora, a que chamavam de *yavvrucha*, uma erva de natureza tanto afrodisíaca como antidemoníaca, venenosa e eficaz. Pensei ter ouvido o som de uma cabra, que se dizia ser um animal de estimação de bruxas, partindo de dentro da câmara escura.

– Antes de desperdiçar o meu tempo, tem *shekalim* suficientes para proteção?
– a velha perguntou.

Abanei a cabeça. Não tinha moedas, mas trouxera comigo um espelho de mão precioso. Pertencera à minha mãe e era muito bem trabalhado, feito de bronze, prata e ouro, completado com um pedaço de lápis-lazúli escuro. Era a única coisa que eu tinha de algum valor. A anciã o examinou e depois, satisfeita, aceitou a minha oferta e voltou para dentro. Depois que fechou a porta, ouvi o barulho de uma fechadura. Por um momento perguntei-me se ela se fora para sempre com o meu espelho, talvez nunca mais fosse vê-la, mas ela voltou a aparecer na porta e me disse para abrir a mão.

– Tem certeza de que não quer este amuleto para si mesma? – ela advertiu, insistindo que existia apenas um como aquele em todo o mundo. – Você pode precisar de proteção nesta vida.

Abanei a cabeça e, assim que o fiz, o meu véu simples de lã caiu. Quando viu a cor escarlate do meu cabelo, a velha se afastou como se tivesse descoberto um demônio em sua porta.

– É bom que não o queira – disse ela. – Ele não funcionaria no seu caso. Você precisa de um símbolo muito mais potente.

Apanhei o amuleto, depois me virei e comecei a me afastar. Fiquei surpresa quando ela me pediu para esperar.

– Não quer saber por quê? – A mulher do mercado fazia um sinal, me pedindo para voltar, mas me recusei a atendê-la. – Não quer saber o que vejo para você, minha irmã? Posso lhe contar em que irá se tornar.

– Eu sei o que sou. – Eu era a filha nascida de uma mulher morta, que não conseguia suportar olhar para o próprio rosto. Estava imensamente feliz por me livrar daquele espelho. – Não preciso que me diga – gritei para a bruxa no beco.

FUI PARA CASA e entreguei o presente ao meu irmão, um amuleto delgado de prata para usar em volta do pescoço, um medalhão impresso com a imagem de Salomão combatendo um demônio prostrado diante dele no chão. Na parte de trás do talismã, o Selo de Deus fora escrito em grego, juntamente com o símbolo de uma chave, para significar a chave que Moisés possuía para desbloquear a proteção de Deus. Assim, também, esse amuleto protegeria o meu irmão no futuro banhado em sangue a que ele se destinava.

Amram ficou encantado com o símbolo. Disse que eu tinha a capacidade de conhecer a sua mente, pois havia orado pedindo orientação e sabedoria, a menor porção do que Deus concedera a Salomão. Não lhe contei que fora a mulher envolvida com magia que soubera o que ele queria, não eu.

Os demônios, garantiu meu irmão, nunca devem vencer. Essa era a missão dos sicários, e eles não podiam falhar. Ele se abriu comigo sem reservas e acreditei no que falou. Amram tinha jeito para convencer o ouvinte a aceitar o mundo pela sua visão, permitindo ver através dos seus olhos. Olhando para o meu irmão, tudo o que via diante de mim era o reino de Sião e o nosso povo finalmente livre.

Em muito pouco tempo, meu irmão superou meu pai em sua tarefa sombria. Ele era o melhor, não por acaso, mas por escolha. Aprendeu os procedimentos do assassinato com meu pai e também com um homem chamado Jachim ben Simon, que se tornou seu professor. Dizia-se que Ben Simon conhecia melhor a morte que a maioria e era admirado pelo uso de uma faca de dois gumes feita de prata. Sob a sua tutela, Amram estava determinado a progredir com sua habilidade, a elevar-se acima de todos os outros. Meu irmão era dedicado, praticando com a intensidade de um mestre artesão. No entanto, à medida que o tempo passava, seu temperamento e seus humores mudaram diante dos meus olhos. Vi desaparecer o menino que conhecia e um assassino frio e destemido tomar o seu lugar. Com o nosso pai ele aprendeu a esgueirar-se invisível pela noite e a escalar torres usando um único fio de corda enrolado em volta da cintura. Praticava o silêncio, sem falar durante dias a fio, tornando-se tão discreto que até mesmo os camundongos do nosso jardim não o notavam. Caminhava descalço para garantir que não houvesse nenhum som quando se aproximasse, apenas a rapidez da lâmina, segundo os ensinamentos de Ben Simon, que Amram aperfeiçoou ainda mais com o seu talento natural.

Em pouco tempo, meu irmão era chamado para as tarefas mais perigosas, todas as que carregavam o frio da morte. Embora ele não tivesse o manto que se dizia conceder a invisibilidade, o seu dom maior era a sua capacidade de se disfarçar. Vestia-se como um sacerdote ou um homem pobre, escondendo-se em

roupas emprestadas para ter acesso a quem era considerado traidor. Era capaz de fazer-se mais velho, com o rosto transformado por linhas traçadas com carvão, ou parecer um simples menino, com os olhos brilhantes. As pessoas diziam em segredo que ele era invencível, e logo surgiram rumores de que o amuleto de Salomão em seu pescoço o protegia do mal. Seus amigos o adoravam e o chamavam de Hol, o nome da Fênix. Juravam que ele se parecia com aquele pássaro místico que ressurgia do fogo e das cinzas; ele escapava de todas as tentativas feitas pelas autoridades para apanhá-lo e assassiná-lo.

Por causa do meu pai e do meu irmão, os homens tinham medo de falar comigo. As atividades dos sicários eram misteriosas, mas alguns de seus segredos todos conheciam, especialmente em Jerusalém. Os homens da minha família eram apontados na rua, mencionados com voz sussurrada, tanto reverenciados como desprezados. Não era de admirar que ninguém me quisesse ter como esposa, nem mesmo o bruto que conduzia os burros ao mercado. Eu era uma mulher jovem, mas era tratada como mendiga, desprezada, minha reputação estava manchada. Somente quando os homens viam a cor incomum do meu cabelo, eu percebia neles a curiosidade e, muitas vezes, o desejo. Seus olhares eram desconcertantemente sensuais, óbvios, mesmo para alguém tão inexperiente como eu. Sabia que entraria nos seus sonhos quando não pudessem controlar o que desejavam. Mas um sonho não tem valor no mundo. Que bem faria o seu desejo por mim? À luz do dia, eles passavam direto. Queria gritar *Leve-me* a todo homem que passava. *Livra-me do que aconteceu, do pilar de sal amargo em que me tornei, do crime que cometi antes de nascer, dos homens da minha casa, que espreitam do lado de fora do Templo buscando apenas vingança. Leve-me para a sua cama, para a sua casa, para a sua cidade.*

Tirei os véus em locais públicos. Não me incomodei em trançar o cabelo, mas quis deixá-lo brilhar, buscando a salvação da minha solidão.

No entanto, todos me davam as costas, incapazes de me ver, porque eu não era mais que um ar vermelho rodopiando por eles, invisível aos seus olhos.

EM POUCO TEMPO viram-se cartazes com uma imagem semelhante à do meu irmão pregados nas paredes. Os romanos pagavam por informações, mais um tanto se fosse capturado, ainda mais se fosse considerado culpado pelos crimes cometidos e crucificado. Amram já não voltava para casa e, em vez disso, resignou-se a se deslocar pela cidade depois de escurecer; pertencia aos sonhos e não à rotina da nossa vida diária. Meu pai e eu éramos os únicos ocupantes da nossa casa. Embora não falássemos um com o outro, nós dois olhávamos para o escuro quando a noite começava a cair. Sabíamos que era onde Amram se

encontrava. Uma vez mais dividíamos algo. Não podíamos ouvir sobre uma captura sem estremecer. Mostrávamos lampejos de pura emoção um ao outro cada vez que a porta batia. Mas nunca era ele, apenas a força do vento.

Uma noite terrível não foi o vento, e sim uma tropa de soldados à porta. Meu pai deu de ombros quando o nome de Amram veio à tona; ele insistiu que não tinha filho. Era sua má sina ter apenas um rebento, uma filha inútil.

Quando até mesmo os amigos de Amram, aqueles que o elogiaram como a Fênix imbatível, não se atreveram a ajudá-lo, meu irmão concluiu que sua vida em Jerusalém se acabara. Não tinha outra escolha senão fugir. Havia fortalezas no deserto controladas pelo nosso povo. Se conseguisse chegar a uma delas, estaria seguro. Antes de partir, correu o risco de vir se despedir. Depois que ele e meu pai se abraçaram, Amram acenou-me de lado. Trouxera um presente de despedida. Um lenço azul. Era lindo demais para mim, mais do que eu merecia, mas ele insistiu para que o aceitasse.

– Há larvas que passam a vida tecendo esses fios e você se recusa a honrar o seu destino?

– Nenhuma larva fez isto. – Eu ri ao pensar como aquele tecido celestial podia ter sido tramado por insetos. Era o oposto da aranha que fizera a capa do meu pai, tecida de fio tão claro que desaparecia no ar. Aquela seda azul se anunciava como o toque de uma cor inesperada.

Amram jurou que era verdade, insistindo que, enquanto as larvas teciam a seda nos ramos das amoreiras, elas estavam consagradas a mim, assim como ele. Ao completar sua tarefa, cada larva transformara-se em uma borboleta azul, subindo aos céus depois que sua obra na terra fora completada.

Enrolei o lenço sobre o cabelo. Pensaria no céu todas as vezes que o usasse, e no meu irmão, que era tão firme em sua fé. Permaneci parada à porta da nossa casa, lembrando-me de que ele dissera que as sardas em minha pele eram como estrelas. Como as estrelas no alto elas o levariam a me encontrar de novo.

RESTAVAM POUCOS de nós na cidade. Explorávamos as ruínas, cautelosos, temendo por nossa vida. À noite, ouvíamos os gritos dos que eram levados para o Templo, capturados por soldados rondando os becos em busca de alguém da nossa fé. Os integrantes da legião bebiam absinto, uma bebida fermentada perigosa, quase letal, que os deixava mais cruéis, além de bêbados. Nenhuma mulher estava segura. A vida de nenhum homem lhe pertencia. Quem foi capaz conseguiu fugir para Alexandria ou Chipre, mas meu pai insistia em ficarmos. Tinha mais

trabalho a fazer, e esse trabalho era a faca que ele carregava. Com o tempo, Jerusalém despertaria e, como um leão, libertar-se-ia das malhas da servidão. *Dentes e garras*, ouvi-o dizer, *isso é o que o nosso futuro nos trará*. Mas eu sabia que o que realmente queria dizer era carne e ossos.

Sabia pelos meus sonhos o que significava ficar cara a cara com um leão.

*

A *FUMAÇA* subia dos incêndios provocados por toda a cidade e as sombras que projetava serviam como uma cortina de proteção para o nosso povo escapar dos soldados saqueadores. Eu podia sentir o cheiro da madeira de oliveira, do salgueiro queimando. Restos chamuscados ainda ardendo de telhados de sapé e palheiros. Sobre o estrado em que eu dormia, em nossa casinha, cobria a minha cabeça e desejava morar em outra época e em outro lugar. Gostaria de nunca ter nascido.

Uma tarde, enquanto me encontrava no mercado vasculhando as caixas quase vazias dos vendedores em busca de ervilhas e feijões para a nossa ceia escassa, os romanos se apropriaram da nossa casa. Fiquei observando de um lugar escondido no quintal abandonado dos meus vizinhos, pois a sua casa fora arruinada meses antes. Os soldados saquearam a nossa casa para depois a queimarem completamente e nossos pertences ficarem espalhados sobre a terra calcária. As faíscas voavam como mariposas brancas, mas, quando caíam sobre a terra, ardiam com um tom carmesim brilhante, como as pétalas das flores do *flamboyant*.

Se antes eu tinha pouco, agora tinha quase nada. Atravessei os escombros e consegui pegar apenas o que caberia nas minhas duas mãos, uma chapa de ferro pequena para assar o pão sírio, uma lâmpada feita de argila branca de Jerusalém, para queimar o azeite no *shabat*, o xale de oração do meu pai, chamuscado nas franjas dos quatro cantos, seu cantil de couro, e um pacote de sal que teria o gosto de fumaça quando utilizado na culinária. Esperei pelo meu pai escondida atrás de uma parede. A minha pele estava escura e havia cinzas em meu cabelo. Se meu pai não regressasse, se ele tivesse sido assassinado ou fugido sem me dizer, pensei que poderia simplesmente permanecer atrás da parede, plantada ali como um *flamboyant*.

Finalmente meu pai apareceu, esgueirando-se ao crepúsculo, vestindo o manto que lhe permitia seguir seu caminho sem ser detido. Quando viu o xale de oração em minhas mãos, concluiu que o momento de fugir havia chegado. Pensei que me deixaria lá para ser a mendiga que sempre temi um dia me tornar, para furtar

o lixo. Mas ele lançou um gesto para que o seguisse como qualquer outro homem faria sinal a um cão. Resolvi obedecer como me fora indicado e me arrastei atrás dele. Talvez a nossa relação de sangue significasse algo para ele depois de tudo, ou talvez me levasse com ele porque temesse que a minha mãe, no Mundo Vindouro, pudesse reagir se ele me abandonasse ali na rua. Ou pode simplesmente ter-se lembrado de que fora ele quem lhe dera a criança e que eu estava certa em considerá-lo parceiro no meu crime. Se as minhas lágrimas a afogaram de dentro para fora, fora ele quem introduzira a minha vida na dela.

À NOITE íamos de casa em casa, pedindo que nos deixassem entrar. Havia cada vez menos pessoas do nosso povo na cidade a cada dia – todos haviam fugido ou estavam escondidos – e tornou-se difícil encontrar alguém disposto a nos ajudar. Eu era como um cão e nada mais, sem fazer perguntas, incapaz de pensar por mim mesma. Pairava nas sombras enquanto as pessoas nos davam as costas. Mesmo as que acreditavam na política do meu pai estavam cautelosas, não querendo correr riscos. Apenas algumas deixaram as portas abertas e mesmo essas se certificaram de olhar para o outro lado e não nos cumprimentar com um abraço. Muitas vezes dormimos em estrados de palha, gratos por um abrigo destinado às cabras. Compartilhamos os alojamentos com os animais e dormíamos inquietos com o ruído da respiração deles ao nosso lado. Vezes seguidas eu tive o mesmo sonho. Nele havia um leão adormecido ao sol, que eu não ousava acordar. Uma noite sonhei que o leão fora comido inteiro por uma cobra que devorava tudo em seu caminho. Estava descalça em meu sonho, em um trecho de terra rochosa que era tão deslumbrantemente branco que eu não conseguia abrir os olhos. Senti compaixão por aquela fera selvagem, o rei do deserto, pois em meu sonho ele se rendera à cobra sem lutar. Ele me olhara, suplicante, fitando-me nos olhos.

Naquela noite meu pai me sacudi para que eu acordasse. No sonho, os meus pés sangravam sobre as rochas. Diante de mim achava-se a víbora preta do deserto que se enrola em torno de sua presa e se recusa a soltá-la. Ela devorara o leão e agora se aproximava de mim. Ofereci à fera escamosa amêndoas e uvas, mas ela tinha gosto por carne humana. Implorei a ela que me soltasse enquanto lamentava pelo leão. Angustiei-me por aquela fera do mesmo modo que uma pessoa se angustia pelo próprio destino. O que acontece já está escrito, e o leão estava escrito ao lado do meu nome.

– Temos de ir e não olhar para trás – disse o meu pai quando me acordou.

Se não fosse rápida o bastante, sem dúvida meu pai me deixaria para trás. Não discuti, mas senti uma onda de terror naquele alojamento escuro. Havia sangue

na roupa do assassino e seus olhos brilhavam. Algo acontecera, mas não me atrevi a perguntar o que era. Levantei-me do estrado no chão, pronta em um instante. Juntei os pertences que levava comigo de casa. O lenço azul que o meu irmão me dera, a chapa de ferro e a lâmpada que encontrara nos escombros. Saímos com outra família, a do assassino Jachim ben Simon, o homem que adotara meu irmão como aprendiz e lhe ensinara a matar com a faca curva de dois gumes. Esse assassino era conhecido por ser terrível quando golpeava o inimigo, um turbilhão que buscava apenas vingança. Ele já fora sacerdote, o filho mais velho de uma família de sacerdotes, e passara a juventude em estudo e oração. Mas vira como o ouro forrava os bolsos de poucos, enquanto os pobres eram pisados e usados ou escravizados. Vira o próprio pai concordar em fazer oferendas e sacrifícios em nome dos romanos em nosso Templo no Dia da Expição, insistindo que os pecados romanos poderiam ser deixados sobre os nossos altares e ser perdoados pelo nosso Deus.

Ele tomara a faca dos sicários e se destacara em seu trabalho. Era um homem verdadeiramente perigoso, todo nervos e músculos. Vi sua cabeça grande e característica e baixei os olhos, não querendo vislumbrar um homem tão temido. Sua esposa chamava-se Sia, seus filhos pequenos eram Nehimiah e Oren. Ouvi a mulher chorar enquanto se reunia aos filhos. Sua família possuía pouco mais que nós, mas tinha um burro que a esposa de Ben Simon e os filhos montavam. Andei atrás deles, como uma mulher em desgraça. Na verdade, estava acostumada a ser excluída, mais à vontade comigo mesma. Jachim ben Simon olhou por cima do ombro uma vez e pareceu assustado, como se tivesse se esquecido de mim e agora via um fantasma.

Enquanto saíamos de Jerusalém, já tentava adivinhar quem de nós morreria e quem viveria, pois certamente todos não sobreviveríamos. Sem força bruta, até mesmo a nossa fuga seria difícil. As ruas estavam um caos. Todos os judeus haviam sido expulsos da cidade e aquele que fosse encontrado seria instantaneamente assassinado. Esse era o novo decreto e, portanto, a lei. Muitos dos sacerdotes tinham mergulhado nos esgotos, na esperança de escapar da cidade sem ser detectados. Mas suas artimanhas não poderiam ajudá-los agora, achavam-se no reino dos ratos, lutando pelas suas vidas juntamente com o restante de nós.

Ouvimos o que soou como um rugido quando o Templo foi demolido. Era *Tisha B'Av*, o nono dia do mês, o dia em que eu nascera. Nos anos vindouros, as pessoas jurariam que seis anjos descera do céu para proteger os muros do Templo para que não fossem totalmente destruídos; diriam que aqueles anjos

sentaram-se lá e choraram, e que continuariam chorando. Os romanos usavam aríetes que pesavam cem toneladas e mais de mil homens foram necessários para balançá-los a fim de que pudessem folgar, depois derrubar as enormes pedras sobre as quais a insígnia do rei Herodes fora gravada. Cordas eram içadas por centenas de homens, alguns deles dos nossos, escravizados, amaldiçoando-se pelo seu destino e pela desventura dos próprios atos. A pedra deveria durar para sempre, mas naquela noite vim a entender que uma pedra era apenas outra forma de pó. As nuvens de poeira santa pairavam no ar e cada respiração incluía os restos do Templo, de modo que inalamos o que era para perdurar por toda a eternidade.

Mais uma vez os incêndios ateados na cidade produziram uma cortina de fumaça que nos ajudou na fuga. Pelo que ficamos gratos, apesar do calor latente. O ar estava carregado, sufocante e cinzento. Levei o lenço à boca e tentei não respirar as faíscas. Imaginei que meu pai matara alguém naquela noite e que era por isso que seu manto estava manchado de vermelho. Pensava sobre esses assuntos quando a esposa de Ben Simon, Sia, veio andar ao meu lado. Sentia pena de mim porque eu seguia atrás, entre as nuvens de poeira levantada. Era, talvez, dez anos mais velha que eu, com um cabelo negro volumoso penteado em cachos. Seus olhos eram escuros com manchas douradas. Ela poderia ter mantido a sua beleza, não tivesse sido a esposa dedicada de um assassino, desgastada pelo medo. Concluí então que os assassinos não deveriam se casar ou ter filhas, ou permitir que alguém os amasse.

– Gostaria de ir montada com meus filhos por um tempo? – a esposa de Ben Simon sugeriu.

Pude ver que ela estava cansada e eu era uma pessoa acostumada a caminhar. Agradei e disse que não, que estava feliz em acompanhá-los. Esperei que fosse me deixar sozinha.

– Estou feliz por você estar aqui – desabafou. – Partir teria sido muito pior sem outra mulher além de mim.

Olhei para ela, perguntando-me o que queria de mim. Ela sorriu, pegando a minha mão, e então entendi. Ela queria uma amiga.

Pedi-lhe que voltasse aos seus filhos. Ela deveria deixar-me seguir atrás, uma vez que era invisível para a maioria das pessoas, mesmo sem um manto como o que meu pai usava. Talvez tivesse herdado essa capacidade, ou talvez tivesse aprendido seus segredos por observá-lo. De qualquer maneira, os romanos que nos procurassem veriam apenas um redemoinho de poeira por onde quer que eu

andasse.

Sia não quis ouvir o que eu disse.

– Você está enganada – ela comentou. – Você seria a primeira que veriam. Seu cabelo é tão bonito que me faz pensar em *flamboyants*.

Imaginei se suas palavras seriam uma maldição, pois estava de pé ao lado de um *flamboyant* quando meu irmão admitira que se tornara um assassino. Não era possível para ela saber, mas em raras ocasiões em que sonhara com a minha mãe ela me procurara como um *flamboyant*, e nos meus sonhos abaixava a cabeça diante dela e chorava.

Observando Sia, vi que sua intenção era ser gentil naquela noite atravessada pelo perigo e pela incerteza. Andamos próximas, atraídas pelo perigo que nos cercava. Atravessávamos o Vale dos Espinhos sob um céu carregado com tantas estrelas que isso me fez pensar nas pedras no deserto, incontáveis, muito brancas para demorarmos o olhar sobre elas. Dizem que o rosto do nosso Criador é assim, tão brilhante que um único olhar produz a cegueira. Mantive os olhos no chão. Teria preferido andar sozinha, mas Sia definia o seu ritmo por mim, com o braço entrelaçado ao meu.

Ela me confidenciou que meu pai e seu marido tinham matado um importante general romano e que era por isso que tinham pressa de fugir. Ela mesma limpava as lâminas das suas facas, lavava o metal em água pura, recitando uma oração enquanto o fazia. Ela era obrigada a não fazer perguntas e acatar as ordens do marido, mas sentia desejo de confessar, enquanto caminhávamos atrás dos homens, que ela segurara uma faca com estrias de sangue humano. Sua voz falhou depois de comentar o ocorrido.

– Como Deus vai me punir? – ela murmurou.

Procurei silenciá-la – as mulheres não deviam falar de tais assuntos –, mas já era tarde demais. Ben Simon ouvira e virara-se para nos olhar. Era um homem alto e imponente, com a pele morena escura, temível, com uma cicatriz profunda gravada em um dos lados do rosto. De novo olhei para o chão, na tentativa de evitá-lo. Ele falou duramente para Sia se calar.

– Não falemos mais disso – disse ela então. – Às vezes é melhor não saber o que os homens devem fazer.

QUANDO NÃO conseguimos mais andar, paramos em um lugar de descanso, um oásis ao qual os amigos dos assassinos haviam se referido em termos elogiosos.

Todo zelote tinha um plano caso sobreviesse o desastre, uma direção em que correr se necessário. Essa foi a primeira parada, um pequeno espaço verde no qual os camelos que tinham fugido durante o caos haviam se reunido. Os animais correram quando nos aproximamos, levantando poeira, com medo de que lhes lançássemos cordas ao redor do pescoço, como se não quisessem ser escravos como nós. Uma cidreira crescera no local. Seu fruto era chamado *pri etzhadar*, de cujo *etrog*, semelhante a um limão, fazia-se geleia. Os que encontramos estavam machucados, azedos, sem mel para adoçar o paladar, mas não nos importamos. Estávamos morrendo de fome e sede. Comemos em silêncio, devorando a nossa ceia escassa. À distância, podíamos ver Jerusalém em chamas. A fumaça subia em uma nuvem afunilada e depois desaparecia. Conteí as estrelas, muito brilhantes acima de nós. Sia sentou-se ao meu lado e falou-me em voz sussurrada. Insistiu que era um bom presságio encontrar uma planta cítrica na primeira noite da nossa jornada e eu, embora não discutisse com ela, achava o contrário. Aquela árvore amarga nada mais era que a chave para uma porta e essa porta abria-se para o deserto.

Ouvira meu pai falar com Ben Simon. Não estávamos indo em direção a Alexandria, ou Chipre. Em vez disso, seguíamos pela rota antiga, que levava ao Mar de Sal, a rota dos condenados. No mês de Av, os pássaros não voavam para onde estávamos indo, mesmo à noite. Muito quente, o ar era implacável, um forno. Era possível fazer pão em uma pedra. Vagaríamos pelo deserto até onde fosse possível, pois meu pai acreditava que lá encontraríamos os zelotes e suas fortalezas, meu irmão entre eles.

Na noite em que fugimos, enquanto o Templo queimava e o céu era um anel de fogo, soprava uma brisa leve. Esse seria o momento mais frio que conheceríamos antes de entrar no deserto. Mas haveria mais uma coisa que me lançava em um mundo ardente na noite em que deixamos Jerusalém. Desci para um poço que fora abandonado muito tempo antes. Não havia mais nenhuma água. Isso não era realmente uma surpresa. As pessoas muitas vezes mentiam sobre a água, prometendo piscinas onde não havia nenhuma, sonhando com a água em um mundo composto de pó. Ainda assim, se alguém se agachasse sobre os joelhos para cavar com as mãos, era possível encontrar lama. Drenada entre os dedos cerrados, a água brotaria, apresentando-se a quem estivesse disposto a afundar-se de joelhos. Não me sentia muito orgulhosa de fazer isso.

Determinada a conseguir o que queria, pude encher metade de um jarro com água lodosa, filtrada entre os meus dedos, em seguida através do tecido do meu lenço azul. Depois de terminar eu me levantei, ávida para bebê-la. Virei-me do

poço, então ergui os olhos, alarmada. Não via o céu noturno cheio de estrelas, nem as chamas de Jerusalém, apenas o outro assassino, Ben Simon, observando-me. Meus braços estavam cobertos de lama, a minha túnica, entreaberta. Senti-me inundar de calor. Não entendia por que ele aparecera no escuro ou por que ficara ali. Ele nem sabia o meu nome. Pensei que fosse embora, mas ele olhou para mim por um longo tempo, da mesma maneira que um homem olha para um veado ao avaliar se está muito longe para persegui-lo ou perto o bastante para pegá-lo. Ele inclinou a cabeça e então eu soube. Afinal de contas, eu não era invisível.

*

CONTEI OS DIAS no deserto cortando a minha perna com uma pedra afiada. O nosso povo não tinha permissão de ferir a si mesmo; essa era uma prática dos pagãos e nômades em seus períodos de luto. *Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós*, o Senhor nos ordenara no Quarto Livro de Moisés. Mas eu ouvia apenas a voz do deserto e não as palavras do Todo-Poderoso. Escondi os cortes sob o meu xale. Na vida que levávamos, a dor era algo com que se acostumar, com a qual se habituar. Preferiria antes me machucar que ser ferida por alguém, por isso adotei essa prática com um sentido de propósito e sem remorso.

Era a primeira vez que desrespeitava as nossas leis. Depois disso, o restante sucedeu sem dificuldade.

Fui posta juntamente com Sia e seus filhos, quando teria preferido ficar sozinha. Ainda assim, ela era gentil comigo e me acostumei a ela. Porque ela era mais velha e casada, pensei que esperaria que fosse respeitosa com ela, mas em vez disso me considerava uma irmã, e então passei a gostar da sua companhia. Havia dias em que ríamos e transformávamos a nossa vida difícil em um jogo, mesmo que os homens nos lançassem olhares carrancudos. Trabalhávamos bem juntas, coletando as poucas folhas verdes que conseguíamos encontrar, fazendo guisados com o nosso suprimento cada vez menor de azeite e azeitonas, figos secos e lentilhas. Preparávamos os pães sobre as pedras quentes da fogueira, cobrindo-os com as cinzas para que assassem melhor. Quando os homens saíam para caçar, às vezes traziam consigo uma perdiz, que acrescentávamos aos nossos ensopados.

Fui profundamente influenciada pela boa mãe que Sia era para os seus filhos, como não se queixava quando clamavam pela sua atenção. Seus filhos eram pouco mais que bebês e ela cantava para eles dormirem todas as noites,

determinada a não abandonar de todo a bondade que conhecera no mundo que deixara para trás. Todas as vezes que ela cantava eu pensava na garota de Alexandria que cuidara de mim na falta da minha mãe. Muitas vezes adormeci ao lado das crianças, pensando que as canções de ninar cantadas por Sia eram para mim. A minha nova amiga expulsara incansavelmente com o pente as cinzas que haviam caído no meu cabelo durante o incêndio em Jerusalém. Quando encontramos uma lagoa rasa, corremos para ela assim que vimos a água brilhante, capazes de esquecer a nossa situação, mesmo que brevemente, espirrando água uma na outra como se fôssemos realmente irmãs.

Em segredo, continuei a marcar o meu tempo no deserto pela gravação de cada dia na minha pele. Guardei aquilo para mim, sem conseguir me esquecer de Ben Simon e da cicatriz em seu rosto. Sempre que o via me observando, cobria rapidamente a minha perna. Não queria que soubesse quem eu realmente era, uma menina abandonada, feia e com as mãos calejadas. E no entanto algo nos ligava, talvez porque tivéssemos os dois as nossas cicatrizes. Era evidente que ele me via como ninguém jamais o fizera. Podia ver seu rosto se transformar quando me olhava; parecia haver algo ardente e imprudente em seu olhar. Chegava a parecer que as únicas vezes em que me sentia viva era quando ele me olhava. Sua presença era como picadas de abelha, concentrando a minha atenção. Dei de ruminar sobre ele, imaginando como fora ferido e sobre as tarefas sombrias que teria cumprido em Jerusalém. Tinha pensamentos abrasadores e persistentes misturados na minha cabeça, que me envergonhavam e me faziam sentir traidora, embora não tivesse feito nada de errado.

Uma noite, à luz clara da lua cheia, fui à lagoa em que Sia e eu tínhamos nos banhado. Durante o meu período de sangramento mensal, eu me isolava de todos, como era nosso costume. Naquele momento, aquilo havia acabado e precisava me lavar. Em Jerusalém, iríamos à *mikvah* para nos banhar. Ali havia apenas a lagoa no *nachal*, a ravina em que as aves vinham beber à noite, bandos de corvos, cotovias e enorme grifos, os fortes e destemidos abutres a que chamávamos *nesher*, que formavam os seus ninhos nos penhascos. Achei que a água estava para desaparecer rapidamente com o calor crescente de Av. Ainda assim, tirei minha túnica, mergulhei na água e senti algum alívio. Ouvi um sussurro nas tamargueiras, uma espécie que costuma crescer nos piores lugares. Rapidamente tornei a vestir a túnica, com medo de que um dos leopardos em cujo território tínhamos entrado pudesse estar me perseguindo, faminto o bastante para me considerar sua presa.

Ouvi um eco de passos e me imobilizei, até que desapareceram. Voltei ao

nosso acampamento limpa, mas com os nervos em frangalhos. Todos dormiam dentro da nossa tenda de pele de cabra, presa ao chão com estacas feitas de chifre. Apenas Ben Simon permanecia acordado. Parecia inquieto. Enrubesci ao pensar que talvez pudesse ter-me visto na lagoa. Ele me chamou e me aproximei dele de olhos baixos.

– É perigoso – ele me advertiu.

Até então ele nunca me dirigira a palavra. Não sei se quis dizer que era perigoso andar no deserto sozinha ou erguer os olhos para encontrar os dele. Senti-me revoltada por ele pensar que poderia me dizer o que fazer, tratando-me como se fosse uma criança, ou pior, sua escrava, e ainda assim senti um tremor de prazer quando notei as folhas verdes pontiagudas em seu cabelo. Eram da tamargueira que crescia à beira da lagoa, uma árvore que erguia os ramos para o céu em lugares onde nada mais poderia sobreviver.

VINTE E UM CORTES e então veio a noite em que aconteceu. Depois me perguntei se estivera marcando o tempo até que aquilo acontecer. Seria aquilo o que estava esperando? Seria para aquilo que o meu desejo me levava? Talvez tivesse olhado no Livro da Vida, que preconiza o destino, e na profundidade dos meus sonhos já vira o nome dele inscrito lá. Ou talvez eu fosse apenas uma garota invejosa que nada possuía e, portanto, estivesse disposta a tomar o que pertencia a outra mulher, que por sinal era a minha única amiga.

Estava preparando uma fogueira para cozinhar a nossa refeição de bolos de lentilha na chapa de ferro que trouxera comigo de Jerusalém. Ele se agachou ao meu lado. O céu empalideceu com o calor. As cotovias voavam na penumbra e grandes colônias de abelharucos cantavam, as brilhantes penas azuis destacando-se no ar nebuloso. Jachim ben Simon era mais imponente que a maioria dos homens e pude sentir o calor da sua presença ao meu lado. Ele não me olhou nesse momento. Em vez disso, abaixou o braço e passou a mão na minha perna, demorando-se nos cortes que fizera até a minha pele parecer em chamas.

– Você não tem medo das coisas que as outras mulheres temem – disse ele.

Percebi que isso era verdade. Ele ainda não me olhava, mas parecia me conhecer, mesmo estando escondida dentro dos meus véus. A maioria das mulheres temia pela vida dos seus filhos e maridos. Suas preocupações eram a doença, a fome, os demônios, a escravidão. Eu temia os leões dos meus sonhos, quase acreditando que seria devorada por uma das criaturas que me espreitavam no sono. Temia que um anjo estivesse me esperando no deserto, enviado para dizer que a minha vida era uma escalada de erros, que nascera uma assassina,

responsável pela morte da minha mãe antes mesmo do primeiro sopro de vida, que o meu crime era pior que o de qualquer assassino, pois era culpada não só aos olhos do meu pai, mas aos olhos de Deus.

Ben Simon tirou a mão, mas eu ainda sentia o calor do seu toque. Continuei a senti-lo por dias. Será que isso significava que ele era um anjo, escondido entre nós, para me julgar? Ou era apenas um homem que queria satisfazer a si mesmo?

*

ESTÁVAMOS QUASE ficando cegos com a luz branca que penetrava na nossa tenda nas horas mais brutais. Seguir viagem era impossível no calor do dia, pois os ventos eram impiedosos e poderiam cortar um homem em pedaços. Éramos gente da cidade extraviada no deserto, andarilhos sem direção, encalhados no território de bandidos, ladrões e homens santos. Vazio era como se poderia chamar a terra desolada que atravessamos. Não víamos ninguém. Quando a lagoa de águas claras desapareceu na areia, quando até mesmo a lama deixada para trás tornou-se dura e ressecada, não havia nenhuma razão para permanecermos no nosso acampamento.

Arrumamos os nossos poucos pertences – a tenda de pele de cabra, os fusos de mão que usávamos para fiar a lã, as facas e a chapa de ferro, um pote em que ainda havia um pouco de azeite, a lâmpada que acendíamos para assinalar o *shabat*, embora houvesse pouco azeite para fazê-lo. Seguimos em frente, em busca de água. Nós nos arriscamos a prosseguir sob o céu escuro do início da manhã, durante as horas que eram menos brutais, antes que o sol surgisse na escuridão. O nosso percurso levou-nos a um poço, mas o encontramos seco. Ele nos levou a um pomar, mas era estéril. As oliveiras tinham murchado, sua casca prateada transformara-se em conchas vazias. Dizia-se que os nômades que atravessavam esse deserto muitas vezes eram forçados a matar seus camelos e beber o sangue quente quando não podiam conter a sede. Não havia grama e até mesmo os rebanhos de íbex, cabras selvagens que não temiam escalar as falésias rochosas, muitas vezes não se aventuravam por essa terra áspera. Apenas os leopardos a frequentavam. Embora fossem misteriosos e raros, ocasionalmente avistávamos os seus rastros. Esses eram os animais mais rápidos de toda a criação, de uma beleza sobrenatural, mas viajavam sozinhos. Somente aqueles que viviam desgarrados de todos os demais da sua espécie chegavam até ali.

Seguimos adiante, crentes sem nada em que acreditar. Os nossos lábios estavam tão secos que se racharam e tornaram-se brancos. Sia esfregou a última gota do azeite na boca dos filhos – para que seus lábios não sangrassem. Os dias

amontoavam-se como galhos, dobrados e inúteis. Por fim encontramos uma caverna para nos abrigar da luz e do vento. Continha ainda uma lagoa de águas turvas, com uma capa rendilhada sobre toda a superfície imunda, no entanto enfiávamos nossos rostos nele como cães. O vento leste, *Ruach Kadim*, soprava de Edom, flamejante com o calor. Enrolamo-nos em lenços leves, de um tecido fino feito de linho, mais frio que a lã, talvez porque as canas de que esse tecido era feito cresceram em pântanos e carregavam água na sua trama. Velamos nossos rostos, certificando-nos de manter as mãos sobre os ouvidos. Ainda assim não conseguíamos abafar o som do deserto, o uivo de protesto contra a nossa presença como um ser vivo.

OCUPAMOS A CAVERNA por dias a fio, exaustos e ressequidos demais para continuar, receosos de encontrar a guarnição romana que patrulhava o deserto. Queimamos galhos de arbustos espinhosos que encontramos para espantar os chacais. Uma nuvem de fumaça branca subiu da boca da caverna, as cinzas atingindo nossos olhos e nossas gargantas. Os assassinos saíram para caçar, mas não encontraram nenhuma presa. Eles oraram, mas não havia nenhum alívio. Continuei a cortar a minha perna com a pedra afiada. Se não mantivesse o controle da minha vida, ninguém mais o faria. À medida que o tempo passava, começamos a enfraquecer de fome. De novo me perguntei quem entre nós duraria mais que os outros. A nossa fome nos manteve extasiados e exaustos. Dormíamos tantas horas que não saberia dizer a diferença entre as horas de vigília e os momentos entregues aos sonhos. Sonhei com Jerusalém, com a minha mãe e com o *flamboyant* do mercado. Essas imagens me pareciam mais reais que o mau cheiro da caverna. Secretamente começara a comer a terra úmida, nos locais em que a umidade se acumulava perto das rochas. A minha pele ficou escura e parecia que o deserto brotava de mim, da mesma maneira que dizem que a terra se derrama quando se abre um demônio com uma faca que tenha sido abençoada e limpa em água pura.

Uma noite, meu pai e Ben Simon cortaram o pescoço do burro. Há pessoas que dizem que os animais não têm alma, mas ouvi o burro gritar. Sua voz era como a de qualquer homem ou mulher implorando pela respiração e pela vida. Mesmo correndo para as falésias, ainda podia ouvir o seu eco. Os homens fizeram uma oração, agradecendo a Deus pelo que tinham se convencido de que fora uma morte fácil para a pobre criatura, pois haviam usado uma faca ritual; depois acenderam fogo com uma pilha de galhos e assaram a carne. Eu podia ver as poças do sangue escuro do burro na encosta abaixo da nossa caverna. As estrelas permaneciam acima de nós no céu. Algumas podiam ser vistas claramente, outras se mantinham escondidas na escuridão das trevas. Esperamos pela estrela da manhã, a que chamávamos *Cochav hashachar* e outros

chamavam de Vênus, aguardando que rompesse o céu com as suas faixas de luz clara e cintilante e nos desse mais um dia.

Depois que comemos, senti-me contaminada. Os ossos do burro cozinhavam em uma panela sobre o fogo para que pudéssemos ter comida até o *shabat* seguinte, se a distribuíssemos em pedaços a serem devorados. Éramos como pessoas que tinham regredido, bárbaros do deserto. Existiam nômades que viviam dessa maneira; às vezes víamos evidências deles. Eram homens selvagens, pagãos, de rostos pintados; usavam lanças de dois gumes e seus chamados entre si eram como balidos. Sua vida dependia dos camelos, que lhes davam carne e leite, e também abrigo quando as peles curtidas eram esticadas em tendas. As suas mulheres davam à luz sobre a areia, deixando-as oleosas e pretas; seus mortos eram deixados sobre as rochas para os carnicheiros; os seus homens eram extremamente perigosos, pois seguiam um código próprio. Ninguém que atravessasse o seu caminho era poupado. Alguns desses homens tinham seis esposas e as mulheres eram tratadas como burros, maltratadas, usadas para as transações.

Ben Simon encontrara os corpos de duas dessas mulheres. Eram pouco mais que crianças, provavelmente ainda não velhas o suficiente para sangrar com a lua. Deviam ter tentado escapar da sua condição e fugiram até onde o deserto permitira. Ben Simon os descobriu quando estava caçando, enterrados sob um monte de areia e pedra, de mãos dadas, com os olhos arregalados, abertos para o Mundo Vindouro. As meninas tinham cachos longos de cabelo negro e usavam as túnicas índigo de tecido tingido do seu povo. Deitaram-se para esperar a morte como a noiva espera pelo noivo, as palmas das mãos e as solas dos pés adornados com hena em desenhos intrincados da cerimônia *thania*, para que pudessem trazer sorte ao homem que desposassem. Talvez tivessem sido usurpadas pelo marido sem recurso ou ele se desfizera delas. Talvez tivessem fugido juntas antes da cerimônia de casamento e se perdido no caminho.

Eu estava limpando a panela quando Ben Simon fez sinal para mim. Segui-o, mesmo que não tivéssemos nos falado desde que ele me avisara do perigo. Ele me levou para ver as duas esposas. Não comentamos nada, nem mesmo olhamos um para o outro. Imaginei por que ele me escolhera para compartilhar a descoberta, por que me revelara o fato de a poeira ter se levantado e então as mortas apareceram diante dele, um assassino feroz, que dera cabo de tantos, que lavava o sangue das mãos noite após noite, cujo rosto se dividia em dois por uma cicatriz irregular, e que tinha lágrimas em seus olhos.

Ficamos ali parados, sob o céu escurecendo, na hora em que a terra se tinge de

azul-escuro. Era o momento em que aqueles que vagueiam muitas vezes veem miragens, jurando que as rochas sobre as quais caminham tornaram-se o mar. Talvez as duas crianças-esposas se considerassem resgatadas pelo mar dos mortos, preferindo isso à vida que levavam, em que eram mantidas como animais, trocadas como moedas de prata. De repente entendi que Ben Simon estava me dizendo que nunca me levaria a esse fim. Ele me protegeria e cuidaria de mim. Meu destino se revelou quando ele carinhosamente enterrou as duas irmãs-esposas, tão certo como se o Livro da Vida tivesse caído aberto diante de mim.

Eu nunca mais ia querer fugir dele.

TODAS AS NOITES eu me enroscava na caverna, permanecendo acordada até muito tempo depois que os outros tinham adormecido. Não era a única que conservava os olhos abertos. Uma noite, bem tarde, Jachim ben Simon se aproximou. Ele se deitou ao meu lado e passou os braços em volta de mim. Eu estava esperando por ele, mas me senti atordoada demais para me mover ou gritar. Ele me olhou ainda mais profundamente do que fizera no poço em que não havia nenhuma água ou no túmulo das duas esposas. Eu sabia que ele me via de verdade. Via que eu estava acostumada a fazer o que um homem me dissesse para fazer, que seguira o meu pai para fora de Jerusalém sem uma única pergunta. Mas havia mais coisas dentro de mim, e ele via isso também. Via que eu estava ardendo, que estava sozinha, que era encurralada pelo leão nos meus sonhos, o anjo que estava esperando e o fardo do meu nascimento.

Nós provavelmente morreríamos muito em breve. Nossos ossos se tornariam brancos sobre as pedras brancas. Seríamos arranhados pelas águias, levados por chacais. Subiríamos com o vento e nos tornaríamos cinzas. Mas não agora. Ainda não. Ainda estávamos vivos. Ben Simon deslizou a mão por dentro da minha túnica. Havia profundas veias azuis em seus braços que eu podia ver através da escuridão. Podia sentir o seu sexo contra mim, excitado. Eu sentia medo de que ele pudesse me rasgar ao meio. Ao mesmo tempo, não tentei impedi-lo. Estava queimando da maneira que as folhas das romãs queimam no mês de Av. Elas estão verdes em um momento, em chamas no instante seguinte. Sia tinha razão. Eu era como o *flamboyant*: quanto mais queimava, mais viva ficava. Se ela tivesse se inclinado sobre mim, teria percebido o cheiro do fogo e seria avisada, em vez de me considerar sua amiga.

Ben Simon moveu a mão entre as minhas pernas. Ouvi-me ofegar. Ele rapidamente cobriu a minha boca com a mão livre. Os outros estavam do outro lado da caverna, não deviam ouvir. Ele sussurrou que o silêncio era a única coisa

que me pediria. Concordei, e ele afastou a mão da minha boca. Meus lábios estavam quentes com o seu toque. Queria saber uma coisa antes do meu voto de segredo, antes de engolir as minhas palavras e de cumprir a minha promessa. Podia sentir o encanto do silêncio me envolvendo, mas, antes que fosse completo, tinha apenas uma pergunta. Queria saber como ele chegara a ter uma cicatriz no rosto. Parecia um segredo para mim, e, se soubesse o seu segredo, poderia conhecê-lo, e então ele pertenceria a mim, mesmo que fosse o marido de Sia.

Ele disse que era a marca deixada por um leão. Encolheu-se quando falou da lembrança. Os romanos o capturaram fora do Templo quando era jovem e solteiro. Ele era alto e musculoso, com braços fortes, exatamente o tipo de homem que eles queriam. Estavam à procura de gladiadores e, portanto, tinham concebido um teste. Fecharam dez homens em um espaço com um leão. Quem sobrevivesse seria mandado a Roma. Os primeiros nove foram mortos, mas, quando chegou a vez desse homem que estava ao meu lado, o leão cortou-o uma vez no rosto, em seguida caiu aos seus pés. A criatura tivera morte súbita, desmoronando de uma só vez, espalhando-se sobre o piso ladrilhado. Talvez o leão tivesse sido ferido nos outros combates, mas Ben Simon anunciou aos soldados que matara seu inimigo com um olhar. Foi uma visão tão estranha que os romanos, perplexos e confusos, passaram a discutir as possíveis causas daquela circunstância incomum. Foi então que Ben Simon conseguiu escapar, apesar da ferida que ainda sangrava.

Ficara chocado por ter matado uma fera tão bonita, quando teria preferido matar os soldados, porque um dos nove que poderiam ter sido gladiadores e que morreram diante dele era seu irmão.

– A verdade é que eu era amargo – ele me confidenciou, sussurrando em meu ouvido, para explicar por que o leão caíra aos seus pés. – O leão não gostou do meu sabor.

Corri a mão sobre o seu semblante no escuro, imaginando como seria ficar cara a cara com um leão. Talvez a criatura tivesse percebido algo nele, um leão em forma de homem. Eu choraria pela humilhação e pelo sofrimento de Ben Simon nas mãos dos romanos, mas o deserto secara as minhas lágrimas. Talvez eu fosse amarga também.

Ele não teve pressa comigo naquela primeira noite. Fez-me coisas que eu não sabia que existiam. Beijou-me por toda parte e pediu-me para fazer o mesmo com ele. Depois de um tempo meu prazer estava em ouvir o dele, fazendo-o me

segurar com força e querer-me mais. Quando ele entrou em mim, meus olhos estavam abertos. Vi a cicatriz deixada pelo leão e soube que meus sonhos vinham me contando a história da minha vida o tempo todo, tanto o que acontecera como o que viria a acontecer. Ele podia ser o marido de outra, mas naquela noite foi meu, o leão que eu sempre soube que me encontraria. Eu deveria me poupar para o meu marido, mas já sabia que nunca seria uma jovem esposa cuja família esperaria para ver o meu primeiro sangue depois da nossa união. Em vez disso, só existia esse homem dizendo-me que era bonita. E disse de tal maneira que acreditei nele.

*

NÓS NOS TORNAMOS pessoas do deserto no transcurso do mês de *Elul*, envoltos em mantos para nos esconder do sol, buscando o nosso sustento ao longo de todo o dia. Esquecemos os dias de festa. Até mesmo o *shabat* era um dia como qualquer outro, embora fosse belo e santo e devesse ter sido lembrado com alegria e louvor. Todas as horas eram brancas, todos ardendo iguais. Em breve o meu pai seria o único que orava três vezes por dia, e em pouco tempo ele se juntou a Ben Simon, orando diariamente apenas ao amanhecer, voltado para Jerusalém.

Em uma tarde afortunada, Ben Simon capturou uma cabrita selvagem. Porque o animal caminhou na minha direção quando ele a trouxe para o nosso acampamento, deu-a para mim como um presente. A cabra pareceu dedicada a mim desde o início, implorando para ser acariciada, seguindo nos meus calcanhares. Fiquei tão lisonjeada que não fui capaz de me obrigar a abrir mão dela em favor daquela a quem deveria pertencer por direito. Sia era a esposa de Ben Simon, a mais velha das duas; no entanto, quando chamou a cabra para junto de si, acenando e gesticulando, o animal se recusou a obedecer, recuando e investindo.

Eu mantinha o meu animal amarrado com uma corda para podermos beber o leite e fazer o iogurte a que chamávamos *lebben* e outros chamavam *homes*, usando o meu lenço para torcer a coalhada, batendo um pouco do *chem'ah* amanteigado que muitas vezes comíamos puro antes de ser transformado em queijo, pois na nossa situação atual considerávamos esse prato simples um banquete. Cavava à sombra no local em que havia uma antiga oliveira solitária, atrofiada pelo vento. Lá encontrava lama de onde tirava um pouco de água escura e salgada. Podia então fazer queijo, *haris halab*, envolvendo a mistura em um pano até que ficasse dura e pronta para comer. Quanto mais pratos nós tínhamos para as refeições, graças ao leite da cabra, mais Sia parecia sofrer e arder de inveja. Um dia eu a vi inclinada conversando com a cabra, fazendo o

possível para convencer a criatura selvagem a mudar sua lealdade, mas a cabra apenas correu para o meu lado. Depois pensei se fora nesse momento que Sia soubera. Embora ela cobrisse os olhos, pude ouvi-la mais tarde soluçando. De algum modo, naquele deserto, onde não havia umidade suficiente para as lágrimas, ela ainda era capaz de chorar.

A ESSA ALTURA, eu tinha cortes demais para contar; eles se cruzavam como mariposas pairando sobre a superfície da minha pele. Encontramos alguns viajantes perdidos no nosso caminho e comerciávamos sempre que podíamos. Tudo o que tivéssemos que pudesse ser considerado precioso – o reservatório de couro fino do meu pai, as pulseiras de casamento de Sia – era trocado por sal e cominho. Uma vez, conseguimos diversas galinhas magricelas e nos refestelamos como reis, mas depois de terminar ficamos apenas com os pés e os ossos. Um prato tão magro acabaria por nos servir por um longo tempo. Passamos fome e, em nossa fome, tornamo-nos descuidados, como acontece muitas vezes às pessoas perdidas. Tínhamos tão pouco que parecíamos não ter ligação com esse mundo, se não estivéssemos ligados um ao outro.

Quando minha hora chegou e sangrei, usei a bainha da túnica rasgada como um pano entre as pernas. Não havia mais nada. Estávamos nos tornando selvagens, bem como as tribos bárbaras que viviam no deserto e obedeciam a leis brutais. Viva se puder, ou será deixado para trás com os idosos e enfermos, uma oferenda às criaturas que rondam à noite. Enrolei o lenço azul que meu irmão me dera na cabeça, mesmo que azul fosse a cor usada pelas irmãs-noivas que encontráramos enterradas no deserto. Tudo o que tínhamos era carregado nas nossas costas. Tudo aquilo que éramos estava iluminado pela luz brilhante do Todo-Poderoso. Vivíamos porque Ele permitia. Cada respiração pertencia ao nosso Senhor, que nos dera mais um dia na terra.

AGORA, sempre que tentava caminhar ao lado de Sia, ela acelerava o passo. A intimidade entre nós fora perfurada até o osso. Quando cozinávamos juntas, ela não falava. Às vezes, vacilava quando eu estava ao seu lado. Uma vez ela ficou nervosa e queimou a mão na chapa posta sobre o fogo. Quando encontramos uma lagoa rasa no acampamento seguinte, convidei-a a tomar banho comigo. Ela se recusou, insistindo que tomaria banho sozinha, mas não foi. Em vez disso, ficou me olhando de modo reprovador por trás das rochas, meu corpo jovem era uma afronta para ela. Pude ouvir o seu choro. Poderia ter chorado se não tivesse perdido a capacidade de fazê-lo, mas decidira havia muito tempo, na casa do meu pai, em Jerusalém, que nunca choraria novamente. A cabra logo se tornou a minha única companhia. Encontrei-me a falar com ela, até que me lembrei de

que era o que se dizia que as bruxas faziam. Então apenas sussurrava, para ninguém ouvir.

QUANDO FINALMENTE encontramos um lugar em que poderíamos ficar por algum tempo, com mudas de hortelã e algumas cebolas amarelas conseguindo crescer em um desfiladeiro vizinho, procurei uma caverna mais elevada no penhasco, a fim de isolar-me quando o meu período viesse com a lua. Uma mulher que sangrasse era impura, o que era chamado *niddah*, e devia se afastar dos outros por sete dias. Até mesmo uma única gota de sangue que caísse obrigava a mulher a se retirar do mundo dos homens, até que se limpasse em uma *mikvah*, a água que era pura, correndo diretamente de Deus.

Afastei-me por conta própria porque essa era a nossa lei, mas havia outra razão também. Não podia mais dormir no mesmo espaço que Sia. Começara a pensar que ela permanecia acordada no escuro quando o marido me procurava, insistentemente agora, como se cobrando algo que lhe era devido. Perguntava-me se ela cobria as orelhas, ou pior, se nos ouvia. Pus-me à parte para escapar de seus olhos curiosos. Na verdade, preferia a solidão. Cobria a pele com lama para me refrescar. Desembaraçava o cabelo. As estrelas eram mais brilhantes no cume em que eu acampava, elas salpicavam a escuridão para preencher a noite. Já vira mulheres que seguiam os nômades, as segundas e terceiras esposas que eram banidas para andar somente com as outras mulheres. Elas também se cobriam de lama. Embora devessem seguir envergonhadas, eram ainda mais bonitas que as primeiras esposas, pois sua pele era branca, amarela e vermelha por causa da lama, e seu cabelo ficava solto, caindo sobre as costas, como a água. Pareciam estranhamente orgulhosas pois, se não houvesse nada para matar a sede dos homens, então havia pelo menos isso disponível, seu corpo, sua alma.

Comemoramos o *Rosh Chodesh*, o nascer da lua nova, que assinalava o início do mês de *Tishri*. *Bendito o que falou e o mundo veio à existência*. Todo mês começava como um reflexo das primeiras palavras da Torá, com uma nova vida, assinalada pelo reaparecimento da lua. Até então tínhamos andado cerca de cinquenta dias, evitando qualquer sinal de tropas romanas. No Dia da Expição encontrei-me dominada pelo sentimento de culpa, horrorizada por pensar que Deus sabia o que fazia à noite, que havia roubado algo que não me pertencia, como se fosse um ladrão comum, bem como a assassina que meu pai alegava que eu era. Meu pai e eu tínhamos pouco a ver um com o outro, embora muitas vezes estivéssemos confinados em um espaço apertado e fizéssemos as refeições juntos. Virávamos as costas um para o outro. Ele tinha pouca escolha a não ser comer a comida que conseguia pôr diante dele, embora tivesse certeza de que ele

a considerava impura. Ouvira-o recitar uma oração sobre sua bacia, como os homens fazem para espantar os demônios.

– Acha que poderia matá-lo de dentro para fora? – perguntei com ousadia enquanto ele murmurava sobre as verduras que lhe havia preparado na refeição do meio-dia.

Ele me lançou um olhar asqueroso. Estava curvado, frágil, de repente um homem idoso. Pela primeira vez o vi por quem ele era, apesar da sua capa de invisibilidade. Sabia que estava quebrado. Percebi, então, que era a oração pelos mortos que vinha murmurando, as palavras que se devem dizer quando ocorre uma passagem: *Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do Universo*. Desde a época do meu nascimento, ele estivera e ainda continuava de luto pela minha mãe. Tudo pelo que eu me envergonhava. Ele era o meu pai, não importava quão cruel fosse, e eu não o honrara.

Celebramos a glória de Deus na Festa dos Tabernáculos. Os homens rezaram, mas não tínhamos uvas na videira nem romãs vermelhas para partir ao meio a fim de que o suco caísse sobre as nossas bocas e braços e esse dia não foi muito diferente de qualquer outro. Pouco depois o tempo começou a mudar. Por fim as aves voltaram. Não percebera como o mundo estivera silencioso nos meses de grande calor, até os bandos de pássaros retornarem revoando acima de nós. Aquela era a rota que percorriam para passar o inverno no sul, onde as noites não eram tão escuras nem tão frias. Todo o céu encheu-se de bandos de cotovias e pintarroxos vermelhos. Havia verdelhas, rolas, brilhantes rolieiros-da-abissínia, íbis acetinados. Havia colônias inteiras de gloriosos abelharucos amarelos e turquesa, que cantavam uns para os outros, até mesmo durante a noite. Acima de nós não parava de se deslocar uma enorme paleta de cores, movendo-se em direção ao sul em busca das áreas verdejantes. Às vezes eram como nuvens ao nível do horizonte, outras vezes ocupavam o espaço inteiro do céu. Ver aquelas ondas vibrantes de pássaros em tons que iam do vermelho ao azul acima do deserto branco era como um milagre. Eu mesma já não contava os dias com pesar, mas com alegria.

Até mesmo quando estava impura, quando me retirava do convívio dos outros, ainda mesmo que sua esposa pudesse acordar à noite e descobrir que ele saíra, Ben Simon não se afastava de mim. Os homens deveriam evitar as mulheres durante aquele período do mês, estava escrito no Quarto Livro de Moisés, e portanto era a lei. Mas desrespeitávamos todas as leis que nos coubesse desrespeitar no deserto, e era a isso que tinha me levado a iniciativa de cortar a minha perna, pois fora a primeira lei que ignorara. Não tinha mãe para me

chamar a atenção, mas, na verdade, teria desobedecido mesmo se a minha estivesse viva para me advertir. Uma lei desobedecida levou à outra. Ben Simon tornou-se impuro, manchado com o meu sangue do mesmo modo que se manchara com o sangue romano quando atingia os seus inimigos no pátio do Templo. Estava acostumado a cometer crimes. Seu comportamento era ao mesmo tempo carinhoso e grosseiramente masculino. Quando ele se punha ao meu lado, a mão na curva do meu quadril, o sexo duro de encontro ao meu corpo, não conseguia ver nenhuma culpa em seus olhos. Ele dizia que Deus podia distinguir um pecador de um pecado, e o que fazíamos estava além de julgamento.

Sempre que descia da caverna, era capaz de dizer se Sia sabia onde seu marido estivera todas as vezes que desaparecera do seu lado. Eu percebia pela maneira resignada que se entregava ao trabalho, pela sua carranca. Não conseguia olhar nos olhos da minha amiga. Tudo o que eu poderia ter sido para ela desaparecera. Da garota que seguira para o oásis na noite da destruição do Templo já não havia mais nem rastros. Aquela que trazia cinzas no longo cabelo vermelho e chorara pela perda da sua cidade e do seu lar ficara para trás, no oásis em que crescia a cidreira. A chave que abria o portão para o deserto abria Sia para a minha traição.

Provei a areia entre os dentes. Era uma mulher do deserto agora, não mais a excluída tímida e envergonhada, uma garota da cidade com medo de escorpiões. Tornara-me uma pessoa feroz, disposta a fazer qualquer coisa para conseguir o que queria. Era assim que nasciam os caçadores. Sentia essa selvageria dentro de mim, uma vontade imperiosa antes quase imperceptível que resolvera sobreviver. Se quisesse uma coisa, ela se tornava minha. Aproximava-me sorradeira das aves migratórias e as capturava com o meu lenço, às vezes com as próprias mãos. Era astuta, uma leoa. Vira o modo que a víbora negra do deserto hipnotizava um pássaro, enrolando-se lentamente em torno da sua presa antes da mordida final que o imobilizava.

O nosso povo acreditava que toda criatura possuía uma centelha – *nitzotz* – e por isso era sagrada, e que devíamos demonstrar a bondade e a compaixão por todos os seres, o que chamávamos de *baal chayyim*. Todos os animais louvavam a Deus, assim como nós, com as suas canções e as suas vozes. Em meados do inverno, dedicamos um *shabat* aos pássaros para demonstrar a nossa gratidão e reconhecer que foram a sua música que ensinou a humanidade a cantar e a louvar a glória do nosso Criador. Éramos até mesmo obrigados a afugentar as galinhas antes de coletar os seus ovos, para que não vissem o que aconteceria

aos seres em gestação que poderiam ser a sua prole. Quando precisávamos de carne, devíamos cortar a garganta do animal com um único talhe perfeito, para permitir que o seu espírito subisse em um fluxo constante de luz. Não deveríamos consumir sangue de nenhuma maneira, mas deixá-lo escorrer do pescoço da nossa presa, retornando à terra de onde viera.

Mas eu testemunhara o modo que a morte sobrevinha no deserto todas as vezes que a víbora que esperava nas sombras camufladas das rochas praticava a sua refeição. Aprendera a lição. Quebrava o pescoço das aves, mas o fazia muito rapidamente, e sempre murmurava uma oração. Acomodava o corpo dessas criaturas voadoras sobre os joelhos e arrancava as suas penas, ignorando o fato de haver tirado a vida de seres tão maravilhosos. O que não era capaz de fazer? Que coisa amarga e brutal não estaria disposta a fazer? Na caverna eu desenvolvera dentes e garras, exatamente o que o meu pai dissera que nos aconteceria no deserto. Imprudente, já não me importava com quem pudesse nos ouvir à noite. Não me importava se os olhos de Sia estivessem inchados ou se meu pai cuspsse no chão quando me via, para se proteger, claramente convencido de que eu poderia manifestar malevolência e atrair maldições. Que acreditassem em ouvir leões descendo dos seus esconderijos nas montanhas e fazer tais alaridos selvagens tarde da noite. Sia não significava nada para mim. Os seus filhos não eram meus. Quem sobrevivesse dependia de nervos e músculos, e de uma espécie tosca de vontade. Eu possuía todos os três. Parei de voltar à tenda para dormir e permanecia na caverna.

Era agora o *Cheshvan*, que alguns chamam o mês amargo, o mês de Noé, mês em que a chuva inundou o mundo assim como a minha paixão inundara a minha cabeça. Permiti que Ben Simon observasse a minha nudez em pé sobre as rochas no topo da caverna. Permiti que me levasse lá em cima para ver os falcões, para que o Senhor de todas as coisas testemunhasse, para que a sua esposa visse se tivesse coragem de olhar para os penhascos que eu adorava. Meu amado deveria aproximar-se apenas até certo ponto, deixando claro que eu deveria ser a única a pecar. Todo homem é tentado pelos impulsos malignos; ele não seria um homem se uma centelha de desejo não se manifestasse em seu íntimo. Mas uma mulher que se permitisse render-se ante tais humilhações seria julgada com severidade, porque estaria repetindo o primeiro pecado do paraíso como uma das filhas de Eva, traindo as leis de Deus para sua satisfação. Aceitei isso. Já era uma criminosa, a assassina da própria mãe, o desejo não era nada em comparação com um pecado dessa natureza.

Quando Ben Simon me chamava para perto de si eu corria para junto dele

como um cão, mas pelo menos agora era um cão que escolhera seu dono. Deixava que me possuísse como os cães possuem um ao outro, e depois à maneira dos leões, face a face, entrelaçados. Quando ele insistia em que era obrigado a me deixar, não o deixava ir. Satisfazia todos os seus desejos, oferecendo qualquer favor para convencê-lo a ficar. Ardia junto dele, quente e fluida em suas mãos, os nossos corpos um escuro emaranhado, pois havíamos nos tornado animais para quem essa era a única língua. Lágrimas salgadas picavam os meus olhos, mas não caíam. A nossa era uma espécie destruidora de amor. Quando se sentia humilhado pelas próprias necessidades, Ben Simon cobria-me de insultos, depois chorava e me tomava novamente em seus braços. Eu nunca tinha o bastante dele, sabendo que em breve me deixaria para voltar aos seus familiares. Ele lhes pertencia. Nunca me enganara quanto a isso. Ficava olhando para as suas pegadas quando partia e pranteava-o depois que se fora.

ESSA FOI A ÉPOCA em que nos lembramos da reconsagração do Templo depois da expulsão dos sírios, quando *Adonai* permitiu que o azeite de um único dia queimasse durante oito noites para assinalar a nossa fé e o nosso triunfo. Mas agora o Templo estava perdido para nós e o nosso azeite queimava em nuvens de fumaça negra. As rochas eram os nossos fornos enquanto as chamas saltavam dos poucos galhos retorcidos que conseguíamos encontrar. Caía uma chuva fraca que respingava sobre o nosso fogo, de modo que até mesmo cozinhar era difícil. O nosso banquete foi uma pomba que capturara com o meu lenço. A criatura arrulhava fazendo *tirr tirr*, uma linda canção que soava como *tor*, a nossa palavra para “rola”. Notei que em cima de um arbusto de murta o companheiro da pomba a esperava. Mais tarde, na estação em que as rolas migram para o sul, perguntava-me se a que ficara empoleirada no ramo partiria sozinha ou se ficaria e choraria. Pensei nas palavras de Salomão para a sua amada, *Ó querida minha, eis que és formosa; os teus olhos são como os das pombas*. Vi a tristeza embaciando os olhos escuros da pomba que ficara empoleirada nos arbustos, e uma ternura que nunca observara na humanidade. Caminhei em direção à pomba solitária pensando se deveria acabar com a sua solidão, mas ela passou rapidamente para um galho mais alto, as penas claras brilhando, uma criatura adorável demais para ser morta.

Uma porção de água foi o nosso vinho naquela noite, pois não havia uvas nem tempo para tentar fermentar os figos silvestres que às vezes encontrávamos. Acostumara-me a esse modo de viver e encontrei consolo no silêncio. Aprendera a amar o perfume do deserto à noite, fragrante e áspero ao mesmo tempo. Íamos de um lugar a outro seguindo a possibilidade de encontrar água, correndo atrás dos rastros deixados pelas codornas. Continuei a viver afastada dos outros para

que Ben Simon pudesse me procurar mais facilmente, enquanto a esposa e os filhos dormiam. Uma vez em que Ben Simon saía para caçar, meu pai me procurou para perguntar se era meu desejo ser uma *zonah*. Senti como se tivesse me dado um tapa. Ele me comparava às prostitutas que viviam em torno de Jerusalém e se dispunham a retirar o manto a quem quisesse pagá-las, até mesmo soldados romanos.

– Se isso é o que sou, então foi isso que você fez acontecer comigo – informei ao meu pai, o homem que assassinara tanta gente com sua adaga curva, que me ignorara e me usara como se fosse um cão, que não vacilara ao me trazer para o deserto, onde não poderia ter um futuro diferente do que já fora escrito.

*

EU PARARA de contar os dias. Não queria estar em outro lugar, mesmo que ainda não houvesse nenhum sinal do meu irmão e das fortalezas dos judeus rebeldes. O calor se dispersara e as chuvas começaram para valer. Logo haveria lagoas se formando nos *nechalim*; pelas ravinas entre os penedos passariam cachoeiras iridescentes. Eu era como o leopardo que vagava pelo deserto, pensando apenas na sobrevivência e no que precisasse para passar cada dia. Vi impressões na areia, sempre de um felino único, nunca dois juntos. Eles eram criaturas solitárias que, quando encontravam um companheiro, começavam a gritar, pois era atraídos um pelo outro, embora continuassem inimigos. Não eram como os leões, que eram ligados por toda a vida e descansavam abraçados.

Uma vez me deparei com um leopardo, embora um encontro desses fosse extremamente raro. Permaneci em silêncio ao lado de algumas rochas onde as aves nidificavam, à espera da chegada de alguma para que pudesse apanhá-la. Olhei para cima e lá estava o leopardo amarelo com as suas manchas pretas, grande, com certeza forte o bastante para me matar. Meu coração disparou. Fui tomada por um enorme desejo de viver. Postei-me em cima de uma pedra e levantei meu xale, procurei parecer feroz, o cabelo vermelho voando atrás de mim, o rosto em uma careta de rosnado, e gritei como um leopardo. A criatura olhou para mim, assustada, então correu para longe. Desapareceu entre as rochas, depois disparou na planície, onde parecia deslizar sobre a terra. Eu tremia sem parar, atordoada ante a minha ferocidade. Assim era eu agora. Uma criatura que não dava a mínima para a fome do outro, que só pensava em si mesma.

Ficaria feliz em levar essa vida para sempre. Esperando pelo escurecer para ter Ben Simon quando pudesse, mas não era esse o modo pelo qual as coisas foram

escritas. No fim do mês de *Kislev*, quando as nuvens se recolheram e as noites esfriaram, os filhos de Sia adoeceram. A má sorte espreitava todas as vezes que comíamos alimentos que não haviam sido abençoados ou quando bebíamos das lagoas paradas. Tínhamos deixado um lugar em que havia demônios e talvez alguns nos tivessem seguido pelas portas do Sião. As crianças eram meninos doces, sempre prontos a me acompanhar à procura de figos no solo fértil das ravinas, pelo menos até a mãe protestar e não mais permitir que me acompanhassem. Quando perguntei se poderia ajudar com as crianças doentes, Sia fez-me saber que não havia nada que pudesse fazer. Eles não eram meus filhos, ela me disse. Vi a dor estampada em seu semblante, mas não me ofereci para compartilhá-la, porque ajudara a causar o seu desespero. Era claro que não me queria por perto.

Dia após dia os meninos ardiavam de febre, embora o ar se tornasse mais frio. Logo as crianças emitiam sons roucos quando tentavam respirar. Tênuas marcas vermelhas espalharam-se sobre a pele. Podia ouvir o choro de Sia quando recusavam a sopa de ervilhas escaldadas que ela lhes oferecia. Ela clamou a *Adonai* que a levasse em lugar dos filhos. No mais fundo do meu coração, desejara a mesma coisa. Era terrível, mas era verdade. Sentia a minha desgraça, mas queria que Sia partisse. Essa era quem eu me tornara e quem o meu desejo fizera de mim. Agora, quando pensava sobre quem seria o primeiro a morrer, imaginava que seria ela.

Se você não for capaz de ser brutal no deserto, nunca sobreviverá. Isso era o que dizia a mim mesma e em que acreditava. Eu não era um burro ou uma menina inocente, ou mesmo uma mãe preocupada ou um menino com febre alta. Era uma mulher de cabelo vermelho que encarara um leopardo. Falava com uma cabra na montanha. Vi que Ben Simon se sentava para vigiar os filhos, os traços toscos do seu semblante transformados pela preocupação. Aproximei-me dele, curvei-me à sua frente e pedi para cuidar de seus filhos. A curva de um sorriso formou-se no canto de sua boca e ele acariciou o meu cabelo, mas disse que a vida deles estava nas mãos de Deus, não nas minhas.

Sia assistiu à cena, o rosto pálido.

– Deixe-me mostrar o que posso fazer – insisti.

Em um único dia, capturei três galinhas selvagens e cozinhei-as no fogo. Encontrei água em uma fonte que alimentava um sicômoro egípcio e arranquei a fruta cor de laranja. Fiz uma sopa saudável para os meninos, em seguida cortei a fruta do sicômoro em fatias finas e frias para manter contra seus lábios febris.

Sia não pôde me censurar. Não tinha escolha a não ser assentir sem expressão e aceitar os meus dons. Dediquei-me toda à sobrevivência. Apliquei minha vocação e minha arte, ao contrário do meu pai, que passava o tempo de braços cruzados olhando em direção a Jerusalém enquanto o céu passava do branco ao azul. Ele, que matara uma dezena de romanos, que era um rebelde e um renegado, estava sendo superado pela Judeia, abatido pelo vento e pela fome que o deixaram impotente. Agora que as crianças haviam adoecido, vivia apavorado, cantando ao Todo-Poderoso ao longo do dia. Não que se preocupasse com os meninos, era a própria pele que o preocupava. Insistia em que os demônios poderiam passar de uma pessoa a outra com um toque ou uma respiração. Eu tinha desprezo por ele e me afastava. Quando ele me pediu água para lavar as mãos, disse-lhe para encontrá-la por si mesmo, cavando a areia como eu fizera.

Importava-me apenas com um homem, aquele que enfrentara um leão. Mas temia que tivesse amolecido demais e fosse recuperado pela esposa e pela família. Ele parara de me procurar à noite. Na minha caverna, eu tremia sozinha. Sofria e espreitava por trás das rochas. Ele sentava os filhos ao lado de um fogo feito de galhos que eu catara, tomava a sopa que eu fizera, bebia a água que eu cavara debaixo do sicômoro. Eu os estava curando uns para os outros. Uma vez o vi pegar a mão de Sia na sua grande mão e levar-lhe a palma à boca. Tinha o direito de fazê-lo, era sua esposa, mas ardi em meio a uma névoa de ciúme. Não podia tomar a sopa que preparara. Não bebia a água que encontrara sob as raízes do sicômoro.

Sabia pela conversa das mulheres junto ao poço em Jerusalém que era possível ligar um homem a você e impedi-lo de se afastar. Era um ato de sangue, diziam elas, receosas de tais coisas, mas o sangue não me assustava. Encaminhei-me sozinha a um lugar em que vira serpentes negras, onde havia um bosque de maçãs amarelas cujas sementes fibrosas e compridas serviram como pavios quando não tínhamos gordura de perdiz suficiente para usar como a luz do *shabat*. Agachei-me sobre as minhas ancas e desenhei o rosto de um leão no chão com um pedaço de pau, em seguida circulei-o com pedras, que manchei com listras do meu sangue menstrual. Queria manter o meu leão enjaulado e desse modo imaginava que poderia fazê-lo. Não tinha mãe que me ensinasse a mais simples das curas, mas o meu feitiço foi bem-sucedido. Ben Simon procurou-me naquela noite. Ainda me queria. Amarrei o cabelo com o cachecol azul. Fui cuidadosa e silenciosa, grata em demasia. Tudo parecia frágil nesse momento. O que havia entre nós crescera até se desabrochar em uma flor, a flor vermelha do *flamboyant*, que mancha os dedos quando a pegamos, torcida como uma videira que pica a pele.

– Não devia estar aqui – disse ele.

O mesmo se aplicava a mim, e eu devia tê-lo dito. Em vez disso, fui até ele e não nos negamos nada. Nenhum de nós deveria estar naquele deserto, mas, como fora escrito que deveríamos viajar por lá, fora escrito que ele me procuraria. Não queria outra coisa senão as mãos dele em mim, a sua boca na minha, o seu corpo e o meu tornando-se um só. Era assim que eu me sentia viva. Imaginava se talvez tivesse lançado um feitiço sobre mim e se essa fosse uma maldição pela qual teria de pagar finalmente. Deveria ter permitido a Ben Simon cuidar da esposa e dos filhos, mas não o deixei ir. Um leopardo sabe o que é, e não calcula a agonia e o medo da sua presa, corre porque é feito para isso, e tem o que precisa.

Talvez fosse melhor quando eu era invisível, quando os homens passavam por mim e desviavam o olhar, quando ficava em casa como um cão. Mal me reconhecia agora. Mas sabia o que queria. Quando saía caminhando por entre as rochas, com os pés descalços, deixava um rastro. Ele sempre o seguia para me encontrar. Ainda assim, esse não era um pecado para ele carregar, pois toda vez que me procurou eu nunca me neguei.

*

AS NOITES tornaram-se mais frias e o ar ficou azulado, varrendo o Grande Mar, trazendo chuvas nos bancos de nuvens. No entanto, a febre dos meninos ainda não diminuía. Eles permaneciam doentes. Seus lábios estavam inchados e brancos. Seus olhos haviam rolado para trás e eles falavam com espíritos. Nós os observávamos inquietos, temendo o pior. Havia chegado a um ponto em que não comiam nem bebiam. E então um dia, quando nos ramos da tamargueira brotaram flores cor-de-rosa e viam-se tufo de sálvia crescendo entre as rochas ao longo da falésia, Sia adoeceu. Ela jurou que não havia nada de errado com ela, mas tremia e se recusava a comer. À noite ela se deitou ao lado dos filhos e, quando veio a manhã seguinte, não se levantou do chão. Levei-lhe água e ela aceitou, mas o modo que me olhou foi terrível. Quando ela apertou a minha mão, pensei que estava prestes a me amaldiçoar. Em vez disso, ficou olhando nos meus olhos com uma intensidade febril. Não sei se encontrara o que procurava, mas talvez sim, pois me perguntou se cuidaria dele caso viesse a morrer. Soube que falava sério. Abaixei a cabeça e prometi que o faria.

– Sim, é claro que vai cuidar – ela murmurou. Não parecia revoltada, mas uma mulher que se rendera e não precisava mais se preocupar com os detalhes de quem permaneceria na terra, a não ser pela certeza de que o marido a quem

amava seria amado.

Depois disso não conseguia mais olhar para ela, a minha única amiga, que fora tão boa para mim. Ajudei o melhor que pude, agachando-me ao lado dela com um pano umedecido para refrescar sua pele em brasa. Fervi um chá de urtiga e hortelã, mas ela não conseguiu beber. Fiz um caldo com os ossos e a carne de uma perdiz, mas ela balançou a cabeça e me deu as costas. Nunca cuidara de ninguém, nem atendera a doentes ou moribundos. Ela se deixou ficar sem queixas, assim como as crianças, que gemiam baixinho. Em Jerusalém, podia-se pagar pelas *minim* para que entoassem seus cantos secretos. Elas rezariam pelas curas do Infinito e, como mestres da *pharmaka*, tinham acesso a medicamentos que podiam curar cegueira, dores de cabeça, febres. A raiz da peônia podia ser esmagada e digerida por aqueles que tinham convulsões; a cera quente parava um sangramento. As *minim* escreviam o nome do Todo-Poderoso mil vezes, guardavam o pergaminho dentro de um rolo de couro, com orações misteriosas tão particulares que só podiam ser sussurradas a Deus. Se eu pudesse, teria procurado uma das mulheres dos corredores do mercado como a que recorri para o amuleto de Amram, pois muitas vezes elas tinham acesso a magias secretas e eram capazes de recuperar uma vida que o Anjo da Morte parecia pronto a arrebatá-la.

Mas não tinha ninguém a quem pudesse pleitear uma cura. Não tínhamos nada além de poeira. O tempo se passou, mas a febre não. Até eu sabia que um corpo não poderia conter tais demônios por muito tempo.

Uma noite, Ben Simon não me procurou. Fui ao lugar em que a tamargueira crescia. As rochas que tão cuidadosamente colocara estavam embaralhadas, talvez por camelos selvagens ou chacais preparando um antro para a noite. De qualquer modo, o feitiço fora quebrado. Voltei ao acampamento e encontrei-o abraçado aos filhos, chorando. Então soube que estava enganada. Uma pessoa realmente era capaz de chorar no deserto, até mesmo uma marcada pela mordida de um leão. Naquele momento entendi quem eu era para ele. Não vinha em primeiro lugar, nem em segundo, ou mesmo em terceiro.

Isso não diminuiu a intensidade do que eu sentia ou quem ele era para mim.

Mas eu soube.

Apenas uma coisa eu poderia fazer para agradá-lo. Quando disse a Ben Simon que partiria para encontrar uma cura, ele me abraçou. Sorvi a sua gratidão como se fosse água. Queria partir sozinha, mas ele não permitiu. Uma mulher no deserto era como um pássaro em uma armadilha, à mercê de qualquer um. Ele

insistiu para que meu pai me acompanhasse e, embora meu pai pensasse tão pouco de mim, concordou, talvez somente para fugir daqueles que estavam mal.

Ben Simon entregou-me sua faca, a mesma que usara para eliminar tantas vítimas. Viam-se manchas de ferrugem ao longo dela, mas a lâmina de prata era tão afiada que, mal rocei a mão em sua borda, brotou sangue do meu polegar. Guardei a faca na túnica, acondicionada dentro de uma peça de lã, amarrada com um cordão feito do pelo torcido da minha cabra. Ben Simon fez questão que eu levasse o meu animal de estimação comigo, para que o leite nos sustentasse se não encontrássemos nada. Entregou-me o frasco em que carregava água e o último dos bolos de cevada. Aceitei todas essas coisas, embora sentisse um impulso de devolver tudo. Como um presente assinalando um começo, assim também tudo aquilo significava um fim. Acontecia alguma coisa enquanto nos despedimos. Ele dava-me tudo o que tinha e ainda uma cortina interpusera-se entre nós. Senti a garganta se fechar, o coração bater forte no peito. Olhei para o rosto do meu amado, mas ele não via mais o meu íntimo. Eu me tornara transparente, nada mais significando para ele do que o ar. Foi como no dia em que saímos de Jerusalém, antes de ele me ver peneirando a lama para obter água, antes de saber o meu nome. Pensei que talvez esse fosse o modo de um assassino dizer adeus, ferozmente e com dignidade. Não fazia ideia de que ele era capaz de ler o que já fora escrito.

SAÍMOS QUANDO a manhã ainda estava escura e viam-se falcões espiralando no céu.

Meu pai e eu partimos sem saber quanto tempo demoraríamos para encontrar uma cura ou se realmente havia alguma a ser encontrada. Não podíamos confiar em nada e por boas razões. Poderíamos tanto ser assassinados como chegar a algum lugar habitado. Bandos de ladrões ocupavam as cavernas por toda a Judeia. Havia escravos fugidos, ladrões, rebeldes sem nada a perder. O deserto era enorme. Cada penhasco de calcário se parecia com os que já tínhamos ultrapassado. Demos voltas, perdidos, por vários dias, para evitar os soldados da legião romana, a cabra que eu levava balindo para nos advertir do nosso erro. Houve quem vagasse por ali eternamente, nunca mais sendo visto por pessoas civilizadas. Ouvira histórias contadas pelas mulheres junto ao poço em Jerusalém de uma garota perdida que vivera com as hienas, acompanhando-as e comendo carniça, dormindo entre elas e que, quando fora encontrada, tinha os dentes afiados, tendo deixado de ser humana.

Quando passamos pelos mesmos penhascos pela terceira vez, não tive outra escolha: peguei o lenço que meu irmão me dera e rasguei-o em tiras de seda. Em

seguida, amarrei as tiras azuis como sinalizadores nos espinheiros, para ajudar a guiar nosso retorno.

Depois de alguns dias de jornada, surpreendi-me quando meu pai me dirigiu a palavra. Não esperava que o fizesse, até porque não tinha nada de bom a dizer. Ele me passou um sermão, culpando-me por atrair Ben Simon como se estivesse convencido de que eu era o leão que devorara aquele homem, separando-o da esposa. Encarei-o em desafio, imaginando o que pensaria se eu fosse embora e o deixasse para se defender por si mesmo. Ele continuou dizendo que, se os meninos de Ben Simon sobrevivessem, deveriam a mim a sua vida e seriam meus filhos tanto quanto de Sia. Seus olhos brilhavam de raiva.

– Talvez, então, Deus a perdoe.

Não me defendi. Muitas vezes passava a mão pelos cortes gravados em minha pele, que assinalavam o tempo passado no deserto, tendo parado no dia em que Ben Simon me procurara pela primeira vez. Para falar a verdade, saíra novamente para o deserto em busca de uma cura como um pretexto para trazê-lo de volta para mim. Não pensara nos meninos ou em Sia até aquele momento. Por isso Deus não me perdoaria.

Meu pai e eu acampávamos ao anoitecer. Naquela estação, as noites eram frias e eu seguia juntando galhos pelo caminho, para acender uma fogueira à noite. Quando não havia outro combustível, queimávamos o nosso excremento e o da cabra, e a fumaça cheirava abominavelmente. Cercada por aquele fogo terrível, temia que tivéssemos nos afastado de Deus. À noite dormíamos sentados, um de costas para o outro, envolvidos pelos nossos mantos, as dobras do tecido carregadas de sujeira. Ouvíamos as criaturas no escuro, cães selvagens e chacais, uma vez um urso encaminhando-se desajeitado para a sua caverna. Aquela era uma rota muito pouco percorrida, pois não víamos nem sinal de água. Ouvíamos falar sobre o destino de Sodoma, um lugar que fora destruído por um incêndio ocasionado por um raio. As pessoas comentavam sobre a existência de árvores carregadas de belos frutos, mas, uma vez arrancados, os frutos transformavam-se em fumaça e cinzas em suas mãos. Nas horas da luz do dia, cada respiração queimava. Não ousávamos nos aproximar de nenhum oásis, temendo ser encontrados pelos romanos. A cabra não recebera água por tantos dias que já não podia dar leite. Ela se encolheu ao meu lado. Seus cascos estavam cheios de pedras, que fiz o possível para arrancar. Ainda assim, quando insisti em prosseguirmos, pensei ter ouvido seu choro.

Tínhamos chegado tão longe que apenas uma única tira do meu lenço restava.

À nossa retaguarda, um mapa de pontos azuis indicava o caminho pelo deserto de volta a Ben Simon. Nossa jornada parecia impossível, pois não víamos nada além de penhascos brancos à nossa frente. Meu pai fez uma careta, reclamando que devia ter previsto isso, pois eu só trazia má sorte. Mas então chegamos ao topo de um penhasco e à distância tivemos uma visão que fez nossos corações se elevarem. Era o Mar de Sal, um horizonte de azul vívido. A água era de cores variáveis: um instante era azul, depois verde, e por fim de uma tonalidade de ardósia. As nuvens se aproximaram e a superfície ficou preta, por isso os romanos o chamavam *Asphaltitis*, pois apresentava trechos negros semelhantes ao asfalto. Mas para nós parecia o céu, tão azul que tivemos de piscar várias vezes para conter as lágrimas.

O mar parecia estar tão próximo que imaginei que poderia estender a mão e tocá-lo, mas meu pai disse que era uma caminhada de mais alguns dias. Advertiu-me que a distância era uma ilusão que enganava muitos homens, até mesmo grandes sábios, levando-os a caminhar para a morte. Tão certos estavam de que se encontravam a poucos momentos do mar que partiam debaixo do sol brutal em um curso que os levaria diretamente a *Mal'ach ha-Mavet*, o Anjo da Morte, que se dizia ter mil olhos, nunca perdendo de vista uma única de suas vítimas.

Os dias se passaram rapidamente sob o sol ardente enquanto seguíamos pelo antigo caminho em direção ao mar. Passamos pelas ruínas de um povoado de onde era possível ver a lua dobrada ao se refletir no Mar de Sal. A povoação fora destruída pelos romanos. Pretendia ser um paraíso construído pelo Yahad, um grupo de crentes da seita dos essênios, os judeus que praticavam códigos rígidos com horários fixos de oração. Dizia-se que o nosso povo fora dividido em quatro partes, cada uma com sua filosofia, e depois dividido mais quatro vezes para compor o cenário. Verdadeiramente justos, os essênios realmente tinham se isolado de todos os outros.

O nome que davam ao seu oásis era Sechacha, que se poderia traduzir por “cobertura”, pois suas casas eram cobertas com as folhas largas das tamareiras. Eles foram para o deserto como verdadeiros crentes, abandonando a vida confortável em Jerusalém. Havia previsto a queda do Templo e fugido para lá, no intuito de esperar o Fim dos Dias, e passar suas últimas horas entregues a cânticos, seus escribas trabalhando em rolos de pergaminho para assegurar que sua verdade não se perdesse quando o mundo acabasse. Os essênios proibiam ídolos, como fazíamos, mas eram muito mais rigorosos em suas práticas e nem sequer tocavam em uma moeda que tivesse uma efígie. Acreditavam que

nenhum homem deveria ser o rei. No entanto, não tomariam armas nem lutariam contra seus opressores. Estávamos todos nas mãos de *Adonai*, insistiam, portanto flechas e lanças não faziam sentido. Segundo sua crença, existiam os filhos das trevas e os filhos de luz, e a verdadeira batalha a ser travada na terra era permanecer na luz e louvar aquele que tudo sabe, *Elohim*.

Avistamos as ruínas do que fora o seu aqueduto e a represa sob uma cachoeira, onde bebemos longamente, apesar de a lagoa estar entulhada com os destroços do assentamento que os romanos haviam destruído: lâmpadas de azeite e vasos de vidro quebrados, tinteiros de cerâmica, pilhas de *ostraca* – cacos de cerâmica quebrada utilizados para escrever. Viam-se ainda altos carvalhos e pés de louro que ofereciam relativa sombra, mas tudo o que havia sido feito por mãos humanas fora esmagado. Vigas caídas de madeira talhada de palmeiras e as folhas utilizadas para os telhados achavam-se amontoadas em pilhas. Caminhei através do *scriptorium*, uma biblioteca cujas prateleiras e colunas se espalhavam pelo chão. Pedacos rasgados de pergaminhos de pele de cabra ou de papiro jaziam no chão, apodrecendo e se esfarelando. Segui pelo calçamento de pedras para ver as casas de banhos rituais circundadas por largos degraus de gesso. No momento viam-se cobras nesses lugares, fazendo ninhos junto às piscinas de água fétida.

Finalmente cheguei às pilhas de ossos, restos dos fiéis. Embora fosse indigna, rasguei as minhas roupas esfarrapadas no ato de *keriah*, como um sinal de respeito e luto, e murmurei uma oração pelos mortos. *Que o Seu grande nome seja louvado. Bendito seja, para todo o sempre.*

Encontrei o caminho de volta para a fogueira que meu pai tinha acendido. Passamos a noite nesse oásis, sabendo que os romanos evitariam esse lugar e os fantasmas daqueles que tinham assassinado, mas os chacais famintos seriam atraídos pelo medo no nosso cheiro. Certamente estiveram ali antes, pois os ossos dos mortos estavam espalhados tão amplamente que não seria possível recuperá-los para armazená-los em um recipiente de pedra, como lhes era devido. Entreolhamo-nos, meu pai e eu, e talvez nos tenhamos visto por um prisma diferente, com as estrelas penduradas em cima e os ossos brilhando à nossa frente. Meu pai não me repreendeu naquela noite. Em vez disso, disse-me que deveria ser a primeira a dormir, tendo decidido que ficaria de guarda para observar se algum animal se aproximasse. Era o primeiro gesto de bondade que jamais fizera em meu benefício.

PROSSEGUIMOS CEDO no dia seguinte. Talvez um anjo tenha nos conduzido em nossa jornada. Encontramos o nosso caminho para o sul, na direção das

nascentes. Era ali que os essênios de Sechacha iam buscar água para a sua povoação. Tomamos um caminho cercado por arbustos. A cabra, agora faminta, mastigava as folhas que eram espinhosas e marrons. No entanto, quando avançamos mais, encontramos brotos verdes entre as rochas. A brisa refrescou, carregando a fragrância do bálsamo e o cheiro suave, quase imperceptível, da água. De imediato reconheci o zumbido das abelhas. Fazia tanto tempo que não ouvia a sua canção adocicada que quase desfaleci. Tínhamos chegado a um oásis em que uma fonte brotava do chão e cresciam tamareiras muito altas. O ar era um bálsamo refrescante, tão doce que parecia que havíamos entrado em uma nuvem de perfume, com grande intensidade de aromas de mirra e coentro. Encontráramos as pessoas do grupo Yahad que haviam sobrevivido, estabelecendo-se ali para esperar o Fim dos Dias.

Na clareira suas videiras e seus jardins luziam brilhantes contra o céu branco de tão quente. A beleza do mundo explodia em cada planta que crescia. Via-se um campo de trigo e linho, amarelo e dourado, refletindo o sol como se estivesse em chamas. Ouvimos sinos, que pendiam das árvores em cordas pretas retorcidas, soando ao serem movidos pela brisa. Vimos dezenas de amoreiras e oliveiras circundando um poço de pedra ao lado de um bosque de pistache que tornava a neblina verdejante. Umas quarenta cabras ocupavam um cercado erguido na sombra, enquanto outras quarenta cochilavam ao sol.

Muitos entre os essênios tinham sido sacerdotes, alguns viviam sem mulheres nos penhascos de calcário, as suas cavernas repletas de *mezuzoth*, recipientes de pergaminho contendo orações a Deus. Esses homens eram puros demais para ter contato com os afazeres da vida mundana, mas também havia homens que chegaram com esposa e filhos, as mulheres vestidas com linho branco, a cabeça coberta em todos os momentos. Moravam em grandes tendas com a família, alguns fugidos de Sechacha, outros tendo chegado recentemente de Jerusalém após a destruição do Templo.

As pessoas nos observaram enquanto avançávamos pela povoação. As casas eram comunais e feitas de pedra, além das casas de banhos rituais e das bibliotecas em que estudiosos trabalhavam para completar os documentos, dividindo-se em grupos de três, para trabalhar nos pergaminhos escritos em peles de animais ou sobre papiro ao longo do dia e da noite. Talvez meu pai e eu parecêssemos demônios, feitos de areia, em vez de gente de carne e osso. Nossos olhos se projetavam nos nossos rostos sujos. Meu cabelo era como um trança de sangue torcida sobre as minhas costas, àquela altura chegando à minha cintura. Algumas mulheres pestanejaram quando me viram, mas nenhuma delas

escarneceu de nós. As pessoas da seita Yahad praticavam a bondade durante o que acreditavam ser os nossos últimos dias neste mundo. O que pertencia a um homem também pertencia ao seu vizinho.

As mulheres aproximaram-se para nos cumprimentar. O tecido que produziam em seus teares era tão leve que suas vestes voavam em torno delas. Eu ansiava por lençóis de linho para enrolar meu corpo para que ninguém me visse. Quem sabe, então, fosse capaz de suportar a intensidade da luz ofuscante de Deus quando Ele não pudesse me perdoar por tudo o que fizera.

Embora aquelas pessoas santas houvessem perdido muitos dos seus nas mãos dos romanos, pois revelaram que a povoação de Sechacha fora conquistada e arrasada antes mesmo da destruição do Templo, os essênios não se interessavam em portar adagas, que consideraram uma afronta à grandeza de Deus. No mesmo instante, meu pai tomou a decisão de não lhes contar que era um dos sicários. Aquelas pessoas consideravam os sicários partidários das trevas, serpentes que desafiavam *Adonai*. Ele apenas anunciou que estávamos entre os que foram expulsos de Jerusalém, um pobre pai e sua filha, que então se tornaram pessoas errantes. Quando mencionamos que a mãe e os filhos que nos acompanhavam haviam sido acometidos de febre, as mulheres essênias se compadeceram e imediatamente decidiram nos ajudar. Uma delas, que se identificou como Tamar bat Aaron, conduziu o meu pai a um homem culto, um sacerdote cujos seguidores o chamavam de Abba – pai –, um mestre de virtude cujos conselhos as pessoas seguiam mais por satisfação que por dever.

Abba era tão velho que precisava ser levado a todos os lugares em sua cadeira, carregado por quatro homens fortes; tão puro que Tamar nos segredou que devíamos nos acomodar a uma distância de sessenta comprimentos de braço dele, a distância mantida por todas as mulheres, a cabeça coberta, os olhos baixos ainda que atentos, pois, embora as mulheres não fossem incluídas nos aprendizados rígidos dos essênios, elas se regozijavam em ouvir o grande homem falar. Outro sacerdote da magnitude de Abba teria nos dado as costas, ocupado demais nas suas orações para ser incomodado com os nossos apelos. Ou, então, um homem assim poderoso talvez concordasse em nos ouvir se levássemos alguma prata em troca do seu favor. Mas Abba estava convencido de que todos os homens eram seus irmãos. Era um seguidor de um mestre da Galileia que ensinava que a paz era a única esperança para a humanidade. Sem ela, éramos como os chacais no deserto, nada mais.

Ao meu lado, Tamar sussurrou-me que Abba tivera dez esposas e que sobrevivera a todas elas; agora passava os dias dando glória a Deus e

ministrando os ensinamentos da paz. Os homens ali oravam três vezes ao dia: pela manhã, pondo-se de frente para a direção de Jerusalém, novamente ao pôr do sol, e por fim depois do anoitecer. Levavam o que era mais sagrado dentro de si mesmos, pois cada homem era um templo e cada oração proferida podia ser ouvida pelo nosso Pai acima de nós.

Quando informado da nossa situação, Abba presenteou meu pai com um amuleto contra a febre, uma oração guardada dentro de um tubo de metal que era para ser preso aos braços dos aflitos. Ele ofereceu um pedaço de corda abençoada para amarrar nas túnicas das crianças e ligá-las à boa saúde, bem como um bulbo precioso de alho roxo para afastar os demônios. Deveríamos recitar o nome de *Adonai* cem vezes acima de um copo de água com alho que fora fervida três vezes em cima de fogo bem quente, em seguida instruir aqueles que tinham adoecido a bebê-la enquanto oravam pela graça de Deus.

DERAM-NOS tâmaras prensadas e bolos de cevada, além de permissão para passar a noite. Caía uma chuva leve e a terra rapidamente ficou inundada com poças. Meu pai foi levado a uma casa comum para ficar entre os homens. Amarrei a minha cabra em uma tamargueira e acompanhei as jovens solteiras, que me olhavam com expressão intrigada. Devia estar parecendo um animal selvagem a seus olhos. Quando descobri meu cabelo diante delas, ficaram chocadas com os nós e começaram a desfazê-los com pentes de madeira. Levaram-me para tomar banho na sua piscina ritual e a água ficou preta em volta de mim. Mesmo que eu visse isso como um mau presságio, as jovens essênias riram e disseram que a água benta levava todos os meus pecados. As pessoas do seu povo acreditavam que a imersão em água as aproximava de Deus e assim banhavam-se várias vezes ao dia. Havia duas escadas na piscina, um lance de degraus de calcário para entrar, outro para que os que haviam se purificado pudessem sair da água sem tocar nos que ainda estavam imundos. Na verdade, quando saí da água, pela primeira vez desde que deixara Jerusalém senti-me verdadeiramente purificada. Meu cabelo estava tão vermelho que as abelhas se aproximaram, circulando ao meu redor. As mulheres essênias riram, sugerindo que meu cabelo devia parecer a elas um canteiro de rosas. Precisei correr de um enxame e gritar que era uma mulher, não uma flor.

Recebi uma túnica de Tamar. Era uma peça de roupa branca simples, com uma corda de pelo de cabra para amarrar na cintura. Eu disse que era um presente demasiado grande, mas Tamar insistiu.

– As posses não são nada, pois serão inúteis no Mundo Vindouro – ela me disse. – Não se leva nada disso para a casa do Senhor.

O passado parecia um sonho distante. Estávamos longe da carnificina que conhecera em Jerusalém, a uma caminhada de vários dias das cavernas em que encontráramos abrigo. Mas o que fizera e o que aprendera eram mais que um sonho. Semicerrando os olhos, podia ver, além dos pomares, os penhascos de calcário esburacado e o caminho que marcara com pedaços de seda azul do meu lenço. Podia sentir a pulsação na base da garganta, uma onda de pânico por ter deixado Jachim ben Simon para trás. Temia que o que nos unira pudesse desaparecer se não estivesse à sua vista. Talvez ele viesse a acreditar que eu também era somente um sonho do qual já havia despertado.

Gostaria de saber o que nossos anfitriões pensariam se soubessem a verdade sobre nós. Meu pai continuava a dar tempo ao tempo e a guardar nossos segredos. Ele acreditava que aquelas pessoas piedosas eram tolas, convencido de que aqueles que ficam esperando pelo Fim dos Dias o estavam criando para si. Mas obviamente era inevitável que pensasse assim. Todo homem envolvido na guerra diz a si mesmo que é capaz de alterar o que estava escrito, que é ele, e não Deus, o criador do destino, livre para mudar o que está destinado a ser.

NA MANHÃ da nossa partida, Tamar levou-me à sua casa e me deu um pedaço de queijo *haris halab* branco e salgado, que duraria vários dias e nos manteria bem alimentados, juntamente com algumas batatas-doces prensadas. Ela era mãe de quatro filhos pequenos que, não acostumados a ver estranhos, fitaram-me boquiabertos quando apareci, até que a mãe os enxotou. Quando ficamos sozinhas, ela me advertiu de que deveríamos ter cuidado em nossa jornada. Recentemente ocorrera um ataque a outro assentamento, chamado Ein Gedi, um oásis em que quatro vertentes se reuniam para produzir grandes cachoeiras, uma das quais formava uma piscina onde se dizia que o rei Davi se escondera dos seus inimigos. Era ali que brotava a *Moringa Peregrina*, uma flor com poderes mágicos que ajudaram Davi a compor suas músicas com tanta pureza. Acácias floridas cresciam ao lado das águas, e pés de jujuba, cuja fruta alaranjada atraía aves da Grécia e do Egito, e havia bosques de bálsamo, cuja goma pegajosa produzia o incenso que era mais valorizado que o ouro. Ein Gedi era um lugar de abundância em uma época de fome. Por causa disso, era invocado como um cordeiro entre aqueles que estavam famintos. Os atacantes tinham chegado durante a noite. Setecentas pessoas foram mortas ou mantidas em cativeiro pelos sicários que invadiram os armazéns do assentamento. Os essênios sabiam que aqueles eram os culpados porque fora usada a faca curva, a arma que atinge o alvo e depois extrai a alma da sua vítima. Os ladrões roubaram tudo, grãos, vinho e água, juntamente com as vidas dos inocentes.

Meu coração afundou à menção dos sicários.

– Os assassinos não os encontrarão se tomarem cuidado – disse-me Tamar. – Se alguém se aproximar no deserto, escondam-se o melhor que puderem. Talvez agora entenda por que estamos certos de que o fim está próximo. Com tamanhas traições na terra, os anjos certamente virão guiar-nos para o Mundo Vindouro.

Inclinei a cabeça concordando, muito embora soubesse que meu pai acreditava que os punhais e não os anjos eram a resposta para traição. Não deixei escapar que meu irmão poderia estar entre aqueles que tinham invadido Ein Gedi. Tínhamos pressa de partir e, enquanto nos preparávamos, um dos homens chegou para entregar uma última mensagem de Abba. Os olhos do meu pai estavam velados, seu coração, fechado, mas ele ouviu, pois era um hóspede na povoação e devia, pelo menos, fingir ter boas maneiras. Ouvi também o que fora dito e rapidamente baixei os olhos. Quando o mensageiro acabou de falar, meu pai acenou um adeus, mas nunca demonstrou sua gratidão. Esse era o caráter do meu pai, silencioso e sem coração; exatamente o que eu esperava dele. Ele fez sinal para mim com a mão e como seu cão eu o acompanhei, seguindo a certa distância, os olhos baixos.

Quando partimos, várias das mulheres nos acompanharam, acenando, desejando-me sorte, dizendo como estava bonita com minhas roupas novas. Não sabiam nada de mim, somente o pouco que revelara, o que em parte senti como mentira. Meu pai e eu éramos estranhos um para o outro também. Sabíamos tão pouco um do outro como os essênios sabiam de nós. Caminhamos muitos dias juntos e, embora meu pai tivesse deixado de me humilhar e repreender, não tínhamos nada a dizer um ao outro. Não sabia nada da vida do meu pai antes de ele adotar a adaga, embora tivesse ouvido rumores de que tivera um irmão que fora vendido como escravo. Se um homem vê seu irmão amarrado com cordas e arrastado sobre o calçamento da rua, será que já viu tudo? Se dez homens são mantidos em uma sala com um leão e apenas um sobrevive, o que isso faz desse homem? Se uma mulher com cabelo vermelho se mantiver em silêncio, será capaz de falar a verdade de novo?

Enquanto viajávamos, olhávamos para trás, a fim de ver as cores em constante mudança do Mar de Sal. Conseguíamos identificar as velas das barcas de fundo chato que navegavam pelo mar para o país de Moabe, governado por pessoas ferozes chamadas nabateus. Nessa terra fértil dizia-se que Moisés fora enterrado, mas ninguém nunca descobrira onde ficava esse lugar sagrado, apesar de muitos terem procurado por ele. Talvez assim fosse melhor, pois Moisés guardava a chave de segredos imensos para os homens absorverem, uma dádiva

e um fardo pesados demais para o nosso povo suportar.

Um dia, depois de termos subido as mais altas falésias, o mar desapareceu de vista, afundando-se na terra, como se tivesse sido tragado. Ondas de calor escaldante subiram acima do local onde ficara, pois suas águas eram ainda mais quentes que o ar. Logo até mesmo isso desapareceu. Continuamos caminhando penosamente. Não pensei no fato de que era uma jovem mulher no deserto, sozinha e em chamas. Recusei-me a deixar que meus pensamentos levassem vantagem sobre a preocupação com feras ou salteadores. Acima de tudo, não me permitia imaginar o que poderia ter acontecido no nosso acampamento durante a nossa ausência, como uma febre pode queimar como uma chama até que não haja mais nada além de cinzas, como ela se espalha à maneira do fogo, saltando de uma vítima para a seguinte.

Tínhamos a bênção de Abba e o seu remédio. Precisávamos apenas encontrar o caminho. Apressei o meu pai, coletando os restos de azul à medida que seguíamos o mapa que formavam, eu mesma ainda grata ao meu irmão pelo presente. O tecido estava esfarrapado. Alguns dos quadrados tinham sido levados por hienas ou pelo vento, por isso só o que restou foram alguns fios produzidos pelas larvas que haviam se transformado em borboletas. Um dia, caiu uma chuva pesada. Meu pai quis esperar a chuva passar, refugiando-se em uma caverna de calcário, mas insisti que continuássemos a caminhar, apesar de nossas peles brilharem com a água e nossas roupas estarem encharcadas. Meu pai teve pouca escolha. Estaria perdido sem mim, pois somente eu sabia a direção que deveríamos seguir. Enquanto caminhávamos, meu pai praguejou e reclamou, mas a chuva foi parando, um pouco de cada vez, e assim andamos sob suas gotas e depois através do novo ar refrescado.

O local do acampamento estava deserto quando chegamos. A fogueira ainda estava lá, assim como a cesta usada para coletar hortelã e verduras. Estavam as tigelas das nossas refeições e o machado que cortara os espinhos do nosso caminho. Uma fina camada de areia cobria tudo e pensei nas duas meninas-noivas que Ben Simon me levava para ver, como ele tinha chorado e como eu me encantara com ele. Roubáramos um tempo para passar juntos, um tempo que parecera interminável no escuro. Senti uma pontada na garganta. Não sabia que era o início da minha dor até que meu pai me silenciou. Estivera chorando, à maneira do leopardo, subitamente e sem levar em conta nenhuma outra criatura viva.

Fomos encontrá-los na caverna úmida, em busca de conforto e abrigo em suas horas finais. Estavam todos juntos, como deveriam estar. Todos exibiam as

marcas vermelhas das pústulas da doença sobre a pele, definhados a um ponto que exibiam os ossos através da pele. Ben Simon acomodara a esposa e os filhos sobre uma saliência de pedra antes de se deitar ao seu lado. As veias em seus braços ainda estavam azuis, mas já se apagavam, e sua pele tornara-se fria. Caí de joelhos e me agarrei a ele, desesperada para transmitir algum calor. Pus minha boca sobre a dele, mas não havia respiração, não havia vida. Podia sentir o gosto do Mundo Vindouro.

Não me afastei quando meu pai gritou comigo, nem quando levantou a mão para mim. No fim, meu pai teve de enterrá-los. Era o papel de uma mulher preparar os corpos para o Anjo da Morte e entoar as lamentações, depois colocar-se de lado até que o espectro da morte não mais a acompanhasse, mas eu me recusei. As chicotadas subiram pelas minhas costas e meus ombros quando meu pai me bateu, mas eu não seria seu cão nesse dia. Meu pai gritou que eu era covarde, sem coragem de cuidar das necessidades dos mortos, mas ele estava errado. Eu não estava com medo dos mortos mais do que de ser impura. Só temia que, se segurasse Ben Simon por muito tempo, não fosse capaz de deixá-lo ir.

Meu pai levou os corpos para o mais alto penhasco e depositou rochas em cima deles para que os falcões, abutres e chacais não se aproximassem. Proferiu as lamentações, tendo dobrado o xale de oração de Ben Simon em torno dos próprios ombros para homenageá-lo. Durante sete dias após esse ritual, meu pai teve de se sentar ao sol para se purificar, porque chegara perto demais da morte e era considerado *tamé*, impuro. Entoou as lamentações que uma mulher deveria entoar, porque eu não permitiria essas palavras em minha boca. Não reconheceria a morte de Ben Simon, nem suportaria vê-lo caminhar para o Mundo Vindouro. Quando fechava os olhos, podia imaginar a graça natural do seu corpo forte, os planos angulosos do seu rosto, seu olhar profundo e crítico que me atravessava. Não queria deixá-lo ir, mas podia ouvir os lamentos e as orações do meu pai, mesmo cobrindo os ouvidos com as mãos. Seu canto soava como o vento, e como o vento me envolveu, até que não ouvi nada a não ser uma única canção.

Gostaria de saber se, em sua doença, Ben Simon fora como o leão que enfrentara nove guerreiros, deixando a cabeça pender e morrendo perante o décimo. Imaginei se resistira até o dia em que chovera, quando estávamos tão perto, a poucos momentos de distância, e se essa chuva fora feita de suas lágrimas, pois ele não tinha vergonha de chorar.

Lembrei-me das palavras que entreouvira antes de partirmos de junto dos

essênios, quando Abba enviara seu mensageiro ao meu pai. *Mesmo entre os justos, cabe apenas a Adonai punir.* Talvez o santo homem soubesse quem éramos o tempo todo. Agora a punição dos assassinos caíra sobre nós. Se um dos sicários, aonde quer que fosse, carregasse nas costas todos os homens que assassinara, os mortos não quereriam, finalmente, obter sua vingança? Talvez os seus espíritos tivessem seguido Ben Simon e, quando estava enfraquecido pela dor, quando caíra, os olhos brilhantes de lágrimas diante dos corpos inertes dos filhos, atravessaram sua pele febril e o surpreenderam.

Enterrei o remédio dos essênios, pois era inútil agora, considerando que disseram que as coisas desse mundo permaneciam aqui para sempre. Enquanto cavava a terra dura e branca, perguntava-me se seria a única pessoa a ser punida, se estaria destinada a sofrer como fizera sofrer o meu amigo, quando roubara o que lhe pertencia.

Durante os sete dias em que meu pai se manteve afastado, para se purificar da proximidade com os mortos, não comi nem bebi. Amarrei a cabra a um arbusto baixo e não lhe dei ouvidos quando me chamava. No amanhecer de cada dia, cortava uma marca da minha tristeza na perna, cada uma mais profunda que a anterior, já que agora usava a faca afiada de Ben Simon. Cada ferida era como um beijo para mim, uma cicatriz escura de paixão. O cheiro de sangue emanava da minha pele, como uma película que me cobria. Um leopardo veio uma noite e se sentou no outro lado da fogueira, onde permaneceu me observando. Não me levantei para afugentá-lo. *Venha me devorar. Veja se me importo.* Meus olhos se encontraram com os dele e vi o brilho amarelo da violência em seu olhar. Mas, no fim, ele deve ter considerado que não valia a pena, pois se afastou furtivamente.

Quando meu pai retornou dos seus dias de purificação, ficou chocado ao ver a minha condição. Mal conseguia me levantar do chão, tão pálida quanto o pó em que um dia me tornaria. Não tinha nada a fazer na vida a não ser esperar a minha vez para o Mundo Vindouro. O que era aquela terra para mim agora? Uma cela de prisão, um chicote de corda. Meu pai sempre me dissera que eu não era nada, e fora isso em que eu me tornara. Mais tarde ele admitiu que, quando me viu assim, pensou na minha mãe na hora do meu nascimento, já ausente deste mundo. No dia em que me encontrou definhando, ele pensou no que ela teria feito se tivesse permanecido com sua única filha. Teria desejado me salvar. Foi por isso que me convenceu finalmente a beber um gole de água.

No oitavo dia após Jachim ben Simon ter sido enterrado debaixo de pedras, quebrei meu jejum e bebi do cantil de couro de cabra que lhe pertencera. Fiz isso

não por mim, mas pelo meu amado, pois ele ainda não se fora de mim. Embora o Anjo da Morte o tivesse arrebatado, uma centelha do seu espírito permanecera.

Nesse momento eu soube que não sangraria novamente.

POUCO TEMPO DEPOIS, meu pai teve uma visão inspiradora. Acordou com lágrimas escorrendo pelo rosto e a fé renovada. Sonhara que meu irmão nos esperava no alto de uma torre. O sonho fora tão real que ele podia ouvir meu irmão lhe falar. *Olhe, vou ao seu encontro*, Amram dissera. Meu pai jurou que, quando as nuvens se elevassem, veria seu filho.

Acreditando nisso, o assassino carregou uma vara para poder subir mais alto nos rochedos, onde acreditava que seria possível testemunhar na terra o que vira no sonho. Não discuti com ele, mas não acreditei. Meu pai podia ter fé, mas eu não tinha nenhuma. Via em que havíamos nos tornado: um homem muito velho e frágil para ser um assassino confiável, a filha arruinada, incapaz de chorar ou sangrar. Achei que talvez alguém tivesse posto uma maldição de ódio em mim, quem sabe Sia antes de morrer, e talvez fosse tudo o que merecesse neste mundo.

As chuvas vieram então com muita força. O ar tornou-se azul e úmido com as chuvas pesadas. Permaneci com o meu pai durante dias na caverna para escapar das inundações no *nachal*, a cabra nos fazendo companhia. Aquela caverna fétida fora o último lugar em que Ben Simon estivera neste mundo; respirara o cheiro úmido e gredoso do calcário e soprara a sua alma dentro daqueles limites cobertos de teias de aranha. Pensei que me sentiria mais perto dele ali, mas era o espírito de Sia que pairava por perto. Sentia-a me beliscar tentando chamar a minha atenção. Ela me perseguia nos sonhos. *Pensou que poderia ser de outro modo? Achou que conseguiria o que queria?* Quando acordava, ofegante por ar, às vezes acreditava ouvir a explosão do seu riso, como se tivéssemos travado uma batalha, ela se saíra vitoriosa e agora se regozijava com os resultados.

Os meses de inverno abateram-se sobre nós. Tive vontade de fugir, mas as chuvas que caíam em lençóis criavam um mundo impossível de deixar. De repente, o deserto era um mar. Onde antes só se ouvia o chacoalhar do vento, agora tudo o que escutávamos era a água correndo no *nachal*. O que antes ansiávamos agora tínhamos em abundância. Formavam-se lagoas em toda parte e, ao fim de cada ravina, as águas corriam com tamanha rapidez que cabras ou veados que dessem um passo em falso seriam facilmente carregados. Os insetos voadores levantavam-se em enxames, nascidos da água em nuvens afuniladas. Os cabritos-monteses chegaram para beber e se refrescaram. A minha cabra puxava a sua corda; ela sempre me seguira nos calcanhares, mas agora parecia

enlouquecida pelo cheiro de chuva. Ela escoiceou e correu em círculos, seu leite era fresco e com sabor de grama. Chorei de pensar que a vida continuava, mesmo quando muito se perdera, que a chuva continuava a cair e a murta crescia entre as rochas.

Encontrei uma lagoa clara que se formara em um valo. Dei-me conta de que não me purificara desde que participara do banho ritual das mulheres essênias. Despi-me das roupas e notei o quanto estava machucada e magra. Mal reconhecia a minha pele. E ainda assim a minha barriga parecia avolumar-se, inchada, fazendo-me parecer com uma mulher que ingerira água em excesso. Vi quão profundamente cortara a perna, com marcas que nunca se cicatrizariam completamente. Tive de me conter para não me cortar em pedaços, pois a faca em mim me fazia sentir como se estivesse sendo levada por Ben Simon, e ansiava por aquela conexão de sangue com ele.

A escuridão caiu enquanto me banhava na lagoa. As estrelas logo surgiram no céu. Quando ouvi o som de soluços, implorei ao fantasma da esposa do meu amado para me deixar em paz, certa de que estava ao meu lado, dilacerada por toda a sua tristeza. Sia era mais sensível, sempre pronta a chorar.

Estava certa de que eram as lágrimas dela que chorava, não as minhas.

NO FIM de *Shevat* as flores silvestres desabrocharam em cores vivas, os salgueiros encheram-se de fios de folhas verdes e tenras. Meu pai e eu nos resignamos. Não reclamávamos das nossas circunstâncias, nem discutíamos o passado. Mas todo fim de tarde eu subia ao penhasco em que se encontravam os ossos. Ajoelhava-me enquanto a luz ia se extinguindo e o dia terminava. Rezava por algo que nunca poderia ser concedido; outra vida, que já vivera e perdera.

Permaneci por lá um dia até mais tarde, observando a luz se desvanecer em faixas rosadas e acinzentadas, quando avistei dois homens se aproximando, vindo do deserto. Eram jovens guerreiros. Chamei o meu pai, que subiu para meu lado usando um ramo da tamargueira que ele alisara para fazer um cajado em que se apoiar ao caminhar. Juntos ficamos lá no alto observando os estranhos se aproximarem, a poeira levantada subindo atrás deles em nuvens.

– Esse é o meu sonho – meu pai disse, com expressão alegre. – Aquelas são as nuvens que revelarão para onde devemos ir. Esses homens nos levarão à torre onde Amram está escondido.

Estivéramos sozinhos no deserto por um longo tempo, tendo apenas os ossos sob as pedras por companhia. Mas os ossos falavam comigo. Eles me diziam que

as minhas orações não seriam atendidas. Nunca seria perdoada. Teria de pagar pelos meus pecados. Quis fugir da voz que soava como a de Sia. Se fosse a outro lugar, quem sabe ela se calasse. Queria acreditar no sonho do meu pai. Era mais cautelosa que ele, mas também podia sentir o meu irmão perto de nós.

– Não podemos confiar – eu disse, e pela primeira vez meu pai não discordou. Os sonhos se manifestam aos homens por muitas razões, tanto como oráculos quanto como avisos.

Observei enquanto os homens se aproximavam, curiosa, envolvida no meu xale. Meu pai se preparou para o caso de serem inimigos se fingindo nossos salvadores, pronto para lutar caso se voltassem contra nós e provar que seu sonho fora uma falsa profecia. Pegou a adaga, depois murmurou uma prece a Deus, implorando que ficasse do seu lado.

Os homens pararam no desfiladeiro abaixo. Chamaram meu pai e juraram ser guerreiros zelotes. Meu pai respondeu ao chamado. Ainda segurava a adaga escondida sob a capa. Embora estivesse enfraquecido e não fosse mais jovem, ainda era capaz de arremessar uma faca de uma grande distância e derrubar um homem. Já o vira fazer isso quando um soldado o encurralara em um beco próximo da nossa casa. Depois se afastara sem olhar para trás, como se não tivesse tirado uma vida.

Os jovens guerreiros gritaram que Hol os enviara. Conheciam a Fênix, o guerreiro que se levantava todas as vezes que outro teria caído. À menção do nome do animal conhecido apenas pelos amigos mais próximos do meu irmão, meu pai soltou a arma. Seus olhos encheram-se de lágrimas e seu rosto desgastado, mais envelhecido desde que deixáramos Jerusalém, abriu-se em um sorriso.

– Levem-me até ele – ordenou.

Percebi que meu pai não dissera para *nos* levarem a ele. Eu não era nada, como sempre. Somente quando ele precisava de mim para guiá-lo, alimentá-lo, para ser o seu único alento no deserto, é que se lembrava de que também era sua filha.

Os homens que vieram à nossa procura não eram mais velhos que meu irmão, jovens em idade, mas já endurecidos pelo que tinham visto e feito. Reconheci um deles, Jonathan, de Jerusalém. Fora um religioso, estudante de orações. As pessoas achavam que se tornaria um rabino ou um estudioso, então ele se juntara ao meu irmão e adotara a adaga. O outro se chamava Uri, que significava luz.

Era um jovem desajeitado e afetuoso cujo bom humor dominava todas as suas conversas. Eu me esquivei, relutante em dar a conhecer a minha presença, mas os amigos do meu irmão alegraram-se em me encontrar e me chamaram para juntar-se a eles. Amram lhes contara sobre mim, a irmã chamada Yaya, que cuidara dele como uma mãe, que preparara suas refeições, costurara suas túnicas e seu manto, ouvira os planos tão secretos que não ousara contar a ninguém. O que se chamava Jonathan exibiu um quadrado de seda azul que o vento levava até o meu irmão. Fora assim que me acharam.

TOMAMOS UMA rota que nos levaria à região mais ao sul do Mar de Sal. Eu sabia que, depois que fosse, não poderia olhar para trás. Estaria abandonando Ben Simon, o único homem que conhecera quem eu era. Seus ossos não seriam reunidos no aniversário da sua morte, como sempre fora o nosso costume, para serem guardados em um ossuário de pedra. Mas, se eu ficasse, o deserto me reclamaria. Não podia vacilar agora, ou ceder à vontade de me deitar ao lado do meu amado.

Atravessaríamos a parte mais impiedosa do deserto, um lugar de sal e tristeza, uma terra ainda mais difícil de atravessar do que o vale onde encontráramos os essênios. Dizia-se que os soldados da guarnição romana espalhavam-se por toda parte e precisaríamos tomar cuidado para evitar os seus acampamentos, recuando quando necessário. Pensei na minha pobre cabra, cujo leite era a única coisa que eu suportava beber. Dizia-se que existia um demônio em formato de cabra no deserto chamado *Sa'ir*, mas, fosse como fosse, a cabra que eu encontrara era um anjo. Ela salvara a nossa vida quando não tínhamos nada; ela era selvagem e eu a mantivera em cativeiro e ela me perdoara; fora a minha única amiga na minha solidão.

Antes de sairmos, eu a soltei. Amarrei uma corda vermelha em volta do seu pescoço e levei-a ao mais alto penhasco.

– Pode ir – disse a ela enquanto cortava a corda que a prendia.

Ela estava tão acostumada a me seguir que não fugiu de volta para o deserto. Meu animal de estimação apenas ficou lá, olhando para mim. Bati em seu traseiro para fazê-la andar. Pensei nos olhos escuros de Ben Simon, na sua pele cor de azeitona, a curva de um sorriso sempre que via a cabra me acompanhando tão mansamente.

– Fique longe de mim – insisti, acenando para que se afastasse.

Sabia que, embora estivesse gritando com a cabra, falava com o fantasma de

Sia.

NO INÍCIO da nossa jornada, os penhascos eram tão altos que os homens tiveram de amarrar cordas em volta da minha cintura, e também em torno da cintura do meu pai, para depois nos puxar sobre as lousas lisas de calcário. Por causa da estação, brotavam ervas e aspargos selvagens nos *nechalim* entre as falésias. O ar estava perfumado com a hortelã e a cebolinha picante. Cada pedacinho de verde era uma delícia de ver. Viam-se também as flores amarelas da mostarda, como se fossem estrelas caídas no chão. O fruto do sicômoro adquiria uma cor alaranjada brilhante, e vespas eram atraídas pelo aroma do seu amadurecimento. Apreciávamos o som dessa vida abundante, mas logo seguíamos em frente, cada vez mais alto, para onde o ar era claro e fresco. Galgamos trechos de rochas de formas agudas entre as quais até mesmo o cabrito-montês não se arriscava. Já no segundo dia nossos pés sangravam.

Ao crepúsculo, não importava onde estivéssemos, ia me sentar em silêncio sozinha. No caminho obtinha o nosso jantar. Todas as noites eu observava as aves. Assim que descobria a rede delicada de galhos em que nidificavam, sentava-me por perto em silêncio. Elas se aproximavam de mim, pensando que fosse feita de pedra, vendo-me como uma parte do deserto e nada mais. Eu cobria seus olhos quando lhes quebrava o pescoço. Deveria deixar sua respiração subir de uma vez e dar-lhes uma morte limpa com um único golpe de faca. Sempre carregava a adaga de Ben Simon sob a túnica, guardada perto da pele, mas não a usava, a não ser para virá-la contra mim e marcar a minha perna. Segurava as aves perto de mim para ouvir seu coração bater e então fazia o que o deserto me ensinara.

Assávamos as aves em uma fogueira preparada pelos guerreiros. Eles me elogiavam enquanto comiam o alimento que eu preparara. Diziam que eu tinha talento. Era uma caçadora, brincavam. Meu pai fuzilava-me com os olhos quando entoavam seus elogios.

– Não foi nada – eu insistia. – Os pássaros me procuram.

Os guerreiros pareciam meninos quando brincavam comigo sobre minhas habilidades de caça; ainda assim, eu tentava me tornar invisível, como em Jerusalém. Os meninos tornavam-se homens à noite, quando sua pulsação se acelerava e o proibido parecia possível. Embora não tivesse um manto cinzento, sabia como desaparecer. Era capaz de me fazer sumir e parecer um nada quando me debruçava para limpar a panela com areia, os olhos fugidios. Mas à luz da fogueira o xale escorregava da minha cabeça e os amigos do meu irmão viam

que meu cabelo era vermelho. Era como se pensassem mais que eu era uma garota. Desviavam o olhar, pouco à vontade, envergonhados dos próprios pensamentos. Não deveriam nem mesmo ter-se sentado junto ao fogo com uma mulher que não era sua mãe, sua irmã ou sua esposa, que dirá aceitar alimento preparado pelas minhas mãos. Eu era considerada *niddah*, impura e imunda, pois não havia ali uma *mikvah*, nem mesmo uma lagoa de água barrenta. Estávamos no deserto e eles tinham pouca escolha. Comiam as aves que eu matava, ajudavam-me nas falésias, levavam-me para meu irmão. Ao fazerem isso, contavam histórias da fortaleza de que tinham se apossado, narrativas que considerei absurdas.

A fortaleza era inexpugnável, diziam, o terreno ao redor tão hostil que nenhum ataque contra eles seria bem-sucedido. O esconderijo fora um palácio construído pelo rei Herodes, um lugar de beleza sobrenatural escondido pelas nuvens. Ouvira falar daquele rei, cuja crueldade era tão lendária que se dizia que certa vez abrisse ao meio um porco-espinho, depois virara o pobre animal do avesso para depositá-lo sobre o rosto de um inimigo, para cegá-lo. Traíra as pessoas mais próximas e fora responsável pelo assassinato da esposa, Mariamne, a quem acusara de traficar *philtrons* e *pharmaka* – medicamentos, poções do amor e feitiços. Ela era tão linda que o general romano Marco Antônio enlouquecera ao vê-la e estava desesperado para possuí-la. Por causa disso, Herodes a condenou à morte. Pouco depois seu filho foi acusado de possuir um veneno preparado com peçonha de víboras por uma mulher de Edom, que era praticante de *keshaphim*. A execução do filho seguiu-se à da mãe.

Todo traidor sabe que sua sorte é receber em espécie o mesmo sofrimento que causou aos outros, mas Herodes sonhava pular a página em que fora inscrito o seu destino. Assim, construiu sua fortaleza na encosta ocidental da montanha chamada Massada, que concluiu cem anos antes da nossa época. A rainha do Egito queria a Judeia para si, pleiteando junto a Marco Antônio e Roma para que lhe concedessem esse deserto como um presente, pois ansiava pelos tesouros que possuía: uma rota para o mar, as salinas, as florestas de bálsamo que estavam além, em Moabe, tesouros de mirra e incenso, riquezas em demasia.

Diziam que nos esperavam em Massada mais de novecentos resistentes, trezentos dos quais guerreiros. Cinco invernos antes haviam tomado a grande fortaleza de Herodes das mãos de um pequeno grupo de soldados romanos que se alojavam ali. Fizeram isso com facilidade, na calada da noite, esgueirando-se pela parte traseira da montanha, um feito que os romanos consideravam impossível. Nada era impossível, eles descobriram. Eles conseguiram escalar em

direção ao céu, para mais perto de Deus.

Pensei que fosse um sonho quando o amigo do meu irmão jurou que o Palácio do Norte do velho rei era mais bonito que os jardins suspensos da Babilônia, uma das maravilhas da humanidade. As colunas em preto e branco haviam sido transportadas da Grécia, amarradas em barcos que atravessaram o mar aberto, depois puxadas por cordas e roldanas por toda a Judeia nas costas dos escravos. Os mosaicos cintilantes tinham sido trazidos da Itália ao deserto, para serem assentados, um ladrilho por vez, pelos melhores pedreiros. As casas de banhos, aquecidas por colunas de cerâmica dispostas sob o piso, eram feitas de quartzo de tanta qualidade que as pedras brilhavam com uma luz vermelha quando o sol estava alto. Os pisos eram estampados em tons de rosa, verde e preto, e os afrescos foram pintados por centenas de artistas italianos usando os melhores pigmentos de Roma, lembrando joias de água-marinha, safira e cornalina, brilhando como elas. As únicas cores que eu conhecia naquele momento eram as do deserto branco, o negro da noite, as manchas vermelhas do meu sangue na sola dos pés enquanto subíamos as pedras.

Ao mesmo tempo em que os homens falavam de tais maravilhas, amontoávamo-nos em cavernas úmidas onde os escorpiões se reuniam, buscando abrigo da fúria dos vendavais. Lembrei-me dos escorpiões aninhados no corredor da minha infância. Eles ficavam tão imóveis que poderiam passar por uma ilusão, até que de repente saltavam para atacar suas presas e provavam o contrário. A culpa era assim, eu descobriria. Distante, até nos atingir. Eu a ouvia quieta, a amiga que tivera, a mulher a quem traíra. Quando adormecia, sentia a curva do seu quadril contra o meu. Ouvira dizer que os demônios podiam unir-se a uma pessoa. Uma vez feito isso, era impossível deixá-los ou livrar-se deles. À noite, eles fechavam as mãos sobre as suas, tomando posse da sua presa como um predador. Sussurrava apenas em seu ouvido: *Você me pertence*.

O remorso me tragava naquele deserto, assim como meu silêncio. Ele subia em torno de mim como as árvores criam espinhos, selvagens, seus membros eram um emaranhado de galhos traiçoeiros. Havia hienas onde acampávamos, eu as ouvia chamando. À noite, víamos que formavam um círculo por entre as árvores sombrias na escuridão. Pegávamos pedras, prontos para o caso de a fome das feras poder levá-las a atacar. As minhas mãos estavam sujas, o meu lenço retalhado por faca. Segurava o único quadrado de azul que restara. Era tudo o que tinha do meu irmão e da vida que levava antes de vir para esse lugar.

Achava impossível imaginar que, se viajássemos mais para dentro daquele deserto, encontraríamos afrescos capazes de rivalizar com qualquer outro no

império e com o palácio de um rei. Ainda assim os amigos do meu irmão juravam em nome de Yehuda da Galileia, o homem que começara o estilo de vida zelote e a rebelião contra os sacerdotes que se curvaram a Roma, que à nossa frente houvesse mil lâmpadas de azeite para iluminar a noite, todas ardendo tão ferozmente que se igualavam às estrelas no céu. Quando perguntei quanto tempo levaríamos para chegar a esse lugar milagroso, eles riram e disseram que ainda algum tempo, pois a fortaleza só poderia ser encontrada no fim do mundo e deveríamos ter cuidado para não errar o caminho. Um passo em falso e nos desviaríamos por toda a eternidade.

O ar leve nos envolvia. Felizmente era inverno, portanto não seríamos assados vivos. Do oeste, o vento frio do mar chamado *Ruach Hayam* nos chegava em nuvens e estremeçíamos ao seu contato gelado. O vento voou por dentro da minha túnica e lembrou-me de coisas que seria melhor esquecer. O toque de Ben Simon, o modo pelo qual nos uníamos, como ele possuía a habilidade de me ver quando estava agachado na escuridão. Embora ouvisse as histórias do palácio de Herodes, não era atraída para pensamentos sobre o futuro e sobre milagres. Ansiava pelo que tivera antes, tudo o que perdera no transcurso de um único dia, no momento em que ele fora tirado de mim.

A minha vida no deserto transformara-se em cinzas. Tive o castigo que merecia. Assim como não libertara o seu marido, Sia não me libertava, não importa quão longe pudéssemos viajar. Pensei que poderia deixá-la para trás, mas, ao contrário, a distância ajudara o seu fantasma a parecer mais forte. Seu espírito revolvía-se em torno de mim todas as vezes que tentava comer, bicando-me. Não conseguia engolir mais que um bocado de comida. Se eu conseguia dar uma mordida, precisava devolvê-la e tentar engoli-la de novo. Quando fechava os olhos para dormir, ela estava lá, à minha espera. Ela me fitava com o mesmo olhar triste de quando perguntara se cuidaria de Ben Simon, embora soubesse o que fizéramos juntos no escuro e o que ele era para mim. Era dele que eu sentia saudade, mas era ela quem punha os braços em volta de mim, que deslizava seus dedos sobre a minha pele, que sussurrava em meu ouvido. Podia sentir sua febre por toda a minha pele.

*

UMA NOITE estávamos tão perto do Mar de Sal que acordei no meio de um sonho para descobrir que o sal tinha se entranhado de tal modo no meu cabelo que revirara as pontas e as tingira de branco. Sonhava com um caminho de pedras e uma serpente tão grande que poderia devorar uma cidade. Tentei falar com a criatura rastejante, implorando que fosse embora e nos deixasse em paz, mas a

serpente não quis saber disso. *Chegue mais perto*, ela sussurrou. Senti falta do leão dos meus sonhos. Senti sua falta e ansiei pela presença dele, apesar do perigo que isso representava. Estendi a mão para a serpente, mas ela desapareceu, deixando-me com um punhado de pó preto.

Os gritos dos guerreiros que nos conduziam me fez acordar de vez. Ainda grogue, despreguei-me do emaranhado do sono. Levantei-me e esfreguei o sal dos olhos. De repente, vi um milagre à minha frente. Se milhares de borboletas azuis tivessem se elevado juntas do chão, não teria sido uma maravilha maior. A fortaleza de Herodes estava suspensa no ar, projetando-se para fora da borda de um penhasco branco, exatamente como os guerreiros haviam prometido, uma maravilha do mundo.

Adiante se via o caminho que levava a Massada, subindo em curvas pelo precipício mais íngreme que podia ser imaginado. Um passo em falso, um momento de dúvida, e quem seguia por ali poderia facilmente despencar para a morte no vale abaixo. O deserto deixara-me descrente, mas, quando subi pelo que era chamado de caminho da serpente, que se enrodilhava como uma serpente pelo lado da montanha, senti algo aberto dentro de mim. Esse era o lugar para onde a serpente no meu sonho nos levaria. Reconheci-o com tanta certeza como se fosse um caminho pelo qual andara cem vezes antes: os pequenos salgueiros e os bosquetes de oliveiras, o giz branco da terra sob as rochas calcárias. Estava escrito no Livro da Vida que viríamos por esse caminho e era isso o que tinha de ser.

Acima de nós voavam aves de rapina, falcões e gaviões. Sabia o que seria de mim se tropeçasse. Eles iriam se vingar de todas as aves que eu matara no deserto, todas as penas que arrancara, algumas com os dedos, outras, quando estava morrendo de fome, com os dentes. Desejara a morte de alguém e tomara um homem que não me pertencia. Dera-me ao deserto para ser o que era agora, uma mulher possuída por um fantasma, de luto por uma existência que nunca teria novamente, carregando um segredo que amadureceria e me exporia como a ladra que me tornara.

Prestei atenção ao caminho e fiz o melhor que pude para não pensar em como poderia parecer aos outros, uma bárbara, a pele toda empoada de pó branco de rocha, a roupa suja, o cabelo transformado em palha salgada, branco nas extremidades mas escarlate nas raízes, os olhos vazios, apenas refletindo o deserto. Era uma leoa sem garras nem dentes, inclinando-me como uma velha enquanto me equilibrava sobre as rochas, tão longe da garota que fora um dia que mal conseguia me lembrar do meu nome. Pensei na promessa que fizera a

Ben Simon de manter silêncio. Agora, o silêncio era tudo o que tinha. O vento uivava à medida que subíamos mais alto no penhasco, e essa era a única voz que ouvíamos.

O caminho da serpente parecia não ter fim. As pedras que caíam produziam eco ao atingir o chão. O mundo parecia nevoento e distante daquele ponto de vista. Peguei a corda na minha cintura e disse que queria seguir sozinha. Andei sem ajuda, mesmo pela parte mais íngreme do caminho. Podia ouvir o ruído da minha respiração, afiada como um punhal. A fortaleza à minha frente era como um sonho, e como uma sonhadora segui em frente, maravilhada com a vista que presenciava. Aquilo era tudo o que disseram, ainda mais fulgurante em face da desolação que nos cercava.

Fôramos encontrados e trazidos a esse lugar tão próximo do céu que podíamos ouvir a voz do Rei da Criação. O Senhor nos salvara e libertara, como a Torá prometia que faria. Eu estaria disposta a fazer qualquer coisa pela glória de Deus enquanto caminhava até o portão, a não ser perdoá-Lo pela minha perda.

*

SOB A TÚNICA, meu irmão usava uma armadura para se proteger nas ocasiões em que saía no meio da noite. Uma adaga não seria suficiente. Ele precisava de armas mais pesadas agora: um arco, flechas, um machado, uma lança de madeira e latão. Ele parecia um dragão com escamas ou uma serpente de prata, criaturas temidas pelos homens, conhecidas apenas de Deus. Havia de fato trezentos guerreiros, mas reconheci instantaneamente o meu irmão através do campo sob o caramanchão cor-de-rosa das amendoeiras, plantadas no alto desse patamar acima do resto do mundo. Reconheci a arrogância com que caminhava, a luz cintilante que brotava de dentro dele. Até mesmo a armadura não conseguia esconder isso. Meu pai fora levado a ele imediatamente, mas só me encontrei com Amram depois de me purificar. Fui levada para uma das *mikvahs*, pois havia várias, para as mulheres e para os homens. Na maior casa de banhos havia uma fileira de escadas para os já limpos e outra para os sujos. A água tingiu-se de preto no local em que me encontrava e as outras mulheres deixaram o banho, para não se tornarem impuras novamente. Não me surpreendi. O que fizera nunca poderia ser lavado.

Vesti a túnica rasgada e os lenços que Tamar me dera, depois corri para encontrar o meu irmão no campo. Se fechasse os olhos e inspirasse o aroma das amendoeiras, poderia imaginar que havia entrado em outra vida. Talvez pudessemos um dia voltar a Jerusalém e encontrar o mundo que nos fora

roubado. Talvez todos aqueles meses tivessem sido um sonho, como o meu com o leão. Então ouvi meu irmão gritar para mim e ficou bem claro que não haveria como voltar. Ele me chamou de Yaya, meu nome de infância. Eu sabia que aquela menina desaparecera.

– Demorou muito tempo para que você viesse até aqui – disse Amram, abraçando-me, depois me afastando para me dar uma olhada.

Apenas alguns meses tinham transcorrido desde o nosso último encontro, no entanto parecia que haviam se passado dez verões. Antes desse dia, Amram sempre parecera mais jovem que eu – agora se mostrava um verdadeiro guerreiro, feroz, seguro de si. Pela primeira vez me senti a irmã mais nova. Meu irmão me fazia pensar em aço, um metal que era transformado pelas chamas. Não quis saber quantos homens ele matara ou que atos cruéis teria perpetrado. Fiquei horrorizada ao pensar que ele poderia ter sido um dos guerreiros que tomaram Ein Gedi e abatido pessoas da nossa fé.

– Estou aqui agora – disse.

Meu cabelo estava limpo e lubrificado, trançado acima da cabeça. Pelo olhar do meu irmão, poderia dizer quão diferente lhe parecia. Ele me examinou, perscrutando a minha expressão, não capaz de ver o que acontecera, mas consciente de que algo mudara. Eu fora mordida por um leão, mas era preciso olhar para o meu íntimo para ver a cicatriz.

– Pensei que a encontraria muito antes. Deve ter se escondido bem, Yaya – Amram brincou.

Pensei nas cavernas em que acampara e no que fizera lá, e no último lugar triste onde Ben Simon morrera. Se tivesse me acompanhado aos essênios, poderia ter vivido. Cheguei a pensar que ele sabia o que lhe aconteceria se escolhesse ficar para trás, e ainda assim preferiu ficar. Deveria ter percebido isso pelo modo que desviou o olhar de mim, como se já estivéssemos separados, quando o procurei para me despedir. Deveria ter notado quando me deu a adaga.

Não queria que meu irmão visse a minha vergonha. Deixei-me cair sobre a grama, sob uma cobertura de flores cor-de-rosa da amendoeira, para desviar o meu rosto e escapar do olhar curioso de Amram. Dizia-se que as amêndoas das árvores cor-de-rosa eram amargas, ao passo que as das árvores de flores brancas eram sempre doces. Baixei os olhos para tentar me parecer com qualquer outra jovem mulher solteira.

– Fizemos o melhor que pudemos – disse simplesmente.

– Os outros não tiveram sorte – respondeu ele. – Fiquei triste ao ouvir sobre a sua travessia. Pensei que Jachim ben Simon cuidaria de você. Foi por isso que a deixei nas mãos dele.

– Era o destino dele seguir para o Mundo Vindouro – disse a ele. Só isso e nada mais.

Meu irmão sentou-se ao meu lado alegremente, por um momento um menino de novo em vez de um guerreiro. Exibia cicatrizes que não vira antes, incluindo um corte profundo em seu pescoço, no ponto em que fora perfurado por uma flecha. Quando soltou a armadura, notei que a constante pressão do arco que carregava gravara uma marca em sua pele: via-se um crescente em suas costas e seu peito, mesmo quando não portava a arma.

Deixara crescer o cabelo, que trançara com firmeza como era hábito entre os guerreiros. Seu rosto ainda era bonito, mas queimado pelo sol, mais fino. A receptividade da juventude se fora. Não era mais um garoto aprendendo sobre a rebelião na meia-sombra vermelha do *flamboyant*.

– Somos um dos últimos redutos de toda a Judeia – ele me disse. – Fortaleza depois de fortaleza, todas caíram. Não sairemos daqui, nunca o faremos.

Havia apenas duas rotas para Massada, o caminho pelo qual viéramos, pelo deserto impiedoso que se estendia em direção às montanhas de Moabe, do outro lado do Mar de Sal, ou ao longo da rota poeirenta que ligava Edom e o Vale do Aravá a Ein Gedi e Jerusalém. As duas rotas eram visíveis daquela altura.

– Estamos seguros aqui – meu irmão me confortou.

Disse-me que, quando chegaram, os rebeldes puseram abaixo a águia dourada que Herodes instalara sobre o enorme portão do palácio. Não deveria haver ídolos ali, nem grandes ostentações de riqueza. Todos os homens eram iguais naquele domínio, não havia reis, somente o reino de Deus. Ninguém precisava se curvar para ninguém, nem mesmo a Eleazar ben Ya'ir, seu líder, um grande homem e um grande guerreiro.

Meu irmão me mostrou que continuava a usar o amuleto de Salomão que lhe dera, amarrado em torno do pescoço. Ainda se orgulhava muito dele.

– Onde está o seu lenço? – ele perguntou então.

Mostrei-lhe o único pedaço de seda que restara. Disse-lhe como o lenço salvara a minha vida e a do nosso pai, contei-lhe como se tornara um mapa para nos guiar através do deserto, amarrado às árvores espinhosas. Para a minha

grande surpresa, meu irmão estendeu-me um pedaço de tecido azul que combinava. Esse lhe fora trazido pelo vento, ele me contou. De início pensara que fosse um pássaro e estendera a mão. O tecido aproximou-se dele como se o tivesse chamado. Assim ficara sabendo que eu ainda estava viva e que me encontraria, e que a nossa presença nesse lugar tão perto de Deus estava para acontecer.

SEGUIMOS ANDANDO pelo pomar, em direção a terraços em que cresciam antigas oliveiras e videiras enormes e retorcidas. Nos jardins havia cebola, grão-de-bico, pepinos, melões, todas essas culturas possíveis graças ao uso surpreendente, determinado pelo rei Herodes, de cisternas e lagoas de onde era trazida a água para a montanha. À nossa frente estendia-se um campo de trigo e cevada, os feixes amarrados por cordas. Um arado puxado por burros sulcava o restante da cultura, a lâmina ligada a uma comprida viga de madeira, dois rapazes gritando aos burros para mantê-los andando. À medida que o joio se levantava, o ar brilhava amarelado, como o mel derramado para dentro de uma tigela.

Amram contou-me sobre os imensos armazéns da época de Herodes, cheios de enormes vasos de porcelana com vinho e azeite enviados de Roma e da Grécia, muitos ostentando o selo do rei. Pelo Portão da Água e pelo Portão da Água do Sul, burros traziam dos barrancos abaixo barris de madeira cheios de água recolhida nas lagoas, o suficiente para as quatro casas de banhos e as doze cisternas, uma delas tão grande que podia conter cinquenta pessoas ombro a ombro. Não era problema encher as piscinas, mesmo nos meses de seca. Dentro da muralha da fortaleza, desenvolvia-se um mercado muito parecido com o de Jerusalém. Havia padeiros, curtidores e tecelões em pequenas lojas montadas em baías estreitas entre a muralha de Herodes e o campo aberto da praça. As tendas e casas de madeira eram construídas de encontro à muralha fortificada.

Os guerreiros moravam nos alojamentos antes ocupados pela guarnição romana, enquanto os sacerdotes e homens cultos ocupavam os pequenos palácios em que os parentes e assessores de Herodes viveram muito tempo antes. Todos os aposentos dos palácios tinham pisos de mosaico de ônix preto e branco pérola. Os banhos públicos também eram decorados com mosaicos reluzentes, formando faixas de flores de pedra ou de padrões numéricos. Viam-se afrescos vermelhos e alaranjados nas paredes do palácio, alguns ainda com as bordas folheadas a ouro. Ben Ya'ir e seus parentes moravam no palácio menor, com vista para o vale. Quanto ao Palácio do Norte, a construção mais elegante e impressionante, tão fantástica que rivalizaria com qualquer maravilha do mundo, guardava as armas e os suprimentos. Ali foram criadas lojas em barraquinhas,

com sapateiros e açougueiros, pois nenhum homem entre os rebeldes jamais viveria em um lugar de riqueza como o rei o fizera antes, estabelecendo residência sobre aquela montanha para provar que era o dono do mundo.

Os homens reunidos em Massada eram dedicados ao Sião, dispostos a qualquer sacrifício, desafiadores em todos os sentidos, não querendo ser escravos de nenhum outro homem. Quanto a Ben Ya'ir, dizia-se que não temia sequer *Mal'ach ha-Mavet*. Quando o Anjo da Morte aparecesse à sua procura, tinha a intenção de arrancar as doze asas daquele ser feroz e derrubá-las ao chão, ensanguentadas e cobertas de penas, como um dom de Deus.

Meu irmão e eu ficamos olhando para a residência de Eleazar ben Ya'ir.

– É uma honra para mim segui-lo – meu irmão comentou.

– Ele mora em um palácio e eu moro no campo? – provoquei.

Meu irmão me disse que haviam preparado os aposentos para o meu pai e que era para eu acompanhá-lo e cuidar dele. Amram ficara chocado ao ver como nosso pai se tornara frágil.

– Está doente? – meu irmão perguntou, preocupado.

– Ele não descansaria enquanto não o encontrássemos. – Quis poupá-lo da verdade. A velhice do nosso pai se acelerara pelo fardo dos homens que matara, pela filha a quem dera as costas, por um deserto tão feroz que o pusera de joelhos.

Quando Amram quis saber mais sobre o tempo em que estivemos vagando, disse apenas que sobrevivêramos. Não mencionei o homem que fora marcado por um leão ou a mulher cujo fantasma me assombrava. Em vez disso, contei-lhe sobre a cabra selvagem, que devia ser um anjo, cujo leite nos salvara da inanição. Rimos ao pensar em uma cabra como um anjo e admiti que sentia falta do meu animal de estimação, pois ela se tornara minha confidente e amiga. Meu irmão lembrou-me que a nossa palavra para anjo era a mesma para mensageiro, pois era possível saber que se fora visitado por um ser luminoso pela mensagem que se recebia. Quem sabe a cabra viera para me ensinar como sobreviver em uma terra tão inclemente que parecia impossível fazê-lo.

– E quanto a você? – perguntei. – Recebeu alguma mensagem?

Meu irmão pareceu vulnerável nesse momento, mais um menino que um guerreiro de olhos frios. Mas o tempo se passara e ele, que sempre me contara os seus segredos, pareceu aliviado quando foi chamado para a guarnição antes de

poder me responder. A mãe do seu amigo Uri apareceu para levar-me ao espaço que ocuparia.

– Não espere muito – ela me advertiu.

Por não esperar nada, fiquei satisfeita com o que recebi. Nosso quarto ao lado da muralha de Herodes era muito melhor que qualquer abrigo que conhecera desde que fugira da cidade. Tinha um telhado de tecido e três paredes de madeira. Fora construído um pequeno forno redondo contra a parede de pedra e havia uma pequena câmara em que poderia dormir. Se ficasse na ponta dos pés, poderia enxergar através de um vão na parede e admirar as falésias. Meu pai esperava por mim quando cheguei. Já havia abençoado o lugar.

– Eu lhe disse para confiar em Deus – ele falou. – Você não devia ter sido tão fraca.

Engoli as minhas palavras. Não disse: *Foi você quem chorou no deserto, não eu. Você temia os animais selvagens e a fome, enquanto eu ia caçar pássaros e ousava enfrentar os leopardos.*

Arrumei a nossa casa com o que o conselho local decretara que deveria caber a cada família – um colchão de palha para dormir, duas lâmpadas de azeite, cobertores de lã, copos e tigelas de pedra. A mãe de Uri trouxe-nos nossa ração de tâmaras, lentilhas e frutas, juntamente com uma panela de cerâmica e um recipiente com azeite para cozinhar e usar para acender a lâmpada no *shabat*. Ela me avisou que a vida ali era difícil. Inclinei a cabeça, fingindo ouvir, mas quase ri. Ela estava limpa, tinha o cabelo trançado e eu era uma bárbara que enfrentara um leopardo. Agradei-lhe pelas inúmeras gentilezas.

DEPOIS DA MINHA primeira noite na fortaleza, muitas vezes voltei a visitar o pomar onde as amendoeiras estavam em flor. Era o mês de *Adar*, o começo da primavera. Precisava de um lugar calmo, que me oferecesse a oportunidade de fugir do desprazer da companhia do meu pai. Ele me olhava, infeliz por compartilhar a sua residência comigo, incomodado com o canto em que eu me alojara, amaldiçoando a minha existência. Nunca me atrevi a retrucar. Sabia que três luas novas haviam se passado desde que tivera o meu sangramento mensal. Nos pomares, as abelhas egípcias eram abundantes e o ar, suave e rosado. Viéramos de uma terra árida para um jardim, de vales de morte para campos de abundância. Estava tão acostumada à luz branca fustigante que me atormentava ver os inúmeros tons de verde, dourado e rosa. Precisava semicerrar os olhos e protegê-los com a mão. Acostumara-me ao silêncio do deserto. Ali havia cerca de mil pessoas, uma humanidade diversa, em uma cidade que irrompia por entre

as nuvens, sem necessidade do resto do mundo. O conselho imprimia suas moedas em oficinas próprias. As uvas eram recolhidas para a produção do vinho, cuidava-se das colmeias para o aproveitamento das abelhas. Havia teares montados na praça para as mulheres e à noite suas vozes irrompiam enquanto cardavam a lã. Eram mantidos cercados para os animais, feitos de uma trama de ramos de árvores espinhosas. As ovelhas empoeiradas baliavam umas para as outras; as cabras negras e seus filhotes tinham espaço para correr. O ar vivia impregnado do aroma da panificação, do preparo das refeições nas cozinhas, da fragrância fresca das ervas verdejantes, do coentro, do endro e da sálvia cinza-escura.

Aquilo tudo era demais para eu absorver depois do período passado no deserto, uma torrente de ruídos e aromas engolfando-me como a maré. Ansiava pelo que tivera antes. Um pássaro entre as rochas. As estampas empoeiradas de um leopardo. Eu mesma quase sem falar, e, se levantava os olhos para alguém, era por nada mais que um instante. Algumas mulheres me observavam enquanto eu andava, curiosas. Algumas acenaram, mas puxei o cachecol mais para junto de mim. Garotas passaram correndo a caminho dos banhos. Senti o pesar crescer dentro de mim quando as avistei. Desejei poder jogar fora meu lenço e correr com elas, tagarelando esperançosa. Se pudesse despir minhas roupas e mergulhar na piscina talvez conseguisse me purificar, ser perdoada e começar de novo, uma garota de novo. No entanto, se tivesse de renunciar a tudo o que acontecera, eu recusaria. Ansiava por tudo o que perdera. Gostaria de poder recuperar a cabra que era o meu anjo. Gostaria de amarrar uma corda de sinos ao seu pescoço e outra em volta dos meus pés para que pudéssemos encontrar uma à outra sempre que irrompessem as tempestades. Gostaria de assistir ao aguaceiro escuro despencar do céu enquanto ouvia o som dos sinos. Não teria de fingir ser nada além do que me tornara.

Avistei o *auguratorium*, o observatório de aves deixado pelos romanos quando acamparam ali. Era uma das muitas torres construídas ao longo da enorme muralha que circundava todo aquele posto. O observatório encontrava-se na posição mais favorável, com vista para as montanhas do norte, o ar temperado pela brisa fresca. Vira torres semelhantes em Jerusalém, edifícios sagrados em que os ossos das aves eram jogados para predizer o futuro, de cujas alturas os mágicos podiam observar o movimento dos rebanhos e prever o que estaria por vir.

Diziam os sábios que era possível estudar e aprender a magia, mas nunca praticá-la, pois isso era proibido, embora pudesse ser encontrada em segredo ou

escondida em torres como aquela. Subi a escada de madeira. O ar era ainda mais frio ali, a distância reluzindo em ondas cintilantes. Engoli em seco diante do mundo à minha frente, pestanejando na luz ofuscante. Falcões deslizavam pelo céu, mas eu não sabia o que significava seu voo, nem quando mergulhavam mais próximo do precipício, nem quando subiam no horizonte ocidental. Não tinha talento para a magia de qualquer espécie.

Ajoelhei-me para ver centenas de ossos espalhados no chão, abandonados pelos romanos quando fugiram. O piso estava salpicado de cacos brancos. Não fazia ideia do que significavam. No entanto, senti-me profundamente afetada ao ver os ossos afiados, pela música sutil que o vento compunha nas suas cavidades. Senti que era observada. Ergui os olhos e vi uma pomba que aparecera na parede. Fiquei quieta e estendi as mãos. Depois de tudo o que fizera, de todos os meus pecados, ela se aproximou sem medo.

*

PELA MANHÃ enviaram uma menina para me encontrar, talvez uma daquelas que passaram por mim correndo a caminho dos banhos, uma menina muito jovem e inocente para conhecer os segredos existentes entre mulheres e homens, que pensava que o que se via à luz do dia era tudo o que existia e que não tinha conhecimento da noite. Ela era educada e bonita, não teria mais que treze anos e usava brincos pequenos de cornalina e ouro nas orelhas. Disse que se chamava Nahara, cujo significado timidamente me explicou. Trazia-me um par de sandálias e ri quando hesitei, desconfiada de aceitar um presente de uma estranha.

– Vai precisar delas onde está prestes a ir – ela me informou.

As minhas sandálias haviam ficado arruinadas ao longo da viagem, o couro desfeito em tiras. Calcei as novas para descobrir que se ajustavam perfeitamente aos meus pés. Enquanto a acompanhava, Nahara informou-me que estava me levando para a função que me fora atribuída. Perguntou o meu nome, uma palavra que não havia pronunciado em voz alta havia tanto tempo que quase me esquecera do seu som.

– Meu nome é feio – assegurei a ela. – Ao contrário do seu.

Caminhamos juntas por toda a Praça Ocidental, pavimentada com pedras enormes trazidas da Grécia pelo mar. Nahara mantinha-se ao meu lado.

– Preciso chamá-la de algum nome – ela insistiu. Era uma menina séria, serena, mas voluntariosa, situada entre uma irmã mais velha e um irmão mais

novo, acostumada a tomar as próprias iniciativas.

Alguns acreditavam que por saber o nome de algo era possível ter acesso à sua essência. A maioria dos pais não revelaria o nome de um filho do sexo masculino após o nascimento até que fosse circuncidado oito dias depois, para que pudesse reunir suas forças e não ficar vulnerável aos demônios que pudessem chamá-lo. Nahara encolheu os ombros quando disse que cada nome era um segredo conhecido apenas por *Adonai*. Insistiu que provavelmente eu tinha um nome bonito, pois o cabelo era o mais bonito que já vira. Todas as mulheres do assentamento comentavam sobre isso, ela me disse. Falavam que fora queimada em um incêndio e que essa era a causa das manchas na minha pele e do meu cabelo cor de fogo.

– Pois devem ter cuidado para não soprá-las – avisei. – Poderia ser um dragão. Elas ficariam cobertas de faíscas.

Nahara riu, depois confidenciou que a mãe me vira no *auguratorium* e pensara que tinha um talento especial.

– É por isso que vai trabalhar conosco nos pombais. Ela a escolheu quando a viu na torre.

Meu coração murchou. A tantos lugares eu preferia ser enviada, praticamente qualquer outro lugar teria sido um avanço: os olivais, as padarias, até mesmo os celeiros de cabras. Havia três *columbaria*, os pombais em estilo romano em que eu trabalharia. Dois construídos no formato oblongo, mas o terceiro era uma torre circular com uma plataforma no piso superior, usada para observação. As janelas de todos eram cobertas por telas, para impedir a entrada de falcões curiosos. Os três edifícios eram feitos de pedra e cobertos com argamassa branca, erguidos do chão, para que as cobras em busca de ovos não entrassem. Eram criadas milhares de aves e cada um dos nichos esculpidos nas paredes brancas abrigava um casal de pombas, unido por toda a vida.

Durante a época em que a guarnição romana ocupara Massada, as prateleiras no local eram usadas como câmaras funerárias, para armazenar as cinzas dos mortos, mas agora voltavam a alojar as rolas em nidificação. O que quer que os romanos tivessem corrompido durante a sua estada ali, depois da queda do rei Herodes os nossos rebeldes devolveram ao uso adequado. O que usavam para os mortos fora transformado em vida nos corações palpitantes das pombas. Não acreditávamos em transformar carne em cinzas, mas em venerar os ossos dos antepassados devolvendo o corpo à terra, de onde ele veio nos dias de criação. O local que abrigava os mortos durante a ocupação romana estava de novo

permeado de música, o arrulho *tirr tirr* que aprendera a imitar no deserto, para que os pombos se aproximassem por me considerar um dos seus.

Uma das abominações que os romanos haviam cometido era usar a sinagoga para seus estábulos. As pessoas diziam que foram necessárias semanas para limpar o excremento e purificar o espaço. Mesmo depois de tudo, dizia-se que ainda era possível sentir o cheiro de cavalos quando caíam as chuvas, então se acendia incenso ali todas as manhãs. Mas nenhum incenso seria capaz de encobrir o odor pungente, úmido dos dejetos das pombas, que me atingiu em cheio quando Nahara me levou ao pombal de pedra. De todos os três, esse era o maior, impregnado com o mau cheiro dos pássaros. Ainda pior era o barulho. Quando adentramos a penumbra pelas pesadas portas de madeira, o som era insuportável, pois as pombas entoavam seu canto a uma só voz. Parei, abalada pelo bater de asas, de novo ansiando pelo silêncio que conhecera no deserto.

Nahara sorriu ao notar a minha reação, o rosto virado para cima.

– Elas não mordem – afirmou ela. – Você vai se acostumar.

Pegou um pássaro que voara para o chão, segurando-o com suavidade. Era para cuidarmos deles, alimentá-los, recolhermos os ovos. Mais importante ainda, era para recolhermos seus excrementos, utilizados para fertilizar as culturas. Era por isso que prosperavam os belos bosques sobre aquele precipício, em que o solo era pouco mais que calcário coberto por uma fina camada de terra, e por isso o ar cheirava a amêndoas. Os dejetos das pombas fertilizavam os campos; seus excrementos eram o segredo para criar um jardim no deserto.

Três outras mulheres trabalhavam no pombal, todas elas ocupadas até a nossa chegada. Elas se voltaram na minha direção. Alguém poderia imaginar que aquela tarefa desagradável seria o último tipo de trabalho que se poderia querer, mas as três mulheres pareciam orgulhosas do que faziam. Uma delas, a mais velha, cujo nome era Revka, olhou-me com desaprovação, como se tivesse invadido sem ser convidada o seu domínio e já me classificara como indigna. As outras eram a mãe e a irmã mais velha de Nahara, cada uma mais bela que a outra. Aziza tinha dezesseis anos, era tranquila e tinha a pele bem morena. Como estava ao lado da mãe, mal consegui distingui-las. Mas fora Shirah, a mãe delas, quem me escolhera.

Nahara sussurrou-me para dar um passo adiante, lembrando-me do interesse da mãe por mim. Gostaria de saber se fizera sua escolha quando vira a pomba se aproximar de mim sem ser chamada.

Naquele lugar barulhento, Shirah mantinha-se serena, envolvida por uma calma sombria. Aproximei-me, depois parei, afogueada. Nossos olhares se encontraram e senti algo inesperado entre nós, uma onda de calor. Parecia que me tornava transparente aos seus olhos.

– Eu me pergunto como uma leoa cuidará de um pombal. É capaz de guardar seus dentes e suas garras?

As outras mulheres se reuniram à nossa volta, rindo do comentário de Shirah. Senti-me vulnerável e exposta, ainda que o salão estivesse às escuras, apenas com réstias finas de sol entrando pelo telhado e pelas janelas teladas.

Shirah usava uma longa trança negra nas costas. Era de uma beleza extraordinária, com as maçãs do rosto salientes e os olhos escuros, quase negros. As outras mulheres pensaram que estava me provocando, depois de ter percebido o meu desagrado em cuidar das aves. Não entenderam o que quis dizer. Mas eu, sim. Ela sabia o que havia em meu íntimo.

– Quem me dera ser uma leoa – disse pesarosa. – Não passo de uma pobre andarilha.

– E não somos todos? – a mulher mais velha, Revka, respondeu. – Você se acha muito diferente de nós? Pensa que é boa demais para colher a merda destas pombas, não é? – perguntou com desdém. – Se for isso, pode sair agora.

As mulheres admiravam meu cabelo vermelho. Como Nahara dissera, era o que as pessoas notavam em primeiro lugar. Talvez acreditassem que Shirah se referisse à cor castanho-amarelada quando falara de leões. Não faziam ideia de quem eu era ou do que fizera. Os pássaros esvoaçavam à nossa volta, espontaneamente atraídos por mim. Mantive os olhos no chão enquanto falava. Tudo o que queria era ficar sozinha.

– Farei o trabalho que me destinarem – disse.

Façam comigo o que quiserem, o que lhes der vontade. Não mereço mais do que o que recair sobre mim.

Shirah aproximou-se com uma cesta de folhas de palmeira, belamente tramada com um desenho de folhas sobrepostas. Seus olhos eram enormes e profundos, contornados por *kohl*. Usava pulseiras de ouro nos braços e amuletos amarrados em torno do pescoço por um cordão vermelho, incluindo dois talismãs de ouro, que brilhavam a meia-luz. As filhas se aproximavam e passaram os braços ao redor da cintura fina da mãe. Seu amor por ela era evidente e as invejei. Gostaria de ter sabido o que é ter mãe, alguém que estaria sempre ao meu lado, não importando o que fizesse.

As aves arrulhavam. Senti uma pulsação na garganta, recordando-me de como esperava as minhas presas no deserto, como se aproximavam de mim e como as matava. Shirah entregou-me a cesta. Perguntei-me se fora tecida com as folhas das palmeiras de Ein Gedi, se alguma mulher tramara o desenho com as folhas na manhã da própria morte.

– Até mesmo uma leoa precisa trabalhar – disse-me Shirah.

O TRABALHO começou imediatamente. Estávamos todas vestidas de branco, pois

se acreditava que as cores vivas perturbariam as pombas e prejudicariam a postura. Talvez não fosse por acidente que a mulher essênia, Tamar, tivesse me dado aquela túnica, como se de algum modo soubesse que seria escolhida para o pombal. Talvez não fosse tão invisível quanto imaginara.

Não havia tempo para duvidar de mim mesma ou para reclamar. Rapidamente, Aziza ensinou-me a alimentar as que estavam sob nossa incumbência com uma mistura de quirera, trigo e ervilhaca, e como afugentar os pares dos ninhos quando necessário para recolher os ovos ou limpar os excrementos. Os ovos que permanecessem nos ninhos eclodiriam em breve, e os pais cuidariam juntos dos filhotes. Aziza preocupava-se em me ajudar a aprender os trabalhos no pombal. Ela se parecia com um cervo, com pernas e braços delgados, e uma grossa trança de cabelo escuro, como a mãe, brilhante e negro como a noite. Mas, enquanto os olhos de Shirah eram muito escuros, os de Aziza eram de um cinza-claro incomum, como a água do rio, cheios de luz e movimento. Trazia uma pequena cicatriz quase imperceptível, como uma lágrima, embaixo de um dos olhos.

Nahara foi conversar com sua irmã a meu respeito. Os olhos das irmãs brilhavam. Parecia bom ter alguém novo de quem falar, uma oportunidade para quebrar a monotonia do dia de trabalho.

– Ela não me disse seu nome quando perguntei – Nahara informou a Aziza.

As irmãs ficaram com as mãos nos quadris, considerando o que fazer comigo. Eu me envergonhava de ser considerada digna do seu interesse.

– Precisamos chamá-la de algum nome – Aziza insistiu, querendo ser minha amiga.

As irmãs estavam tão perto que suas palavras eram como contas no mesmo cordão de ouro. Se eu dissesse o meu nome em voz alta talvez me livrasse da curiosidade delas. Trabalharíamos lado a lado, afinal de contas, e elas precisariam me chamar de algum nome.

– Yael – consegui pronunciar, pois era uma palavra que me deixava um gosto amargo na boca. Soara sempre como uma maldição e manteve-se assim desde aquele dia.

As irmãs pareceram satisfeitas, assegurando-me de que o meu era um nome bonito.

– Tem mais alguém aqui com você? – Queriam saber mais sobre mim, para que pudéssemos ser amigas. Dei de ombros friamente, como se desdenhasse a

resposta.

Um leão, um fantasma, uma cabra que é um anjo, uma centena de aves com o pescoço quebrado.

– Fui trazida para cá pelo meu irmão. Amram, filho de Yosef bar Elhanan.

Para minha surpresa, a curiosidade delas definhou e as minhas palavras caíram como pedras. Ouvi o eco do nome do meu irmão. O silêncio que obtive em resposta foi algo que entendi, era melhor deixar intocado o reino dos segredos.

Nahara foi chamada pela mãe. Pareceu grata por ter uma desculpa para sair em direção ao menor dos pombais, muito embora as guardiãs dos pombos geralmente não gostassem de trabalhar lá, pois o prédio era tão apertado que cabia apenas uma pessoa dentro das suas paredes. Ao meu lado, Aziza rapidamente voltou ao trabalho, afastando as pombas, recolhendo os seus ovos. Eu podia ver através do espelho dos seus lânguidos olhos cinzentos. Ela não precisava me dizer mais nada para que eu compreendesse como o nome do meu irmão soara para ela. Uma vez pronunciado, ele se recusava a desaparecer.

*

NOS DIAS que se seguiram, guardei-me para mim durante as horas passadas nos pombais, cumprindo as tarefas que me haviam sido designadas. Era amável o bastante, mas só falava quando as outras me dirigiam a palavra. Era a sua serva, nada mais. Não era uma delas e não pretendia ser. Tivera uma amiga uma vez, e a traíra. Não precisava de outra.

As outras mulheres faziam a refeição juntas ao meio-dia. Eu comia sozinha. Ia ao pomar sob o sol do meio-dia, levando comigo um pouco de queijo seco e pão sírio. Aproximava-me da muralha e observava ao longe, olhando para o norte, a direção da qual viera, onde deixara os ossos. Um dia, algumas das mulheres que trabalhavam nos campos vieram sentar-se ao meu lado. Prendiam o cabelo e cobriam a cabeça com um lenço para sombrear a pele. As suas mãos, no entanto, estavam marrons do trabalho em um bosque de pistache, lisas com óleo de noqueira. Tinham vindo de Jerusalém, acompanhando os maridos, pais ou irmãos. Agora agiam como pessoas afortunadas que haviam encontrado o caminho para o Jardim do Paraíso. Ouvira-as cantando enquanto trabalhavam. Algumas carregavam bebês em tipoias amarradas às costas ou nos quadris. As mulheres solteiras convidaram-me para encontrá-las nos banhos. Abanei a cabeça e disse que não podia fazê-lo. Não queria que ninguém notasse as minhas formas arredondadas quando tirasse a túnica. Como desculpa, disse que deveria

permanecer nos pombais, pois mal começara a trabalhar por lá e queria agradar Shirah. Quando ouviram isso, as mulheres ficaram desconfiadas.

– Tudo bem – disse uma delas, afrontada. – A escolha é sua, se prefere a Bruxa de Moabe.

As mulheres do campo que haviam se reunido ao meu redor me alertaram, murmurando que Shirah viera do deserto depois de atravessar o Mar de Sal. O sal a levantara, permitindo que ela e as filhas atravessassem sem se afogar. Shirah, asseguraram-me, era capaz de invocar as nuvens assim como chamava os pombos no pombal. Depois da sua chegada chovera a cântaros por semanas. As torrentes caíram até que o mundo se tornasse verde e as pessoas chorassem de alegria. Fora por isso que o líder de todos ali, Ben Ya'ir, a mandara chamar. Shirah era sua prima, mas havia mais coisas por trás da sua chegada. Até mesmo um grande homem poderia às vezes precisar de uma bruxa.

Considereei aquelas mulheres tolas, alheadas da realidade. Que tipo de bruxa trabalharia em um pombal, teria lentilhas como refeição, coletaria excrementos, recolheria ovos de pombos em uma cesta? Ela era uma mulher como qualquer outra. Ainda assim, quando regressei ao pombal notei que Shirah insinuava uma curiosidade intensa; o que passava despercebido das outras parecia claro para ela. Às vezes, no fim do dia, quando trancava a porta, ela se voltava para me observar. Naqueles momentos sentia que ela sabia tudo sobre mim. Ainda mais estranho, não tinha vontade de me esconder dela. Queria falar da noite em que me cortara pela vigésima primeira vez, da manhã em que partira em busca de uma cura e da noite em que voltara para descobrir que Ben Simon já entrara no Mundo Vindouro. Talvez isso, sim, fosse bruxaria, fazer alguém ansiar por revelar-se.

*

UMA NOITE, uma jovem aguardava no lado de fora do maior pombal. Era uma serva, trazida de Jerusalém pela família do seu senhor, que vivia com eles como sua cozinheira e empregada doméstica. Eu a vira nos campos de cultivo. Em meio às sombras, ela fez um gesto para Shirah, pedindo-lhe para acompanhá-la. Shirah dirigiu-se às filhas, mandando-as para casa, a fim de encontrarem-se com o irmão mais novo e começarem a refeição da noite.

Depois que Shirah se foi com a empregada, eu a segui, curiosa. Descalcei as sandálias e andei descalça, como fazia quando espreitava os pássaros. Senti algo errado nas minhas ações, mas continuei. Shirah e a empregada não pararam até chegar ao extremo da muralha. Lá, entraram por um canto escuro. Não

estávamos muito longe do lugar em que haviam sido montados grandes teares para as mulheres trabalharem à noite, depois de concluídas as tarefas diárias. Parei atrás de uma coluna, onde sombras esverdeadas espalhavam-se sobre as pedras. Senti-me como quando me agachava no deserto, à espera de uma presa. Podia sentir a pulsação latejar na garganta.

Com um pedaço de madeira carbonizada, Shirah desenhou na muralha a imagem de um olho. Pegou uma agulha da bainha da túnica que usava e, enquanto recitava um encantamento, perfurou o olho com a agulha. O som baixo e rítmico de sua voz se propagava até onde eu estava escondida. Apesar de não entender as palavras, imaginei o que estaria fazendo. Estava obrigando algum homem a ser verdadeiro, como eu fizera no deserto na noite em que desenhara o rosto do leão na areia. Outros homens poderiam se desviar, mas aquele seria obrigado à fidelidade como um fio, ao ser conduzido pela agulha, era obrigado a atar os pontos.

Não devia ter permanecido ali. Poderia facilmente ter voltado pelo caminho que viera sem que ninguém me visse, mas sentia-me presa ao feitiço. A cantilena me aprisionou, a voz de Shirah envolvendo-me como se tivesse a capacidade de me prender, assim como o amante fazia com a empregada. Shirah virou-se para me olhar como o escorpião encarava o camundongo. Afastei-me correndo, mas continuei sentindo o seu olhar.

No dia seguinte, quando fui trabalhar no pombal, usei um véu para encobrir o rosto, esperando que me fizesse invisível, do mesmo modo que a capa do meu pai escondia sua verdadeira natureza. Shirah acompanhou-me para dentro, um sorriso brincando em seus lábios. Poderia jurar que via através do meu véu. Quando os outros saíram para a refeição do meio-dia, cozinhando lentilhas e ervilhas em uma cozinha ao ar livre, Shirah insistiu que precisava da minha ajuda. Havia uma tarefa que deveríamos realizar. Não tive escolha a não ser acompanhá-la. Como a empregada que a seguira, eu era apenas uma serva.

Fomos ao campo levando as nossas cestas. O sol precipitava-se sobre nós.

– O que fiz junto à muralha me foi pedido – Shirah informou-me quando passamos sob a sombra rendada das amendoeiras verdejantes. – Não era amor o que a jovem pedia, apenas decência.

De onde se achavam sentadas para o seu almoço no bosque, as mulheres do campo olharam para nós, sussurrando, exceto uma delas, a empregada que ainda colhia pistache para a patroa. Pétalas claras caíam em torno de nós, a metade delas amarga.

– Quando chegar a hora e precisar da minha ajuda, eu a ouvirei também – disse Shirah. – Farei o que pedir.

Corei, confusa.

– Pedi alguma coisa?

Shirah despejou a cesta de excrementos das pombas ao redor da amendoeira mais alta, que desabrochava em mil flores. Ocorreu-me que ela podia adivinhar a verdade, mesmo através do silêncio.

– É verdade – ela respondeu. – Você não pediu.

Lado a lado, retomamos a caminhada de volta ao pombal, passamos pelos arbustos de amoreiras, com suas confusões de bagas negras, cruzamos o pé de pistache, no qual a empregada trabalhava tirando as vagens dos ramos. Notei que a jovem não ergueu os olhos para nós, mesmo quando Shirah tocou seu ombro em uma saudação silenciosa.

– Não ainda – disse ela para mim.

*

NOS CORREDORES do Palácio Ocidental, no ponto mais elevado do planalto, o que no passado servia à realeza agora servia a todos nós. Trigo e grãos eram armazenados onde antes eram câmaras elegantes. Os curtidores, padeiros e ferreiros trabalhavam em um salão em que o piso de mármore era tão fino como qualquer outro de Atenas ou de Roma. Para aqueles que provinham de aldeias pequenas, a glória daquele palácio era surpreendente. Ali, local em que foram realizados grandiosos encontros da nobreza, no momento trabalhávamos a serviço do Todo-Poderoso, não pela nossa ganância. Os rebeldes tinham preocupações puras, muito embora os homens vivessem no limite de seus nervos, meu pai inclusive. Todas as manhãs ele se dirigia à sinagoga construída na muralha ocidental, para orar e ouvir os sábios falarem sobre o que o futuro traria. Eu acordava uma hora antes do meu pai para aquecer bolos de cevada em azeite para sua refeição. Era a sua serva, o seu cão e a sua escrava. Seus desejos eram as minhas necessidades, seus humores governavam a minha vida.

Os homens reuniam-se na sinagoga preocupados com o bem-estar de seu líder, Eleazar ben Ya'ir, que deixara a nossa fortaleza alguns dias antes para angariar apoio entre as cidades do deserto por toda a Judeia. Os seus seguidores ansiavam pelo seu regresso. Na sua ausência, sentíamos mais de cem vezes o perigo que corríamos, tendo apenas a borda implacável da montanha para nos proteger.

Quando um ancião em uma das assembleias exigiu saber quem tomaria o lugar de Ben Ya'ir, caso o perdessem no campo de batalha, todos os presentes silenciaram. Ninguém queria pensar em Massada sem um líder, um corpo sem espírito. Sem Eleazar ben Ya'ir estaríamos perdidos, à mercê uns dos outros, com o nosso pescoço em risco. Seu destacamento de guerreiros incluía meu irmão, e eu estava especialmente preocupada, pois aqueles que haviam sido reunidos recentemente não deveriam ser separados.

Naquele mesmo dia, como uma resposta aos céticos, Ben Ya'ir – nosso salvador e nosso redentor, o homem que salvara nosso povo da destruição de Jerusalém – regressou. Chegou ao anoitecer. As pessoas queriam vê-lo e foram para a muralha, enquanto ele e os companheiros mais próximos subiam pelo caminho que levava aos domínios de Deus. Alguns acreditavam que fosse capaz de conversar com os anjos, que o próprio Rafael andava ao seu lado, a espada reluzente elevada contra nossos inimigos. Olhamos sobre os penhascos que nos protegiam e sentimo-nos abençoados por ter um líder tão nobre.

Em consequência das fortes chuvas do inverno, o mundo abaixo de nós estava verdejante. O deserto achava-se coberto de murta, um sinal de boa sorte. Nós, mulheres, tecíamos a murta nas roupas íntimas, para carregar conosco o doce aroma do deserto enquanto caminhávamos. Um sentimento de alegria espalhava-se com a virada da estação e eu guardava a minha alegria pelo segredo que carregava em mim. Avistei Amram e senti-me aliviada. Quis conhecer pessoalmente Ben Ya'ir, o homem que levava o meu irmão e os seus amigos para aquele lugar remoto e perigoso. Uma multidão de pessoas se acotovelava com o mesmo objetivo, vê-lo e sentir-se consolado pela sua força. Precisei ficar na ponta dos pés para ter um vislumbre. As pessoas estavam dispostas a morrer por ele, permaneceriam ao seu lado para impedir que as flechas atingissem sua carne. Muitos abaixavam a cabeça na sua presença, como faziam perante os homens santos e os sábios.

Em Jerusalém, ele teria passado despercebido na multidão. Não era um homem que se destacasse por causa da aparência. Não era alto nem bonito, apenas de ombros largos, com uma expressão simples e direta. Era marcado por várias cicatrizes, seus braços eram enormes, capazes de lançar um machado através do campo de batalha. Possuía um domínio especial sobre os outros homens e uma energia intensa que tornava impossível não reagir à sua presença. Ele brilhava porque os outros o seguiam, porque o adoravam e obedeciam, por confiar nele. Era um homem de pele escura, mas tinha luz dentro de si, um brilho inexplicável. Mesmo se estivesse imóvel, os nossos olhos se voltavam em sua

direção, e assim ele comandava todos nós.

O destacamento de guerreiros regressava trazendo burros carregados de armas – arcos e flechas de diversos tamanhos, juntamente com dezenas de escudos recolhidos dos derrotados. Outra parte da guarnição romana caíra diante deles, e o que lhes pertencera era agora nosso. Algumas das armaduras de bronze seriam derretidas para que a nossa fortaleza pudesse ter suas moedas – de um lado eram impressas as folhas da videira, do outro, as palavras *Pela libertação do Sião*. Dois homens acorrentados caminhavam atrás dos burros, humilhados, as cabeças ensanguentadas, os olhos brilhantes para a multidão. Eles eram soldados romanos recrutados pela legião de uma terra longínqua e ninguém nunca vira alguém descorado como eles, com a pele leitosa de tão branca. Embora usassem capacetes romanos, suas túnicas eram da sua terra de nascimento e haviam sido tecidas com desenhos estranhos de cinza-azulado, azul e vermelho. Era desconcertante vê-los à nossa mercê; sempre nos consideráramos as vítimas de uma guerra injusta, e ali seguiam aqueles dois recrutas, a ferros.

Havia escravos entre nós, trazidos pelas pessoas que haviam fugido de Jerusalém, mas eles eram tratados como governantas e camponeses, e muitas vezes recebiam a liberdade depois de anos de serviço. Não sangravam nem andavam acorrentados. Agora, as pessoas aplaudiam a captura dos inimigos, que inclinavam a cabeça, provavelmente esperando ser executados. Mas logo a multidão os esqueceu. Estava mais interessada no nosso herói, gritando o nome de Eleazar ben Ya'ir como homens sedentos implorando por água. Ouvi algumas mulheres dizerem que os olhos de Ben Ya'ir mudavam de cor, eram de um cinza frio como a água ainda em um poço, mas, às vezes, seu olhar tornava-se como o verde-claro de um córrego que deságua em uma lagoa. Como homem, ele era tão complicado quanto a cor dos seus olhos. Costumava se afastar quando não concordavam com ele, mas depois de pensar melhor ele reconsiderava e pedia explicações sobre a opinião diversa. Era um homem a quem as discussões sucediam naturalmente, mas era atencioso também. Quando um dos seus homens caíra em batalha e estava muito ferido para viver, Ben Ya'ir não enviara um guerreiro para executar o terrível golpe de misericórdia. Ele mesmo completou a tarefa, depois proferiu as orações pelos mortos, um ato de caridade que nunca poderia ser recompensado. Era aberto de um modo que fazia as pessoas reagirem em um nível profundo, essencial, pois todos respeitavam e temiam a sua ira, ainda que o amassem, assim como a um irmão ou a um filho.

No dia em que trouxeram os escravos, Ben Ya'ir ostentava uma cicatriz recente no pescoço e no peito. Usava o cabelo comprido trançado como nossos

guerreiros, mas sempre manteve o xale enrolado em torno dele, pronto para orar em todos os momentos. Era bem possível que o que as pessoas sussurrassem fosse verdade e ele realmente soubesse mais que os outros homens, e se tornara ainda mais feroz pelo poder da profecia. Era capaz de distinguir os justos dos ímpios e, quando observava os inimigos, podia ver além dos seus trajes e de sua pele para enxergar seu espírito.

Quando a multidão se aproximou dele, agitada, batendo os pés, eu recuei com medo de que me visse por quem era. O avanço fervoroso poderia facilmente esmagar quem não acompanhasse o ritmo da multidão fremente. Acima de nós aproximou-se um bando de pombos selvagens, mas, se esse fosse um sinal, não fui capaz de ler a profecia, e as pombas rapidamente se voltaram, voando para o leste e depois para o norte, em direção a Jerusalém. Vi Shirah observá-los e seu rosto pareceu corar de desespero. Pensei que ela entendera algo que eu deixara de notar, e notei que carregava um ramo de murta consigo, como as noivas deviam fazer em sua noite de núpcias.

Ben Ya'ir deixou a plateia encantada. Contou sobre os romanos que haviam sido derrotados naquela batalha mais recente, soldados usando capacete e cota de malhas, seus escudos quase impenetráveis quando se amontoavam em uma formação que parecia uma tartaruga. Somente os mais corajosos guerreiros eram capazes de combatê-los, entrando no confronto com a adaga desembainhada. Ben Ya'ir cumprimentou seus guerreiros pela coragem, destacando o meu irmão com um elogio. Amram abaixou a cabeça para não parecer arrogante, mas estava nitidamente honrado pelo reconhecimento. Avistei o disco de prata de Salomão em seu pescoço, que continuava a lhe fornecer proteção.

Ben Ya'ir passou a contar sobre os tesouros saqueados dos romanos – uma couraça de ouro decorada com pedras preciosas, anéis de ouro com sinete, jarros de vinho, moedas para serem fundidas. Ele proclamou que a nossa vitória se devia ao nosso Deus e que os nossos corações deveriam ser fortes para honrá-Lo.

– Se a vida parece difícil agora, ela só tende a piorar – anunciou Ben Ya'ir, a expressão sombria, a luz se desvanecendo no seu semblante.

No entanto, essa declaração perturbadora não teve o poder de deter a crescente onda de triunfo. Eu nunca vira uma multidão em tamanha comunhão assim, uma só carne e um só espírito, oscilando de um lado para o outro. Os guerreiros em particular pareciam enfeitiçados, pois agiam com um homem em transe e ausente, ou assim eu acreditava até olhar para o outro lado da praça. Lá estava Amram, entre os seus companheiros, muitos dos quais feridos na batalha que

acabavam de travar. Esperaria que meu irmão estivesse atento a cada palavra de Ben Ya'ir, encantado com o líder amado, como estavam seus irmãos de armas. Em vez disso, olhava para uma garota em um dos extremos da multidão.

Essa era Aziza, com os olhos baixos, o cabelo lustroso puxado para trás sob o véu.

NAQUELA NOITE, fui à *mikvah*. Era um lugar de renovação e esperança, o que sentia agora que meu irmão tinha regressado. As lâmpadas de azeite queimavam nos nichos ao longo da muralha de pedra, iluminando a câmara escura. Esperava ficar sozinha – embora a minha condição não se anunciasse, ficaria evidente para quem observasse de perto. Quando cheguei, as mulheres do campo estavam lá. Se me virasse para sair, eu as ofenderia, portanto despi-me no escuro, removendo a túnica e os lenços, na esperança de disfarçar a minha forma arredondada. Escondi a adaga de Ben Simon, que sempre carregava comigo, sob as vestes dobradas, depois rapidamente subi a escada e entrei na água antes que alguém tivesse tempo de examinar as minhas formas.

– Finalmente decidiu ser uma de nós – provocaram elas. – Por que está tão tímida?

Deixei-as acreditar que tinha um temperamento acanhado. Abaixei a cabeça e disse que as sardas na minha pele sempre me envergonhavam. Não havia mal em permitir-lhes me ver como queriam, era uma garota que preferia manter-se escondida por timidez. Sabia como participar da brincadeira. Lembrei-me de como sorrir, sendo ou não sincera. As mulheres sentiam-se mais livres para falar durante o banho; compartilhavam segredos formando um círculo na água. As mulheres do campo perguntaram sobre o meu irmão, o que não foi nenhuma surpresa. Onde quer que Amram andasse, as mulheres se atiravam para ele. Muitas das mulheres no banho consideravam-no bonito, mas dei-lhes poucas respostas. Disse que raramente o via e elas aceitaram a minha reserva. Decidiram discutir sobre Shirah. Se não fosse uma prima distante de Ben Ya'ir, uma jovem mulher chamada Naomi sussurrou, certamente teria sido lançada ao deserto. Shirah era uma praticante do *keshaphim*, iniciada nos segredos da magia. O nosso povo acreditava que qualquer item com um sol e uma lua gravados deveria ser levado ao Mar de Sal e atirado na água, mas várias mulheres afirmaram ter visto amuletos de ouro com tais efígies no pescoço da bruxa. Dizia-se que em sua cozinha havia uma caixa trancada com uma chave em forma de serpente, Deraqon, outra figura do Egito que fora banida. Dentro dela falavam ter uma infinidade de pecados que se tornariam o fardo de quem se atrevesse a abrir a tampa e libertá-los, pois seriam como um enxame ao seu redor, como vespas,

ardendo e mordendo, nunca abandonando a sua companhia. Uma jovem alegou ter sido picada quando se atrevera a chamar Shirah de bruxa.

Reparei em uma mulher tranquila, com tranças no cabelo cor de mel, que permanecera à margem do grupo. Era a serva da muralha em que o feitiço fora lançado, aquela cujos braços eram manchados com a tonalidade marrom do pistache. Sabia que ela me reconheceria também, pois não conseguia sustentar o meu olhar. Não percebera como era jovem, pouco mais que uma menina. Senti uma pontada de tristeza por tudo o que tivesse perdido na montanha.

As outras mulheres continuaram com suas fofocas. A bruxa era apenas uma mulher, alguém sussurrou, mas a filha Aziza era ainda pior. Ela era uma dos *sheydim*. Metade anjo, metade humana, uma combinação que formava um demônio. As mulheres no banho juraram que o pai de Aziza era um anjo enviado à terra para ensinar magia às mulheres do mal que ansiavam conhecer tais segredos. Criaturas como Aziza nasciam dessas associações. Era difícil avaliar quem eram, pois comiam e bebiam como nós. Podiam ter relações sexuais e deixar os homens saudosos por muito tempo, pois podiam até mesmo morrer como os mortais, mas não eram como nós. Viam o futuro em um copo de água e folheavam as páginas do Livro da Vida para ver os nomes que haviam sido inscritos nelas. Voavam de um lado do mundo para o outro no tempo que levávamos para nos levantar da cama. Praticavam a paciência, mas pegavam o que queriam, com direito a tudo o que tínhamos neste mundo; desse modo, eram iguais aos mensageiros do céu, um enigma para nós, que não tínhamos escolha senão nos curvar às nossas necessidades e nossos desejos humanos.

Ouvi essas afirmações sem comentários e sem expressão, mas senti um arrepio de desconforto ao longo da espinha. Tudo o que fizera desde que deixara Jerusalém era certamente um pecado aos olhos de qualquer um. Se as mulheres do campo soubessem que tinha conhecido um leão e o atraído para mim, sem nunca deixá-lo ir, mesmo durante o período do mês em que era *niddah*, o que diriam a meu respeito? O que pensariam se me vissem no deserto, à sua espera no penhasco, desejando-o mais que à pureza, à obediência ou ao dever?

Virei-me quando falaram mal de Aziza. Vira-a cavar os ninhos nos pombais até suas mãos sangrarem. Aquele era um trabalho pouco adequado para um anjo, não mais que um ofício para uma bruxa.

– Vejam como ela é – as mulheres insistiram. – Ela nunca virá aos banhos. Não despirá a túnica ou os lenços para que qualquer uma possa ver esse seu corpo. Há uma razão para esse recato.

Estavam com ciúme, inveja de que, onde quer que Aziza aparecesse, os homens se voltavam para ela, de que o seu cabelo era da cor da noite, que o seu sorriso era doce, de que ela não pensaria em falar sobre elas com rancor, como agora a difamavam. Talvez, também, tivessem visto o seu rubor à menção do nome do meu irmão. Várias das mulheres claramente queriam o meu favor só porque era a irmã de Amram. A que se chamava Naomi boiava ao meu lado, tão perto que podia sentir o calor do seu corpo na água fria. O ciúme queimava assim. Sabia disso muito bem.

– Tome cuidado com a filha da bruxa – advertiu-me Naomi. Sem dúvida ela acreditava que eu era uma mulher que queria uma amiga. – E nunca tente pegá-la. Os *sheydim* têm asas.

As asas de Aziza eram negras, continuou ela, como as de um corvo, e como um corvo, dizia-se, ela cantava para anunciar a chegada do Anjo da Morte. Todas as vezes que nossos guerreiros saíam, ela se empoleirava na muralha de Herodes, admirando a paisagem através dos olhos prateados.

– Está enganada – disse eu, humildemente, não querendo insistir na questão.

Sabia que o Anjo da Morte nunca se anunciava. Ele vinha em silêncio e saía em meio à tristeza. Chegava quando se imaginava estar seguro, como quando seguíamos o caminho das bandeiras azuis através do deserto, com a cura para Ben Simon na mão.

Caminhando na volta da *mikvah* para o meu quarto, o cabelo molhado, senti frio e achei-me superior às mulheres tolas no banho. Mas, enquanto atravessava a praça, vi uma figura no escuro que parecia um anjo, movendo-se como se dizia que os anjos faziam, nos cantos da nossa vista.

Por um instante temi que a morte estivesse realmente próxima e que as mulheres no banho tivessem razão. Tremi ao pensar que o seu mensageiro estivesse solto acima de nós. Ou, talvez, tivesse me esquecido de trancar o pombal e os pombos haviam fugido para se esconder nos galhos das oliveiras, farfalhando as folhas. Estava muito escuro para distinguir alguma coisa, então parei onde estava, pestanejando sob o luar. Vi um brilho na forma de uma menina pairar na noite.

Foi então que avistei meu irmão ao lado de uma pequena piscina em que cem anos antes o rei Herodes criara peixes, criaturas pequenas e cintilantes que se dizia ser feitas de ouro puro. Quando um falcão arrancasse um peixe do tesouro do rei, cairia sobre a terra imediatamente, sob o peso da ganância. Vi uma

menina correr para Amram, voando para seus braços. Não havia necessidade de um feitiço para prendê-lo, ele estava amarrado pelo próprio desejo, sem uso de bruxaria. Ele mergulhou nessa rede de amor e puxou as cordas por si mesmo, não porque Aziza fosse um anjo, mas porque era de carne e osso.

UM VENTO frio repentino surpreendeu todos nós naquele mês suave. Quando partiu, as frutas caíam das árvores e se espalhavam pelas pedras. Algumas mulheres juraram que os restos dos figos dispersos pelo chão formaram a imagem de falcões vermelhos que circulavam sobre nós, esperando para reivindicar a nossa fortaleza para si. Houve pressa para ir com as foices para os campos de trigo, para colher o que ainda poderia ser aproveitado antes que os talos escurecessem. Nosso povo fez uma oração, conduzida pelos sábios e pelos integrantes do conselho. O principal dos nossos sacerdotes, geralmente enclausurado na sinagoga, onde estudava e distribuía conselhos, postou-se sobre a muralha e liderou os homens na oração. Seu nome era Menachem ben Arrat e era conhecido como um dos cinco homens mais cultos da Judeia. As pessoas diziam que ouvira a voz de Deus no topo da montanha. A situação era terrível, portanto ele agora aparecia, pois sem os pomares não teríamos sustento e sem os pombos não haveria pomares. Eu aprendera a gostar do arrulho dos pássaros, um canto tão belo que o *Cântico dos Cânticos*, a grande glória do rei Salomão, exaltava-o como se fosse a voz da pessoa amada. *Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostra-me o rosto, faz-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto, amável.*

O conselho tomou uma decisão em nosso benefício. Os pombais foram abençoados e fizeram-se oferendas pela saúde dos animais. Queimamos bálsamo e mirra em suportes de prata, para que a fumaça assegurasse a postura ininterrupta dos nossos protegidos. Por causa do vento cortante, as pombas tremiam em seus poleiros e enfiavam a cabeça debaixo da asa. Destinaram-nos um dos soldados romanos do norte para fazer a parte mais pesada do nosso trabalho, carregar os cestos para os campos, estender o feno e recolhê-lo depois de usado e úmido. O outro soldado fora trocado por dois burros brancos que os comerciantes de Edom nos trouxeram e já fora embora da fortaleza. Era isso o que valia um escravo neste mundo. O nosso usava algemas de metal nos pés, que foram destrancadas quando veio trabalhar para nós. Ele mantinha o olhar de lado e fazia o que lhe era dito. Torcera o cabelo louro em tranças, em vez de permitir que caíssem lisos como quando chegara, mas, apesar dessa tentativa de esconder como era diferente, ainda assim não se parecia conosco de modo algum.

Ele parecia envergonhado da sua situação, no entanto, quando Revka lhe fazia

um sinal, apressava-se a fazer o que lhe era ordenado. Ele era alto, quase um gigante, bem musculoso, com braços e pernas longos. Cobrindo o seu antebraço forte, via-se uma imagem tatuada em preto de uma criatura que parecia um cabrito-montês, mas com enormes chifres ondulados. O escravo me viu olhando e devolveu o olhar abertamente.

– Não se preocupe – comentou Revka quando notou seu comportamento rude.
– Faremos todos os esforços para domá-lo.

O escravo lançou-lhe um olhar sombrio, em seguida voltou a trabalhar, limpando os ninhos. Rapidamente vim a acreditar que ele conhecia mais a nossa língua do que deixava transparecer. Ele dava de ombros e fingia não entender, mas pude ver a verdade pelo modo que me encarou um dia, quando quebrei um ovo e murmurei uma prece para o espírito da pomba que poderia ter nascido.

– Sabe o que acabei de dizer? – perguntei.

Ele desviou o olhar. Seus estranhos olhos azuis eram frios.

Notei que muitas vezes ele esquadrihava a praça através das ripas que cobriam as janelas do pombal, que permitiam a entrada de ar mas detinham os pássaros. Pensei que poderia estar procurando o outro escravo.

– O seu companheiro foi mandado embora – disse-lhe. – Não o veremos mais.

Embora não tivesse certeza, pensei vê-lo estremecer ao ouvir a notícia. Senti pena dele, talvez porque fosse agora o único da sua espécie. Lembrei-me do leopardo que enfrentara no deserto, como a fera correria de mim quando pulei em cima de uma pedra e rugi. Como parecera solitário ao correr para os arbustos espinhosos, como me senti só quando me deixou.

– Bem, se sabe o que lhe convém, não ouvirá mesmo que seja capaz de entender – adverti o nosso cativo.

Passei a observá-lo e notei que era inteligente, pois adotara um método novo de limpeza dos pombais com um ancinho que inventara. O escravo encontrara pregos enferrujados no chão, que utilizara para prender os galhos a um ramo torcido de oliveira que crescera no meio de um espaço no telhado. Toda vez que ele percebia que eu o estava observando, parecia envergonhado, cauteloso. Ele me fez pensar em um urso sírio que vira uma vez em Jerusalém, preso a ferros para executar truques para o seu dono romano. O urso mantinha os olhos baixos, mas uma vez, quando não conseguiu se conter, arreganhou os dentes, apenas para receber um bofetão. Erguera as patas sobre a cabeça, como se fosse um

homem sendo espancado. Embora outros rissem na multidão, recuei e fugi, o coração batendo forte.

– Você tem comida suficiente? – perguntei ao escravo no fim de um dia.

Imitei o gesto de comer para que pudesse entender. Ele balançou a cabeça, encolheu os ombros. Sabia que ele dormia no sótão fétido acima do pombal, onde era acorrentado à noite, que recebia grãos e biscoitos como ração e pouco mais. Comecei a deixar-lhe pilhas de galhos, para que pudesse ter uma fogueira e aquecer-se quando as noites fossem frias.

– Você é surdo? – perguntei em voz alta.

Ele erguera os olhos para mim então. Era um estranho vindo de uma terra coberta de neve, algo que só vira uma vez na vida, quando era menina. A neve caiu sobre Jerusalém até cobrir as colinas, enviada por Shalgriel, o anjo da neve. Algumas crianças a confundiram com maná e comeram punhados dela, congelando seus lábios.

O escravo me entendeu. Estava certa disso.

Eu sabia o que era ansiar por uma vida tão distante que parecia nunca ter sido nada além de um sonho. Será que ele sonhava com neve e cabras selvagens azuis, ou com o companheiro, levado acorrentado para além do Mar de Sal?

Tirei uma das pombas do seu nicho, segurei-a até que se acalmasse, então rapidamente quebrei seu pescoço. Quase ri ao ver a surpresa do escravo. Observando-me daquele modo, talvez não esperasse uma ação tão abrupta e mortal. Mas eu não temia a crueldade, sabia que estava dentro de mim, pois estava dentro do leopardo, que devia pegar seu jantar para sobreviver. O escravo mostrou-se grato quando lhe entreguei o pássaro para cozinhar para o jantar; escondeu-o num canto distante, onde poderia alcançá-lo quando fosse acorrentado à noite.

Na manhã seguinte, quando Revka, sempre azeda e pronta para culpar alguém, notou um pássaro faltando, declarei ter visto um falcão mais cedo naquele dia. Essas coisas aconteciam com bastante frequência: uma pomba surgia pela estreita abertura no teto e era atingida em pleno ar. Então haveria penas flutuando para baixo e, se você estreitasse os olhos, veria uma chuva fina de sangue.

*

QUANDO IA à muralha apreciar o panorama a perder de vista além do nosso

povoamento, muitas vezes me impressionava com o quanto estávamos isolados do resto do mundo. Era como se o deserto não tivesse fim, a terra tão distante que parecia impossível voltarmos a andar sobre ela novamente. Se isso era ser um anjo, ser um Rafael ou um Miguel, ou um dos *sheydim* que observavam a humanidade do alto, então aquele era um lugar solitário e terrível para ocupar. Éramos uma cidade e um mundo para nós mesmos, com mais gente chegando o tempo todo. Desesperados, devotos, batidos, perdidos. Era por isso que havia tanto falatório, era difícil manter um segredo naquele tipo de mundo apinhado e implacável. As famílias compartilhavam o espaço vital, tendo apenas as paredes finas de tecido grosseiro de pelo de cabra amarrado por cordas a nos separar.

Ouvíamos o que deveria ser privado, as relações amorosas e igualmente as discussões. Sabíamos de quem eram os filhos que não se comportavam e eram repreendidos, e quem era a esposa que murmurava maldições tão logo o marido deixava o seu alojamento. As casas de banhos estavam sempre cheias, tanto de conversas como de corpos. As lojas se enchiam de pessoas à procura de farinha e azeite. Tantos tinham se deslocado de Jerusalém para lá que não havia o suficiente para todos; éramos obrigados a dividir tudo, a esperar em filas pelos alimentos e provisões distribuídos com cuidado dos depósitos cada vez mais vazios, a labutar até altas horas da noite. Eu entendia por que os homens saíam para os ataques. Embora fosse apenas uma mulher, alheia ao que os homens discutiam na sinagoga ou nos alojamentos militares, ainda assim compreendia o que se esperava se fôssemos desfavorecidos por Deus. Embora os campos estivessem verdes no momento, era impossível prever a chegada de tempestades, se nos atacariam nuvens de gafanhotos, se passaríamos fome no mês de Av, quando o mundo ardesse novamente.

Por ora, estávamos na estação amena. Podíamos colher rabanetes silvestres e verduras que cresciam entre as rochas no outro lado do Portão da Serpente, aparecendo em lugares em que parecia impossível crescer alguma vegetação. Ainda assim, sabíamos que o período de abundância não duraria muito. Fora por isso que Herodes abastecera seu depósito com provisões suficientes para durar cem anos, um tempo que alcançáramos e ultrapassáramos. As jarras de azeite e vinho estavam se esvaziando. Batíamos nas laterais e, quando o barro ecoava, sabíamos que não restava mais nada ali dentro.

Naquele momento, éramos tantos que a madeira para as fogueiras passara a ser racionada. Imaginava o que aconteceria se as nossas culturas fracassassem e nos restasse somente o espírito e nada mais. Uma noite, quando busquei alguns gravetos deixados à nossa porta, não os encontrei. Meu pai disse que cabras os

tinham comido, mas as cabras ficavam presas nos cercados. Ele disse que eu era idiota, incapaz até mesmo de contar varas. Mas eu sabia que um dos vizinhos nos roubara. Era o que acontecia em tempos de vacas magras. A verdade sobre as pessoas vinha à tona tão seguramente quanto os minúsculos peixes prateados que surgiam na areia do deserto na época das inundações, aparecendo milagrosamente nas ravinas em meio às súbitas corredeiras. Dizia-se que aqueles peixes se enterravam na areia por sete anos, a carne tão seca que parecia não ser nada além de poeira. Ao primeiro sinal de chuva eles se revelavam, exatamente como as pessoas faziam quando tinham tempo e motivo suficiente.

MEU PAI contentava-se em não ter nada a ver comigo. Permitia que fizesse a limpeza e cozinhasse para ele, mas me ignorava em todas as outras ocasiões. Ouvira a sua opinião quando alguns homens indagaram a meu respeito, admirando o meu cabelo vermelho.

– Ela não é nada – dissera ele. – Só um problema.

Depois que a noite caía, meu pai sentava-se no lado de fora do nosso alojamento em um banco que construía com o manto sobre os ombros. A meia-luz ele desaparecia, tornando-se rapidamente a muralha, a escuridão, a noite em si, como fazia quando se escondia no lado de fora do Templo, praticando a invisibilidade. Imaginava se eu mesma seria capaz de vê-lo contra as pedras, voltado para Jerusalém, ansiando, assim como eu, por uma vida que passara. Sentia compaixão por esse homem, apesar de tudo o que fizera. Eu mesma era sua parceira no crime.

Meu pai não era orgulhoso a ponto de não participar das refeições que eu preparava, apesar do desprezo que nutria por mim, consumindo lentamente um ensopado de lentilhas, feijão e cevada. Nas horas em que saía do nosso alojamento, eu tinha a liberdade de ficar lá dentro à vontade. Ouvia as outras mulheres reunidas na praça, cantando enquanto trabalhavam nos teares; o som das suas vozes era agradável, melodioso como o canto dos pássaros. Aprendera a fiar e a tecer, mas nunca as acompanhei. Caso contrário, alguma poderia ter-me interrogado e depois me identificado por quem eu era, nada além de um problema, exatamente como o meu pai declarara, uma mulher arruinada cuja hora da verdade se aproximava. Em pouco tempo não seria mais capaz de esconder a verdade.

Ninguém me procurava; até mesmo o meu irmão estava ausente, aproveitando o pouco tempo disponível fora da guarnição para dedicar a Aziza. Meu único visitante era a mulher fantasma dos meus sonhos. Só ela me procurava fielmente.

Com o tempo, vim a conhecê-la melhor que ninguém. Dormia com ela todas as noites e nos meus sonhos ela chorava. Eu não acreditava em lágrimas, nem nas minhas nem nas dos outros; achava que era vergonhoso, um sinal de fraqueza, mas não tinha escolha a não ser mentir em silêncio ao lado dela e ouvir enquanto chorava. Estava acorrentada a ela da mesma maneira que o escravo do país do norte era acorrentado à muralha de pedra do pombal.

Em uma noite escura, em lugar do fantasma foi Nahara quem me procurou. Era a hora em que o meu pai me acordara quando fugimos de Jerusalém, mas Nahara não gritou como ele. Ao contrário, ela se aproximou discretamente do meu leito e pousou a mão sobre a minha boca. Era acordada assim para assegurar que não gritasse e despertasse o meu pai. Por um instante imaginei que estivesse no deserto e fosse Ben Simon que queria o meu silêncio, e não resisti. Mas a mão era muito pequena, muito delicada. Quando abri os olhos, Nahara estava lá, insistindo que eu me apressasse. Peguei a minha túnica e segui-a para fora, a fim de que o meu pai não fosse perturbado com nossa conversa sussurrada. Sempre havia alguém vigiando, mas encontramos um canto escuro.

– A minha mãe quer que venha comigo. – Nahara tinha uma natureza doce e descomplicada. Ela esperava simplesmente que fizesse o que me era dito. – Ela precisa da sua ajuda.

– Devia pedir para sua irmã ajudar – recomendei, ansiosa para voltar ao meu quarto. Havia tantas estrelas na noite escura que podia vê-las cair enquanto erguia os olhos para a escuridão. Eles pareciam tão próximas, assim como o Mar de Sal ao longe, quando estavam tão distantes.

– A minha irmã não tem a coragem necessária para o que vamos fazer. – Nahara estava tão séria que poderia ser a irmã mais velha. Ao contrário de Aziza, tinha olhos escuros, mas os seus eram salpicados de amarelo, que pareciam sempre semicerrados, um olhar sutil que sugeria pensamentos profundos. – Aziza nunca assistirá a um parto. Ela diz que não suporta ver sangue.

– Como isso é possível? Ouvi dizer que sua irmã é capaz de coisas que nenhuma mulher mortal pode fazer – aventurei-me a testá-la. – Será que meu irmão saberia mais sobre isso?

Nahara sorriu. Se parecia mais velha que a sua idade, eu também era igual quando tinha a idade dela.

– Duvido. O que um guerreiro saberia sobre o comportamento das mulheres?

– Preciso dormir – objetei, mas Nahara me puxou pela manga, recusando-se a desistir.

– A minha mãe disse que você precisa vir. Prometeu que ajudará a leoa em troca do que fizer hoje à noite.

Senti-me totalmente acordada quando ouvi isso. A mensagem era uma ameaça velada ou uma promessa? Nada me esperava no meu alojamento além de um fantasma encolhido que chorava. Não tinha ninguém em casa, a não ser um assassino que me repreendia enquanto eu varria o seu chão. Quando Nahara me disse que estavam à procura de um cão preto, fiquei curiosa e decidi acompanhá-la. Nahara carregava um jarro e entregou-me um pedaço de corda. Havia muitos cães pretos no assentamento, se era isso que Shirah queria. Encontrei um a certa distância e o peguei. Simples assim. Mas quando levei o desgarrado a Nahara ela riu, cobrindo a boca para que ninguém ouvisse.

– Este não está bom? – disse, irritada. Passara a corda com firmeza ao redor do pescoço da criatura, mas Nahara agachou-se para retirar o laço. Ela se divertiu por eu ter imaginado que a nossa tarefa fosse tão fácil.

– Aquele lá. – Ela apontou para uma cadela feroz que rosnava para nós a certa distância. – Acha que consegue capturá-la?

– Um cão preto não é um leão – comentei.

Peguei a cadela como capturava as aves selvagens no deserto. Sentei-me ao seu lado, fingindo não prestar atenção enquanto ela exibia os dentes sob os lábios. Permaneci em silêncio, pois aquele era o meu dom e o que fazia melhor. Depois de um tempo, passei a corda em volta do seu pescoço. A cadela olhou para mim. Assim que o fez, passou a me pertencer, como acontecia com as aves, do mesmo modo que olhara para Ben Simon e ele me pertencera.

Nahara aproximou-se correndo, satisfeita com a minha atuação, o cabelo escuro voando atrás de si. No entanto, ainda não tínhamos concluído nossa tarefa.

– Agora você deve tirar o ingrediente de que precisamos – ela instruiu. – Pode ser que ela a morda quando tentar.

Então entendi. As tetas da cadela estavam cheias; ela tivera filhotes recentemente. Era o seu leite que procurávamos.

– Por que não tenta? – retruquei. – Você é magra e ágil. Vou impedir que ela a morda. Basta agir como faria ao se aproximar de uma cabra, mas seja rápida.

Nahara balançou a cabeça.

– Não sou mulher ainda. Precisa ser você.

Mantive a corda firmemente presa ao redor do pescoço da cadela e ordenei-lhe que olhasse para mim. Sem falar, disse-lhe para não se mover. Instruí-a com o meu toque e com o meu silêncio, e ela se comportou. Seu corpo estava quente e rendeu-se a mim, certamente meu toque era mais suave que os dentinhos afiados dos seus filhotes. Quando acabei de coletar o leite, libertei-a, então acompanhei Nahara ao longo da parte mais antiga da muralha. As pessoas diziam que as pedras ali eram feitas do mesmo calcário que Herodes usara na construção do Templo de Jerusalém, com sua marca gravada na borda de cada uma delas. Imaginei se o fizera com a certeza de que as pedras com a sua marca durariam pela eternidade e se talvez *Adonai* as fizera cair simplesmente para provar que um homem era apenas um homem, mesmo sendo um rei.

Atravessamos para uma parte abandonada do palácio, arruinada por incêndios na época dos romanos, mas ainda útil quando se quisesse um lugar de privacidade em um mundo abarrotado como o nosso.

– Por que não pediram a Revka para ajudá-las esta noite? – Certamente ela era mais confiável que eu. – Ela tem medo de mordida de cachorro? – ironizei.

– Ela tem dois meninos para cuidar e isto aqui pode levar a noite toda.

– Revka? – surpreendi-me. Ela era tão amarga, mal abria a boca para falar. – Ela é muito velha para ter filhos pequenos.

– São seus netos. Ela cuida deles e eles dormem ao lado dela. Você é sozinha. Ninguém sentirá a sua falta.

Não podia argumentar contra isso.

– A minha mãe quis você. – Nahara olhou para mim com um respeito que me surpreendeu. – Disse que você seria capaz de pegar o cão preto e você conseguiu. Deve se sentir lisonjeada.

Entramos por um portão de ferro, depois, juntas, usamos a nossa força para empurrar uma porta antiga de madeira de acácia esculpida que nos levou a um corredor que conduzia ao mais antigo dos depósitos. Essas câmaras já haviam sido tão cheias de tesouros que se dizia que ainda havia pó de ouro entre as pedras. Descemos uns cem degraus de uma escada curva para o subterrâneo, e realmente era possível notar um brilho fraco na escada. O ar estava úmido e frio, denso, as sombras de uma cor de ardósia escura. O corredor ficou mais estreito à

medida que prosseguíamos. Por fim, fomos obrigadas a andar uma atrás da outra. Nahara carregava uma lâmpada cheia de azeite de oliva. Eu portava o jarro de leite. Chegamos a um salão vazio feito de pedra, em ruínas.

Ouvia-se eco enquanto continuávamos, embora estivéssemos descalças. Uma voz soou em algum lugar, mas o som nos chegou abafado. Reconheci os lamentos entrecortados de dor. Sia chorava dessa maneira quando adoecera, a mão cobrindo a boca para tentar calar os soluços, esconder a sua fragilidade de nós.

Quando olhei através das sombras dos longos sulcos na muralha, quase acreditei haver um demônio estirado no chão, muito parecido com o impresso no amuleto do meu irmão, a fêmea do monstro que se dizia que Salomão matara no chão do Templo. Quando nos aproximamos, reconheci a forma de uma mulher rolando de um lado para o outro em agonia. Era a jovem empregada que pedira um feitiço a Shirah, aquela que permanecera de lado no banho na noite em que me disseram que Aziza pertencia ao mundo dos anjos e demônios. Ela viajara para aquele lugar como uma serva, mas, recentemente, a família para a qual trabalhava a expulsara, quando sua condição se tornara evidente. Já não era mais considerada digna de colher amoras ou pistaches, ou de transportar as cestas da patroa. Vivia escondida perto dos armazéns, roubando comida dos celeiros das cabras. Seu atual estado de miséria tocou-me profundamente. Senti-me amedrontada ao ver como ela esfregava o abdome, ofegante, transtornada de dor.

Shirah pedia que se sentasse, mas a jovem se recusava. Uma criança estava prestes a entrar no nosso mundo, uma criança sem pai nem família. Se fosse descoberto que o pai da criança era um homem casado, seria impossível àquela jovem escapar do seu destino. O conselho poderia recomendar que fosse expulsa da montanha. Aquele nascimento teria de permanecer em segredo e, como logo cheguei a entender, os segredos eram o maior dom de Shirah.

Shirah me fez um sinal, mas permaneci no lugar sem me mover, picada pelo pânico como uma vez fora por uma vespa. Eu, que nascera de uma mulher morta, não tinha o direito de ajudar alguém a trazer a vida.

– Depressa – Shirah insistiu. Havia um segundo jarro ao lado dela. – Misture o leite com a água.

Fiz isso, depois observei, presa como em um sonho, enquanto Shirah e Nahara apoiavam a mulher e pediam que bebesse a mistura com o leite da cadela. A empregada cuspiu um pouco no chão e produziu um som terrível, o grito de uma mulher que estivesse se afogando. Segurava a barriga enquanto a dor a

dilacerava. Shirah e Nahara puseram-na de pé e fizeram o possível para que caminhasse, mas nem mesmo isso nem fez diferença. O bebê não nascia.

Shirah então mandou que a empregada se agachasse sobre o banquinho de parto que trouxera, e que fizesse força para baixo. Ainda assim, nada aconteceu. A empregada era tão jovem que parecia pouco mais que uma criança naquele momento. Ela amaldiçoou não o homem que era o pai, mas a si mesma. Senti algo subir pelo meu peito e pela garganta enquanto acompanhava um nascimento que não acontecia. Tinha a faca de Ben Simon sob a túnica, fria contra a minha pele. Pensei na faca usada para me tirar da minha mãe, nos ecos dos seus gritos estridentes e no silêncio do seu último suspiro.

Shirah aproximou-se de mim e me sacudiu.

– Pare de sonhar! Vá até o pombal e me traga uma cesta de excrementos.

Fazia um calor insuportável dentro do depósito e Shirah estava encharcada de suor. Seu cabelo preto escorria pelas costas. O *kohl* em torno dos seus olhos derretia-se de tal modo que eles pareciam estar por trás de um véu. Pensei nunca ter visto uma mulher tão bonita ou tão feroz. A sua túnica se abriu e fiquei chocada ao ver um redemoinho de tatuagens vermelhas em seus ombros, uma prática proibida ao nosso povo. Dizia-se que as pessoas que possuíam aquelas marcas pertenciam aos *kedeshah*, mulheres santas que eram leais a grupos religiosos com práticas tão secretas e polêmicas que haviam sido banidas muito antes da queda de Jerusalém.

– Vá de uma vez! – ordenou Shirah. – Se essa mulher tivesse alguém a quem recorrer, acha que estaria aqui? Ela não tem ninguém, só um homem que não quer nada com ela e um bebê que se recusa a deixar seu ventre.

Quanto mais rápido fizesse o que Shirah ordenava, mais rápido estaria de volta ao meu alojamento, longe daquele cenário louco. Saí temerariamente por aqueles corredores, que pareciam uma série de masmorras, pretos como breu, pois não tinha uma lâmpada. Finalmente cheguei à porta que me levava para a noite. Uma lua clara brilhava no céu com uma luz ácida que quase me cegou depois do ar escuro do depósito. Ainda assim, ninguém percebeu enquanto corri para o pombal, com passos silenciosos sobre as pedras de granito. Abri a porta, depois abri caminho por entre o bater das asas das aves assustadas por terem sido perturbadas a uma hora tão tardia. Comecei a encher a cesta, frenética, o sangue correndo em disparada pelo corpo.

Foi então que vi o escravo. Sua corrente estendia-se desde a plataforma no

alto, onde dormia, até o chão. Acordara quando a porta do pombal fora aberta, pronto para se defender, caso nossos guerreiros tivessem chegado para mutilá-lo, ou matá-lo, ou trocá-lo com os nômades. Esquecera-me completamente dele. Ouvia a minha respiração rouca, dominada pelo pânico. As lágrimas que não caíam ardiam por trás da minha visão. Nossos olhares se cruzaram. Fitamos um ao outro como dois animais reunidos em uma lagoa, sedentos e desconfiados, ambos perfeitamente capazes de violência. Depois de um instante, o escravo inclinou a cabeça, indicando-me para continuar com o que viera fazer. Voltou a se deitar e baixou os olhos, que assim pareciam duas fendas. Fingiu estar dormindo, as costas contra as pedras. Senti-me grata a ele por isso. Falasse ou não a nossa língua, não importava. Bastava ele me olhar e eu sabia que entendera.

Terminei o meu serviço, depois tranquei o pombal e corri de volta do mesmo modo que viera. O chão estava branco, forrado com as flores caídas das amendoeiras. Pensei na neve, no maná e em Jerusalém. Pensei no escravo encolhido entre as pombas. A minha respiração pulsava contra os ossos.

Shirah me esperava, andando de um lado para o outro. Enrolara o cabelo comprido sobre a cabeça e se desfizera dos véus. Com uma caneta de ponta fina feita com uma pena de falcão, usando sangue em vez de tinta, ela escrevera o nome do nosso Senhor em seus braços, as letras lidas de baixo para cima, na direção do céu. Preparara *pharmaka* com as folhas preciosas da arruda, uma erva que a maioria das mulheres com filhos evitava, pois provocava cólicas. Muitas pessoas recusavam-se a tocar a planta, pois a arruda queimava a pele. Geralmente era arrancada do chão amarrada a um cão, para que a maldição que acompanhava a extração da raiz recaísse sobre o animal. Algumas mulheres usavam a erva quando queriam abortar, mas a arruda também poderia ser usada quando fosse preciso apressar o nascimento de um bebê, tanto para o bem dele como para o da futura mãe.

Shirah reuniu os excrementos de pomba e acendeu uma fogueira usando-os como turfa. Ela atçou as chamas até subir uma nuvem de fumaça. O cheiro emanado era amargo, mas também familiar. Parecia que os pombos nos haviam seguido até aquele lugar; podíamos ouvir suas asas batendo, tão rápidas quanto a nossa respiração, tão rápidas que o nascimento deveria acontecer se fosse para a mãe e a criança sobreviverem. Depois que a parturiente bebeu a arruda amarga, vomitando com ela, Shirah nos fez segurá-la por um braço. Em seguida, nós a obrigamos a ficar em cima do fogo. O ar queimava com o calor e todas nós estávamos ensopadas de suor. Tirei o xale, sentindo que poderia sufocar. Mal

conseguia enxergar em meio a tantas cinzas e faíscas. O mundo era feito de sal e fumaça, e não havia escolha a não ser seguir em frente.

Entráramos no lugar mais profundo, a sede da grande deusa Astarte, mencionada pelos profetas, a deusa que continuava a nos acompanhar apesar de os sábios do Templo terem feito tudo para destruí-la. Nem mesmo eles poderiam derrotar o que muitos alegavam ser o aspecto feminino de Deus, a *Shechinah*, tudo o que era divino e radiante, a noiva do noivo *Adonai*. A *Shechinah* curava os enfermos, convivia com os pobres, abraçava igualmente os maus e os bons.

A parturiente ofegava apoiada em nós. Quanto a mim, parara de pensar e simplesmente fazia o que me era ordenado. Não sabia como viera parar ali, acordada dos meus sonhos, arrastada do meu alojamento naquela noite escura. De todas as pessoas, um prenúncio do Anjo da Morte, conhecido como *Mal'ach ha-Mavet* antes de eu ser conhecida como do gênero humano, uma assassina da própria mãe, estava agora de guarda para Astarte, a Rainha do Céu.

A empregada pediu-nos para tirá-la de cima do fogo. Disse que estava sendo queimada viva, que as faíscas entravam em seu corpo, entrelaçando-se com seu sangue e seus ossos. Pedi permissão para movê-la, mas Shirah insistiu que a fumaça era necessária para abrir seu ventre.

– A bondade pode ser uma maldição – disse ela. Agachou-se ao lado da serva e começou a cantar.

Beshem eh'yeh asher eh'yeh tsey tsey tsey.

A voz de Shirah era rouca e quente, as entonações subiam. Ela pronunciou as palavras várias vezes, e seu canto nos envolveu até podermos ouvir somente o tom e o desespero.

Va'yees'sa va'ya'vo va'yett. Em nome de eu sou quem sou, em nome de Deus, saia. Já fez a sua jornada e agora chegou. Amém. Amém. Selah.

A mulher continuara a chorar, mas nesse momento os seus lamentos pioraram. Os chacais se chamavam daquela maneira, chorando na noite. A pobre serva estava tão imersa em si mesma, no âmago mais profundo, que parecia impossível voltar à tona novamente. Pensei na minha mãe nos seus últimos instantes, antes do silêncio se impor, clamando em seu choro contra a brutalidade da sua sina, enquanto o meu pai, lamuriando-se na porta, me amaldiçoava.

A parturiente falava aos que não estavam presentes, orando ao nosso Deus, *Adonai*, e a Abraxas, um deus dos egípcios, e a Astarte. Fazia barganhas

secretas, prometendo tudo o que estivesse disposta a sacrificar se o seu tormento terminasse, sua vida, sua alma, seu filho recém-nascido.

– Levem tudo! – ela gritou. – Levem-me também!

Receei que chamasse a atenção dos guerreiros com seu choro, ou convocasse demônios que não conseguíssemos repelir, mas Shirah disse que não, que era o silêncio que deveríamos temer. O silêncio em um nascimento significava que os demônios haviam vencido e que Lilith, a criatura da noite da Babilônia, com seus longos cabelos negros e suas asas negras, que atacava as outras mulheres, seduzia seus homens e roubava seus filhos, tinha prevalecido.

Shirah escreveu o nome de Obizoth, o demônio feminino que estrangulava os recém-nascidos, e depois queimou o papiro em que escrevera aquele nome vil. A fumaça subiu escarlate, da cor do sangue. Éramos as defensoras e estávamos em batalha. Senti que poderia pegar um demônio pelo pescoço, caso ousasse aparecer diante de nós. O deserto me ensinara que devemos destruir para poder viver. Tínhamos montes de sal para atirar sobre todas as criaturas da noite que se aventurassem a se aproximar. Peguei um punhado e esfreguei sobre meu abdome, pois as crianças não nascidas eram especialmente vulneráveis aos demônios.

Permanecemos ao lado do fogo, o suor dos nossos corpos fazendo arder os olhos. Quando o fogo ardente passou de vermelho a azul, Shirah recitou sua devoção a *Adonai* para que o anjo Rafael frustrasse qualquer tentativa de fazer mal ao bebê quando ele finalmente surgisse. A futura mãe começou a ter contrações. Eram visíveis os movimentos dentro dela, como se uma tempestade atravessasse seu corpo. Percebi que estava recitando o encantamento de Shirah. Aprendera as palavras e as memorizara, pois também acreditava que nos protegeria do mal.

Shirah orientou-nos a afastar a mulher das chamas assim que seu líquido desceu em uma torrente. Percebi o quanto me apavorara pensando que a criança não nasceria, enquanto Nahara, embora não tivesse mais que treze anos, não temia o que estava por acontecer.

– Finalmente ele chega – disse ela, radiante. Bateu palmas e depois se agachou, preparada.

O bebê chegou a suas mãos rapidamente, o rosto retorcido em uma carranca. Nahara sorriu, sem medo, embora o sangue se espalhasse por toda parte. Pensei: *Ela é uma mulher e eu não. Ela já é tudo e eu sou nada.*

– O que acontecerá a ela agora? – perguntei a Nahara, indicando a nova mãe.

– Ela voltará à mulher que é a sua senhora e dirá que encontrou o bebê nos penhascos.

– E vão acreditar nela? – perguntei.

– A minha mãe vai acompanhá-la. Eles vão aceitá-la de volta. Vão acreditar que devem fazer isso para que o homem da casa possa ter um novo filho.

Shirah ajoelhou-se e enfiou a mão dentro da mulher, entoando seu cântico enquanto retirava a placenta. Essa seria enterrada no pomar, onde ninguém a descobriria. O que dera a vida a essa criança traria boa sorte para as nossas culturas.

A noite fora um turbilhão. Por fim o silêncio se abateu sobre nós. Estávamos molhadas e quentes, cansadas demais para nos purificar. Agora que o bebê lhe fora entregue e era envolvido em um pano limpo, a mãe o segurou e pôs contra o peito. Ouvi um soluço e percebi que partira da minha garganta.

Entendi a razão de Shirah querer a minha presença ali naquela noite. Ela já adivinhara o que vinha se desenvolvendo dentro de mim. Chegando ao meu lado, ela sussurrou, para ninguém ouvir.

– Pensou que fosse a única leoa? – indagou ela, o nosso trabalho ali já terminado. – Pensou que eu não soubesse?

*

MEU IRMÃO liderou um ataque pouco tempo depois. Era uma honra para ele fazê-lo, um sinal da sua bravura e do seu favor aos olhos de Ben Ya'ir. No entanto, aqueles que o amavam desejaram que não fosse tão honrado. Temíamos que a sua fosse uma missão que o levasse para o Mundo Vindouro. No pombal, Aziza se extenuava de trabalhar. O cabelo se embarçava às suas costas, uma massa de fios pretos. Recusava as refeições e passava suas noites na muralha, olhando para o vazio dos campos esbranquiçados de pedras que Deus estendera à nossa frente. Ainda era possível ver as pegadas dos guerreiros que haviam se aventurado vale abaixo, mas elas desapareciam e o vento empoeirado acabava por apagar seus últimos vestígios, e logo parecia que nunca haviam tomado aquele caminho.

O céu estava nublado e avistavam-se incêndios a distância, pois os nômades vagavam por ali e os soldados da legião não andavam muito longe. A fumaça elevava-se até as nuvens, tornando o mundo sombrio. Amram se fora fazia

alguns dias. Logo Aziza foi para a cama, recusando-se a sair dali até mesmo quando o sol finalmente rompia a escuridão. Nem mesmo a irmã mais jovem conseguia convencê-la de que deveria cuidar da própria vida. Estava dominada pelo terror que se abatia sobre todas as mulheres que esperavam por um guerreiro.

Meu pai e eu também olhávamos para cima dos penhascos, procurando no horizonte. Apesar da distância que nos separava, éramos iguais no nosso amor por Amram. Talvez por causa da nossa preocupação comum, começamos a fazer a refeição da noite juntos. Não falávamos, a não ser para nos referir à comida, mas finalmente podíamos compartilhar o mesmo alojamento sem nos dar as costas. Tentava não pensar sobre como meu pai reagiria ante a minha desonra, se soubesse que carregava o filho de Ben Simon, o quanto seu ódio por mim se multiplicaria, como me humilharia e me expulsaria, como provaria que estava certo. Nada além de um problema. Eu, que podia afogar alguém de dentro para fora, que seduzira o marido de outra, como se dizia que Lilith fazia, não era digna de varrer o chão que ele pisava. Meu pai cortaria o cabelo da minha cabeça e rasgaria as minhas roupas para me marcar como uma *zonah*, depois rasgaria as próprias roupas, como fazemos para chorar pelos mortos.

Eu só poderia ficar em silêncio se ele fizesse tudo aquilo, pois o silêncio era o que eu conhecia melhor.

NOS CAMPOS, as árvores frutíferas não produziram tão copiosamente quanto poderiam depois da onda de frio. Os suprimentos de Herodes iam diminuindo rapidamente, as rações foram reduzidas. Meu pai queixava-se das refeições que lhe preparava, e tinha todo o direito de fazê-lo. O nosso povo começava a passar fome. Amram e os outros guerreiros haviam sido enviados ao vale para tomar o que os outros assentamentos tinham em seus armazéns e campos. Isso poderia ser chamado de roubo, de violência ou de assassinato, mas era a maneira pela qual passáramos a viver. A lei do deserto era a que eu aprendera bem, a simples sobrevivência. Meu irmão jurava que até mesmo um bandido poderia ser puro aos olhos do Todo-Poderoso. Insistia em que o juízo de Deus dependia do motivo, e o nosso era permanecer fiéis a Israel. Certamente Deus olharia por nós e enviaria a fortuna ao nosso caminho.

Desde o nascimento do filho da serva, Nahara passara a confiar em mim. Um dia, depois de horas trabalhando lado a lado, ela admitiu que, antes de o meu irmão descer da nossa montanha para liderar o ataque, Aziza o procurara levando consigo um pó feito de couro de serpente queimado. Sua mãe conhecia todo tipo de feitiço e, apesar de Aziza nunca ter demonstrado interesse por tais

assuntos, pelo amor de Amram consultara o livro mágico que ela guardava a sete chaves.

Quando abraçara meu irmão na despedida, Aziza espalhou o pó da serpente no seu cabelo. Enquanto o mantinha próximo de si, ele não percebera que, juntamente com o abraço, havia uma essência branco-esverdeada de uma serpente que morderia seus inimigos e o protegeria do mal. Meu irmão podia não entender até que ponto Aziza estaria disposta a chegar para salvá-lo, mas eu sim. Teria feito o mesmo se tivesse acesso a um feitiço poderoso. Teria queimado a serpente até as cinzas se fosse para poupar o meu amado de todo o mal.

Depois que os guerreiros realizaram o ataque, ficou claro que não foram favorecidos. O assentamento que atacaram fora prevenido pelo latido dos cães e a batalha foi feroz, com perdas de ambos os lados. Os nossos homens não voltaram para a fortaleza, em vez disso entraram nas falésias à nossa frente, um lugar cheio de marcas e obscuro, conhecido dos animais selvagens. Soubemos então que tinham se tornado *tamé*, impuros pela proximidade da morte, e que agora deveriam se purificar. Os sobreviventes precisavam orar e jejuar por sete dias antes de poder ser recebidos de volta.

As famílias dos que haviam partido esperaram em silêncio junto ao portão, com pleno conhecimento de que em breve alguns de nós estariam de luto. Quando, finalmente, os guerreiros remanescentes regressaram, quase caí desmaiada ao ouvir as pessoas gritarem o nome de Amram. Fui me encontrar com meu irmão, grata em demasia por ele se encontrar entre os que sobraram para enterrar os mortos. Mas essa tamanha proximidade de *Mal'ach ha-Mavet* o queimara, da mesma maneira que o aço é cozido em forno para endurecer. Ele fora forçado a enterrar seu amigo Jonathan, o único que se preparara para ser um estudioso, que pensara em se tornar um sacerdote, mas que em vez disso assumira a adaga. Naquele dia Amram usou o xale de oração de Jonathan, com as franjas brancas e azuis. Havia mulheres cujo único ofício era preparar o corante violeta-azulado utilizado nos xales de oração, aferventando mariscos que só podiam ser encontrados em uma única costa do Grande Mar, acrescentando sal, areia e pedra até que a cor se tornasse como a do céu. Cada nó na indumentária era um sinal de devoção. Amuletos eram anexados aos fios, para proteger de demônios e trazer fortuna aos devotos. E no entanto Jonathan fora levado pela morte. Sua família permaneceu escondida em um quarto escuro, rasgando suas vestes, recusando-se a falar com alguém, fechando as portas para garantir que a luz não entrasse em seus alojamentos.

Meu irmão veio comer e beber conosco, mas não ergueu os olhos. Havia

manchas escuras de sangue no xale que mantinha sobre os ombros. Meu pai estava tão feliz com o retorno do filho à sua companhia que não percebeu a diferença estampada no semblante de Amram, a sua expressão sombria, o seu olhar fixo. Via apenas um homem forte, capaz de levantar uma espada tão pesada que poderia matar qualquer rival, mas eu via algo completamente diferente. Meu irmão dera um passo para longe da vida. Andara muito perto do Mundo Vindouro quando esse reivindicara os que o rodeavam. Os demônios aproximaram-se dele e o macularam, agarrando-se ao seu espírito, tentando arrebatá-lo para o outro lado, o lado do desespero e do sofrimento fervilhante. O Anjo da Morte tudo via com seus mil olhos; seu toque, segundo se dizia, poderia ser sutil o quanto desejasse. Aquele que permitisse seu abraço afundaria em seus braços, dos quais nunca mais sairia. Notei o modo que meu irmão olhava para os penhascos lá embaixo. Estava vendo o que acreditava ter sido escrito a seu respeito, o destino a que escapara quando o amigo tomara seu lugar.

Quando meu pai comentou que Jonathan tivera a morte de um guerreiro, como cabia a todo homem, vi Amram estremecer e virar para o lado. Ao fim da refeição, depois que nosso pai fora rezar e agradecer pelo retorno do filho em segurança, saímos do alojamento.

– Devia ter sido eu – meu irmão comentou, incapaz de escapar da tristeza de sua perda.

Pobre Aziza, pensei, o seu feitiço não protegera Amram como ela planejava. Jonathan pusera-se à frente do meu irmão intencionalmente, recebendo o golpe que era para Amram, em nome do amor e da amizade. Insisti que isso não poderia ter sido um erro. Deus tinha um projeto para nossas vidas e o retorno de Amram já deveria ter sido escrito, acreditando ele ou não que o merecesse. Meu irmão ainda usava o amuleto que eu lhe dera. Lembrei-lhe de que devia tudo ao favor de Deus, como Salomão.

– Não podemos conhecer ou entender o plano de Deus – disse a ele.

Peguei sua mão e depusitei-a sobre minha barriga, para que sentisse a vida dentro de mim. Ela se desenvolvera e se formara plenamente, como um peixe em um lago. Meu irmão disparou-me um olhar. Fora rápido em adivinhar que estivera nos braços de um leão.

– Ele deveria protegê-la – disse, referindo-se a Ben Simon, que fora o seu mestre, um homem a quem respeitara e em que depositara a fé. – Se esse fardo pertence a alguém, é a mim, por enviá-la a ele.

– Posso questionar mais o Anjo da Vida do que você o Anjo da Morte? Isso tinha de acontecer.

Meu irmão me fitou e compreendeu: o que eu compartilhava com ele não era o meu fardo, mas a minha alegria.

*

TALVEZ SEJA possível descobrir mais no silêncio que no discurso. Ou talvez seja apenas que os que estão em silêncio entre nós aprenderam a ouvir. O Homem do Norte, que era o nosso escravo, não tinha outra escolha senão conviver com nosso palavreado o dia todo. Sentia pena dele, como me compadecia de todos os homens acorrentados, mas talvez fosse mais do que isso o que tínhamos em comum. Éramos ambos eLivross ali, cada um de posse de um passado que ninguém seria capaz de imaginar. Às vezes, era mais fácil ser como um desconhecido de quem nada se espera e para quem nada se dá em troca. Eu me acostumara àquele homem. Todas nós o tínhamos feito. Suas mãos estavam calejadas do trabalho, mas ele nunca reclamou. Comia o pouco que lhe dávamos. Baixava os olhos quando fofocávamos, embora uma vez ou duas eu o visse sorrir. Fora uma visão estranha, à qual dei as costas, pois sua expressão fazia parecer que não era um escravo, mas um homem. Sabia que era um erro pensar nele desse modo.

Uma vez, quando ele carregava um cesto pesado para mim nos campos, algumas crianças desordeiras lhe atiraram pedras, rindo, até que as persegui. Ainda assim elas gritaram, chamando o escravo de Leviatã, o nome de um monstro marinho enorme, por causa da sua grande altura e dos braços fortes. Talvez tenha sido nesse momento que a minha compaixão começou a brotar, uma semente que se desenvolvera a partir da maneira que era insultado.

Virei-me para as crianças que o provocavam avisando que, se continuassem a fazer aquilo, atrairiam demônios para o seu meio.

– Corram! – gritei, e aqueles rudes xingadores espalharam-se como sementes, rindo e correndo para longe.

O escravo inclinou a cabeça para agradecer-me à sua maneira hesitante, mas acenei para detê-lo.

– Não suportei ouvir aquelas vozes. Foi só isso. – Disse isso para ele não se atrever a supor que me preocupava com seu conforto. – Mande-os embora pelo meu bem, não pelo seu.

Muitas vezes o surpreendia me observando enquanto trabalhávamos lado a lado. Passei a atar o lenço com mais força. Chegara a acreditar que ele poderia falar a nossa língua perfeitamente se quisesse. Ele parecia estar ciente de tudo o que dizíamos mas, quando alguém lhe fazia uma pergunta, dava de ombros e murmurava algo no seu vocabulário áspero, fingindo ser tão ignorante do nosso quanto as pombas. E então um dia, não muito tempo depois de eu ter afugentado as crianças rudes, enquanto trabalhávamos embaixo de algumas figueiras espalhando o esterco, de repente ele falou comigo.

– Seu cabelo é como o fogo – disse.

Falava a nossa língua de maneira estranha, as palavras congeladas, com cautela, mas sem dúvida a conhecia bem, e talvez a tivesse aprendido antes de ser capturado. Os recrutas do exército romano andavam com soldados de muitas terras e encontravam maneiras de se comunicar. Essa manifestação sobre meu cabelo, no entanto, não era o que esperava. Ri sem poder me controlar.

– Tenha cuidado – eu disse. – Pode se queimar.

Depois que o silêncio é quebrado, muitas vezes segue-se uma torrente de palavras. O Homem do Norte então me disse que, de onde ele vinha, muitas mulheres tinham o cabelo vermelho. Antes de ser recrutado pela legião romana, nunca fora além das fronteiras da sua aldeia, que continha talvez duzentos moradores, a maioria deles seus parentes. Sua terra era tão fria que a neve e o gelo se mantinham grande parte do ano, o céu era escuro mesmo durante o dia. Por um breve período do ano, o seu mundo se tornava verde, não como o deserto, que florescia em tufo, como uma neblina rarefeita, mas em uma cortina de verde profundo e impressionante, com grama tão alta quanto as oliveiras e florestas tão extensas que era preciso um mês para atravessá-las.

Quanto mais quente o nosso mundo se tornava, mais eu ansiava por ouvir as histórias que ele contava. Sentávamos à sombra das figueiras no calor escaldante, indiferentes ao sol que nos atingia de forma brutal. Eu escutava, revigorada, ao saber que na terra dele havia lagos azuis como lápis-lazúli, nos quais os peixes eram do tamanho dos homens. Os guerreiros tatuavam-se com tinta preta e lutavam tão ferozmente quanto os lobos; em combate, usavam escudos que eram mais fortes que qualquer coisa que tínhamos, um metal que não podia ser rompido com lanças ou machados. Tais homens podiam passar toda uma lua sem dormir, vigiando suas mulheres e seus rebanhos, as ovelhas com os pelos tão longos que tocavam a terra, as cabras da cor da neve e com olhos que eram esferas amarelas. Se um inimigo fosse atrás de um guerreiro

daquela terra do norte, seria rapidamente morto com um único golpe na garganta.

– Se tudo isso é verdade, então por que você é um escravo?

Era um insulto fazer uma observação dessas a um homem que fora um guerreiro, depois um soldado da legião e agora era um humilde escravo de mulheres. Ele poderia ter considerado uma ofensa, mas apenas deu de ombros.

– Por que você é? – disse simplesmente.

Eu ri.

– Não sou.

A expressão do Homem do Norte deixou claro que discordava.

– Não sou – insisti.

Ele fitou-me com tristeza.

– Você será. Vi isso na minha terra.

Os romanos tinham dominado o seu país, então ofereceram àqueles que foram conquistados uma alternativa a morrer de fome. O Homem do Norte estivera com os seus irmãos e escolhera viver. Fora levado através do Mar Frio e conduzido a Roma, antes de ser enviado com a legião para a Judeia. Enquanto estivera em Roma, vira coisas milagrosas, banhos, onde havia água corrente quente e fria, casas em que era possível possuir mulheres e meninos por um preço mínimo, lojas que vendiam criaturas monstruosas – elefantes, enguias e peixes enormes com uma lança presa à cabeça. Fora ao Coliseu com as multidões que se acotovelavam e empurravam através dos corredores calçados, assistindo às batalhas entre os gladiadores. Não podia acreditar em tudo o que testemunhara; aquelas visões muito vívidas ainda lhe pareciam sonhos.

Perguntei se era verdade que os romanos mandavam homens lutar contra animais selvagens. Um homem não era diferente de um animal aos olhos dos romanos, o escravo me disse, talvez uma diversão melhor, porque o homem muitas vezes chamava pela mãe ou pela amada nos seus últimos momentos no mundo, enquanto o animal sabia quando se render.

Pensei em Ben Simon e na marca em seu rosto, e na criatura que o considerara amargo demais para comer. Perguntei ao escravo se vira homens combaterem leões. Ele inclinou a cabeça, dizendo que os gladiadores temiam os leões mais que quaisquer outras criaturas, até mais que os crocodilos que nadavam em

grandes tanques rolados para o centro da arena sobre toras, puxados com cordas pesadas e correntes por mais de cem homens. Aqueles animais aquáticos podiam pegar um homem na boca, arrastando a vítima para o fundo a fim de afogá-la, mas era possível lutar contra um crocodilo, trespassar seu olho com uma faca e forçar sua retirada. Alguns gladiadores sobreviviam. Mas o leão, depois de atacar, jamais recuava. Lutava até o fim, até que houvesse uma rendição e nada mais restasse além de ossos.

– Por que pergunta sobre esses animais? – ele quis saber depois que o interroguei tão detalhadamente.

Dei de ombros, fingindo não ter nenhum interesse em particular.

– Sonho com eles às vezes.

– Mantenha-os em seus sonhos – o Homem do Norte aconselhou-me, mas pude perceber pelo seu olhar que ele sabia que havia algo mais.

PASSEI A OUVIR todas as histórias do escravo. Algumas eram tão absurdas que mal acreditava nelas. Ele falou sobre um animal chamado veado, uma criatura enorme em comparação ao íbex, a cabra selvagem encontrada na Judeia. Disse que era capaz de seguir um daqueles pela neve com bastante facilidade, mesmo sob uma tempestade, porque aqueles veados esfregavam os chifres nas árvores e assim deixavam marcas. No seu mundo, as raposas ficavam brancas quando a neve caía; depois, quando o inverno desaparecia, voltavam ao vermelho diante dos seus olhos. Ele jurou que a cor do meu cabelo era igual ao das mulheres mais bonitas da sua terra e, acrescentou maliciosamente, da minha. Eu ria de algumas das coisas que ele me dizia, sem acreditar que os rios pudessem correr prateados, que os monstros do oceano fossem tão cheios de água que a cuspiam para o ar, que houvesse alcateias com a força de uma centena de lobos, que se chamavam na noite com vozes puras e frias.

Com frequência, Revka nos observava nos campos. Às vezes, quando voltávamos para o pombal com as cestas vazias, ela balançava a cabeça, franzindo a testa. Apesar da sua má vontade, eu não pretendia parar de ouvir o Homem do Norte. Quando ele falava, eu não pensava no deserto, ou no passado que me acenava, ou nos pecados que cometera, apenas na terra que nunca conheceria, nos deslocamentos da neve, nos bandos de homens com tatuagens negras, que amarravam ramos planos nos pés para poder andar na neve com facilidade, como os ursos.

O escravo confiou em mim o bastante para contar os detalhes da sua captura,

embora ficasse tenso e com raiva ao recordar o evento. Quando a guarnição romana foi saqueada pelos nossos guerreiros, ele e o seu parente caíram de joelhos, jurando que não tinham lealdade ao imperador e que nunca haviam levantado a mão contra nosso povo. Não conseguia erguer os olhos quando ele falou dessa humilhação. Nosso povo lhes permitira viver porque fizeram um juramento contra Roma e porque haviam sido roubados de sua terra natal. Todos os demais foram mortos, apesar de alguns dos soldados serem pouco mais que meninos que imploravam por suas vidas e se encolhiam à vista de uma faca.

Naquela noite, o sangue dos romanos que tinham sido mortos evaporou para as nuvens e se transformou em chuva. A chuva de sangue seguiu os nossos guerreiros em suas tendas, escorrendo e formando rios. Nossos homens entraram em pânico e estavam prestes a correr dali, mas Ben Ya'ir instruiu-os a não fugir. Ele conseguia fazer isso com seus guerreiros, o escravo vira isso pessoalmente, fazê-los render-se sob seu olhar. Com ousadia, ele informou que uma chuva de sangue não era uma maldição, mas uma promessa. Era o futuro que teriam de enfrentar, como todos os homens devem encarar a morte um dia. Poderiam fazê-lo como covardes ou como homens de Deus, aquela era sua escolha.

Todos os homens sob seu comando permaneceram. O escravo comentou que soube então que Ben Ya'ir era um homem que jamais desistiria, não importava quais fossem as circunstâncias.

Pela manhã, quando a escuridão se dissipara, o sangue que caíra do céu transformou-se em *flamboyants*. Graças a isso, os homens puderam se proteger do sol do meio-dia, uma bênção evidente de *Adonai*. Os nossos guerreiros caíram de joelhos em gratidão.

Corei à menção da árvore sob a qual tantas vezes me deixei ficar e sonhei. Comentei que o *flamboyant* era uma das minhas favoritas e ele balançou a cabeça, disse que não estava surpreso em ouvir isso. Naquele dia, no entanto, apesar de ter sido posto a ferros, acorrentado ao seu parente, apenas um escravo e nada mais, ele conhecera o verdadeiro significado do que o nosso líder dissera ser um milagre quando vira os *flamboyants*. Não era a graça de Deus que viam, o escravo me assegurou. Ele conhecia os presságios da guerra e estava ciente do significado das flores vermelhas florescerem naquele dia. Nosso povo teria de atravessar o fogo.

Porque testemunhara o massacre, Deus o considerava culpado também. Ele também teria de enfrentar o fogo. Olhou para meu cabelo enquanto falava. Foi então que insisti que era hora de voltar ao pombal. Voltamos pelo mesmo

caminho por onde tínhamos ido. Uma brisa passou por entre as árvores. Essa era uma razão tão boa como qualquer outra para cobrir a minha cabeça. Tínhamos falado muito livremente e nada de bom podia resultar disso. Regressei em silêncio, mas o Homem do Norte tinha mais uma coisa para contar. Confidenciou-me que não sabia o que sentir quando fora poupado pelos nossos guerreiros. Devia sentir-se grato ou indignado? Fora resgatado da legião romana apenas para ser lançado à escravidão. Essa humilhação não era o que previra como caminho da sua vida.

– O que pretende fazer?

– Pretendia encontrar uma mulher como você. – Ele me falava como se não fosse um escravo e eu uma mulher que carregava outra vida dentro de si.

– Você está confuso – objetei. – Acha que, porque tenho o cabelo vermelho, sou como uma das mulheres que conheceu em outro mundo.

Tínhamos atravessado o campo e nos aproximávamos do maior dos pombais com as cestas vazias nas mãos, o céu azul acima de nós, o ar fresco, e realmente parecia que havíamos entrado no país do escravo durante a época em que tudo era verde.

– Você demorou demais – falou Revka, ao nos ver pelo vão da porta, observando-nos de novo, mesmo que não fosse minha parenta e as minhas ações não fossem da sua conta. – Apresse-se. Há trabalho aqui. Você já ouviu falar disso?

– Não estou confuso, Yael – o Homem do Norte me disse antes de entrarmos, momento em que Revka poderia ouvir. – Sei quem você é.

Levei metade do dia para perceber que ele dissera meu nome e ainda mais para admitir que não me encolhera ao ouvir o som dele.

*

EM UM MUNDO de sangue, é de esperar ver o vermelho, mas quando acordei com uma torrente de sangue fluindo de dentro de mim, manchando o estrado em que dormia, fiquei atordoada. Carregara o meu filho por mais de seis meses, supondo que estivesse em segurança. Mas sonhara com a fantasma que dormia ao meu lado. Ela ficara sussurrando em meu ouvido a noite toda, recusando-se a deixar-me, chorando por tudo o que perdera no mundo, incapaz de me deixar em paz. Eu quisera o que lhe pertencera, agora ela desejava o que era meu. Talvez suas palavras tivessem me ferido e era por isso que sangrava. No meu sonho,

estivéramos juntas no penhasco em que deixara seus ossos. Penas caíam do céu e todas as aves que matara com as minhas mãos chegavam vivas.

Eu precisava desesperadamente de um remédio, algo que interrompesse o sangramento e ligasse a criança que carregava ao mundo em que vivíamos, não ao Mundo Vindouro. Na escuridão do amanhecer, fui ao aposento do meu pai e peguei as poucas moedas que ele tinha. Não sentia vergonha de roubar sua prata. Preferiria ser uma ladra a uma mulher sem filho.

Enquanto corria pela praça à luz fraca, senti uma onda de calor implacável, formada pela dor que ardia dentro de mim. Perguntei a um guarda onde Shirah morava.

– O que quer com a bruxa? – perguntou ele.

– Trabalhamos nos pombais – disse-lhe. Ele me observou com atenção, talvez para julgar se era culpada de alguma coisa e agora apenas tentava determinar a natureza do meu crime. Talvez tivesse sentido o cheiro do meu sangue e soubesse que eu estava impura. – Os pombos estão doentes e não sou experiente o bastante para reconhecer a doença – insisti.

Embora parecesse desconfiado, ele apontou para um dos palácios. É claro, pensei, Shirah era parenta de Ben Ya'ir, portanto deveria viver em um palácio, mesmo que a acusassem de bruxaria. Alguns sussurravam que a vida ali não era tão diferente da que fora antes em Jerusalém: os que governavam conseguiam viver bem, enquanto os que seguiam passavam fome. Mas descobri que Shirah ocupava um anexo que antes fora uma cozinha, usada por servos no tempo do rei. Quando bati na porta, essa se abriu. Não tínhamos fechaduras. A montanha era a nossa fechadura, o caminho da serpente era a nossa chave.

Não havia ninguém lá dentro, mas entrei e olhei ao redor. O chão do seu alojamento tinha o desenho de mosaicos que se abriam em leque. Destacava-se um altar de madeira ao lado de prateleiras fixadas na muralha de pedra. Essas prateleiras estavam repletas de tigelas e jarros, frascos de mel e vinho, juntamente com recipientes de ervas. O piso ecoou quando fui abrir a porta para olhar dentro do pequeno dormitório. Aziza e Nahara dormiam entrelaçadas no mesmo estrado. O irmão, Adir, um menino moreno de não mais de onze anos, dormia ao lado da porta dos fundos. Não havia nenhum sinal de Shirah, apenas um quadrado de palha coberto por uma manta tecida intocada.

Virei-me para encontrá-la entrando em casa, os passos leves, como se fosse uma ladra. Estava sem fôlego, talvez tivesse corrido. Trazia a cabeça coberta por

um xale estampado com um desenho de folhas douradas e meia dúzia de pulseiras que tilintavam em seus braços. Ela parou quando me viu, então rapidamente recuperou a compostura.

Saíra para uma caminhada, ela me contou, tirando as pulseiras.

– Não conseguia dormir – disse ela. – Talvez sejamos duas quanto a isso.

– Talvez – concordei.

Não perguntei sobre qual assunto obscuro ela fora tratar. Começava a perder as forças e, antes que pudesse dizer mais, desfaleci de encontro à parede. Quando Shirah viu que eu estava sangrando, repreendeu-me por não mencionar o problema de imediato. Fez-me sentar a uma mesa que era apenas um pedaço tosco de madeira apoiado sobre um cavalete. Apalpou a minha barriga e soube pelo simples toque quando a criança começara a se formar e quando entraria no mundo. Mostrei-lhe as moedas que trouxera comigo e pedi uma poção, mas com um gesto ela as recusou. Disse-me que a cura não era tão fácil de encontrar. Embora não quisesse pagamento, tentaria ajudar. Ferveu umas folhas de garança, uma planta que, segundo se dizia, tingia de vermelho os ossos dos animais que a pastavam. Acrescentou bagas de amora silvestre e me serviu um chá escarlate e fumegante. Bebi-o apesar de me queimar os lábios. Essa mistura não era a cura, disse-me Shirah, mas poderíamos esperar que acabasse com as cólicas.

– Existe alguém que não queira o nascimento do seu filho? – ela perguntou. – Alguma pessoa que lhe deseje o mal?

Senti como se uma flecha tivesse me perfurado. Havia apenas uma pessoa. Como tirara algo de Sia, ela tiraria de mim.

– O fantasma de uma mulher – disse em voz baixa.

– Ela está aqui com você agora?

Ergui os olhos e vi que minha fantasma realmente me seguira e estava de pé na porta, fitando-me com censura.

Inclinei a cabeça concordando.

– Bem, ela veio por uma razão. – Shirah examinou-me. Os seus olhos estavam bem delineados pelo *kohl*.

Por um momento, senti como se estivesse me afogando.

– Peguei algo que não me pertencia – admiti.

– Entendo. – Ela continuou a me examinar, a interpretar em detalhes a minha expressão. – Você se arrepende disso?

Uma pergunta bastante simples. Mas não poderia dar a resposta que ela queria. Quando balancei negativamente a cabeça, Shirah suspirou.

– Se é assim que se sente, então vai ter de aceitar que o que roubou vai levar seu filho.

Se Sia tivesse vivido, o bebê que eu carregava pertenceria a ela, caso Ben Simon o assumisse como seu e se casasse comigo. Ela seria sempre a primeira esposa e poderia tomar conta da minha vida. Talvez fosse essa sua intenção agora.

Recuei de um salto, fora de mim pela preocupação. A faca que carregava como uma lembrança de amor caiu no chão. Shirah inclinou-se para pegá-la. Senti o calor aumentar no meu rosto quando ela passou o dedo sobre a lâmina. Ela ainda estava afiada o bastante para tirar uma gota do seu sangue.

– Sente-se – Shirah falou em voz baixa. Advertiu-me que, se ficasse agitada, só faria acelerar o sangue entre as pernas. – Não ajude a sua rival em sua vingança.

Fiz como me era dito.

– Quando fica com um homem que tem uma esposa, você se casa com ela também. Certamente você sabia disso na ocasião, não sabia?

Inclinei o queixo e olhei diretamente nos olhos de Shirah.

– Não desmancharia o que tinha com ele.

– Mas é exatamente isso o que está acontecendo – ela advertiu. – Se você quer o filho, deve se livrar da fantasma, e para isso deve se arrepender. Um fantasma simplesmente não vai embora. Ela está costurada a você. Vocês partilham a mesma pele, por isso ela acha que essa criança pertence a ela, mesmo estando no Mundo Vindouro. Só há uma maneira de se livrar dela.

Ouvi atentamente, sem saber o que sentia mais forte: terror ou gratidão.

– Faça o que digo e não se considere responsável por mudar nada. Corte uma mecha do seu cabelo. Amarre-a em um nó. Vá para onde os salgueiros novos crescem abaixo desta fortaleza e queime seu cabelo na madeira do salgueiro.

Ela voltou para junto dos frascos de ervas e tirou três folhas de um deles,

envolvendo-as em um pedaço de linho branco, em seguida entregou-me o pacotinho dobrado.

– Coma estas folhas quando a noite cair. O que engolir terá o gosto do que fez. Esteja preparada para isso. Só você saberá como é amargo. Mas não se preocupe com nada se não sentir nenhum arrependimento. Se esse for o caso, sirva uma xícara de chá à sua rival todas as manhãs, porque ela estará lá, com seu filho nos braços.

Meus olhos ardiam. Se não tomasse cuidado, choraria as lágrimas de Sia novamente. Não disse nada.

Shirah inclinou-se para a frente, abaixando o tom da voz. Seu lenço de cabeça escorregou. O cabelo estava torcido em uma trança elegante, enrolada graciosamente para cima à moda egípcia.

– Se estiver pronta para o perdão, terá de dizer o nome do anjo Rafael três vezes. Em seguida, três vezes dizer: *Não deveria ter prejudicado você*. No final, diga o mesmo de trás para frente três vezes, para ter certeza de que o que fez desapareceu.

Shirah pegou a faca do assassino. Antes que eu pudesse reagir, ela adiantou a mão e cortou uma comprida mecha do meu cabelo. Ela caiu entre nós como uma serpente. Pensei ouvi-la silvar como as impiedosas víboras pretas faziam.

– Você precisa se entregar a ela se quiser se livrar dela. A única coisa que sei é que o que está feito pode ser desfeito, mas o que está desfeito nunca mais poderá acontecer de novo.

PARTI NO DIA seguinte. Perguntei ao vigia do portão se poderia caminhar ao longo do caminho da serpente. Havia alguns arbustos de salgueiro que cresciam nas proximidades, árvores novas cujos ramos maleáveis eu queria usar para enfeitar um cesto. O vigia era jovem e não se ocupou de me perguntar nada, acenando para que seguisse, apesar de as mulheres não terem permissão para ir além do portão. Segui em frente em linha reta, pelo caminho que descia íngreme, antes que ele mudasse de ideia e me chamasse de volta.

O ar estava especialmente seco nesse dia. Pequenas faíscas brotavam da terra calcária enquanto eu avançava. O inverno se fora. Logo a terra arderia e eu arderia com ela. Caminhei rapidamente por um campo inclinado para baixo, o deserto diante de mim. Tudo parecia branco em meio à bruma. Não havia diferença entre a terra e o céu. Avistei o bosque de salgueiros de que Shirah falara e me desviei do caminho por uma cumeeira, depois descí para um buraco,

onde havia uma cobertura sombreada e uma lagoa de água parada e fétida. Sentei-me ali abrigada pelas árvores e tentei recuperar o fôlego. As minhas cólicas tinham cessado, mas o fio de sangue ainda brotava. Uma vibração de desespero estremeceu o meu peito.

Levara a faca de Ben Simon comigo, aquela estranha lembrança assassina do seu amor. Pensei em todas as pessoas que ele assassinara, ele fizera o seu melhor trabalho comigo. Uma parte de mim se fora para sempre. Mal podia resistir à tentação dos penhascos e ao desejo de acabar com a minha luta. Fiz o melhor que pude para não pensar em tais ações covardes. Era contra a lei fazer dano a si mesmo, um pecado tão grande que não havia perdão e apenas um campo de fogo no Mundo Vindouro.

Concentrei os pensamentos no desenho das folhas do salgueiro quando olhei para os galhos caídos e na suavidade da casca quando inalei seu perfume, tão fresco e verdejante. Juntei os gravetos no lenço branco que os essênios haviam me dado. Afastei para o lado as folhas perdidas. Quando o fiz, elas pareceram chuva caindo, ou as lágrimas no rosto de Ben Simon quando vira as duas irmãs-noivas no deserto.

Levei a lenha para uma caverna onde não seria vista, esgueirando-me por uma fenda que dividia as rochas. As mulheres eram advertidas a manter distância de tais lugares. Animais selvagens viviam entre as pedras, além de bandidos, quem sabe demônios também. O céu brilhava com uma luz esmaecida e as falésias tingiam-se de rosa e dourado. Esperei anoitecer. Respirava à maneira do leopardo, ofegante, ainda sentindo o calor entre as minhas pernas, pois o sangramento persistia. Senti-me sozinha, recolhida no fundo do meu silêncio.

Quando chegou o momento e o céu começou a escurecer, fiz uma fogueira entre os penhascos para que os tufo de fumaça não fossem notados pelos guardas que patrulhavam a muralha. Tirei as roupas e as dobrei. Trouxera óleo da romã, que pus nas mãos e esfreguei no meu cabelo e na pele. Depois, então, joguei o nó feito com a mecha do cabelo cortado na pilha de galhos queimados de salgueiro. O forte odor de uma parte de mim incendiada despertou um tremor no meu íntimo.

Agachei-me entre as rochas e comi as ervas que recebera, muito embora a minha língua ficasse inchada. Tratava-se de um cardo abençoado, e o sabor era realmente acerbo, deixando uma camada áspera no interior da minha boca. Mal conseguia engolir. Depois de ter consumido as folhas, senti uma sombra estender a mão dentro de mim.

Por um tempo que pareceu interminável, permaneci sentada sobre os calcanhares, esperando que o feitiço funcionasse. Vi estrelas caírem do céu. Vislumbrei o arco brilhante da lua nova. Era *Rosh Chodesh*, o novo mês de *Nissan*. Naquela noite havia comemoração na praça, pois esse fora o primeiro mandamento de Deus para Israel, que deveríamos reservar tempo para comemorar a lua nova, pois ela significava a renovação do nosso povo e era uma lembrança de que há luz na escuridão. Era isso o que significava ser humano, saber que o tempo se passou e que todas as coisas mudaram.

Percebi então que precisava renunciar ao silêncio, que fora a minha espada e o meu escudo. Esse era o preço que devia pagar. O que me protegera uma vez agora devia jogar fora. Fora o meu dom, mas era não mais.

Comecei a rezar. *Amém. Amém. Selah*. O feitiço envolveu-me como a escuridão girava na luz. As estrelas caíram mais perto. Receei o que pudesse acontecer, uma vez que a minha verdadeira natureza se revelava aos olhos de Deus. Mas o que deveria acontecer estava além da minha vontade, nas mãos do destino. Eu comera as ervas, acendera o fogo, dissera a oração que abria minhas feridas e meu coração, levantara a voz ao Todo-Poderoso.

O rugido do fogo soou como a voz do fantasma de mulher. Eu a chamara, pedindo-lhe para vir a mim, como havia se banhado comigo e retirado as cinzas do meu cabelo. O fogo estava tão brilhante que blindou os meus olhos, mas ardeu mais brilhante ainda. Algo dentro de mim se partiu e se estilhaçou. Produzi um som que não reconheci como a minha voz. Chamei, implorando, em seguida meus apelos foram atendidos.

Sia achava-se diante de mim.

Sua túnica estava em frangalhos, o cabelo, cheio de nós, seus braços eram nada mais que ossos. Não pude suportar a visão do mal que lhe causara. Corri para a beira do precipício a fim de escapar dela. As pedras moviam-se sob meus pés e sentia como se estivesse escorregando. Se pulasse, voaria para o chão do deserto lá embaixo, uma pétala de *flamboyant*, uma pomba livre. Mas o fantasma de mulher ainda não me deixaria em paz, mesmo agora. Ela não me libertaria para a morte pela qual eu ansiava. Estendeu a mão, puxando-me de volta da borda. Lutei contra ela, mas ela se recusou a me deixar ir. Quando finalmente não tive escolha, passei meus braços em torno dela, a minha primeira e única amiga. Entreguei-me a Sia.

Quando implorei seu perdão, não foram as lágrimas dela que chorei, mas as minhas, que não mais derramaria.

Adormeci sobre as rochas, esparramada em uma borda escura, onde as árvores espinhosas cresciam. Quando acordei já era quase de manhã. Sia permanecera nos meus sonhos durante toda a noite. Ela estava com um leão no deserto, debaixo de um salgueiro. Ela o recuperara de mim, como merecia, mas, ao contrário de mim, não era uma ladra. Deixara-me o que me pertencia. Senti o movimento da criança em meu ventre e chorei de alegria. Não era um demônio ou um leopardo, apenas uma mulher de cabelo vermelho. Então, enquanto a luz dividia o céu, tornando rosa o deserto, vesti a minha túnica. Sentia o corpo frio e machucado. Vi as marcas que fizera havia muito tempo na perna, pálidas como o arco da lua. Pareciam pertencer a outra pessoa, mas era eu quem carregaria as cicatrizes.

Ajoelhei-me perto da fogueira para me certificar de que não haviam restado brasas acesas. Nesse momento avistei os rastros de um leão. Restavam apenas umas poucas feras dessas no deserto, mas uma viera até ali, atendendo ao meu chamado. Estivera lá o tempo todo, cuidando de mim, antes de me deixar por último.

TENTEI CONVERSAR com meu pai para fazer as pazes, mas todas as vezes que me aproximava ele me virava as costas. Ele me fazia um gesto com faria a um cão, pois era assim que ainda me via. Ali na fortaleza, ele se tornara um homem ainda mais desprezível do que fora em Jerusalém. Ele, que cortejara a invisibilidade, tornara-se o que desejava ser; ninguém podia vê-lo agora. Os idosos eram invisíveis naquele mundo de guerra, considerados inúteis. Meu pai não tinha mais vitalidade. Ben Ya'ir precisava de homens jovens que pudessem combater lado a lado armados de machados, não de assassinos que escondiam as facas afiadas nas vestes e golpeavam os inimigos nos cantos escuros do pátio do Templo. Ninguém admirava o grande Yosef bar Elhanan pela capacidade de se esgueirar para dentro das casas dos inimigos, sempre protegido pela escuridão da noite.

Ele era designado para vigiar e cuidar do armamento. Esse era um trabalho humilde, destinado aos muito jovens e aos idosos. Substituir as pontas de flechas estava abaixo de sua competência, mas ninguém o ouvia, ninguém o valorizava. Ele começou a se fechar em si mesmo, um emaranhado de inveja. Agora, quando via meu irmão regressar com os guerreiros, meu pai sentia ciúme em vez de orgulho. Amram sempre fora o único a brilhar aos seus olhos, mas ultimamente nosso pai começara a observá-lo com desgosto. A exemplo do professor cujo aluno o supera, meu pai se ressentia das vitórias e da juventude do meu irmão.

Era como se já não tivesse filhos. Somente sombras na muralha, ali presentes

para menosprezá-lo e traí-lo.

UMA NOITE, meu pai viu Aziza com meu irmão, sozinhos ao lado da fonte. Todo mundo sabia que ela era a filha da bruxa. Não era a mulher que o meu pai queria para seu filho. Ele se virou na direção dela e cuspiu no chão. *Shedah*, sussurrou ele, como se tivesse visto uma serpente. Chamou o meu irmão para que viesse ter com ele e protestou com tamanha ferocidade que cheguei a cobrir os ouvidos.

Meu irmão anunciou que planejava se casar com Aziza, apesar das afirmações do meu pai de que não queria saber desse enlace. Amram ameaçou denunciá-lo e meu pai revidou com outras ameaças. Se a mãe de Aziza descobrisse alguma impureza na filha, talvez cuidasse ela própria de uma punição adequada: obrigá-la a um período de silêncio ou cobri-la de furúnculos, cortar todo o seu cabelo ou atirá-la para fora do portão. Eu estava em um canto torcendo o fio em meu fuso, fazendo o possível para não interferir, mas meu coração batia forte contra o peito enquanto meu irmão e meu pai vociferavam um contra o outro. O ar no alojamento estava quente, carregado. Quanto mais meu pai protestava, mais pálido meu irmão se tornava, transformando-se em gelo. A luz clara é perigosa, impetuosa e fria. Amram pousou a mão na faca. Talvez se tivesse esquecido de que era o nosso pai diante dele. Sussurrei seu nome, na esperança de acordá-lo do seu devaneio sombrio. Meu irmão olhou para a faca que arrancara do seu cinto, como se estivesse de fato em um pesadelo. Rapidamente deixou a discussão de lado.

– Não volte a falar comigo – ele advertiu meu pai antes de partir. – Se me vir, passe por mim em silêncio, como passarei na sua presença.

Naquele momento, o pouco que tinha como família estava desmantelado. Naquela noite, meu pai recusou a refeição. Foi deitar-se na cama, o rosto voltado para a parede. Tornara-se mais velho que a própria idade, um homem que jogara fora tudo o que poderia ter tido, arruinado pela amargura.

Senti a piedade brotar dentro de mim.

– Ele vai voltar – assegurei a ele.

Meu pai balançou a cabeça.

– Tenho certeza disso – disse, embora o abismo entre os dois fosse profundo.
– Amram é seu filho e seu aluno.

Procurei meu irmão na guarnição. Lá o encontrei rachando madeira. Estava furioso, grunhindo enquanto trabalhava, como um homem rasgando um inimigo

em dois. Mas seu inimigo lhe dera a vida e era o seu pai. Esse inimigo lhe ensinara os segredos da invisibilidade e atravessara o deserto para encontrá-lo.

– Ele é um homem velho – lembrei a Amram.

Talvez me compadecesse do nosso pai porque ele era o meu parceiro no nosso crime terrível.

– O luto pela nossa mãe envenenou a vida dele.

– Quando formos à mãe de Aziza pedir a sua bênção, você irá ao meu lado, Yaya? – ele perguntou.

Embora me chamasse assim, nós dois sabíamos que a menina que fora Yaya não existia mais. Inclinei a cabeça concordando, depois tive a coragem de perguntar se ficaria também ao meu lado, não importava aonde o destino me levasse.

Do mesmo modo, o menino que ele fora, aquele que se orgulhara em anunciar que seria um assassino, enquanto estávamos juntos em Jerusalém, também já não existia. Ainda assim, continuava sendo o meu irmão.

– Encontrei-a no deserto – ele me lembrou. – Por que a abandonaria agora?

POUCO TEMPO depois, comecei a sonhar com minha mãe. Durante toda a minha vida, sonhara com leões e fantasmas, mas não mais. Podia sentir a presença da minha mãe. Desejava vê-la, ter uma lista das suas virtudes, saber se éramos parecidas.

Procurei meu pai logo de manhã, antes que perdesse a coragem, depois de ter acordado de um sonho com a voz da minha mãe, a mesma que ouvira quando entrei neste mundo. O assassino estava do lado de fora do quartel, limpando as armas, sentado no tronco de uma velha oliveira. Jovens e meninos que por ali passavam não faziam ideia de que ele fora um dos homens mais ferozes em Jerusalém, que tinha a capacidade de ocultar-se e que assassinara um número maior de homens do que as folhas de um salgueiro.

Meu pai estava curvado, o cabelo muito branco, as rugas do rosto profundamente marcadas. Nunca antes pedira um favor a ele, mas queria pedir um agora.

Pedi-lhe para me dizer a cor do cabelo da minha mãe.

– Acaso não adivinhou por que não posso olhar para você? Toda vez que olho para você a vejo em seu lugar.

Finalmente entendi por que todas as vezes que ele me olhava a tristeza brilhava em seus olhos. O cabelo da minha mãe era da mesma cor que o meu. Assim como ela, eu era um *flamboyant*. Apesar de tudo, ainda queimava.

*

A *ESTAÇÃO CHUVOSA* terminou mais cedo. A trilha áspera do futuro era evidente no céu branco e quente acima de nós, uma fogueira à espera de ser acesa. A cada dia enchiam-se barris de água que eram trazidos das lagoas abaixo, amarrados ao lombo dos burros, até que finalmente as nossas cisternas estavam cheias o bastante para resistir aos áridos meses do verão. O ar já parecia enfurecido, o vento soprando do outro lado do Mar de Sal lançava chispas de calor.

Comemoramos a Festa dos Pães Ázimos, mas esse ano era diferente de qualquer outro, porque não podíamos mais levar sacrifícios ao Templo. Festejamos quando terminamos nossas orações, mas continuamos de olho no deserto enquanto nos regozijávamos com a liberdade. Durante as noites, eu começara a acompanhar Revka nos teares. Trabalhar ali mantinha a mente ocupada com a tarefa imediata. Mas não podíamos evitar as fofocas das outras mulheres e, embora não participássemos, não podíamos deixar de ouvir. Muitas vezes, as mulheres nos teares comentavam sobre nosso líder, que era nosso herói e a única esperança. Elas o elogiavam e havia entre elas quem desejasse ser sua esposa. Até mesmo as casadas admitiam isso, e escondiam os olhos, para que ninguém visse que, embora rissem, falavam sério sobre a inveja daquela com quem ele se casara. Não sabia que Ben Ya'ir tinha uma esposa. Revka apontou-a. Uma mulher morena e discreta, com véus que a mantinham separada. Vira-a andando nos pomares sem saber quem era.

Quando perguntei o que significaria ser a esposa de um grande homem como Eleazar ben Ya'ir, Revka riu amargamente.

– Dê uma boa olhada na próxima vez que a observar – sugeriu. – Veja se ela parece feliz com seu destino.

*

PENSEI EM QUÃO POUCO sabíamos do nosso destino quando fui sozinha ao pombal. Lá, o Homem do Norte falou-me da ameaça que pairava sobre nós. Pegou a minha mão na sua, o que seria motivo suficiente para matar um escravo, entre aqueles que acreditavam na escravidão, ou em assassinato, ou em qualquer outra coisa diferente daquilo em que eu acreditava no momento.

– Se acha que Roma não virá aqui, está enganada. Eles já podem ter começado

a planejar. Não deixarão uma única fortaleza resistir na Judeia. Querem mostrar ao mundo que venceram.

– Eles confiaram em você? – provoquei. Tirei a minha mão da dele. Ele parecia de gelo, mas o gelo é conhecido por queimar. – É por isso que sabe tanto? Enquanto carregava suas armas e os saudava, os generais o levaram para um lado e lhe contaram seus planos?

– Ouvi o que falavam. Isso é o que faço.

Eu me dispusera a afastar os pombos, para recolher os ovos claros e sarapintados.

O Homem do Norte postou-se ao meu lado.

– Planejo partir antes que Roma chegue aqui.

Falara sem rodeios, como se fôssemos iguais. Admitia um crime antes de praticar a ação, confiando-me sua pretensa fuga. Se eu acreditasse no cumprimento das leis, teria de denunciar seus comentários ao conselho.

– Esse é o seu plano? Voltar a pé para casa? Como acha que conseguirá isso? Não sabe o que é estar no deserto sozinho. Estava protegido e alimentado pela legião. Não gostaria do que encontraria por lá.

– O que você encontrou?

O que estava dentro de mim, a parte que ninguém conhecia, a que fora mordida pelo leão.

– Algo que será evidente para todos em breve. – Não tinha noção do que me levava a falar com tamanha intimidade.

– Você pode achar que não a vejo, mas se engana – disse o Homem do Norte.

Qualquer outra esperaria que ele baixasse os olhos, mas ele continuou me olhando diretamente nos olhos. No fim, fui eu quem desviou o olhar.

O AMENO mês de *Iyar* chegara para nós. As noites já não eram totalmente escuras como antes. Em vez disso, tingiam-se de um azul profundo, como os fios de um xale de oração. A luz pairava em meio à escuridão que se aproximava, alongando as noites, mantendo o entardecer por mais tempo. Eu passava muitas horas nos teares e tornei-me boa tecelã. Tingi um pouco de lã sozinha, meus braços matizados pelas cubas de cor depois que a ovelha foi tosquiada e a lã, torcida e limpa. O açafraão e o girassol eram usados para obter o amarelo, o verde

podia ser produzido do sumo do líquen, o vermelho extraía-se da raiz da garança e da pele descascada da romã, o preto, da amoreira.

Eu começara tecendo algo que não era diferente da roupa usada pelo Homem do Norte. Ele me permitira tirar um pedaço de tecido da sua túnica para poder estudar o padrão incomum. Guardei-o embaixo do meu estrado de dormir, juntamente com o último quadrado azul que restara do lenço que meu irmão me dera. O pedaço de tecido em si não significava nada. Eu simplesmente apreciava a complexidade da tecelagem. Enquanto trabalhava, as outras mulheres se reuniram para elogiar o serviço. Mostrei-lhes como alimentava o tear com fios diferentes até surgir a sequência desejada, cruzando a linha, formando quadrados. Azul como o mar, o branco como uma estrela, o vermelho como um rubi.

O Homem do Norte pedira-me que o chamasse Odeum, a nossa palavra para rubi. As outras no pombal logo ouviram a conversa e mais que depressa concluíram que ele falava nossa língua. Uma vez descoberto, ele estava à sua mercê. Não havia mais como fingir que não entendia as ordens.

– Assim como qualquer homem, ele pode falar quando quiser – as mulheres bradaram. Aziza e Nahara também passaram a me chamar de Rubi, só para me provocar. Quando queriam que o Homem do Norte fizesse alguma coisa, riam e falavam: “Deixe que a Rubi lhe diga. Ele é o escravo dela”.

O Homem do Norte ficava muito vermelho quando as mulheres falavam a seu respeito, mas eu ria com elas. Começara a fazer a minha refeição do meio-dia com as outras, embora comesse pouco, apenas bolos de figo e biscoitos, o máximo que podia consumir sem me abarrotar demais. Passara a gostar da companhia de Shirah e de suas filhas. Revka ainda era difícil, mas eu ansiava por ganhar seu apoio, mesmo que apenas para ter sossego. Ofereci-me para caminhar com ela no outro lado da praça.

– Por qual razão? – ela perguntou.

Parecia que não confiava em ninguém.

– Quem sabe assim você para de desconfiar de mim – declarei.

– Isso não vai acontecer – ela resmungou. Ainda assim, permitiu que eu carregasse a porção de grãos e a água.

Seus netos corriam ao nosso encontro quando nos aproximávamos do alojamento. Quando lhes falava, eles olhavam, mas não respondiam. Ouvira

comentários de que nenhum dos dois garotos tinha voz.

– Você tem algo a dizer sobre eles? – Revka perguntou, olhando para mim.

– Não há muito o que dizer neste mundo – justifiquei-me. – É melhor manter a boca fechada.

Ela riu da minha observação, abrandando um pouco a atitude em relação a mim.

– Quando tiver um filho, você vai entender – ela disse. – Será capaz de qualquer coisa por ele.

Dizia-se que uma mulher prestes a ter uma filha tinha fome o tempo todo, mas a que estava para dar à luz um filho tinha aversão a comida até o instante em que ele nascesse. Nem Revka nem eu dissemos mais nada. Ela deixou escapar que estava ciente do meu estado e eu já entendia que seus netos haviam perdido a voz em circunstâncias que ela não queria comentar. Não me arrisquei a perguntar se havia participação dos demônios naquilo, como algumas pessoas haviam sugerido. Em troca, ela não insistiu em me questionar.

Entendi que ter um filho era uma honra. No entanto, dizia-se que, no momento em que a mãe visse o filho do sexo masculino pela primeira vez, ela também veria o homem em que ele se tornaria, o machado que carregaria, o arco que usaria, as batalhas que o esperavam. Até mesmo uma bruxa não podia desfazer o desejo do filho de se tornar um homem. Eu observara Shirah na porta do pombal pequeno no outro lado do campo, o cabelo negro caído para trás, a voz triste quando chamava o filho. Na maioria das vezes Adir não respondia. Ele passava a maior parte do tempo na guarnição com os guerreiros. Shirah continuava amarrando nós na túnica do menino para protegê-lo. Prendia saquinhos de sal e salsinha ao tecido para afastar o mal. Mas eu o vira no beco retirando aqueles anexos um por um, atirando os encantos ao chão.

QUANDO NÃO conseguia dormir, sentava-me em um banquinho no meu quarto e girava um tear manual. Era capaz de fazer esse trabalho no escuro, a porta aberta para deixar entrar uma réstia de luar. O corante que usara nessa lã era *shani*, escarlate, uma cor carmesim obtida de carapaças fervidas de pequenos insetos. O fio vermelho sempre servia como proteção e era notado pelos anjos e por *Adonai*. Enquanto trabalhava, o fio era como rubis na minha mão.

Voltei-me para a fonte da praça e avistei uma sombra. Dela não jorrava mais água, pois as chuvas havia muito inexistiam e a noite estava silenciosa. Por um momento pensei que fosse Aziza, indo encontrar-se com meu irmão. Levantei-

me para fechar a porta, a fim de respeitar sua privacidade. Foi então que reconheci a silhueta no escuro. Era Shirah que se encontrava de pé ao lado da fonte, como uma mulher desesperada por água. Ouvi-a chorando, como se o mundo estivesse prestes a acabar. Não pude deixar de imaginar o que na terra faria uma bruxa sofrer assim.

Depois que ela se foi, abri totalmente a porta do quarto para sorver o ar mais frio da noite. Pensei no período brutal que sempre temia, o mês do leão, o centro vermelho de Av, quando ansiaríamos pelo mínimo frescor. Como se dizia que a arruda soltava faíscas vermelhas à meia-noite, a sua força dispersa no calor, eu iria queimar mais vivamente em Av. Lembrei-me do *flamboyant* de Jerusalém, da cabra que fora o meu anjo e do rastro de azul que seguira no deserto. Pensei na mulher no Mundo Vindouro com quem compartilhava o meu nome e que lhe devia tanto a minha vida como a cor do meu cabelo.

Guardei meu fuso e entrei no escuro, meu manto apertado no corpo. Fui ao *augurarium*, onde atiravam ossos de pombas e de águias sobre a terra para contar os anos de vida de um homem, ou a que número o seu rebanho chegaria, ou a força dos seus filhos. Os sábios adivinhavam o porvir de guerreiros e reis pelo voo das andorinhas e por uma coleção de ossos branco-azulados, mas não havia ninguém para prever meu futuro, ou mesmo sugerir aonde poderia me levar.

Segui pelas escadas curvas, desgastadas pelo correr dos anos e pelas pegadas dos sábios. Queria ver a terra abaixo de mim, um mundo ao mesmo tempo bonito e cruel, a terra que meu filho pisaria. Mulheres trabalhavam nos teares mesmo àquela hora tardia. Se me voltasse para o oeste, poderia identificar suas vozes, mas me virei para o leste e ouvi apenas o vento. Em meio ao seu rugido vinham as vozes dos leões, dos homens que caminhavam no escuro, das mulheres extraviadas.

Sete falcões circulavam acima de mim, imitando as sete irmãs, as estrelas sempre unidas no céu. Usava as vestes brancas de uma guardiã de pombos. Talvez pensassem que estava pronta a alçar voo e me considerassem um sacrifício. Subi sobre a muralha de Herodes, equilibrando-me entre os grossos blocos de pedras afiadas com a marca do rei. Levantei os braços abertos. O vento passou por mim. Abalou-me até as entranhas. Não havia nada além do vazio à minha frente, mas eu não estava sozinha.

Primavera, 71 d.C.

[1](#) No calendário sagrado judaico, *Av* é o quinto mês. Corresponde a parte do mês de julho e parte do de agosto no calendário gregoriano. (N. E.)

SEGUNDA PARTE

Verão, 71 d.C.

A Esposa do Padeiro

*Apenas um idioma compreendíamos,
uma oração recordávamos, um caminho
percorríamos, tão distantes do poder celestial
que não mais o sentíamos.*

DIZEM QUE ÀS MULHERES não é dado conhecer os desígnios do nosso Deus, mas eu vi Sua verdade com meus olhos. Nosso Deus tudo sabe e tudo vê, e tem compaixão tanto pelo pardal como pelo falcão que o caça no céu. Perante Ele, tudo desaparece no vento. Se você depositar um punhado de grãos sobre uma pedra e lhe virar as costas, quando se voltar os grãos terão voado para longe. Se deixar um pardal em uma torre, ele não estará lá quando regressar. Se pedir misericórdia a um falcão, suas palavras serão mudas.

Foi isso o que aconteceu na minha vida: eu virei as costas. Não podia mais ouvir a voz do pardal. Recorri à bondade de uma criatura que só conhecia a crueldade. Não entendi de que era capaz o vento e como devemos nos curvar a ele, agradecidos, não importa para onde possa nos levar.

*

QUANDO menina, eu vivia em uma aldeia ao norte de Shiloh, onde se dizia que a água da nascente era capaz de impedir abortos espontâneos e proporcionar filhos às mulheres estéreis, tal era o prazer de Deus naquela terra. Estabelecemo-nos no Vale dos Ciprestes, onde os campos eram verdes e havia cinco cabras negras em cada galpão. Casei-me quando era jovem, inexperiente demais para saber sobre o mal que havia no mundo. Era feliz e pensava que a felicidade fosse duradoura. Na minha porta mantinha uma *mezuzah* intrinsecamente decorada, um símbolo que traz felicidade e sorte. Cada vez que passava por aquele símbolo, sentia-me feliz, segura de que Deus nos livraria do mal. Proferia os agradecimentos a *Adonai*, sem refletir, e com a convicção temerária de que a maldade nunca se avizinharia. À noite, a minha cama era feita de uma palha tão suave que adormecia assim que fechava os olhos. Minha casa era feita de pedra com vigas de ciprestes locais cortados nas matas próximas. Meu marido era gentil e de bom coração, e ainda assim fora-me concedido mais. Quando a minha filha nasceu,

era tão bonita que as pessoas paravam no mercado para me felicitar pela boa sorte. Devia ter começado a me preocupar então, pois assim como a sorte nos vem um dia, depois ela se vai.

ENQUANTO se passavam os anos, meus sonhos eram impregnados pelo cheiro de pão, pois embaixo do nosso quarto de dormir meu marido mantinha seus fornos de pão, do tipo que chamávamos *tannur*, feitos de montes de barro arredondado. A argila clara e esfumaçada brilhava com o calor alaranjado quando os fornos eram alimentados antes do amanhecer. Ao longo dos anos, o fogo que queimava embaixo dos quartos assegurava nosso calor. No pátio tínhamos uma pedra de moinho e dois burros para puxá-la, moendo o trigo que estocávamos em um celeiro alto de madeira.

Meu marido aprendera a arte da panificação com o pai, que a herdara do próprio pai antes dele. O sabor do pão de um padeiro nunca era igual ao de qualquer outro, dissera-me o meu marido, pois a vida do padeiro entrava em cada pão. Alguns assavam com piedade, alguns com orações, alguns com a intenção de produzir mais que a mera subsistência, elevando o seu ofício ao nível da maestria, encantado com a beleza da chama do *tannur* e com a arte da *challah*.

Meu marido incorporava os três, piedoso e inspirado pelas orações, mas também dedicado ao mistério do crescimento do pão, o milagre pelo qual o trigo e a água ganhavam vida em suas mãos. O pão que assava era tão delicioso que os viajantes muitas vezes nos encontravam seguindo o aroma da fermentação através da aldeia, guiados por um mapa de fragrâncias intensas levadas pelo ar expressamente para quem estivesse motivado pela fome. Todas as manhãs meu marido separava um pouco de massa em oferenda a *Adonai* enquanto proferia uma bênção. Em troca, suas bênções subiam até Deus e tínhamos tudo o que queríamos neste mundo.

Meu marido guardava seus segredos, a exemplo de todos os padeiros. Tive o privilégio de aprender com ele ao longo dos anos, simplesmente observando-o trabalhar. Ele sovava a massa mais que a maioria e o fermento que usava para dar vida ao pão era uma receita secreta mantida em potes de pedra fria, deixada a fermentar durante a maior parte do ano. Ele polvilhava a massa com cominho, coentro e sal antes que deslizesse os pães para dentro do forno em tábuas planas de madeira. Talvez o mais importante, deixava sua marca sobre a massa, a letra *R* rabiscada em honra ao meu nome, Revka, pois depois de tantos anos ainda era a sua noiva, a menina a quem ele prometera sua vida.

Quando os dias eram sem neblina, podíamos ver onde a neve caía nas terras altas. A vista da minha casa era a única que sempre quis apreciar. Nunca acreditaria que viria a viver na fortaleza de um rei, onde o vento nos engolfava e nos queria como seus, deixando claro que não somos nada mais que um momento no tempo. Cem anos antes, Herodes atravessou a mesma praça que devo cruzar todas as manhãs no meu caminho para o pombal. Agora há homens pobres dormindo em seus alojamentos, mas esses pobres respiram ao passo que o rei que assassinou a própria esposa, Mariamne, seus filhos, e qualquer outra pessoa que topasse o seu caminho, não é nada além de pó. Os guerreiros afiam suas facas no que fora o estábulo real, um lugar enorme, cavernoso, que já abrigou uma centena de cavalos, cada um deles, segundo se dizia, capaz de subir pelo caminho da serpente no escuro. Colocavam-se vendas sobre seus olhos para que não vissem o quanto era traiçoeiro o terreno que pisavam. Se tivessem consciência das alturas impressionantes, certamente entrariam em pânico e cairiam no abismo, um após o outro, como se despenhassem do céu. O mesmo se aplica a nós. Se alguém dentre nós, que residimos nessa fortaleza, parasse por um momento para arrancar dos olhos a venda da fé, veria quão perigoso era o nosso poleiro, quão esmagadora seria uma queda dele.

Se perdêssemos a fé, nós nos tornaríamos como as nuvens que se acumulam no céu ocidental, quando o vento as empurra para o deserto, prometendo chuva, mas vazias por dentro.

PELA MANHÃ, sempre tinha um momento para mim antes de os meus netos acordarem. Para mim era o melhor momento do dia. Observava os meninos dormindo ao meu lado, os rostos serenos. Imaginava que estavam em suas camas em casa, que a mãe estava no outro lado da porta, preparando a refeição matinal, que não tinham perdido a voz no deserto, roubada por um demônio, arrancada de sua garganta e armazenada em uma caixa trancada no Mundo Vindouro.

Atava fios na lã de suas vestes para proteção enquanto dormiam. Isso era permitido até os nove anos, então eu teria de entregá-los aos desígnios de *Adonai*, ou pelo menos era o que as pessoas diziam. Era grata pelos amuletos que Shirah me ofertava. Não prestava atenção aos que afirmavam que ela era uma bruxa, sussurrando que sua presença nessa montanha nos levaria à ruína. Já vira o que havia de mau neste mundo e não era a mulher com quem eu trabalhava. Dentro das túnicas dos meus netos, eu prendia pequenas bolsas de sal para afastar Lilith, que roubava o fôlego das crianças, uma concha do Mar Vermelho como uma prenda para o anjo chamado Miguel, a raiz e as sementes da mandrágora, que manteriam afastados os terrores que vinham com os sonhos,

pois certamente eles existiriam entre os três que restavam na nossa família, como certamente havia para o quarto dentre nós que sobrevivêramos, o homem que já não nos falava, que se perdera quando perdera a fé.

Deixo para Noé e Levi a refeição matinal antes de sair na madrugada. Pequenos bolos prensados de amêndoas e figos para que provassem a sua doçura, tâmaras que cresciam silvestres nos penhascos para que saboreassem o fruto do deserto, pão achatado frito no azeite em uma frigideira, polvilhado com coentro, cominho e sal, para que se lembrassem do sabor do pão do avô. Em algumas manhãs, tomava conhecimento do filho de Shirah, Adir, correndo ao longo do caminho onde crescia a hortelã silvestre. Era um menino encantador, arisco, com o cabelo preto e os olhos puxados salpicados de amarelo. Havia pouco tempo, ele completara doze anos, mas eu sabia que dentro da sua túnica carregava dezenas de nós. Está escrito que a pessoa precisa contar com *Adonai* sem o uso da magia e assim deve ser. Mas nossos meninos eram mais valorizados. A mãe de um menino era considerada impura apenas durante sete dias depois de dar à luz, ao passo que a que tivesse uma menina seria considerada *teme'ah* por duas vezes esse tempo.

Eu entendia por que Shirah faria o necessário para proteger seu único filho.

Não dava ouvidos ao que falavam sobre ela, mas uma vez, quando ela estava doente e eu lhe levava uma sopa de caldo de nabos, avistei um altar escondido dedicado à deusa. Acabara de entrar no alojamento, sem esperar por uma resposta depois de bater em sua porta. Shirah rapidamente fechou o armário onde escondia o altar, mas vi o brilho de uma lâmpada acesa à frente de oferenda de mel e azeite ali colocados em honra à *terafim* de alabastro. Uma pequena imagem luminosa de uma mulher com os braços levantados. Reconheci Astarte, mãe e guerreira, cuja presença fora banida havia tempo. Não devíamos ter ídolos, nem dar graças à deusa. As mulheres que o faziam não se esqueciam de fechar seus altares para que as lâmpadas ali acesas nunca fossem reveladas.

Shirah agradeceu-me pela sopa. Não tocamos em assuntos que alguns poderiam atribuir à bruxaria e não tornei a levantar os olhos para o seu altar. Sentia compaixão por ela, pois muitas vezes vira a preocupação estampar-se em seu fascinante semblante de ossos delicados. Por mais que ela tentasse mantê-lo como uma criança, o filho de Shirah já se esforçava para ser um homem. Embora o cobrisse de advertências, Adir corria sempre para a guarnição, determinado a permanecer entre os homens que admirava. Quando o vento é tão forte que nós mulheres sabemos que vamos engasgar com a poeira levantada se não amarrarmos os lenços sobre o rosto, os meninos ignoram os elementos e correm

através das nuvens de tempestade, sonhando com a glória. Até mesmo uma bruxa é incapaz de impedir que seu filho se torne um guerreiro. Não existe magia poderosa o bastante para isso.

*

ANTES DA CHEGADA de Yael, eu era a mulher mais nova nos pombais. Pensara que me mandariam ao padeiro, pois aprendera muito dos mistérios do pão com meu marido. Mas usava o xale branco do luto ao chegar à fortaleza e talvez os membros do conselho pensassem nas pombas quando me postei diante deles, a cabeça baixa em derrota. No momento em que passei pelas portas de madeira esculpida do pombal maior, uma torre circular com aberturas para entrada de luz no teto, tive certeza de que uma maldição se abatera sobre mim. Não conseguia entender por que a original guardiã dos pombos e suas lindas filhas sentiam tamanho orgulho pelo que faziam. Elas me asseguraram que era uma honra para mim e me receberam com grinaldas de flores, que rapidamente joguei fora. Considerava as pombas animais imundos, boas para um guisado ou quem sabe alguns ovos frescos, nada mais. E afundei ainda mais baixo que essas simples criaturas, pois recebi a ordem de recolher seus restos em barris. Era uma escrava dos seus dejetos e da sua sujeira, desonrada aos olhos do Senhor. Essa era a minha posição na vida. Tal era o meu destino.

CHOREI na primeira noite depois que trabalhei no pombal, uma mulher da minha idade, que deveria saber mais, com vergonha de me encontrar em lágrimas, de costas para meus netos a fim de que não soubessem da minha humilhação. Tínhamos chegado à montanha apenas alguns dias antes. Os pés ainda doíam, a pele estava queimada pelo sol, o silêncio espesso preso em nossa garganta. Tudo parecia novo e estranho – os homens com armaduras prateadas, as mulheres labutando nos campos sob as amendoeiras. Deveria ter dado graças pela nossa salvação, em vez disso chorara como uma criança em desespero.

Embora tentasse esconder minha tristeza, não consegui. Meus netos afagaram meus ombros com as mãozinhas para me dar conforto e senti a preocupação em seu toque. Eles não podiam falar e talvez o seu tormento lhes permitisse adivinhar o que os outros ignoravam, a verdadeira natureza do mundo. Eram capazes de capturar uma mariposa no escuro, acompanhando o ritmo esvoaçante das suas asas macias. Podiam avaliar se o vento vinha do oeste ou se surgira do leste simplesmente pelo som. Talvez essas habilidades fossem milagres.

Onde havia um milagre, certamente haveria mais.

Chorei até dormir e acordei cedo depois de uma noite inquieta. Meus olhos

estavam vermelhos e inchados. Esperava que os meninos ainda estivessem dormindo, mas meu neto mais novo, Levi, que acabara de completar sete anos, estava agachado ao meu lado, esperando-me acordar, seu olhar experiente sobre mim. Ele pegou a minha mão e me levou para fora, meu guia através da luz fraca. Senti como se continuasse sonhando, mas a poeira e o ruído das cabras em seus cercados eram reais o bastante. Estávamos aqui dentro dessa fortaleza, longe de tudo que conhecíamos, dos campos de papoulas e de cardo, dos bosques de ciprestes, das flores de romãs, cujas flores vermelhas em forma de sino se transformavam em fruta diante dos nossos olhos.

Levi conduziu-me à muralha sobre os penhascos brancos que se estendiam até onde a vista podia alcançar. Observamos as pombas voarem. Soltas àquela hora para que pudessem abrir as asas, elas tornavam todo o céu branco. Elevavam-se e desapareciam, depois retornavam, atraídas de volta para os ninhos. Eram dedicadas aos companheiros. Por isso, nunca se permitia aos casais voarem juntos, a lealdade de um trazendo-o de volta ao seu parceiro uma e outra vez, apesar da atração da liberdade.

Entendi o que meu neto queria me dizer ao levar-me para ver a beleza do seu voo. Era uma honra trabalhar com as criaturas que viviam no céu, tão perto de *Adonai*. Se fosse o meu destino fazê-lo, não seria um fardo, mas um presente. Virei-me e beijei a testa de Levi, murmurando uma prece de gratidão por tudo o que ainda possuía.

FALAVAM sobre nós desde que meu genro nos trouxera para cá. As pessoas nos observavam, tentando adivinhar a catástrofe que se abatera sobre nossa família, convencidas de que, mesmo entre os infelizes, merecíamos sua compaixão, pela incapacidade de falar dos meus netos. Ninguém sabia de mais nada sobre nós, só que havíamos sido expulsos da nossa casa, a exemplo de todos ali, e que escolhêramos vir para cá. Poderíamos ter ido para o norte, na direção de Nazaré, na Galileia, onde se dizia que o ar era sempre fresco, onde poderíamos ter começado uma nova vida, encontrando uma aldeia onde ninguém conhecesse nossa má sorte. Mas meu genro não era mais um homem que pudesse viver dessa maneira, voltado para as questões práticas da vida diária. Não estava disposto a criar um rebanho de cabras, ou encontrar-nos uma casa feita de pedra em uma cidade em que pudéssemos ir a pé ao poço, preparar as refeições e esquecer o passado. Ele queria vingança, nada menos. Em Massada encontrara o que procurava, a companhia de homens dispostos a morrer por aquilo em que acreditavam.

Não sei quanto tempo passamos no deserto depois que Deus nos abandonara.

Bendito o que falou e o mundo veio à existência. Assim como a criação começou com palavras, o nosso mundo desmoronou em silêncio. Nenhum de nós falava. Os meninos porque não podiam, meu genro porque não o faria, e eu mesma porque não havia palavras que valessem a pena ser ditas em voz alta. O mundo se rompera e só uma estrada permanecera, aberta diante de nós como se fosse feita de ossos.

Entendi que, ao fazer dessa montanha nosso destino, vínhamos para uma terra de ninguém, um lugar do qual não haveria retorno. Fôramos banidos do mundo que conhecíamos. Víramos coisas demais e perdêramos demais para ir a outra cidade e descarregar os poucos pertences que ainda tínhamos a fim de começar de novo.

Aqui meu genro é chamado Homem do Vale; ele não precisa de outro nome além desse. Vive no quartel, mas até mesmo seus irmãos o temem. Ele é o que vai na frente em qualquer batalha, destemido e inflexível, a expressão sombria de quem está determinado a intimidar o Anjo da Morte. Empunha um machado, a única arma de que precisa. Abstém-se da armadura. *Leve-me consigo*, ele incita o anjo, *Mal'ach ha-Mavet. Leve-me se for capaz.*

Algumas pessoas dizem que o Homem do Vale dorme com seu machado, que o adora como outro homem ama uma mulher, ou um pai adora seu filho. Ele, que já foi um estudioso chamado Yoav, é agora tão brutal e impiedoso quanto se diz do anjo Gabriel, pois esse está à esquerda de Deus, do lado dos justos. Sua espada é feita de fogo e seus olhos são de fogo também. Se ele aparecer à sua frente, caia de joelhos e implore piedade, mas certamente irá queimar.

Meu genro não corta o cabelo desde o tempo que passamos no deserto. Jurou nunca mais fazê-lo. Torce-o em tranças que lhe caem pelas costas. Já os fios embranqueceram, embora ele seja um homem jovem. Gravetos e espinhos misturam-se aos fios como o fazem na lã de ovelhas e cabras, mas ele não percebe, pois vive em um mundo de dor, não no nosso. Espinhos nada significam para ele. Gravetos são tudo o que espera do mundo. Algumas crianças sussurram que ele é capaz de bafejar fogo, como Gabriel, que se diz possuir a capacidade de destruir cidades inteiras com um único sopro. Quando veem esse Homem do Vale, as crianças correm dele. Ele não tem amigos, não tem mulher para a sua cama, nem confia em ninguém. O que lhe aconteceu transformou-o em algo que é como o vento – não se pode vê-lo, mas sabe-se que existe, pronto para provocar danos.

Quando penso em meu genro, não posso deixar de recordar a história do judeu

rebelde que alguns chamam Taxo. Os homens do rei Herodes o perseguiram até uma caverna no tempo em que a nossa fortaleza ainda era um palácio, mas esse homem não se curvou à vontade do rei. Não permitiu que os filhos fossem convocados e recusou-se a pagar a sua parte dos impostos. O rei não poderia permitir tal rebelião, pois essas coisas se multiplicam como enxames de insetos que, irrompendo em uma fúria de picadas, um único se torna muitos, acumulando força.

Quando os soldados de Herodes desceram do topo das falésias em cordas grossas, vestidos para a batalha e prontos para derrotá-lo, o rebelde cortou a garganta dos sete filhos, um por um. Depois, cortou a garganta da esposa antes de acompanhá-la, saltando para a ravina onde espalhara os corpos dos filhos. Não permitiria que aqueles de quem gostava se submetessem à tortura e à crueldade do rei. Em vez disso, deixou este mundo ao lado deles, mesmo que estivesse escrito que nenhum de nós possa fazer mal a si mesmo. Quando Taxo se lançou sobre as rochas, talvez imaginasse que Deus culparia as rochas pela sua morte e ele seria perdoado no Mundo Vindouro.

Embora nossa lei diga que nenhum homem pode ferir a si mesmo, Yoav destruiu o pai que fora para seus filhos e, ao fazer isso, destruiu a si mesmo. Meu genro nunca vem ver os meninos, pois, quando ele se perdeu, perdeu-os também. Se acaso encontra as crianças nos corredores ou nos pomares, segue seu caminho como faria um cego. No começo, os meninos corriam para ele e se agarravam nas suas pernas, mas não obtinham resposta. Yoav não piscava, não gaguejava, nem mesmo olhava para eles, nem que se atirassem sobre ele, desesperados pela sua atenção. Tudo o que há de bom neste mundo está oculto do homem no qual meu genro se tornou. A água reluzindo em um copo é sinistra aos seus olhos, o céu claro é uma afronta e seus filhos tornaram-se nada mais que lembranças de como a carne pode queimar e se transformar em pó.

As pessoas consideram a sua negligência como uma prova de que há algo de errado com as crianças. Por que o próprio pai as renega, mesmo sendo tão bonitos, com os cabelos dourados e os olhos escuros, lembrando a mãe? Há aqueles que sussurram que os meninos são possuídos e isso causou o seu silêncio, mas entendo que as palavras não são necessárias. As pombas me ensinaram isso. É possível falar sem palavras, saber o que outra criatura quer e deseja mesmo havendo só o silêncio. Essa era a minha lição a aprender, o meu destino o tempo todo.

Toda manhã, quando chego, as pombas me reconhecem; seu canto sobe e desce com prazer e aceitação. Está sempre presente, um rio de sons. Alguém que

não esteja acostumado a esses ruídos pode cobrir os ouvidos e correr para fora. Yael fez exatamente isso em seu primeiro dia conosco, cobrindo a cabeça, alarmada. Rimos e brincamos com ela, dizendo que, se simples pássaros poderiam assustá-la dessa forma, melhor seria que nunca enfrentasse um animal feroz. E ainda assim as pombas a procuram como se ela falasse sua língua. Embora ela não pareça lhes dar importância, elas voam em sua direção como encantadas. É o silêncio dela que as atrai e conforta.

Quanto a mim, sinto-me grata pelo meu trabalho nos pombais. Quanto mais distraída estiver, mais chances terei de suportar outro dia. O sol lança seus raios e começo a alimentar minhas protegidas com seus grãos. Revisto os ninhos em busca de ovos. A maioria agita as asas, recusando-se a sair do ninho, então sacudo o avental para elas. Como é que posso sentir pena das pombas, tanto que quando tiro seus ovos salpicados e os coloco em uma cesta muitas vezes choro, se no entanto quando sonho com os homens que matei não sinto absolutamente nada?

*

ANTES DE VIRMOS para cá, acreditávamos que nossa aldeia no Vale dos Ciprestes era o céu, ou talvez imaginássemos que não fosse muito diferente do céu em que um dia entraríamos. Devíamos saber que seria tirado de nós. Nada neste mundo é duradouro, apenas a nossa fé sobrevive. Um dia, chegaram os soldados da legião, em fileiras de seis, andando pelas ruas que meu pai ajudara a construir. Primeiro vieram os legionários, treinados em Roma, adornados com cotas de malha e capacetes; depois chegaram as ferozes tropas auxiliares, muitas delas provenientes de tribos, vestindo túnicas de couro, portando espadas e lanças longas. Queriam qualquer riqueza que pudessem encontrar. Desde aquela manhã em que entraram em nossa aldeia, nossa terra passou a lhes pertencer, assim como nossa vida. Mataram um galo branco sobre os degraus da sinagoga. Na nossa lei, isso é um pecado. Eles estavam bem cientes dessa doutrina. O sangue da ave nos contaminava. Esse ato inicial de violência anunciou o que o futuro traria, se ao menos os sacerdotes se incomodassem em interpretar os sinais deixados pelos ossos do galo. Nossos cidadãos fizeram um comício contra a legião, uma centena deles, exigindo um pedido de desculpas. Eram homens que pagavam impostos e tinham casa e família, homens honestos e respeitáveis, certos de que ao fim do dia receberiam um pedido de desculpas de Roma.

Não poderiam estar mais enganados.

Não enxergávamos além dos ciprestes que cresciam com a fragrante casca

retorcida em um bosque ali existente havia tanto tempo que achávamos que duraria para sempre. O ultraje uivava nas aldeias destruídas nas proximidades para quem pudesse ouvir, mas nós éramos surdos ao seu sofrimento. Para os que respirassem fundo, era possível sentir o cheiro da guerra, mas era também a estação em que as flores cor-de-rosa da espirradeira soltavam a sua fragrância e perfumavam o ar. A nossa terra fora conquistada muitas vezes, os bosques e campos doces atraíam os estranhos para nós da mesma forma que o padeiro chamava seus clientes com o aroma intenso dos pães. Mas isso estava no passado; queríamos acreditar que a nossa vida estivesse resolvida. Meu marido não prestou atenção ao que estava acontecendo. A um tempo era realmente ingênuo, além de trabalhador. Os sábios e rabinos curvaram-se à legião, aceitando impostos tão altos que mal conseguíamos sobreviver, mas, enquanto houvesse madeira para os fornos, meu marido estaria feliz. Cortava as toras ele mesmo e formava uma pilha tão alta como uma montanha no quintal. Meu marido pedia apenas uma bênção a *Adonai* para o que estava prestes a trazer ao mundo a cada dia, o mistério da *challah*. Tinha pó branco nas dobras da sua pele. Cada vez que me beijava, deixava uma marca branca, o beijo de um padeiro. Ele me garantia que, se não prestássemos atenção ao que acontecia ao redor, e não fizessemos mal, estaríamos seguros. As pessoas sempre precisavam de pão.

Meu marido deixou nossa casa determinado a levar a primeira fornada de pães à sinagoga como uma oferenda, como sempre fazia. Ele prometera evitar problemas, mas nesse dia eles o encontraram. Nossos vizinhos tinham se reunido em um grupo que tomava toda a rua para protestar contra a ameaça de perderem suas casas para os romanos. Meu marido foi convencido a acompanhá-los. Ele levava sua bandeja de oferendas, os pães cobertos por um xale de oração feito com os mais finos fios de ouro habilmente trançados entre as franjas roxas. Estava pronto para se encontrar com os rabinos, mas, quando os vizinhos o repreenderam e disseram que todos os homens deviam tomar uma posição, sentiu-se obrigado a deixar sua marca com os outros. A letra *R* moldada nas crostas dos pães que assara deveria ter sido uma marca suficiente para ele, o meu nome era a sua inspiração e o seu escudo. Em vez disso, ele se juntou aos homens que queriam mais.

PERCEBI que alguma coisa estava errada quando senti o cheiro de fumaça. Havia pães no forno. Fui verificá-los, mas ainda não estavam queimando. Por que ele saíra justamente naquele dia dentre todos os outros? Por que naquela manhã ele não fora ingênuo quando todas as outras vezes não via nada além da própria padaria? A cevada, o sal, o coentro, o cominho, esses eram os ingredientes que constituíam o seu mundo. Até então, o único problema que atormentara meu

marido eram os ratos que entravam pelas janelas; a exemplo de tantos padeiros, muitas vezes ele espalhava cicuta para afugentá-los das caixas de farinha. Agora havia perigo em todos os cantos do nosso mundo. Os demônios tinham escancarado as portas da nossa aldeia. Haviam nos declarado suas vítimas em algum canto escuro e esfregavam as mãos alegremente. O que lhes foi dado, eles declararam, agora vamos tirar.

Enquanto as horas se passavam, comecei a andar de um lado para o outro alarmada. O padeiro deveria retornar antes que os pães que assavam lentamente no forno se queimassem. Será que um homem podia sair e desaparecer assim? Ele me dissera para tirar os pães quando o sol chegasse ao centro do céu, se ainda não tivesse retornado. Não tirei. O que quisera dizer com isso? Fazia ideia de algum problema por vir? O meio-dia veio e se foi. Olhei alarmada quando vi as sombras se alongarem, a fumaça sobre os pátios e telhados.

Pensei que, se esperasse para tirar os pães, meu marido sentiria o cheiro do pão, perceberia que estava queimando e correria de volta para casa. Na pior das hipóteses, ficaria com raiva de mim por não fazer como me instruíra. Mas o sol começara a cair na direção da noite e ele não voltara. Agora os pães estavam carbonizados, as crostas pretas de fuligem.

Tive um único pensamento, e era o de encontrar meu marido. Eu podia ser ingênua também, talvez fosse isso o que nos unira por tantos anos. Abri a porta, desesperada para começar a busca pelo padeiro, pronta para disparar pela rua, apesar de estar agora repleta dos nossos vizinhos, muitos deles tingidos com o próprio sangue e com o dos seus pais.

Quando estava me preparando para sair, encontrei meu genro, Yoav, na minha porta. Ele não era um lutador nessa época, ainda não era o guerreiro que prometera nunca mais cortar o cabelo. Ao contrário, era um homem gentil, que só queria fugir dos problemas. Tinha o olhar de pânico de um estudioso que é subitamente confrontado com as brutalidades e as preocupações desprezíveis da vida. A exemplo do meu marido, que se dedicava ao trabalho, ele se preocupava com os estudos e com a vontade de *Adonai*. Eu já enrolara o lenço na cabeça, dominada pela intenção de procurar meu marido, mas meu genro me deteve. Em seguida me alertou para me preparar para o que tinha a dizer.

Ergui o queixo, pronta para passar por ele, sem disposição para ouvir. O que me impediria de sair em busca do meu marido? Que desculpa poderia dar o meu genro para me obrigar a desistir da minha busca? Meu genro, que era devoto e nunca tocaria outra mulher que não fosse a minha filha, sua esposa, pousou a

mão no meu braço.

– Há uma razão para lhe dizer que não saia – murmurou ele.

Só poderia haver uma razão. O mundo revelara-se tão severamente que o homem com quem passara a minha vida toda se perdera. Podia ver a verdade nos olhos do meu genro quando começou a falar. Ele confessou que vira os restos do que fora o meu marido no centro da nossa cidade, lançados na praça, junto a dezenas de nossos vizinhos, desfeitos como ramos ao vento. Era tarde demais para recuperar o corpo. Se tentasse, eu perderia a minha vida também.

Apesar do seu relato, tentei passar pelo vão em que o meu genro se plantara na porta. Ele era mais forte do que imaginava, ou talvez eu estivesse enfraquecida pela dor.

– Escute o que estou dizendo – Yoav insistiu. E expressou-se de um modo que não me deixava escolha, a não ser ouvi-lo. – Não tenho outra maneira de lhe dizer isso, e não há tempo para discutir. Seu marido já está no Mundo Vindouro.

Não existia um mapa para levar os vivos até lá. Eu não conseguiria alcançá-lo. Os romanos já estavam empilhando os corpos na rua. Eles tinham acendido uma fogueira que me advertia para a infelicidade do dia. Então percebi que não fora de pão o cheiro que sentira em ondas de fumaça saindo pela cidade, mas o odor amargo da carne.

Yoav era um jovem rabino respeitado e culto; pela sua posição, precisara pensar duas vezes antes de tomar a filha de um padeiro como noiva. A maioria dos rabinos procurava as filhas de outros rabinos para o casamento, pois, assim como as aves do céu se uniam com as da sua espécie, também os integrantes da congregação procuravam os seus semelhantes. Mas sem dúvida Yoav quisera a minha filha. Zara era linda em demasia. Não era de admirar que a cortejasse, ignorando as moças mais adequadas que o perseguiam. O nome da minha filha significava “bela manhã”, e ela era realmente mais admirável que qualquer coisa neste mundo, com sua pele dourada, o cabelo como o trigo, seu semblante ainda mais lindo porque seus olhos negros eram uma lembrança da noite antes que a manhã rompesse, um momento em que o mundo era um mistério e as sombras eram tudo o que tínhamos.

Sempre me perguntei se Zara me tinha sido dada por um anjo. Como poderia uma mulher simples como eu ser abençoada com uma filha que se assemelhava a uma rainha? Sentia muito orgulho dela, e por boas razões.

Nem uma vez parei para pensar que o que era dado também poderia ser tirado.

FICAMOS lisonjeados quando Yoav veio morar na nossa casa. Meu marido sempre cortava um pedaço de pão para lhe ofertar todas as manhãs, o primeiro do pão assado naquele dia. Agora aquele jovem culto, que muito honráramos com o nosso orgulho e respeito, tornara-se pálido, tremendo de medo. Quando me inclinei contra ele, soluçando, não me pareceu diferente de qualquer outro homem assustado, não melhor certamente, talvez mais aterrorizado que muitos. Ele insistiu para que eu me apressasse a fazer as malas. Hesitei até que ele me informou que minha filha e seus filhos já estavam nos esperando.

Algo me obrigou a embalar alguns ingredientes extras. Você pensaria que eu pegaria meus melhores trajes ou pulseiras do meu casamento, aqueles artigos especiais e valorizados que guardava no armário ao lado da cama, escondidos onde nenhum ladrão poderia alcançar. Em vez disso, peguei o que pertencera ao padeiro: uma tigela de madeira, um conjunto de colheres pesadas, o pano branco que ele amarrava na cintura enquanto trabalhava, a roupa que usava para que nenhum mal recaísse sobre nós, desde que usasse o xale de oração. No último momento, recolhi vários frascos que ele guardava debaixo do fogão: coentro, cominho e sal. Um frasco da massa fermentada que fazia os pães crescerem.

Sabia que os mortos não nos deixavam tão rapidamente, então sussurrei para meu marido enquanto arrumava os pertences. *Olhe para nós agora*, disse ao homem com quem vivera por tantos anos, como se ainda estivesse ao meu lado. *Olhe o que nos tornamos.*

Éramos como ratos, correndo para longe antes que o dilúvio de morte nos alcançasse. Peguei o pão queimado do forno, esaldando as minhas mãos. Bolhas surgiram nos meus dedos, mas pelo menos me certifiquei de que teríamos os últimos pães do padeiro para nos sustentar. Yoav me pegou pelo braço para me levar embora. Eu sabia que não deveríamos nos atrasar. Mas acredito que meu genro não era o único comigo na padaria naquele dia. Estou convencida de que um anjo estava ao meu lado, sussurrando: *Pegue isto, pegue aquilo.*

No último momento, alcancei uma jarrinha de cicuta que meu marido usava contra os animais daninhos.

Talvez o anjo tenha me dado o que mais precisava.

AS PESSOAS que conhecêramos a vida toda saíram em massa da aldeia, algumas carregando tudo o que possuíam. O caos tomara conta de tudo e as nossas vidas eram como pedras atiradas em um jogo de azar, lançadas ao ar, para em seguida cair e se espalhar sobre a terra. Cacos de objetos de cerâmica quebrados forravam a estrada e muitos jogavam fora os pertences que logo descobriam ser

muito pesados para levar em uma viagem assim às pressas e frenética. Ouviam-se os latidos de cães vadios e o eco do choro de bebês. Por toda parte viam-se as chamas se elevarem, uma vez que as pessoas ateavam fogo às próprias casas para não permitir que os romanos as saqueassem depois de terem sido abandonadas. Elas queriam se assegurar de que os inimigos não pudessem desfrutar do que haviam conquistado com o trabalho de toda uma vida. No dia seguinte, não restaria um tijolo sequer, nosso mundo desmoronara da noite para o dia. Algumas mulheres soluçavam na rua, mas o vento chegara, soprando impiedoso do mar para anunciar o inverno iminente, e ninguém ouvia seu choro. Não se poderia dizer se proferiam juramentos ou orações.

Segui nos calcanhares do meu genro, preocupado, como estava, em assegurar que minha filha e seus filhos ficassem em segurança. Chorei por todo o caminho, certa de que atrairia uma maldição sobre nós por não preparar o corpo do meu marido. Devia permanecer ao lado dele durante toda a noite e ajudá-lo, com lamentos e orações, na sua travessia para o Mundo Vindouro. Em qualquer outro momento, eu teria ficado com a casca que outrora abrigara seu espírito antes que o corpo que o continha fosse deixado na caverna, ao lado dos ossos do nosso povo. Pensei nos nossos antepassados que fugiram do Egito, nos seus filhos que tropeçavam na areia enquanto fugiam da escravidão, nas águas que subiram e depois se separaram à sua frente. Sua agonia nunca fora mais real para mim. Senti que poderia chorar por eles.

Envolvi os ombros em um xale branco, já de luto pela morte do homem que inscrevera a minha inicial em cada pão que assava. Adotei a cor do vestuário dos mortos, como se tivesse partido desse mundo juntamente com meu marido. Por um momento, achei que deveria ficar para trás, entregar a vida nas mãos dos romanos e permitir que meu espírito se reunisse ao dele. Mas tive uma visão da minha filha e dos seus filhos, a quem considerava mais preciosos que qualquer outro tesouro, e entendi o que deveria fazer. Rezei para meu marido, mas deixei a nossa aldeia naquela noite. A exemplo dos ratos, fugi do que desmoronava ao nosso redor, abandonando a vida que levávamos, agora destruída.

AO CAIR da noite, caminhávamos para o deserto. Era o mês de *Tishri*, quando comemoramos o *Rosh Hashanah*, a festa que assinala o momento em que o Todo-Poderoso começa a tomar nota dos nomes dos que pertencem ao Livro da Vida e viverão por mais um ano. Não fazia ideia de que ainda estaríamos vagando durante o *Yom Kippur*, o momento de expiarmos os nossos pecados, e de que o Livro da Vida seria fechado naquele dia, depois selado. Os nomes que não tinham sido escritos em suas páginas eram os daqueles que não viveriam no

próximo ano.

Estávamos preparados para uma longa jornada. Meu genro trouxera os dois burros com a carroça em que transportava os sacos de trigo para a padaria e com os quais movia a pedra do moinho para produzir a farinha. Eu carregava os últimos cinco pães do meu marido, lembranças do que nos proporcionava uma vida boa. Minha filha embalara potes de azeitonas e azeite e trouxera queijo envolto em tecido e bolsas de couro para água. Fugimos e os burros fugiram conosco. Acima de nós, víamos enormes bandos de pássaros, todos escapando das nuvens de fumaça lançadas pelos inúmeros incêndios ateados na aldeia. Dormimos amontoados ao ar livre, desacostumados com a vida cruel do deserto, com saudade do cheiro de pão e do conforto das nossas camas macias. Meu genro usava a túnica longa de um estudioso. Pareceu perturbado quando minha filha o abraçou e lhe disse que estaria perdida sem ele, talvez receando que a fé em sua capacidade de liderança fosse descabida. Vivia mais em casa, com seus pergaminhos e suas orações, do que nos guiando através do deserto.

À noite, sonhei com meu marido. Ele continuava ao meu lado, como muitas vezes acontece com os mortos antes de seguirem em frente. Dizem que os que nos deixam não mudam quem são, mesmo no Mundo Vindouro. Meu marido estava sovando o pão, trabalhando duro, como se continuasse em nosso mundo. Parecia o mesmo, um homem gentil e sério, preocupado com seu ofício, como sempre, mas usava ingredientes que eu não reconhecia. A massa era vermelha e as especiarias haviam sido moídas de pétalas de flores negras e de ferrões pontiagudos de abelhas. Então ouvi-o falar. Ele dizia: *Cada pedaço de pão o alimenta do modo que precisa ser alimentado*. Meu marido era um homem simples e só usava as palavras quando necessário. Agora, nos meus sonhos, tinha certeza de que ele estava me dizendo algo que precisava ouvir. Acordei desejando que houvesse dito mais.

Pela manhã, os bandos de aves que fugiam ao longo das encostas das colinas eram tão enormes que apagavam o sol. Mordi a língua, mas estava certa de que se tratava de um mau sinal. O galo branco que fora sacrificado nas escadas da sinagoga estava nos seguindo, era o que acreditava, enviando seus mensageiros para nos perseguir. As aves passaram por nós, voando mais rápido do que nunca vira, e isso nos disse alguma coisa também.

Se tivesse prestado atenção, teria entendido que há algumas coisas neste mundo que não podemos vencer.

OS DIAS foram se passando e em pouco tempo tínhamos comido quase tudo o que tínhamos, o pão, as azeitonas, o queijo. Começamos a racionar os alimentos. O plano do meu genro era simples, as táticas de um homem lógico. Esperaríamos que os romanos se fossem e, em seguida, retornaríamos à nossa aldeia e começaríamos de novo. Eu não disse o que sabia, que não haveria nada para o que voltar. Encontraríamos apenas sangue e tijolos quebrados. Vi que meu genro estava intimidado pelo deserto à nossa frente e com o nosso lugar nele. O deserto se aproximava, uma paisagem agreste, mesmo para aqueles com experiência em sobreviver aos seus perigos. Em todas as suas horas de estudo, Yoav nunca acendera uma fogueira de galhos com o uso de uma pedra, nunca caçara com um arco, nunca procurara água nem seguira por um caminho de pedras e rochas de calcário tão duras que deixavam nossos pés sangrando. Era um homem importante na aldeia, mas ali não era nada. Em pouco tempo estávamos perdidos. Cada arbusto espinhoso parecia o mesmo para nós, devastado, preto. Cada colina levava a outra. Só o céu mudava, cor-de-rosa rubro no crepúsculo e depois filtrando uma luz acinzentada antes de a escuridão nos dominar.

Yoav começou a rezar, hora após hora, como se isso lhe indicasse o que fazer em seguida. Eu já tentara fazer pão em uma chapa de ferro sobre a fogueira e não conseguira. Só conseguia fazer biscoitos que não tinham força para crescer. Finalmente fui capaz de assar o pão sobre pedras quentes que coloquei embaixo de gravetos em chamas. Os meninos chamaram os pães pretos e crescidos de pães das cinzas, eram amargos mas satisfaziam. As bolsas de água de pele de cabra estavam menos pesadas, drenadas pela nossa sede, e as chuvas ainda não haviam chegado. Yoav prometeu que *Adonai* nos guiaria e que não tínhamos escolha senão aceitar seus desígnios. Secretamente, desejei que pudéssemos encontrar um guia entre as tribos de vestes azuis que às vezes víamos seguindo em direção a Moabe. Eu lhes daria tudo o que tinha se nos ajudassem a encontrar uma boa trilha.

Embora nossa aldeia ficasse para trás, eu ainda achava que havia um mundo para o qual pudéssemos voltar.

Mantive meus olhos nos céus. Avistávamos cada vez mais pássaros. A cada dia o número aumentava. Tentei contá-los, mas era impossível, pois eram tão numerosos quanto as estrelas e, no fim, desisti. Ainda sentia que o padeiro me acompanhava, e que me dava conforto. Falava com ele em voz baixa, tentando diverti-lo com as minhas descrições dos diversos tipos de ventos que encontrávamos: o tipo esvoaçante, o tipo uivante, o vento suave e quente do sul, o vento forte e azul que chegava ao anoitecer e de repente partia ao amanhecer, o

vento violeta do desespero. Conversava com meu marido sem que ninguém pudesse ouvir.

Então um dia acordei e ele se fora. Senti sua partida com tanta certeza quanto se tivesse visto seu espírito subir. De uma só vez, a solidão instalou-se em mim profundamente como uma pedra em meu íntimo, dura e afiada. Enquanto dormia, o espírito do meu marido fora reivindicado pelo Mundo Vindouro. Ele desapareceu de uma vez por todas. Quando comentei sobre o vento que assobiava, salpicado de chuva, que soprava com a chegada do inverno, ele não respondeu. Quando descrevi o vento batido pelo sol nos funis de poeira flutuantes, falava com ninguém, a não ser com o próprio pó. Apenas pássaros pretos nos sobrevoavam naquele momento, uma formação de penas e carne turvando o céu como nuvens de tempestade. Esperei até a noite para chorar, guardando a dor só para mim, pois não fazia nenhum sentido compartilhar a minha tristeza.

Não tínhamos outra escolha senão seguir em frente, uma vez que apenas o vazio estendia-se ao nosso redor. No dia seguinte assim o fizemos. Tive de deixar aquele lugar indistinto, abandonando a última essência do meu marido. Carregava a minha perda como um fardo, que retardava o meu progresso com seu peso. Não conseguia nem manter o ritmo dos burros cansados, que seguiam indiferentes o seu caminho. Os meninos voltavam correndo para junto de mim e seguravam as minhas mãos, me apressando. Por causa deles continuei, mas Deus sabia que passara pela minha cabeça ficar para trás. Queria deitar-me ao lado das rochas e sonhar com o padeiro, pedir-lhe para voltar para mim, mesmo que isso significasse abrir mão deste mundo. Talvez esse tenha sido o pecado que cometi. Esqueci-me de que mesmo o pior da vida é um tesouro.

*

APARECEU à nossa frente um pequeno oásis. Possuía uma queda-d'água que jorrava de um penhasco, derramando-se sobre as pedras para formar uma piscina de água doce. Sentimo-nos abençoados, muito felizes com a nossa boa sorte.

– Eu lhes disse para ter fé – meu genro advertiu. – Deus fez exatamente como eu disse que faria.

Cresciam palmeiras e um amontoado de jasmim perfumado. Caniços de hastes carnudas brotavam ao longo das margens da piscina. Flores brancas boiavam na água verde, cada uma exibindo o formato de uma estrela. Via-se um grupo de amoras silvestres, onde vespas e libélulas se aglomeravam, seu zumbido como música para os ouvidos. O ar era fresco e doce, agitado pela brisa. Eu poderia ter

descrito essa brisa para meu marido se seu espírito continuasse ao meu lado, um vento tão calmo que inspiraria inveja em todos os outros ventos em todos os cantos do mundo.

Meu genro pensou que poderíamos esperar pela partida dos romanos ali, naquele lugar aprazível. Deveríamos saber que em tempos tão cruéis não era o melhor prender-se a um único local, mesmo se houvesse água e o ar fosse refrescante. A inveja era igual, tanto entre os ventos como entre os homens sobre a terra. Quanto melhor o lugar, mais os outros cobiçariam o que você tivesse. Fosse um mendigo, um andarilho, um solitário na escuridão da noite. Se possuísse algo que outros não tinham, você seria um alvo para os maus. Teria sido melhor se tivéssemos feito nosso acampamento em uma das cavernas para além do oásis, ou talvez mais longe na direção do deserto, seguindo os caminhos batidos entre os espinheiros socados pelas manadas de camelos selvagens. Mas meu genro temia o coração do deserto e quis que permanecêssemos onde estaríamos mais seguros. Senti uma onda de medo, uma premonição. Vi as sombras recortadas embaixo de uma palmeira assumirem a forma de uma víbora, que deslizou pela areia até parar aos meus pés.

Minha filha me calou quando comentei sobre meus temores e sugeri que seguíssemos em frente. Pessoas haviam entrado na imensidão do deserto à nossa frente e nunca mais foram vistas, sussurrou ela. Andarilhos que eram abandonados ou devorados por feras, vencidos pela fome e pela sede, sequestrados, escravizados pelas tribos que usavam mantos azuis. Ali tínhamos tudo de que poderíamos precisar e deixar aquele lugar seria uma ingratidão aos olhos de Deus.

– Pense nas crianças – pediu Zara. – Estão felizes aqui.

Olhei para os meninos, que gritavam alegremente brincando à sombra das palmeiras, e pus de lado os meus medos. Ficaríamos onde havia água, o elemento mais precioso de todos, mesmo que as hienas viessem beber no crepúsculo, atraídas pela água, assim como os demais animais do deserto. Aquelas criaturas ferozes se aproximavam, os olhos brilhando enquanto espiavam os burros, outro presságio que ignoramos. À noite aqueles ímpios animais manchados produziam um choro estranho, desejando o pouco que tínhamos, ou talvez quisessem convencer-nos de que eram mansos, como cães, ansiosos pela nossa companhia, quando o que realmente queriam era a nossa carne.

Vimos poucas pessoas durante esse período, apenas viajantes errantes que

vinham encher seus recipientes de água, depois seguiam em frente, sábios o bastante para montar acampamento em tempos tão incertos. Fomos informados de que zelotes de Jerusalém tinham tomado vários postos avançados nas proximidades do Mar de Sal, incluindo a fortaleza de Herodes, uma maravilha de palácio no topo de falésias brancas, construído por um rei tão cruel que assassinava quem quer que lhe fizesse oposição. Um homem idoso, um eremita com os pés atados com tecido e a túnica desfiada pelo vento, advertiu que, embora o deserto pudesse parecer despovoado, era repleto de vida. O que parecia vazio era cheio, assim como a água em um copo. O mais importante era invisível aos olhos.

OS PÁSSAROS permaneceram conosco, como uma praga pairando no céu. Até mesmo eu, uma mulher simples, percebia esse prenúncio do mal. Um dia, havia tantos deles que nos escondemos na barraca em que dormíamos, assustados com a escuridão tão extrema no meio do dia, o mundo enegrecido pelos corvos. Quando saímos, na manhã seguinte, a estrada que levava para o leste estava coberta de penas. Pássaros tinham caído do céu, atingidos por algum desastre desconhecido. Zara e eu estávamos ocupadas recolhendo gravetos para fazer a fogueira para a refeição do meio-dia. Antes que pudesse detê-los, meus netos começaram a catar as penas e a brincar com elas, adornando-se, fingindo que haviam se transformado em corvos. Minha filha e eu trocamos um olhar. A um só tempo, havíamos percebido que era *Yom Kippur*, o Dia da Expição, quando pedimos a Deus para perdoar os nossos pecados. No deserto, todos os dias eram muito parecidos com o seguinte, e nos esquecêramos do aspecto divino do dia até aquele exato momento. Não deveríamos trabalhar nem comer, somente pedir perdão.

Dizia-se que no Templo havia uma corda escarlate pendurada no altar; no fim do *Yom Kippur*, depois do jejum, dos sacrifícios e de muitas orações, ela se tornaria branca se Deus perdoasse as nossas transgressões. Agora, ignoráramos o mais santo dos dias e, ao fazer isso, viráramos as costas ao nosso Deus. Os meninos dançavam na areia, cobertos de penas, cacarejando entre si como pássaros. Esse era o tipo de erro que atraía os demônios dos seus esconderijos. Pensei se não tínhamos tomado o caminho errado na nossa jornada e imprudentemente virado à esquerda, o lado que dava origem a todos os males.

O marido da minha filha ficou furioso quando viu os meninos brincando como selvagens. Compelido a corrigir a situação, ele se afastou para rezar, andando de um lado para o outro no deserto, o vento fustigando seu corpo, deixando sua marca como chicotadas. Ele gritou contra o vento feroz que faria as coisas

direito e implorou por perdão, rezaria pela misericórdia de Deus, mesmo que isso lhe custasse todo o dia e toda a noite. Mas minha filha e eu sabíamos que o que fora feito não poderia ser corrigido. Havíamos nos esquecido de *Adonai*. Pensáramos somente em nós mesmos e nas nossas triviais necessidades humanas. Por causa disso, sofreríamos. Nossos pecados cresceriam e nos engoliriam por completo.

Eu chamara a minha filha de esplendor da manhã, mas *manhã* tinha dois significados, e talvez tivesse lhe rogado uma maldição quando escolhera chamá-la assim. Agora me perguntava se previra o que fora escrito, embora os homens cultos insistissem em que nenhuma mulher era capaz de prever o que viria a ser. Eles podiam dizer o que quisessem. Eu sabia que nada de bom aconteceria no deserto no *Yom Kippur* que havíamos esquecido. O marido da minha filha podia rezar por perdão até a sua garganta secar. Eu diria que, pelo vento crescente, aquele vento impiedoso, não haveria nenhum perdão.

*

AQUELE DIA terrível continuaria a ocupar os meus pensamentos se a algazarra nos pombais não me distraísse com o seu estardalhaço contínuo. O alarde dos ruídos espelha o silêncio, pois se está sozinho nas duas situações. Muitas vezes notei Shirah observando-me enquanto trabalhava. Perguntava-me o que pensaria de mim. Não temia enfiar as mãos na sujeira e não ultrapassava os meus limites. Quando ela pousava o olhar em mim no ar obscuro, abaixava a cabeça para esconder o que residia em meu íntimo. Apenas uma réstia de luz filtrava-se do telhado e eu evitava passar por ela, com medo de que a claridade revelasse a verdade sobre o meu luto. Mas um dia, não muito tempo depois da minha chegada, Shirah de repente pegou a minha mão na dela. Surpreendi-me com o gesto e, antes que pudesse pensar em me afastar, ela olhou para a minha palma áspera. Seu toque era como a água fria sobre a minha pele. Depois disso, poderia dizer que me conhecia. Tinha a mão de um assassino. Ela queimava durante a noite, no escuro. Outra mulher olharia para a lua que se levantava para ver o seu destino refletido, mas eu olhava para a palma da minha mão a fim de enxergar o que fora escrito e o que fizera.

Como não quisesse que os outros falassem a meu respeito, ficava longe das fofocas em torno de Shirah. Se ela fosse realmente uma bruxa, eu não a temia, pois, quando apertara a minha mão na sua, pegara parte do meu fardo para si mesma.

– Ser humano significa perder tudo o que mais se ama neste mundo – ela

murmurou, soltando-me. – Mas você pediria para ser outra coisa?

PERMANECI em silêncio na ocasião, mas depois me perguntei se realmente preferiria ser uma cobra, em vez de mulher, se escolheria viver a minha vida embaixo de uma rocha, atacando ao anoitecer, devorando o meu sustento, voraz e sozinha na minha pele fria. Será que uma cobra amava seus rebentos? Será que chorava sob a rocha, ansiando por braços para enlaçá-los, por uma voz para contar-lhes histórias, por um coração que se desdobrasse em dois? Muitas vezes não conseguia dormir ao pensar em tais assuntos. Essas eram as ocasiões em que via Shirah andando pela noite. Talvez ela soubesse as respostas às minhas indagações, mas nunca perguntei, como nunca questionei aonde ia ou aonde fora. Se ela tivesse uma caixa de pecados mantida sob sete chaves, como algumas pessoas juravam, não era da minha conta. Depois de desrespeitar as leis de Deus, tomamos consciência de que só Ele pode nos julgar. Sabemos que nenhum homem é capaz de entender o que uma mulher pode ser levada a fazer.

QUANDO YAEL chegou para trabalhar conosco, eu estava convencida de que ela era uma menina tola e egoísta, que se considerava boa demais para limpar os nichos das pombas ou carregar pesados cestos de esterco para os campos. Nunca imaginei que ela viria a morar na minha casa, se é que se pode chamar assim um único alojamento com uma cortina como divisória de vizinhos como uma casa adequada. E ainda assim fora culpada por essas mesmas ideias na minha chegada, amargurada por ter sido enviada para trabalhar nos pombais. Mantivera a postura da minha antiga vida com uma arrogância a que não tinha direito. Chorava, convencida de que estava relegada à posição mais humilde da montanha, até meu neto me mostrar a verdade sobre as pombas. Agora entendo o orgulho demonstrado por Shirah e suas filhas, uma devoção que me intrigara na primeira vez que passei pelas portas de madeira entalhada, o rosto coberto por um lenço, temendo respirar uma única vez o mau cheiro do barro composto.

Sem os pombos, essa fortaleza já teria caído. Os restos espalhados no pomar tornaram o nosso mundo verde e exuberante, alimentando as raízes das tamareiras e das oliveiras, fertilizando as amendoeiras, fazendo com que explodissem em nuvens de flores cor-de-rosa e branco. Sem os pombos, teríamos morrido de fome há muito tempo. Era proibido matar um deles, pois sem o Templo não poderia mais haver sacrifícios; um homem que pegasse um deles por ganância arriscava-se a tornar-se *karet*, ser banido da vista de Deus, pois tal ato era considerado um crime contra todos nós.

Todas as vezes que cortava um pedaço de fruta, sentia-me grata às criaturas claras e dóceis de que cuidava. Sempre que uma delas adoecia, levava-a para

casa a fim de cuidar da sua saúde. Mantinha essas aves em uma prateleira de madeira ao lado da minha cama. Escutava quando arrulhavam, confortando-me com sua música.

Aquelas eram as únicas noites em que não sonhava.

COMECEI a mudar de opinião sobre Yael, a filha do famoso assassino Yosef bar Elhanan, um matador sobre quem as pessoas sussurravam ter a capacidade de atravessar paredes e desaparecer diante dos olhos humanos, irmã de um dos nossos jovens guerreiros. Notei que ela possuía um estilo próprio de magia. Bastava que estendesse a mão e as pombas a procuravam. Não precisava cacarejar nem oferecer grãos, os truques com os quais eu costumava atraí-las. Surpreendi-me com suas habilidades, tomada pelo ciúme. Era sempre eu a primeira a abrir a porta pela manhã, era eu quem alimentava as pombas e a sua enfermeira quando adoeciam. Era eu quem atirava pedras quando os falcões se aproximavam do nosso telhado, prontos para se esgueirar pelos vãos da cobertura e destruir os ninhos de que cuidávamos com tanto carinho, ou para atacar, quando deixávamos as pombas voar no início da manhã, certas da sua lealdade e do seu retorno.

No entanto, elas procuravam por Yael, não por mim. Ela ficava no escuro e eles esvoaçavam ao seu redor.

– Por que elas a preferem? – perguntei a Shirah, que estava entre as pombas por mais tempo. Acho que a inveja brilhou nos meus olhos.

– Ela fala a língua delas.

– Sério? Dos pássaros? Que língua é essa?

Shirah sorriu em resposta.

– Dentre todas as pessoas, você deveria saber.

Então entendi. Era a linguagem do silêncio.

*

EU ADIVINHARA o que Yael estava escondendo por baixo da túnica e dos lenços, embora ela não falasse sobre isso, e por uma boa razão, apesar de estarmos longe das leis de Jerusalém, onde as mulheres em sua condição seriam chamadas perante um conselho de sábios e anciãos, depois exiladas para se arranjar sozinhas. As mulheres que cometiam adultério e concebiam eram forçadas a beber água amarga com a poeira do chão do Templo, que alguns acreditavam ser

capaz de fazer as crianças saírem de dentro delas. Essa era a cerimônia do *sotah*, na qual a sua inocência ou culpa seria provada por Deus quando fossem forçadas a beber o Seu nome escrito em um pedaço de pergaminho e dissolvido em um copo de água. As pessoas cochichavam que o mal repelia a graça de Deus. Caso o mal tentasse absorver o nome de Deus em seu corpo, cairia sobre o pó.

Mas talvez nessa montanha, com tantos perigos diante de nós, havia pouco tempo para buscar o pecado e pouca razão para fazê-lo. Será que meus vizinhos não se perguntavam se seus pecados os haviam trazido a esse lugar, por que o nosso povo precisava sofrer tanto, por que os caminhos de Deus eram tão misteriosos, por que Ele nos abandonara nessa montanha?

O constante uivo do vento enlouquecia algumas pessoas; muitos dentre nós amaldiçoavam a fortaleza e desciam mais baixo do que tinham imaginado. Havia mulheres que choravam durante um vendaval até as lágrimas marcarem seus rostos com listras de sal. Será que não se perguntam por que tiveram de se afastar para tão longe de Jerusalém e de tudo o que tinham conhecido e amado? Nas horas mais sombrias, quando se reuniam com os filhos à luz quase inexistente, tendo os xales como proteção contra as tempestades de areia, elas sem dúvida se perguntavam pelo que estávamos lutando.

Eu nunca fiz essa pergunta. Olhava para a terra além do caminho da serpente e pensava nas inúmeras formas que uma fera poderia assumir. Havia aquelas que se revelavam ao meio-dia, pousando firmemente os pés sobre a terra, e aquelas que se infiltravam nos seus sonhos. Havia aquelas que vinham de Roma, as feras mais desprezadas que quaisquer outras, as garras começando a se mostrar quando cruzavam o Grande Mar, pois o sal repelia os demônios. Quando pensava em tal perversidade, não conseguia dormir. Para me proteger, entoava o encantamento que Shirah instruíra-me a recitar quando me virava na cama à noite. *Proíbo todas as formas de destruidores, demônios, pragas, aflições, medos e pesadelos, e juro solenemente contra todos eles.*

Ainda assim, continuava acordada, incapaz de fechar os olhos.

Houve ocasiões em que avistava meu genro escalando o caminho, separado dos outros guerreiros, quando regressavam das missões destinadas a nos proteger, ou quando tentavam encontrar as provisões de que precisávamos no mundo fora das nossas muralhas. Não queria pensar nas ações tristes que cometiam, no sangue que derramavam, nas vidas que tiravam.

O Homem do Vale que não andava ao lado dos seus irmãos não tinha mais nenhuma semelhança com o estudioso que fora um dia. Ele nunca saía sem o

machado pelo qual trocara o seu cálice mais precioso, carregando a arma tão perto do corpo que essa parecia uma parte dele, presa por uma seda vermelha invisível. Seu cabelo que embranquecera da noite para o dia era tão comprido que as pessoas diziam que Deus seria capaz de agarrá-lo para tirá-lo de um perigo. Essa era a razão pela qual ele ainda vivia, embora se deixasse em perigo o tempo todo. Era conhecido por ser furioso em batalha, disposto a atirar-se à luta sem pensar na própria vida. Eu entendia por que ele fazia isso, pois sabia pelo que lutava; no que não era diferente de mim. Uma angústia como a nossa alimentava-se de ossos e de sangue. Não tínhamos mais opções do que o vento de para onde ir e a que lugar pertencer. Eu era grata por esse período de silêncio na montanha. Ali, finalmente, meus netos estavam seguros, podiam descansar sem perigo, enquanto as pombas da minha cabeceira os silenciavam para dormir. Quanto a mim, o sono era uma terra que já não visitava, apesar do meu encantamento. Quando o fazia, ansiava apenas pela minha vida em vigília, as horas em que não via as imagens de pesadelo de tudo o que acontecera e de tudo em que me tornara.

*

MUITOS DEIXAVAM as suas cidades e aldeias quando fugimos. Eram na maioria pessoas boas, mas também havia aqueles que se desviavam para o lado esquerdo da estrada, o lado dos maus. Antes que o padeiro colocasse seus últimos pães no forno na enorme tábua de madeira que sempre usava, antes que eu soubesse que ele não regressaria, antes que as penas pretas caíssem sobre a estrada, já estava escrito que encontraríamos aqueles que eram do mal e que eles cairiam sobre nós no fim daquele dia, quando o céu se incendiou de azul e o ar cheirava a jasmim.

Eles vieram por causa dos burros, que ficaram espionando do penhasco. Vieram por causa da água fresca que rebrilhara nos seus olhos. Mas ficaram quando viram Zara inclinada sobre a fogueira. Viram o seu esplendor, tão linda que parecia que aquela manhã nascera para eles, e a sua intenção mudou. Eles se esqueceram dos burros, da piscina de água e da décima legião, o regimento romano de que tinham desertado, temendo a punição dos superiores, os bastões dos generais se quebrado em cima de suas costas em consequência dos delitos e do mau serviço.

Eles já se encontravam além da linha que nos separa das criaturas das trevas. Atravessaram o caminho batido frequentado pelo bando de hienas que vinham nos rondar, lamentando-se no meio da noite, tentando ganhar o nosso apoio com seus ganidos tristes, esperando pelos restos de comida antes de vir nos devorar. Quatro soldados romanos que viviam sem água, sem comida nem esperança

desceram pela encosta, a armadura de cota de malhas pesando nos ombros, homens cuja natureza se degenerara. Era fácil para eles tornarem-se brutos como animais ferozes; mais um passo e a sua humanidade seria uma ilusão. Sob a armadura havia apenas dentes e garras, fome e sede. Era o *shabat*, e Yoav saía para orar no deserto, o xale de oração jogado sobre os ombros. O vento aumentava de intensidade, então ele não ouviu nada do que nos aconteceu. Estava comprometido com Deus e com o som da própria voz. Desde o *Yom Kippur* ele estivera ausente durante todo o dia e à noite, orando pela nossa salvação. Quando a primeira estrela aparecesse no céu, acenderíamos a lâmpada do *shabat* com o resto do nosso azeite e ele voltaria para nós. Essa foi a desgraça que aconteceu. Ele viu a luz, mas nunca esperou a escuridão.

Avistei os soldados como se avista um demônio, uma sombra no canto, fundindo-se no outro lado do terreno. Não pensei duas vezes. Mande os meninos fugirem. Foi como se uma chave tivesse aberto o futuro e por um breve instante enxerguei do outro lado.

– Vão depressa e não se arrisquem – disse aos meus netos. – Não voltem até eu chamar. Mesmo que a noite caia, mesmo que o sol seja comido pela lua, não importa o que ouçam, mesmo que alguém os chame pelo nome. Não respondam. Não falem. – Olhava em seus olhos enquanto os instruí. – Acima de tudo: fiquem escondidos.

Mande-os para um ressalto escondido atrás da cachoeira, onde às vezes brincavam. As crianças eram pequenas o bastante para caber dentro de uma fenda que se formara entre as rochas. A água era uma cortina enquanto caía. Pensei que, se algo desse errado, os meninos não seriam capazes de ver através da água e Deus os protegeria.

Mas a água é clara, como uma janela aberta, e seus olhos estavam abertos também.

OS HOMENS caíram sobre Zara junto à fogueira. Ouvi a voz dela como se ouve um sino, soando acima de todos os outros ruídos. Corri até ela e um dos intrusos me atirou para o lado, pois para ele eu não era mais que um gafanhoto seco, bom para nada mais que o jantar de um corvo. Senti o gosto de sangue ao redor da boca. Ataquei-os, gritando, mas eles eram quatro, e brutalmente fortes, e eu uma mulher desacostumada ao combate. Enquanto dois deles seguravam Zara, rasgando suas vestes, os outros dois cuidaram de mim rapidamente. O mundo escureceu quando bateram com uma pedra na minha cabeça. Senti o calor do meu próprio sangue correr pela testa. Tudo ficou negro como a noite dentro de

mim. Para a minha vergonha, não vi o que os meus netos viram, só entendi quando vi a concha partida em que Zara se transformara. Mas os meninos observaram tudo: como os soldados se revezaram com sua mãe, como ela tentou afastá-los, como quando terminaram eles a torturaram com fogo e com pedras quentes e paus afiados, por nenhuma outra razão a não ser pela própria maldade.

Quando saí da escuridão e despertei novamente para este mundo, era tarde demais. Os brutos se apossavam dos poucos pertences que haviam sido armazenados na nossa tenda. Aproximei-me de Zara, embora soubesse que ela entrara no reino dos demônios e que cada demônio que caminha sobre a terra tem a força de mil homens, e eu era apenas uma mulher, mais envelhecida ainda naquelas poucas horas, uma idosa, coisa sem valor. Arrastei-me sobre a areia.

Em um momento tínhamos todo o tempo do mundo estendendo-se à nossa frente e, no seguinte, a minha amada filha estava morrendo nos meus braços. Ela estava sussurrando para que terminasse com aquilo e a deixasse ir para o Mundo Vindouro. Implorou-me enquanto o seu sangue corria entre nós, o sangue que eu me esfalfara para trazer a este mundo. Não bastara para eles usá-la para o seu prazer e depois deixar-nos em paz. Não bastara para eles tomarem tudo o que possuíamos – os burros, a água, a tenda, as provisões – e abandonar-nos para as hienas que já estavam circulando. Eles eram os anjos da destruição, vira isso claramente, embora parecessem soldados romanos. Tinham vindo do lado escuro do mundo, onde a luz não conseguia penetrar. A pele de Zara estava enegrecida onde tinham encostado paus e pedras ardentes contra ela. Tinham colocado as pedras dentro dela só para ouvi-la gritar. Atirei aquelas pedras para longe, mas não adiantou. Ela já conversava com os entes do Mundo Vindouro, já destroçada. Então vi que ela fora dividida em dois com um machado e tudo o que estava contido dentro do seu corpo tinha se derramado sobre a terra.

Naquele momento, agachada ao lado dela, transformei-me em algo que não era uma mulher.

Os brutos tinham jogado as suas armas, armaduras e capacetes de bronze no chão. Peguei uma faca que tinham deixado de lado, lisa com o sangue. Fiz como Zara me pedia, embora fosse um crime contra Deus e contra as nossas leis. Sussurrei em seu ouvido que ficaria livre e que deveria fechar os olhos. Então fiz o que nenhuma mãe deveria ter de fazer. Peguei a faca e cortei sua garganta. Fiz do modo que se faz um sacrifício, pois mesmo uma besta de carga é tirada da vida dessa maneira, com compaixão, em um corte único e rápido, concluído sem dor. Ao fazê-lo, inclinei-me e pousei a boca sobre os lábios machucados da minha filha. Seu último suspiro entrou em meu corpo e guardei seu espírito

dentro de mim como o tivera antes de ela nascer.

Os maus pegaram o que queriam. Depois riram ao me ver deitada ao lado de Zara. Saí atrás deles, rugindo, empunhando a faca, e um dos soldados a tomou de mim e a segurou contra a minha garganta. Senti-me grata quando ele o fez. Era isso o que queria. Pedi-lhe para me matar.

– Vá em frente – disse. – Minha morte será seu presente para mim.

Se não podia entender completamente a minha língua, ele com certeza compreendeu o significado das palavras. Eu não suportava mais as agonias da terra que pisávamos. Mas aquele que era líder disse ao bando para esperar. A maldade despertara a fome nos soldados. Como animais, eles queriam mais. Ordenaram-me que cozinhasse para eles sobre o fogo em que mataram a minha filha. A fumaça carregava o aroma do perfume que ela usava, uma mistura de canela e óleo de gengibre, uma nuvem de fragrância subindo das cinzas.

Uma ideia começou a se formar dentro de mim.

– Vai nos negar isso? – disse o líder. Tinha um sorriso no rosto traiçoeiro, como se pedisse um favor a um vizinho. – Certamente sabe cozinhar.

Eu não era mais uma mulher, mas ainda era esposa de um padeiro. Pensei no que o meu marido me dissera no sonho. Por fim entendi o significado. Disse aos brutos que poderia fazer mais que simplesmente cozinhar uma refeição. Poderia fazer pão, o suficiente para carregarem para o deserto, assegurando que teriam a fome saciada por muitos dias. Iria alimentá-los da maneira que mereciam.

– É melhor não estar mentindo – aquele que queria me matar comentou.

Peguei a chapa de ferro e as colheres de pau do meu marido. Amarrei o avental branco na cintura.

– Como estou? – disse a eles. – Esta é a vocação da minha vida.

Devia estar parecendo uma velha acabada, mas alguém que conhecia os mistérios do pão, pois eles me pediram para continuar com a refeição. Eles cochilaram ao sol. O cheiro chamuscado da morte por queimaduras não os incomodava, assim como não incomodava às hienas, que caçavam suas presas nas colinas, ou aos chacais, que viviam nas ruínas, alimentando-se dos ossos dos mortos. Enquanto os brutos se aplacavam, os olhos sonolentos fechados, assei os pães recheados com escaravelhos e os cobri de maldições. Encontrei o coentro espalhado pelo chão, ao terem revirado os nossos pertences, e peguei um pouco para temperar, para que não suspeitassem que o que comiam nada mais era do

que pão. Por fim, avistei o frasco daquele ingrediente que o anjo na minha cozinha me mandara levar. Não tinha um só grão derramado. Misturei-o com água e com o resto de farinha, acrescentei uma porção de levedura do pote de barro frio e em seguida coloquei a mistura sob uma faixa de tecido para ajudar a massa a crescer no escuro.

Antes que os pães estivessem prontos, os brutos acordaram. Tinham mais danos a fazer no mundo. Eram desertores do serviço do seu imperador, ansiosos por fugir, mas não me apressei, zelando pela minha porção de vingança e de desespero.

– Não podemos esperar – me disseram. – Depressa – gritaram.

Não tive escolha senão assar os pães diretamente sobre o fogo antes que acabassem de crescer. Esperava que se tornassem espessos e lisos, como bolachas, como fica o pão na chapa, ou que se tornassem chamuscados de preto, como fica o pão de cinzas, mas eles cresceram em pães perfeitos. Soube então que o anjo que me acompanhara na cozinha continuava ao meu lado, ajudando a formar a massa.

O pulso sombrio da tristeza apertava a minha garganta. Senti-me grata por não me pedirem para falar, apenas para servir. Ouvia os corvos acima de nós. Pensei nas penas na estrada e nos inúmeros sinais que o anjo me dera e eu não prestara atenção. Isso nunca aconteceria novamente. Cortei os pães com a faca ensanguentada, queimando os dedos enquanto os rasgava em pedaços, e servi às feras que pareciam homens. Eles usavam a insígnia da legião, apesar de serem traidores da própria espécie, e portanto ainda ostentavam o símbolo do javali. Pensei em como convinha aos suínos comerem daquele pão. Sorri como uma mulher que não tivesse presenciado tudo o que vira naquele dia, uma mãe cujo corpo da filha não fora assolado em uma ravina onde crescia o jasmim.

Eu era outra coisa agora, a coisa em que me tornara.

Eles devoraram o que eu preparara, comendo mais pão que qualquer outro homem que eu vira antes. A violência e os dias espreitando e caçando os outros despertaram-lhe uma grande fome. Servi-os uma vez após a outra, como se fossem os meus senhores. Aos seus olhos eu parecia ser uma mulher e sua serva, nada mais. Então, os estômagos cheios, foram encher os frascos no lago, bem como os dois grandes barris, para terem água suficiente para a jornada. Chegaram tão perto da cachoeira que me senti atordoada, temendo que pudessem ver meus netos escondidos e assassiná-los por esporte, caso as crianças se atrevessem a falar. Não sabia que o anjo me concedera um último favor. Ele

tirara a voz dos meninos para que não pudessem se entregar. Quando abriram a boca para gritar e chorar, não saiu nenhum som.

Nesse momento os brutos agachavam-se à beira do lago, os rostos na água como cães, subitamente possuídos por uma sede insaciável. Respirei o meu sucesso triste, sabendo que aquele era um sinal de que o veneno lhes cobrava o seu efeito. Eles não conseguiam deter sua ânsia por mais água, apesar de segurarem as barrigas muito cheias, quase a ponto de estourar. Assisti com os olhos frios enquanto bebiam até a morte. Era o mesmo que se dava com os ratos na padaria do meu marido. Muitas vezes os encontrava afogados em um balde depois de morderem a isca, morrendo com a sede terrível que a cicuta lhes dava.

Um dos homens aproximou-se de mim e caiu de joelhos, implorando misericórdia. Engasgou-se ao bradar que tinha esposa e filhos à sua espera. Declarou ser um homem bom na vida que levava antes, mas as palavras, como todas as coisas no deserto, foram levadas pelo vento. Na verdade, eu era alguém que já não ouvia essas súplicas. Não trazia mais piedade em mim, somente o último suspiro da minha filha.

NO MOMENTO em que a noite caiu e meu genro retornou das suas orações, eu havia matado as quatro bestas humanas, tendo cortado suas gargantas por via das dúvidas, não por misericórdia, mas para ter certeza de que completara a tarefa. Lavara o corpo da minha filha com água limpa e o envolvera no xale de linho branco que ela usara em seu casamento. Ela trouxera o xale consigo na nossa jornada, o único tesouro que levava de casa, enquanto eu buscava o veneno. A escolha que fazemos nessas ocasiões revela quem somos por dentro. Ela era uma boa esposa, ao passo que eu era uma criatura capaz de qualquer coisa para proteger o que era meu. Juntei pedras para colocar sobre seu corpo, de modo que os chacais não se aproveitassem do que restava dela. Se as pedras eram pesadas, não reparei. Elas eram vermelhas e se esfarelavam, tingindo as minhas mãos. Talvez tivesse sido assim que fiquei marcada pelo resto da minha vida e por isso, se alguém olhasse muito de perto as minhas mãos, sem dúvida elas lhe revelariam a minha verdadeira natureza.

Devia estar parecendo um demônio. Assim que meu genro me viu, caiu de joelhos. Quando percebeu o que acontecera na sua ausência, ele esmurrou a terra; chorou, praguejou e rasgou seu manto. Pensei que correria para o deserto como um louco, abandonando-nos. Isso não poderia acontecer, mesmo que desejasse um alívio radical para a agonia. Recusava-me a permitir que a morte da minha filha fosse a morte dos seus filhos. Precisava do meu genro para nos ajudar a fugir. Segurei seu xale de oração, que não deveria ter tocado nem

mesmo na bainha. Dessa vez seria eu a dizer-lhe o que fazer. Falei para acabar logo com aquilo, pois o tempo tornara-se como areia debaixo dos nossos pés. Eu sabia que deveríamos deixar aquele lugar antes que alguém procurasse os brutos no lago.

Enquanto Yoav embalava tudo o que nos restava em cima dos burros, fui até a cachoeira, pois era lá que meu tesouro estava guardado. Os meninos me fitaram com os olhos escuros e brilhantes, mas não saíram. Bati palmas e chamei por eles, mas não houve resposta.

O ruído da água caindo era ensurdecedor. Esgueirei-me por trás da cachoeira, os pés escorregando nas pedras frias e molhadas. Era muito grande para caber na fenda onde eles se escondiam contra as rochas úmidas prateadas de mica. Eles tinham apenas seis e oito anos de idade e no entanto haviam visto o que homem adulto nenhum na terra deveria ver. Estendi a mão e pedi-lhes para sair. Disse-lhes que carregava o espírito da sua mãe dentro de mim e que a levaria conosco aonde quer que fôssemos. Tínhamos de nos apressar. Era o que sua mãe queria que fizéssemos. Depois de um tempo, os meninos se agarraram em mim e me seguiram por trás da queda-d'água. Não falaram uma única palavra desde que saímos daquele lugar terrível, nem mais tarde, quando fizemos um acampamento apressado sob as estrelas, distante da cachoeira. Nunca mais falaram desde aquela ocasião.

TÍNHAMOS entrado no território do silêncio, invadindo-o como as sombras avançam sobre a terra quando o dia tarda a findar. O vento era a única coisa que ouvíamos, a menos que encontrássemos viajantes pelo caminho que nos contavam histórias do palácio de Herodes e dos homens de Jerusalém que seguiram o caminho da faca curva, zelotes que agora governavam a fortaleza do rei. Yoav ouvia essas histórias de rebeldes, absorto, seu perfil grave distante de nós. Fizemos círculos no deserto para manter distância da guarnição romana. Sem destino, e sem nenhum conhecimento do deserto, cambaleávamos no caminho para o Mar de Sal. Enquanto viajávamos, meu genro mudou diante dos meus olhos. Parecia distanciar-se cada vez mais do mundo, como se já caminhasse ao lado do anjo Gabriel. Aquilo que víamos como a terra embaixo dos nossos pés, ele via como o fogo. À noite, ele enveredava chorando pelos arbustos espinhentos e eu sentia no coração o peso da sua dor. À luz do dia, porém, ele recuperava a dureza, os olhos semicerrados, a pele tostada pelo sol. Consumia apenas ervas verdes e, se não tivéssemos algumas delas para consumir, não comia nada. Quando chegamos a um assentamento nômade, negociou o cálice de prata que usava para a bênção do vinho.

O velho do assentamento de tendas de pelo de cabra e crianças nuas não podia acreditar na boa sorte do seu comércio. Não teve a menor dúvida em abrir mão do seu machado em troca da prata pura. Era uma arma pesada, feita para um lenhador, não um guerreiro, muito mais forte que a que dividira a minha querida Zara ao meio. Depois que prosseguimos, eu ouvia Yoav praticando nas horas matinais, com o céu ainda escuro, dedicando-se ao machado como um dia se dedicara às suas preces e seus pergaminhos. Dormia ao lado dele, como dormira com a esposa.

Meu pressentimento de que Yoav seguiria para o deserto e nos abandonaria pela sua dor estava correto, só que não da forma que imaginara. Ele permanecera conosco, só que inteiramente dedicado a outro lugar que o convocara, o reino da vingança. Foi então que seu cabelo branqueou da noite para o dia e ele passou a usá-lo comprido e emaranhado. Seu corpo tornou-se esguio e forte. Ouvíamos pouco da sua parte, a não ser quando praticava a arte da destruição, atirando o machado com tamanha força que grunhia e gemia, como um homem nos estertores da morte. Os próprios filhos, aqueles meninos doces e silenciosos, assustavam-se com ele. Concluí que ele se parecia com os loucos que por vezes avistávamos no deserto: guerreiros, eremitas, profetas, sacerdotes; homens que só viam o próprio caminho e o de mais ninguém.

*

A MINHA primeira visão da fortaleza foi de tirar o fôlego. Uma miragem surgiu na pedra, um milagre aparecendo sob o sol do meio-dia. Como que encantados, fizemos uma pausa no vale. Era a temporada dos ventos, a época em que o *Ruach Kadim*, o vento quente e furioso que soprava de Edom, nos trazia nuvens de poeira. Meus netos estavam envoltos em túnicas, um próximo do outro, em busca de algum conforto. Talvez conversassem entre si através dos sonhos, pois pareciam comunicar-se e entender-se sem o uso da linguagem. Eles se recusavam a se separar e dormiam sob o mesmo cobertor, como comiam no mesmo prato e bebiam em um único copo. Pensei que os penhascos íngremes que levavam a Massada os assustariam e que iriam hesitar. Esperava que seu pai tivesse de amarrar cordas em volta da cintura para ajudá-los a galgar os penhascos, mas o mais novo, Levi, foi o primeiro a entrar no caminho de serpente, o caminho em espiral, andando como uma cabra, e Noé aplaudiu os passos corajosos do irmão e acompanhou-o em seguida.

Naquele instante tive a visão de que os meninos nunca mais teriam o pai de novo e que aquela escalada perigosa seria a última vez que estariam com o Yoav que conhecêramos antes que aquele outro homem, o que não se separava do seu

machado, tomasse o seu lugar completamente. O sol abatia-se sobre a terra como quando os brutos no oásis caíram sobre nós, ousados, impiedosos. Meus netos foram subindo, as nuvens de poeira seguindo atrás deles, carregadas pelo vento em pequenos turbilhões que desapareciam diante dos nossos olhos. Pousei a mão no braço do meu genro antes que ele começasse a sua ascensão. Yoav virou-se para mim, mas seus olhos estavam encapuzados. Ele era como o falcão, vendo somente o que precisava para sobreviver. Tudo o que queria era a vingança, mas dei-lhe mais que isso. Conte-lhe como me curvara sobre Zara para roubar-lhe o último suspiro. *Neshamah*, a nossa palavra para a alma, significava a respiração, e assim ela continuava conosco.

Meu genro deixou escapar um soluço quando ouviu isso. Ele balançou a cabeça e deu-me as costas.

– Jamais suportarei tornar a ouvir o nome dela – ele enfatizou. – Não o pronuncie na minha presença.

Entendi como era profundo seu amor por ela. Ainda que tudo mudasse em sua vida, nisso ele era constante. Era o único capaz de entender o significado da perda de Zara. O nosso luto nos unia, apesar do silêncio, do vento e do homem que ele se tornara. Lancei um sinal para ele se inclinar, e ele assim o fez. Então realizei a segunda coisa mais terrível que uma mãe poderia fazer, em alguns aspectos algo pior que enterrar a filha debaixo das pedras. Soltei o último suspiro da minha filha em sua boca. Dei-a para ele, para que o seu espírito lhe pertencesse e ele pudesse levá-la consigo, para que pudesse continuar a ser um homem com uma alma, apesar de ter perdido todo o resto.

A MINHA única preocupação era com meus netos. Eles eram o meu mundo, o meu presente e o meu futuro. Jurei me concentrar na nossa vida diária e em nada mais. Ao chegar a essa fortaleza, instalamo-nos no nosso pequeno alojamento, construído junto à muralha do rei, uma simples cortina dividindo a nossa residência da de outra família. À noite, ouvíamos os nossos vizinhos, as crianças rindo, os pais discutindo ou fazendo amor. No nosso espaço, apenas o silêncio. Assim era a nossa vida agora. Já não precisávamos da linguagem; não havia palavras para o que presenciávamos. Os meninos me fitavam com seus olhos escuros salpicados de noite. Eu insistia que estávamos seguros e fazia todos os esforços para lhes mostrar isso. Passei um fio na soleira da porta, de modo que ninguém saísse sem o meu conhecimento. Dormia com uma faca embaixo do estrado da cama. Passava cada dia em um ritual de mesmice, esperando que as crianças encontrassem consolo nas pequenas tarefas e nos deveres da vida cotidiana. Na presença deles eu era calma e paciente, a avó prática de quem

podiam depender em todos os momentos e em todos os sentidos, mas meu sorriso desaparecia sempre que me via sozinha. Todas as manhãs ia para os pombais. Todas as noites voltava para fazer o jantar. Mas todas as noites chorava.

*

OS MESES transcorreram desse modo. Acabamos nos acostumando com o ar seco da montanha e com o cheiro de sal trazido do mar lá embaixo. Conhecemos outras pessoas no assentamento, as quais chegaram à fortaleza por não ter outro lugar para viver no Sião. Estávamos todos nas mãos de Deus e assim éramos irmãos e irmãs, não importava de onde tivéssemos vindo. Entre nós viviam guerreiros e assassinos, rebeldes criminosos e outros que insistiam ser vítimas de crimes. Uns eram homens cultos, outros eram curtidores, oleiros e pastores de cabras, homens simples entre outros que sabiam ler aramaico e hebraico, bem como latim e grego. Uns foram expulsos de Jerusalém, outros fugiam de Jericó incendiada e muitos eram refugiados de pequenas aldeias como a minha.

Muitas das mulheres quiseram ser minhas amigas e me convidaram para o grupo que se reunia nos teares à noite, discutindo os acontecimentos do dia. Tinham boas intenções, mas mantive a minha distância. Não toleraria o seu falatório bem-humorado tanto quanto a sua fé. Embora fingisse o contrário, não me desprendera do passado. Era tudo que tinha, e me agarrava a ele e o saboreava, pois minha filha ficara naquela terra pesarosa. A tristeza me preenchia, deixando pouco espaço para mais que isso. Fechava os olhos para o mundo por trás da barricada que erguera entre mim e todos os outros, do mesmo modo que a cortina separava o nosso alojamento da casa dos vizinhos. Entendi que não se fugia do destino para sempre; ele sempre voltava com suas asas rijas, mergulhando no escuro como os morcegos nos pomares.

Ouvimos rumores sobre a presença de batedores romanos, que teriam montado um acampamento não muito longe da nossa fortaleza. Os nossos guerreiros foram enfrentá-los, mas os inimigos eram muito numerosos e no fim os nossos homens tiveram de se afastar e esperar que os romanos levantassem acampamento. Nossos inimigos deixaram pouco para trás, a não ser ossos de porcos e pilhas dos próprios resíduos. Mas também deixaram uma torre de pedras. E isso tinha um significado aterrador, assinalava o lugar ao qual tinham a intenção de retornar.

De minha parte, para o bem dos meus netos, permanecia determinada a fazer com que a nossa vida continuasse sem incidentes pelo maior tempo possível.

Estava decidida a nos guardar para nós mesmos. Sem amigos, sem inimigos, apenas nós três. Fazia o possível para evitar perturbações. Então, uma noite, ouvi batidas na porta. Senti um nó na garganta. Sabia o tempo todo que a qualquer momento o mundo entraria em nossa vida. Nenhuma porta era capaz de evitar todas as intrusões. Nenhuma barreira era forte o bastante para deter o avanço do tempo. O joio do trigo que é batido se eleva no ar e é levado pelo vento para outro lugar, se a um campo verde ou uma extensão de terra estéril, isso dependia da vontade de Deus.

Rezei para as batidas cessarem, mas elas se repetiram. Meus netos se agitaram. Sua audição era tão sensível que ouviram as batidas no momento em que me virei para a porta. Levei um dedo aos lábios e fui em frente.

Temia o que estava por vir e fiquei parada, tremendo como um pássaro manso que se espanta à frente da porta aberta da gaiola. Queria que a nossa existência modesta e tranquila permanecesse constante, cada dia refletindo a mesma imagem do que o precedera. Peguei a minha faca. O nosso alojamento já fora usado como um depósito. Os ratos costumam aparecer em busca de grãos. Nesse momento eles saíram correndo, driblando meus passos enquanto me aventurava a ver quem nos visitaria em uma hora tão tardia. Olhei através de uma fenda entre as pedras.

Era Yael, esperando no escuro. Não um soldado, nem uma besta humana, apenas uma mulher de cabelo ruivo comprido. Trazia uma cesta contendo todos os seus bens, tão poucos que era como se não possuísse nada.

Pensei em mandá-la embora, estava inclinada a isso, mas ela parecia desesperada. Relutante, permiti que entrasse. Ela sentou-se no estrado em que eu dormia. Não perguntei o que estava errado; não foi preciso. Em seu rosto pálido, uma das bochechas exibia a marca azul-escura de uma contusão provocada recentemente por alguém. Tive compaixão do seu silêncio reservado e senti-me atraída por ela, tanto quanto as pombas.

Ela não se queixou, apenas murmurou que lamentava incomodar. Ela e o pai tinham discutido. Eu o vira na praça, e ele me parecera um homem frio e egoísta, que se julgava superior aos que o rodeavam. Já vira homens desse tipo subestimarem meu marido por ser padeiro, os mesmos que consideravam Yoav bom demais para viver sob nosso teto. Arrumei um lugar para Yael dormir, indo buscar um cobertor que tecera e tingira de azul do hissopo em memória da minha filha, que amava a cor dessa flor. Yael viera em busca de abrigo, embora eu tivesse sido fria com ela, distante desde o dia em que chegara ao pombal. Ela

tinha a idade da minha filha. Estava viva e Zara não, por isso decidira contrariá-la, agredi-la, ressentida. Estremeci ao pensar no que fizera. Ainda assim, ela vira algo em mim que a trouxera até ali. Sabia que eu entendia a linguagem do silêncio. Não lhe pediria para entregar seu passado mais do que estaria disposta a revelar-lhe o que eu mesma fizera.

PELA MANHÃ, fomos juntas para os pombais como se os nossos dias sempre começassem assim. O hematoma no rosto, no local em que o pai a acertara, já começara a se desvanecer sob o bálsamo que usei para tratá-la, um cataplasma feito de mel e figos. Não discutimos a crueldade de seu pai, ou o fato de que a criança dentro dela chegaria em breve, uma realidade que não podia esconder, apesar dos xales que usava para se cobrir. Em vez disso, falamos do calor e da insuficiência da colheita de amêndoas. As flores rosadas tinham se queimado naquela estação nos últimos dias do *Tammuz*, como se alguém lhes tivesse ateado fogo, chamuscando as bordas das pétalas com uma camada de pó preto. A grande maioria dos frutos não se formara nas árvores, murchando em cachos estragados que explodiam em cinzas quando puxados. A tristeza se alastrara entre todos, e também a apreensão. O manto da liberdade que parecia nos proteger no início ao chegar à fortaleza encolhia-se à medida que as culturas começavam a declinar. Estávamos tão isolados do restante da humanidade que eu não podia deixar de pensar que até os anjos iam para longe de nós; tão afastados que, mesmo quando tentassem nos surpreender em um tropeço, a distância era grande demais para compreenderem verdadeiramente a nossa desgraça.

– Sempre tive medo de Av – disse Yael do mês em que estávamos prestes a entrar. – Mas não este ano.

Ela parecia determinada, pronta para combater as chamas da estação. Av era o mês em que seu filho entraria no mundo. Imaginei que estivesse enfraquecida, agora que fora expulsa da casa do pai, mas esse não era o caso. A sua força parecia renovada. Encarava os que a fitavam com curiosidade, exatamente como eu mesma fazia quando as pessoas sussurravam sobre a mudez dos meus netos. Nisso éramos iguais, marcadas pelo que fizéramos, mas orgulhosas das nossas crianças, mesmo tendo sido abandonadas por Deus.

Normalmente, eu era a primeira a chegar para cuidar das pombas, mas nesse dia me atrasara enquanto apresentava Yael aos meus netos. Shirah e as filhas já estavam trabalhando; elas nos fitaram quando entramos juntas, tão intrigadas pela nossa nova aliança quanto pela marca no rosto de Yael. Eu não fizera outra coisa senão me queixar de Yael desde a sua chegada, era verdade. Mas uma

mulher pode mudar de opinião.

– Precisava de ajuda com os meus netos – eu disse, indicando que estarmos juntas era uma questão simples, apesar da contusão que claramente indicava a ocorrência de algo mais. – Estou velha demais para brincar com eles.

Era só isso, sem a necessidade de mais explicações. Uma coisa boa, uma vez que nenhuma outra se apresentaria. As mulheres eram feridas todos os dias e atribuíam a causa a si mesmas. Yael lançou-me um olhar agradecido e rapidamente começou a trabalhar. Notei a expressão do escravo quando viu o ferimento em seu rosto. Se ele fosse senhor da sua liberdade, imaginei que assumiria a necessidade de encontrar quem fizera mal a ela. Fiz sinal para ele se concentrar nas suas funções. Ele obedeceu, mas pelo restante do dia acompanhou cada movimento de Yael. Era estranho vê-lo comportar-se como se a sua lealdade o prendesse a uma mulher que carregava o filho de outro homem.

– Deixe-a em paz – disse a ele quando ninguém podia ouvir. Ele não conseguia tirar os olhos dela. – Ela já tem problemas suficientes, não precisa dos seus.

– O que a faz pensar que tenho problemas? – ele perguntou da maneira hesitante que falava a nossa língua.

Fiz uma pausa e considerei o que dissera, vendo-o trabalhar com o ancinho que inventara para recolher o esterco, um guerreiro que as pombas não mais temiam. Pensava nele como uma esquisitice, por causa da sua cor clara e da sua grande estatura, o que o obrigou a se abaixar no pombal. Agora via que era realmente bonito, de ombros largos, com feições atraentes e compleição avantajada, mãos ásperas que eram surpreendentemente sensíveis quando cuidava das pombas.

– Você não é um homem? – disse, implicando que todo homem neste mundo tinha seus próprios problemas.

– Fui – disse ele. – Um dia.

Eu não era tão velha que não entendesse o que ele queria dizer. Apesar das cadeias da escravidão, ele voltaria a sê-lo.

*

TODOS OS DIAS ouvíamos os nossos guerreiros se prepararem para novos ataques. Os depósitos careciam de suprimentos, os estômagos estavam vazios. O verão era sempre a época em que a nossa vida emagrecia, mas esse ano estava pior que

os anteriores. Na refeição da noite comi a metade do que havia no meu prato – um pouco de grão-de-bico, algumas tâmaras prensadas – para assegurar que os meninos e Yael pudessem ter mais. Cada um de nós recebera uma *ostraca*, uma lasca de pedra com o nosso nome ou inicial gravados na superfície, com a qual tínhamos direito a um tanto de comida, água e lenha todas as semanas. Era um momento preocupante para todos. O calor do verão precipitava-se em sua plenitude sobre nós, o ar em ondas crescentes tão secas que usávamos lenços sobre a boca para refrescar a respiração. A água das cisternas já havia alcançado as marcas baixas e estávamos apenas entrando no mês do fogo.

Yael e eu não falávamos no nosso acordo, mas ela continuou hospedada no nosso pequeno alojamento. Meus netos mostraram-se tímidos com ela a princípio, mas um dia ela os chamou. Os meninos hesitaram, mas se aproximaram quando Yael apontou para um escorpião em um canto escuro. Quando era pequena, ela disse, ficava observando aquelas criaturas no corredor em que dormia, mas tinha sempre o cuidado de não lhes tocar. Alertou Levi e Noé para que também nunca perturbassem um escorpião, mantendo uma distância respeitosa, considerando não só a picada mortal, mas também o seu silêncio astucioso.

Meus netos observaram, os olhos escuros hipnotizados, visivelmente encantados quando Yael capturou o temível intruso em um frasco. Ela o pinçou agilmente entre os dedos. Eu me perguntava o que mais ela fizera para mostrar tamanha bravura, ou se a sua coragem, assim como a minha, derivava do sofrimento. Quanto menos se tem a perder, mais fácil se torna pegar a faca, a espada, o escorpião. Quando ela levou a criatura mortal para os jardins em um terraço nas proximidades, os meninos a seguiram em seus calcanhares, emocionados com a ousadia. Ao vê-los tão alegres e cheios de interesse, senti minha garganta se apertar e pensei que poderia perder a voz também. Marcados por sorrisos e uma profunda concentração, eles não pareciam diferentes de quaisquer outras crianças; ninguém os tomaria por dois meninos que haviam perdido a fala na teia de um demônio. Eles ficaram fascinados, agachando-se sobre os joelhos em um canteiro de rabanetes sírios para assistir, boquiabertos, a como Yael libertava o escorpião em um canto escuro, entre maços de cebolas.

– O mundo é muitas coisas para muitas criaturas – ela disse às crianças, enquanto todos observávamos o jardim murado, que certamente era uma floresta para a pequena criatura que fora arrancada da sua casa. O escorpião desaparecera da vista. – Somos considerados gigantes por alguns e formigas a serem pisadas por outros.

AS PESSOAS sussurravam sobre Yael, perguntando quem seria o pai do seu filho e especulando sobre a noite em que o assassino Bar Elhanan expulsara a própria filha de casa. Os meus netos, porém, já haviam começado a adorá-la. Embora mantivesse a minha distância, acostumara-me a ela também. Se as pessoas falassem mal dela na minha presença, eu as encarava e ficava por isso. Embora preferisse ser discreta, de certo modo sentia-me confortada de ter Yael em casa, ouvi-la respirar com facilidade enquanto dormia, como a minha filha faria se ainda estivesse conosco.

A bem da verdade, era grata pela ajuda nas tarefas domésticas. Mesmo em seu estado, avantajada com a criança prestes a nascer, Yael estava longe de ser preguiçosa. Cozinhas as refeições, agachando-se sobre o poço de fogo para fritar os alimentos em uma grelha que se encaixava sobre o anel de pedras. Ia aos depósitos para pegar nossa porção diária de feijão e grãos, e providenciava para que não faltasse lenha, tudo isso em pagamento por aceitá-la em minha casa. Mas as histórias que ela contava eram o único pagamento de que precisávamos. Os olhos dos meninos brilhavam quando a ouviam na hora de dormir, hipnotizados. Em todas as façanhas envolvendo escorpiões, o silêncio era um bem e um presente, não uma falha, mas uma virtude. O escorpião podia fazer o que outros não conseguiam: podia ver no escuro, ouvir uma mosca voando no outro lado da montanha, sentir o perigo enquanto o restante do mundo dormia.

– Foi a sua mãe que lhe contou essas histórias? – perguntei uma noite, enquanto Yael e eu íamos juntas para a praça. Começáramos a trabalhar nos teares com regularidade. Continuávamos afastadas das outras mulheres, mas era um prazer tecer e as nossas roupas estavam rasgadas, tínhamos necessidade de xales e túnicas. Quando nos ocupávamos dessa forma, era possível esquecer a poeira que subia em nuvens ao nosso redor e nos distanciar da fome. Podíamos não ter mais nada, mas pelo menos tínhamos a lã das ovelhas e o trabalho de fiação e tecelagem.

– Não tive mãe. – Yael manteve os olhos baixos.

Chegamos aos teares, onde nos instalamos, levando as nossas medidas de lã cardada e tingida. Yael trabalhava em um desenho muito elogiado. Até mesmo as fofoqueiras que sussurravam a seu respeito estavam impressionadas. Os desenhos incluíam uma disposição intrincada de fios coloridos, formando uma linha contínua de blocos quadrados multicoloridos. Notei que era o mesmo desenho do tecido usado pelo escravo.

– Todo ser humano tem mãe – insisti enquanto trabalhávamos.

– Tem certeza de que sou humana? – Yael disse, o queixo inclinado, provocando-me. Nunca vira uma mulher com o cabelo tão vermelho ou com tão pouco medo como ela, disposta a pegar um escorpião entre os dedos. Podiam sussurrar que estava possuída por um demônio e juro que ela era diferente de outras filhas e esposas. Mas a vira na noite em que o pai a pusera para fora de casa, quando se encolhera em um canto como qualquer outra mulher espancada. Notara a expressão em seu rosto quando ela estava ao lado do Homem do Norte.

Ela era humana.

QUANDO ELES achavam que estavam sozinhos, eu ouvia o que não deveria ser ouvido da parte deles. Yael tinha a sorte de eu ser acostumada ao silêncio e, portanto, a segurar a minha língua. Uma fofoca teria sido implacável, propagando rapidamente o encontro íntimo com que me deparei. Um falcão vinha circulando o pombal maior por vários dias, com a intenção de pegar nossas pombas para seu jantar. Montamos paus amarrados com cordas que pareciam brinquedos de criança; quando a brisa soprava, as varas giravam e assustavam os falcões. Mas um falcão era destemido; não se deixaria intimidar. Parecia subnutrido e decidido a conseguir a sua ceia. A fome no deserto assolava todos ao mesmo tempo.

Quando o falcão apareceu no parapeito da janela, Yael encontrou alguns grãos e estendeu a mão para ele. Fiquei chocada ao ver a criatura comer da sua mão, como se fosse uma pomba. Não fui a única a tomar conhecimento disso. O Homem do Norte chegara ao seu lado. Ouvi-o dizer que em seu país os caçadores treinavam os falcões para atacar as presas e trazer de volta perdizes e pombas. Seus afiados bicos amarelos eram enrolados com fios de couro, presos um tanto fechados para que não pudessem devorar suas presas; tinham de aprender a esperar pacientemente quando as traziam de volta, passando fome até que o caçador lhes atirasse um pedaço de carne.

Geralmente eram necessários meses para que se ganhasse a confiança de um falcão. O escravo surpreendera-se com a facilidade com que Yael atraía aquele para si. Ele disse que ela devia possuir magia. Então caiu de joelhos e inclinou a cabeça, meio na brincadeira, declarando que ela o enfeitiçara também. Yael riu das suas palavras – lembrei-me porque não a vira fazer isso antes. Foi um som encantador, surpreendente. Ela disse que as mulheres com cabelo vermelho tinham o dom de domar as criaturas selvagens. Considerando que o escravo viera de um país onde muitas das mulheres tinham essa aparência, ele devia saber que isso era verdade. Ele se levantou, mas inclinando um pouco o corpo alto para ficar à altura dela.

Foi então que o ouvi dizer:

– Você não se parece com elas, Yael. Você não se parece com ninguém.

Não tive certeza se com essas palavras ele queria fazer um elogio ou um insulto, mas depois pegou a mão dela e a beijou no pulso, o lugar em que o que alguém precisa e o que ela deseja se cruzam e tornam-se uma coisa só.

Yael não era minha filha, mas morava na minha casa, e isso me levava a me preocupar. Sabia que uma mulher no fim da gestação poderia procurar consolo em lugares curiosos. Ter uma criança poderia causar confusão, e a bondade em um mundo cruel poderia induzir Yael a esquecer-se de que o Homem do Norte não era um de nós. No cobertor em que dormia à noite, ela se mexia e revirava, desconfortável com o calor. Pela manhã ela remoía os pensamentos, os olhos cheios de sono. Perguntava-me se ela sonhava com o seu bebê que ia nascer, como eu fizera havia muito tempo, se já vira o rosto do seu filho e talvez tivesse escolhido um nome, embora fosse melhor não fazê-lo. Atribuir um nome prematuramente alertava os demônios de que uma criança estava prestes a vir ao mundo. Divulgar o nome de uma criança poderia fazer o recém-nascido ser mais facilmente atraído para a escuridão. Eu o fizera, tentando o destino. Talvez os demônios da noite tivessem seguido a minha filha desde que a chamara Manhã.

Não reclamávamos do nosso trabalho naquele período brutal do ano, pois o pombal era um lugar ameno, as paredes de gesso proporcionavam-nos algum alívio. Ficávamos abrigadas da febre implacável da estação. Abaixo de nós o vale chiava sob uma névoa rosada. O mundo além dos nossos portões reluzia e usávamos nossos lenços sobre a cabeça puxados para baixo a fim de fazer sombra aos nossos olhos. Não havia um único broto verde para ser visto, até as folhas audazes dos espinheiros tinham encolhido como se fossem feitas de pergaminho. Podíamos ouvir os chacais lamentando-se à noite e estremecíamos com o som. Enormes bandos de pássaros voavam acima de nós, abandonando a nossa terra estéril em busca de água e alimento em lugares distantes, voando para as montanhas ao norte ou a leste, para Moabe, onde se dizia que os campos eram sempre verdes.

Todos os dias o Homem do Norte deixava uma fileira de grãos no parapeito da janela para o falcão. Quando ele falava em sua língua de grunhidos sobrenaturais, a criatura parecia entender, com um brilho nos olhos amarelos. O pássaro tinha a cabeça vermelha e por isso o escravo o chamava Odeum, rubi, que era também o seu nome para Yael. Yael sorriu quando ele o fez, sabendo que a provocava. Também brincando, ela disse que só um idiota manteria um falcão

tão perto de um pombal. Um dia poderíamos descobrir que o falcão abatera todas as nossas protegidas. Ela alimentara a ave de rapina com alguns grãos por piedade, mas o escravo fora longe demais, fazendo de uma criatura selvagem um animal de estimação. Será que não entendia o erro? Ali estava uma criatura em que ninguém jamais poderia confiar.

– Você está errada sobre ele – ouvi o Homem do Norte dizer. – Ele está atento ao seu chamado.

– Um falcão é sempre um falcão – informei a ambos, incapaz de segurar a língua por mais tempo.

Depois da minha observação, eles se apressaram a ficar em silêncio e voltaram às suas tarefas imediatas. Como poderiam discutir comigo? Sabiam que o que dizia era verdade. Não se pode mudar a natureza de um falcão mais do que se pode ensinar uma pomba a matar. E ainda assim, no fim do dia, quando vi o escravo e Yael levarem os cestos de estrume para os campos a fim de alimentar a terra violada e golpeada pelo calor, o falcão deslizou acima deles como se fosse um cachorro, manso e subserviente. Pensei que talvez estivesse errada, julgando muito depressa a essência de um ser pela sua aparência, ainda sem compreender plenamente que, no mundo que Deus nos dera, todas as coisas mudam.

POR ORA, a única constante era que os dias se precipitavam pesadamente, todos com o mesmo calor hipnótico e implacável. As ondas de calor levantavam-se em cortinas brilhantes de luz. Formavam-se filas de mulheres exaustas e perplexas nos depósitos, cada uma delas esperando o que cabia a sua família em água e alimentos. Eu me sentia tão imobilizada dentro do mês de Av como permanecia dentro dos meus sonhos quando acordava lentamente com o cheiro de fermento do pão em crescimento na minha vida antiga, naquelas manhãs preciosas em que o campo era verdejante e o aroma dos ciprestes pairava no ar. Ficava presa no tempo então, como estava mais uma vez, mas um quadro era um baú de tesouro, o outro, uma prisão.

Tínhamos muito pouco ali na montanha, mas pelo menos estávamos seguros. No mundo lá fora a violência contra o nosso povo só tinha piorado. Havia rumores de que os mortos se amontoavam nas principais estradas de toda a Judeia, que o rio Jordão estava tão cheio de corpos que era possível caminhar sobre as costas dos mortos como se formassem uma trilha de pedras. Chegou-nos a notícia de que outro assentamento essênio fora dizimado. Eu ouvira falar do seu povo, aqueles que se chamavam os Filhos da Luz e que tinham ocupado o assentamento conhecido como Sechacha. Um dia, um grupo pequeno e pobre

apareceu no nosso vale. Vimos a poeira subindo à medida que se aproximavam. As suas vestes de linho branco rebrilhavam enquanto passavam pelas rochas. Os nossos guerreiros desceram pelo caminho da serpente para atender a esses visitantes e trazê-los até nós. Sabia-se que os essênios abominavam a guerra e nós éramos uma fortaleza. Ainda assim, como o restante de nós, quando não tinham mais opções e nenhum lugar para ir, chegavam a esta montanha.

Eram sete homens e três mulheres, com quatro filhos. Os homens carregavam os pertences em pacotes amarrados às costas com cordas grossas de linho trançado. As mulheres seguiam atrás, vestidas com simplicidade, descalças, sem adornos. Eram as mulheres que portavam os recipientes de pele de cabra com água e queijo, e conduziam o rebanho de cabras magras amarradas com cordões de couro formando uma *ribqâh*, de modo que a distância os animais pareciam ser uma criatura com cinco cabeças. Vinham também dois burros pretos carregando vasos altos de cerâmica; dentro deles seguiam os rolos de pergaminho contendo os ensinamentos dos essênios. Os homens eram cultos, com aspecto de santos, especialmente um mais idoso, que era, talvez, o mais antigo que já vira. Eles estavam viajando desde que os romanos destruíram o seu assentamento, vivendo em cavernas, deixando para trás os seus escritos sempre que possível, para garantir que as suas crenças não se perdessem caso viessem a ser abatidos.

Quando os visitantes entraram pelo Portão da Serpente, uma multidão já estava reunida. Os sobreviventes pareciam atordoados, alarmados com as instalações fortificadas de Massada. Olhavam com rostos sombrios para os parapeitos que os nossos guerreiros haviam preparado, as pilhas de armaduras, as lanças afiadas com pontas de bronze mantidas ao lado da sinagoga, para que os homens sábios pudessem abençoá-las. Os essênios tinham se deparado com uma província feita para a guerra e só para guerra, onde as armas eram estocadas do mesmo modo que as outras aldeias armazenavam azeite e vinho, onde cada pedra fora arredondada com um cinzel, pronta para ser usada como arma caso a batalha sobreviesse.

Olhamos um para o outro na presença daquelas pessoas gentis, cientes de que o sangue e a vingança circulavam entre nós como se fôssemos bárbaros. Era a guerra que nos despertava dos nossos sonhos pela manhã e nos embalava para um sono inquieto à noite. Alguns entre nós baixaram os olhos, atordoados com o que havíamos nos tornado. Outros olharam para o grupo que consideraram de tolos, sem vontade de lutar pelo Sião.

O mais velho dos essênios, cujo povo o chamava Abba como uma expressão de respeito, era carregado pelos seus seguidores. Ele era fraco de corpo, mas

forte de espírito. Seu povo o levantou acima dos ombros para que ele pudesse se dirigir a todos nós.

– Todos pertencemos ao nosso Senhor. Tudo o que existe hoje e sempre existirá originou-se de Deus. Antes que as coisas existissem, Ele ordenou a sua concepção. Seu plano glorioso cumpre o nosso destino, um destino que é impossível mudar. Viemos porque devíamos estar aqui, mas somos tão diferentes de vocês como a noite do dia.

Fiquei em dúvida se o nosso povo aceitaria a proclamação de Abba, ou se a vergonha e a fúria tornariam isso impossível. Formou-se tensão no ar, revelada no grande silêncio que ecoou no vazio; em seguida Yael correu para uma das mulheres do grupo e a abraçou. A sua alegria ao ver a outra quebrou o silêncio. Soubemos que aquela era a sua amiga Tamar, que tivera quatro filhos e agora tinha apenas um – os outros, juntamente com seu marido, haviam sido mortos no ataque ao assentamento pela legião. Agora, tudo o que restara àquela mulher essênia era um menino de dez anos chamado Yehuda, a quem ela se agarrava como se só ele a prendesse a essa terra que pisava.

Ben Ya'ir em pessoa permitiu que os essênios ficassem. Ele chegou para falar com o líder, aquele homem culto que era tanto pai como sacerdote, que usava uma roupa de linho branco e estava descalço, cujo rosto estava descoberto, embora fosse muito velho. Eles se sentaram juntos sob uma oliveira, falando durante horas. Depois, então, sentaram-se com Menachem ben Arrat, o nosso grande sacerdote. No fim desse período, circulou uma mensagem – ninguém deveria perturbar o grupo de recém-chegados, não importava quão diferentes pudessem parecer. Seus costumes eram próprios deles, permitidos dentro das nossas muralhas enquanto permanecessem entre nós.

Todos os catorze essênios queriam viver juntos em uma casa, como era a sua prática, pois o que pertencia a um pertencia a todos. Foi-lhes concedido um pequeno celeiro de pedra no outro lado do pomar, que no passado fora usado como abrigo de cabras prestes a ter filhotes. Faziam as refeições juntos, compartilhando o pouco que tinham sob a mesma árvore onde seu líder e o nosso haviam conversado e chegado a um acordo. Banhavam-se em água fria antes de cada refeição e faziam as orações fervorosamente antes de qualquer alimento lhes passar pelos lábios. Três vezes por dia – ao amanhecer, ao meio-dia e de novo após as três primeiras estrelas aparecerem – podia-se vê-los nas suas orações, de frente para Jerusalém. Os seis homens que eram fiéis discípulos de Abba montaram mesas compridas formadas de tábuas de madeira para abrir os seus pergaminhos, os documentos armazenados nos vasos de cerâmica que

tinham sido trazidos pelo deserto no lombo dos seus burros desajeitados. Eles faziam suas anotações com uma tinta retirada do óleo de noz e da goma da árvore de terebintina.

Yael e eu lhes levamos azeitonas, queijo e uma porção de trigo. Nahara acompanhou-nos, levando garrafas de água e azeite que a mãe enviara. Um jovem essênio, muitas vezes ao lado de Abba e claramente o seu favorito, veio ajudar Nahara a carregar a água. Para que ele o fizesse, Nahara precisou colocar os frascos no chão, a fim de que o jovem não se arriscasse a tomá-los da sua mão; tudo o que ela tocara poderia ser considerado *tamé*.

Ele murmurou uma prece enquanto levava os frascos, pois entre seu povo ele tinha o poder da bênção, embora não contasse mais que dezessete anos de idade.

As mulheres essênias mostraram-se gratas quando receberam nossos presentes, ainda que o reflexo da morte brilhasse em seus olhos. Nahara pôs-se de lado com o jovem essênio; ela era muito jovem e pura para ouvir as brutalidades narradas pelos essênios. Mas Yael e eu nos sentamos com as mulheres, que nos contaram com vozes indiferentes como seus filhos tinham sido assassinados. Elas não gritaram nem desmaiaram de dor, pois acreditavam que os filhos ressuscitariam no Fim dos Dias. Quando esse momento chegasse, as mães abraçariam outra vez seus filhos e filhas, e os maridos e esposas estariam novamente juntos.

Tamar estava mais quieta que as outras mulheres, o rosto contraído de tristeza, dolorosamente pálida. Quando íamos sair, ela pousou a mão no braço de Yael, puxando-a para junto de si.

– Não vou perder este aqui – ouvi-a dizer.

Seu filho, Yehuda, estava deitado na grama, olhando para cima, enquanto as primeiras estrelas começaram a aparecer no céu escuro. Os homens essênios tinham se reunido no campo e podíamos ouvi-los cantando em tons profundos e sonoros. O calor era tanto que cada movimento do ar era como uma língua de fogo, cada estrela uma lanterna na noite.

– Prometa que me ajudará, como a ajudei – sussurrou Tamar. Tudo naquela mulher essênia parecia carregado de dor; até mesmo o seu tom de voz parecia um encantamento que brotava da sua aflição. Ela inclinou a cabeça para indicar a barriga volumosa de Yael. O bebê viria a qualquer momento. – Eu soube, quando procurou um remédio para a febre, que era um homem que queria salvar. Pude vê-lo escrito em você.

Yael olhou na minha direção. Eu rapidamente desviei o olhar, para não parecer que ouvira a conversa. Quando vi Yael abraçar a amiga, soube que a promessa fora dada. Enquanto caminhávamos de volta, não perguntei por que atenderia ao desejo fervoroso daquela mulher que pertencia a um grupo tão diferentes de nós, que claramente subestimava nossos costumes. Não questionei sobre a vida de que homem ela tentara proteger ou por que se dispusera a atravessar o deserto por ele, não importando o sacrifício. Simplesmente acrescentei essas informações à minha lista, pronta a fornecê-las caso Yael e eu discordássemos e eu precisasse provar que ela era, de fato, humana.

*

QUANDO O MÊS de Av caiu sobre nós com toda a sua força e a lua tornou-se tão vermelha quanto o sol, Abba enviou o jovem essênio aos pombais para trabalhar conosco, em agradecimento pelas rações que leváramos. Porque o seu povo era muito rigoroso, e aos homens não era permitido tocar nas mulheres fora da própria família, esse jovem, chamado Malaquias ben Aaron, muitas vezes trabalhava sozinho no pombal pequeno. No entanto, em pouco tempo ele fez amizade com Nahara e não demorou muito para que os dois se envolvessem em longas conversas. Malaquias ben Aaron era apenas alguns anos mais velho que Nahara. Era o mais forte entre os seus parentes e muito bem-conceituado. Por isso, tinham-lhe grande respeito e ele parecia considerar-se um homem de honra. Nós, que trabalhávamos ao lado de Nahara, ainda a víamos como uma criança; talvez porque apenas desejássemos vê-la como tal. Para nossa surpresa, víamos essas duas pessoas, que tinham tão pouco em comum, muitas vezes sentadas juntas contra a muralha durante o intervalo do meio-dia. Malaquias falava e Nahara escutava, embevecida, como se cada história que ele contasse fosse uma iluminação. Algumas das suas palavras chegavam até nós. Ele falava sobre o Fim dos Dias e como o seu povo estava se preparando, confessando seus pecados, seguindo o caminho da luz, oferecendo a vida na terra a *Adonai*. Seu povo não lutaria contra os romanos porque esse mundo em que vivíamos não era o fim para eles, pois poderiam ressuscitar após a morte e brilhar com a graça de Deus.

Desde a minha chegada à montanha, conhecia Nahara como uma menina séria, aparentando ser mais velha que a sua idade, pelo modo que encarava o aprendizado e a responsabilidade. A mãe ensinara-lhe a ler aramaico e hebraico. Enquanto a instruía, Malaquias certamente impressionava-se com ela – e por uma boa razão: ela não só era muito inteligente, mas também linda e pura. Em pouco tempo os dois começaram a chegar mais cedo ao pombal pequeno para

que suas conversas pudessem começar assim que Malaquias terminasse suas preces matinais. Eles cochichavam ao romper da aurora e essas conversas murmuradas fortaleciam a ligação que os aproximava.

Assim como os demais integrantes da sua casa, Malaquias usava apenas o branco e mantinha o cabelo trançado. Ele evitava as sandálias e andava de pés descalços sobre a areia, pois seu povo acreditava que deviam andar no céu com os pés descalços e esperar lá na névoa até que o mundo ressuscitasse depois do Fim dos Dias. Malaquias era tranquilo, trabalhador, um estudioso que não tinha medo de sujar as mãos. Fora enviado ao pombal porque Abba acreditava que o trabalho duro e o louvor a Deus passavam de mão em mão. E Malaquias, apesar de jovem, escrevia nos rolos de pergaminho com os mais velhos; dizia-se que sua letra era tão perfeita que os anjos vinham observar sua escrita; ele era tão virtuoso que a tinta de óleo de noz que usava se transformava em sangue e parecia vermelha sobre a página. Já se decidira que Malaquias ocuparia o lugar de Abba quando chegasse a hora, e os dois muitas vezes sentavam-se com as cabeças próximas, mergulhados em conversas profundas e orações.

Apesar das virtudes de Malaquias, depois de curto período Shirah começou a parecer descontente com nosso novo ajudante. Apesar de ter sido muitas vezes enviado para o pombal mais distante, onde havia espaço apenas para uma pessoa, Shirah descobrira que Nahara podia ser vista trabalhando ao lado dele nesse pequeno espaço. Não podíamos deixar de perguntar se seus ombros se roçavam ou se suas mãos se tocavam. Quando ele orava ao meio-dia, encontrando um lugar santo ao lado da oliveira retorcida, beijando as franjas do seu xale de oração e, em seguida, oferecendo o seu beijo a Deus, será que rezava para purificar a cabeça de pensamentos e desejos terrenos? Shirah observava-o de perto, os olhos semicerrados, o semblante perpassado por uma sombra.

Em um intervalo do meio-dia, quando Nahara voltou para casa a fim de buscar a refeição de lentilhas e azeitonas, Shirah dispensou Malaquias. O restante de nós afastou-se para assistir; em muitos aspectos, aqueles eram os pombais de Shirah; ela estava ali havia mais tempo e recorriamos a ela para tudo.

– Pode ir embora agora – ela disse ao essênio. – Não há nenhuma razão para ficar por este dia.

Três pombas perfeitas haviam sido escolhidas para serem levadas à sinagoga para o jantar do sacerdote e eu estava arrancando as suas penas. Abaixei a cabeça, mas ouvi a conversa.

– Meus esforços não são bons o bastante? – Malaquias perguntou, confuso.

Entre o seu povo ele não era contestado e, agora, uma mulher o demitia. Ele ergueu os olhos para ela, um lampejo de desconfiança em seu olhar.

– Não há nada de errado com o seu trabalho – ouvi Shirah responder. – Você só não é necessário aqui.

Shirah deve ter notado a minha expressão, pois eu estava confusa também. Malaquias aliviara a nossa carga de trabalho e eu não via necessidade de humilhá-lo, mandando-o embora. Os essênios nos enviaram seu melhor homem, mas não na opinião de Shirah. Quando ficamos sozinhas, ela me confidenciou:

– Se ela fosse sua filha, você faria o mesmo.

Ela temia a atração entre o essênio e Nahara, e entendi por que não o queria para a filha. Malaquias era piedoso demais para ver algo além de Deus e si mesmo, isso era bem verdade: a mulher que escolhesse não caminharia ao seu lado, mas atrás dele, com a cabeça baixa.

Quando Nahara voltou com a nossa refeição, ficou surpresa ao descobrir que Malaquias não estava, o rosto enrubescido enquanto olhava ao redor em busca de sinais dele. Depois olhou para a mãe com amargura e a ouvi dizer para Aziza:

– Ela o dispensou para me contrariar.

– Estou certa de que ela tem suas razões – respondeu Aziza, o que era verdade.

– Ela é cruel – comentou Nahara, a voz aguda. – Essa é a razão. Só se dedica ao que ela quer. Você mais do que ninguém deveria saber disso. Você é sensata para guardar seus segredos.

Aziza baixou os olhos.

– Ela é a nossa mãe.

Nahara estava sombria.

– Mas que não se preocupa com a nossa felicidade, como você bem sabe.

Pensei que Nahara estivesse enganada sobre a intenção da mãe. Malaquias não era adequado para ela; ele era conhecido por orar até o primeiro brilho das estrelas da noite. Aziza parecia concordar.

– Observe a maneira que vivem – disse ela à irmã quando Nahara se queixara a ela. Fazia sentido que uma mãe não quisesse para sua filha o destino de uma mulher essênia, dedicado ao serviço, à pobreza e ao sacrifício.

No entanto, apesar de ter sido despedido do pombal, Malaquias não se afastou. Há momentos em que as pessoas ao nosso lado veem o nosso destino, mas agimos como cegos, enveredando por uma sucessão de erros. Foi o que sucedeu à jovem filha de Shirah. Todas víamos o seu futuro, escolhendo um caminho em vez de outro, mas ela mesma não se via. Emburrada, escapuliu pela pesada porta de madeira sem ter concluído o trabalho. Shirah a seguiu, mas era tarde. Em um instante Nahara pôs-se fora da vista. Foi como se tivesse sido arrancada da terra e só restasse sua sombra. Talvez já tivesse seguido Malaquias para o celeiro de cabras dos essênios, tirando as sandálias para andar descalça entre as mulheres. Ela fora uma menina obediente, mas agora o seu dever parecia estar além do domínio de sua mãe. Permaneci na porta ao lado de Shirah. Nesse momento, ela não parecia uma dedicada praticante do *keshephim*, mas apenas uma mãe que facilmente se magoaria com as ações imprudentes de uma filha.

– Ela vai voltar – tentava dar-lhe alguma esperança.

Shirah ficou olhando para a praça vazia. Balançou a cabeça. Testemunhara o amor mais de mil vezes antes. Tinha encantos prontos para induzi-lo e amuletos para cortar seus laços; recitava feitiços para unir amantes e outros para separá-los. Era suficientemente experiente nos caminhos do amor para reconhecer a sua trama, mesmo à luz fraca do pombal.

– Infelizmente você está errada – ela me disse, a voz suave entrecortada pela mágoa. – Ela já se foi. E se ele soubesse quem ela realmente é nunca a quereria.

Senti um resfriamento repentino no ar borbulhante. Pensei que era isso o que queríamos, pois diariamente participávamos de reuniões em que rezávamos por chuva. Agora uma leve chuva começara, uma fortuna inesperada naquele período árido do ano. Mas a chuva era estranha, caindo em faixas desoladas de branco do céu cor de ardósia. Lambi os lábios e percebi que era carregada de sal. Era uma chuva do Mar de Sal, um fenômeno estranho que às vezes acontecia quando o vento crescia, levando uma nuvem de poeira. As rajadas furiosas e quentes também carregavam água e sal, lançando seus componentes sobre nós. Era um mau presságio, pois o que parecia ser chuva era apenas água do mar. Uma chuva de sal envenenaria pomares e contaminaria as cisternas. Os homens com ferimentos chorariam naquela noite de dor, as mulheres não poderiam acender fogueiras e cozinhar a refeição da família à noite. Os cabreiros encontrariam o leite fresco a que chamávamos *halab* transformado em coalhada salgada nos baldes da ordenha.

Seria preferível não ter chuva nenhuma a ter essa.

Shirah começara a recitar um encantamento quando nos recolhemos para dentro, para fugir do aguaceiro. Ela surpreendeu todas nós ao pegar uma das pombas e puxar a faca que usava nas refeições. Como se estivesse possuída, fez um corte na garganta da pomba e virou o pássaro para que o sangue escorresse para o chão de pedra. Matar uma pomba era um crime punível por lei. Certamente ainda mais se executado para os usos mais obscuros do *keshaphim*.

Aziza virou de costas ao entender a pretensão da mãe, interpor-se entre Nahara e o essênio que ela escolhera. O Homem do Norte desviou os olhos também, para não testemunhar um ato que lhe pareceu íntimo demais. Quanto a Yael, só ela ficou extasiada, atraída pelas penas caindo, o sangue no chão. Notei que se apressara a murmurar as palavras do canto com Shirah, como se esperasse que sua voz desse mais força ao feitiço.

Enquanto elas cantavam, a chuva do Mar de Sal respingou através da porta e lavou o sangue. Com o tempo, passei a acreditar que foi isso que dissolveu o encantamento, tornando-o inútil antes mesmo de ser lançado. Aziza e o escravo tentaram acalmar as pombas, que se debatiam contra o teto, assustadas com a chuva que caía como pedras chacoalhando acima de nós, e ainda mais perturbadas com a morte repentina de uma da sua espécie. Observei a expressão grave de Shirah quando tentou sem sucesso varrer o sal, e meu coração sofreu por ela. Até mesmo a bruxa mais temida entre as pessoas, que conhecia a magia melhor que os homens mais cultos, era incapaz de deter uma menina totalmente determinada a seguir seu caminho.

Corri para casa a fim de ver meus netos, em passos largos para evitar as pilhas traiçoeiras de sal que se acumulavam sobre a montanha com aquela chuva maligna. No outro lado do campo, avistei Nahara caminhando com o rapaz essênio. As mulheres essênias a haviam presenteado com um dos seus finos xales brancos, agora envolto em seu cabelo. Vendo-a ao lado de Malaquias, protegida por uma peça do mais puro linho da terra, soube antes mesmo que a própria Nahara.

Ela se tornara um deles.

*

ENQUANTO A LUA vermelha de Av pulsava, uma nova vida amadurecia, expulsando a água de dentro de Yael com o calor da sua chegada iminente. Ela estava ajoelhada junto à fogueira em que cozinávamos as nossas refeições quando de

repente suas saias ficaram encharcadas. Vi o terror fulgurar nos seus olhos arregalados. Sem perda de tempo, mandei meus netos chamarem Shirah, assim ela saberia que chegara a hora de Yael. O filho dela, Adir, poderia vigiar os meninos menores enquanto nos reuníamos para receber o recém-nascido.

Acompanhei Yael em direção aos depósitos, parando quando ela precisava se recuperar e respirar. Seu pai não a chamara uma única vez durante os últimos dias da gravidez, quando ela permaneceu confinada no nosso alojamento, pesada demais e indisposta para se mover. Mas o irmão a visitara. Depois de murmurar um pedido de desculpas por perturbar a nossa casa, fora ajoelhar-se ao lado de Yael, ainda com sua armadura prateada, de modo que ele brilhava à meia-luz. Eu os ouvira comentar sobre Jerusalém, às vezes caindo na gargalhada quando se lembravam da casa em que haviam crescido, do *flamboyant* que havia no mercado. Ele apareceu muitas vezes depois dessa, sentindo-se à vontade na nossa casa, permitindo que os meus netos subissem em cima dele e brincassem de guerreiro. Yael muitas vezes caçoava do irmão em relação a Aziza, chamando-o de cordeiro que seguia cegamente atrás da amada.

– Ela lhe dá feno para comer? – Yael perguntava e ria. – Será que o tranca no cercado à noite?

– Está querendo me irritar, Yaya? – Amram dizia com um sorriso, chamando-a pelo nome de infância.

Yael mostrou-lhe um tecido azul, um pedaço que sobrara do lenço que ele lhe dera. Ela acenou com o presente para lembrar-lhe que o guardava por trazer sorte, enfiado embaixo do cobertor em que dormia. Eu o vira lá uma vez. Ela não mencionara, porém, que também guardava ali a amostra de tecido do vestuário do escravo.

Durante as visitas de Amram, eles não conversavam sobre a vinda do bebê, mas o guerreiro uma vez trouxe um chocalho que esculpira com caroços de ameixa em seu interior, que estalavam quando o brinquedo era agitado. Yael pareceu contente, aliviada pelo fato de o irmão ter aceitado a sua situação, não importando quem fosse o pai do seu filho.

– Eu me culpo – ouvi-o dizer a Yael um dia. Imaginei então que o pai fora um companheiro dele. – Nunca deixe algo precioso nas mãos de outro.

– O que estou para trazer ao mundo é precioso – Yael assegurou. – Se você é o culpado, então é o único a quem ofereço a minha gratidão.

AGORA QUE se aproximava o momento da chegada do bebê, caminhávamos à luz

do anoitecer em direção ao armazém abandonado, onde nos encontraríamos com Shirah. Eu seguia com os braços passados ao redor de Yael para apoiá-la, permitindo que se encostasse em mim quando as dores a castigavam. Fizemos uma pausa na escada, onde ela se dobrou, arfando, espantada com a força da criança em seu interior.

– Isso é o que ela fará a você pelo resto da vida, portanto esteja preparada – avisei.

Yael tentou sorrir, mas as dores eram fortes demais para permitir. Ela começou a divagar em voz baixa sobre um leão que perdera no deserto, um homem a quem amara, o preço que devia pagar pelos seus pecados. Fiz o melhor que pude para acalmá-la. Seu rosto estava vermelho pelo desconforto e pelo calor.

– Eu lhe retribuí – ela murmurou. – Não é o bastante?

Eu não fazia ideia se ela falava sobre o homem, o animal ou a criança que estava para chegar. Ela parecia presa em um delírio. Senti-me aliviada ao ver Shirah apressar-se através do campo. Ela chamara Nahara, que concordara em acompanhá-la apesar de ter-se afastado. Nahara andava descalça, o xale branco de linho diáfano preso sobre a cabeça. Tinha o cabelo trançado em uma trança única, ao estilo dos essênios. Nahara e Shirah não se falaram enquanto caminharam lado a lado, os rostos sombrios e sérios, suas diferenças evidentes na distância que mantinham entre si. Quando nos alcançaram na escada, Shirah rapidamente apalpou a barriga de Yael. Assentiu vivamente, satisfeita, em seguida apressou-nos a entrar para fazermos uma fogueira e pôr um balde de água para ferver, para expulsar os demônios que poderiam ter entrado nas nossas cisternas.

Antes de concordar em prosseguir, Yael gesticulou para Shirah, o rosto tomado por uma mistura de emoções. Ouvi-a sussurrar.

– Se houver escolha, não se esqueça de ficar com a criança. Deixe-me ir.

– Sim, sim – Shirah concordou. Ela me lançou um olhar para me informar que aquele era um momento para concordar com tudo. Ajudamos Yael a chegar aos depósitos, depois a seguir por um longo corredor, parando quando as dores ficavam avassaladoras, tornando a continuar toda vez que abrandavam.

– Este é o lugar em que o demônio rolou no chão – Yael murmurou cautelosamente.

– Ela era uma criada, não um demônio, e seu filho está forte e saudável – disse

Shirah, para assegurar-lhe que estava tudo bem.

Em pouco tempo a fogueira estava acesa e a água fervia, tudo feito de forma rápida e em silêncio. Nahara e Shirah trabalhavam juntas como se a sua intimidade não estivesse interrompida. Notei que Nahara começara a rezar quando Yael entrou em trabalho de parto e que olhou de modo desaprovador para a imagem de Astarte que Shirah colocara sobre uma prateleira de pedra, para que houvesse uma oferta feita do sangue do parto.

O bebê estava quase pronto antes mesmo que nós, parecendo não poder esperar para entrar no nosso mundo. Yael chorou e nos pediu para fazermos uma única promessa: a certeza de que ela veria o seu rosto. Falara como se estivesse no leito de morte e tivesse apenas uma única oportunidade para testemunhar a vida que estava prestes a dar à luz. Continuou a implorar, insistindo que estaria disposta a entrar no Mundo Vindouro, se pudesse, mas depois de ver o filho, ao contrário da sua mãe, que dera à luz com os olhos fechados, sem vê-la.

– Bobagem. Você vai vê-lo todas as manhãs e noites – prometeu Shirah, aconselhando a futura mãe a concentrar-se na tarefa imediata.

– Quero saber a cor do seu cabelo e se os olhos são escuros ou claros – Yael continuou.

– Sim, sim – todas fomos rápidas em concordar, pois o ar mudara, tornando-se denso e pesado. O momento chegara. O sangue transbordava no local em que Yael mordera os lábios e seu rosto estava pálido.

Havia um banquinho de parto para se agachar em cima, mas Yael não se preocupou com ele, nem fez como lhe diziam. Ela implorou a Shirah para criar a criança como sua, se necessário, certificando-se de que não fosse tratada como os filhos sem mãe, em épocas de crise às vezes deixados no deserto para os chacais. Shirah conseguiu acalmar a criatura em pânico com uma torrente de promessas. Nahara trouxe água para aplacar a febre da sua testa e dos lábios.

Uma vez iniciado, o parto foi surpreendentemente fácil. Yael agora se agachava quando lhe mandavam fazê-lo; estava empenhada, tanto mais quando Shirah pediu que se esforçasse.

– Uma mulher que se lamenta tem um bom trabalho de parto. É o silêncio que devemos temer. Então vá em frente, grite à vontade – Shirah a instruiu.

Yael obedeceu. Ela foi realmente bem eloquente em sua fúria e pareceu que aquela raiva sem palavras era a sua verdadeira linguagem. Ela empurrou com

toda a força, o rosto rubro com o esforço. Uma vez, duas vezes, e em seguida a cabeça do bebê apareceu. Yael estava exausta e disse que não conseguiria forçar mais. Shirah e Nahara usaram azeite e água quente sem interromper os incentivos. Por fim, a futura mãe reuniu suas forças e fez pressão pela terceira vez. A criança veio ao mundo, caindo nas mãos de Nahara como se não quisesse ser um fardo para nenhuma mulher. Era um menino grande e bonito, de pele escura. Rapidamente o envolvemos em um pano de linho e o pusemos nos braços da mãe.

Depois que a criança chegou em segurança, fui tomar um pouco de ar fresco, exausta pelo trabalho que testemunhara e pelas emoções daquela noite. Pensava na minha filha, a menina linda que perdera, parecendo terem transcorrido apenas alguns momentos desde o seu primeiro sopro de vida até o último suspiro. Para a minha surpresa, encontrei o Homem do Norte nos degraus da escada. Como um fantasma, ele se soltara das algemas, depois saíra do pombal, pulara a cerca viva dos espinheiros que mantinham as cabras e as ovelhas seguras nas pastagens poeirentas. Se alguém o visse, ele teria sido morto, seria considerado um fugitivo e uma ameaça para todos nós. Ele se encolheu nas sombras enquanto eu me aproximava. Quando me reconheceu, no mesmo instante se aproximou para saber notícias de Yael.

– Você realmente é um tolo – eu disse – para vir aqui e se comportar como se fosse o pai.

– Não sou pai de ninguém – disse ele com pesar, o rosto transtornado pela preocupação. – Não estou aqui para isso. Vim por causa dela.

– Duas vezes tolo – eu disse –, já que ela não é a sua esposa.

Apesar das minhas palavras, estava tocada pela sua determinação. Assegurei-lhe que Yael estava bem e já se recuperando. Ainda assim, ele pediu para vê-la, incapaz de tranquilizar-se até ver seu rosto para se convencer de que ela estava segura e bem. Ele jurou que ela o chamara, insistindo que fora a voz dela que o levava até ali. Ouvira a agonia febril que a sobrecarregara, ainda que ela estivesse em um calabouço no subterrâneo, cercada por pedras, e ele isolado dentro do pombal. Ele foi tão sincero que o levei para dentro, ordenando que ficasse quieto. Nenhum homem deveria ver os trabalhos de um nascimento, mas ele era um escravo, longe de ser um homem. Eu sentira pena dele, algo incomum em mim. Talvez tivéssemos nos tornado mais próximos enquanto trabalhávamos lado a lado no pombal. Talvez fosse a maneira que seus olhos brilhavam quando falava da chegada da criança.

Enquanto nos dirigíamos ao salão, eu ouvia a sua respiração constante atrás de mim. Paramos no limiar da câmara. Dali podíamos ver o brilho da lâmpada que Shirah acendera diante da imagem da proscrita Astarte, a Rainha do Céu, doadora da vida.

O bebê repousava nos braços da mãe. O Homem do Norte inclinou a cabeça concordando, aliviado ao ver por si mesmo que Yael realmente passara pelo parto e saíra ilesa. Ela parecia encantada com o bebê em seus braços, os olhos vivos e brilhantes, a pele reluzente de suor. Quando ela riu, encantada com a expressão da criança, vi o escravo sorrir também, orgulhoso, como se o menino fosse realmente dele.

O Homem do Norte segurou meu braço e agradeceu, em seguida nos deixou cuidando dos nossos afazeres. Nahara despejava água fervente sobre as pedras para purificá-las. Ela já parecia uma estranha, sem vontade de falar conosco, presente apenas pelo tempo que fosse necessário e no momento já se preparando para se retirar. Mantinha os olhos baixos, apoiada nas mãos e nos joelhos enquanto esfregava o sangue. Quando ofereci ajuda, ela sorriu levemente.

– A ajuda de Deus é tudo de que preciso – ela murmurou, uma devota bela e pura, não mais a menina que fora antes.

Shirah estava agachada ao lado de Yael, a cabeça próxima da dela. Nahara levantou o olhar e a vi observá-la. Shirah tirara um dos amuletos de ouro que usava para proteção e o presenteava a Yael, prometendo-lhe que traria boa sorte e a manteria a salvo de todos os males. Uma face do disco do amuleto homenageava o nosso rei verdadeiro, *Ehyeh Asher Ehyeh, eu sou quem sou*, o Uno inominável com mil nomes. *Ha-nora ha-gibbor*, o Poderoso, o herói. Na outra face do disco, letras do hebraico misturavam-se às do grego. *Chayei 'olam le-'olam. Vida eterna, para sempre*.

Esses amuletos de ouro eram provenientes do Egito, pois continham as formas da lua e do sol estampadas naquele que ela concedera a Yael, significando o poder da Rainha do Céu. O nosso povo não tinha permissão de usar essas imagens, mas Yael manteve o amuleto preso à volta do pescoço, satisfeita. Era um presente de uma mãe para outra, aceito com gratidão. As mulheres se beijaram para celebrar a nova vida. Não se podia dar um nome ao filho do sexo masculino até que fosse circuncidado, e assim Yael simplesmente o chamou de menino enquanto o segurou contra o peito, uma palavra tão amorosa quanto qualquer nome poderia ser.

Nahara reuniu a placenta em um pano. Ela iria enterrá-la no pomar, como era

o nosso costume, debaixo das árvores em declínio, permitindo que a essência dessa nova vida revigorasse a terra arruinada. Ela parou ao meu lado, a túnica branca salpicada de sangue. Ela sempre parecera mais velha para sua idade e agora tinha os ares de uma mulher adulta. Avaliou friamente o amuleto que a mãe prendera ao pescoço de Yael.

– Aquilo seria um presente para uma filha – ela me disse em relação ao colar, a voz indiferente. – Ela quis me dizer que não o guardou para mim. – Havia uma boa dose de dor na sua voz, juntamente com o desprezo.

Nahara não usava adornos, a exemplo das mulheres essênias, os pés estavam descalços sobre as pedras chatas e frias. Desfizera-se das pulseiras e dos adornos que usava antes. Eu vira as crianças brincando com eles no jardim empoeirado ao lado da casa de pedra, como se fossem brinquedos.

– Aceitaria o presente se ela lhe oferecesse? – aventurei-me a perguntar, pois fora Nahara quem virara as costas aos costumes da mãe.

A jovem deu de ombros, sabendo que eu estava certa. Não se dá um presente a alguém que seja obrigado a negá-lo. Nahara agora passava os dias cuidando das cabras dos essênios, alimentando-as distraída com ervas daninhas, como se tivesse sido uma pastora de cabras a vida toda. Eu a vira com as mulheres piedosas, enxugando a água da cabeça antes de uma refeição, oscilando em oração, de olhos fechados no êxtase pela graça do Todo-Poderoso. Nós, que trabalhávamos nos pombais, não discutíamos o que era evidente: ela não voltaria para nós.

– O que faria com o ouro? – continuei, porque ouvira dizer que as pessoas com quem ela se alinhara não valorizavam os bens materiais, considerando que pertenciam apenas a este mundo. – Pensei que o que pertencesse a um essênio pertenceria a todos.

Naquela noite, Nahara fora uma parceira como qualquer outra de Shirah no nascimento do filho de Yael, no entanto pareceu consumida pelo ciúme da criança quando olhou para Yael.

– Isso não inclui compartilhar a mãe – ela comentou em tom magoado, como se fosse ela a enjeitada no dia da chuva de sal, quando fora ela quem fizera a sua escolha.

OITO DIAS depois, acompanhei Yael à sinagoga, quando ela levou o filho para pedir o ritual pelo qual toda criança do sexo masculino deveria passar em razão da sua fé no nosso Deus. Desde o tempo de Abraão fora assim, e assim

continuava, muitos acreditando que os nossos meninos eram considerados *tamim*, aperfeiçoados, por esse ritual. Dizia-se que Domah, o anjo da sepultura, não queimava nem assediava nenhum homem circuncidado que entrasse no Mundo Vindouro; dizia-se que o sofrimento aqui e agora evitaria o sofrimento por toda a eternidade.

Passamos pelas portas da sinagoga, mas não nos autorizaram a prosseguir. Os anciãos não realizariam o ritual. Era o pai da criança que providenciava essa aliança entre o filho e Deus e, caso não houvesse pai, não lhes interessava. Yael apertou o bebê contra o peito, receosa de que nenhum homem respondesse por seu filho em razão das circunstâncias do seu nascimento e que talvez ela, a exemplo da mulher de Moisés, Zipora, teria de perpetrar o ato. Eu sabia que Yael carregava uma faca, mas ela recuou da ideia de cortar o próprio filho, jurando que a sua mão fraquejaria pela sua devoção e seu amor.

Por fim o irmão dela chegou, justificando-se, os ombros envolvidos pelo xale de oração. Amram mostrou-se claramente incomodado com a tarefa não familiar de cuidar de um bebê. Perguntei-me como administraria o ritual da aliança uma vez que se encolheu quando Yael acomodou o recém-nascido nos seus braços. O bebê encontrou o olhar do guerreiro e sustentou-o com os olhos cor de brasa arregalados. Ele tinha um sinal vermelho no lado esquerdo do rosto, que todos esperávamos que desaparecesse.

– Não pensei que ele parecesse assim – desabafou Amram.

– Ele se parece com um bebê – comentei com naturalidade. Não havia nenhum motivo para essa criança ser considerada um *mamzerim*, um bastardo sem nenhum direito, nem mesmo o da circuncisão, embora certamente seria vista como o que chamavam de *shetuki*, silenciosa, qualquer criança que não conhecesse o pai.

Amram riu.

– Isso ele parece. – Ele inclinou a cabeça para Yael em aprovação. – E parece forte.

Não notei a presença de nenhuma outra pessoa até Yael dar um passo para trás.

O velho assassino estava lá, nas sombras. Estivera ali o tempo todo, o olhar frio pousado no bebê.

– Ele vai realizar o ritual – Amram referiu-se ao seu pai.

Yael segurou o bebê contra si, insegura, confusa pelo pai ter concordado em participar. O último contato que tivera com ele fora quando brigaram amargamente sobre o seu estado, e ele lhe batera, expulsando-a de casa.

– Acha que não me lembro de como usar uma faca? – o assassino perguntou ao notar a sua hesitação.

Yael ergueu o olhar para ele.

– Ah, não. Tenho certeza de que sabe.

Esse, sem dúvida, era o seu medo.

– Não sou o seu pai? – disse o assassino.

Yael fitou-o, insegura.

– Essa criança não é o meu neto?

Calmamente, o irmão de Yael pediu-lhe para ter fé. Fora ele quem convencera o pai a vir à sinagoga, e os dois, que haviam se afastado antes, tinham feito as pazes por causa do nascimento do menino.

– Essa criança nos pertence, e nós a ela, muito mais que apenas neste dia. Ele não é um fardo, pois nos uniu.

Apenas os parentes do sexo masculino eram autorizados a estar presentes na cerimônia em que se atribuía um nome ao menino. Ele estava pronto para a aliança, tinha vida e fôlego suficientes para protegê-lo, de modo que Lilith e seus demônios não pudessem chamá-lo tão facilmente como poderiam ter feito nas primeiras horas após o nascimento. Até aquele dia, ele ainda tinha um pé no mundo deles e o outro no nosso; agora estava enraizado, alimentado pelo leite da mãe. Aquele ritual definiria o caminho de toda a sua vida futura.

O assassino manteve a cabeça baixa enquanto esperava pela decisão de Yael, um sinal de respeito que nunca mostrara pela filha no passado.

– Leve-o – disse Yael. – Mas, mesmo que eu não esteja vendo, Deus estará lá.

Esperamos nervosamente ao lado da muralha ocidental. O rosto de Yael estava branco. Ela se recusou a sentar-se em um banco próximo e em vez disso ficou andando de um lado para o outro. Quando o bebê chorou, ela segurou o meu braço.

– O choro é uma coisa boa – lembrei a ela, repetindo as palavras de Shirah. – É o silêncio que devemos temer.

O próprio Amram estava pálido quando finalmente devolveu o bebê à mãe. A expressão preocupada de Yael rompeu-se em um sorriso ao ver o semblante do irmão, a sua arrogância habitual substituída pelo peso da imensa responsabilidade pelo recém-nascido.

– Você parece pior que ele – brincou ela.

– Acho que doeu mais em mim – Amram concordou.

Yael abriu as cobertas da criança. O corte fora perfeito, deixando apenas um leve rubor de sangue. O bebê já cochilava nos braços da mãe, exausto pelos

próprios gritos e pelo súbito lampejo de dor que conhecera, bem como pelo vinho que recebera para amenizar a dor. O velho assassino esperava na soleira da porta. Yael, ainda insegura com a presença do pai, por fim acenou com gratidão, mas Yosef bar Elhanan já desaparecera, como se nunca tivesse estado presente. Olhei para a praça. Não havia nem mesmo uma sombra para ser vista.

– Ele falou com a criança? – Yael perguntou ao irmão, curiosa apesar de tudo.

– Ele a abençoou – Amram disse. – Já é o bastante.

MANTIVEMOS a ferida limpa, aplicando um cataplasma de bálsamo e mel que promoveria a cura mais depressa. Mas havia mais coisas a serem feitas para anunciar a chegada dessa criança ao nosso mundo, mais tarde, e em segredo.

Levamos o bebê ao campo uma noite, com a lua minguante. Shirah nos esperava. Nós três paramos onde a placenta fora enterrada, para realizar a nossa própria cerimônia de nomeá-lo. Estava uma noite estrelada, mas evitamos a luz e nos reunimos nas sombras, para não sermos vistas pelos guardas e questionadas. Shirah quebrara uma casca de ovo em duas metades, em que escrevera o santo nome de Deus tantas vezes pudessem caber em pequenas letras pretas, a tinta produzida com amoras esmagadas.

Ehyeh Asher Ehyeh.

Acendemos uma pequena fogueira de madeira verde. Yael depositou o bebê na grama. Ele choramingou, depois cochilou. Ela tirou o lenço da cabeça e o roupão, para permanecer diante de Deus como estivera no dia em que a mãe morrera, no dia em que nascera, naquele mesmo mês de Av. Shirah começou a entoar palavras de proteção em uma nuvem de fumaça.

Redimi esta criança e salvai-a de todas as aflições. Permite que se torne um homem e entoe canções gloriosas de louvor ao nosso Senhor e Rei, o poderoso Deus que nos criou. Amém. Amém. Selah, que Deus o guarde de todo o mal e que Ele permita que viva em Jerusalém e em toda a santidade.

Concluído o hino, Shirah enterrou as cascas de ovo debaixo da árvore. O luar varria o campo com uma luz amarelada. A placenta já desaparecera, alimentando a terra, dando graças ao Todo-Poderoso. Yael pegou o seu xale e vestiu a túnica. Pegou a criança e nomeou-a sob o céu aberto, como fora nomeado naquela manhã pelos homens na sinagoga. Ela o chamou de Ariele, a palavra para leão, muito embora ele dormisse, perante a nossa alegria, como se fosse um cordeiro.

QUANDO os nossos guerreiros voltaram ao deserto na vez seguinte, não foi para lutar, mas para caçar, fazendo o melhor que podiam para saciar a nossa fome. Os romanos haviam voltado ao lugar que tinham marcado com as pedras e os nossos homens foram obrigados a recuar, a sua incursão foi interrompida. Não tiveram escolha senão fugir do inimigo, que retornara para nos espionar. Com esse problema em mãos, os nossos guerreiros trouxeram consigo perdizes que eram mais ossos que carne e um filhote de íbex extraviado, deixado para trás pelo rebanho. Era *Tishri*, a época da estação de crescimento, e deveríamos estar nos regozijando. Em vez disso, a montanha foi tomada pelo silêncio, por um sentimento de mau presságio.

Nos pombais, todas sentíamos a falta de Nahara. Aziza, especialmente, ansiava pela irmã. Ela costumava se dirigir ao campo próximo ao acampamento dos essênios, onde permanecia sentada de pernas cruzadas sobre a grama por muitas horas, mas Nahara nunca se aproximou para cumprimentá-la. Quando Aziza acompanhava as cabras de que a irmã cuidava, Nahara apressava-se em levá-las embora. Magoada com as recusas da irmã, Aziza começou a fazer flechas para preencher o tempo e manter as mãos ocupadas. Todos tinham sido solicitados a ajudar com o armamento e muitas mulheres se reuniam à noite para moldar pedras para os estilingues. No entanto, Aziza escondia seu trabalho de Shirah.

– Ela poderia considerá-lo inadequado para mim – ela confidenciava.

Aziza demonstrou que tinha um toque leve. As pontas das flechas que ela produzia eram finas, muito benfeitas. Cada uma delas era presa a uma haste de madeira por um fio de linho. A filha mais velha de Shirah era surpreendentemente bem inclinada para esse trabalho, pois o metal era para ela o que o tecido e a linha representavam nas mãos de outras mulheres. Observei nela o que vira no padeiro todas as manhãs da sua vida, o amor de dar forma a algo a partir de ingredientes que não seriam nada sem o toque humano, fosse o sal, o trigo ou o ferro que eram transformados.

O Homem do Norte revelou que, no país em que nascera, as flechas de cada guerreiro eram decoradas com a insígnia da sua tribo, no seu caso um veado macho, uma criatura de que havia nos falado, mas não acreditáramos, pois ele dissera que os ombros desse cervo eram tão altos quanto os de um homem, seus chifres eram mais abertos que a envergadura das asas de um abutre. Desde que era menino, ele nos assegurou, todas as flechas que fizera eram gravadas com a imagem daquela criatura milagrosa.

– Amarre penas na outra extremidade da haste – o escravo disse a Aziza enquanto ela fabricava suas armas. – Isso é o que faz as flechas voarem.

Como Amram era comparado à Fênix, saindo de todas as batalhas pronto para lutar de novo, Aziza procurava preparar flechas que fossem dignas dele, adornando-as com penas de falcão tingidas em um banho de raiz de garança. Logo as suas mãos estavam avermelhadas; ouvi Yael provocá-la, sugerindo que estava tão consumida pela paixão que o calor subia pela sua pele em ondas escarlates.

Quando chegou o momento de testar a obra de Aziza, ela enviou Adir à guarnição para lhe trazer um arco. Adir voltou logo, rindo, brincando e fazendo comentários rudes, sugerindo que era melhor a irmã não tocar no arco ou poderia atirar em si mesma acidentalmente. Aziza sorriu e mandou-o embora com um empurrão.

Sentei-me com Yael, que trazia seu bebê descansando em uma tipoia feita de lã finamente tecida. Ariei era um menino quieto, de olhos escuros e cristalinos, calmo como a ovelha que parecera se assemelhar na noite em que recebera o seu nome. Apesar de ter apenas algumas semanas de idade, ele dormia a noite toda, segurando o quadrado de tecido azul que Yael deixava que segurasse para sossegar. Ele ainda exibia a marca de nascença vermelha na bochecha, apesar de essa ter sido tratada com uma pomada de trigo, mel e aloé misturados, e ter começado a se desvanecer. Imaginamos que a juba de cabelo grosso e preto fosse um sinal da sua virilidade, maravilhando-nos com o tamanho das mãos e dos pés, e seu pênis pequeno, viril, sugerindo que ele seria capaz de erguer um burro acima da cabeça aos dez anos de idade.

– Talvez devêssemos deixar Ariei testar as flechas como se já fosse um guerreiro – caçoávamos, pois não tínhamos nenhum homem entre nós.

Aziza entregou o arco ao Homem do Norte, apesar de ser um crime pôr uma arma nas mãos de um escravo. Ele o segurou, grato pela confiança. Todas as setas de Aziza atingiam o alvo quando o escravo apontava a sua meta – um nó no tronco da velha oliveira atrás do pombal. Ele se posicionara no batente da porta para que ninguém mais o visse. Quando fazíamos os elogios, ele se curvava. Então reparou na expressão intensa do rosto de Aziza, o olhar fixo no arco em suas mãos.

– Deixe-me ensiná-la – sugeriu ele. – Assim poderá apreciar por si mesma o valor do que produziu. Essas flechas estão entre as melhores que já usei.

Aziza recuou, sacudindo a cabeça, seus olhos dissimulados. Ainda assim, notava-se algo semelhante ao desejo gravado em seu rosto.

As mulheres não deviam tocar em armas, tal era a nossa lei, mas nós já havíamos desrespeitado a lei entregando o arco a um escravo. Nós, que já havíamos pecado, não questionaríamos ou condenaríamos. Encarávamos a quem sussurrasse sobre Yael e o seu bebê até obrigar essas pessoas a baixarem os olhos.

– Experimente o que fez – insisti, nem que fosse só para a nossa diversão.

– Tudo bem – Aziza assentiu. – Mas só para agradar vocês.

O escravo mostrou-lhe o que deveria fazer e ela o acompanhou atentamente. Segurava o arco com facilidade, um largo sorriso iluminando seu rosto. A primeira flecha acertou o alvo. Pude ver a surpresa no rosto do escravo.

– Você tem uma guerreira dentro de si! – comentou ele.

– Pura sorte. – Aziza soltou o arco e foi recolher as flechas caídas, admirando o seu trabalho, assegurando-se de que cada pena estivesse no lugar. – A Fênix triunfa sempre – ela disse. – Não importa quem ataque, Amram sempre vencerá.

Shirah permanecera dentro do pombal. Nesse momento, ela assomou à porta. Exibia uma expressão distante, difícil de interpretar. Ela havia mudado desde a partida de Nahara, tornando-se mais circunspecta e reservada. Algumas pessoas sussurravam que ela possuía a capacidade de ver o outro mundo além do nosso. Se isso fosse realmente verdade, então para Shirah o futuro não era um lugar distante. Nós, que não fazíamos ideia do que viria a acontecer, permanecíamos no pátio nos divertindo, aplaudindo Aziza enquanto ela acertava o alvo várias vezes seguidas, sua agilidade e graça uma revelação para todas nós.

Quanto a Shirah, ela só observava, da mesma maneira que se mantém o olhar atento sobre um enxame de abelhas já em voo, momento em que já era tarde demais para mudar o seu curso ou fazer com que voltassem à colmeia. Quando o dano já fora feito.

*

NÃO DEMOROU muito tempo e o novo ano chegava para nós, um momento de celebração. Mas comemoramos o feriado de *Rosh Hashanah* de maneira frugal e sem alegria. As mesas foram montadas com coisas simples, abóboras e alho-poró, algumas perdizes descarnadas, saladas de lentilha e iogurte. Yael levou um pouco desse banquete magro à amiga Tamar. A mulher essênia mostrou-se grata

e, em troca, seu filho, Yehuda, um garoto sonhador que estava sempre subindo em árvores no pomar quando deveria dedicar-se aos estudos, surpreendeu meus netos com um pião que ele mesmo esculpira. Os meninos ficaram encantados com o presente; para ficarem alegres não era preciso muito. Eles não haviam notado que Yehuda os observava, curioso depois que descobrira que não tinham a capacidade de falar. Noé e Levi, porém, pareciam conformados com sua condição. Eles aproveitavam a vida como podiam, indiferentes aos olhares de curiosidade que os acompanhavam na praça, com muitas pessoas tentando adivinhar o que lhes causara a perda da voz. Os meninos adoravam o novo bebê em casa, passando horas divertindo Ariei com seu chocalho, ou com flautas feitas de cabaças, e agora com o pião interessante que Yehuda lhes fizera.

Ariei parecia atraído pelo agradável silêncio dos meus netos, seguindo-os com os olhos pelo alojamento. Nós alimentávamos nosso leãozinho, que jogava a cabeça para trás rindo quando meus netos faziam as sombras dançarem sobre a parede. Já quando brincavam com ele de esconder, esquivando-se atrás de uma peça de tecido, ele os chamava gritando, rindo e arrulhando até meus netos reaparecerem silenciosos, como se fossem de fato sombras em vez de meninos de carne e osso.

Esse novo ano foi especialmente amargo para mim. Cada fruta que eu cortava pela metade possuía um sabor que eu não conseguia suportar. O que era doce passei a considerar intolerável. Comia verduras amargas e me acostumara com o gosto de sal na língua. Ia à sinagoga e permanecia com as mulheres ao fundo. Os homens não deviam se distrair com as mulheres, mas e quanto às mulheres que eram distraídas pelos próprios pensamentos? Recitava as orações que sabia de cor, mas a minha voz era hesitante, apática.

Tornara-me tão pálida que Yael me perguntou se adoecera. Disse que não, mas já não conseguia me dirigir aos pombais pela manhã. Em vez disso, preferia permanecer na cama, o rosto voltado para a parede. Via as sombras dos meus netos quando entravam e saíam pela soleira da porta. Via tudo o que acontecera no deserto todas as vezes que fechava os olhos.

Um ano se passara desde que tiraram a vida da minha filha. No Dia da Expição, fui à sinagoga para as orações de lamentação, mas a perda era como uma flecha me atravessando e os rituais não foram suficientes para aliviar a dor. A melancolia me envolvia como uma mortalha, a tristeza costurada em mim com os fios pretos que, segundo se dizia, eram usados pelos demônios. Quando voltei à praça, as pessoas me evitaram. Era possível que vissem as trevas que carregava. Até mesmo os meus netos fugiram de mim, preferindo sentar-se com

Yael para ouvir suas histórias. Somente uma pessoa seria capaz de me entender, alguém que trilhara o mesmo caminho e vivera sob o mesmo céu.

Com certeza Yoav estaria em algum canto escuro, sofrendo como eu.

ERA NOITE quando me dirigi ao quartel. Não deixava o meu quarto havia vários dias, a não ser para ir rezar na sinagoga. Quando não se sai da cama, perde-se o costume de caminhar. Quando não se perdoa a si mesmo, não se é capaz de perdoar ninguém. Eu dera fim àquelas bestas humanas no oásis, mas elas também deram cabo de mim. A mulher que eu fora um dia, aquela que acordava com o aroma do pão, que varria a escada todas as manhãs, com toda a certeza de que o novo dia seria como qualquer outro, desaparecera. Eu era uma concha, um besouro, um feixe de carne costurado com a linha do demônio.

Os guerreiros achavam-se em oração naquela noite. Reparei em uma enorme pilha de pedras esculpidas na forma de bolas desbastadas e duras, para serem usadas nas catapultas caso viéssemos a ser atacados. Aquelas pedras estavam empilhadas onde antes havia toras de madeira. A madeira fora toda usada e restara pouco dela a ser encontrado nos penhascos ao redor, apenas alguns arbustos perdidos e crestados pelo sol, com a casca branqueada e escamosa que se enfumaçava e não queimava quando atirada ao fogo. Era a época do plantio, mas o ar cheirava como um forno em que o pão queimara durante dias. Ninguém trabalhava nos campos; todos só nos ocupávamos em nos proteger contra os elementos e contra nossos inimigos. Eu me perguntava o que pensaria meu marido de um mundo quente demais para o pão, demasiado brutal para a bondade humana.

Esperei sob os restos de uma amoreira não muito distante do quartel. As folhas farfalhavam no escuro. O som ecoava como um chocalho, ou talvez fosse mais como uma pele de cobra agitada pelo vento. Sentei-me sobre o tronco de uma árvore cuja generosidade alimentara um rei. Logo os jovens guerreiros voltaram das orações. Eles se ocupavam do seu trabalho até mesmo naquele que era o mais sagrado dos dias. Avistei o grande assassino de Jerusalém, Bar Elhanan, ocupado na limpeza das lâminas planas de bronze das lanças com trapos e areia como se fosse um escravo. Ele vinha à minha casa várias vezes, apenas murmurando-me uma saudação, mas iluminando-se à visão de Ariele, a quem sentava em cima dos joelhos. Vislumbrei também o irmão de Yael, ocupado no campo em uma disputa com os amigos para ver quem tinha os melhores olhos e a melhor pontaria, e quem dentre eles dispararia uma flecha através de uma das janelas estreitas abertas na pedra, feitas para despejar óleo quente e água fervente sobre os inimigos que fossem tolos o bastante para tentar

fender a muralha.

Esperei por tanto tempo que comecei a ouvir os ecos das corujas nas cavernas. Os guerreiros retiraram-se aos seus alojamentos. Quando o assassino atravessou a praça, vi a idade nos seus passos, o peso do seu fardo, pois carregava nos ombros todas as iniquidades de que participara. Eu me ressentia do seu desejo de vir ao meu alojamento porque era levado a visitar o neto, mas naquele momento senti que não poderia julgar suas ações neste mundo, não depois de tudo o que eu mesma fizera.

A lua estava no centro do céu velando por mim, solitária, fria. Ainda assim fiquei. Por fim meu genro atravessou a praça, o machado na mão, a expressão contrita. Ainda era jovem, apesar do cabelo branco. Trazia os braços nus por baixo do xale de oração. Vi que envolvera vários comprimentos de tiras afiadas de bronze em torno dos braços musculosos; as torções ferozes, ensanguentadas, eram feitas para transformar cada movimento que fazia em uma excruciante autopunição. Tal abuso não era permitido; tratava-se de um costume lúgubre praticado entre nômades e bárbaros enlutados. Ainda assim, ele fazia o que lhe apetecia, desrespeitando as nossas leis. Viam-se listras de cicatrizes sanguinolentas onde ele cortara diretamente sua carne com uma faca, uma fileira de lesões estabelecidas acima das suas veias azul-escuras. As marcas autoinfligidas eram como o azul do hissopo quando florescia, a flor predileta da minha filha. Em torno delas emergiam hematomas que eram da cor saturada de ameixas, a fruta preferida dela.

Chamei seu nome e Yoav estreitou os olhos como se eu tivesse proferido uma maldição. Mas acenei-lhe, ele me reconheceu e se aproximou. Parou embaixo das folhas secas da amoreira, semivestido com sua armadura prateada. Imaginei se dormia com ela, se sonhava com batalhas e sangue, ou com o belo rosto da minha filha.

– É o dia da tristeza – lembrei-lhe, pensando que poderíamos orar juntos ou acender uma lâmpada em memória de Zara.

Ele bufou. Pensei nos cavalos vendados do rei, forçados a percorrer um caminho que não podiam ver. Alguns deviam ter protestado; deviam ter refugado, furiosos por serem impedidos de enxergar no caminho brutal da serpente que levava até o alto da montanha.

– Todo dia é – disse o Homem do Vale, que ainda era o meu genro, embora eu não tivesse filha. – Por que devo orar?

Ele parecia ao mesmo tempo envergonhado e furioso; havia desprezo na sua voz à menção da oração. É claro que ele sabia que dia era. Contara cada momento desde que a encontrara debaixo das pedras com que eu a cobrira para protegê-la de quaisquer outras criaturas de rapina.

– Você tem dois filhos – lembrei-lhe. – Eles têm os olhos escuros da sua esposa.

Yoav surpreendeu-me com um rugido de pesar. Recuei, incerta de quem estava à minha frente, aquele Homem do Vale que não confiava em ninguém e dormia de costas para a parede, o machado na mão, pronto para lutar até mesmo quando sonhava.

– Disse-lhe para não falar nela – ele me advertiu.

– Ou nos meninos?

Ele me encarou, desafiador.

– Este mundo não significa nada para mim. Por que acha que me importo com essas coisas?

– Procurei-o porque você a carrega consigo – disse, lembrando-lhe de que lhe oferecera o seu último suspiro. Ele o tomara e agora ela lhe pertencia. Em troca dessa grande dádiva, ele ainda precisava me respeitar, não importava o quanto se amargurasse.

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo o vínculo entre nós e o sacrifício que eu fizera. Conteve o seu temperamento e ouviu a razão. O homem que ainda era o meu genro veio sentar-se ao meu lado, sob a amoreira preta. Ele nunca perguntou como eu conseguira matar aquelas bestas humanas, como os atraía para a morte com pão. Talvez se ressentisse de mim, por ter cometido o ato de vingança de que provavelmente se envergonhava por não ter executado. Mas na ocasião ele era um homem que só sabia orar, ao passo que eu já me tornara uma torrente furiosa.

– Ainda deve haver alguma coisa aqui para você – insisti, tentando falar ao homem que ele fora, não com o violento guerreiro que só pensava em se torturar. – O ar que você respira, a água que bebe, acordando a cada dia para ver o sol. Deve haver alguma coisa que ainda queira neste mundo. – Restava tão pouco do que ele fora, mas, quando baixei o olhar para a poeira, a sua sombra parecia a mesma.

Yoav riu e balançou a cabeça.

– Está me perguntando o que quero?

Por um momento vi o estudioso que procurara o padeiro para pedir a mão da nossa filha, o jovem noivo tão assoberbado no dia do casamento que, mesmo depois de elaborado e acordado o contrato legal, a *ketubah*, ainda parecia atordoado demais para compreender que Zara era realmente sua. Quando vira a beleza da noiva ficara sem palavras, e os amigos caçoaram dele, assegurando que fora hipnotizado.

– As vozes deles – ele disse.

Ouvíamos os guerreiros que tinham saído para a refeição da noite, quebrando o jejum, a conversa barulhenta dos jovens, alguns jovens demais para conhecer os horrores que encontrariam quando se arriscassem pelo deserto para nos defender. A maioria desses jovens guerreiros desviava o olhar ao ver o Homem do Vale, com suas cicatrizes e faixas metálicas, imediatamente convencidos de que jamais seriam como ele, um matador enlouquecido pela guerra.

– Pode me dar só uma coisa? – Yoav perguntou. – Quero que os meus filhos falem como qualquer pessoa. O seu Deus é capaz disso?

Isso era o mesmo que eu queria, pelo que rezara inutilmente. Éramos tão iguais que chegava a doer, duas pessoas afogadas no mesmo lago. Observamos em silêncio a noite e as estrelas sobre nós. Não poderia prometer-lhe que a graça de Deus triunfaria.

Yoav deu de ombros quando não lhe respondi.

– Exatamente – disse ele. – Só me procure quando eles voltarem a falar. Quando os inocentes não carregarem mais a maldição, volte a me encontrar. Até esse momento, não terei fé. Se alguma vez houve um Deus, Ele nos abandonou e não existe mais.

Continuamos sentados com esse pensamento terrível e imprudente. A luz fria da lua que se punha filtrava-se no ar.

– Lutarei até não haver mais ninguém a quem enfrentar. Depois me deitarei, sabendo que não tive Deus.

Mais tarde, quando parti, Yoav permaneceu no mesmo lugar, debaixo da velha árvore com os galhos descorados pelo sol. Durante todo o tempo em que viajamos em direção àquela montanha, ele mantivera inalterado o semblante contraído de um homem perseguido pela dor. Agora o seu objetivo era a morte, querendo confrontá-la e ficar quite com este mundo. Eu sabia com o que ele

sonhava, e não era com a minha filha. Sonhar com ela o quebraria de mil maneiras. Uma visão de Zara seria infinitamente mais dolorosa que as faixas afiadas com que se amarrava em autopunição.

Não olhei para trás quando me afastei da guarnição, nem prestei atenção às corujas que deslizavam no céu àquela hora. Tinha uma missão a cumprir e não me atrevia a demorar. Fizera um voto solene de proporcionar àquele homem a única coisa no mundo que ainda queria: o som das vozes dos seus filhos, um motivo para crer.

*

FUI À SINAGOGA em busca de um amuleto que curasse os meus netos. Humilhei-me, os olhos no chão, a voz suplicante. Mas o grande homem, Menachem ben Arrat, apenas me fitou e balançou a cabeça. Lembrou-me de que seu destino era fazer nosso povo orar e, portanto, não poderia se preocupar com os problemas de dois meninos pequenos. Dispensou-me como se a condição deles fosse insignificante, como talvez a considerasse, e acompanhou-me à saída.

No entanto, apesar da negação do sacerdote, um dos estudiosos deu-me um amuleto que trazia enrolada uma oração pelo perdão. Enterrei-o junto àquele templo, como era o costume, mas, enquanto limpava a sujeira das mãos, não estava convencida de que o encantamento de um estudioso fosse forte o bastante para as minhas necessidades. Já me encaminhava em outra direção.

A noite caía e as mulheres trabalhavam nos teares da praça. Os homens vinham para a oração, atraídos pelo chamado estridente soprado no chifre de carneiro que soava desde a base da muralha, passando por mim enquanto me encaminhava à extremidade oposta da fortaleza. Aproximei-me do quartel, onde avistei Aziza assistindo pacientemente ao irmão, que praticava com um arco, e lhe mostrando tudo o que aprendera. Adir tornara-se o favorito entre alguns guerreiros mais jovens. Embora fosse um aluno bastante bom, não fazia ideia de que fora a irmã quem se revelara uma exímia atiradora. Não lhe contáramos por que essas coisas eram proibidas; Adir poderia não entender se soubesse que ignorávamos as leis. Qualquer arma tocada por uma mulher, mesmo que por acidente, deveria ser purificada com água e orações para que a essência feminina não perdurasse, distraindo o próximo guerreiro a usá-la, pois até mesmo o menor contato atrairia a luxúria para o coração daquele homem. Quem sabe isso significasse que uma mulher bem-treinada em armas seria uma guerreira superior, nunca desviando a atenção da sua tarefa. Aziza tinha os ombros e o rosto queimados de sol pelas horas de prática atrás do pombal sob a orientação

do escravo, o corpo esguio belamente musculoso pelo esforço de operar o arco. Ainda assim, ela aplaudia o irmão quando suas flechas subiam, para depois cair com estrépito sobre as pedras.

*

CONTINUEI a atravessar a Praça Ocidental à procura de Shirah, aliviada por pensar que poderia encontrá-la sozinha. Quando cheguei à sua porta, no entanto, não obtive resposta. Olhei para o interior, vendo que o alojamento achava-se à meia-luz. Uma névoa de fumaça pairava no ar, resultante do incenso queimado diante do altar. Em cima da mesa havia um pote de tinta para os olhos feita com lápis-lazúli moído, uma paleta de uma mistura de tintas e ruge feito de uma concha plana, opalescente e branca, trazida do Mar Vermelho. Um pequeno frasco de cerâmica de óleo perfumado com essência de lírio estava aberto, como se alguém tivesse saído com grande pressa. O lírio era associado a *Shechinah*, que alguns chamavam a Morada Divina. Era o aspecto feminino de Deus, que era oculto e tocado apenas pelos mais verdadeiros dos crentes em um véu de conhecimento e êxtase. Era a compaixão de Deus, e dizia-se que os que morriam nos braços de *Shechinah* eram favorecidos pelos anjos.

Eu mesma ouvira apenas comentários sobre esses assuntos; no entanto, reconhecia o odor do divino, extremamente feminino na sua essência, uma mistura de pureza e impureza, doçura e acidez atraídas em um só fôlego. Saí do alojamento de Shirah, pois o cheiro me conduzia para a praça. Atravessei-a em direção à muralha ocidental. Olhei o palácio abaixo de mim. Àquela hora, sob o céu começando a escurecer, o Palácio do Norte em ruínas, atrelado aos penhascos, era cercado por uma névoa de luz lilás. A fragrância do perfume era fraca, mas mais forte que o odor amargo do vale estéril abaixo de nós.

As lojas estavam fechadas, o curtume e a adega trancados, a padaria às escuras. Vários homens fortes trabalhavam na padaria; até então os fornos enormes eram abastecidos com madeira de corte, mas, agora que ficáramos sem toras, as chamas passaram a ser alimentadas com as tábuas arrancadas do piso dos alojamentos internos do palácio. Eu evitara aqueles fornos desde que passara uma manhã e vira os homens trabalhando, o peito nu coberto pelos aventais brancos, transpirando com o calor emanado dos fornos. Sentia-me covarde, sem coragem de ver os padeiros. Por um momento, imaginei que via meu marido entre eles.

Antes de desmaiar, percebi que era alguém completamente diferente, alguém que não se parecia absolutamente com meu marido. O homem que trabalhava na

padaria me acenou quando me viu olhando. Corri para longe. Desde aquele momento, passara a assar meu pão sírio, temperado com o resto de coentro do meu marido. Não queria ir àquele lugar e entrar na fila com as outras mulheres, esperando pelos pães frescos, lembrando-me do cheiro da minha casa no Vale dos Ciprestes.

Agora, no escuro, vi uma sombra atravessar o piso da padaria. Um rato.

Continuei a procurar Shirah, chegando à passagem que levava à terra. Segui em frente, embora me atordoasse o modo que o caminho descia por centenas de degraus inclinados, muitos desfazendo-se, arruinados. Os cortesãos do rei desciam por essas escadas e, não muito tempo depois, os soldados romanos tinham patrulhado o lugar antes que os nossos guerreiros o tomassem para reivindicar a fortaleza para si. Entranhei-me tão profundamente na terra que parecia estar penetrando em outro mundo, um lugar escuro e úmido, apesar da paisagem árida em cima.

Embora não tivéssemos chuva havia vários meses, e o mundo ao redor estivesse seco e dolorido, ouvi o ruído de água. No início a promessa de água foi como um sonho, como fora quando chegáramos ao oásis. Senti-me chocada com o som alegre do seu eco, pela própria noção de que havia muito eu me esquecera de como era a água, como poderia ser tão fria e doce, com pétalas brancas flutuando na superfície, como poderia facilmente atrair alguém, atrair o banhista desavisado para o círculo dos seus braços claros e incansáveis.

Continuei em frente, atraída pela promessa inesperada de água, assim como os ratos são atraídos para os grãos da padaria, a mão apoiada contra a parede de pedra fria para me ajudar a manter o equilíbrio na escada retorcida. Os degraus tornaram-se menores à medida que descia, cada um menor que o anterior. Precisava andar de lado para não cair. Finalmente, percebi onde estava. Dirigia-me à cisterna maior, um poço tão enorme que cinquenta homens poderiam lhe dar a volta ombro a ombro e ainda sobraria espaço para se esticar. No inverno aquele poço era enchido com os aquedutos de Herodes, até tornar-se um lago usado para abastecer as nossas casas de banhos e os barris de água. Agora, no entanto, o nível estava perigosamente baixo. Havia apenas uma pequena piscina verde concentrada no meio do poço, orlada de pedras afiadas. Uma única lâmpada fora colocada sobre uma pedra e o azeite em fusão flutuava como um líquido ambarino. Olhei através do que era sombra e luz bruxuleante em igual medida. Sentia um frio tão forte que era como se tivesse me transportado para a terra de gelo que o Homem do Norte tantas vezes mencionara, um lugar onde um guerreiro poderia congelar até os ossos em instantes.

Via-se o brilho de carne na água e os movimentos convulsivos de um frenesi sexual. Estremeci e pensei em monstros, pois quem senão os crocodilos escorregariam na água assim por prazer? Mas, certamente, monstros não se abraçavam com tanta paixão, nem se beijavam na boca, nem usavam a carne de homens e mulheres. Os dois na água eram os dois escuros, as suas trevas se juntando quando se tornaram um. Quando se separaram um do outro só pude ver as costas e os ombros largos do homem, mas notei que a mulher usava um amuleto de ouro em torno do pescoço e que seus olhos, tão escuros na água, eram semeados com o pó de lápis-lazúli, uma sombra que algumas pessoas juravam ser a cor do céu.

Permaneci parada contra a parede e tentei não respirar. Acabara de tropeçar em algo que era melhor deixar em paz. Agora tropeçava ainda mais enquanto me atirava pelos degraus em uma tentativa de fugir. Uma pedra deslocou-se e caiu na água. As ondulações formaram um círculo brilhante quando a pedra foi engolida pela piscina. A mulher na cisterna atraiu o seu amado para si. Nesse instante vi sua garganta e os seios. Ela era marcada por tatuagens de hena, uma prática não permitida entre o nosso povo, a menos que a mulher fosse uma *kedeshah*, uma não ungida, disposta a oferecer seu corpo como um sacrifício e como uma bênção aos sacerdotes.

O nadador virou-se e olhou na minha direção, vendo através das sombras. Nossos olhares se cruzaram, como uma gazela olhando nos olhos do caçador, embora quem fosse a presa e quem o caçador eu não pudesse dizer. Rapidamente recuei mais uma curva. Meus netos haviam me ensinado a linguagem do silêncio. Não precisava de palavras que me dissessem que a Bruxa de Moabe era como qualquer outra mulher. Ela puxou o amante mais para perto, envolvendo-o com braços protetores, para garantir que eu não visse seu rosto. Não importava. Eu sabia quem ele era pela forma que a luz caía nas suas costas, como se ela tivesse sido atraída para a luz no interior dele, que brilhava e fazia que os homens o seguissem, como se não tivessem escolha.

Eu gostaria de poder apagar o que vira. Só queria pedir um favor a Shirah e descobrira muito mais do que esperava. Subi pela escada o mais rápido que pude. Embora já não fosse nova, fugi como uma jovem. Passou-me pelo pensamento correr por todo o caminho de volta para casa, mas os nossos olhares haviam se encontrado; não haveria como esconder esse fato uma da outra depois do encontro. Se não enfrentamos algo, isso nos perseguirá, seja como for. Se aprendera alguma coisa no tempo que passara no deserto, era que, depois de começar a correr, nunca mais se consegue parar.

Esperei na porta dela, ansiosa pelo que aconteceria em seguida. Inimigos se criavam por razões muito menores do que eu chegara a conhecer, e uma mulher que praticava o *keshaphim* não era uma inimiga fácil de enfrentar. Eu sabia demais, mas não sabia nada. Talvez aquilo me fizesse a mais perigosa das duas no momento. Se eu tivesse algum dom afinal, era a capacidade de ver as sombras. Avistei uma naquele momento cruzando a praça; se semicerrasse os olhos veria um corvo querendo voar, mas preso em uma armadilha, impedido de deixar a terra.

Seu cabelo preto comprido pendia-lhe às costas, molhado e solto, perfumado com a fragrância do lírio. Nós nos enfrentamos à meia-luz lançada pela lua. Notei que até mesmo uma bruxa poderia corar, especialmente uma que fora descoberta nas profundezas de um poço. Um tremor passou pelo semblante escuro de Shirah, não exatamente de vergonha, mas de rendição.

– O que é que você quer de mim? – perguntou ela, resignada.

Pensei nas pombas, como nunca nos encaravam e sempre desviavam o olhar para baixo. Ao contrário dessas criaturas tímidas, Shirah olhava para mim, os olhos em chamas, convencida, ao que parecia, de que eu pudesse usar contra ela o que acabara de descobrir.

– O que você faz é da sua conta – assegurei-lhe. – Nem sequer me lembrarei desta noite.

Viera em busca de um favor e foi isso o que pedi. Abaixei a cabeça e inspirei a fragrância do lírio enquanto implorava a única coisa que o meu genro queria neste mundo. A devolução da voz aos meus netos.

– O que a faz pensar que eu possa fazer a obra de Deus?

Shirah era destemida, mesmo agora que eu sabia o suficiente para destruir sua reputação e sua vida. As mulheres que cometiam adultério na maior parte das vezes eram expulsas, tinham o cabelo cortado rente ao crânio, os bens confiscados, os filhos arrancados da sua guarda. Não era sua bravura prova suficiente da sua força? Ela era a razão pela qual o conselho deixara Yael em paz. Haviam aparecido uma vez, com perguntas sobre o nascimento de Ariele. Shirah fechara a porta do pombal e entoara uma oração até que fossem embora. Se era capaz de trazer as crianças ao mundo, lutando contra Lilith quando a deusa tentava reclamá-las, então certamente poderia ajudar dois meninos pequenos a recuperar a voz. Para convencê-la, eu teria de romper o silêncio. Fiz isso curvando a cabeça enquanto contava a minha história, tendo em mente a

imagem do Homem do Vale envolto em tiras de metal e marcado pelo próprio sangue. Enquanto falava, o passado envolveu-nos como as trevas se acumulavam nos cantos do mundo. Mencionei o jasmim que crescia na borda do lago e as marcas de queimadura na pele da minha filha. Seguiu-se o anjo que me sussurrara na padaria, então o demônio que me permeara quando tomei da faca do soldado contra a minha natureza em carne e sangue, por fim o fantasma do meu marido, assegurando-me de que teríamos no caminho todo o pão de que precisássemos para nos alimentar.

Shirah recuou, o rosto pálido. Agora apenas ela e Deus sabiam como eu matara aquelas bestas que se abateram sobre nós, a alegria com que os vira beber até a morte, o prazer terrível que sentira ao cortar suas gargantas. Tirei a túnica para que me visse melhor e soubesse em que havia me tornado. Não era a esposa do padeiro, a avó ou a mulher que cuidava das pombas, alimentando as aves enfermas com colheradas de água de cevada, protegendo-as durante a noite. Era uma assassina. Segurei a lâmpada sobre a palma da mão para que Shirah visse exatamente o que estava à sua frente. A marca da morte.

Sentia-me desgastada e exausta. As palavras tinham feito isso comigo, torcendo meu coração enquanto se derramavam, caindo como pedras sobre o calçamento. Talvez meus netos tivessem a sorte de ser mudos, protegidos contra as histórias da própria vida. Shirah puxou-me para perto e em seu abraço senti-me como uma criança que vira demais, observando através da cachoeira, horrorizada, o que um animal era capaz de fazer a um ser humano e no que um ser humano poderia então se tornar.

– Para todo mal há uma cura – disse Shirah suavemente. – Qualquer mãe defenderia a filha. Seria um pecado não fazer isso, um crime além de tudo o que foi escrito. O que você fez foi por amor.

Contra minha pele febril, sua carne era deliciosamente fresca. Ela me confidenciou que a água era o seu elemento e fora assim desde que era criança, por isso eu a encontrara na cisterna. Sua mãe a levara a um rio e ela descobrira que sabia nadar sem nunca ter aprendido. O que era perigoso para uma pessoa era a misericórdia para outra. O desejo do meu genro não era uma tarefa impossível, assegurou-me, mas seu preço era a paciência. Esperar e ter fé, ela insistiu. Capture um demônio e quebrará o encantamento. Ofereça a gratidão a um anjo e ele devolverá as vozes que foram tiradas para impedir que as crianças gritassem quando estavam escondidas atrás da cachoeira. Era para eu rezar todas as noites para Beree, o anjo da chuva. Esse anjo era calado, assim como meus netos, por isso não deveria esperar resposta, pelo menos imediatamente.

– Sei o que seu genro deseja – disse Shirah então. – Mas e quanto a você?

– O desejo dele é o meu – assegurei-lhe.

– Não. – Ela não estava convencida. Fitou-me bem e senti a garganta apertar, talvez para conter a verdade. – Há algo mais.

Shirah levou a minha mão à boca. Antes que pudesse pensar em me afastar, ela beijou o centro da minha palma. Naquele instante deixei sair a verdade, o que escondera dela, de Deus e de mim mesma. Rompi com um soluço trêmulo. Os soldados tinham agido como animais e fora um prazer para mim matá-los, mas eles também eram homens. Haviam caminhado sobre a terra e sob o céu. Aquele que me implorara fora o único que permanecera comigo, pois pedira algo que agora eu desejava também.

Eu queria ser perdoada.

– Sempre foi assim aos olhos de Deus – Shirah me disse.

Ela deixou que o manto escorregasse dos ombros para que eu pudesse avaliar em sua pele todas as tatuagens vermelhas proibidas que antes espionara na cisterna. Eu sabia o que representavam: lealdade à deusa, uma vida dedicada ao serviço, o mais profundo sacrifício de uma mulher, desprezada pelo próprio povo.

– Eu deveria me julgar? – arriscou-se a perguntar. – Ou deixar isso ao Todo-Poderoso, que perdoa todos nós por sermos o que Ele nos fez?

Debaixo da amoreira, ao lado do meu genro, eu quase chegara a renunciar à minha fé. Quem estaria em posição de avaliar as minhas provas e transgressões? Quem teria o dom de curar uma ferida impossível de ser cicatrizada? Shirah provara a minha tristeza e confiara em mim o bastante para se revelar em troca. Se ela pudesse, e Deus permitisse, seria atendido o desejo que meu genro trazia no coração.

Talvez então eu conseguisse me perdoar.

PRATIQUEI a paciência durante todo o mês de *Tishri*, pois não manifestava essa virtude com facilidade. Na verdade, a paciência nunca me fora suficiente no passado. Se tivesse paciência, meus netos teriam ficado ao lado do lago de água verde quando os renegados nos encontraram, esperando como ovelhas para serem abatidas. Se tivesse paciência, os assassinos da minha filha ainda estariam andando sobre a terra. Pensei no meu marido e em como ele esperava a massa crescer, sem nunca se apressar para colocar os pães no forno. Ele sabia o

momento exato de tirar as coberturas de linho dos pães crescidos, quando introduzir a tábua de madeira no forno em brasa. Era como se fosse tanto a *challah* como o criador, e, portanto, compreendesse seu mistério de dentro para fora.

Comecei a observar o escravo mais atentamente. Ele também era um homem profundamente paciente. Esperava sem reclamar todas as noites, acomodado sobre as pedras do pombal, aguardando pelo retorno de Yael no dia seguinte, tão calmo como as pombas que esperavam pelo nosso retorno. Mas eu reparava no calor dos seus olhos claros; ele não conseguia esconder isso. Até mesmo a sua paciência tinha limite.

A estação do ano era inclemente e o calor não se dissipara. Eu tinha dificuldade para pegar no sono, embora as outras pessoas sob o meu teto dormissem bem, incluindo Arie, já com mais de dois meses de idade, um menininho saudável e tranquilo. Uma noite em que arrumava o nosso alojamento, colocando palha nova nos estrados de dormir, olhei para fora, atraída por um movimento ao lado da porta. Notei uma sombra, como fizera no oásis quando as manchas sombrias dos soldados projetaram-se sobre a areia. Esse era o meu talento. Era capaz de observar o que mal começara a se manifestar aos olhos: os homens ferozes no alto da montanha, um rato em um canto, a mulher encontrando-se com seu amante, o frasco de veneno atrás dos potes de especiarias, a forma fugidia de um homem esgueirando-se no lado de fora do nosso alojamento. Pensei que se tratasse de um espírito ressurgido que caminhasse entre nós, depois de ter abandonado o corpo entorpecido. Mas, não, era uma pessoa de carne e osso.

QUANDO o reconheci, entendi que o Homem do Norte não era tão paciente quanto eu imaginara. Quem sabe isso se aplicasse a todos os homens. Então me lembrei de que realmente havia dias em que o padeiro amaldiçoava os fornos por serem lentos, quando tirava os pães das prateleiras antes de estarem totalmente resfriados. Até mesmo a pessoa mais paciente entre nós tem um ponto de limite. Nessa noite, quando vi a figura esgueirando-se ao longo da parede, concluí que chegara esse momento para o escravo. Ele usava um lenço na cabeça para se disfarçar, mas qualquer um diria que não era um de nós. Seu cabelo louro brilhava. Podia-se pensar que um homem do mundo do gelo tivesse pouco sentimento, mas esse não era o caso. Quando lhe batesse a impaciência, era como o gelo aquecido, pronto para derreter.

O Homem do Norte teve a sorte de só ser visto por mim. Qualquer outra pessoa que o descobrisse cairia sobre ele imediatamente e, mesmo que se

rendesse no mesmo instante, se a pessoa decidisse matá-lo o teria feito sob seus direitos legais. Acenei-lhe para que se fosse, batendo palmas, como faria para afugentar ratos. Ele se colou contra a parede, mergulhando na escuridão, desaparecendo, como se fosse o personagem de um sonho. Mas, ao contrário de um sonho, ele deixou sua marca. Quando à meia-luz me aproximei da parede e passei a mão sobre as pedras, encontrei-as quentes ao toque no lugar em que ele esperara, motivado pela impaciência perceptível em todo homem apaixonado.

Na manhã seguinte, enquanto acompanhava Yael pelo campo, ela seguia com a atenção voltada para o pombal, onde a sombra que a espreitava habitava. Eu andava em um ritmo mais lento que o dela e notei sua impaciência quando me pediu que me apressasse.

– As pombas não podem esperar? – perguntei.

Ela corou e começou a mexer com o bebê que carregava no quadril.

– Meu querido – disse ela, cobrindo-lhe os olhos e esfregando a pele macia sob o queixo de Ariei.

– Existe uma razão para você estar tão impaciente? – insisti com ela.

Yael fitou-me hesitante. Percebi a mentira se formando antes mesmo de ser declarada.

– Não estou com pressa – ela respondeu, mas seu olhar dizia o contrário.

Foi então que entendi que fora ela a pessoa que deixara as correntes do escravo destrancadas.

Ela o estava tratando como um homem.

Eu falei que tinha uma pedra presa na sandália. Parei para tirá-la, dizendo que não poderia andar com uma pedra na sandália mais que um escravo poderia tornar-se um de nós. Olhei para Yael, que me pareceu nervosa, irritada com o comentário.

– Acha mesmo que ele vale menos que nós? Que não é nada mais que uma pedra?

Dizia-se que os anjos procuravam os seres humanos para confortá-los. Como deveriam ser solitários, trancados no silêncio de seu mundo. Mas um ser humano ardia entre seus braços, com o corpo em chamas, e a bondade de tais criaturas poderia tornar-se maldição. Ali naquela montanha a indiscrição de Yael seria considerada traição.

– Se o encontrarem solto, vão matá-lo – avisei. – Se você soltá-lo, estará facilitando a morte dele. Acha mesmo que ele fará o que mandarmos se estiver sem as correntes? Ele vai querer mais, como qualquer outro homem.

Yael admitiu em voz baixa que o Homem do Norte comentara sobre os seus planos de fuga. Ele sabia de outros que conseguiram escapar. Vários de seus companheiros recrutas tinham abandonado a legião e depois atravessaram o Grande Mar, no entanto muitos haviam desaparecido depois de chegar a Jerusalém. Fiquei em silêncio, imaginando se ele poderia ter conhecido os animais que nos atacaram, talvez os tivesse considerado amigos.

Quando o Homem do Norte fazia seus discursos inflamados sobre a liberdade, eu desconfiava que ele estivesse tentando convencer Yael a fugir também. Ele insistia em que os romanos logo cairiam em cima de nós – e era verdade que avistávamos cada vez mais espiões na região. Em pouco tempo seríamos escravos, o Homem do Norte afirmava. Mas talvez ele tivesse esquecido que, se Yael deixasse o pombal, não estaria sozinha. Ela me dissera que jamais voltaria ao deserto, onde havia deixado ossos sob pilhas de pedras, brilhando muito brancos no calor, restos do homem que amava.

Eu sabia sobre o leão que a mordera e possuía. Ela divagara sobre ele quando parara nos degraus da escada para respirar na noite em que dera à luz seu filho. Embora nunca mais voltasse a falar sobre isso, eu sabia que ela não pretendia levar outro leão ao deserto. Se o Homem do Norte estivesse planejando fugir, teria de fazê-lo sozinho.

Não fiz mais nenhum comentário quando os vi trabalhando juntos. Virei-me quando ele lhe entregou um cobertor e um saco de pele de cabra com água. Ela não era minha filha, embora lhe tivesse permitido usar os bens do padeiro, os frascos de coentro e de cominho, as colheres de madeira, o avental que ele amarrava na cintura. Eu chorara sobre essas coisas antes e o faria de novo, não importando se Yael arruinasse ou não o que restara de sua vida servindo ao escravo. Ela devia tratá-lo como uma simples pedra na sandália. Em vez disso, ela o via como homem.

Quando eles saíram para ir ao que restava dos pomares, árvores que não tinham sido cortadas para lenha e ainda davam frutos, o falcão os acompanhou, dedicado, não se desviando do topo da montanha. Observei suas sombras se estenderem por todo o campo e depois desaparecerem quando uma nuvem passou no alto. Tive certeza de que esse era o sinal da infelicidade próxima. Talvez já não acreditasse na bondade e desconfiasse dela. Passara a considerar a

compaixão como uma faca nas mãos dos anjos do infortúnio.

EM UMA NOITE de *shabat*, o conselho anunciou que não traria mais recrutas ou escravos para a fortaleza depois de uma batalha, mas, em vez disso, os mataria, juntamente com seus senhores. Vários recrutas romanos tinham sido capturados e já trabalhavam com os burros que carregavam os barris de água. Mal havia comida suficiente para os moradores, não podíamos alimentar mais bocas. O que era um escravo senão uma pedra?, o povo murmurava. Exatamente como eu dissera. Observei Yael atentamente após a proclamação; ela franziu a testa e olhou para o conselho alarmada, enquanto os escravos entre nós eram denunciados.

– É um pecado manter as pessoas assim – disse-me ela, em um evidente impulso de emoção, quando saímos da praça.

– Imagino que não vai ouvir a minha recomendação – murmurei.

Ela riu e enlaçou o braço no meu.

– Vou ouvir – ela me garantiu.

– E depois vai fazer o que quiser – observei.

Rimos juntas, então me mantive em silêncio, porque percebi o quanto temia por ela naquele mundo perverso. Embora não fosse minha filha, eu me preocupava como se fosse.

NA MANHÃ seguinte, vi que Yael trouxera um arco e várias flechas para o Homem do Norte, uma para cada uma das sete irmãs que se reuniam como estrelas no céu. Ela escondera tudo sob a túnica, mas reconheci a forma da arma pela sua sombra quando ela a guardou debaixo de um monte de palha. O arco era um que o irmão dela carregara. Quando ele desse por falta dele, questionaria os amigos no quartel e nenhum se lembraria de tê-lo visto desde sua visita recente à irmã. Essa fora a sombra que eu vira sobre o campo enquanto o gavião pairava acima deles. Ela se dispunha a fazer demais por um homem que não significava nada nessa montanha e não deveria significar nada para ela também.

– Não me diga quando vai acontecer – ouvi-a dizer quando estava ao lado dele. – Chegarei uma manhã e você terá ido embora.

O Homem do Norte estava ciente de que tinha um rival, mas, ao contrário da maioria dos pretendentes, não estava com ciúme. Ao contrário, adorava o concorrente, nosso pequeno leão. Poderia ter-se ressentido de Ariei pelas alegrias que proporcionava à sua mãe em seus braços, mas em vez disso ficava feliz em

ajudá-la a divertir o filho, levantando-o para ver o falcão acima de nós. Ele assobiava de um modo que fazia o pássaro mergulhar, o que levava o bebê a jogar a cabeça para trás e rir. Com frequência, o escravo relacionava os nomes das coisas em sua própria língua áspera, tentando ensinar Ariei como dizer *pomba* e *falcão*, e também *mãe* e *neve*, como se convencido de que a criança pudesse um dia viver naquela terra fria de onde viera e falar como ele.

– Está desperdiçando seu tempo – avisei enquanto ele apertava Ariei nos braços e, em seguida, jogava-o no ar, até que a criança se derretesse de tanto rir.

Então um dia ele disse à criança o seu nome. Trabalhávamos tão próximos uns dos outros que todos entreouviam. Era Wynn, uma palavra áspera que ficava presa na garganta. Shirah e Aziza trocaram um olhar, surpresas com o fato de o escravo se revelar assim. Ele se dirigira a Ariei da maneira que um homem falaria ao próprio filho. Eu sabia que o momento de sua partida chegara. Um escravo nunca pronunciava o próprio nome em voz alta; depois de ser capturado, não deveria dizê-lo enquanto não entrasse no outro mundo. Seu nome era para ser uma palavra conhecida apenas pelos parentes que o esperavam e por fosse qual fosse o Deus que ele venerava.

Apenas um homem livre correria esse risco.

Todas as noites eu esperava, segurando o bebê, enquanto Yael se abaixava dentro do pombal e abria as correntes. Era um cadeado simples; a chave ficava pendurada em um gancho martelado na parede do pombal. E ainda assim demorava algum tempo antes de Yael surgir, alisando o cabelo. Ninguém mais espionaria sua sombra, nem saberia como era atraída para aquele homem, mas as sombras eram o meu dom. Porque ela não era minha filha, eu ficava com o bebê, zangava-me, mas não dizia nada.

Essa era a época do ano em que a noite chegava mais cedo, lavando todo o céu para inundar os cantos do horizonte. Todas as noites em que Yael deixava o escravo, sua expressão era sombria.

Ela explodiu na noite em que se divulgou um decreto informando que as rações seriam reduzidas a metade e que não haveria mais água pura para os animais ou escravos.

– Ninguém deveria ser tratado dessa maneira.

– Seria melhor se o matassem? – perguntei.

– Quando os homens agem como animais, se tornam como eles – ela

respondeu.

Eu não poderia negar isso, então deixei passar.

– Este é o mundo em que vivemos – murmurei, e ela pegou a minha mão, como se fosse realmente minha filha.

Yael não estava sozinha na sua infelicidade. Todos sentimos as limitações da montanha, a falta de alimentos, a inveja por ninharias. Muitas das ovelhas e cabras valorizadas pelo leite foram mortas por necessidade. As pessoas estavam passando fome. Os brotos das videiras murchavam com as rajadas de calor, transformando-se em cinzas, como se dizia que as frutas se tornaram na cidade arruinada de Sodoma.

O conselho permitiu que um grupo de viajantes se instalasse no campo distante, para além da casa dos essênios no celeiro de cabras. Eram nômades que tinham as mãos de azul e falavam em sua língua, mas trouxeram consigo seus animais para compartilhar conosco, embora não tivéssemos nada a ver com os porcos que criavam. Eles também tinham sido expulsos pelos romanos. Algumas de suas mulheres, as que haviam sido violadas pelos soldados, tinham aberto talhos profundos nas palmas das mãos e nas solas dos pés, para que a tristeza lhes saísse do corpo.

Quando partiram de volta ao deserto, pois seus rebanhos necessitavam de pastagens, encontramos um bebê que resultara da união forçada de um soldado romano com uma de suas mulheres. O bebê fora sufocado, depois deixado embaixo de uma amendoeira, os joelhos contra o peito, os bracinhos dobrados, como se dormisse em paz, resgatado da dureza do mundo. Yael ficou ao meu lado e chorou. Ela vira duas filhas-noivas da mesma tribo enterradas em seu caminho no deserto. Disse que estavam de mãos dadas, para poderem seguir juntas para qualquer que fosse o mundo que as esperava.

Muitos dentre nós desejavam que pudéssemos fugir e encontrar um caminho de volta para as cidades e vilas. Mas não havia nada para onde voltar. Nossas casas tinham sido queimadas, nossas cidades, destruídas. Imaginei se Yael queria poder escapar e atravessar o deserto, o Grande Mar, em direção ao mundo em que a neve era uma ocorrência diária em vez de um milagre.

Vi meus netos brincando perto da muralha como sombras filtradas através da escuridão crescente. Minha garganta se fechou como sempre acontecia quando os observava. Pensei no bebê sufocado e depois deixado ali, com cuidado e carinho, para descansar. Yael enroscou o braço no meu, pois passávamos todas

as noites juntas. A primeira estrela apareceu acima de nós, aquela que diziam ser a lanterna de Astarte, que arde com tamanho brilho que lhe permite cruzar o céu quando todos os outros estão presos na escuridão.

*

AS SENTINELAS o capturaram em uma noite do mês de *Cheshvan*, quando o ar estava vitrificado de frio. Era o início da estação chuvosa, a época do ano em que vivíamos sob o signo do escorpião, que trazia transtorno e tristeza, o período das inundações. No entanto, o céu pairava sobre nós como uma tigela vazia, deixando cair as trevas e nada mais. Não houvera chuva e todos sabíamos que isso era um sinal de que o nosso povo não contava com o favor de Deus.

Os guardas caíram sobre ele quando atravessava o campo em que as árvores erguiam seus ramos para o alto, desesperadas de sede. Estava próximo da parte da muralha que contornava o alojamento, o local onde deixara sua marca de calor sobre as pedras na noite em que o vira esperando, talvez com paciência, certamente com desejo.

Não falamos sobre isso, mas todas sabíamos que, caso estivesse se dirigindo para o Portão da Serpente a fim de tentar a fuga, não teria vindo naquela direção. Só havia uma razão para ser preso no jardim das cebolas, onde morava o escorpião, e essa razão era Yael. Talvez ele tivesse se convencido de que, se lhe falasse mais uma vez, e se as palavras fossem fortes o bastante, conseguiria que penetrassem sua determinação e ela, quem sabe, se dispusesse a nos deixar.

Só viemos a saber que fora capturado pela manhã. Soprava uma brisa forte que trazia o cheiro da mirra e também do perfume do cipreste, lembrando-me do vale em que vivera no passado. Costumávamos ter chuva nesse mês, mas até agora nenhuma gota caía, embora os sacerdotes orassem por tal ocorrência três vezes ao dia. As pessoas se lembravam das histórias da grande seca, quando um sábio chamado Honi atraía a chuva e salvara o nosso povo. A situação justificava um milagre e pedia a voz de alguém que pudesse ser ouvido ao clamar a Deus.

Ao saber da notícia da prisão do escravo, Yael apoiou-se contra a parede do pombal, como se tivesse levado um golpe, e não fosse capaz de ir adiante. O bebê, que estava amarrado a ela, remexeu-se no sono e fez menção de choramingar. Rapidamente, Yael acariciou-lhe o cabelo escuro para acalmá-lo. Qual seria um sonho de criança? Leite e amor, a linguagem dos cuidados da mãe, a voz de um homem que nasceu na neve? Esse é o tipo de sonho que nunca se terá novamente. Nosso descanso é formado pela vida que levamos em vigília e a

vida em vigília é formada pelas nossas tristezas.

Ninguém nos disse onde o escravo estava, mas, quando vimos o falcão circulando o alto de uma torre, soubemos que era para lá que o tinham levado. Teriam acabado com sua vida, mas não valeria a pena o esforço. Se o deixassem em paz, trancado e esquecido, morreria por conta própria. Vi o olhar de Shirah voar na direção de Yael, que naquele momento se esforçava para não revelar nenhuma expressão. Nenhum estranho diria que ela sentia mais do que todas nós, a não ser que percebesse que ela se tornara tão pálida que as sardas de sua pele se destacavam como uma tela respingada de sangue.

Mantivemo-nos reservadas naquele dia, lamentando a ausência do escravo, com os nervos à flor da pele e à espera da pior notícia. Eu mesma não esperava sentir a falta dele com tanta intensidade como senti. Ele era um homem corpulento e ocupava tanto espaço que o pombal agora parecia completamente vazio sem a sua presença. As aves mostravam-se instáveis; haviam poucos ovos a ser encontrados e os que descobrimos na palha tinham manchas escuras tingindo a casca azul-acinzentada, um mau presságio. Fizemos a nossa refeição do meio-dia juntas no jardim atrás do pombal, em silêncio, dando pequenas mordidas nos bolos de cevada frios com azeite de oliva, enquanto esperávamos pelo que aconteceria em seguida. Era como se uma pedra tivesse caído na água e cada círculo que se espalhava mudasse a maré da nossa sina ao longo do curso de um destino inevitável. O dia de hoje não era como o que viera antes; amanhã seríamos levadas para ainda mais longe do mundo cotidiano com que nos acostumáramos.

Quando os guardas chegaram para nos interrogar, como sabíamos que viriam, dissemos que ficáramos chocadas com o desaparecimento do escravo. Não tínhamos ideia de que ele aprendera o truque de destravar as correntes ou que soubesse como abrir o ferrolho da porta. Shirah encontrara uma lingueta de aço torcido que rapidamente curvou para que se parecesse com uma chave. Entregou-a aos guardas, sugerindo que talvez fosse dessa maneira que o escravo conseguira escapar. Olhou rapidamente para Yael, a quem se esforçava para proteger contra a investigação. De novo, o rosto de Yael estava em branco.

Fomos em frente, dizendo mais, cacarejando como galinhas, insistindo que pensávamos que homens do norte eram obstinados e estúpidos, incapazes de planejar uma fuga.

– Mas vejam como ele foi inteligente – Shirah disse aos guardas, balançando a cabeça – para fazer uma chave de quase nada.

– Ele vai morrer de fome em breve – disse um dos guardas, talvez acreditando que fosse a notícia que quiséssemos ouvir.

Shirah perguntou se uma de nós poderia falar com o prisioneiro, dizendo que ele inventara um ancinho que era útil e que queríamos aprender os seus métodos para poder fazer uso da ferramenta por nossa conta. Yael fitou-a com gratidão, ciente de que essa disposição seria uma oportunidade de levar comida e água para a torre. Havia apenas uma pessoa que poderia permitir esse encontro, o nosso líder, Ben Ya'ir.

– Informem-lhe do nosso desejo – disse Shirah sem hesitação. – Ele será generoso conosco.

Mas Ben Ya'ir partira para o deserto com seus guerreiros, não deixando um segundo em comando a não ser os anciãos, e eles certamente não ouviriam os apelos de Shirah ou mesmo permitiriam que passasse por suas portas.

Fomos informadas de que somente uma pessoa seria capaz de convencer as autoridades de que o Homem do Norte merecia receber um visitante – a esposa de Ben Ya'ir, Channa, a mulher morena que morava na área inferior do Palácio Ocidental, uma casa com afrescos criados pelos pintores de Roma. Ela detinha parte da autoridade do marido quando se tratasse de assuntos domésticos, ouvindo queixas sobre a distribuição de espaço ou de trabalho entre as mulheres. Ela era respeitada ainda que se mantivesse distante de todos os outros. Durante alguns dias, em determinadas ocasiões, ela se recusava a abrir a porta; sua ração de comida era levada até ela e então deixada no lado de fora da sua porta, a água que lhe cabia disponível ao lado de seu jardim, em baldes e recipientes de pele de cabra. Ela se aventurava a sair à noite e às vezes era vista na Praça Ocidental, os lenços esvoaçantes enrolados em volta do corpo assemelhando-se a uma mortalha, o rosto afilado contrito como se estivesse de luto, embora não tivesse perdido ninguém. Ela era um mistério e uma sombra, mas mais que tudo eu entendia de sombras.

Quando dissemos o que queríamos, o guarda perguntou qual de nós visitaria a esposa de Ben Ya'ir. Senti a hesitação das outras, e até mesmo Shirah virou-se para o lado, com medo de tal encontro. Vi-me oferecendo-me para ir. Era a mais velha e por isso era o meu dever. Mas havia mais que isso. Eu era a adivinha das sombras que tinha aprendido a não mostrar o que ia por dentro. Poderia fingir ser viúva de um padeiro, uma mulher simples, e tinha talento para o disfarce que poderia ajudar nessa tarefa. As outras mulheres me fitaram, gratas pela minha oferta, cada uma com seus próprios motivos para não querer ir ao palácio.

No momento de sair, por impulso, decidi levar Ariei comigo. Tive uma premonição. Pensei ter ouvido uma voz dizer o seu nome. Talvez o anjo que me visitara na padaria estivesse ao meu lado novamente. Talvez o mesmo que me instruíra a pegar o frasco de veneno agora murmurasse que essa criança poderia ser a chave para destrancar a porta da prisão.

– Quem negaria um sorriso a Ariei? – disse a Yael. – Que mal pode fazer?

A esposa de Ben Ya'ir poderia ter interesse no bem-estar dos pombais se também tivesse uma queda pelo bebê. Se assim fosse, quem sabe nos permitisse visitar um homem que nada mais era que uma pedra, mas que mesmo assim nos confiara seu nome.

QUANDO BATI na porta do palácio, a esposa do grande homem foi rápida em gritar *Vá embora*. Voltei a bater. Muitas vezes precisava ir cobrar clientes que se esqueciam de pagar ao padeiro e não desistia facilmente quando diziam para eu ir embora. A porta da casa grandiosa era feita de cipreste vermelho, o que considerei um bom presságio. Diziam que a nossa cidade no Vale dos Ciprestes fora abençoada pelo anjo Miguel; talvez a madeira usada na porta tivesse vindo da nossa floresta e, portanto, também fora abençoada. A bisavó da minha mãe poderia ter caminhado embaixo dos ramos daquela árvore muito antes de ser cortada pelos construtores do rei Herodes.

Ariei contorceu-se nos meus braços. Um vento soprou e em um instante senti um calafrio. Talvez tivesse cometido um erro em trazer o bebê, pois ele era sempre tão bem-humorado e calmo. Agora, com a luz do dia diminuindo, ele se remexia como nunca. Pensei que uma mulher jamais poderia saber se fora um anjo que lhe pedira ou se um dos demônios de Lilith lhe sussurrara ao ouvido.

Apesar de insegura e preocupada de que tivesse cometido um erro, bati novamente. Não havia sombras porque as nuvens passavam correndo; talvez fosse isso que tinha me levado ao erro. Eu era capaz de interpretar muito melhor as sombras do que a carne e o sangue.

A esposa de Eleazar ben Ya'ir abriu uma fresta da porta, suficiente para espreitar o lado de fora. Ela era magra e morena, e tinha uma expressão aborrecida.

– Não tenho tempo para você – me disse ela.

Ela teria partido com a desculpa, e talvez conseguido me mandar embora, mas seu olhar recaiu sobre o bebê nos meus braços. Ele sorriu para ela, a marca afogueada na sua bochecha dificilmente perceptível na penumbra da porta.

Parecia a marca de um beijo.

– Quem é esse que veio me chamar? – a esposa de Ben Ya’ir perguntou, seu interesse despertado.

– Esta é uma criança cuja mãe precisa de um favor seu – respondi.

Channa estava distante novamente.

– Não tenho nenhum favor a conceder. É meu marido quem você quer, não eu.

Quando ela respirou, ouvi um som áspero. Perguntei-me se a dificuldade de inspirar o ar era a razão pela qual muitas vezes ela se fechava e raramente era vista entre as outras mulheres. Ela se virou e tossiu, expelindo sangue, que escondeu de mim em seu lenço. Mas eu vi a sombra da mancha. Era evidente que ela sofria de uma doença respiratória, do tipo que forçava a pessoa a abandonar o ar livre. Cada respiração ficava retida dentro da gaiola das suas costelas e não podia ser liberada. Permanecia ali, chacoalhando, como pães secos presos em uma rede.

– Talvez eu tenha um favor a lhe conceder – eu disse.

Meu marido muitas vezes convencia os fregueses a comprar mais pães do que inicialmente pensavam ser necessários. *Você nunca passará fome*, dizia-lhes. *A sua mesa será invejada por todos*. Sempre era possível chegar a um acordo. Se na padaria era sempre assim, por que não na porta do palácio?

A esposa magra e morena de Ben Ya’ir me fitou, desconfiada. Seus lábios estavam brilhantes de sangue.

– Ninguém pode me ajudar.

Assegurei-lhe que alguém poderia. Gostaria de oferecer a prova de que, para cada doença, havia realmente uma cura. Quando me virei para sair, Channa disse-me para trazer o bebê se fosse voltar. A minha previsão estava correta. Ele era a chave da porta que permitiria ao Homem do Norte escapar daquela situação.

ENCAMINHEI-ME diretamente ao alojamento de Shirah e sentei-me à sua mesa. Compartilhamos um chá feito da raiz seca do hissopo. A água fervida tingiu-se de azul-celeste. Havia um prato de frutas secas, passas e figos. Os meus netos ficaram no pátio com Adir, o filho de Shirah, juntamente com o menino dos essênios, Yehuda, o filho de Tamar que se tornara grande amigo de Adir, embora seu povo ordenasse que mantivesse distância e se concentrasse nos estudos.

Todos se revezavam para rodar o pião, portanto tivemos privacidade.

– Ela falou com você? – Shirah tentava parecer desinteressada do assunto, mas seu olhar era intenso. – Ela tranca a porta para a maioria.

Perguntei-me como era possível que os outros não vissem a verdade como eu via. Será que não tinham reparado na cor incomum dos olhos de Aziza? A sombra não era diferente do Mar de Sal, mudando com o seu humor, uma hora cinza, outra verde, depois escura como pedra. Apenas outra pessoa tinha esses olhos. Ante a menção da esposa de Ben Ya'ir, Shirah foi atingida pela dor. Quando mencionei a doença de Channa, no entanto, ela não pareceu surpresa.

– Quando o hissopo floresce, ela só pode sair à noite, momento em que as flores se fecham e seu perfume evapora – Shirah informou-me. – Ela tem os mesmos horários que os ratos.

Shirah tomou um gole de chá, feito da flor que causava o mal da esposa de Ben Ya'ir. Ela me pareceu gostar muito do sabor acentuado.

– Não sabia que você a conhecia.

Shirah riu sombriamente.

– Nunca estive com ela.

Pensei em como era possível Shirah não conhecer essa mulher, mas ainda assim estar familiarizada com os detalhes mais íntimos de sua vida. No nosso mundo, um homem casado podia deitar-se com uma mulher solteira e ninguém pensaria o pior a seu respeito por isso; ele poderia ser obrigado a pagar à família da mulher pela sua vergonha. Mas a mulher que se entregasse a um homem não teria direitos legais. Até mesmo seus ossos seriam condenados a jazer sozinhos se ela fosse condenada por qualquer crime; ela seria expulsa e deixada insepulta, para que nunca encontrasse descanso entre os da própria espécie.

– Channa tem o poder de abrir a porta da prisão – lembrei a Shirah. – Ela poderia estar disposta a fazê-lo em troca de um remédio.

– Então pagamos o carcereiro – Shirah disse de mau humor. – É isso que você quer de mim?

– É isso que ela é? – Quando a esposa de Eleazar ben Ya'ir me espiara por trás da porta, ela me parecera mais prisioneira que carcereira. – Tenho pena dela.

– Não se deixe enganar – Shirah advertiu-me. – O que vemos na terra é tudo o que existe? Você compreende que existe um mundo de sombras. Será que não

consegue reconhecer um demônio mesmo que não possa vê-lo ou sentir a respiração dele em sua pele?

Shirah convenceu-se a encontrar um remédio, pois não havia outro recurso. Foi até a prateleira em que guardava as ervas. Havia feixes castanhos atados por um cordão e recipientes com pós, cardo e alho, absinto e canela. Quando voltou, estendeu-me uma bolsa de couro com mirra esmagada. Suas instruções eram simples: não devia deixar a chama do fogo muito brilhante ou adicionar outros ingredientes à mistura quando a presenteasse à esposa do nosso líder. Medicamentos como esse eram fortes e, portanto, perigosos. Poderia ocorrer a morte caso não se tivesse cuidado.

– Se ela inspirar faíscas, pode ser que nunca mais volte a respirar – comentou Shirah enquanto fechava o cordão da bolsa. Havia certo deleite em seu tom de voz.

Estendi a minha mão para a de Shirah, a fim de contemplar a sua palma. Eu não era muito educada em tais questões, no entanto havia um sinal que conhecia muito bem. A marca que eu mesma carregava, que denunciava assassinos, uma marca que se gravara na minha carne no dia que me tornara o que era agora. Fiquei aliviada ao descobrir que a mão de Shirah era livre de tal abominação.

– Achou que veria o sangue dela nas minhas mãos? – indagou Shirah, recuando. Ela riu, bem consciente do que eu estava procurando. – Se quisesse fazer isso, poderia ter feito quando era menina.

A informação era inesperada.

– Você a conhecia naquela época?

– Não a conhecia mais do que conheço agora. – Shirah guiou-me até a porta. – Se quer que ela aceite este remédio – murmurou, entregando-me a erva preciosa –, não lhe diga onde o encontrou. Se ela tivesse a minha vida e eu a dela, ela faria exatamente o que você pensou que eu faria. Se quer olhar a mão de alguém em busca da marca da morte, olhe na dela. – Shirah acenou para Arie, que agora cochilava nos meus braços. – Leve-o para Yael antes de voltar ao palácio.

– Por que acordá-lo? Vou levá-lo comigo.

Shirah fitou-me. Era capaz de ver dentro de mim e sabia que havia algo mais por trás da minha desculpa. Admiti que Channa me pedira para voltar com ele.

– Quem não se encantaria com ele? – disse, pois o nosso leão iluminara a nossa vida.

Shirah pareceu incomodada. Normalmente ela parecia ser uma garota, não mais velha que Aziza, mas naquele momento ostentava sua verdadeira idade, uma mulher que atravessara o deserto não uma vez, mas duas, que trouxera três filhos ao mundo e fora marcada com as tatuagens proibidas quando era pouco mais que uma menina.

– Leve-o, se necessário. Mas, não importa o que fizer – alertou Shirah, e nisso foi muito clara –, não a deixe segurá-lo.

RETORNEI AO PALÁCIO e parei em frente à porta finamente trabalhada. Dessa vez, Channa abriu a fechadura antes de eu bater na madeira, já esperando, curiosa, os olhos brilhantes. Sua respiração estava rouca e ela agarrou o peito, sob os efeitos da sua doença. Ainda assim, animou-se com a visão da criança adormecida e apressou-se a me convidar para entrar.

Atravessei o umbral da casa do nosso líder com humildade. Sentia-me aliviada por Ben Ya'ir encontrar-se no deserto com seus homens, para não ter de me curvar diante da sua grandeza ou arriscar-me a, na sua sabedoria, ele me reconhecer como uma assassina.

Acompanhei a minha anfitriã passando pelos afrescos, muito elogiados por todos que os viam, e por boas razões. Tinham sido pintados sobre o gesso com tons gloriosos de laranja, vermelho e dourado. Apesar de desbotados, sem dúvida nenhuma eram obra de um mestre. As sete irmãs que os gregos acreditavam mover-se através do céu em uma explosão de estrelas tinham sido pintadas no alto da parede, realistas na sua forma humana, juntamente com a Lua, a mulher mais bela de todas, com um vestido prateado com fios dourados correndo por todo o seu traje; tão real que os fios pareciam ter sido costurados no tecido pintado. Lâmpioes iluminavam o corredor escuro e o cheiro era de puro azeite de oliva queimando. O aposento em que entramos era bem-decorado, mobiliado com mesas e bancos deixados pela casa real. Lembrei-me das nossas esteiras de palha, dos nossos cobertores de pano grosso, dos nosso pisos sujos.

Pedi à minha anfitriã que buscasse um prato e alguns gravetos. Depois que ela trouxe o que pedira, retirei a mirra que Shirah me dera. Ariei ainda cochilava, por isso o acomodei em cima de um tapetinho tecido. Depois disso, acendi os gravetos com a pedra que trazia. Quando o fogo pegou, disse a Channa o que deveria fazer. Deveria inclinar a cabeça sobre a fumaça e eu ia cobri-la com um xale, de modo que a fumaça não escapasse. Deveria respirar profundamente e manter a fumaça dentro de si pelo tempo que conseguisse reter o fôlego.

Channa recuou, com medo de sufocar até a morte com a fumaça. Parecia ter

medo de mim, quem sabe em função dos crimes que eu cometera. Mas eu não estava ali para fazer o mal. Trouxe Ariei de volta aos meus braços e escondi a marca do meu pecado enfiando a mão por dentro da túnica do bebê adormecido, esperando não o manchar simplesmente por tocá-lo.

– Inspire e o caminho ficará desimpedido – prometi.

A esposa de Ben Ya'ir fitou-me com reprovação, em seguida fez o que lhe dissera. Embora não confiasse em mim, estava desesperada por ar, dispondo-se a aproveitar a oportunidade de que a cura não poderia ser pior do que a doença. Quando ela se inclinou para a frente, cobri sua cabeça com um xale de tecido bonito e sentei-me para observar. Seus suspiros e tremores diminuíram enquanto ela respirava a fumaça. Depois que a mirra se reduzira a cinzas, removi o xale de sua cabeça. Channa inspirou grande quantidade de ar sem nenhum bloqueio. Sua cor se transformara de pálida para rósea. O cheiro de mirra prendia-se a tudo, uma fragrância amarga na sua forma mais pura. Examinamos uma à outra até que o bebê acordou e começou a brincar, feliz, com um galho que caíra da pilha de gravetos.

– Falarei com os guardas sobre a visita – disse Channa, pensativa. Tive a impressão, no entanto, de que seus pensamentos estavam verdadeiramente em outros assuntos. – Farei o possível pelo seu escravo.

Ela me conduziu de volta pelo corredor, passando pelas luzes alaranjadas e pelas sete irmãs na parede. Quando a deixei, ela me pediu a promessa de que lhe traria mais erva, para que pudesse ter acesso ao medicamento antes de outro ataque começar. Eu disse que faria o possível para conseguir o que ela precisava.

– Acho que você sabe onde encontrá-lo – ela comentou. Depois sorriu tristemente, sem dúvida nenhuma ciente de que não era eu quem possuía o conhecimento sobre tais recursos. E acrescentou: – Diga à bruxa que sou grata.

Yael foi autorizada a visitar o Homem do Norte, levando uma cesta de comida e um odre de água. Mandaram-lhe falar com ele através da porta, mas ela teve um vislumbre dele quando abriram a cela para empurrar as provisões para dentro. Viu que tinham cortado sua barba e seu cabelo e que cordas e correntes haviam deixado marcas de açoite sobre ele.

– Volte ao palácio – Yael insistiu depois de retornar de sua visita terrível. Seu rosto estava inchado de raiva. – Fale de novo com a esposa de Ben Ya'ir. Convença-a a insistir para que os guardas permitam outra visita. Vão matá-lo em breve. O mínimo que posso fazer é levar comida e água, e ver se poderia curar as

suas feridas.

Disse que teria mais sorte com a esposa de Ben Ya'ir se levasse o bebê comigo.

Yael mostrou-se cautelosa. Nesse sentido, ela era muito mais sábia que eu.

– Por que ela se preocuparia com um bebê cujo nome nem conhece?

– Ela é solitária, sem amigos. Não precisa se preocupar. Parece que ela gostou dele. Quem poderia culpá-la?

Yael aceitou o elogio. Correu a mão sobre o cabelo preto de Arie e o abraçou com força. Mal conseguia deixá-lo ir, mesmo que por algumas horas.

– É difícil dizer não a um rostinho como o dele – lembrei a ela.

– Por uma hora – disse ela. – Não mais.

No dia seguinte, Yael ficou cuidando dos meus netos enquanto fui à casa de Shirah a fim de conseguir mais remédio para a respiração. Shirah e Aziza já tinham começado a preparar a refeição da noite, mas Shirah levantou-se e encaminhou-se para a sua coleção de ervas. Dessa vez, ela me deu tanto mirra quanto incenso – queimados juntos, o remédio seria dobrado. Quem sabe, se a cura durasse mais tempo, Channa não pedisse mais. Seria melhor manter distância dessa mulher, Shirah murmurou. A esposa de um homem no poder poderia tornar-se ela própria faminta de poder.

– Ela disse alguma coisa a meu respeito? – Shirah perguntou.

Pensei que o melhor seria não revelar a amargura dentro da verdade.

– Nada. Só enviou a sua gratidão.

Shirah riu, mas seus olhos escuros revelavam preocupação.

– A gratidão dela é uma maldição. Lembre-se disso.

ENCAMINHEI-ME diretamente à casa de Eleazar ben Ya'ir. De onde me encontrava, podia ouvir os homens trabalhando nos campos, muito embora a luz estivesse se desvanecendo em faixas rosadas que chegavam até a terra branca e empoeirada, tingindo-a de vermelho. Os homens tinham levado baldes de água das cisternas na tentativa de salvar a colheita de trigo, pois ainda não chovera. As abelhas nas colmeias geralmente fervilhavam nessa época do ano; elas mergulhavam no ar em busca de flores de narciso branco e ciclâmen rosado. Mas nessa estação não encontravam nada. Channa deixou-me entrar quando cheguei e sem demora

arrebato o medicamento de mim. Eu lhe disse que não deveria nunca acrescentar nada à mistura e que as chamas deveriam ser mantidas constantes; demasiado calor tiraria a força do remédio. Em troca, ela prometeu que falaria com os guardas. Então, ela hesitou.

– O escravo é o pai da criança? – quis saber.

– Esta criança não tem pai – eu disse.

Ela fez sinal para que eu pusesse a criança em seus braços, mas segurei o bebê com força enquanto permanecia no corredor cujo piso era estampado com azulejos pretos e brancos. Vozes ecoavam. Irritada, Channa acenou de novo para mim. Eu sabia o que ela queria. Pensei na advertência de Shirah, mas sabia o que era sentir a falta de uma criança. Como Channa poderia enfeitiçar-nos ou prejudicar-nos? Ela era uma mulher magra e fraca que vivia sob uma nuvem de doença. Achei que não faria mal agradá-la por um instante. Pus Ariei em seus braços. Imediatamente, ela foi dominada pelo seu encanto.

– Talvez ele precise de um pai – disse ela sonhadora.

Rapidamente tomei-o dela, trazendo-o de volta para meus braços.

– Ele tem uma mãe – informei. – Não precisa de mais nada.

Channa sorriu.

– Todo mundo precisa de mais.

EMBORA nós todas nos uníssemos para reunir o pouco de comida que conseguíamos poupar, ficou decidido que Yael seria a única a continuar a visitar o Homem do Norte.

– Ele sempre foi o seu escravo – Aziza declarou.

Yael ergueu os olhos para ela, magoada.

– Nenhum homem deveria ser escravo.

Na volta de Yael à torre, abriram a porta e permitiram que ela se sentasse ao lado dele. Ela estava tomada pela raiva, estarecida com as péssimas e brutais condições de sua prisão, mas não dizia nada. Quando ele inclinou a cabeça sobre o seu colo, e ela acariciou o local em que o cabelo fora rapado de forma tão cruel, percebeu que ainda havia gotas de sangue ao longo do couro cabeludo. Ela levava um cataplasma de babosa e mel, o mesmo remédio que usara para a marca de Ariei, e, se a pomada não aliviava a dor, pelo menos dava a impressão de que

alguém tivera a intenção de fazê-lo.

Channa cumprira a sua parte no acordo, nisso fora honesta o bastante. Eu esperava que o bem-estar do escravo valesse o preço que estava sendo pago, pois, a cada vez que Yael o ia ver o escravo naquele mês de escorpião, eu levava o bebê à casa de Ben Ya'ir e deixava Channa segurá-lo em seus braços. Eu estava desconfiada e preocupada. Nunca o deixava fora da vista. Todas as vezes lembrava à esposa de Ben Ya'ir que a criança tinha mãe.

Eu me convencia de que ela me ouvia mas, na verdade, não escutava uma palavra.

*

O NOSSO MUNDO foi punido com a sede. Nessa época do ano, no mês de *Kislev*, esperávamos que a terra recuperasse a cobertura verde, depois que os campos haviam sido semeados e regados, melões e abóboras já crescendo nas parreiras, os figos polinizados pelas vespas egípcias. Essa temporada foi diferente. Não haveria cominho ou coentro nem alho-poró ou anis. As árvores frutíferas estavam nuas e pretas.

Embora os dias fossem sombrios e usássemos as nossas túnicas, não havia nenhum sinal da chuva muito necessária. Era o momento de espalhar as sementes para a primavera, depois arar os campos para enterrá-las, os burros puxarem as lâminas de metal por toda a terra. Os homens normalmente reduziam a cevada, que era então amarrada em feixes e espalhada pelo campo, para que o gado pudesse andar sobre os talos e debulhá-los. Mas, sem chuva, que bem faria isso? Para joeirar a cevada, era necessário que o vento soltasse o grão da palha, e o ar agora estava sem vida e sem brilho. As sementes deveriam ser plantadas em épocas de chuva para ficarem presas à terra, em vez de secar e murchar antes de criar raízes.

Os homens da sinagoga convocaram a expiação pública e o jejum, na esperança de que seu sacrifício pudesse fazer a chuva cair. Fomos chamados à praça para rezar por perdão. As mulheres ficaram na parte de trás, para cuidar das crianças e dos animais, se necessário. Os homens se reuniram, abandonando suas funções e tarefas, um mar de orações sob o céu implacável. O sumo sacerdote, Menachem ben Arrat, geralmente enclausurado no interior da sinagoga, onde estudava e distribuía conselhos, apareceu para se postar sobre a muralha e conduzir os homens nas orações. Mas, por mais culto que fosse, ele não foi capaz de fazer chover, nem mesmo quando enterrou doze frascos de chumbo com tampa de cerâmica sob os muros da sinagoga para impedir que os

demônios se imiscuíssem em nosso meio.

Foi decidido que nosso povo jejuaria até que Deus nos enviasse algum alívio. A seca tornara-se um martelo e a sede do nosso povo era um prego sob ele. No segundo dia do jejum, alguns homens mais velhos estavam tão enfraquecidos pela fome que caíram de joelhos, mas continuaram a orar mesmo assim, os xales sobre os ombros, cantando para um céu que não atenderia às suas orações, mas que em troca dava-lhes apenas pó.

O jejum foi cancelado depois de três dias. Nada mudara. Não tivemos nenhuma escolha a não ser esperar que Deus visse a nossa situação. As folhas das videiras se enrolavam. As azeitonas cresciam brancas e em seguida caíam das árvores, fazendo barulho sobre as pedras. As pessoas começaram a murmurar sobre a água que os essênios utilizavam para seus rituais. Guardas foram postados próximo ao celeiro das cabras para ver que ritos ali realizados poderiam requerer água. Então, para não chamar a atenção sobre si, os hóspedes não pediram mais água. Em vez disso, passaram a reutilizar a água até que as gotas derramadas sobre suas cabeças para se purificar tornaram-se negras como as penas dos corvos.

Quando Yael pensou que ninguém perceberia, furtou um pouco da água que separávamos para as pombas. Um pouco ela deu para o escravo, o restante ajudei-a a levar para a casa de pedra, a fim de deixar nas mãos de sua amiga Tamar. Levamos também algumas frutas e azeitonas murchas. Nahara aproximou-se de nós timidamente. A filha mais nova de Shirah parecia ter-se tornado uma mulher adulta, séria, vestida de branco, com as mãos endurecidas pelo trabalho. Perguntou sobre a irmã, mas não disse nada sobre a mãe. Notei que ela olhava para o amuleto de ouro que Yael usava no pescoço, depois rapidamente desviou o olhar.

Em troca dos presentes de sustento que leváramos, Tamar deu-nos uma peça de tecido de puro linho que suas mulheres haviam tecido. Cobrimos a mesa no *shabat* com o tecido quando acendemos a lâmpada e proferimos as orações. Depois de termos estendido o tecido de linho sobre a mesa, quase podíamos acreditar que o alojamento era uma casa como qualquer outra.

UMA NOITE, enquanto me encaminhava aos teares, vi Ben Ya'ir andando no pomar através de uma miragem branca de poeira esvoaçante. Ele retornara das suas viagens ao deserto, seus guerreiros trazendo consigo nada além de aves selvagens que tinham capturado com redes, como faziam as meninas. As provisões estavam menores que nunca, nosso povo, profundamente perturbado.

Pude ver o peso que nosso líder carregava nos ombros pela sua postura, o destino de todos nós dependendo de suas palavras e atos.

Onde outro poderia ver apenas escuridão, notei a sombra da esposa de Ben Ya'ir, observando. Começara a conhecê-la em minhas visitas com Ariele, quando nos sentávamos juntas exclamando sobre seus encantos. Ela fazia o bebê rir com uma demonstração de caretas enquanto o balançava sobre os joelhos. Viera a entender que Channa erguera uma parede ao seu redor para manter os outros afastados. No entanto, de vez em quando, surpreendia um sorriso que ondulava seus lábios. Quando ela pronunciava o nome de Eleazar ben Ya'ir, seu rosto se transformava, e eu podia imaginá-la como a menina que fora um dia. Seu amor pelo marido era evidente, embora ela parecesse tão distante dele quanto o restante de nós.

Percebi que, enquanto caminhava, Ben Ya'ir olhava na direção da casa de Shirah. Ele se sentia atraído por aquele lugar como os falcões pelos pombais. Parecia que havia chamado por ela, pois Shirah saiu para o calor líquido da noite. Não estava usando o véu e levantou o cabelo como que para se refrescar. Quando Ben Ya'ir se aproximou, pousou a mão em seu pescoço, pois ela claramente lhe pertencia. Eles permaneceram na mais profunda confiança, as cabeças juntas.

Se eu podia ver o que existia entre eles, certamente Channa também podia. Virei-me para ela, mas, no instante em que desviei o olhar, ela desaparecera da praça. Ela correria tão rapidamente que deixara sua sombra para trás. Segui-a como uma sombra perseguindo sua senhora, esgueirando-me sobre as pedras do calçamento. Por fim, avistei a esposa do nosso líder no caminho de volta aos seus aposentos, no palácio em que o filho de Herodes vivera um dia, um filho que o rei assassinara quando lhe conviera fazê-lo, quando pusera suas necessidades acima de todos os outros, como fazem muitas vezes os homens no poder.

Chegando a um ponto mais elevado, vi Channa olhar de volta à casa de Shirah. Seus olhos estavam escuros e amargos. Ela mantinha uma das mãos sobre o peito, pois mais uma vez não conseguia respirar. No entanto, permaneceu ali, ainda que fosse a época em que costumava trancar-se longe de todos, pois o hissopo estava florescendo – a única flor capaz de sobreviver a uma estação sem água. Nesse instante, quando sua sombra regressou à sua carne, percebi que Channa era o tipo de mulher disposta a qualquer coisa para manter o marido.

Ocorreu-me que, de todos os feitiços conhecidos na terra, uma criança era o único ingrediente capaz de vincular um homem a uma mulher de um modo que somente os anjos poderiam compreender.

AO VOLTAR a visitar a esposa de Ben Ya'ir, não levei Ariei. Repensara a nossa barganha e percebi meu erro. Channa não escondeu a decepção. Seus olhos brilharam da mesma maneira que a vira à noite, sem a sombra.

– Ele estava irritadiço – disse a ela. – É um dente chegando.

Se houve alguma diferença nela, foi que a notícia a deixou ainda mais ansiosa para vê-lo.

– Coitadinho – sussurrou ela. – Se pudesse segurá-lo, quem sabe aliviaria a dor.

Senti um calafrio ante a sua expressão. Eu me questionei se o pacto que fizera com ela adiantara alguma coisa no sentido de ajudar o Homem do Norte. Na visita seguinte eu lhe disse que Ariei estava muito pesado para ser carregado, que estava crescendo muito depressa e por isso eu não poderia mais trazê-lo comigo. Ela não disse nada. Nem mesmo na despedida. Indicou-me a porta e fechou-a atrás de mim. Ouvi o ruído do ferrolho sendo fechado.

Não muito tempo depois, vi que rondava a muralha perto do nosso alojamento. Estava escuro, mas eu a reconheci. Fiquei surpresa ao vê-la ali, ela que se mantinha reservada e geralmente evitava a praça. Mas essas coisas costumam acontecer; o que é doce tira o que é azedo, assim como o bem, com toda a sua inocência, atrai os ímpios. Dizem que Lilith tem treze demônios para ajudá-la quando quer roubar um bebê. Um deles é a própria Noite, envolta em preto estrelado, capaz de desaparecer em um instante ao romper da luz do dia, mas ainda assim persistindo sem uma sombra no lado de fora da porta.

POR FIM, Shirah acabou de preparar o encantamento para meus netos. Eu fora paciente, e a minha paciência foi recompensada. Agora que chegara a hora, estava ansiosa, pois essa era minha última esperança. Além dessa esperança, havia um precipício e depois nada mais que o ar implacável. O feitiço era uma bacia encantada, uma peça bonita e delicada de cerâmica, cuja confecção Shirah aprendera com uma mulher da antiga Babilônia. Sobre a argila seca, haviam sido escritos os nomes de Deus em aramaico e em hebraico. No centro da bacia via-se a imagem de um demônio negro, com cabeça de cobra e asas, algemado com cordas trançadas com as letras do nome de Deus.

Este amuleto deve reunir as vozes, prender os demônios e libertar os anjos

para que façam o que devem fazer. Em louvor de Deus. Amém. Amém. Selah.

Ela escrevera essas palavras dentro de um círculo de anjos, suas asas totalmente pretas, as penas de corvos.

Para proteger e curar, devolver o que pertence às crianças, para reverter o efeito e deixar o demônio sem voz e sem poder.

– Coloque isto embaixo da cama e espere. Tenha mais um pouco de paciência – ela me instruiu. – Está faltando um ingrediente. Por causa disso, esta bacia é impotente. Eu mesma não posso dizer o que está faltando, mas, quando aparecer, você saberá. Seja rápida em acrescentá-lo à bacia e seu genro terá o desejo atendido.

Eu nada mais era que uma esposa de padeiro, uma mãe sem filha, uma tola que pusera um bebê nas mãos de uma mulher invejosa. Como poderia reconhecer o ingrediente mais importante de todos?

– Você saberá porque ele virá no dia em que eu for posta a ferros – Shirah me disse.

*

OS HOMENS que praticavam magia ocuparam a praça em um dia poeirento. O inverno estava no fim e a seca continuava. Nosso povo parecia amaldiçoado. O sacerdote e os rabinos tinham falhado e agora os *minim* que praticavam magia fora das leis do Templo afirmavam que, lançando flechas, eles poderiam adivinhar a causa da seca. As pessoas acreditaram neles porque havia pouco mais em que acreditar. Estavam todos ressequidos, abatidos, desesperados por água. Certamente, alguém era culpado pelo nosso martírio. A multidão reuniu-se em torno daqueles praticantes que afirmavam ter acesso à verdade de Deus. Os homens circularam mais próximos aos *minim*, atrás deles vinham as mulheres e, em seguida, as crianças, com paus e pedras nas mãos. Uma linha de fúria se desenhava no chão, resvalando para todos os lados. Alguém seria culpado, todos nós sentíamos isso. O nosso povo queria mais que um demônio. Todos queriam a carne e o sangue, alguém contra quem se voltar, qualquer um na terra.

Muitos diziam que o anjo da chuva aparece às mulheres em seus sonhos. É Beree, que as faz chorar quando sentem que não têm mais nada dentro de si, nem alma, nem lágrimas. Talvez fosse por isso que Shirah não aparecera no pombal naquele dia. Beree a visitara e agora voltava para sussurrar que ela deveria se preparar. A manhã veio e se foi, no entanto Shirah continuou em seu quarto. Ela trançou o cabelo, vestiu a capa preta e os véus, adornou-se com os amuletos.

Descalça, não comeu, não bebeu, não falou durante todo aquele dia. Sentou-se à mesa preparando-se para a visão que lhe aparecera quando chegara à fortaleza. Ela se vira posta a ferros, em uma época em que a chuva se recusava a cair.

As flechas lançadas pelos *minim* apontaram diretamente para o que fora antes a cozinha do rei. A casa da Bruxa de Moabe. Ela esperava pelos adivinhos no umbral da porta, o manto apertado contra o corpo. Exatamente como previra, ela foi algemada e levada embora.

Eu soube que esse era o dia em que a bacia encantada seria terminada, pois Shirah afirmara que o ingrediente que faltava só seria acrescentado quando ela fosse posta a ferros. Entretanto, não pude cuidar da magia. Fugi do pombal com Yael e Aziza quando ouvimos a notícia do cativeiro de Shirah. Juntas, corremos para a praça. Havia uma multidão de pessoas e o surto de raiva superaquecido rasgava o ar. As pessoas queriam uma razão para explicar por que Deus se voltara contra nós, por que as folhas das árvores estavam chamuscadas, por que as azeitonas estavam brancas e não amadureciam, por que sentíamos sede até ficarmos ofegantes, como o peixe na praia. Todos acreditaram que naquele momento contemplavam esse motivo.

Observando a multidão engolir sua mãe, Aziza precisou ser contida para impedir que corresse para o lado de Shirah e talvez também recebesse parte da culpa. Yael segurou-a por um dos braços e eu pelo outro. Ela era mais forte do que eu jamais teria imaginado, mas Yael conseguiu acalmá-la.

– Tenha fé – ela pediu, sussurrando a Aziza de modo que ninguém ouvisse e as acusasse de conspiração. O talismã de ouro brilhava no pescoço de Yael e seu rosto estava sereno, apesar de todo aquele caos.

Dizem que os inimigos de uma bruxa devem segurá-la no ar e separá-la da terra para conseguir minar seu poder, mas, quando os *minim* tentaram fazê-lo, Shirah riu deles. Os homens a baixaram e recuaram, confusos. Não faziam ideia de que a água, não a terra, era o seu elemento.

– Não existe nada acima de *Adonai* – Shirah declarou para aqueles que a acusavam de atrair a ira de Deus sobre nós. Sua voz era imponente. Nós que viéramos do pombal a encaramos e nos convencemos de que ela falava diretamente para nós. As crianças da multidão se aquietaram. Várias mulheres que Shirah ajudara em um momento de necessidade desviaram o olhar, envergonhadas por não oferecer sua ajuda em troca. As pessoas cochicharam que Menachem ben Arrat, o sumo sacerdote, chegara à sua porta, mas temera os poderes da bruxa, de modo que não fora além disso, nem condenara nem entrara

na contenda. Ao meu lado Aziza estremeceu, mas seus olhos brilharam com orgulho.

Eleazar ben Ya'ir apareceu no meio da multidão, a caminho do quartel. A princípio ficou intrigado com a cena à sua frente, então compreendeu quando viu Shirah posta a ferros. Ordenou que a libertassem imediatamente. Quando os homens que a mantinham presa hesitaram, ele gritou:

– Como é que têm a coragem de atacar um dos nossos? Uma mulher da minha própria família? Temos inimigos reais que gostariam mais que tudo de que nos matássemos uns aos outros.

Houve um momento em que pareceu que a multidão não cumpriria sua ordem. Esse momento passou e por fim os anciãos adiantaram-se com a chave, mas a ameaça de caos permaneceu presente, pairando no ar, aquele instante em que nosso povo poderia ter-se voltado contra seu líder. Uma multidão enfurecida não podia ser controlada facilmente e uma serpente enviada pelos manifestantes oferecia uma mordida para a qual não havia cura.

Aquela fortaleza teria caído pela febre desse instante desonroso não fosse ele encerrado como o fogo de carvão é apagado pela água. Nossos inimigos não teriam mais necessidade de nos destruir não tivesse a multidão se afastado, pois teríamos nos destruído a nós mesmos. Soldados romanos foram vistos algumas vezes nas proximidades nas últimas semanas. A legião sabia que estávamos ali e bem-defendidos, naquele local protegido. Mas os romanos não faziam ideia de que poderíamos facilmente nos lançar uns contra os outros e que a vontade de Ben Ya'ir era tudo o que nos mantinha juntos e unidos.

Vi a esposa do grande homem assistindo à cena de onde se encontrava, ao lado do hissopo. Fora Channa quem orientara os *minim* contra a bruxa. Se estava perturbada por ver que seu marido agia como protetor de Shirah, não deixou transparecer. Seu semblante estava sombrio e impassível. Talvez tivesse esperado demais. A respiração, geralmente tão irregular, estava perfeitamente constante e via-se mesmo um rubor de saúde em seu rosto. Imaginei que ela olhava para aquela que a curara, mas ela enxergava além de Shirah, além do marido, na direção da criança nos braços de Yael. Senti um arrepio subir pela coluna.

Depois que as algemas foram soltas e ela foi libertada, Shirah pegou um pedaço de pau e desenhou um círculo no pó.

– Você me queria aqui – ouvi-a dizer a Ben Ya'ir. – Não foi por isso, primo?

Ela se postou dentro do círculo, em seguida enfiou a mão sob a túnica, de onde tirou um punhado de cinzas que espargiu sobre a própria cabeça, entoando um cântico, como costumava fazer, em um tom baixo e contínuo. A multidão esforçava-se para ouvir e teve medo daquela língua incompreensível. Muitos acreditaram que ela estava atraindo uma maldição sobre nós e recuaram, puxando os filhos para junto de si, a fim de protegê-los do mal.

Aconteceu tudo de uma vez, antes que entendêssemos o que estava acontecendo. O céu empalideceu e tornou-se incandescente. A chuva veio de diferentes sentidos, mas na forma de uma torrente sem igual. Em um instante a terra era pó e no seguinte formavam-se lagos. O mundo tornara-se úmido e luminoso, tomado por lençóis de água. Eu nunca notara que a chuva continha todas as cores dentro de si, o verde dos campos, o azul do céu, o branco de um cordeiro, o amarelo do cabelo da minha filha.

Os homens caíram de joelhos, levantando as franjas dos xales de oração para os lábios e depois para o céu, em louvor a Deus e ao mistério da vida. Ouvíamos as cabras e as ovelhas nos seus cercados. Diante dos nossos olhos, a cerca viva de espinhos que continha o gado começou a exibir brotos e depois, como comandados pelo Todo-Poderoso, esse mesmos botões se desfraldaram, transformando-se em folhas.

As pessoas cochichavam que era por esse motivo que a Bruxa de Moabe fora capaz de atravessar o Mar de Sal sem se afogar. Ela, que descera os mil degraus da cisterna para banhar-se no escuro, foi a nossa salvação. Abençoei-a por isso enquanto corria através das rajadas de vento, apressando-me em direção ao nosso alojamento para pegar a bacia encantada que ela preparara. Eu era apenas uma mulher simples, mas reconheci o ingrediente que faltava exatamente como Shirah me garantira que eu faria.

Levei a bacia para fora e a segurei acima da cabeça, cantando para o Todo-Poderoso, entoando louvores embora tivesse o rosto fustigado pelo vento e os ouvidos tomados pelo seu rugido. A bacia transbordou e também o meu coração. Podia ouvir meus netos chamando um ao outro enquanto eu me regozijava ali, sob os pingos da chuva, com uma alegria que nunca experimentara. Suas vozes permaneceram guardadas na cachoeira durante todo aquele tempo, armazenadas em um vaso pelo anjo que os protegera do mal. Agora essas vozes tinham sido libertadas, atraídas para as orações da bacia enquanto o anjo Beree fazia chover sobre nós. Mais tarde eu os levaria perante o pai e, apesar de as crianças recuarem diante de sua postura feroz, quando os mandasse expressar uma saudação veria o Homem do Vale chorar de gratidão. Talvez sua fé se restaurasse

com essa dádiva, assim como eu recuperara a minha.

Ouvi a voz de Deus ao meu redor, mas não tive medo. Deveria ter tremido perante o Todo-Poderoso e me escondido. Deveria ter levado uma faca à minha carne para cortar a marca dos meus atos passados. Mas agora entendia que, embora as palavras fossem a primeira criação de Deus, o silêncio era mais próximo do seu espírito divino, e as orações feitas em silêncio eram infinitamente mais poderosas que os milhares de palavras que os seres humanos pudessem dirigir ao céu.

Ouvi o vento que subira no deserto para nos seguir até ali.

Ouvi o que tinha a dizer.

Inverno, 71 d.C.

TERCEIRA PARTE

Primavera, 72 d.C.

A Amada do Guerreiro

*Tu és a minha armadura e a minha espada, a minha fé
e o meu tesouro, tudo por que estou lutando.*

MINHA IRMÃ, VOCÊ É COMO UMA POMBA, tão bonita e tão distante, uma criança que vi nascer neste mundo, agachada ao lado da nossa mãe. Você é a razão de eu me recusar a testemunhar outro nascimento. O cordão da vida estava enrolado em seu pescoço e nos seus olhos vi naquele momento o Mundo Vindouro, um lugar tão distante e vasto que nenhuma pessoa viva deveria ver os seus confins. Você estava ofegante, começava a tornar-se azulada, um pequeno ser frágil atraído para nosso frágil mundo. Eu mesma não passava de uma criança, indesejada, trazida para o casamento entre a nossa mãe e o seu pai na terra de Moabe, onde as mulheres usavam véus azuis e ninguém sabia quem fora a nossa mãe, ou em que se tornaria, embora a temessem do mesmo jeito.

Por ser a nossa mãe estrangeira, nenhuma das mulheres que viviam nas redondezas apareceu para ajudá-la na hora do parto. Elas vinham em outros momentos, quando as próprias necessidades as levavam a chegar no escuro, em busca de maldições ou remédios. Traziam iguarias de carne de cordeiro, ervas e azeitonas em belos pratos de cerâmica, tigelas de barro decoradas com desenhos vermelho-escuros. As mulheres chegavam a implorar pela magia da nossa mãe quando dela precisavam. Ela era bondosa o bastante para oferecer às estéreis as maçãs do amor, o fruto amarelo da mandrágora que amadurece com o trigo, para que pudessem conceber. Dava-lhes cataplasmas de cura feitos com figos para erupções e furúnculos e, nos casos mais aflitivos, proporcionava-lhes os seus conhecimentos do *tzari*, o antigo medicamento sírio utilizado contra a lepra, a doença em que a carne é consumida por demônios e se afasta dos ossos. No entanto, quando foi sua vez de precisar de ajuda, as mulheres do campo esconderam-se, sumiram de vista, com medo de que a nossa mãe pudesse trazer outra bruxa para o mundo e que seu poder fosse dobrado. Então, apesar da aversão por ela e do ciúme inchado de má vontade, todas seriam forçadas a cair de joelhos diante dela.

Fui a única a testemunhar o evento do seu nascimento e, verdade seja dita, também quis correr para a luz do dia, temendo menos a bruxaria que o sangue. Ele se acumulava em poças e o calor que emanava dele me aterrorizou. Aquele

líquido estava vivo, pulsando com o poder da criação. Eu era muito jovem, inocente demais para ser de alguma valia. Mas a nossa mãe gritou *Salve-a*, e suas palavras foram como estrelas, brilhantes e pungentes.

Fiz o que pude. Desenrolei o cordão. Mas isso não foi o bastante, então respirei na sua boca e tirei o líquido que a afogava. Provei o gosto de sangue e de sal, tudo de que a vida é feita, e cuspi o líquido no chão. É um milagre quando se sabe o que se deve fazer, sem nenhuma instrução, e foi isso o que me aconteceu no instante do seu nascimento. Esse conhecimento misterioso foi-me outorgado por Deus na hora do desespero e por ele sempre serei grata. Guardei a sua morte e a sua vida no meu íntimo. Naquele instante, tornamo-nos um só ser, irmãs sustentadas pela mesma força. Por isso sempre cuidarei de você. Mesmo que tente fugir, descobrirá que não será possível deixar-me.

Nesse dias você se afasta de mim nos campos em que as amêndoas florescerão em breve. Insiste em pertencer a outro lugar, mas não a abandonarei. Vejo-a vestida com linho branco, no campo rochoso, cuidando de seis cabras pretas, a cabeça inclinada, os pés descalços, e choro ao vê-la tirada de mim no seu fervor e no seu desejo por um homem que talvez nunca a conheça como eu a conheço. Talvez você não deseje que ele a conheça. Você me dá as costas e não me dirige a palavra, nem mesmo quando bato na porta de madeira áspera do galpão de cabras onde você vive, ao lado das pessoas que escolheu como sua gente. Elas são pobres, cujo único desejo é louvar o Todo-Poderoso com orações pela paz, muito embora no outro lado dos limites da nossa fortaleza o mundo rugisse com a guerra. Você não se senta à nossa mesa, pois nossos costumes não são tão rigorosos como os que agora você reverencia, e nosso modo de viver é impuro aos seus olhos.

Enviei-lhe uma pomba, toda branca e pura, uma das favoritas da nossa mãe, pensando que essa criatura a encheria de remorso e quisesse segui-la, mas o pássaro regressou ao pombal com a minha mensagem não lida. Dentro do tubo que prendera à perna da ave escrevera o seu nome e o meu entrelaçados, como o nosso destino entrelaçara-se no instante do seu nascimento. Não consigo imaginar a quem pudesse amar mais neste mundo em que vivemos.

Quando a vejo na muralha, em oração com as mulheres essênias na hora em que o dia se torna noite, você não me olha, embora a minha respiração esteja em você e a sua seja parte de mim. Não importa o quanto me recuse, os nossos espíritos se combinam para formar um único fio. Mesmo que nunca mais fale comigo, ou levante os olhos para mim, mesmo que se envergonhe de mim e do nosso passado.

Você é minha e só minha.

*

SEU PAI era um homem rico e sabia o que queria. Não fosse assim, não tivesse ele viajado a Jerusalém desde a outra margem do Mar de Sal, a nossa mãe e eu pereceríamos, expulsas no dia em que nasci. Eu não tinha uma irmã para me confortar, como você teve no dia da sua chegada a este mundo, tinha apenas o gosto de sangue na minha boca.

O homem que viria a ser o seu pai fora muito longe para mercadejar as riquezas que acumulara, pilhas de mirra e bálsamo preto, especiarias em montes ocres e vermelhos, cestas de incenso da alva flor estrelada de Edom, sal marinho, calcário dos penhascos. Talvez um anjo o tivesse detido na rua e sussurrado em seu ouvido, sugerindo que voltasse a cabeça. Ele usava um lenço comprido e as vestes azuis do seu povo, tingidas com a raiz do gengibre. Embora estivesse longe de ser jovem, a sua visão era mais aguda que a de um falcão e ele percebeu a grande beleza da minha mãe. Entre os homens que o acompanhavam nas viagens, ele era famoso por ver o que os outros não viam. Talvez por isso tenha nos avistado dentro de uma carroça que trouxera cabras ao açougueiro enquanto éramos levadas para o deserto. O Anjo da Morte nos esperava – *Mal’ach ha-Mavet*, o que tem mil olhos brilhantes –, mas foi derrotado quando seu pai nos seguiu.

Seu pai entregou ao condutor um punhado de moedas que ele mesmo considerava inúteis. Ele era um homem que acreditava que o que importava vinha da terra, não dos tesouros de um templo ou das oficinas dos homens. Naquele mesmo dia ele nos levou consigo, com destino ao Oriente, a terra antiga no outro lado do Mar de Sal, onde a montanha é feita de ferro e os montes de asfalto flutuam ao longo da costa, tornando-se incendiados quando o calor aumenta. O povo do seu pai coletava redes cheias de asfalto para vender por alto preço à legião, para que os soldados pudessem forjar estradas pavimentadas em Alexandria e em Roma.

A nossa mãe confidenciou que, quando viu aquele mar negro, não sabia se fora resgatada ou abandonada por aquele homem feroz e silencioso, cujos braços eram envolvidos por tatuagens azuis e que marcava o próprio rosto com cicatrizes que cortava com uma faca afiada, para comemorar suas inúmeras batalhas. Ela temeu que ele a levasse para o Gehennom, o vale do inferno. Na verdade, viajamos da Judeia para Moabe, um reino que fora arruinado e abandonado mais de uma vez, mas que no momento achava-se em pleno

florescimento. Muitas das tribos dessa terra recusavam-se a permanecer em um único lugar, mas em vez disso chamavam de lar a cada canto da sua terra. Essa era a terra a que Ruth chegara quando seguira Naomi para a Judeia, embora seu povo tivesse amaldiçoado o nosso. Da sua linhagem nasceu o grande rei Davi, uma dádiva para seu povo e para o mundo. A terra ali era verde, o solo vivia salpicado pela chuva mesmo quando os outros países se incendiavam com o calor, os campos gramados oferecendo paisagens exuberantes. Viam-se acácias em flor, a árvore de que Deus pedira que fosse feita a Arca da Aliança, para que a Sua palavra à humanidade permanecesse abrigada em sua madeira forte e perfumada. Arbustos de murta cresciam bem alto em Moabe e via-se cassis silvestre em profusão. E as inúmeras florações espontâneas do íris amarelo faziam parecer que a luz solar se derramava sobre a terra como uma bênção.

Seu pai e os parentes viviam nas colinas, enriquecidos não só pela venda do asfalto, mas também pelos tesouros que apreendiam de caravanas que viajavam pela Estrada do Rei, que ligava Damasco ao Egito. Diriam tratar-se de bens roubados, mas, aos olhos dos homens das tribos, aqueles tesouros eram simples pagamento, de que se apossavam como algo devido, pois a sua pátria era a rota de ligação entre as duas nações. Seu pai acreditava que um ladrão é um rei na sua terra, o senhor da própria montanha. Dizia-se que todo homem dessa região nascia com uma faca na mão, um cavalo já escolhido para ele e uma oração para oferecer ao seu Deus.

Minha mãe ainda sangrava em razão do meu nascimento quando eles pararam para montar acampamento na primeira noite. Ainda assim, ela me envolveu em panos e deitou-me em uma cavidade, para que seu pai fizesse dela a sua esposa naquela noite. Para comemorar o casamento, ele lhe deu um par de brincos de rubi. Qualquer pessoa em Jerusalém saberia por que ela era marcada com tatuagens, um redemoinho de tinta vermelha de hena sobre a sua carne. Desde que era apenas uma criança, ela fora treinada no Egito para ser uma *kedeshah*, uma mulher destinada ao uso sagrado pelos sacerdotes, como a sua mãe fora antes dela. Mas coisas dessa natureza tornaram-se secretas e foram proscritas. Nossa mãe foi mandada para fora de Alexandria, para ser criada pelos parentes em Jerusalém. Ela nunca conseguiu voltar à cidade onde a mãe desejava vê-la novamente, esperando ao lado do portão pelo retorno da única filha.

A nossa avó, a quem nunca conhecemos, deu à nossa mãe dois amuletos de ouro para proteção. Em um via-se a inscrição *Chayei 'olam le-'olam – Vida eterna, para sempre* – impressa sobre o ouro com as imagens do sol e da lua. No outro estavam inscritas as palavras *Sempre pus o eterno adiante de mim*; no

verso do medalhão fora gravado um peixe, para garantir que o usuário sempre estivesse perto da água, o elemento mais precioso, o doador da vida.

Embora a nossa mãe tivesse sido enviada a Jerusalém para a sua segurança, lá ela foi repudiada pelos seus pecados, acusada de seduzir um homem casado. Alegou-se que se casara tanto com ele como com um demônio. Quando a família do homem levou o caso aos sacerdotes, ela se recusou a admitir qualquer mau procedimento. Realizou-se então a cerimônia do *sotah*, em que o nome de Deus foi escrito em papiro e mergulhado em um tambor usado para lavar e amolecer couro. Depois de dissolvido na água, foi misturado à poeira do chão do Templo para ser consumido por ela, uma mulher suspeita de adultério. A minha mãe bebeu o nome de Deus e não vacilou; no entanto, seus opositores ainda consideraram que ela mantinha conluio com os demônios. Ela podia negar o seu pecado, mas eu era uma evidência, segura pelos calcanhares perante três juízes. Talvez, quando me examinaram, buscassem provas de que ela realmente dormira com um demônio procurando por chifres, ou por asas, para verificar se eu era uma *shedah*, filha de um observador, um anjo que fora atraído à terra pela beleza da minha mãe, ou se eu simplesmente nascera mesmo da carne.

O homem tribal de Moabe que viria a ser seu pai não se importava com essas questões. Os julgamentos feitos pelos nossos conselhos não faziam sentido para ele. Nosso Deus não era seu Deus. O pecado da nossa mãe não era do seu interesse. Ele sabia o que queria. Era simples nesse sentido, ainda que fosse complicado também. Quanto a mim, era pouco mais que um camundongo preso em uma armadilha, uma criatura que ele permitiu que a nossa mãe mantivesse como um animal de estimação quando partiram na manhã seguinte e ela se recusou a me deixar para trás. O mundo ainda estava escuro no dia em que eles partiram da Judeia, assim como do mar, mas diante deles o horizonte estava radiante como uma pérola. A nossa mãe disse-me que, depois que passaram pelos montes negros de asfalto ardente no Mar de Sal, sentiu-se grata por não termos caído nas chamas do inferno. Ela sentiu o coração se enlevar ao ver as montanhas, que permanecem verdes mesmo quando o restante do mundo morre de sede. Os lírios que crescem lá são vermelhos e ela ainda usa o seu perfume; um frasco de cerâmica com perfume foi um dos poucos pertences que trouxe conosco ao vir para essa fortaleza.

Talvez, quando usa o perfume dos lírios, ela se lembre da manhã em que nos foi concedida outra vida.

O NOSSO POVO acredita que o mundo está dividido em dois. No lado do bem estão os *malachim*, os mil anjos de luz. No lado do mal há os *mazzikim*, demônios que

são incontáveis e incognoscíveis, não controlados até mesmo pela vontade do Todo-Poderoso. O seu pai era uma combinação dos dois. Acampamos nas montanhas, com uma visão privilegiada do desfiladeiro por onde passava a Estrada do Rei, proveniente de Damasco. O seu pai não pensava duas vezes antes de descer com seus homens para atacar uma caravana e levar o que quisesse, mas era tímido com crianças e amável com a nossa mãe. Embora fosse um guerreiro, ele poderia tornar-se perturbado na presença da nossa mãe e mal sabia o que lhe dizer. Seus olhos ardiam quando a olhava e muitas vezes mandava que todos saíssem da nossa tenda para poder ficar a sós com ela, mesmo durante o dia. Ele tinha outras esposas que viviam em um vale distante, mulheres cujos nomes nunca ouvimos pronunciados em voz alta. Talvez também as amasse. Certamente ele não as olhava do mesmo modo que fitava nossa mãe. Ela era sua favorita. Por esse motivo, estávamos seguras em sua companhia.

Então, em uma noite da qual mal posso me lembrar, antes de você nascer, bandidos entraram em nossa tenda, nômades sem lei e sem deuses. Vieram como ladrões, mas, quando viram a nossa mãe, seu propósito mudou. Ela era linda com seu cabelo preto comprido, ainda muito jovem, e havia quem dissesse que possuía a capacidade de hipnotizar um homem com um olhar, assim como era capaz de curar uma pessoa doente com uma única palavra de oração. Ela me disse que, quando a deitaram à força, um dos invasores apoderou-se de mim e arrancou a minha túnica com a ideia de que me possuiria também, apesar de eu ainda ser uma criança. Não me lembro dos gritos que ela jura que dei, gemidos furiosos que lembravam os gritos estridentes de um camundongo quando é aprisionado e se debate em uma armadilha, mas a minha garganta doeu de novo quando ela me contou a história daquela noite. Ela me fez esse relato apenas uma vez, quando saímos de Moabe para viajar a Massada. Tentei me lembrar de cada palavra que ela disse. Sabia que não me contaria de novo.

Assim como sabia que aquela noite era a razão do meu destino e em que havia me tornado.

O SEU PAI, alertado pelos companheiros sobre a presença dos intrusos, retornou antes do esperado, com o rosto escuro, cheio de cicatrizes, encoberto pelo lenço azul. Ele foi como um redemoinho. Nossa mãe me segurou junto de si, escondida nas suas vestes, enquanto seu pai matava os ladrões um por um. O sons brutais e pungentes que ele emitia eram terríveis, como o vento quando se abate sobre nós. Disseram que era possível ouvi-lo ao longe, no sul, onde havia uma cidade que se projetava da rocha vermelha, seu grande templo e suas colunas esculpidas uma maravilha a ser vista. Muitos entre nós juravam que ele

possuía o grito de um *mazzik*, um demônio de outro mundo.

Depois que a luta acabou, seu pai era o único homem vivo na nossa tenda. Minha mãe me confidenciou que as pessoas de fora muitas vezes sussurravam que o sangue que corria no povo do seu pai era azul, e na verdade a sua tribo era tão temível que até mesmo os romanos a evitavam. Lembro que ele se ajoelhou ao lado da nossa mãe com grande ternura, ainda lustroso de sangue. Quando ele o fez, parecia um dos mil que observam o nosso mundo, um anjo que nos resgatara do deserto.

Depois daquela noite, nossa mãe amaldiçoou o que significava ser mulher. A vida dela se moldara por tudo o que não podia fazer e por tudo aquilo que nunca seria. Mas ainda assim ela tinha um dom, que homem nenhum jamais entenderia. A mãe dela lhe dera um livro de encantamentos, receitas mágicas que lhe trariam proteção enquanto estivessem separadas. Ela carregava o manuscrito consigo, o mais precioso dos seus pertences, juntamente com os amuletos de ouro que usava em torno do pescoço, preferindo-os a todas as outras joias que lhe pudessem oferecer. Nenhuma outra proteção contra o mal seria mais forte.

Mas o que era a magia naquela noite? Minha mãe tentara sujeitar os vis intrusos recitando um encantamento, mas necessitávamos de outro tipo de proteção, feita de ferro, um homem, uma espada, um salvador. Nossa mãe rendeu graças à Rainha do Céu pela nossa salvação. Ainda assim, seu sangue estava quente e ela se sentia insatisfeita. Queria ter sido quem empunhava a faca para matar os ladrões, em vez de simplesmente permanecer calada enquanto observava seu pai fazê-lo.

Foi nessa noite que nossa mãe decidiu mudar quem eu era. Ela me levou consigo enquanto todos estavam dormindo. Até mesmo os cavalos estavam sonhando, montarias rápidas e possantes mantidas no lugar sem a necessidade de cordas, leais aos seus cavaleiros até o dia em que não pudessem mais correr. As pessoas de Moabe em geral têm camelos para montaria, mas o povo do seu pai possuía os mais belos e ferozes cavalos, que recebiam água apenas a cada três dias para que pudessem ter as ótimas qualidades dos camelos e acostumar-se com a sede, superando em força qualquer cavalo dos nossos inimigos. Nossa mãe entoou a canção de proteção, depois iniciou os ritos de atribuição do nome perante Astarte. Quando muda o seu nome, você muda também o seu destino. A pessoa que você foi desaparece e nem mesmo os anjos podem encontrá-la. Estávamos sobre a Montanha de Ferro, sob uma lua vermelha. Não havia placenta para marcar essa ocasião, nenhum sacrifício para devolver à terra. Desse modo, nossa mãe enterrou seu próprio sangue mensal. Em seguida, cortou

meu braço e deixou que três gotas caíssem sobre a terra, como uma oferenda à Rainha do Céu.

O meu braço ardia e eu poderia ter chorado, mas meu coração estava pleno quando a nossa mãe, muito orgulhosa, disse que eu não seria como nenhuma outra pessoa. Desde aquele momento, somente ela e Deus saberiam sobre a minha vida passada. O meu nome havia sido Rebeca, mas esse nome desapareceu na noite do nosso sangue. Nunca mais o ouvi de novo. Quanto ao seu pai, ele concedeu à nossa mãe o que ela desejava, permitindo que me levasse com eles através do deserto.

Dali por diante eu era um menino.

ELA ME CHAMOU de Aziza, um nome do povo do seu pai. Pode significar uma pessoa que é amada, mas também aquele que é poderoso e feroz. Há quem acredite que o nome é uma antiga palavra para arqueiro, aquele que nunca está sem uma arma, nunca à mercê de ninguém. Era isso o que a nossa mãe desejava para mim. O povo que vivia na Montanha de Ferro adorava uma grande deusa entre os seus deuses; esse povo também considerava a força das suas mulheres. Agora, quando vejo a minha irmã trabalhando no campo entre os essênios, seguindo os costumes rígidos, cantando para as cabras que apascenta, uma serva calmamente à espera do Fim dos Dias como se ela mesma nada mais fosse que uma ovelha passiva e bela, acho que a carne e a grama são a mesma coisa, tão fugaz, mudando diante dos nossos olhos. Minha irmã foi concebida no país em que o céu brilhava prateado e os homens eram ferozes. Se o seu pai a visse caminhando na poeira atrás dos homens essênios, de cabeça baixa, ele teria sido envergonhado. Mas não importa o quanto você se curve diante dos outros, minha irmã, o vínculo que nos une durará por toda a eternidade, até nos reencontrarmos em um lugar onde nada possa nos separar, como na noite em que você nasceu, na tenda do seu pai, com a minha respiração dentro de você e a minha vida, o fio que a manteve neste mundo.

*

DURANTE O PERÍODO em que você crescia, eu era o seu irmão. Você me seguia como uma pomba segue os campos de cereais. Eu usava trajes azuis, trazia o cabelo preso, depois bem-trançado à moda dos meninos. O seu pai ensinou-me a montar um cavalo, a usar a funda e a lança. Eu era um guerreiro nato, feito de ferro. Esse era meu elemento desde o início. Em vez de me amedrontar, trazia-me conforto. O metal era frio, pesado e confiável. Fazia o que eu pedisse. Em troca, eu era dedicada; nunca houve um dia em que não expressasse a minha

gratidão à espada que carregava e ao cavalo que montava.

Os espíritos malignos têm aversão ao metal e dizem que o nome do ferro ao ser invocado perante o Todo-Poderoso é *Barzel*, que alguns acreditam ser uma combinação de letras tirada dos nomes das mães dos filhos de Jacó, Léa, Raquel, Bilá e Zilpá. As armas são vedadas às mulheres, mas esse nome sugere que talvez os homens tenham tanto os nossos talentos na guerra quanto nosso desejo de paz. Eu era assistida pela graça das antepassadas da nossa tribo, Raquel e Léa, mas não trilhei o mesmo caminho que haviam percorrido. Nunca soube o que significava ser uma esposa. Nunca trabalhei em um tear. Não andava na companhia das meninas para receber os nascimentos e por isso era especialmente grata. O seu nascimento fora o bastante para mim.

Eu preferia ser o filho do seu pai, esperando em silêncio com os cavalos enquanto os homens faziam seus ataques. Segurava as rédeas enquanto os guerreiros desciam a pé ao longo da passagem estreita para atacar as caravanas que viajavam para o oeste em direção ao Egito, as carroças e os cavalos destemidos carregados de mercadorias do Oriente. Eu ajudava a carregar as pilhas de incenso, as fieiras de lápis-lazúli, coral e jade, as cestas de cardamomo e cássia, as bolsas cheias de barras e moedas de ouro. Via mais sangue no chão que qualquer uma das meninas presenciava nos partos. Sabia coisas que elas não podiam sequer entender: como era cavalgar durante a noite quente com uma lança às costas. Como era precipitar-se pela Montanha de Ferro, uma só criatura, um só coração, bradando gritos de guerra, brilhante de suor, correndo sob a lua. Nessas ocasiões, era possível imaginar que tinha asas e era livre como qualquer ave de rapina, feroz como qualquer homem.

O meu segredo tornou-se a minha vida diária. Nossa mãe certificava-se de que eu me banhasse sozinha. Quando meus seios começaram a despontar, ela os amarrava com uma faixa de linho. Essa ligadura fazia-me ficar ereta, em toda a minha altura, como se fosse feita de ferro e não de carne. Era capaz de bater mais forte que os meninos. Era mais rápida também, e mais ágil com a espada. Com o tempo seu pai ficou orgulhoso de mim, quase como se eu fosse seu filho, como se a nossa mentira fosse verdade. À noite a nossa mãe me ensinava a ler e a escrever. Aprendi grego, aramaico e hebraico. Havia garotas que caçoavam de mim e me perseguiam, como faziam com todos os meninos que admiravam. Uma me beijou durante essas brincadeiras e eu ri, pensando em como ela era tola. Eu estava acima de tais interesses. E ainda me sentia confusa porque, quando meu amigo Nouri me empurrou para podermos fugir das meninas, meu sangue disparou. Quando ele me agarrou, seus dedos deixaram meu braço

pulsando, como se ele tivesse me queimado sem querer.

Procurei a nossa mãe e chorei, como qualquer menina boba, quando lhe contei o que acontecera. Lutei contra o impulso de me aproximar de Nouri, mas ele me atraía, como o aço chama o aço. Nossa mãe disse que era o momento de eu entender que nunca poderia ser como as meninas desatentas que perseguiam os rapazes. Disse que vira meu destino. O amor seria a minha ruína. Ela sussurrou que não me dissera isso por crueldade, mas por preocupação. Lançara as pedras no dia do meu nascimento e a minha sorte aparecera no chão à sua frente, um aviso que agora compartilhava comigo, como a sua mãe compartilhara a adivinhação do seu futuro com ela. Não devia olhar para os meninos ou considerá-los outra coisa que não irmãos. No dia em que fizesse isso, meu destino e minha ruína me reclamariam. Nossa mãe tinha lágrimas nos olhos enquanto me instruía. Eu sabia que ela queria o melhor para mim e não duvidei dela.

Ainda não.

Foi fácil dar-lhe a minha promessa naquele dia. Ela me abraçou e me chamou de *filha*, um deslize perigoso com relação ao que eu fora e não era mais.

DEPOIS DISSO, passei a evitar Nouri, embora ele se mostrasse claramente magoado por eu tê-lo abandonado. Evitei pensar nas suas belas feições, na maneira que seu rosto se abria de repente em um sorriso. Ele não era um cavaleiro tão bom como eu, afinal; nunca conseguiria me alcançar. Eu era a melhor entre os meninos da minha idade, destemida. Quando soltava os seios para tomar banho, sentia as asas sobre os ombros, entrelaçando-se através dos ossos, o segredo dos meus dons, um legado de quem era o meu pai, quem e o que quer que ele pudesse ser. Eu quase acreditava que ele poderia ser mesmo um anjo, pois existiam essas criaturas divinas luminosas, aladas, mensageiros esvoaçantes de Deus, que segundo se dizia extasiavam-se com as mulheres da terra e as visitavam durante a noite, unindo-se à carne humana.

Eu cavalgava com o grito do seu povo na garganta quando perseguia coelhos e o tímido hírax que se entoca nas rochas e ronda os matagais. Praticava a minha habilidade para impressionar seu pai, vindo a matar o meu primeiro íbex quando tinha dez anos. Ele não disse nada quando o íbex tropeçou e caiu, mas notei o que ele sentia na sua expressão enquanto ajudava a esfolar o animal. Era *Adar*, o mês em que se encontravam íbex jovens nos campos, mas eu matara um macho enorme. Seu pai tocou minha testa em uma bênção para a minha habilidade. Vindo de um homem tão silencioso, isso foi um grande elogio.

Senti-me feliz por ser um menino naquele mundo de homens e por ter recebido uma grande honraria quando seu pai me permitiu cavalgar ao lado dele. Eu vivia intensamente cada dia, o cabelo preto trançado, o manto azul índigo do povo do seu pai. Mas nosso irmão havia nascido e, quando ele cresceu, tudo mudou. Era para Adir que nosso pai olhava com orgulho. Talvez ele realmente tivesse se esquecido de quem eu era durante todos aqueles anos e só então se lembrasse de que era uma menina que a minha mãe se recusara a deixar para trás na primeira noite do seu casamento, antes de chegarmos à terra de Moabe e mudarmos quem eu me destinava a ser.

*

NA ESTAÇÃO das chuvas, quando não havia caravanas, os homens voltavam para as outras aldeias, para as outras esposas. Seu pai e os companheiros nunca paravam em um único lugar, mas em vez disso enrolavam suas tendas e partiam por toda a terra, deixando a família na Montanha de Ferro para ir visitar as outras esposas e seus filhos em lugares distantes do nosso acampamento. Eles cavalgavam para tão longe que suas sombras dificilmente poderiam ser vistas pela humanidade. Nós ficávamos para trás com as cabras e as ovelhas brancas tosquiadas. Havia centenas no rebanho, todas aumentando a riqueza do seu pai, e elas precisavam de cuidados. As acácias desabrochavam em flores amarelas e os gramados no campo eram tão altos que podíamos desaparecer e nunca ser vistos quando corríamos pelo prado. À noite, os morcegos voavam juntos em uma nuvem escura, caindo sobre as árvores para beber o suco de figos. O ar era leve e a chuva tornava o ar do mesmo tom de azul que as túnicas que seu povo usava.

Nossa mãe não reclamou por termos ficado para trás na Montanha de Ferro quando seu pai partiu. Ela tinha outros afazeres. Quando a nossa mãe foi expulsa de Jerusalém, eu não era seu único animal de estimação. Ela também trouxera duas pombas e era dedicada a elas. As pombas ficavam dentro de uma gaiola de madeira e eram alimentadas com grãos e tâmaras. Quando bebiam água, levantavam a cabeça como se louvassem a Deus. A nossa mãe as soltava uma de cada vez, prendendo mensagens nos tubos de bronze presos às suas pernas. As pombas levantavam-se no céu ocidental quando ela as atirava para cima, desaparecendo em um piscar de olhos. Elas sempre voltavam. Com o tempo, seus filhos e netos também o faziam, seguindo a mesma rota misteriosa.

Nossa mãe esperava pelo retorno das pombas enquanto o anoitecer caía entre as montanhas em faixas azuis. Ela dizia que a cor do céu a fazia se lembrar de água e da terra em que ela passara a infância, antes de ser mandada para Jerusalém. Ela sentia saudade da cidade de Alexandria, um lugar onde os rios

estavam cheios de criaturas milagrosas e monstros semelhantes, onde a sua mãe entoara canções para ela dormir, as mesmas que nos cantava agora. Durante todos os anos em que estivemos em Moabe, ela permaneceu solitária. Talvez estivesse pensando na cidade do seu nascimento. Talvez por isso muitas vezes eu a visse chorando.

Quando uma das pombas reaparecia, nossa mãe tornava-se totalmente absorta. Se a chamasse, ela não ouviria. Se uma abelha pousasse em sua mão, ela não tomaria conhecimento. Ao contrário do seu pai, que vivia satisfeito, percebi que nossa mãe ansiava por algo mais. No entanto, não conseguia decifrar sua expressão, não enquanto permanecesse ali com os pés descalços, vestida como um menino. Somente agora entendo. Ela era uma mulher apaixonada.

Durante os anos em que vivemos com seu pai, ela enviava mensagens para outro homem, aquele que era o meu pai. Uma vez encontrei uma carta que ele lhe enviara de volta, escrita em um pequeno pedaço de pergaminho, menor que a unha do polegar. Entendi então que não havia um anjo envolvido na questão do meu nascimento, pois os anjos nos procuram em sonhos e visões, não em um pergaminho. Nossa mãe pensou que tinha dobrado o bilhete e guardado no seu livro de encantamentos, mas em vez disso a mensagem caíra no meu caminho. Talvez fossem mesmo os anjos que tivessem provocado isso, para eu ficar sabendo a verdade sobre as minhas origens, ou talvez um demônio o tenha arrancado de entre as páginas. *Minha verdadeira esposa* estava escrito. Minha mãe me ensinara a língua dos estudiosos e, porque eu sabia ler em hebraico, conheci a traição ao seu pai, o homem que me ensinara tudo o que eu sabia, como cavalgar e caçar, e como ser leal às pessoas a quem amamos.

Joguei o pergaminho na fogueira naquela noite. Quando o fiz, ele voou como uma vespa para me picar. Existe uma marca embaixo do meu olho esquerdo, o que restou dessa ocasião. Por isso nunca pude esquecer o que descobri. Às vezes as pessoas pensam que estou chorando, acreditam que viram uma lágrima, mas estão enganadas. Passei a primeira parte da minha vida sem lágrimas, a exemplo de qualquer rapaz. A marca embaixo do meu olho foi feita pelo fogo. É o único elemento capaz de vencer o ferro.

*

PERMANECEMOS até o verão em que completei catorze anos. Eu sabia que sangrava muito, embora os meninos com quem eu corresse não o fizessem, mas isso não mudava quem eu era, a mais feroz dentre eles, o cavaleiro com asas, Aziza, que carregava a paixão e o poder em seu íntimo. Simplesmente

precisava manter meu sangue em segredo, assim como ocultava o corpo da vista de todos. As mulheres ali não eram consideradas *niddah* quando sangravam, então eu não cometia nenhum pecado de verdade ao guardar meu segredo e permanecia entre as pessoas durante essa época do mês. Nas viagens de caça, eu insistia que tinha o sono agitado e precisava acampar sozinha. Quando os outros se aliviavam, eu brincava que era um camelo e podia reter a minha água por dias, esperando até o momento em que poderia passar despercebida.

Nessa época seu pai dera a Adir um lindo cavalo, no qual eu treinara mas que não era mais meu. Àquela altura eu cavalgava um velho garanhão branco, cujo tempo passara e nunca mais venceria uma corrida, por mais que o açoitasse. O povo do seu pai estava se mudando para o sul, para Petra, abandonando o costume de viajar. A cidade que surgira das rochas vermelhas, tiradas da borda da ravina profunda, quase infinita, começara a atraí-los com sua grande beleza e a vida sedentária que lá poderiam encontrar. Havia uma piscina com a fama de ser maior que qualquer lago e jardins incomparáveis. Dizia-se que os peregrinos sentiam-se em casa nesse lugar e que até mesmo esses homens indomáveis que ansiavam pela liberdade, tendo passado a vida em busca de campos abertos, não conseguiam ignorar o chamado de Petra. E havia outra razão – os romanos poderiam atacar nosso acampamento, apesar da promessa de paz e do temor da coragem lendária dos homens da tribo. Corria um boato de que, se todo o sangue fosse derramado sobre as falésias de ferro de Moabe, uma dezena de homens surgiriam do sangue do primeiro. Talvez os homens estivessem cansados de se mudar sempre de casa, das inúmeras esposas, e ansiassem por uma única residência e uma vida tranquila.

Minha mãe implorou ao seu pai que permanecêssemos nas montanhas quando ele, seus irmãos e os tios atenderam ao chamado de Petra. Poderíamos acampar com aqueles que estavam estacionados de guarda contra a legião, caso os romanos mudassem de paz com as tribos para guerra. Ela disse que seu espírito não podia ser contido em uma cidade, mesmo em uma tão gloriosa. Contou ao marido que se acostumara à tenda e às estrelas, mas eu sabia que não era verdade. Era mais que isso. Algo que seu pai não vira, apesar de ter a visão aguçada de um falcão. Algo que somente uma mulher notaria. Desse modo, eu ainda era mulher o bastante.

No dia em que as mulheres começaram a desfazer o acampamento, desmontando as tendas, reunindo suas chaleiras e seus tapetes, uma pomba chegou. Vi-a descer flutuando entre nós como se fosse uma parte arrancada do céu caindo sobre a terra. O ar violeta estava frio e ergui os olhos alarmada,

perturbada com a chegada da pomba. Tive a sensação de que tudo estava prestes a mudar e que o passado já se consumia em cinzas. Nossa mãe pedira para ficar, mas seu pai recusara o pedido. Ele a queria consigo. Disse-lhe para levar todos os pertences que lhe importassem, porque talvez nunca mais regressasse à Montanha de Ferro.

Nossa mãe foi até o topo da montanha com a ave em uma cesta, para poder ler sozinha a mensagem recebida. Não sei o que dizia, mas ela voltou ao acampamento com uma expressão definida.

A bagagem estava pronta e parecia que partiríamos para Petra pela manhã, mas minha mãe não esperou o sol nascer. Ela me acordou no instante em que seu pai partiu com os irmãos para garantir que a rota até a cidade estivesse segura para as mulheres e crianças que seguiriam depois. Assim que ele se foi, preparamos o cavalo rápido de Adir. Tínhamos também o grande cavalo de corrida do meu pai, pois ele levava uma das éguas, deixando sua montaria para a minha mãe, um sinal da devoção que lhe dedicava. O cavalo chamava-se Leba, um nome que significa coração. Era um animal tão leal que jamais teria ido conosco, não fosse por me conhecer bem, por eu tê-lo alimentado e hidratado muitas vezes. Sempre desejei que ele fosse meu um dia, embora soubesse que seu pai nunca me daria Leba. Adir era o verdadeiro filho.

Levamos apenas as pombas na gaiola de madeira e uma única sacola de tecido com nossos pertences, juntamente com uma bolsa de couro com água e outra sacola com iogurte e queijo. Vi a minha mãe pegar o livro de encantamentos da mãe dela e a caixa de pau-ferro em que guardava o diário. Usava os amuletos de ouro que ganhara em Alexandria, quando era improvável que o destino a trouxesse a Moabe, e os brincos que o seu pai lhe dera no dia do casamento. Ela deixou para trás todo o resto, uma grande quantidade de joias com que seu pai lhe presenteara. Entre elas havia colares de jade, pulseiras de ouro e turquesa, contas de prata e pérolas, anéis de ouro adornados com pedras preciosas como nunca víamos, alguns dos quais com raras opalas que mudavam de cor, incandescentes, contendo água e fogo dentro das pedras. Ela estendeu as joias com ternura e gratidão sobre o estrado em que tinham dormido, mas não mostrou nenhum arrependimento. Seu pai era o homem que nos salvara, mas não aquele a quem ela amava.

O *SEMBLANTE* da nossa mãe foi se transformando pelo caminho enquanto seguíamos para o oeste, como se ela fosse recuperando a juventude. Eu passara a vida toda ao lado dela; era como se ela se tornasse totalmente desconhecida de um modo que eu não conseguia definir.

É verdade que você e nosso irmão não queriam ir. Adir ficou amuado e lamentou-se e você chamava pelo seu pai. Poderia ter nos matado com seus gritos, mas cavalgávamos tão rapidamente que o vento levou a sua voz para o céu. Deixamos os cavalos junto ao Mar de Sal para que pudessem retornar ao seu legítimo proprietário. Não éramos ladrões. O cavalo do seu pai virou-se e correu de volta pelo mesmo caminho por onde viéramos. O cavalo de Adir o acompanhou. Em um instante eles tinham desaparecido. Restaram somente as marcas dos seus cascos sobre a areia, e até mesmo elas desapareceram enquanto as observávamos, por isso naquele momento pareceu que nossa vida nas tendas fora um sonho. Se voltássemos pelo caminho por onde viéramos, certamente não encontraríamos nada na montanha onde vivêramos por tanto tempo, nem mesmo cinzas.

O único sinal daquele período era a cicatriz embaixo do meu olho.

AS PESSOAS dizem que nossa mãe caminhou sobre a água e que os treze demônios de Lilith a sustiveram pela bainha do vestido mas, na verdade, encontramos um homem com uma embarcação de fundo chato. Um homem simples mas ganancioso, que queria um alto preço para nos levar pela água. Olhou para minha mãe, com seus olhos negros, contentando-se por tê-la como pagamento. Em vez disso, ela trocou as primeiras joias que seu pai lhe dera, os brincos que usava sempre. Eram de rubis da Índia, capturados de uma caravana de homens que falavam uma língua que ninguém nunca ouvira. Os rubis faziam que me lembrasse do seu pai, tão puros eles eram, tão elementares, tão brilhantes e vermelhos que pareciam quentes ao toque. Virei-me, incapaz de assistir àquela troca. Já vira sangue derramado do seu pai em muitas ocasiões. Apesar dos rumores nas histórias dos romanos, de maneira alguma ele era azul.

Antes de partir coletamos figos, juntamente com um feixe de ramos de acácia. Uma tempestade se formava e o mar estava cheio de corcovas negras. Pareciam pedras colocadas para bloquear o caminho. Nossa mãe disse para não nos preocuparmos. Ela jurou que a água se aplacaria e nos protegeria; vira isso como seu próprio destino. O barco balançava e o homem que remava proferia maldições e lutava com o mar. Ainda assim, a minha mãe continuava serena. A água salgada respingava nos nossos rostos e ameaçava nos cegar, mas na outra metade do percurso o mar se acalmou, tornando-se azul, depois acinzentado e, por fim, prateado e calmo. As montanhas da Judeia refletiam-se na água, flutuando à nossa frente. A visão fez parecer que já chegáramos ao nosso destino, embora ainda restasse uma longa jornada. Senti o cheiro de fogo e metal. Os meus elementos. A minha vida dupla.

Quando chegamos ao outro lado do Mar de Sal, o barqueiro nos deixou. No silêncio à nossa volta, senti que poderia ouvir o coração pulsante do mundo em Jerusalém, *lev ha-olam*, o centro da criação. Acampamos onde o barqueiro nos deixara, exaustos pelas viagens. À noite, depois de você e Adir terem adormecido sobre a areia úmida, nossa mãe fez sinal para que eu a seguisse. Acendemos uma fogueira com a madeira de acácia que coletáramos na outra margem, a última acácia que eu veria com raízes fincadas em Moabe. Minha mãe soltou suas pombas de estimação. Depois que desapareceram, lançou a gaiola ao fogo e a deixou queimar em um borrão de chamas.

Ali naquele vazio eu não conseguia parar de pensar na Montanha de Ferro e na vida que levava lá, como imaginava estar voando quando cavalgava à noite com a tropa de bandidos destemidos, como tomávamos tudo com o que nos deparávamos. Eu estava com catorze anos, mas já matara vários homens. Depois de fazê-lo, queimava as flores da acácia em um tributo a cada um deles, como era o costume. Seu pai muitas vezes trazia ramos carregados de centenas de flores para nossa mãe. Ela agradecia, mas não se interessava por aqueles ramos bonitos. Não apreciava a natureza adocicada das flores e o modo que atraíam as abelhas. Aquelas criaturas aladas compreendiam a verdadeira essência da acácia, a razão pela qual as queimávamos em homenagem às almas. Quando as flores da acácia queimavam, subiam para o alto, em homenagem ao nosso Deus, que as criara.

A única vegetação que crescia nesse lado do Mar de Sal era o bálsamo de Jericó, uma árvore que o povo dizia brotar do submundo, contendo uma chama dentro de uma fruta comestível. Nossa mãe pegou três dessas frutas e as lançou ao fogo, e as chamas tornaram-se amarelas como o ouro. Ela então me disse para tirar toda a roupa. Porque eu não ousava desobedecer, fiz o que ela pedira.

Tirei as calças e a túnica, depois a capa, juntamente com o lenço de cabeça que fora tingido com a cor azul do povo do seu pai. A nossa mãe queimou tudo. O tecido enviava faíscas escuras para o céu. Ela soltou meu cabelo e desfez os nós com os dedos. Não reclamei, embora doesse. Não disse nada e sufoquei as lágrimas. Contaram-me que no início, quando chegamos, o povo do seu pai sussurrava que ele trouxera uma bruxa de Jerusalém e que nossa mãe teria o poder de hipnotizá-lo. Era melhor não olhar nos olhos dela, diziam as mulheres do nosso acampamento, ou contrariá-la. Naquele momento eu me perguntei se não estariam certas. Temi a minha própria mãe naquela noite. Fiquei parada ali, nua sobre o sal, os pés ardendo, enquanto ela cantava em uma língua incompreensível, os braços, o pescoço e o rosto cobertos pela lama do Mar de

Sal, parecendo um demônio. Senti-me desmascarada, os seios soltos, o cabelo tão comprido que passava da cintura, como um lençol preto.

Nossa mãe levava consigo a pequena sacola de tecido com nossos pertences. Quando ela remexeu no seu interior, temi pelo que poderia ser revelado. Talvez uma cobra ou um escorpião, ou uma faca com a finalidade de me marcar em um sacrifício, como Abraão recebera a ordem de levar seu único filho, Isaac, perante Deus. Demorou um pouco para eu entender o que ela pretendia, mesmo depois de revelar o que trouxera consigo de Moabe. Era uma saia e uma capa feitas com seda que seu pai lhe dera, um tesouro da Índia, contornadas por borboletas. Vesti-me, enfiando-me nas roupas estranhas, depois calcei um par de sandálias finas de couro. Estava escuro naquela noite, o que era uma coisa boa. Não teria sido capaz de olhar para mim mesma. Tornara-me uma estranha em minha própria pele. Ainda sentia as asas acima dos ombros, mas elas pareciam presas de um modo diferente de quando havia uma folha de linho enrolada em torno de mim, escondendo-as.

Nossa mãe e eu dissemos as orações em conjunto, aquelas que são recitadas quando nasce uma criança e uma alma humana entrou no nosso mundo. Aquela foi a noite em que me tornei mulher, embora mantivesse meu nome. Aziza, a piedosa, a poderosa. Aziza, a mulher que sabia o que era ser homem.

Durante a manhã chegou um mensageiro de Massada. Ele fora informado de onde exatamente estaríamos esperando. Deu-nos água potável e alimentos, então disse que iria nos levar em segurança. Ele me fitou de um modo que nenhum homem me fitara antes.

Foi a primeira vez na vida que entendi o que era para o resto do mundo.

Fiz questão de baixar os olhos.

*

MESMO AGORA sinto-me atraída para o meu antigo estilo de vida. Passo o menor tempo possível dentro dos pombais. As pombas não me interessam, assim como nenhum outro trabalho feminino. Não consigo tecer ou costurar sem picar os dedos. Quando cozinho, deixo queimar o pão sírio. O meu guisado é insípido, não importa quantos ingredientes acrescento à panela. Não há sal ou cominho suficientes no mundo para satisfazer às minhas tentativas de temperar os alimentos. Sou desajeitada em tarefas que minha irmã terminava com facilidade quando tinha apenas oito anos de idade.

Inúmeras vezes me encontro ao lado do quartel, atraída para lá, especialmente

nas noites que assinalam o novo mês, *Rosh Chodesh*, quando as mulheres se reúnem para comemorar, pois não é na companhia delas que me identifico, mas ali, ao lado dos guerreiros. Quando encontro pontas de flechas, guardo-as na palma da mão, como talismãs do meu passado. As lâminas encaixam-se perfeitamente no meu punho. O peso do material, frio e plano, é o que mais anseio. Somente o metal alcança o centro de quem sou.

Estou nessa fortaleza há muito tempo, mas ainda sonho com a outra época, embora não tenha dito a ninguém, nem mesmo a Amram, a quem me prometi, apesar das advertências da minha mãe. Algumas coisas devem ser mantidas em segredo, aprendi isso ainda jovem, e tenho mantido bem guardado o nosso segredo. A minha mãe pode ser tomada pelas dúvidas, mas não tem nenhuma prova de que a tenha desobedecido. Ela espalhou sal na soleira da nossa porta, para eu deixar as minhas pegadas, mas pulo por cima do sal, sem deixar rastros. Ela amarrou um fio do seu cabelo na porta, mas eu simplesmente me esgueiro por baixo dele. Posso enganá-la em algumas coisas; ainda assim, penso na sua profecia todas as vezes que me encontro com Amram. Sou dele, mas sei que me desonro escondendo a verdade da minha mãe, que me deu a vida, não uma, mas três vezes.

Desde o início minha irmã foi minha cúmplice. Estávamos havia quase um ano trabalhando com nossa mãe nos pombais quando Amram chegou. Passávamos os dias dedicadas à labuta. Os três pombais eram como uma família de cabras – o pai, construído como uma torre, depois a mãe e o filho, quadrados e atarracados, um pequeno e o outro menor ainda. Até então eles eram o meu mundo, uma vez que evitava os vizinhos e me mantinha afastada das outras mulheres, temendo que, de algum modo, elas percebessem nossas diferenças.

Quando Amram chegou de Jerusalém no início do verão, no ano da queda do Templo, ele era apenas mais um rapaz fugindo dos inimigos, condenado tanto pela sua origem como pelas suas ações, um matador que poderia ser visto como um assassino ou como um herói, dependendo de quem você era e a que local o destino o levara. Aconteceu de eu estar lá, atravessando a praça. Estava com quase dezesseis anos, mas ainda me guardava para mim mesma. Não me importara com nenhum homem, até que vi Amram subir pelo caminho da serpente. Ele caminhava com facilidade, como se as escarpas fossem pouco mais que um campo. O que era íngreme e difícil para os outros, para Amram não era diferente que o ar para a cotovia. Estava claro que poderia vencer o que aparecesse à sua frente, homem ou animal, até mesmo a própria terra.

Observando-o, quase me vergonhei de achá-lo tão bonito. Ele era o guerreiro

que gostaria de ter-me tornado, esguio e magro, seguro de si. Invejei-o e quis possuí-lo, e a tudo o que ele tinha. Lembrei-me do modo que a noite caía no outro lado do Mar de Sal, em ondas de azul profundo, no dia em que minha mãe me advertiu da profecia de que deveria evitar o amor a todo custo. Mas eu nasci para desobedecê-la. Soube disso quando descobri que não conseguia desviar o olhar de Amram. Tentei e não consegui, embora fosse mais forte que ferro e mais ainda em tais assuntos. Aziza, a poderosa, de algum modo se desmanchou. Será que havia algum anjo ou demônio que se lembrava de qual fora o meu nome e agora me chamava Rebeca dos confins do céu? Fiquei lá como qualquer outra mulher no Portão da Serpente, ao lado de todos os demais que ali se reuniram, encantada e seduzida por Amram, antes mesmo de ele chegar até nós.

Quem sabe o momento pudesse ter passado, e eu me virado e retomado os meus deveres, se ele não me tivesse visto também, se nós não nos tivéssemos transformado por um simples olhar que trocamos. Compreendi que fora capturada no instante em que me rendera ao impulso de ficar em cima da muralha para aplaudir a sua chegada. Minha intenção era outra. Apenas ver o tipo de homem que poderia ter sido na minha segunda vida. Em vez disso, tornei-me uma mulher naquele instante. Através do calor bruxuleante, enquanto ele subia pelo caminho da serpente, vi seu destino entrelaçar-se ao meu.

SENTIA-ME CURIOSA, atraída por ele. Quando as chuvas vieram, ficava ao lado do arsenal, toda molhada, na esperança de ter um vislumbre daquele homem no quartel. Dava a volta na muralha em busca de sinais de sua passagem: uma ponta de flecha, uma pegada, um fio de cabelo. Quando a poeira levantava eu pensava nele; quando olhava para o céu, lembrava-me dele; quando ia buscar água, comia o jantar, trabalhava entre os pombos, tudo, não importava quão trivial, trazia-o à minha lembrança. Não o teria perseguido, mas um dia ele cruzou meu caminho quando minha irmã e eu seguíamos apressadas para o pombal. Levantei a mão em proteção aos olhos, não só para poder vê-lo, mas também para esconder a marca embaixo do olho. Naquele instante fui pretendida mais uma vez. Ele sorriu, convencido de que me conhecia, e eu retribuí o sorriso, sabendo que não.

Nossa mãe nos esperava. Se estivesse junto a nós, ela me obrigaria a me virar de lado. Quem sabe tudo que se seguiu tivesse sido diferente, mas, como o destino quis que ela não estivesse lá, senti-me imensamente grata por isso. Nahara lançou-me um olhar quando lhe disse para prosseguir, mas fez o que pedi.

– Você faz esse caminho todos os dias – comentou Amram depois que a minha irmã se afastou.

– Como você sabe? – falei-lhe como me dirigia a Nouri, como se fosse um igual, não me curvando diante dele.

– Porque a observei.

Senti-me como era quando estava nas montanhas, eu mesma outra vez.

– Não tanto quanto observo você – disse, o meu sorriso se alargando.

Por ter crescido entre os meninos, não tinha a malícia da mulher. Amram riu, surpreso com a minha franqueza. Acho que, quando o beijei pela primeira vez, sem esconder nada, fiz como um homem o faria, desenvolto pelo ardor. Se ele ficou surpreso com isso, pelo menos não se decepcionou.

AS MULHERES nos campos fofocavam sobre nós. Eu ouvia as palavras, mas tais comentários não eram nada para mim, picadas de vespa, grãos de areia no meu sapato. Deixava as fagulhas do seu ciúme rude caírem no chão. Nenhuma delas teve a coragem de procurar minha mãe e arriscar-se a enfrentar a sua raiva com as histórias sobre o meu mau comportamento.

Começamos a nos encontrar no escuro, ao lado da fonte da Praça Ocidental. Sempre que estava com Amram, a minha irmã jurava que eu estava com ela. Ela era o meu escudo, a minha chave para a liberdade, a pombinha que levava as palavras que eu escrevia para ela dizer quando fosse contar a Amram a hora em que poderíamos nos encontrar em segurança. Eu salvara a minha irmã uma vez, agora ela me pagava. Muitas vezes ela cruzou a praça comigo à noite. Dávamos as mãos e sussurrávamos como crianças, mas, quando nos aproximávamos da fonte, em determinado momento ela cobria os olhos e eu seguia sozinha. Se ela não testemunhasse nosso encontro, não seria obrigada a dizer uma mentira deslavada quando assegurasse à nossa mãe que não me vira com nenhum homem.

Encontrávamos lugares para ficar sozinhos, depósitos, jardins, o campo à noite. Uma vez mais, como quando dera a vida à minha irmã, a respiração de alguém me pertencia e a minha à dele. Amram prometeu que esconderia o nosso segredo da minha mãe, e ele era um homem de palavra. Havia quem jurasse que em Jerusalém ele fora o mais ousado dos assassinos, capaz de se transformar. Dizia-se que seu pai, o grande e temível assassino Bar Elhanan, possuía a capacidade de desaparecer à vista de todos. Talvez ele tivesse herdado esse truque da invisibilidade, pois Amram era capaz de passar sem ser notado pela minha mãe, a sua presença pouco mais que uma nuvem. Tornamo-nos tão corajosos que nos atrevemos a nos encontrar no porão embaixo do nosso

alojamento, pois havia uma escada secreta no chão da velha cozinha, e ainda outra que dava acesso ao porão a partir da praça. Despiamos as capas sob o assoalho que a minha mãe pisava. Talvez tenha feito isso para ofendê-la, para reivindicar a minha própria vida e refutar a sua profecia de que o amor só me traria angústia.

No nosso porão secreto eu tentava ao máximo espionar Amram no tecido escuro das sombras antes que ele pudesse me ver. Consequia identificar os ratos do campo em busca de grãos e as formas modorrentas dos morcegos pendurados no teto, mas Amram me enganava todas as vezes, segurando-me antes que soubesse que ele estava lá, deslizando a mão sobre a minha boca para eu não gritar. Poderia escapar dele facilmente e levar uma faca ao seu pescoço antes que ele piscasse, mas dizia a mim mesma que esse era o nosso jogo, esconder a nossa verdadeira natureza. Embora ele não me visse por quem eu era, mas eu deveria saber bem disso, nunca lhe negava nada. E ainda assim não me sentia satisfeita.

Ele não enxergava através de meus véus e não lhe revelava o meu eu mais profundo. Talvez fosse apenas para desafiar a minha mãe, mas na época que Revka chegou para trabalhar conosco nos pombais, eu tinha me prometido a ele. Não muito tempo depois que a irmã dele, Yael, chegou para trabalhar conosco, eu era dele.

TALVEZ ALGUNS segredos sejam impossíveis de manter, pois parecia que os meus pecados estavam escritos em mim. Eu era solteira, embora soubesse o que as noivas sabiam, como os homens gemiam de paixão, como eles às vezes choravam por tudo o que sentiam, como o desejo os vinculava tão firmemente como as roupas que eu usava na vida – xales, véus e mantos – ligando-me ao que havia me tornado. Os homens me olhavam rudemente no mercado quando entrava na fila para receber as rações de trigo e de milho. Eles observavam como eu carregava as cestas de esterco para o campo e faziam sugestões que eu ignorava. Não era submissa, disposta a assumir o ônus dos seus desejos. Gritava-lhes para voltarem para casa, para as suas esposas ou mães. A própria ideia de que me submeteria a qualquer homem que decidisse me falar desse modo revivia o guerreiro que havia em mim. Deixava o xale deslizar do meu cabelo e dos meus ombros, permitindo que meus braços brilhassem nus à luz do sol. As outras mulheres começaram então a sussurrar que era uma *shedydim*, uma criatura que ninguém podia controlar. Nisso elas estavam certas. Eu fazia o que queria, mesmo que minha mãe me proibisse de fazê-lo, mesmo que fosse um pecado.

Comecei a me perguntar se não havia algum sentido nas histórias das mulheres do campo a meu respeito, talvez o que me separasse de todas as outras

não fosse a vida que levava antes de chegar ali, mas antes se devesse a quem poderia ser meu pai de verdade. Embora ele não fosse um anjo ou um íncubo, mas um homem que escrevia em pergaminhos, eu me confundia cada vez mais sobre a sua identidade com o passar do tempo. Pensei que era estranho que o mensageiro soubesse exatamente onde nos encontrar na costa do Mar de Sal e que ele inclinara a cabeça para minha mãe, como se ela fosse a esposa de um homem importante. Imaginava por que, dentre todos os lugares a que poderíamos ter ido neste mundo, tivéssemos de chegar a essa fortaleza e não a outra.

Minha mãe não me dizia nada. Ela se recusava a revelar para onde enviara as pombas do alto da Montanha de Ferro. Negava ter alguma vez recebido respostas, embora as palavras que lhe enviaram tivessem me queimado e eu ainda carregava a cicatriz. Somente disse que havia sido uma menina que seguiu o caminho determinado para ela pelo Todo-Poderoso.

– Seria eu tão grosseira e presunçosa a ponto de perguntar a Deus por que me pôs em um caminho e não em outro?

Quando ela disse isso, seu rosto estava jovem e inocente. Pela primeira vez ela, que sempre fora tão destemida, parecia vulnerável. Minha mãe me ensinara muito. Graças a ela eu sabia ler mais idiomas que a maioria dos homens cultos, ainda que soubesse muito pouco a seu respeito ou sobre mim. Desde Moabe, nossos segredos pareciam uma teia de aranha, um fio sustentando o seguinte. As palavras que não dizíamos tornaram-se as únicas coisas que realmente importavam. Nós nos movíamos como aranhas, circulando uma ao redor da outra, desconfiadas, esperando pelo que viria em seguida.

– Será que eu também não tenho um caminho? – perguntei, encorajada quando disse que não questionara a direção a que Deus a conduzira.

Ela me olhou pensativa.

– Um deles você deve evitar a todo custo.

Essa observação foi suficiente para me convencer de que eu precisava encontrar meu próprio caminho.

COMO OS NOSSOS segredos nos forçavam a nos afastar, eu me isolei. Seguindo o exemplo da minha mãe, não contava nada. Ficava no nosso alojamento quando ela saía para ajudar no trabalho das mulheres ou para assistir pessoas afligidas por febres, levando o cântaro e a tigela, além de um sabão feito de gordura e cinzas, insistindo que os doentes lavassem as mãos para se purificar. Não a

acompanhava quando saía à noite para a sinagoga, onde cavava a terra a fim de enterrar amuletos em lugares santos, para a proteção de quem a procurasse em uma necessidade. Quando a minha mãe me pedia para aventurar-me com ela além do portão e coletar arruda, manjerona e as maçãs amarelas da mandrágora, utilizadas na *pharmaka*, restava-me pouca escolha a não ser obedecer. Mas, mesmo quando tentava atender aos seus desejos, não tinha utilidade para ela. As minhas mãos não eram ágeis. Rasgava as folhas, e os frutos se desfaziam. Não tinha o toque da feitiçaria. Não dominava nenhuma das habilidades que uma mulher deveria possuir.

Não foi de admirar que Yael tomasse meu lugar. Minha mãe a escolhera para se juntar a nós no momento em que ela entrou pelo portão, enquanto Yael seguia atrás do pai, a cabeça inclinada, o cabelo vermelho grudado com o sal. Talvez minha mãe tivesse ficado tocada com sua condição, que adivinhou tão logo observou o modo de andar de Yael e o cuidado com que ela cobria o corpo com o xale. Minha mãe também estava sozinha quando trouxera o primeiro filho a este mundo.

Quando Yael revelou o nome do seu irmão no pombal, senti o sangue correr mais forte, com medo de que a minha vida oculta pudesse ser percebida pela minha expressão. Ali estava Yaya, a irmã de que Amram falara muitas vezes, a sua protetora e amiga na infância. Eu deveria tê-la puxado de lado para pedir que contasse histórias da sua infância, mas me mantive distante. Não tinha nenhuma razão para acreditar nela ou confiar-lhe os meus segredos. Quando ela me viu com Amram no nosso ponto de encontro, esperei pela sua traição, imaginando que fosse revelar a verdade à minha mãe, com quem trocava tantas confidências. Mas ela nunca mencionou nada. Em vez disso, chamou-me de lado para cochichar que o irmão era um homem bom. Que quem eu amasse não era da sua conta.

Ainda assim, apesar da sua bondade com relação a mim, ela se tornou a minha rival. No dia brutal em que a minha mãe foi levada para a praça e posta a ferros, acusada de bruxaria, Yael foi a única que a assistiu, não eu. Ela correu para a minha mãe, usando um dos amuletos de ouro da nossa família, um presente que sempre fora passado de mãe para filha. Pude vê-las de braços dados através das cortinas de chuva. Virei-me e não disse nada, engolindo o amargor do meu próprio ciúme.

Não pude deixar de pensar no que mais a minha mãe vira no dia em que nasci, se acaso foi um presságio que a levou a me deixar de lado, preferindo uma estranha à própria filha.

DURANTE TODO o belo e suave mês de *Adar*, Yael vinha todas as noites ao nosso alojamento na antiga cozinha do palácio. Aprendia os encantamentos que minha mãe conhecera em Alexandria, juntamente com letras gregas e hebraicas. Elas se sentavam à mesa, as cabeças próximas, as vozes baixas, para não acordar Ariei, agora com quase oito meses de idade, que dormia no estrado em que minha irmã antes passava as noites. Não me ofendi por não pensarem em me incluir. Não tinha interesse em tais assuntos. O *keshaphim* não era nada mais que um ofício de mulheres aos meus olhos, com suas receitas e seus remédios de ervas, não diferente da limpeza das pombas, ou da fiação da lã, ou de manter as panelas fervendo no fogão. Eu usara um encantamento para proteger Amram uma vez, quando ele liderara a primeira incursão a partir dessa montanha. Mas depois me senti impura e fui à *mikvah* para me purificar.

E ainda assim, enquanto as observava nos seus estudos, pensava como seria mais fácil se pudesse fazer o que a minha mãe me pedia, se fosse capaz de acompanhá-la, se já não tivesse sido escrito que eu era fadada a desobedecer.

*

QUANDO NAHARA nos deixou, estava convencida de que ela voltaria. Era eu a rebelde e ela era a boa filha, a minha querida irmã de confiança. Com o tempo, tive certeza de que os rígidos costumes dos essênios a cansariam. Então ela se lembraria de que me pertencia.

Mas a estação mudou, o trigo cresceu e não houve nenhuma notícia dela. Houve Yael em seu lugar à mesa. Houve Ariei, arrulhando, brincando com os dedinhos do pé ou com seu chocalho na cama. Minha irmã baixava os olhos quando nos cruzávamos, como se não tivéssemos atravessado o Mar de Sal juntas e dormido uma nos braços da outra. Ela parecia não ouvir quando a chamava na praça. Pensei que me procuraria no devido momento, mas me enganei. Devia ter entendido que a ovelha não sai pela porta aberta quando todo o seu mundo consiste do cercado em que vive. Depois que uma criatura assim memoriza a cerca de espinhos, não mais atravessa esse marcador, nem mesmo depois de derrubada, pois ela ainda governa os limites da sua visão e da sua vida.

Quando avistei Nahara no campo, pastoreando as cabras pretas, incitando-as com um pedaço de pau torto, seguindo os homens da tribo, os olhos submissos a Malaquias, perguntei-me se minha mãe se enganara na profecia ao dizer que o amor traria a minha ruína.

Talvez tivesse visto o destino da minha irmã no meu lugar.

NO DIA da Festa dos Pães Ázimos, quando comemoramos a libertação do nosso povo da escravidão, o *kadim* começou a soprar de Edom. Nada de bom podia vir disso, pois se dizia que, uma vez que começa, o vento permanece por semanas. Não havia como escapar do seu calor brutal ou se esconder da sua fúria. Durante semanas as aves não subiam ao céu, as asas repelidas pela força das rajadas e pela vontade do nosso Deus, lembrando-nos de que devíamos nos curvar perante Ele e render graças à nossa vida na terra. A confusão reinava quando os homens tentavam se falar e as intenções das mulheres eram mal interpretadas.

No pombal, as aves estavam agitadas e recusavam-se a deitar. A minha mãe desenhou o sinal dos quatro ventos sobre o chão de terra, depois queimou incenso, uma pequena pilha de mirra que fez com que as pombas se acalmassem, embora ainda tremessem. Yael pegava os pássaros no regaço e eles se consolavam, mas, no momento em que ela saía pela porta, eles começavam a se agitar e a chamar.

Quando a Festa dos Pães Ázimos terminou e os padeiros voltaram a trabalhar nos fornos, usando os poucos grãos que tinham para os pães, o vento ainda estava conosco, tão feroz como antes. As pétalas choviam das amendoeiras em saraivadas capazes de cegar. Formavam-se filas nos armazéns, onde os vizinhos aguardavam sua porção de alimentos. As pessoas tinham de gritar para serem ouvidas; no fim, elas muitas vezes se afastavam umas das outras, abanando as cabeças. O *kadim* trouxera um turbilhão; a poeira e a areia se acumulavam nos locais em que dormíamos e comíamos, e nas costuras das nossas roupas.

Felizmente havia um momento em que o vento diminuía e trazia tranquilidade, pela qual éramos todos gratos. Ocorria no momento em que a luz azul da noite começava a cair. A cor do horizonte era tão maravilhosa que até mesmo os cegos juravam que conseguiam enxergar. Era o *beyn ha'arbayim*, um momento em que não é nem dia nem noite, quando o véu da ilusão é mais fino e podemos ver as coisas à luz lilás que não é vista em nenhuma outra hora. Esse era o momento em que os demônios ou anjos podiam aparecer, quando os *sheydim* passaram a existir.

Uma noite Yael não apareceu sozinha no nosso alojamento para sua visita à minha mãe. Trouxera consigo a amiga essênia naquele momento em que o vento *kadim* silenciava. A túnica branca de Tamar parecia azulada em torno dela. As mulheres se aproximaram de nós, os olhos baixos. Estremeci na luz e no vento. Quanto à minha mãe, seu rosto estava desfigurado. Ela vira um escorpião em um canto naquela manhã. Desde aquele momento, esperava que o desastre chegasse à nossa porta.

– Não culpe Tamar pelo que está prestes a lhe dizer – Yael aconselhou à minha mãe, a voz tomada de preocupação. O seu cabelo escarlate brilhava na luz fraca. – Ela me procurou, como faz agora com você, para oferecer a verdade, não para lhe causar algum mal.

O menino de Tamar, Yehuda, tornara-se amigo do meu irmão. Pensáramos que ela talvez tivesse vindo à procura dele, como acontecia com frequência. Mas Tamar não viera por causa do filho. Era a minha mãe que ela queria, mas estranhamente não se aproximou muito de nós. Estávamos de pé ao lado da porta com Yael, que se juntara a nós, enquanto Tamar permanecera no outro lado, como se cruzar o umbral pudesse lhe trazer alguma maldição.

Era um mau presságio ficarmos divididas, mas ninguém se moveu.

– Quando chega o *shabat*, não há com voltar atrás a outro dia – comentou Tamar, os olhos baixos. Ela era uma mulher gentil, que sofrera muito, e claramente doía-lhe dizer mais.

Yael pediu que continuasse, então finalmente ela nos contou.

– Eles procuraram Abba para ter a sua bênção.

A minha mãe deixou escapar um soluço ao ouvir a notícia. Ela sabia que o *shabat* representava uma noiva, pois era o sétimo dia da criação e o mais bonito de todos. A noiva em questão era a minha irmã, que acabara de se tornar uma mulher. Ela se casara sem o conhecimento ou a permissão da minha mãe.

– Você não poderia ter feito nada – Yael sugeriu. – Eles se casaram esta manhã.

Tamar murmurava um pedido de desculpas pelo modo que seu povo nos desrespeitara. Por não termos um homem na nossa família, Abba dera seu consentimento, com a graça de Deus. Minha mãe não ouvia mais nada. Ela correu para o armário em que guardava os talismãs e as ervas, desesperada por um encantamento que consertasse as coisas. O óleo do lírio, aquele aroma santo e precioso, derramado sobre o altar, foi o que ela fez. Por um instante pareceu que retornara aos campos de Moabe, era verão e as flores, vermelhas. Vi que minha mãe chorava. Só isso já era aterrorizante. Não conseguia me lembrar de tê-la visto chorar antes, nem mesmo na noite em que os ladrões foram à nossa tenda, quando ela mudara meu nome e, assim, o meu destino.

Desejei ainda ser um menino, saindo para atacar as caravanas com os homens, mandado com os guerreiros para procurar provisões, deixando os desgostos

daquela natureza para as mulheres resolverem. Fiquei ali em silêncio, incapaz de lidar com a dor da minha mãe. Foi Yael quem se adiantou para abraçá-la. Qualquer um pensaria que ela era a filha e eu não mais que uma convidada, confusa demais para fazer algo além de assistir à minha mãe lamentar a drástica decisão da minha irmã.

– Está feito – Yael a acalmou. – Ela pertence a eles.

Minha mãe balançou a cabeça, indignada. O cabelo preto derramava-se pelas suas costas.

– Você sabe tão bem quanto eu. O que é feito pode ser desfeito.

Ela deixou às pressas o nosso alojamento. Agarrei Yael pelo braço quando ela fez menção de segui-la. Pelo menos uma vez, eu seria a filha da minha mãe.

– Nahara é minha irmã – disse friamente. – Isso não diz respeito a você.

Yael fitou-me surpresa e depois recuou.

– É claro.

Persegui minha mãe até o outro lado da praça, o coração batendo forte no peito. Ouvia o ruído dos seus passos sobre as pedras. Ela andava depressa, mas alcancei-a na borda do pomar. A nossa respiração estava áspera enquanto paramos por lá. O vento retornara. Balançou os ramos e levantou demônios de poeira. O momento da luz azulada findara e a escuridão começara a descer em espiral. Minha mãe não se mostrou surpresa em me ver. Sabia que minha irmã me pertencia.

– Ela voltará para nós – eu disse.

Ela balançou a cabeça.

– Seu pai mandou isso como uma punição para mim. Esse é o modo que ele busca a vingança.

Eu não acreditei que o homem que me ensinara tudo o que sabia pudesse ser tão cruel.

– Ele não faria uma coisa dessas – arrisquei, sentindo amargura pelo modo que o traíramos, sumindo com as rajadas do *Ruach Kadim*. – Ao contrário do seu, o amor dele era verdadeiro.

Minha mãe me fuzilou com o olhar. Apertou mais a capa ao redor do corpo.

– Se não é um homem o responsável, então é a vontade de Deus. Assim sendo, não podemos desfazer o que está destinado a ser. Portanto, reze para que tenha sido uma maldição do pai dela.

Além do campo, via-se uma lâmpada acesa sobre a tosca mesa dos essênios, iluminando o grupo desorganizado que se reunira para a refeição compartilhada da noite. Em vez dos pergaminhos que geralmente eram desenrolados para os homens se ocuparem, vimos um banquete de casamento com tâmaras e vinho, coalhada e figos de sicômoro. Uma tenda fora montada sobre a mesa, como proteção contra os redemoinhos de poeira.

O olhar da minha mãe fixou-se no líder dos essênios.

– Veremos se é a mão de Deus em ação ou simplesmente a ganância dos homens – me disse ela. – Se soubessem quem é o pai dela, nem mesmo considerariam que ela fosse da nossa fé.

Ela se encaminhou na direção de Abba, o homem santo que não conseguia mais andar. Até mesmo os não crentes curvavam-se diante dele em respeito à sua idade avançada e à sua distinção perante o Todo-Poderoso, mas minha mãe não estava lá para oferecer seu respeito. Notei que ela levava algo na mão, que segurava firmemente com o punho fechado. Os homens essênios também haviam notado e tentaram bloquear a passagem, para impedi-la de causar qualquer mal a Abba. Pensei em como ela subia sozinha a Montanha de Ferro para esperar as pombas. Entendi por que as mulheres de Moabe sentiam medo de encará-la. Como me ocorrera na costa do Mar de Sal, descobri que também a temia.

– *Elohim* me protegerá – garantiu Abba aos seus seguidores.

– Será que vai? – A minha mãe levantou os olhos para Abba. Com a cabeça descoberta, ela parecia perigosa. – A única coisa que quero é a minha filha.

Não era uma arma o que minha mãe carregava, mas um punhado de sal. E no entanto podia ser mais fatal que um punhal, pois continha uma maldição que ela pretendia lançar sobre aquelas pessoas, uma maneira de prender o mal para que não pudesse oferecer-lhe perigo.

Os homens protegeram os olhos, para não serem encantados e transformados por ela em monstros ou cabras. Murmuraram orações, invocando a misericórdia de Deus. Minha mãe não prestou atenção. Ela invocou os anjos do céu e os espíritos da ira, implorando ao Criador do universo que trouxesse aflição sobre seus inimigos. Pensei na maneira com que os ladrões que o pai de Nahara

assassinara caíram entre nós, como ramos de acácia, o sangue como seiva, tão grosso que minha mãe levou dias para lavá-lo. Enquanto fazia isso, ela amaldiçoara cada um deles, as mesmas maldições que proferia naquele momento.

O vento rasgou em tiras as roupas que as mulheres essênias tinham amarrado em um varal; sacudiu a tenda do casamento. Minha mãe ergueu os braços e pareceu atrair o *kadim* para si. Ela invocou as quatro direções do universo. Quando o lançou, o punhado de sal se elevou como uma coluna de fumaça, como se atendesse ao seu comando.

O céu ficou preto e não conseguimos ver uma única estrela no firmamento; parecia que minha mãe conseguira fechar a cortina do céu, escondendo o Trono da Glória. Vi uma expressão de espanto e medo cruzar o semblante de Abba. Ele percebera que minha mãe era uma mulher culta, não uma ovelha para ser conduzida no campo. Ela não seria contida por uma cerca de espinhos ou pela indignação de um homem virtuoso.

Os essênios ficaram imobilizados, como um rato permanece imóvel perante uma víbora negra. Uma de suas mulheres, uma velha avó, pensou em correr para um balde de água suja a fim de lavar o sal lançado pela minha mãe aos pés de Abba. Mas não havia água suficiente para lavá-lo completamente, e o que restou formou um desenho que se assemelhava a uma serpente, que ficou preta enquanto se filtrava na areia.

Abba, que mal conseguia andar, levantou-se da cadeira. Ele reconhecia os sinais, mas os interpretava em seu próprio benefício. Acreditava que seu povo fora escolhido por Deus e que a paz era o único modo de venerar o Todo-Poderoso. O fim do mundo recaía sobre nós e o que fora escrito não poderia ser apagado ou desfeito.

– Não se pode enfrentar o que é para ser com armas ou maldições. – Enquanto ele falava, seus seguidores circularam ao redor para protegê-lo.

– Eu a quero agora – minha mãe lhe disse. – Você não pode tirar o que pertence a outro.

– Ela não é sua filha – Abba disse à minha mãe. – Ela é filha de Deus.

– É isso o que você acha? – disse minha mãe.

Malaquias saiu da casa que antes fora um celeiro de cabras, local em que seu povo vivia, todos juntos, comendo dos mesmos pratos, derramando água sobre

suas cabeças antes de cada refeição, vivendo uma vida de oração e de glorificação a Deus.

Abba indicou-o quando ele se aproximou.

– Ela pertence a este homem.

O rapaz que a minha mãe expulsara do pombal ouvira o conflito crescente e o tumulto no campo e deixara o leito conjugal. Lá estava ele. O noivo.

Minha mãe o encarou, entoando as maldições do livro de encantamentos que sua mãe lhe legara, o livro que viera de Alexandria e que viajara para a Montanha de Ferro e através do Mar de Sal. Se o que acontecera pudesse ser desfeito, seria desencadeado naquele momento. O vento mudou de direção, para fora dali, levantando folhas e chacoalhando galhos. O noivo entendeu o que minha mãe tentava fazer, desmanchando os pontos do destino.

– Ela já é minha mulher – lhe disse ele.

– Veremos se ela é sua esposa ou minha filha.

Ninguém se atreveu a interferir quando minha mãe passou por Malaquias. Sua capa raspou nele e ele se encolheu, temeroso do pecado de tocar em outra mulher a não ser sua esposa. Quando a segui, mantive os olhos baixos, embora Malaquias me suplicasse ajuda.

Nahara fez o possível para manter a porta fechada, mas não era páreo para nós. Por fim, ela recuou. Por um instante, quando a porta se abriu, pensei que minha mãe se tornara como os ladrões de Moabe, reivindicando o que pertencia aos outros. Senti a garganta arder; cada respiração queimava como fogo. Era muito parecido com o que senti quando tirara o líquido quente da boca da minha irmã no dia em que ela nascera, para que pudesse respirar pela primeira vez. Talvez meu erro tivesse sido cuspir o sangue aguçado no chão em vez de engolir a essência de sua alma. Talvez ela nunca tivesse me pertencido, pois eu nos desligara naquele momento.

A minha irmã usava uma simples túnica branca. O cabelo, geralmente trançado e coberto por um xale, estava desfeito e solto, negro como o cabelo da minha mãe, tanto quanto o meu. Eu a salvara somente para vê-la casar-se com Malaquias e viver naquela casa de cabras. Mas onde quer que ela estivesse, por mais distante que fosse, seria sempre a minha irmã.

– Venha conosco agora – nossa mãe implorou. – Antes de pertencer a ele.

– Antes? – Nahara ergueu o queixo desafiadoramente.

O quarto estava quente, impregnado com o cheiro persistente de suor e sexo. Havia sangue no estrado em que as mulheres daquela seita tinham desenrolado um lençol de linho branco para capturar a prova da pureza da minha irmã.

– Se ele soubesse que seu pai não é do nosso povo, não quereria você – eu disse.

– Mas ela não lhe dirá. – Nahara acenou para a minha mãe. – É tarde demais. Ele me possuiu e pertence a ele. – Ela parecia dominada pelo seu poder de nos magoar. Tinha as mãos nos quadris, como se fosse a rainha daquela casa malcheirosa de cabras. – Se quer salvar alguém, salve-a.

Ela inclinou a cabeça na minha direção, a minha irmã, a quem eu amava como a ninguém mais, que agora se tornara a minha traidora. Pensei em como cuidara dela com tanto carinho quando morávamos na tenda da Montanha de Ferro. Sempre que nossa mãe era chamada pelo marido, eu cantava para minha irmã dormir. Ela sempre dormia bem, o polegar na boca, sonolenta assim que começavam os primeiros versos de uma canção que lhe dizia que as estrelas estavam acima dela, velando por ela. Prometia levar folhas de tamarindo e usá-las como uma vassoura para varrer toda a noite, para que a manhã pudesse retornar.

– Você não enxerga tudo o que ela faz – agora Nahara falava de mim. Ela encarava a minha mãe sem nenhuma tentativa de respeito. – Ela se encontrou com Amram uma centena de vezes e você não percebeu nada. Abra os olhos agora.

A minha mãe voltou-se para mim.

– O que você esperava? – minha irmã continuou. – Uma prostituta aprende o ofício com aquela que sabe melhor que todas.

Quando a nossa mãe estendeu a mão, pensei que fosse pegar Nahara e forçá-la a sair conosco. Em vez disso, ela a esbofeteou. Nossa mãe, que nunca fizera outra coisa senão nos abraçar, fora levada a isso.

Ouvi Nahara engolir o ar com força. Ela levantou a mão para a bochecha avermelhada, mas não chorou. Ela sorriu, mais composta que antes, mais certa do que queria, pelo menos naquilo a filha do seu pai, destemida e obstinada.

– Pode tentar silenciar-me, mas não pode negá-lo – ela disse à pessoa que a trouxera à vida.

Lá fora, o vento do deserto subira uma vez mais, a porta da casa de cabras abriu-se com tanta força que as madeiras se separaram. Era tarde demais, como Yael avisara. O vento continuaria conosco por dias, obrigando-nos a cobrir a cabeça, a comer os grãos de areia com a comida, a ouvir os seus lamentos até tarde da noite. Eu, que só conhecia o ferro, senti as lágrimas arderem nos olhos. Embora estivesse à minha frente, minha irmã não era mais minha.

Nossa mãe abaixou a cabeça, desonrada. Pensei em como ela labutara para trazer minha irmã para este mundo, pois fora sua testemunha naquele dia.

Salve-a, ela me ordenara.

Nem uma única vez *Salve-me*.

NA NOITE em que deixamos os essênios, minha mãe rasgou seu manto como as mulheres faziam quando entravam em luto. Há aqueles que dizem que a nossa palavra para sepultura, *kever*, também é usada para representar o local em que o filho mora dentro da mãe, pois a vida e a morte são entrelaçadas. A filha que minha mãe gerara para trazer a este mundo morrera para ela agora. Ela nunca confessaria qual era o verdadeiro povo de Nahara, pois então Nahara seria uma mulher desonrada. Em vez disso, ela desistiu da filha. Não voltamos a falar sobre minha irmã, embora minha mãe cantasse por ela durante sete dias, como se cantava pelas almas dos mortos, pois esse é o tempo que o espírito permanece próximo do corpo, incapaz de se separar da sua forma terrena.

Dessa época em diante, vivendo juntas no nosso alojamento, mesmo com o passar do tempo, raramente nos falávamos. Éramos somente nós duas, pois meu irmão se mudara para uma tenda perto do quartel, a fim de melhor servir os guerreiros, mas também para evitar o silêncio entre mim e minha mãe. Um grande poço de desconfiança formara-se entre nós, um lugar para se afogar. Qualquer um com bom-senso ficaria longe de tamanha amargura, e Adir era um menino prático.

Passei a trabalhar no pombal menor, separada das outras. Não era possível fazermos as pazes. Mentira para minha mãe e a enganara. Estivera com um homem antes do casamento. O que fora feito não poderia ser desfeito, pois, mesmo nas mãos de uma bruxa, uma mulher arruinada não voltaria a ser pura.

NO ENTANTO, quando me deitava para dormir, era uma pessoa diferente da mulher em que me tornara. Sempre sonhava que andava por entre os pés de acácia. Pensava no meu antigo amigo Nouri e em como o traíra, fingindo ser algo que não era, um ser formado de nervos e músculos em vez de uma mulher de carne e

osso. Não fingira tal coisa com Amram, mas talvez tenha ocultado dele o mais importante. Nunca lhe disse o nome que me fora dado. Por isso, ele não me conhecia e nunca poderia me conhecer, não importava quantas vezes me possuísse, ou quanto lhe oferecesse o meu amor em troca.

Por esse motivo, mesmo quando estava ao lado dele, eu estava sozinha.

Ele não era o único para mim, pois nunca aceitaria a minha parte escondida. Ele me chamava de sua ovelha, sua pomba, a sua menina querida, mas eu não era nenhuma dessas coisas. Comecei a evitar o nosso ponto de encontro. Ele, que me conhecera como um marido, esperava ao lado da fonte, ardendo por mim. Mas eu o observava das sombras, como os anjos observavam a nossa espécie da sua distância solitária. Eu ansiava por aquilo com que sonhava, a liberdade que já tivera. Nos meus sonhos, perguntava ao pai da minha irmã se ele vira a pessoa que eu era no meu âmagô. Ele me olhava com tristeza e não respondia, pois perdera todos nós e não poderia nos acompanhar ou responder, nem mesmo em sonho.

Comecei a usar uma velha túnica que pertencera ao meu irmão. Era marrom, tingida com cascas de noz, macia pelo desgaste. Imediatamente sentia-me confortável. Trançava meu cabelo, depois prendia com uma fivela de latão por baixo de um lenço de cabeça, para que pudesse passear pela fortaleza, um menino sem nome que se sentia muito grato por ser ignorado.

Pela primeira vez, desde que chegara ali, era eu mesma.

*

NO POMBAL, preocupávamo-nos com o Homem do Norte no seu confinamento. Entráramos no mês de *Iyar* e nos aproximávamos do verão, o mês de *Sivan*, quando o calor subia do centro da terra e caía do céu. O Homem do Norte não era nada para nós, um prisioneiro em uma torre, um homem que mal falava a nossa língua, que era feito de gelo e nunca fora destinado a viver no nosso meio. Mais que seis meses haviam se passado. Outro homem teria morrido de fome, mas outro homem não teria Yael e o restante de nós para cuidar de suas necessidades. Talvez tivéssemos nos esquecido de que ele era um escravo. A sua contenção tranquila levaria-nos a fazer amizade com ele, pois, para nós, ele não era como os outros homens. Não temíamos nem sua força nem seu julgamento. De muitas maneiras ele nos surpreendera, ainda mais quando pronunciara seu nome antes de ser preso. Outros ficariam chocados com a intimidade dessa revelação, mas eu entendia por que ele poderia ter anunciado um detalhe tão privado. Conheça o nome de um homem e ele lhe pertencerá. Em troca, não

importa o quanto negue, você será dele também.

A primeira vez que Wynn me viu empunhar o arco, no mês anterior à sua prisão, ele percebeu que eu era mais um rapaz que uma mulher. Ele era um guerreiro forte e reconheceu o mesmo em mim. Eu deveria ter sido mais cautelosa, mas estava tão acostumada a lidar com armas que não poderia esconder a minha alegria ou a minha habilidade. Percebi pela expressão do Homem do Norte que ele via em mim um irmão, alguém com quem poderia ter caçado em outro mundo e outro tempo.

– Bom trabalho – me disse ele, depois de ter testado as flechas que fizera para Amram.

As mulheres haviam retornado ao pombal. Eu estava recolhendo as flechas, puxando cada uma delas do alvo na oliveira.

– Sim, excelente – disse educadamente. Em seguida, riu. Tinha um jeito estranho com nossas palavras, que pareciam frias quando as pronunciava, para ser mais precisa. – Excelente? Estava me referindo à sua pontaria. Quantos homens você matou?

Baixei os olhos para que ele não notasse o brilho da verdade.

– Você acha que ataco as minhas vítimas quando estou no tear à noite?

Ele pegou minha mão e examinou os calos.

– Estes aqui não são de tear.

Ele me ensinou o modo de preparar o armamento do seu povo como faria com um irmão mais novo. Os escravos não traem um ao outro e, embora eu não estivesse a ferros, era uma escrava da verdade de quem nascera. Aquele homem chamado Wynn era um bom professor, paciente, mais que disposto a compartilhar os segredos sobre a guerra. Quando amarrei as penas às hastes das flechas, prendendo-as à maneira do seu povo, elas voaram com maior velocidade. Passava horas praticando atrás do pombal. Uma vez, derrubei uma de nossas pombas; a ave achava-se tão distante que poderia ser confundida com um rabicho de nuvem.

Wynn instruiu-me na arte do arco, como tomar fôlego antes de puxar a corda, depois esperar mais um batimento do coração antes de soltá-la. A espera daquele batimento a mais revelou-se um milagre, conferindo à flecha vida, alento e velocidade. Ele me falou de uma criatura do seu país que era parecida com um cervo, só que mais rápida que o vento, mais até que os leopardos no deserto, tão

rápida que somente as aves acompanhavam o seu ritmo. Era isso que desejávamos para as nossas armas: as penas transformavam as flechas em pássaros que fendiam o ar. O instante adicional antes do tiro era comparado à maneira que a ave mergulha, contendo o poder das asas, antes de subir novamente em disparada pelo céu.

QUANDO MEUS DEDOS sangraram por causa da prática com o arco, disse a Amram que os perfurara nos teares. Ao contrário do escravo, ele acreditou em mim. Estava cego para quem eu era. Era como se eu fosse uma pessoa que possuísse a capa de invisibilidade que seu pai dizia ter usado nos pátios do Templo quando atacava os inimigos. Amram pediu-me para tecer-lhe uma capa na sua tonalidade favorita de azul, como prova do meu amor. Concordei, embora soubesse que esse era um dom que jamais poderia lhe dar. Não sabia trabalhar no tear.

Meus braços ficaram mais fortes depois de tantas horas de prática com o arco, tão musculosos como os de um guerreiro, mas insisti que desenvolvera a minha força de tanto levantar as cestas que entregávamos no campo. Durante semanas depois disso, Amram veio ajudar-me a carregar as cestas, imaginando que o trabalho fosse uma carga muito pesada para mim. Atrás dele, Wynn sorriu, e eu retribuí o gesto, pois alguns segredos nos aproximam quando os temos, assim como outros nos separam.

EU NÃO queria saber o que havia entre Yael e o escravo, embora pudesse dizer que ele ardia por ela. Uma vez Yael me dissera que a pessoa a quem eu amava era apenas da minha conta, então dei-lhe o respeito que merecia. Ainda assim, via a maneira que ele a olhava e sabia que ela deixava os seus ferros destrancados.

– Você já perguntou quantos homens ela matou? – indaguei a Wynn um dia. As palavras tinham saído em tom de brincadeira, mas ele ficou olhando para Yael, sentido.

– Um, com certeza – disse ele.

Eu devia ter percebido então que ele pareceria um tolo aos olhos dela, por tentar convencê-la a fugir em sua companhia. Ele era o tipo de homem aberto que não podia se esconder, mesmo se isso significasse ser posto a ferros.

Era Yael quem lhe levava as parcas provisões durante o tempo em que ele permaneceu trancado. Ela nos disse que mal conseguia ouvir o que falava. Estava tão debilitado que não conseguia se levantar do leito, um catre áspero feito da palha do trigo. A cela era fétida, tornada mais imunda pelos próprios

dejetos. Ainda assim, Wynn não reclamava ou amaldiçoava os seus captores, mas falava da terra de gelo em que nascera. Era como se a estivesse vendo diante dos olhos. O calor se dissipava quando ele falava do seu país, e ele estremecia como se andasse na neve. Seu povo acreditava que um homem voltava para casa após deixar esta vida. No outro mundo, ele caminharia sob as grandes árvores de teixo da sua pátria e voltaria a se reunir com aqueles que tinham partido antes dele.

Um dia, ele insistiu que podia ver um veado no lado de fora da janela. Era o animal mais difícil de caçar, pois voava pela grama como os pássaros voam acima de nós.

– É uma bela criatura – sussurrou ele.

Yael chorou quando nos contou isso, pois não havia veados no nosso país, e nenhuma janela na sua cela.

Foi uma época sombria. Tínhamos consciência de que nossas vidas estavam ali, tão apartadas do resto do mundo que bem poderíamos estar no Mundo Vindouro. Em breve celebraríamos o *Shavuot*, a Festa das Semanas, em memória do dia em que Moisés recebeu a Torá. No passado, o nosso povo fazia uma peregrinação ao Templo de Jerusalém, com sacrifícios de *bikkurim*, os primeiros frutos produzidos depois de sete semanas de trabalho no campo, ofertando as sete espécies de colheita: trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras.

Essa era a nossa tradição e a nossa lei, mas não havia mais Templo para onde viajar, tínhamos pouco a comemorar e nenhum lugar em que oferecer um sacrifício. Nossos pomares não produziam, apesar da chuva que minha mãe chamara. Havia tão poucos grãos que muitos dos vasos de armazenamento achavam-se apenas pela metade. As pessoas se perguntavam se isso era obra dos demônios. Na verdade, quando chovia agora o céu formava-se sobre nós tão densamente que a chuva em si parecia feita de pedra.

Apesar de ter sido dito que Massada nunca poderia cair, e que Deus fizera essa montanha com o propósito da nossa rebelião, permitindo-nos continuar a glorificá-lo, imaginei por quanto tempo poderíamos aguentar o cerco dos romanos. Os armazéns do rei não nos sustentariam para sempre. O azeite, o vinho e as lentilhas de Herodes tinham nos alimentado, e dependêramos disso, mas eles não existiam mais. Tínhamos uma grande prensa de azeite, mas as azeitonas nas árvores eram poucas e o azeite produzido mal enchia frascos pequenos. Os ratos mandavam nos depósitos. Dizia-se que haviam sido trazidos pelos romanos, propositadamente deixados para trás para o caso de o nosso povo

retomar essa fortaleza, para que nos transmitissem doenças, devorando o pouco que nos restasse.

CORRIA A NOTÍCIA de que a guarnição romana capturara outro reduto zelote no deserto. A fortaleza de Maqueronte, a leste do Mar de Sal, na fronteira de Moabe, caíra perante a décima legião, comandada por Lucilius Bassus, um general que alguns diziam ser impossível derrotar. Um oráculo declarara que ele seria sempre favorecido e assim parecia ser. Embora o nome Maqueronte significasse espada, talvez a sua derrota inevitável tenha sido causada pelas mãos do próprio povo. Havia uma história sangrenta sobre aquele lugar, e corriam rumores de que um grande professor chamado João fora preso e decapitado ali quando se recusara a renunciar aos seus ensinamentos.

Também se contava que, quando os rebeldes de Maqueronte chegaram à fortaleza, quiseram destruir tudo o que pertencia ao cruel Herodes e seus filhos. Por zelo, eles cortaram um arruda enorme que era cultivada havia centenas de anos, uma planta mais alta que qualquer figueira, um talismã que, segundo se dizia, guardaria o segredo da liberdade e do sucesso do nosso povo. Com aquela ação impulsiva, tinham destruído suas chances de vitória. A arruda pode poupá-lo ou arruiná-lo, ela pode trazer sorte ou agonia. Dizia-se que diversos guerreiros ficaram tão assombrados por esse ato que tentaram plantar outra erva no mesmo local, mas as raízes sempre murchavam e se recusavam a pegar.

Quando os romanos os cercaram, um de seus guerreiros mais queridos foi preso. Ele foi torturado em público, para que todos pudessem ver como era horrível o procedimento, brutal demais para que a maioria dos homens decentes pudessem imaginá-lo. Seus amigos e entes queridos foram forçados a assistir ao modo que os romanos cortavam pedaços da sua carne e o enchiam com plantas espinhosas queimadas ainda acesas, separando a pele coberta de bolhas da alma. Os companheiros guerreiros pediram a sua liberdade e a promessa da sua segurança, dispostos a se entregar em troca da vida do irmão. A barganha foi feita e os rebeldes desceram a montanha. A segurança fora assegurada, mas nunca concedida. Não foi nenhuma surpresa para o nosso povo ouvir que Lucilius Bassus era mentiroso. Quando os nossos guerreiros pensavam em demônios, imaginavam o seu nome. Todos os homens de Maqueronte foram mortos, seu sangue tornando o chão preto.

Os romanos fizeram piras altas com os corpos empilhados – não apenas os mortos foram lançados às chamas, também os fracos e os doentes, aqueles que não eram dignos de ser escravos. Os sons de seus gritos ecoaram por toda a Judeia. Algumas mulheres nos nossos campos juravam que caiu uma chuva de

pedras nesse dia e, quando o último dos figos foi amassado no chão, viram-se formigas dentro da fruta pegajosa, destruindo-a de dentro para fora.

Houve uma reunião de oração na sinagoga e os homens que lá estavam foram atingidos pelo horror da notícia. Naquela noite ouvimos não apenas orações, mas também discussões. Como poderíamos evitar o mesmo destino de Maqueronte? Ouvimos a voz de Ben Ya'ir, baixa e constante. Sabíamos que era ele porque, quando falou, todos os outros ficaram em silêncio.

– Nunca deixaremos nossas mulheres e crianças morrerem em piras – ele disse aos seus guerreiros.

Não havia escolha para nós, advertiu, não haveria retirada. Era evidente que a nossa força nascia de sua coragem; ainda assim, quando fui aos campos vi que os figos tinham realmente caído; na que deveria ser a época mais verde do ano, o fruto dourado jazia enegrecido no chão.

*

Yael preocupava-se não só com Wynn, mas também com o seu filho. Ariei servira como a chave com a qual fora aberta a porta trancada da torre. Ele fora apresentado à esposa do nosso líder para a sua diversão em troca da permissão de levar provisões ao escravo. Mas algumas chaves podem ser usadas para muitos tipos de fechaduras e nunca devem ser emprestadas ou cedidas. A esposa do nosso líder tomara um gosto perigoso por Ariei e uma nova prisão se criara, feita dos seus braços e da rede dos seus desejos.

Eu observara essa mulher morena sozinha à noite, caminhando ao lado da muralha que nos cercava, como se ela fosse uma sombra em busca da substância para trazê-la à vida. Talvez a criança fosse a cura para a doença que a esposa do nosso líder carregava dentro de si, a esterilidade e o desespero.

A esposa de Ben Ya'ir começara a reter Ariei quando Revka a procurava no fim do dia, insistindo em ficar com o bebê durante a noite, balançando-o como se ele fosse seu filho. Ela proferiu a ameaça de que, se não pudesse manter Ariei consigo, não poderia mais oferecer proteção ao escravo. Por que o bárbaro poderia viver e ela não ter nada em troca pelos seus esforços? Ela chegou ao ponto de ir ao sacerdote para escolher um dia auspicioso para a morte de Wynn.

Yael foi pessoalmente ao palacete quando soube disso. Ela curvou a cabeça para Channa, mas disse-lhe, em termos inequívocos, que aquela deveria ser a última visita de Ariei em troca da vida do escravo. Quando naquela noite regressou para recuperar a criança, a porta estava trancada. Um guarda postava-

se no lado de fora a pedido de Channa. Ele era o amigo de Amram, Uri, que trouxera Yael para a fortaleza, um jovem de boa índole que era apreciado por todos. No entanto, ele negou sua entrada.

– Fazemos o que nos mandam – disse ele, desculpando-se. – Ela fala pelo marido, assim como por ela mesma. Você entende. Não tenho escolha neste assunto.

Yael passou a rondar em volta do palácio, como os mendigos vagam pelos mercados com as mãos estendidas. Nas noites em que Revka mantinha vigília ao lado de Yael, era a mulher mais velha que chorava, culpando-se pelo que acontecera, pois fora ela quem fizera o acordo com Channa. Minha mãe avisara que nada de bom poderia vir de um acordo com a esposa de Ben Ya'ir. Ela era perigosa, dissera a minha mãe. Mais do que aparentava. Eu ouvira Revka insistindo em que o interesse de Channa pelo bebê era apenas capricho de uma mulher solitária.

Minha mãe rira friamente em resposta.

– Então, talvez devêssemos dizer que uma cobra tem capricho por uma pomba quando falamos da sua fome. Espere e verá o quanto Channa está disposta a devorar.

Yael procurou a minha mãe, chorando, desesperada por um feitiço que a ajudasse a recuperar o filho.

– Deve haver algo que você possa fazer – pediu ela.

Eu tinha certeza de que a minha mãe ajudaria a sua favorita. Em vez disso, ela balançou a cabeça tristemente.

– Não devia ter deixado que ela o tocasse. Agora ela o tem em suas garras.

– Dê-me algo para derrotar o demônio – Yael implorou.

– Ela não é um demônio, é uma mulher – disse a minha mãe com tristeza. – Nesse caso, é pior.

COMECEI a vigiar com os outros. Nós todos chegáramos a desprezar Channa pelas liberdades que tomava, exibindo o menino, vestindo-o com uma túnica que tecera para ele. Aquela mulher, que se afastara de todos por tanto tempo, a quem os criados serviam no jardim e na cozinha enquanto o restante de nós passava fome, mostrava-se orgulhosa exibindo-se na praça às tardes com ele no colo, como se o bebê fosse seu, conversando com as outras mulheres, que se

apressavam em admirá-lo, dizendo como era bonito, como sorria com facilidade.

Os netos de Revka agiam como nossos espiões, acompanhando a esposa de Ben Ya'ir todos os dias, relatando-nos suas atividades. Noé e Levi tinham a capacidade de desaparecer nas sombras, embora tivessem recuperado a voz plenamente. Dizem que quando perdemos alguma coisa, e ela retorna a nós, é duplamente agradável, e assim foi com os netos de Revka. Quando tornaram a falar, suas palavras cativavam os ouvintes. Parecia que as conversas que haviam sido silenciadas por tanto tempo agora eram travadas com doçura, e o que comentavam era trazido de forma artística, seus relatos se materializando à nossa frente como escritos no ar.

– Ela vai até onde a víbora negra vive sobre as rochas e faz uma oferenda – eles nos confidenciaram. – Ela alimenta o bebê com os próprios dedos, enchendo-o de figos, romãs e bolos de cevada, como se ele fosse uma pomba. Ela diz que ele é tão doce que as abelhas o perseguem.

O menino mais velho, Noé, parecia muito com o pai, o Homem do Vale, o guerreiro solitário, um lutador sobre quem eu tinha curiosidade. Amram contara-me que era impossível afastar esse homem de uma carnificina, permanecendo em combate quando os demais teriam recuado, e com habilidade. Ele corria riscos que somente um louco assumiria, cortejando o Anjo da Morte, chamando-o, desafiando *Mal'ach ha-Mavet* a aparecer quando empunhava o machado tosco, a única arma de que tinha necessidade. Seus companheiros de batalha o admiravam, mencionando-o com respeito, e até mesmo admiração, mas não lutavam ao seu lado. Sabiam que um homem que não tem medo da morte é o mais perigoso de todos.

O que torna uma mulher perigosa, no entanto, nem sempre é tão evidente, pois o que é imperceptível ao olho humano muitas vezes é o atributo mais fatídico. O que está escondido pode destruí-lo. Os demônios aparecem no escuro, quando você menos espera traição, quando seus olhos estão fechados. Quando a minha mãe se recusou a enfrentar Channa, perguntei-me qual poderia ser o poder daquela mulher escura sobre ela. Examinei Channa atentamente e continuei vendo uma criatura fraca, mas que tecera uma teia forte.

– A esposa do nosso líder sussurra a Ariei que somente ela o protege – disseram-nos os netos de Revka. – Ela o adverte contra as mulheres que espreitavam junto à muralha. Diz que ele nunca deve acatar uma delas chamada Yael, pois ela lhe contará mentiras e rogará que acredite que ele lhe pertence.

Yael empalideceu ao ouvir essas palavras caluniosas, as sardas do seu rosto

destacando-se como se tivessem sido feitas de sangue. Ainda assim, mandou os meninos descobrirem mais. Eles rastejaram pelo jardim ao lado do palácio, esgueirando-se pelos canteiros de hortelã, manjerona e sálvia, chegando o mais próximo que ousaram. Os meninos espionaram Channa à espera do marido, à porta com o bebê nos braços, como se Ariei tivesse sido uma prenda.

– E o que o marido dela diz sobre isso? – Yael quis saber quando os netos de Revka retrataram a situação, a voz afiada.

– Ele passa por ela – comentou Noé. – Nunca a olha.

Ao ouvir isso, Yael balançou a cabeça, satisfeita. Estava magra e inquieta, mas fazia o possível para se convencer de que o filho lhe seria devolvido.

– O que está feito pode ser desfeito – disse-nos.

Não dei minha opinião, mas ouvira minha mãe dizer a mesma coisa no dia do casamento da minha irmã, e Nahara continuava ligada ao marido. Não estava certa de que nossas vidas fossem tão semelhantes a fios, podendo ser separados, depois novamente entrelaçados.

UMA NOITE, enquanto continuava a observar, juntamente com Revka e Yael, vimos o grande homem entrar no seu alojamento. A minha mãe recusara-se a nos acompanhar, tendo feito uma advertência que fora ignorada. Notei que ela empalidecera à menção do nome de Channa. Ela não estava entre nós quando reconhecemos os ombros largos de Ben Ya'ir e seu manto de oração, e como ele andava empertigado, à maneira de um rei, embora na verdade não se importasse em ter propriedade sobre o que quer que fosse naquela terra e tivesse se desfeito dos bens que possuía quando observara a ganância dos ricos em Jerusalém. Sua esposa podia dormir no palácio, mas Eleazar ben Ya'ir permanecia fora, sob as estrelas, ou ia ao quartel passar as noites ali, para que seus guerreiros soubessem que não era diferente daqueles que comandava.

Decidimos que seria melhor procurá-lo, para informá-lo da situação de Yael. Ele era conhecido por ser justo; quem sabe fizesse um julgamento a favor da mãe verdadeira. Mas, quando chegou a hora, as outras sentiram-se nervosas demais para enfrentá-lo, em razão da carga do nosso povo que ele suportava. O peso daquela fortaleza em cima de um único homem era tão imenso que Revka e Yael temeram parecer tolas ao pleitear Ariei. Como ousávamos envolver o nosso líder em problemas tão mesquinhos quando Jerusalém caíra e havia demônios à espera de todos nós?

Éramos então a única fortaleza de rebeldes na Judeia. Todas as outras tinham

sido conquistadas e isso aumentara o interesse de Roma em nós, restávamos apenas nós. A princípio nos exaltamos, orgulhosos por mostrar que não fôramos vencidos e mantínhamo-nos firmes na nossa determinação. Mas pouco a pouco fomos ficando mais temerosos da reação da legião, agora que percebiam que somente nós conseguíamos sobreviver.

Até mesmo Revka, conhecida pela língua afiada, recusava-se a abordar o nosso líder com a preocupação sobre uma única criança, ainda que se tratasse do nosso amado Ariei. Ben Ya'ir era um homem muito importante, com inúmeras preocupações. Eu, no entanto, não tinha tais temores. Eleazar ben Ya'ir era um guerreiro como qualquer outro. Um homem era apenas um homem, e eu matara a parte deles que me coubera na outra vida. Vira que todos entregavam a vida a Deus da mesma maneira.

Ofereci para ir ter com ele.

Yael estava tão surpresa quanto agradecida.

– Vejo a sua beleza assim como o meu irmão – ela disse com simplicidade.

Ultimamente, eu chegara a acreditar que Amram via apenas a beleza de uma mulher, nada mais. Tudo o que eu era se escondia atrás da cabeleira preta, a mulher que eu aparentava ser. Nada comentei com Yael, limitando-me a aceitar sua gratidão, depois rumei para os muros do palácio com a escuridão já se instalando. Segui em silêncio, sabendo como espreitar a presa e como envolver-me nas sombras.

Quando cheguei a uma janela, subi em uma pilha de gravetos e alcei-me até o peitoril, para espiar lá dentro. O aposento continha poucos móveis, a maioria já quebrada e usada como lenha. Mas o piso de mármore e os afrescos me surpreenderam. Por um momento senti-me subjugada, pensando na realeza que ali vivera, sem medo nem pobreza. Entendi por que se dizia que a rainha do Egito implorara a Roma a posse dessa fortaleza. Então observei Channa e a cautela apoderou-se de mim. Ela estava sentada em um banco perto da lareira, sussurrando para o menino, segurando-o junto a si. A alegria que ela sentia por ele era tão evidente que agradei por Yael não estar ali ao meu lado para vê-la.

Junto ao fogão havia um berço de acácia trabalhada, feito por um mestre marceneiro de Jerusalém. Via-se um amuleto de proteção amarrado acima de onde a criança descansaria a cabeça. O colchão em si era opulento, forrado com finos lençóis de linho, e viam-se sinos de bronze amarrados aos balanços, para que o som expulsasse os demônios. Quanto a Ariei, usava uma túnica roxa,

como se fosse o filho de um rei. Parecia que a criança não tinha outra casa além daquele alojamento e que todas as suas necessidades eram atendidas. Naquele momento entendi que aquela mulher não tinha a intenção de devolvê-lo.

Pensei no pai da minha irmã, como ele era capaz de se transformar em um furacão contra os inimigos, e como eu poderia tornar-me igualmente temível caso desejasse. Mas precisava esconder essa parte de mim, como fizera com Amram. Não poderia subir pela janela ou alcançar a faca deixada sobre a mesa para pegar o que queria. Em vez disso, bati na porta educadamente.

Não esperava que o grande homem atendesse.

– Estou aqui para buscar a criança – disse suavemente, apresentando-me como uma mulher bonita e nada mais. Queimara meia dúzia de ramos de acácia em memória das almas que libertara. Cobrira-me com o sangue das cabras e sentira o seu calor. Naquele momento, baixei os olhos. Ainda assim tive um vislumbre do nosso líder, que me olhou com tal intensidade que entendi por que Yael e Revka tiveram medo de falar diretamente com ele.

– A criança? – disse ele, confuso com a minha presença e com o meu pedido.

Ele parecia mais imponente que a maioria dos homens e senti-me desaparecer quando abaixei a cabeça. Obriguei-me a me lembrar da pessoa que fora um dia, dos homens que matara, das noites que me pertenceram. Ergui os olhos para ele.

– A mãe a espera.

Ben Ya'ir virou-se para ver Yael, ao lado de Revka e dos netos, que esperavam junto ao muro. Não eram diferentes das sombras remanescentes sobre a terra quando os que eram injustamente condenados à morte se mostravam incapazes de encontrar descanso.

– Ela tem uma mãe? – A sua surpresa me fez perceber que a esposa lhe dissera o contrário.

– Todas não têm?

O rosto do homem grande torceu-se em um sorriso. Fiquei aliviada. Talvez tenha sorrido também.

– E um pai? – perguntou ele.

– Nem todo mundo tem – apressei-me a dizer.

– Todo mundo tem – me assegurou ele.

Ele me disse para esperar, então fechou a porta. Olhei para o jardim que era cuidado pelos escravos. Havia uma fonte de pedra da época do rei, agora seca, a borda rachada, os remates quebrados em pedaços sobre o chão. Uma variedade de ervas e hortelã cresciam em fileiras, e o odor que se desprendia delas era verdejante e doce. Ouvi o canto de pássaros, embora estivesse escuro e os pássaros não voassem depois do crepúsculo, apenas as corujas silenciosas que viviam nas cavernas da montanha. Ainda assim, eles cantavam, um sinal estranho àquela hora.

Dei a volta por trás da fonte. Mais adiante, abaixo da treliça de uma trepadeira de pepino, com suas folhas verde-escuras, via-se uma gaiola de madeira. No interior dela havia duas pombas aconchegadas, arrulhando.

Senti a faísca embaixo do meu olho, como se a mensagem que encontrara uma vez no chão ainda me queimasse. Meu coração pesou, a tal ponto que duvidei que fosse capaz de fugir, embora quisesse fazê-lo naquele momento. Gostaria de saber se essa gaiola de pombos continha os mensageiros para a Montanha de Ferro e se fora por isso que a minha mãe se recusara a vir a essa casa e arriscar-se à ira de Channa.

Ben Ya'ir reapareceu à porta, o bebê em seus braços. Eu podia ouvir o choro ecoando no aposento atrás dele. Eu voltara pelo mesmo caminho através do jardim, o aroma de hortelã apegado às minhas vestes, o ruído das pombas uma música que carreguei comigo e que me acompanhava desde o outro lado do Mar de Sal, onde as pombas engaioladas comiam cereais na minha mão enquanto esperavam que a minha mãe as libertasse.

– Foi isso que veio buscar? – ele me perguntou, estendendo-me a criança.

Quando ele falou, entendi por que os homens o seguiriam mesmo que pudessem morrer e nunca mais voltar, e por que acreditavam nele. Embora quisesse lhe dizer que encontrara as pombas, percebi que não diria outra palavra na sua presença. Ele pôs o bebê em meus braços. Eu deveria ter-lhe agradecido, mas não consegui falar. Ele esperou por tanto tempo que eu o fizesse que o próprio silêncio foi eloquente sobre o que havia entre nós.

Antes de voltar para seus aposentos, Eleazar ben Ya'ir pôs a mão sobre a minha testa, suavemente, como se cumprimentasse uma filha. Naquele momento eu soube que era ele o homem por quem a minha mãe fizera tantos sacrifícios, a razão pela qual fora expulsa de Jerusalém, o motivo pelo qual esperara dia após dia na Montanha de Ferro, até que a pomba regressasse com a mensagem para ir procurá-lo, enfim.

NAQUELA NOITE, quando regressei ao alojamento, não pedi à minha mãe para pronunciar o nome do meu pai em voz alta. Fiquei observando-a enquanto penteava o longo cabelo negro com um pente feito com a madeira da acácia das florestas de Moabe. Vi as tatuagens sobre a sua pele. Ela era a mesma, a mulher que jamais se dispusera a me dizer quem eu era, que não ofereceria ajuda a Yael se isso significasse ser forçada a se postar diante do inimigo que me usara como prova para nos expulsar para o deserto.

Vi o meu rosto refletido em uma bacia de água e reconheci os olhos do meu pai me fitando de volta. Agora, quando as pessoas dissessem o seu nome, estariam dizendo o meu também. Caminhei sozinha pela noite, vestida com a túnica e o manto de Adir, procurando aqueles que falavam do meu pai, querendo ouvir sobre seus feitos no campo de batalha e sobre sua magnanimidade com relação aos necessitados. Ele insistia que todos os homens eram iguais, fossem servos ou sacerdotes, e assegurava-se de que todos seguissem a lei segundo a qual não devíamos colher a fruta dos quatro cantos do nosso pomar, como Deus ordenara, para garantir que até mesmo os mais pobres entre nós encontrassem misericórdia ao passar fome.

Tive ímpeto de ir falar com ele, algo de que fora incapaz enquanto estivera na sua presença. Quando soube que haveria uma competição de arqueiros entre os guerreiros, apresentei-me, como o rapaz que fora um dia, o rosto coberto por um lenço, com o arco que usara para testar as minhas flechas preso às costas. Quem sabe visse meu pai e ele me reconhecesse por quem eu era, como agora o conhecia. Esperei passar o dia, observando os homens, com os braços fortes e as costas distendidas enquanto puxavam os arcos. Eles lançavam brados fraternais e competitivos, culpando o vento por errar o alvo, elogiando os companheiros de melhor pontaria.

Quando chegou a vez de Amram, notei a admiração evidente entre os companheiros de armas pela sua habilidade. Também quis elogiá-lo, mas sentia algo além disso. Sentia a picada do ciúme, uma ferroadada de vespa no coração. Ben Ya'ir estava entre os guerreiros que aplaudiam os jovens e elogiou Amram com sinceridade. Pensei no modo que ele me abençoara e me perguntei se não seria essa a razão de ter nascido sob o signo do metal, a razão de querer mais que as outras meninas. Mesmo naquele momento, ao avistar a multidão de jovens mulheres nas laterais, soube que jamais poderia assistir ao lado delas sem arder de vontade de estar entre os homens.

Poderia ter-me retirado silenciosamente para o alojamento, mas nas horas obscuras do dia em declínio vi pairar sobre nós o falcão cujas penas usara para

fazer as flechas para Amram. Lembrei-me das manchas de tinta vermelha das raízes de garança nas mãos quando as preparara cuidadosamente. Fizera as flechas como um presente, mas nunca as entregara. Finalmente entendi que o tempo todo queria as flechas para mim. Fizera-as não em honra da Fênix que significava o meu amado, mas em memória do lírio vermelho que crescia nos campos em Moabe, como uma lembrança da pessoa que eu fora.

Levava-as agora, escondidas sob a capa.

Encontrei-me na fila dos arqueiros, empurrado até ali por um demônio, ou talvez pelo meu orgulho, um rapaz desconhecido autorizado a competir, embora claramente ninguém me visse como concorrente. Ninguém se preocupou em prestar atenção quando a minha primeira flecha atingiu a marca do alvo. Talvez a segunda flecha os tenha convencido a se virar e observar. Quem sabe tenha sido a terceira. Eu me concentrava em uma única coisa: o exato momento em que recuava o arco, esperando, como Wynn me instruía, de modo que a flecha pudesse mergulhar e depois subir como os pássaros. Não dedicava um único pensamento à garota que fingia ser. Ouvia o vento e nenhuma outra voz. Pensava nos meus dois pais, aquele que me ensinara tudo o que sabia e o outro com quem queria aprender naquele momento.

Quando estreitei os olhos, vi meu caminho à frente, em linha reta como o ferro.

As minhas flechas cortaram as que já estavam no alvo, lançando as dos outros guerreiros ao chão. Os guerreiros observavam naquele momento. O vermelho das penas era impossível de ignorar, um campo de lírios. No instante em que terminei, instalou-se o silêncio.

Vi Ben Ya'ir ficar de pé quando a multidão soltou um grito. Os meus ouvidos zumbiam, como se uma tempestade tivesse se abatido sobre mim, um turbilhão no outro lado do Mar de Sal. Murmurei um sussurro de gratidão para o pai da minha irmã e para os homens com quem montara, e para Nouri, a quem sempre superara. Fiquei parada por um instante, a minha felicidade completa, desejando poder manter essa visão diante de mim para sempre. Mas uma visão é como um sonho, que se dissipa logo que se tenta prendê-lo, e a minha visão levantou-se para ser reclamada por Ele, que nunca deve ser esquecido. De uma só vez, pude ouvir a verdade daquele momento. Meus olhos e ouvidos eram meus uma vez mais. A multidão clamava por Adir, proclamando-o o herói do dia.

Todos pensaram que eu era o meu irmão, convencidos de que era ele o mestre arqueiro. Todos aplaudiram, mas eu me virei. Os guerreiros e os presentes

continuaram a chamar Adir para homenageá-lo, mas apressei o passo para a Praça Ocidental, subindo os degraus rapidamente, saltando como se a minha vida estivesse em risco. O mundo estava ali diante de mim, as escarpas e o vale abaixo delas, mas aquele mundo já não me pertencia. Dera-o ao meu irmão.

Encaminhei-me a um jardim abandonado atrás do Palácio do Norte, uma área murada a que as mulheres iam procurar alho e ervas que haviam sido plantados havia muito tempo e esquecidos. Viam-se cotovias ali, bicando a vegetação, mas todas elas se agitaram quando me aproximei, a respiração quente e irregular. Tirei as roupas de Adir. Não passavam de um disfarce idiota. No local em que parei crescia o alecrim, considerado a erva da lembrança, uma porta para o passado. Meu coração batia forte contra o peito e meus membros tremiam. Enrolei-me no meu lenço enquanto chorava por quem era.

O falcão me seguira. Talvez fosse o que Wynn treinara para vir à janela do pombal, uma ave de rapina destemida, capaz de abaixar a cabeça e tirar migalhas da mão de Yael. Ergui os olhos para o céu. Vê-lo pairando no ar acima de mim fazia-me lembrar do que era a liberdade. Quisesse ou não, o passado me acompanharia. Seria sempre eu mesma por mais que tentasse fugir da verdade.

Sob meu manto, ainda trazia o arco apoiado nas costas.

*

DO ALTO DA NOSSA montanha, os moradores muitas vezes avistaram soldados da legião durante o calor crescente de *Sivan*. Cada vez mais enviavam seus exploradores para observar a nossa montanha, os quais se reuniam na base rochosa lá embaixo. Eram os soldados de reconhecimento, cuja única missão era procurar inimigos e informar aos seus generais. Havia muito os romanos tinham conhecimento da nossa presença ali, assim como tinham se informado sobre Maqueronte e sobre as outras fortalezas mantidas pelos zelotes. Estávamos longe de Jerusalém e portanto eles nos ignoraram, mas nossa fama crescera e as histórias sobre nossas glórias chegaram aos ouvidos romanos. Nossa rebelião era cada vez mais comentada nos mercados das cidades de toda a região. *Shir tishbohot*, cânticos de louvor, eram entoados em nosso nome, e aqueles que comemoravam nos denunciavam a Roma em sussurros e depois em tons mais altos. As pessoas diziam que a nossa montanha era invisível e que os sicários usavam o alfabeto hebraico para criar uma cortina ao nosso redor, um tecido construído de ar e vapor do céu que se separava da terra. Diziam que era possível avistar o trono do nosso Senhor do alto das nossas torres. O homem que governasse esse lugar governaria o mundo.

Os soldados da legião podiam vir nos investigar, mas tudo o que veriam era a impossibilidade de preparar um ataque. Ben Ya'ir fez circular um comunicado dizendo que, quando viessem os exploradores, deveríamos ficar nos nossos alojamentos, de modo que não pudessem contar quantos éramos. Quem sabe nos considerassem mais fortes do que de fato éramos, e que possuíssemos milhares de guerreiros, e não uma aldeia deixada aos cuidados de homens e mulheres idosos e crianças todas as vezes que os homens saíam para realizar ataques. Deixássemos olhar tudo o que quisessem. Tudo o que veriam seria uma montanha à qual a glória de Deus nos enviara, um rochedo tão impenetrável que eles nunca nos derrotariam. Alguns dos nossos meninos empurravam pedras pelas encostas, que desciam escorregando como um aviso, e riam quando os soldados se espalhavam lá embaixo.

Eu não ria ao ver as túnicas brancas da décima legião ou o estandarte do javali. Sentia um calafrio correr pelas costas. Na verdade, o nosso povo não era páreo para os soldados romanos, que haviam sido treinados com uma única finalidade, ser uma máquina mortífera. Nossos guerreiros eram os melhores quando se esgueiravam como lobos, atacando os inimigos no escuro. A única esperança de sucesso dos rebeldes era um ataque inesperado, quando, com a graça de Deus, a rapidez e a ferocidade prevaleciam sobre a potência. Contra as tropas bem-organizadas e blindadas, que tinham tanta experiência de guerra, o nosso povo estava lamentavelmente despreparado. Nossos pais e irmãos eram combatentes da liberdade, não soldados treinados. Ao contrário do pai da minha irmã, os homens de Massada não eram guerreiros desde que nasciam, cada um com um cavalo já escolhido e uma faca na mão. Eles haviam sido sacerdotes, padeiros e estudiosos, as suas armas eram as facas, as flechas e as pedras, não o bronze e o ferro. Não éramos nada contra o poder implacável do Império Romano.

QUANDO NOSSOS GUERREIROS decidiram acompanhar um grupo de exploradores para descobrir o quanto a legião estava próxima da nossa montanha, Yael deu-me um presente para entregar a Amram, um pedaço de tecido azul, da cor do céu, da glória de Deus e do Seu trono.

Amram riu e guardou o tecido junto ao seu coração.

– Não vamos nos separar por muito tempo – disse ele, reconhecendo o encantamento. – A minha irmã viu isso.

Ele me disse que o tecido o levaria a mim, não importava para quão longe viajasse. Pôs as mãos em volta do meu rosto e me beijou. Em seus braços senti

um ímpeto de medo, pois o que havia entre nós já acabara, apesar da lembrança. Fui até a muralha para vê-lo descer com os guerreiros. Não fazia ideia de que meu irmão planejava partir com eles até que encontrei a minha mãe ali, fora de si de preocupação.

– Ele não passa de um menino – ela me disse, preocupada. Vinha parecendo doente ultimamente, recusando suas refeições, fechada em si mesma. Agora estava pálida. – Por que faziam isso? Por que ele iria?

Eu me sentia muito culpada para responder. Os guerreiros acreditavam que Adir fora o arqueiro no concurso e, portanto, o levavam como companheiro. Era por isso que ele agora caminhava ao lado deles, por causa das minhas flechas vermelhas. Seu destino era meu fardo, porque os fizera olhar para ele com estima. A minha mãe pensava em Adir como o seu bebê e ainda amarrava amuletos às suas vestes para protegê-lo do mal. Ele rasgava essas coisas da túnica, rindo, dizendo que a nossa mãe não fazia ideia do que significava ser um homem.

Adir completara treze anos de idade, mas ainda não estava pronto. Eu matara meu primeiro íbex quando tinha apenas dez anos, mas fora preparada para o sangue. Cavalgara com homens que eram destemidos. Aprendera a queimar os ramos da acácia para homenagear os espíritos dos mortos. O meu irmão pensava que ser homem significasse seguir cegamente o caminho dos guerreiros, apesar da sua falta de habilidade. Pensava em grandes glórias, não em poças de sangue, certamente não imaginava a brutalidade de que seria testemunha quando seus companheiros fossem retalhados à sua frente.

Rezei com minha mãe no nosso altar enquanto ela cantava e queimava óleo pelo retorno seguro de Adir. Amaldiçoei-me por isso, porque deveria ter sido eu a ir no seu lugar. Minha mãe escreveu os nomes de Deus em seus braços e depois nos meus, para sermos ouvidas no céu, embora as mulheres não tivessem permissão para essa prática. Somente os sacerdotes podiam fazer essas súplicas ao Todo-Poderoso, mas minha mãe não temia desrespeitar a lei. Sacrificamos uma pomba e escrevemos com seu sangue sobre as penas, prendendo todos os demônios que pudessem seguir o meu irmão ao vale. Cantamos baixinho para ninguém ouvir, pois não nos atrevíamos a revelar o que fazíamos no nosso alojamento mais do que eu me atrevia a revelar a verdade sobre o meu irmão que estava partindo.

Proclamo a majestade do Vosso esplendor, para assustar todos os espíritos dos anjos da destruição e daqueles que atacam de repente e nos desviam do

caminho. Destruí os seus corações maus na vigência do governo da maldade.

Eu proferi essas palavras com minha mãe, mas não proclamei que fora a maldade que enviara o meu irmão para a batalha, e que era eu quem deveria me corrigir.

*

EM UMA MANHÃ clara e tórrida, as pombas caíram dos ninhos sem explicação. Reunimos todas elas e as deixamos juntas, tentando aquietar seus corpos trêmulos até que revivessem. Várias morreram naquele dia, sem motivo aparente. Embora estivéssemos com fome, não poderíamos prepará-las como uma refeição para nós mesmas ou para os nossos guerreiros quando retornassem em segurança, porque as pombas haviam morrido de alguma doença.

Talvez a hora em que as pombas caíram assinalasse o momento em que Channa retornara ao sacerdote para escolher um dia para a morte do escravo. Certamente, todas nós sentimos a morte por perto; ela passou como uma sombra lançada pelas nuvens e sentimos frio. A minha mãe levou as pombas para o altar em seu quarto, cobriu a cabeça e murmurou uma prece para manter afastado o Anjo da Morte, mas o sacrifício não foi suficiente. No mesmo dia foi publicado um anúncio. Na tarde seguinte a guarda iria até a torre e o mundo ficaria livre do escravo. Nós não éramos selvagens como os romanos, que crucificavam seus inimigos para causar a maior dor que um ser humano poderia suportar, estendendo sua morte o máximo de tempo possível enquanto o homem permanecia esticado em cima de uma cruz de madeira para que a agonia perdurasse. Em vez disso, o escravo teria a garganta cortada, a morte mais gentil, a que dávamos até ao mais humilde dos animais, de modo que sua respiração o deixasse de um único ímpeto.

Quando a noite caiu, Channa esperava junto à muralha, próximo ao alojamento de Revka. Usava uma capa, mas os netos de Revka a identificaram instantaneamente, como se acreditava que fossem capaz de perceber os demônios. A esposa do nosso líder não tinha medo, apenas o calor do seu desejo, que ardia com mais fervor que o ar à nossa volta. Ariele logo completaria um ano de idade; era uma criança sossegada e querida, já tentando andar. Channa atreveu-se a procurar Yael; ela foi negligente, como são muitas vezes os desesperados, mais que disposta a desobedecer o marido, que a advertira a manter distância. Mas nessa ocasião Ben Ya'ir achava-se entre os guerreiros em perseguição aos romanos e, portanto, não poderia julgá-la ou puni-la por seus atos. Ela estava mais forte que antes, graças ao remédio da minha mãe, forte o

bastante para causar danos. Ela carregava um ramo de hissopo, como se insultasse a flor que lhe causara tanto sofrimento.

Revka chorou ao vê-la.

– Isso é culpa minha. Atraí um demônio sobre nós.

– Não. – Yael trazia o rosto mascarado, mas parecia segura de si. – É meu castigo.

– Você não fez nada – Revka insistiu.

– Um ladrão conhece outro – Yael murmurou, resolvida.

Arrumou todos os pertences de Ariele, depois encaminhou-se à muralha, o bebê em seus braços.

– Negócio é negócio – disse Channa. – Não estou sendo muito exigente, só quero o que me devem.

Elas estavam próximas do jardim em que Yael soltara o escorpião. Ele não aparecera naquela noite, mas ainda estava lá. As crianças o viram e sabiam que o que não se vê pode ser mais perigoso do que o que está visível. A batalha que travávamos era apenas para nos manter alimentados; talvez o escorpião passasse fome como nós. Quanto a Channa, era a esposa de um homem rico: apesar da insistência de seu marido de que todos éramos dignos das dádivas de Deus, ela recebia mais que a sua parte.

– Você cuidou bem dele – ela disse com aprovação a Yael, pois notou que a mancha afogueada na bochecha do bebê desaparecera. Yael banhara o filho em óleos e esfregara um bálsamo na sua pele. – Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo como mulheres razoáveis. – Quando Channa acariciou o rosto do menino com carinho, Ariele sorriu-lhe. – Ele fica melhor comigo.

Yael não se fez de rogada, como seria o caso de algumas mulheres. Não tinha tempo para tais favores. O escravo tivera permissão de viver. O acordo fora mantido; ainda assim, qualquer um que confie em uma serpente merece a sua mordida. O sábio julga uma criatura pelo que ela é, não pelo que diz que pode ser.

Depois de terminar as tarefas no pomal, Yael saía para buscar lenha. Fazia isso com tanta frequência que as sentinelas já a conheciam. A filha de cabelo vermelho do assassino. Ela saía no fim do dia, quando o sol estava se pondo. Na penumbra, encontrava os galhos que serviriam para acender o fogo e mantê-lo

queimando. E retornava somente quando o crepúsculo tingia de escuro o céu claro. Às vezes, ela se sentava sobre a muralha sob a luz âmbar, a cesta de galhos ao seu lado, o lenço tecido sobre o cabelo escorregando um pouco, de modo que mechas do seu cabelo brilhavam na cor escarlata. Ela sabia que os guardas a observavam, demorando os olhares sobre a sua pele. Por isso, permitiam que fizesse o que quisesse.

Todos os dias ela ia mais para baixo na montanha, encontrando caminhos pelos quais poucos ousavam seguir, a não ser o íbex, que não temia o desmoronamento dos penhascos. O lenço que usava fora tecido com o desenho do país do norte que nenhum de nós jamais veria, uma terra em que o gelo era tão profundo como um rio, onde um homem poderia congelar em instantes, onde as flechas de cada guerreiro eram marcadas com o sinal do veado.

Quando Yael pediu a minha ajuda, acompanhei-a de boa vontade, embora no momento tivéssemos mais madeira empilhada na nossa porta que qualquer um na montanha.

– Estou surpresa que não tenha pedido à minha mãe – eu disse.

– A sua mãe os deixaria desconfiados. Os guardas confiam em você.

Ao nos aproximarmos das sentinelas, Yael disse para eu puxar o xale da cabeça, para que os guardas vissem o meu cabelo preto comprido. Éramos duas jovens recolhendo madeira, alegres e bonitas. Acenamos com uma saudação. Todos os dias fazíamos essa viagem. Os guardas nunca se preocuparam em nos questionar, apenas nos olhavam, elogiando os nossos braços nus, que lhes permitíamos ver e apreciar.

Yael dizia uma oração todas as vezes que passávamos por uma pequena caverna. Ela segredou que um leão vivia ali dentro, mas jurou que olhava por nós. Às vezes ela deixava uma pomba como oferenda; às vezes, alguns fios do seu cabelo. Parecia convencida de que ele era o seu guardião. Ao mesmo tempo, eu me sentia aliviada por levar uma lâmina comigo, para o caso de a criatura de que ela falava decidir se voltar contra nós.

O ar fresco da noite tornava perfeitamente compreensível que nos avolumássemos sob as nossas capas. Eu usava um xale extra, o que tornava a minha aparência mais volumosa. Meu lenço de cabeça ia bem amarrado, quase cobrindo o rosto. Um dia, Yael levou-me um manto acinzentado. Pertencia ao seu pai, ela me disse. Pensei no talento do seu pai e em como ele instruíra Amram nos segredos da invisibilidade. Sabia que era possível um homem tornar-

se uma nuvem ou uma névoa aos olhos do inimigo; vira Amram fazê-lo quando queria desafiar minha mãe, para me encontrar em segredo.

Assim que vesti a capa do assassino, os guardas já não me notaram. Desapareci na frente deles, como se me tornasse algo que não valesse a pena olhar. Eles gritaram uma saudação a Yael, cujo cabelo vermelho brilhante tanto admiravam, mas ignoraram-me enquanto segui logo atrás dela, carregando um feixe de lenha seca.

No dia em que estava para acontecer, fui à torre na hora que Yael escolhera. Após a refeição, o guarda postado ali muitas vezes adormecia em seu banco, o estômago inchado da sua ração de lentilhas e feijões. No bolso, eu levava a chave de metal retorcido que minha mãe fizera para mostrar como seria fácil o escravo fugir do pombal, de modo que os funcionários não desconfiassem que Yael destrancara as correntes. Mantive a capa do assassino sobre a cabeça. Ninguém me perguntou quando passei pelo longo corredor e depois cheguei à escada. No fim do corredor o guarda cochilava, como Yael me garantira. Entrei na cela do escravo, sentindo-me atordoada com a sujeira e o mau cheiro com que me deparei. O ar estava escuro, mas pude ver o pobre Wynn no seu leito de trapos. Ele estava tão sujo que ninguém imaginaria que os tufo do seu cabelo raspado fossem claros como o gelo ou que a sua pele fosse da cor do leite, como quando chegara para trabalhar conosco.

Apesar da escuridão, Wynn reconheceu-me, pondo-se de pé para me cumprimentar.

– A guerreira – disse ele com carinho.

A sua voz estava fraca, desmanchando-se na garganta. O seu corpo já não era forte, debilitado pela falta de ar e de alimento.

– Sou outra pessoa hoje – informei.

– Quem seria essa? – ele estava completamente confuso.

Sorri, depois tirei a minha capa e me pus diante dele.

– Sou você.

NENHUMA das sentinelas tomou conhecimento quando as duas mulheres passaram pelo portão, uma delas pouco perceptível, envolta em uma capa acinzentada. Estavam acostumadas a nos ver deixar a fortaleza àquela hora, quando a escuridão se avizinhava no céu, quando a cortina entre o dia e a noite se abria para anjos e demônios. Deixaram de notar que Yael chegou com os gravetos e

agora voltava sozinha, demorando-se na muralha para olhar por cima das montanhas, onde o falcão pairava, circulando de volta como se pudesse retornar, antes de desaparecer na escuridão crescente.

Na torre, esperei até entender que Wynn estava livre, repetindo o salmo de proteção. *Shivitti Adonai l'negdi tamid. Sempre pus o Senhor adiante de mim.* Fiquei contente de saber que era a estação em que cresciam as cebolas silvestres, quando os coelhos se aventurariam a comer a grama nova. Talvez ele conseguisse sobreviver no deserto para encontrar seu caminho de volta ao país do veado.

Nenhum guarda apareceu à porta que eu destrancara para a fuga. Saí despercebida, usando a túnica que levava para passar mais uma vez por um rapaz, facilmente considerado um daqueles que ajudavam a guarda da torre.

*

A GUERRA chegou mais perto no mês cintilante de *Tammuz*, quando cuidávamos das videiras e o próprio ar tinha um cheiro doce. Grandes bandos de aves nos sobrevoaram, voltando dos campos do sul, pelicanos e cegonhas, andorinhas e falcões. Viam-se multidões de pessoas também, atravessando o deserto antes de ser capturadas, uma maré correndo à frente da décima legião. Alguns dos andarilhos nos procuraram. Quando imploravam misericórdia, eram autorizados a montar as suas tendas nos nossos pomares, e as frutas que caíssem nos quatro cantos eram-lhes concedidas, como ordenava a nossa lei comum. Os retardatários não eram os únicos que estavam famintos. As frutas caídas e o pão sírio mal eram suficientes para saciar a nossa fome. Eu saía para além da muralha e capturava pássaros em redes feitas de cordões. Quando me cansei de caçar como uma menina, levei o meu arco e atirei em faisões para pôr sobre a mesa.

Ninguém dizia uma palavra quando me via andando na praça com o arco nas costas; talvez as pessoas acreditassem que a arma fosse do meu irmão e que, na sua ausência, eu cuidasse de algo que justamente lhe pertencia. O mais provável era que pensassem que eu servia somente para limpar as flechas que carregava, pois as pontas seguiam manchadas de sangue.

Apesar do fato de a minha mãe ter estado de luto pela minha irmã, e agora a considerasse entre os mortos, eu levava faisões aos essênios sempre que podia. Nahara não estava morta para mim. Eu sempre a observava entre as mulheres simples e trabalhadoras. Lembrava-me de como ela me acompanhava pela grama na nossa outra vida, como a mandava voltar correndo para a nossa tenda, mergulhando atrás dela como uma coruja, fazendo-a rir. Pensei nos anos em que dormíamos no mesmo estrado, muitas vezes sonhando o mesmo sonho, de modo que mesmo com os olhos abertos conversávamos sobre as nossas visões durante a noite. Eu sempre ansiara que o pai dela fosse o meu pai, para poder ser a sua irmã em todos os sentidos. Agora temia que ela corresse se me atrevesse a lhe falar, pedindo que voltasse.

Depois de presentear as aves de caça, eu ia me sentar ao lado de Nahara em um banco de madeira no lado de fora da casa das cabras. Juntas, depenávamos os faisões. Em pouco tempo formava-se um círculo cintilante de penas marrons e verdes aos nossos pés.

– Você ainda pode caçar – minha irmã observou significativamente. Os essênios acreditavam que uma mulher não deveria tocar uma arma ou tirar uma vida.

– Quando ninguém está observando. – Sorri, esperando que ela participasse da brincadeira de quem eu costumava ser. Em vez disso, ela balançou a cabeça. Minha irmã, com quem dividira os sonhos, cujo sopro de vida era o mesmo que o meu, cujo verdadeiro pai era um segredo para o seu povo, considerava as minhas ações vergonhosas.

– O Todo-Poderoso observa.

Senti a estocada do seu julgamento.

– Eu me curvo para dirigir as minhas orações a Ele. Isso também é observado.

– Estamos no limiar do fim, mas você age como se os dias fossem durar para sempre, um igual ao outro.

Era como se a minha irmã tivesse se tornado a minha mestra e eu não conseguisse progredir nos meus estudos. Nahara estava convencida de que nos aproximávamos do Fim dos Dias e, assim como os seus professores essênios, acreditava que era tolice deixar-se consumir pelas minúcias da vida cotidiana. Aqueles que se recusavam a aceitar a verdade de que o mundo como conhecíamos em breve não mais existiria seriam informados do contrário.

O tecido da túnica e do xale da minha irmã estava esfarrapado, por não ter havido tempo para consertar a tecelagem e, pelo que ela me disse, não haveria nenhum propósito em fazer isso. Se fosse o Fim dos Dias, então a túnica da minha irmã seria o seu traje mortuário. Ela me confidenciou que seu povo já não dormia. Havia muito trabalho a ser concluído nos pergaminhos, revelando a verdade de Deus, e muito pouco tempo para fazê-lo. Talvez esse fosse o motivo por ela estar tão pálida. Estava tão magra que os ossos abaixo da garganta destacavam-se através da pele. Ela me disse que seu povo muitas vezes rezava durante toda a noite, esperando para ver se o sol se levantaria novamente e se haveria de fato outra manhã.

Estávamos sujas de sangue pelo preparo dos faisões. As aves seriam penduradas em um cordão para que o restante do sangue fosse drenado do corpo antes de serem salgadas e cozidas. O nosso povo nunca consumia sangue. Essa era uma das mais rigorosas leis de Deus. No entanto, tínhamos as mãos manchadas com o sangue dos faisões. Peguei a mão da minha irmã na minha. Ela me traíra perante a nossa mãe, mas eu não seria capaz de abandoná-la.

– O que essas pessoas têm para lhe oferecer?

– Tudo. – Nahara retirou a mão da minha, balançando a cabeça, desapontada comigo. – Eles me oferecem um mundo de paz, Aziza.

Ela olhou para o quartel e para o estoque de armas guardado ali. As crianças tinham sido destacadas para preparar as rochas, transformando-as em pedras arredondadas, para que fossem lançadas contra o nosso inimigo com grande força caso se mostrassem temerários o bastante para nos atacar. Nahara voltou-se para mim, os olhos úmidos. Ela sempre tivera o coração mole nas horas de matança. Fechava os olhos quando nos deparávamos com um coelho em uma armadilha. O nosso povo não comia coelhos, que eram considerados impuros, mas o povo do pai de Nahara não tinha tais leis. *Você faz isso*, ela me dizia enquanto a pobre criatura se debatia na armadilha. Eu pegava o coelho e cortava sua garganta rapidamente, para que ela não tivesse de assistir. Fazia tudo o que ela pedia.

– Você não pode achar que essa seja a resposta – ela disse sobre os montes de armas.

– O que o seu povo quer que você faça se formos atacados? – quis saber.

– Confiar em Abba. – As suas mãos estavam cruzadas sobre o colo. Ela parecia calma e bela, aparentando ser mais velha que a sua idade. Pensei que ela

se referisse ao líder do seu povo, então percebi que queria dizer Deus. Ela, a exemplo dos outros essênios, alegava ter uma relação pessoal com o Todo-Poderoso. Falava de Deus como se fosse de fato Sua filha.

– E se isso significar que devemos morrer? E então? Deitar-se e deixar que Roma nos pisoteie?

Nahara olhou-me cheia de compaixão, como se eu fosse a irmã mais nova, singela demais para entender.

– Depois ressuscitaremos.

– O seu pai era um homem de coragem. A paz era algo que ele lutava para manter.

Ela sorriu gentilmente da minha observação. Vi nela um pouco da menina que um dia ela fora antes de nos deixar.

– Não se luta pela paz, irmã – Nahara me disse. – A paz é algo que se acolhe.

– Não no mundo do seu pai – lembrei-lhe.

Nahara riu abertamente, pois isso era inegavelmente verdade.

– Isso foi há muito tempo. Você era outra pessoa então. Assim como eu.

– Você chorou por causa dele quando partimos. Pensamos que ele iria ouvi-la em Petra, tão alto você chamava por ele.

– Eu era uma criança. – Nahara encolheu os ombros estreitos. – Meu pai era o único homem que eu conhecia. Agora... – ela inclinou a cabeça para a comprida mesa sobre cavaletes, na qual Malaquias trabalhava em um texto – ... pertenço a ele.

Eu ouvira dizer que Malaquias escrevia tão bem que os anjos vinham ver o seu trabalho, porque as palavras foram a primeira coisa que Deus criou do silêncio e ainda era a mais bela de todas as Suas criações.

– Então ficarei feliz por você – disse.

Fui embora, deixando os faisões com minha irmã, incapaz de lhe dizer a verdade. Não importava o que ela fizesse ou a quem ela amasse, fora eu quem lhe dera a vida neste mundo, um mundo que ela estava ansiosa e pronta para deixar, em que havia acácias que atraíam as abelhas para as suas flores, em que havia campos infinitos de grama e cassis.

Não importava o que dissesse, ela ainda me pertencia.

ESTAVA CAMINHANDO à noite, como passara a fazer para poder apreciar a minha liberdade como um rapaz, quando me deparei com os essênios escavando próximo da sinagoga. A terra era rochosa, branca como as estrelas acima de nós. Era tarde da noite e havia nuvens de morcegos no céu, em busca dos últimos frutos de sicômoro nas ravinas áridas abaixo. O ponto alto da época mais quente logo se abateria sobre nós e o ar estava pesado com o calor, grosso como uma cortina.

Aproximei-me furtivamente, escondendo-me atrás de uma cidreira que já não dava o fruto do *etrog*. Embora a árvore estivesse atrofiada e sem folhas, a casca ainda rescendia a uma fragrância peculiar, aguda e doce ao mesmo tempo.

Vi que os homens seguravam uma grande urna, constituída de uma simples peça de cerâmica de cor castanho-acinzentada, do tipo em que guardavam os seus pergaminhos. Enterraram-na com cuidado, cantando suavemente, em seguida apressaram-se a repor a terra santificada. Os seus cantos os levaram a um tipo de êxtase e eles se balançaram para a frente e para trás, levantando os fios atados dos seus xales de oração para o céu, para que Deus pudesse ouvi-los e alegrar-se com as orações.

Pensei nas estranhas atividades dos essênios pelo restante daquela noite. Na noite seguinte voltei a me infiltrar nas sombras. Novamente encontrei-os trabalhando, enterrando secretamente outra urna.

De manhã perguntei à minha mãe o que poderia significar para os homens piedosos perturbar a terra santa de forma secreta e temerária. Minha mãe estivera doente por alguns dias, apática e pálida, deixando os assuntos do pombal para mim, Yael e Revka, incapaz de comer outra coisa senão sopa e água. Fizera um chá de ervilhaca amarga e pepino, de cor verde, muito forte, que bebia durante o dia. Não podia suportar o calor subindo e derramava água sobre a cabeça, trançando o cabelo molhado para que permanecesse úmido contra o couro cabeludo.

– Eles estão enterrando os seus pergaminhos, pois estão de partida. – Tinha certeza disso, pois estudara os costumes dos essênios quando eles chegaram. Os pergaminhos eram tudo para eles, os documentos da sua fé. – Querem se certificar de que sua palavra sobreviva caso pereçam e não confiam em nenhum de nós para mantê-los seguros. É a sua maneira de fazer as malas antes de partir.

– Temos de detê-la – chorei, pensando apenas na minha irmã.

O assunto era urgente; precisávamos resgatá-la agora. Gostaria de ter uma corda para atá-la e um lenço para cobrir a sua boca para que ela não gritasse como fizera quando fugimos do seu pai. Pediria a Yael a capa da invisibilidade, que ela usara para levar embora o Homem do Norte, para cobrir a minha irmã da cabeça aos pés. Se o marido de Nahara chegasse para procurá-la, veria apenas o orvalho sobre a grama.

A minha mãe balançou a cabeça tristemente quando sugeri as medidas a serem tomadas.

– Não podemos fazer isso. Acha que não vi o destino dela assim como o seu?

O cabelo úmido da minha mãe brilhava no escuro. Ultimamente, ela não conseguia beber água suficiente e estava seca durante todo o dia. Passara a usar um xale preto. As suas mãos e pernas estavam inchadas e a sua pele perdera o brilho, mas ainda assim continuava linda. Alguns homens diziam que o céu empalidecia diante dela e que no Mundo Vindouro os anjos se atreveriam a chamá-la para o seu lado com medo de que a sua beleza os cegasse.

– No instante em que conheci o essênio, soube que ele era a pessoa que iria tentá-la com o caminho que ela não deveria trilhar. Vi a destruição dela como vi a sua. Por que você acha que o expulsei do pombal?

– Não consigo entender.

Sentia uma espécie de fúria dentro de mim. O tempo todo a minha mãe me dizia que eu seria a única a ser desajustada pelo amor, não Nahara. Eu mudara o rumo da minha vida, não uma, mas duas vezes, simplesmente porque ela me dissera para fazer isso. Fizera o que mandara sem questionar, sem duvidar. Lembrei-me de como queimáramos as minhas roupas na costa do Mar de Sal, como negara quem era, disposta a fazer qualquer coisa para agradá-la. Afastara-me de Amram. Incapaz de revelar a minha verdadeira natureza, agora sentia pouco por ele.

– Segundo me disse, era eu quem deveria ficar longe do amor. Agora está dizendo que esse é também o destino de Nahara? E quanto ao de Adir, já foi escrito também?

A minha mãe olhou para longe, mas segurei seu braço. Ela estremeceu e virou-se para mim. Percebi que estava mais forte. Já não tinha medo dos seus poderes. Não tinha o dever de manter as promessas de uma mulher que me dissera apenas mentiras.

– Diga-me a verdade de Deus, não a sua. É esse o destino de todos os seus filhos?

– Foi o meu – a minha mãe admitiu. Sua voz estava rouca, ela parecia frágil e aturdida. – Foi o meu destino. Quem quer que eu amasse estaria condenado. – O ar estava denso e sombrio dentro do nosso alojamento, como se estivéssemos debaixo da água. – Tentei não amar você.

As lágrimas corriam pelo rosto da minha mãe quando ela disse isso, mas eu não tive piedade. Ela destruíra a pessoa que eu poderia ter sido se não tivesse interferido no meu destino. Toda a minha vida baseava-se nas suas mentiras.

– Você conseguiu – eu disse friamente.

– Quis proteger você. Do amor e também de mim.

Pensei que, embora ela estivesse chorando, eu não me importava.

– E tentou não amar Ben Ya’ir? – comentei rudemente.

– Ah, não – disse ela. – Nesse assunto não tive escolha. – Ela levantou os olhos para mim. Pela primeira vez, ela me apresentava a verdade. – Eu o amava demais.

A *CASA DAS CABRAS* estava vazia quando cheguei. O campo tinha pouco mais que pedras; os nacos de grama que restaram haviam secado, tufo amarelados sem valor. Ao contrário do dia do casamento de Nahara, quando ela apoiara o corpo contra o umbral da porta para impedir o nosso caminho, agora a porta abria-se sem oferecer resistência. Aquelas pessoas não acreditavam em trancas, pois a única chave que lhes importava era a que Moisés usara para revelar as inúmeras verdades de *Adonai*.

Eles tinham muito pouca coisa consigo, algumas cabras, as roupas que usavam, os utensílios de escrita, para poder continuar a louvar a Deus enquanto o mundo ao redor desmoronava. No interior, o chão fora varrido. Gostaria de saber se a vassoura encostada na parede estivera nas mãos de Nahara. Peguei-a nas mãos por essa razão, mas a madeira estava fria. Não restava uma migalha a ser vista, até mesmo os ratos que recentemente haviam caído em cima de nós teriam pouca razão para procurar nos cantos desse alojamento ou debaixo das camas de palha bem-arrumadas. No quintal, o varal continuava amarrado entre duas tamareiras, uma corda grossa feita de pelo de cabra que eu poderia ter usado para amarrar a minha irmã, mantendo-a conosco se tivesse sido rápida o bastante para salvá-la pela segunda vez.

Pelo canto do olho, vi um menino atrás de uma árvore. Era o filho de Tamar, Yehuda, que estava chorando no chão.

– Ela não me deixou ir junto – me disse ele.

Vi que ele fora amarrado a uma das palmeiras. A mãe dele fizera o que eu tivera a intenção de fazer para prender Nahara. Yehuda fora forçado a permanecer conosco, onde Tamara esperava que estaria seguro.

Abba decidira que o seu povo não poderia participar da nossa guerra. Não importava que não se envolvessem diretamente na batalha. Seus olhos não deveriam testemunhar nosso depósito de armas. Eles não poderiam permanecer ali de bom grado sabendo da nossa intenção de enfrentar a legião caso fôssemos atacados. E assim fora decretado, uma mensagem enviada de cima por Deus. Eles já não podiam comer as frutas dos nossos pomares, beber a água das nossas cisternas ou nos aprovar de qualquer maneira. Se existissem filhos das trevas e filhos da luz, e se houvesse uma batalha constante entre os dois, então teriam traçado uma linha entre nós, muito embora suas antepassadas, Raquel, Sara, Rebeca e Léa, serem as nossas também, ainda que orássemos ao mesmo Deus, Ele que não tinha outro equivalente. Não podíamos reivindicar o mesmo mundo.

Desamarrei Yehuda e levei-o à casa de Revka. Os seus braços apresentavam queimaduras de corda, pois tentara desesperadamente escapar dos laços que o prendiam. Perguntei a Revka se poderia cuidar dele naquele momento de infortúnio. Ele era um menino de cabelo escuro, olhos claros e cabeça grande e resoluta, já se esforçando para ser um homem, humilhado pela decisão da mãe de deixá-lo para trás. Os netos de Revka conheciam-no bem e Yehuda pareceu se conformar na companhia deles, embora continuasse com os olhos marejados.

Dirigi-me à muralha, para descobrir qual caminho traiçoeiro os essênios haviam escolhido. Eles seguiam em direção a uma caverna situada em uma das faces da montanha em que era impossível escalar os penhascos. As hienas a habitavam e ela seria imunda por dentro, repleta de dejetos e de ossos espalhados. Um rebanho de íbex assustou-se quando os essênios se aproximaram. As cabras selvagens correram para os lados em um esforço para fugir, lançando pedras com seus cascos, uma cortina de poeira se elevando enquanto os pedregulhos rolavam para o vale abaixo.

No redemoinho de poeira podia jurar que vira Domah, o anjo da sepultura, cujo nome significa silêncio, aquele que visita os mortos para perguntar o nome verdadeiro da alma antes que o espírito parta em sua viagem. Mas quando o ar clareou vi apenas os essênios com suas vestes brancas, descalços, apesar da

rudeza da terra, ignorando os espinheiros que ali cresciam e os escorpiões que repousavam sob as rochas. Pensei ter visto Nahara atrás dos homens, a cabeça coberta por um xale, os olhos voltados para o alto, como se confiasse totalmente no caminho e não temesse uma queda.

Mas era outra mulher, cujo nome nunca soube, não a minha irmã.

*

NO PRIMEIRO dia do mês de Av, Yael veio à nossa mesa. Era a época do ano que nos trazia pouco mais que lágrimas e sal. Éramos todos cautelosos no mês em que os dois Templos haviam caído, a mesma data em que se dizia que Moisés quebrara as tábuas recebidas de Deus quando se deparara com o seu povo adorando um ídolo, o nove de Av, o Dia da Calamidade, quando o mal era liberado sobre nós. Se *ha-olam* é o mundo e *le-olam* é para sempre, então os dois estão interligados. No entanto, no mês de Av o mundo que deveria durar para sempre parecia algo bem frágil. A pedra se desintegrava, a morte nos perseguia, cidades caíam.

Não comentamos sobre o desaparecimento do escravo. Ainda sentíamos a sua presença, pois o falcão voltara a pousar no peitoril do pombal à espera da amante que tão gentilmente o alimentaria com grãos em sua mão por algum tempo depois. Mas essa bondade o prendia e ele era uma criatura selvagem. Yael afugentou-o. Fez isso vezes seguidas até que ele também desaparecesse, voando para o norte. No dia em que ele se foi, Yael deixou a porta do pombal aberta, do modo que fazemos quando alguém morre, para permitir que o espírito se liberte.

Agora que o escravo se fora, Yael apelava para a ajuda da minha mãe, porque ela acreditava ser possível trazer Ariele de volta para a sua legítima casa sem medo de represálias. Yael trazia o cabelo coberto por um véu, o tecido apertado no pescoço. Notei que o brilho do amuleto dourado, a preciosa dádiva da minha mãe para ela, desaparecera.

– Você continua a fazer negócios com as mulheres mortas – a minha mãe disse tristemente. – Não aprendeu com o primeiro fantasma?

– Channa não está morta – eu argumentei, confusa.

Vira-a naquela mesma tarde, caminhando na praça com Ariele nos braços, e ela estava muito viva. As pessoas cochichavam que convencera o marido de que Deus a destinara a ter aquela criança, mesmo sendo estéril desde o dia do casamento. Ela dissera a Ben Ya'ir que aquela que o parira a procurara implorando para ficar com ele. O menino fora um presente e uma bênção de

Adonai.

– Ela está morta para mim – a minha mãe comentou com frieza.

– Farei tudo para reavê-lo – Yael prometeu. – Pensei que o preço seria pequeno, alguns dias de separação. Não fazia ideia do que ela pretendia.

A minha mãe balançou a cabeça tristemente.

– Se eu for contra ela, deixarei meu filho em perigo. É isso o que espera de mim, em nome da nossa amizade?

– Eu não tenho medo dela – disse eu.

A minha mãe me fitou, depois rapidamente desviou o olhar. Então soube que não falava a meu respeito. Não era o filho que ela queria proteger. Entendi o que deveria ter ficado evidente havia algum tempo. Houvera sinais de que a minha mãe estava com um filho, mas eu simplesmente não percebi o que não queria ver. É claro que sabia quem era o pai. O homem que ainda guardava as pombas que lhe enviava na Montanha de Ferro. Ela ainda lhe pertencia.

– Você pensou que eu fosse uma bruxa e não uma mulher? – minha mãe aventurou-se a perguntar.

Magoada além da conta, dei de ombros.

– Mais um para você destruir com o seu amor.

Yael lançou-me um olhar de advertência, depois foi se ajoelhar ao lado da minha mãe, implorando por sua ajuda.

– Nunca pedirei mais nada. Juro.

– Ela já lhe deu um presente precioso – eu disse, referindo-me ao amuleto. A ausência do encantamento passara despercebida à minha mãe. Gostaria de saber o que ela pensaria se descobrisse que Yael abrira mão do presente.

Yael expôs o pescoço para revelar que não trazia o amuleto. Quando ela admitiu que dera o talismã a Wynn para a sua proteção, envergonhei-me de tê-la confrontado.

– Perdoe-me. – Yael inclinou a cabeça diante da minha mãe. – Ele precisava mais que eu. Se me ajudar agora, não pedirei mais nada – ela prometeu.

– Mas eu a procurarei em troca de uma coisa – minha mãe confessou. – A confiança é mais valiosa que o ouro, a lealdade é a melhor proteção. Se fizer isso

por você, quando chegar a hora, você me dará qualquer coisa que pedir?

– Qualquer coisa – Yael prometeu.

– Channa não é como a outra mulher que queria seu filho – minha mãe avisou.
– Aquela mulher tinha um coração, embora pertencesse ao pó. Esta não tem nenhum. Acredite em mim, ela preferiria ver o seu filho assassinado a devolvê-lo a você. E vai lançar uma maldição sobre mim. Lembre-se disso quando a procurar para lhe pedir o que for preciso.

Elas pegaram a faca que Yael carregava consigo o tempo todo e cortaram as suas carnes, depois deixaram gotas de sangue caírem em um copo de óleo para ser queimado perante a imagem de Astarte no nosso altar. Depois a minha mãe trouxe uma tigela de *samtar*, o emplastro que curava as feridas causadas por flechas. Ela revestiu o seu corpo como um guerreiro o faria antes da batalha. Pegou um monte de cinzas e outro de sal, e o bálsamo precioso de Gileade, feito da goma da árvore do aguarrás. Quando Yael fez menção de imitá-la, minha mãe a deteve.

Yael pareceu intrigada.

– Você pode precisar de mim.

Minha mãe balançou a cabeça.

– Não de você. – Ela me olhou, depois assentiu. – Você.

Embora já não tivesse nenhuma obrigação com aquela mulher, a mãe que mentira para mim e me traíra, o destino de uma criança estava em risco. E havia algo mais, algo que eu não admitiria em voz alta.

Apesar de ela ter-me traído de muitas maneiras, eu ansiava por ser a escolhida por ela.

Cobri-me com o *samtar*, como a minha mãe o fizera, e depois com o óleo. Trancei o cabelo e deixei sete nós amarrados dentro da minha capa, o número convencional para repelir o mal quando se fosse alvo de uma bruxaria.

– Acha que ela é uma bruxa? – eu perguntei.

A minha mãe riu.

– Eu sei que ela é.

SAÍMOS ao anoitecer, o momento em que a escuridão e a luz são difíceis de precisar e todas as coisas são possíveis. A minha mãe pretendia realizar um

exorcismo. Às vezes, o próprio Rafael aparecia para ajudar nesse processo e havia rumores de que ficara radiante uma vez que instruíra um exorcista a queimar o coração e o fígado de um peixe para expulsar os demônios. A minha mãe levava esses ingredientes consigo naquele momento, os órgãos secos de um peixe que milagrosamente aparecera em um *nachal* na nossa viagem àquela montanha, com o único propósito de exorcizar o mal. Estremeci quando percebi que era isso que a minha mãe pretendia fazer, pois era um ato verdadeiramente perigoso. Uma vez aberto aquele mundo, o próprio exorcista poderia ser vítima dos maus espíritos. Havia histórias de exorcistas que nunca mais falaram, que perderam o coração em consequência da tentativa, encontrados sem nada deles que pudesse ser salvo, somente uma pilha de ossos secos.

Caminhamos ao longo da muralha, passando pelo jardim. O aroma de hortelã estava no ar. Podíamos ouvir as pombas cantando. A minha mãe não hesitou quando as ouviu. Um sorriso cruzou o seu rosto quando foi se ajoelhar ao lado da gaiola. Abriu a porta e pensei que pretendesse acariciar suas penas, como muitas vezes acariciara as pombas que criava quando estávamos em Moabe. Em vez disso, ela balançou a gaiola para que saíssem. Pegou uma em cada mão e levantou-as bem alto. No instante em que as deixou ir, elas alçaram voo para o céu.

– Não tinham mais nenhuma utilidade – ela murmurou observando-as desaparecer, como fazíamos anos antes, naquela que agora parecia outra vida.

Não foi nenhuma surpresa quando vimos que Yael nos seguira e esperava junto à muralha. Ela usava um véu escuro, para se disfarçar, mas a reconhecemos imediatamente e entendíamos por que não conseguia ficar de fora. Talvez a sua presença no lado de fora do palácio aumentasse a nossa força.

Aproximamo-nos da porta feita da madeira do cipreste. A minha mãe inclinou-se para a frente para que pudesse sussurrar. Eu sentia o calor do seu corpo e o cheiro do óleo que esfregara no pescoço e nos pulsos. Quando o demônio fosse expulso da mulher que estávamos prestes a enfrentar, precisaríamos pegar a criança. Naquele momento, e só então, a nossa inimiga estaria impotente.

– Ela tentará aterrorizá-la com seus argumentos, não dê ouvidos. Ela lançará um monte de desgraças contra você, não tenha medo. Existe um ingrediente a mais de que ela precisa para os poderes. É algo que somente nós temos.

Entendi qual era esse ingrediente. O meu pai.

Havíamos nos certificado de manter as nossas tranças bem apertadas junto da cabeça, para que o demônio que estávamos prestes a enfrentar não fosse capaz de agarrar-nos pelo cabelo. Tínhamos esfregado óleo de romã nos braços e nas pernas para que pudéssemos escorregar facilmente das suas garras. Entoamos: *Abra k'dabra. Criarei algo do nada. Amém. Amém. Selah.* Porque a palavra do nosso Deus era o que nos guiaria e nos protegeria do mal. Sua canção seria o nosso único caminho, a despeito de quaisquer pecados que pudéssemos ter cometido e de quaisquer punições que pudéssemos merecer. Aquilo em que acreditávamos, e com aquilo que dissemos em voz alta, poderíamos criar diante dos Seus olhos e à Sua imagem.

A minha mãe tinha raiado as suas pálpebras com lápis e se perfumara com murta e lírios. Ela ergueu o xale sobre a cabeça, talvez para parecer modesta aos olhos da rival. Channa ficaria ainda mais perplexa quando descobrisse quem viera chamar.

Minha mãe bateu na porta levemente, como faria se tivesse uma cesta de legumes para oferecer, verduras, quem sabe, ou dentes de alho. Ouvimos um ruído abafado, mas não houve resposta. Minha mãe bateu novamente, com mais força dessa vez.

Ninguém apareceu à porta, e não se ouviu mais nenhum som vindo de dentro.

Subi na pilha de lenha e estiquei o pescoço. Em um canto, avistei o berço vazio. Só havia sombras. Mas o fogo estava aceso. Acima das chamas via-se um pote pendurado, preso a uma haste de metal, com a refeição ainda cozinhando. Pude sentir o cheiro das lentilhas e da carne cozida.

Tirei da capa a chave feita de um pedaço de arame de metal. Ela funcionara para destrancar a porta da torre, para que Wynn fosse libertado, talvez funcionasse de novo. Minha mãe se afastou para eu tentar. Ela se encaixou na fechadura perfeitamente. A porta se abriu com um clique. Nós nos dirigimos para o aposento em que a refeição da noite posta sobre o fogo em breve estaria queimando e ficaria preta, pois estava borbulhando, mais do que pronta. Minha mãe lançou as entranhas do peixe naquele guisado e subiu uma fumaça verde-clara, a cor da inveja e da traição.

Através da névoa da fumaça avistamos uma lâmpada, e, embora seu brilho fosse fraco, era o bastante para que pudéssemos encontrar o nosso caminho. Seguimos pelo vestíbulo, saindo no corredor em que os afrescos das sete irmãs haviam sido pintados pelos mestres de Roma. Cada uma das irmãs era mais bonita que a outra, mas nenhuma tanto quanto a minha mãe, nem mesmo a lua

prateada. Ela me chamou para junto de si e paramos lado a lado sob amostras de ocre, ametista e verde da cor do mar. Ela inclinou a cabeça na direção de uma porta, pedindo-me para ouvir. Ela fazia isso quando éramos crianças, para aprendermos a identificar a diferença entre o ruído dos cascos do grande corcel do seu marido, Leba, se aproximando e os ruídos do cavalo de qualquer outro homem. Quando o pai da minha irmã se surpreendia que nós, crianças, aparecíamos para cumprimentá-lo muito antes de ele chegar, dizíamos que Leba se comunicava conosco e que a língua dos cavalos era fácil de adivinhar.

Agora, na casa de Ben Ya'ir, ouvi o que me pareceu ser um besouro, do tipo que dizem que procura os mortos. Depois de um instante percebi que era o som ritmado da respiração de alguém. Bati no meu pescoço e minha mãe concordou. Encontráramos o que procurávamos.

Seguimos o som, parando quando ele se tornou mais abafado, prosseguindo quando recomeçou. A respiração nos levou a uma pequena câmara em que eram armazenados azeite e vinho, os vasos altos incluídos entre os últimos pertencentes ao rei Herodes. O aposento estava às escuras, mas a lâmpada que carregávamos lançou luz suficiente para identificar sulcos compridos de sombras. Uma sombra era como um tanque de água vazando na nossa direção no meio da escuridão. Ela se agachara atrás da porta, um corvo em uma túnica escura, curvada para baixo, como se pudesse escapar de nós tão facilmente como o anoitecer desvanecendo um campo de árvores enegrecidas.

Como se enfeitado, Ariei nos chamou. Talvez soubesse que sua verdadeira mãe esperava por perto. O corvo rapidamente cobriu sua boca, mas ele gritou de novo. Havia nos reconhecido e consideramos isso um bom presságio. Deus velava por nós.

– Vocês não têm o direito de estar aqui – disse Channa quando não teve escolha senão nos encarar. Ela se levantou orgulhosamente, como se não tivesse se encolhido no escuro com os besouros, uma sombra atrás de uma porta. – Quando chamar as sentinelas, vocês serão encerradas na torre. Ou talvez expulsas para o deserto. Onde é o seu lugar. Vocês foram condenadas, ainda que pensem que podem vir a esta casa e tratá-la como sua.

Channa olhava para a minha mãe como se ela fosse um demônio que surgira através de uma janela aberta. Minha mãe não lhe deu resposta. Não discutiu ou retrucou a essas palavras malignas. Ficou parada na porta para que Channa não tentasse fugir. Era tarde demais para se esconder ou gritar. Minha mãe já começara o exorcismo. Ela espalhara dois círculos de cinzas, depois fez sinal

para mim. Entramos nos círculos quando ela começou a *Canção dos Aflitos*. A voz da minha mãe era linda, pura e etérea. A princípio, Channa apenas ouvia, sob o efeito do encantamento. Talvez pensasse que estava sendo elogiada, ou se convencera de que a minha mãe viera prestar-lhe homenagem, admitir os erros cometidos e comer o sal que agora atirava em direção à sua rival, como alguns diziam para comer os seus pecados. Mas os olhos da esposa do nosso líder se arregalaram quando ouviu as palavras recitadas pela minha mãe.

Aquele que habita o esconderijo do Altíssimo deve permanecer à sombra do Todo-Poderoso. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio. Certamente, Ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te debes confiança. Sua confiança será o teu escudo e broquel.

Talvez as asas que sempre imaginei sobre as minhas costas tivessem sido postas ali para a minha proteção pelo Todo-Poderoso, pois me sentia protegida, livre de redes e armadilhas. O que quer que a minha mãe dissesse, eu repetia com ela. Quaisquer que fossem os seus pecados, eu a perdoava.

À nossa frente, Channa segurava o bebê com mais força enquanto olhava para a minha mãe, alarmada.

– Você tomou o que deveria ter sido meu. Era para ele dar uma criança para mim, não para você! Os ladrões são mortos pelos seus atos, não perdoados. Você não pode lançar uma maldição em mim.

Minha mãe continuou a canção do Todo-Poderoso, louvando-O e pedindo a Sua luz.

Tu não deverás ter medo do terror à noite, nem da flecha que voa de dia. Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Somente com os teus olhos tu contemplarás e verás a recompensa dos ímpios.

Eu escutava, encantada. *Amém. Amém. Selah.* A minha voz soou, fazendo eco à da minha mãe. Channa virou-se para mim. Quando olhou nos meus olhos, viu o marido no meu olhar. Dei um passo para trás quando confrontada com a mesquinhez do espírito.

– Permaneça no círculo – avisou minha mãe.

Agora Channa me conhecia por quem eu era. Ela se aproximou para me ver melhor. Ali estava eu, a criança que ela mandara para o deserto, para ser bicada

pelos corvos e devorada no banquete dos chacais.

– Você deveria ter sido minha – ela me disse. Lançou à minha mãe um olhar brutal. Sua respiração estava tão entrecortada que era difícil ouvi-la, mas eu o pude fazer. – Você é a destruidora e o pecado perante o nome de Deus.

Sua voz estava rouca, arrancada de dentro dela. As palavras perfuraram-me como nenhuma arma seria capaz; ainda assim, fiz como a minha mãe aconselhara e me mantive dentro do círculo. Recusei-me a ouvir o veneno lançado sobre mim pela sua inveja. Ouvia apenas a canção da minha mãe. Podia ver as palavras que ela pronunciava tornando-se visíveis no ar entre nós, incandescentes, escritas pela fé.

Porque fizeste do Senhor, que é o meu refúgio, e do Altíssimo a tua habitação, nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará da tua habitação vizinha. Pois Ele dará os seus anjos a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra. Tu pisarás sobre o leão e a cobra: o leão e o dragão hás tu de calcar aos teus pés.

Channa estava começando a revelar quem ela era e que maldade estaria disposta a empreender.

– Ariei pertence a mim! Fiz um acordo com a mãe, diante de Deus!

Ela, que nos mandara para o deserto, para sermos tomadas nos braços da Morte quando a minha mãe tinha treze anos de idade e eu era apenas recém-nascida, pegou uma faca e segurou-a contra a garganta de Ariei. Fiz menção de me aproximar da criança mas, novamente, a minha mãe agarrou o meu braço.

– Ainda não – sussurrou ela.

Channa segurava Ariei com tanta força que ele soltou um grito sentido. Eu estava grata por Yael não estar presente e não poder ver o demônio se revelando diante de nós. Logo chegaria o momento em que ela não teria poder algum.

– Não tomou o bastante de mim para precisar tomar esta criança também? Prefiro vê-lo no Mundo Vindouro a vê-lo com você.

O suor cobria a testa da minha mãe. Seus lábios se moviam enquanto ela repetia a canção. Não era de admirar que os homens ficassem paralisados por ela e os anjos viessem lhe falar. Não era de admirar que a chuva atendesse ao seu comando e até mesmo a filha a quem traíra fizesse qualquer coisa que pedisse.

O manto negro da minha mãe abriu-se. Esse foi o momento em que todos nos tornamos quem éramos aos olhos de *Adonai*. Channa indignou-se ao ver que a minha mãe carregava uma criança. A sua respiração piorava, áspera, como se uma mão lhe prendesse o pescoço, retendo-lhe o ar como ela guardara o meu pai de nós. Um som emanava dela, que estava sem palavras, um grito ferido e sangrento. Era o demônio. Nesse momento eu me adiantei, para o bem da criança roubada, arrebatando-a dela com tanta força que ela cambaleou, escorregando no lugar em que minha mãe empilhara o sal para conter o mal dentro dela. A minha mãe exibia medo em seu semblante quando viu o inimigo vacilar.

Porque ele depositou o seu amor em mim, por isso o livrarei: vou elevá-lo bem alto, porque conheceu o meu nome.

– Sua bruxa – a esposa do nosso líder gritou.

Ele me invocará, e o atenderei: estarei ao seu lado na angústia; eu o livrarei e honrarei. Com longa vida o satisfarei, e lhe mostrarei a minha salvação.

– Leve-o – disse Channa sobre Ariei, derrotada à nossa frente. – Faça o que quiser com ele. Mas você não poderá ter o meu marido.

Peguei a criança e corri com ela para que sua verdadeira mãe pudesse se alegrar com ele no pátio do palácio. Mais tarde faríamos uma festa para celebrar e cantar louvores, mas agora apenas uma voz se elevava enquanto eu ouvia a minha mãe dispensar o nosso inimigo. Pois foi ela, não um anjo ou uma bruxa, mas uma mulher que não tinha mais medo de falar, que enfrentou a sua rival e proclamou:

– Eu o tive o tempo todo.

*

OS COMERCIANTES chegaram até nós provenientes do outro lado do Mar de Sal, trazendo especiarias e incensos, ervas e sementes. Estávamos desesperados pelos seus produtos, regateamos chicória e azeda, negociando moedas de prata e pedras semipreciosas em troca desses condimentos. Um dos comerciantes trazia consigo um enorme cão preto, um mastim da Ásia. Essa criatura encaminhou-se para o lugar onde o meu irmão muitas vezes acampava ao lado do quartel, quando era um garoto de recados dos guerreiros, fascinado pela sua coragem e pelos seus feitos. Agora Adir estava entre os homens, afastara-se de nós, mas algo da sua essência devia ter permanecido ali para que o enorme cão peludo se recusasse a ser removido. Ele jogava a cabeça para trás e uivava. O cão era um

presságio, isso era evidente, se bom ou ruim eu não sabia.

Enrolei uma corda em volta de sua grande cabeça, para que parasse de uivar, em seguida levei-o ao nosso alojamento, onde o amarrei no lado de fora. O cão me observou, latindo enquanto não voltei para lhe oferecer água. Quando o comerciante a quem ele pertencia o procurou, o cão negro recusou-se a ir com ele. Correu e mordeu o seu dono, depois se escondeu atrás das minhas pernas, olhando por entre elas, inclinando o focinho enorme e a cabeça, choramingando.

– Você estragou o meu animal – gritou o comerciante. – Ele era feroz, agora parece uma ovelha.

O comerciante provinha do lado oriental do Mar de Sal. Eu conhecia as entonações com que ele falava, o sotaque do meu primeiro pai. A voz de Moabe era linda de ouvir, mesmo que o comerciante me amaldiçoasse. Quando respondi a ele no mesmo tom, sugerindo que o cão fizera a sua escolha e talvez tivesse sido maltratado, o viajante ficou atordoado por eu conhecer a sua língua. Ele aceitou algumas moedas em troca da criatura.

Eu não gostaria de ter um cachorro, mas ele sempre me acompanhava até a muralha à noite, enquanto vigiava o vale com as outras mulheres à espera do regresso dos guerreiros. Chamei-o Eran, que significa vigilante, pois o nome se ajustava àquela criatura enorme e silenciosa. Quando estalava a língua, como fazia para o meu cavalo em outro mundo e em outra época, ele me seguia. Ele não latia nem rosnava, também não pedia comida à nossa mesa. Achei que ele nos traria sorte; quem sabe o seu destino e o do meu irmão estivessem unidos. Como a minha mãe não insistisse em se livrar dele, embora não gostasse de cães, pois os considerava um pouco melhor que os chacais, quando ela colocou para ele uma tigela com pão e leite, a comida favorita do meu irmão, percebi que ela concordara.

Uma noite Eran começou a latir e não se deixou consolar, não importava o quanto tentasse silenciá-lo. Logo a minha mãe acordou. Nós duas tivemos a mesma sensação de pavor e, juntas, fomos no escuro até a muralha. Outras mulheres já se encontravam lá, muitas delas em lágrimas, pois também tinham experimentado presságios. Uma acordara de um sonho enviado pelo anjo Gabriel, em que o seu pai já falecido lhe ordenava para se postar ao lado do portão. Outra ouvira um morcego, um sinal de vigilância e de invisibilidade, voando no seu alojamento.

Perto do amanhecer, conseguimos avistar os guerreiros retornando; vimos a poeira se levantar do chão antes de enxergarmos as suas imagens. Quando eles

começaram a subir pelo caminho da serpente, nossos corações dispararam, depois quase pararam. Fiquei aliviada ao ver Amram, mas a figura delgada que ele carregava ao ombro era o meu irmão. Reconheci a túnica e o manto.

Nossos homens tinham seguido os romanos. Houve um confronto e nossos guerreiros superaram a pequena tropa de exploradores, que era menos numerosa, obrigando-a a recuar. Vários soldados despreparados da legião foram mortos, apesar da proteção da sua armadura de malha e dos capacetes de bronze. Os rebeldes saíram-se bem, mas Adir fora derrubado por uma lança e o seu ferimento era profundo; ele ardia de febre. Seu cabelo escuro estava emplastrado, e os olhos, duas chamas amarelas, assim como os do seu pai e de Nahara, que eram bem claros.

Nós o levamos para nosso quarto, onde a minha mãe banhou seu corpo inerte. A febre o deixara frio, como se Shalgriel, o anjo da neve, o houvesse abraçado e trazido para baixo. Minha mãe me disse para queimar rapidamente as vestes de Adir. Fizemos isso para nos proteger dos demônios que poderiam transmitir doenças, mas também queimávamos as túnicas dos mortos dessa maneira. Talvez tenha sido por isso que não fiz o que ela me dissera. Em vez disso, lavei a túnica e a capa do meu irmão em um balde, depois as pendurei no varal atrás da casa de cabras, antes ocupada pelos essênios.

O nosso povo lavava as mãos antes de cada refeição, antes de cada taça de vinho, antes de cortar um pão em dois. Fazíamos isso por uma boa razão. Os demônios poderiam entrar em um indivíduo que estivesse sujo e o fogo de um demônio se manifestava como febre. Minha mãe instruiu-me a usar um lenço sobre o rosto quando cuidasse do meu irmão. Lavávamos as mãos com um sabonete feito de soda cáustica e cinzas até que a pele ficasse totalmente limpa. Todas as manhãs minha mãe preparava uma chá de folhas de louro, óleo de rosas e pimenta. Embora meu irmão fizesse cara feia depois de um gole da bebida, obedecia ao que lhe era ordenado e bebia tudo. Um cataplasma de *samtar*, misturado com *reita*, o remédio feito de trigo, era colocado na sua ferida limpa.

Minha mãe queimava óleo no altar de Astarte. Ela encontrou um único lírio crescendo em um jardim abandonado, o bulbo raro plantado ali uma centena de anos antes pelos jardineiros do rei para que as pétalas e os caules pudessem ser queimados, liberando uma chama verde para a glória de Deus.

Resgatai esta criança e salvai-a de todas as aflições.

Minha mãe tirou do ninho duas pombas tão bonitas, que elas próprias sabiam da sua beleza e orgulhosamente se pavoneavam perante a sua espécie.

Sacrificou-as à Rainha do Céu, embora o nosso povo já não fizesse sacrifícios, até mesmo a *Adonai*, agora que o Templo fora destruído. Ela limpou cuidadosamente o sangue das mãos, até ter certeza de que não restasse uma única mancha.

Permiti que se torne um homem e cante canções gloriosas de louvor ao nosso Senhor e rei, o nosso Deus poderoso. Amém. Amém. Selah. Que Ele o proteja de todo o mal e permita que viva em Jerusalém, na santidade e na paz.

Adir sempre fora um menino ansioso pela guerra; o que descobrira havia sido uma surpresa desagradável. Ele voltou para nós calmo e melancólico. Mesmo depois que a febre baixou, sua perna continuou afetada pela ferida. Ele não conseguia manter-se em pé por muito tempo e isso, em especial, o entristeceu. O único capaz de animá-lo era o cão enorme que mandei ficar ao seu lado. Por isso, minha mãe insistiu para que eu lavasse a criatura, de modo que sua sujeira não trouxesse demônios para o meu irmão no seu atual estado debilitado. Levei Eran para a praça e atirei punhados de água sobre ele, depois cobri-o com soda cáustica, enquanto ele permanecia quieto, impassível, embora pudesse facilmente ter fugido do meu alcance.

– Foi esse que tomou o meu lugar?

Amram apareceu atrás de mim e me surpreendeu com seu abraço. Deixei que me envolvesse com seus braços, mas senti uma reserva estranha. Enquanto estávamos juntos, o cachorro latiu e rosnou.

– Pare – disse a Eran, mas ele não silenciou, e isso me preocupou, pois ele nunca parecera tão feroz antes. Fosse qual fosse a razão, ele não gostara do homem à sua frente.

– Meu rival – Amram brincou. – Se ele me morder, vou ter de retribuir a mordida.

Amarrei o cão no toco de uma tamareira, depois puxei Amram de lado para termos alguma privacidade.

– Você deve dizer aos guerreiros que meu irmão não poderá sair de novo.

Amram riu.

– Todos os guerreiros devem ir quando são convocados. Você sabe disso. Ele é um de nós agora. – Amram então tirou da sua túnica o quadrado azul de tecido que era o seu amuleto da sorte. – Pelo menos comigo você não precisa se preocupar. Quando sair de novo, encontrarei o caminho de volta.

Quis lhe dar uma ordem, mas sabia que Amram não era um homem que obedeceria a uma ordem dada por uma mulher. Era eu quem deveria cuidar para que o meu irmão permanecesse em segurança. Fiz uma promessa a mim mesma enquanto me encontrava ali na praça, mas não disse nada a Amram. Adir não estaria entre eles quando o novo grupo de ataque partisse. Eu me asseguraria disso.

Quando Amram partisse para a luta, outro guerreiro seguiria atrás dele.

*

PEDI O FAVOR e Yael não o negou a mim, pois fora eu quem lhe devolvera o filho aos seus braços. Eu o arrebatara da mulher sinistra que desejava tão desesperadamente ser a mãe dele, que se convencera de que o era. Yael esperava por mim na praça, onde o calor subia da terra em ondas, o bebê em seu quadril. Desde que recuperara Ariei, ela se recusava a deixá-lo fora da vista por muito tempo. Se precisasse ajudar e Revka e eu estivéssemos trabalhando no pombal, às vezes ela o deixava com seu pai, que tomara gosto pela criança. Ele fizera as pazes com Yael de tanto que amava o neto. Talvez pensasse que tinha uma segunda chance de forjar outro guerreiro. Eu ouvira Revka perguntar a Yael por que permitia que aquele homem se intrometesse na vida do seu filho depois de ter sido tão cruel com ela. Yael disse que ele era um homem mudado agora, derrotado pelo deserto e pela idade.

– Quando o vejo com Ariei – Yael admitiu –, vejo o homem que ele poderia ter sido se não tivesse perdido o que mais amava no mundo.

A segurança de Ariei estava assegurada enquanto permanecesse sob os cuidados do avô, que fora um dos principais sicários de Jerusalém, pois o assassino continuava com a faca escondida sob a capa, apesar de agora estar relegado a limpar as armas. Era ele que eu queria ver e pedi a Yael para me levar ao seu alojamento. O assassino me reprovava como indigna do seu filho. Talvez Yael imaginasse que eu desejava conquistá-lo. Mas um homem como ele não seria facilmente convencido, e na verdade eu não queria tal coisa.

– Lembra-se de Aziza? – Yael perguntou ao pai.

Yosef bar Elhanan ergueu os olhos, avaliando-me com um olhar frio. Gostaria de saber quantos homens ele assassinara, se o sangue derramado já havia sido suficiente para deixá-lo mais humilde ou fazê-lo buscar o perdão. Ele pôs o bebê no colo, depois assentiu.

– A *shedah* – disse.

Ele queria me insultar, mas sorri encantada. Um sorriso poderia ser uma arma também.

Yael foi preparar chá, embora temesse deixar-me à mercê de seu pai.

– Estou acostumado com esse tipo de homem – assegurei a ela, pois na verdade sabia que entre os homens as palavras não eram tão perigosas quanto as pronunciadas pelas mulheres.

O assassino ignorou-me, brincando com a criança com um carinho inesperado. Inclinei-me de modo que somente Bar Elhanan ouvisse, pois o que estava prestes a dizer era um pedido íntimo demais para qualquer outra pessoa ouvir.

– Quero que me ensine a ser invisível – disse-lhe.

O velho brincava com Ariele sobre os joelhos, para a alegria do bebê. Eu já esperava que fingisse surdez quando o informasse do que queria, mas ele se mostrou curioso quando fiz o pedido e não resistiu a saber mais. Fitou-me rudemente, não me concedendo mais respeito do que faria com uma *zonah* comum.

– Por que faria isso? – perguntou ele.

– Para eu poder proteger o seu filho e meu irmão.

– Meu filho está perdido para mim por sua causa.

Eu sabia que ainda havia uma distância entre Bar Elhanan e seu filho, mas não receava retrucar-lhe e defender minha posição. Se recuasse ante o ardor das suas palavras, ele nunca me respeitaria.

– Se ele está perdido para você, é porque você é preguiçoso demais para encontrá-lo.

O assassino riu e balançou a cabeça tristemente.

– É verdade. Fechei a porta para ele e agora me pergunto por que ele não a atravessa.

Eu atingira seu coração, pois ele mostrava que o tinha, então me atrevi a continuar.

– Quero tomar o lugar do meu irmão, por que esse deveria ter sido o meu lugar antes de tudo.

O assassino deu uma risada desdenhosa. Seu rosto curtido mostrava apenas

diversão. Ele parecia acreditar que eu estivesse ali para entretê-lo com tolices. Ele teria começado a advertir-me a me ocupar do trabalho das mulheres não tivesse eu aprendido o que o pai da minha irmã me ensinara. Só se é digno do que se demonstra ser capaz. Antes que o assassino me dispensasse, peguei a lâmina que carregava. Pulei para o lado dele, pousando a faca em seu pescoço. Apesar de ser proibido tocar em mim, Bar Elhanan cometera pecados muito piores. Ele habilmente agarrou meu braço e torceu-o para trás, quase o quebrando, sem abalar o bebê em seu colo. Nós dois respirávamos com dificuldade.

– Por que motivo você veio me matar? – ele exigiu saber.

– Não era esse o meu objetivo.

Ele me soltou e o enfrentei de novo. Ele me fitou, confuso.

– Você não é uma mulher? – ele disse, pensativo, impressionado e intrigado com a minha rapidez com uma arma.

– A maior parte do tempo – respondi.

Felizmente, ele riu.

– Não sou nada aqui – ele me disse –, mas se você quiser aprender a limpar as lanças e armaduras, então sou o seu homem.

– Não. Quero mais – disse eu. – Quero ser invisível.

No momento em que Yael retornou com o chá, seu pai já decidira que me permitiria tomar o seu manto emprestado. Quando saímos, ele sugeriu que o visitasse no dia seguinte. Eu estava interessada em limpar as armas, ele disse a Yael quando ela o fitou interrogativamente, e ele tinha muito a me ensinar.

*

NO DIA da nossa partida, entramos no mês de *Elul*, um período de introspecção antes dos dias mais sagrados para nós. Acordei no escuro enquanto meu irmão, ainda em processo de cura, com a perna enfaixada, cochilava em seu estrado. Corri para a casa das cabras e me vesti com suas roupas, enterrando as minhas debaixo de um monte de palha. Vinha praticando o uso das armas diariamente com o velho assassino, um professor intransigente. Eu era um enigma para ele, mas ele estava grato por alguém, mesmo que fosse eu, pedir para ver a sua grande habilidade. Não se incomodava nem um pouco se eu me ferisse durante os exercícios. A sua postura era distante, os métodos, cruéis, mas ele me instruiu

bem.

O cão seguiu-me enquanto eu pegava a túnica e a capa do meu irmão, esperando pacientemente. Pensei que talvez ele estivesse ao meu lado porque imaginasse que eu fosse Adir, ou talvez achasse que estaria lhe preparando uma refeição. No entanto, quando o enxotei, ele insistiu em perambular junto ao quartel. No escuro, vesti a armadura, uma folha de escamas prateadas. Usava o lenço amarrado baixo na testa, de modo que o meu rosto ficava encoberto e podia parecer meu irmão aos olhos dos outros guerreiros. Prova disso foi um sujeito chamado Uri aproximar-se e me dizer quais lanças recolher para os outros. Fiz isso de bom grado.

Trouxera apenas um pequeno pacote contendo figos, um pouco de pistache e queijo duro, juntamente com a capa acinzentada. O velho assassino ensinou-me os truques da invisibilidade, como andar na sombra, como dar um passo sem produzir ruído, como escapar do ataque de um adversário em um sopro de neblina. No fim do período que passamos juntos, ele me proclamara uma aluna digna, embora me assegurasse que não daria uma boa esposa para Amram.

– Podem dizer que você é mulher, mas você é outra coisa. – O assassino estava envelhecendo, mas ainda tinha uma visão clara e um olhar penetrante.

– Uma *shedah*? – tentei fazer uma piada sobre isso.

Ele poderia ter rido, mas não o fez.

– Um guerreiro – disse ele.

Curvei-me com gratidão e deixei-o lá, para limpar as armas dos outros homens.

SESSENTA DE NÓS partimos naquele dia, um grupo de ataque liderado pessoalmente por Ben Ya'ir. Meu coração disparou ao pensar que agora seria um dos homens do meu pai, que o seguiria e talvez lhe desse algum orgulho. Amarrei Eran a um poste, mas ele arrancou a corda e correu atrás de mim. Uma vez que ele se recusava a sair do meu lado, usei o enorme cão como um burro para carregar os meus pertences, trançando sobre ele uma corda grossa para poder amarrar lanças de cada lado do seu corpo. Sem dúvida, o animal era tão forte e quase tão teimoso quanto um jumento.

Quando passamos pelo portão, eu seguia na retaguarda da coluna. Conseguia ver o homem que era meu pai na liderança e, atrás dele, Amram e seus amigos. Identificava Amram mesmo de uma longa distância, porque ele prendera o

quadrado azul à armadura. Vi-o o tempo todo enquanto descíamos pelo caminho retorcido na encosta da montanha.

O calor era escaldante e o céu brilhava quase branco. Eu não estava acostumada com a armadura que usava no momento e seu peso me fazia andar desajeitada. O povo do pai da minha irmã nunca usara nada que pudesse aumentar o peso. Quanto mais leve estivessem, mais rápido corriam, entrando e saindo como uma flecha na batalha; apenas os cavalos eram protegidos por máscaras de metal e peças peitorais, pois os homens da tribo sabiam o valor dessas criaturas. Eu sonhava com o cavalo que fora dado ao meu irmão, ou com Leba, o grande cavalo de batalha sempre capaz de encontrar o caminho de volta para casa e sem necessidade de freio. A cavalo, estaria voando; naquele momento eu marchava.

A trilha era traiçoeira para os descuidados. A poeira subia até a altura do rosto e as rochas deslizavam debaixo dos pés. Segui calada, com Eran ao meu lado, e deixei que os outros guerreiros interpretassem o meu comportamento como timidez. À medida que prosseguíamos, vários homens me cumprimentaram pela disposição de participar logo após o ferimento. Também elogiaram Eran, dizendo que um homem cujo cão lhe fosse leal era do tipo que se queria ao lado em uma batalha. Inclinei a cabeça em sinal de gratidão, agradecendo em silêncio. Aquele que muito fala acaba se entregando.

Seguíamos na direção de Ein Gedi. Dizia-se que a oeste daquele lugar encontravam-se viajantes que haviam se estabelecido entre os habitantes locais e estavam de posse de ouro e joias, azeite e incenso. Na montanha sofriamos com uma grande pobreza. Quando nossas muralhas caíam, nós as reparávamos com lama e palha; quando as lâmpadas ficavam sem azeite, permanecíamos no escuro; quando não havia madeira suficiente, usávamos os excrementos dos burros para as fogueiras. Comíamos não ensopados ou cozidos de carne, mas mingau, uma mistura rala de cevada temperada com a carne das poucas pombas que tínhamos de sobra para as refeições. Os guerreiros não tinham escolha senão tomar o alimento de que necessitavam nas aldeias e nos campos, pois o povo precisava viver. Não era diferente do que o que eu fizera ao lado do pai de Nahara. Aquela era a nossa terra e éramos seus reis; os que entrassem seriam sensatos para entender que estavam à nossa mercê.

Caminhamos até nos cansar, dormindo ao relento. A noite estava fresca e me senti feliz com a presença do cão, pois ao lado dele podia me aquecer. Observei Amram embaixo da camuflagem da minha capa e da minha armadura, mas tive o cuidado de não me revelar. Mantive a cabeça baixa para ele não poder ver a

cicatriz que dizia se parecer com uma lágrima. Usei os truques que aperfeiçoara em Moabe, indo sozinha me aliviar, nunca me esquivando dos meus deveres, falando raramente e, quando o fazia, apenas com uma voz surda. Todos terminaram por admitir-me como Adir.

Assim que pude, saí para caçar. Acertei um íbex jovem e, quando ele tropeçou ao ser atingido pela minha flecha, aproximei-me e cortei sua garganta, para que o espírito subisse sem dor e com dignidade. Quando trouxe a minha presa de volta ao acampamento, estendida sobre os ombros, Amram dispôs-se pessoalmente a talhar a criatura comigo.

– Tem boa pontaria, irmãozinho – disse para mim.

Meu coração batia forte no peito. Não sabia o que mais temia: que ele me reconhecesse ou não. Engoli as palavras e simplesmente assenti em resposta. As minhas mãos tremiam por causa da sua proximidade de mim e do meu fingimento. Naquele momento, sentia-me tão claramente uma mulher que me denunciava a cada respiração. Mas não fui desmascarada. Ele bateu no meu ombro com força e ainda assim não percebeu o quanto meu coração estava descontrolado.

Não podia culpar Amram por não me reconhecer, uma vez que tomara tamanho cuidado para me disfarçar. O velho assassino ensinara-me que os homens nunca veem o que está bem diante dos olhos. Eles olham para todos os lados e procuram o que talvez esteja escondido, mas, se você permanecer em pé na frente deles, eles o deixarão escapar acreditando que não seja mais que uma oliveira, uma parte da paisagem e nada mais. Bar Elhanan aprendera isso enquanto perambulava pelos pátios do Templo, procurando seus inimigos. Desapareça como outra coisa, ele me instruiu. Torne-se não o que você é, mas o que está ao seu redor. Uma pedra, uma sombra, um arqueiro entre muitos. Os ratos são invisíveis porque se escondem na escuridão tão frequentemente que, quando saem à sua frente, aparecem como sombras. Uma sombra é vista com a mente e não com os olhos, ele me disse. É assim que você convence as pessoas ao seu redor a vê-lo como deseja ser visto.

Eu passara a usar a capa do assassino à noite, quando saía para passear com o cachorro. Nas imediações vivia o hírax, em tocas nas rochas, e viam-se rastros de cascos de íbex, que perambulavam por ali em busca das cachoeiras próximas, um lugar em que se dizia que o rei Davi uma vez fizera um acampamento. Era ali que podia ser encontrada a *Moringa Peregrina*, a orquídea de flores róseo-esbranquiçadas que aparecia a cada primavera. Dizia-se que Davi compusera

mais de trezentas músicas, uma para cada dia do ano. Não encontrei orquídeas por onde andei; somente a mirra silvestre brotava nos penhascos de calcário. Arranquei alguns ramos que guardei sob a capa, como as mulheres costumavam fazer pelo encanto do seu aroma fresco, procurando evitar as hastes afiadas.

Os outros me deixavam em paz, compreendendo o meu comportamento reservado, enquanto se preparavam para a batalha, testando suas armas, bebendo o pouco vinho que haviam trazido para se sustentar. Eu não era a única pessoa que vivia retirada. Outro guerreiro permanecia nas bordas do campo, recusando-se a comer do íbex que eu trouxera, preferindo jejuar. Encontrei-o quando fui me aliviar longe do acampamento, como fazia todas as noites. Aquele guerreiro afastava-se do contato humano; não precisava de conforto, nem de capa para se aquecer, nem de companheiros de armas.

O cão não rosnou quando nos deparamos com aquele a quem chamavam de o Homem do Vale, que feria a própria carne com metal. Embora isso fosse contra as nossas leis, ninguém se atrevia a condená-lo pelos seus modos selvagens. As tranças de cabelo branco desmentiam sua juventude e eram tão compridas que ultrapassavam suas costas. Os outros guerreiros diziam que, durante as batalhas, Deus talvez o levantasse pelo cabelo para deixá-lo fora de perigo, a fim de evitar o pior. Era por isso que ele conseguia atravessar os conflitos mais violentos e voltar são e salvo, quando qualquer outro homem teria perecido. Seu corpo estava coberto de cicatrizes, muitas abandonadas e não curadas. O metal escavava os braços musculosos e deixava listras de feridas azuis e roxas.

Quando o encontrei, ele estava ajoelhado ao lado de um espinheiro, cantando a canção de luto pelos mortos. Segurava-se nos ramos afiados, que perfuravam sua pele e causavam mais dor a si mesmo. Nunca vira um homem tão exposto em sua agonia. Achei que fosse chorar só de vê-lo, em vez disso eu fugi.

Peguei Eran pelo pescoço e nos afastamos depressa daquele lugar, correndo como se fôssemos cavalos. A poeira subiu do chão e o hírax escondeu-se de nós em sua toca. As corujas-do-campo voaram para o alto dos penhascos; os morcegos de cauda voaram assustados das jujubeiras em uma nuvem de asas de pele, abandonando os frutos alaranjados nos ramos.

No dia seguinte, o homem com quem me deparara me observava. Eu sabia que nenhum guerreiro desejava lutar ao lado dele, pois ele não dava a mínima para a própria vida. Ele brandia o machado e mais nenhuma arma, mas dizia-se que o machado fora abençoado e nunca errava o alvo. Desviei o olhar do dele, não querendo revelar a minha verdadeira natureza, ou de algum modo provocar

o fogo da sua ira temível, que diziam ser tão violento e inextinguível que os próprios companheiros diziam em voz baixa que ele lutava ao lado direito de Gabriel, o mais destemido e feroz de todos os anjos.

No fim da tarde nos preparamos para o ataque daquela noite. Eu me sentia atordoada com o calor e cansada do meu ardil para me disfarçar, além do peso desconfortável da armadura de escamas prateadas. Sob a dureza do sol poente, fizemos fila para receber a ração de água. Quando pedi uma parcela para meu cachorro, o homem encarregado das nossas rações balançou a cabeça.

– Ele terá de beber a urina – ele me disse. – Não há o bastante para dar uma parte ao animal.

Afastei-me aturdida. Dividia as provisões que trouxera com o meu cão e atirara-lhe os ossos do íbex. O pai de Nahara ensinara-me que se deve alimentar o cavalo antes de se alimentar, mas tinha água suficiente apenas para a minha própria garganta ressecada. Viera para ser um guerreiro, agora me via preocupada com uma criatura que, antes de tudo, não queria ter trazido. Enquanto eu pensava sobre o que fazer, o Homem do Vale se aproximou. De novo, o cão deixou de rosnar. O guerreiro despejou a sua parte de água na cuia dele. Inclinou a cabeça para Eran.

– Ele ficará com sede – disse.

Eu murmurei algumas palavras de agradecimento, então perguntei: ele não precisaria beber água?

– A água não mata a minha sede – disse o Homem do Vale. E depois, sem nenhuma razão aparente, acrescentou: – Não vá esta noite.

Era evidente que ele pensava que eu era um garoto inexperiente; para ele, eu era o meu irmão, Adir, que fora ferido e tinha pouca experiência em batalha. Ele não precisava ter-se preocupado comigo.

– Muitas vezes lutei contra homens – assegurei-lhe. – E eles sofreram por causa disso.

Ele abanou a cabeça. Seu olhar não encontrou o meu.

– Mas esta é a sua primeira vez entre nós. Você não esteve na guerra. Não invadiu uma aldeia.

Isso era verdade, o derramamento de sangue que conhecera no lado oriental do Mar de Sal fora sobre as pastagens, ao longo da Estrada do Rei.

– É meu dever ir – disse simplesmente.

Senti seu olhar sobre mim, mas então desviei o meu, para esconder quem eu era de verdade.

– Quando chegar a hora – o guerreiro que todos os outros evitavam aconselhou-me –, fique ao meu lado.

UMA NÉVOA aparecera para cobrir o chão enquanto eu me envolvia com a capa acinzentada. Isso foi considerado um presságio de boa sorte, pois nos permitiria surpreender os inimigos. O meu arco estava preparado para descermos à aldeia em que os viajantes se encontravam. O ar tinha esfriado, mas o chão ainda queimava com o calor do dia. A própria terra parecia ter um coração batendo e a minha pulsação acompanhou o ritmo. Avistei Eleazar ben Ya'ir no escuro. Ele dizia uma prece e usava seu xale de oração, pois lutava pela glória de Deus. Ele nos reuniu pela última vez. Diante dele, deliberamos ser um único corpo na batalha. Juramos não fazer escravos.

– Não queremos nossas mulheres e crianças escravizadas – Ben Ya'ir disse. – Fazemos o mesmo por aqueles que encontramos na batalha.

As pessoas diziam que nosso líder vira pessoas queridas crucificadas em Jerusalém, irmãos e amigos, morrendo em agonia à sua frente. Mais tarde, os romanos cortavam a cabeça dos corpos e as jogavam na estrada para os enlutados, mas sem os corpos não poderia haver lamentações, nem enterros, nem paz. Ben Ya'ir falou as palavras do nosso Deus.

Quem estiver desanimado deve voltar para casa, pois poderá fazer com que o coração dos companheiros amoleça como o seu.

Mas nossa casa era Jerusalém, o Sião sucumbira e nem um único guerreiro deu as costas à batalha diante de nós. Vi Amram levantar a lança juntamente com os outros para aplaudir e honrar as palavras do nosso líder. Apenas o Homem do Vale não os acompanhou na oração ou nos seus gritos febris. Talvez já tivesse dito suas próprias orações. Talvez a única oração que recitasse fosse uma canção pelos mortos. Ele não usava o xale de oração, nem mesmo um roupão, apenas uma túnica e o metal enrolado ao redor dos braços. Ele queria a dor, eu via isso nele, e o que um homem quer muitas vezes consegue encontrar.

Seguimos em silêncio quando a lua começou a subir no céu. Eu ia perto de Amram, para ficar de olho nele, o cão nos meus calcanhares, o grande animal tão silencioso quanto nós. O coração da terra latejava. O mundo estava envolto em silêncio, até que nos deparamos com os guardas. Então se ouviu um grito

selvagem e instantaneamente os chamados frenéticos dos homens na aldeia. A gritaria rapidamente tornou-se ensurdecadora e começou a luta. Apoiei-me sobre um joelho e comecei a usar o meu arco, fazendo o melhor que pude para garantir a segurança daqueles que seguiram antes de mim. Matei dois homens imediatamente e eles caíram diante de Amram. Talvez ele tenha pensado que havia um anjo ao seu lado, pois deu graças a Deus no mesmo instante.

Meu cão latia sempre que o inimigo se aproximava. A advertência permitia-me saber em que direção procurar, pois havia homens se aproximando de todos os ângulos e caos ao redor. Eu poderia ter entrado em pânico não fosse por Eran, e decidi mantê-lo junto de mim dali por diante.

Não demorou muito para que nossos guerreiros levassem a melhor na luta com os moradores da aldeia; os corpos dos mortos espalhavam-se por toda parte. Avistei o Homem do Vale, um vendaval com o machado. Cercado por quatro inimigos, ele derrubou um atrás do outro, então parou entre os cadáveres, parecendo desafiá-los a se levantar novamente para guerrear. Quando ainda outro morador se aproximou dele, saltando sobre suas costas, ele calmamente tirou o inimigo de cima de si e abriu-o ao meio com o machado. O Homem do Vale saiu em busca do próximo a ser morto, mergulhando no caos com uma intensidade que desmentia o perigo ao redor, a arma preparada. Pude sentir o sangue correr pelo corpo e um tipo de alegria crescente dentro de mim quando alvejei um homem que corria em direção a ele. Pensei que, se meu pai soubesse quantos haviam caído sob as minhas flechas, ficaria orgulhoso de me levar consigo como um filho seu.

A noite ficou quente com o sangue e a terra, escorregadia, cheiro de morte por toda parte. Havia gafanhotos no ar, cantando e voando à nossa frente. Por usar a armadura de escamas prateadas sob o manto, meus membros doíam, pesados, e eu estava encharcada de suor. Usei o lenço para limpar o suor dos olhos, levantando-me da posição ajoelhada.

Naquele instante em que abaixei o arco, foi como se tivesse me posto fora da batalha. Talvez eu tivesse assistido como os anjos, recuada e distante, mas mantendo a capacidade de observar muito mais que os homens que se envolveram na luta. Minha visão turva me fez desacreditar o que via diante de mim. Tínhamos abatido homens que estavam ali para defender a si mesmos, juntamente com os viajantes nas suas capas azuis, homens de Moabe que tinham viajado até a aldeia para negociar especiarias e frutas secas. Não havia ramos de acácia para queimar em sua homenagem, portanto seus espíritos não queriam deixar seus corpos. Senti-me aflita por saber que eles ficariam presos em um

submundo, longe da Montanha de Ferro, pois nenhum homem se elevaria do sangue que fora derramado, o sangue que era vermelho como o nosso até enegrecer empoçado na terra.

A noite se tornara um sonho. A batalha agora era forçar-me a acordar do que estava diante de mim, pois além das pilhas de mortos havia algo muito mais terrível que os cadáveres dos guerreiros. Nossos homens tinham começado a matar as mulheres que corriam de suas casas. Era impossível, não acreditávamos em tal crueldade, mas eu sabia que era verdade porque ouvia as vozes dos moradores que eram abatidos. Deles vinham os gritos das mulheres e no entanto havia coisa ainda pior. Entre eles ouvi os berros das crianças. Quando avistei Amram, ele se tornou parte do sonho, transformando-se diante de mim em um demônio, o seu semblante era a feição de um demônio, os seus atos, os feitos de um demônio.

Nosso líder dissera que não deveríamos fazer escravos. Eu entendera que isso significava que deixaríamos as mulheres e as crianças vivas, mas não era assim que se praticava a guerra neste mundo triste. O cão estava enlouquecendo, latindo sem parar, perturbado como nenhum animal deveria ficar. Segurei-o pela corda no pescoço e ordenei-lhe que parasse, quebrando minhas unhas na sua pele áspera. Senti-me enlouquecida, assim como ele, com as visões diante de mim e com os gritos selvagens da morte dos inocentes. Quase me lancei, não contra os inimigos, mas contra meu próprio povo. Tive vontade de lutar contra os homens com quem viera como irmãos. Confusa em meio ao crescente derramamento de sangue, de repente não fazia ideia de por que acreditávamos ter o direito de tomar o que pertencia àquelas pessoas, além do fato de que queríamos e presumíamos ter direito ao que lhes pertencia, como os ladrões uma vez nos quiseram, minha mãe e eu, além de tudo o que possuíamos.

Fiquei ali, cercada pela destruição, escapando da morte pela graça de Deus. Já não me importava lutar, nem tinha estômago para isso. Fechei os olhos e esperei que *Mal'ach ha-Mavet* me arrebatasse, como era para ter sido feito quando minha mãe e eu fomos mandadas para o deserto. Talvez nunca pretendesse viver depois daquele dia em que a esposa de Eleazar nos expulsara e me enganara para iludir o meu destino.

Nunca soube se o Anjo da Morte pretendeu se aproximar naquela noite de batalha, pois o Homem do Vale agarrou-me pela capa e puxou-me atrás de si, para fora do alcance da Morte. Eran e eu fomos com ele, mesmo que eu mal pudesse respirar, o coração pesado dentro de mim, batendo muito depressa. Mordi o lábio até que não houvesse mais sangue, até que fosse somente o meu a

brotar dele. Queria provar seu gosto. Eu merecia.

O guerreiro conduziu-me a um cume onde a neblina da noite se dissipara. Ele tinha muitos ferimentos dessa batalha, mas não lhes deu atenção, assim como não fez nenhuma menção ao fato de eu ter chorado. Dali podíamos ver o massacre. As casas da aldeia eram feitas de pedra; logo elas foram completamente esvaziadas. Tudo o que essas pessoas possuíam nos pertenceriam. Tirei o capacete e a capa manchada de sangue. Entendi então por que o Homem do Vale me dissera para não ir, ele sabia o que aconteceria. Ele não mataria mulheres e crianças e se recusara a ver seu sangue derramado. Percebeu que eu era uma mulher, mas não disse nada. Embora soubesse o que seu comandante queria dele, ele pusera a vontade de Deus em seu lugar.

De todos os que foram comigo, ele era o único de quem eu queria estar ao lado.

DEIXARAM OS BURROS vivos, amontoando-os com os bens que agora nos pertenciam, o gengibre e a pimenta, as abóboras e o alho-poró, todos os tipos de vinho, azeite e trigo, pequenas quantidades de ouro, brincos e anéis retirados das casas e dos cadáveres, montes de canela preciosa, lâmpadas, pilhas de armas. Levaram as cabras, as ovelhas e as galinhas mortas. Eles encheram recipientes de couro com água e queijo. Tudo cheirava a sangue.

Voltei à aldeia para recolher minhas flechas. Foi fácil encontrá-las entre os mortos, um campo de lírios vermelhos que deixara para trás. Tudo o que precisava era arrancá-las uma a uma, do peito e das costas dos caídos. Não levei nada mais que isso. Enquanto outros tiravam os anéis dos dedos frios, o vinho dos depósitos, lavei as lâminas das flechas em uma bacia de água tirada de um barril de chuva, recitando uma oração enquanto o fazia, pedindo a *Adonai* para não causar àqueles que tinham morrido naquela noite nenhum outro tormento, pedindo a Ele para mantê-los a salvo das três portas do Gehennom, o vale do inferno. Não conseguia olhar para o rosto das mulheres e das crianças mortas, mas comecei a procurar entre os homens de Moabe aqueles que eu poderia conhecer.

Amram aproximou-se, coberto de suor e sangue seco.

– Não se preocupe – ele me disse quando virei os corpos do povo do pai da minha irmã. – São todos iguais.

BEN YA'IR dirigiu-se aos guerreiros enquanto o fim da noite transcorria sobre nós. Não pude suportar a permanência entre eles. As pessoas diziam que ele

agradecia a Deus, em seguida elogiava seus homens pela bravura. Ele instruiu seus guerreiros a rezar pelas almas dos mortos e disse-lhes que, em outro tempo e lugar, se nossos inimigos de Roma não nos tivessem obrigado à fome e à pobreza, teríamos chamado as vítimas de irmãos.

Por essa hora, já nos encaminháramos para o deserto, apressando-nos para não ser encontrados por algum dos habitantes da aldeia que pudesse ter se ausentado durante o ataque, retornando com a vingança no coração. Os guerreiros rezaram a Deus e depois mataram uma cabra para a ceia. Para mim, os gritos da cabra soaram como os de uma mulher. Encolhi-me ao lado do meu cão, cobrindo as orelhas, balançando para a frente e para trás sobre os quadris. O esplendor da *Shechinah*, a luz e a compaixão do Todo-Poderoso, não estava nem perto daquele acampamento. Ali estávamos cercados pelo que alguns chamavam de o outro lado, o reino sombrio, pois naquela noite tínhamos passado para o lado do mal do mundo, que também nascia da criação, ou aquela região terrível que pode ser encontrada no lado esquerdo de Deus e alimentada pelos pecados humanos.

Eu planejava deitar-me ao lado de Amram naquela noite após a vitória, para conduzir-lhe as mãos sob a minha capa e finalmente mostrar-lhe quem eu era e me entregar a ele, mas não fiz nada disso. Estava mal do estômago e do coração. Fui para o deserto e devolvi tudo o que comera desde que saíra da casa da minha mãe. O gosto era amargo, como se tivesse cuspidos um demônio. Estava feliz pelo meu irmão não se encontrar entre nós. Adir, que tinha um espírito tão gentil, e no entanto não queria nada mais do que estar entre os guerreiros, fora poupado da visão dos atos covardes daqueles a quem tanto admirava.

Os penhascos brancos eram invisíveis no escuro. Tudo estava escondido. Agora eu entendia que era nosso dever como seres humanos olhar por trás do véu para o interior do mundo, para o coração das coisas.

Avistei o Homem do Vale e fui ficar ao lado dele. Ali crescia um círculo de arbustos espinhosos e as cotovias refugiavam-se nas copas e nos ramos. Ouvimos as vozes dos outros cantando, mas suas músicas não significavam nada para nós. Cada pedaço de terra manchada sobre o qual pisávamos parecia uma parte de um território de transgressão, onde os inimigos eram subjugados a qualquer custo. Nenhuma acácia crescia ali. Não havia como ajudar as almas dos mortos a encontrar a paz.

Nesse dia vira meu amado matar uma criança que não teria mais de quatro anos. Parecia que não custava nada para ele fazê-lo, mas custava tudo para mim. Além das estrelas no céu, eu não era capaz de ver nenhuma outra imagem serão

o rosto da criança assassinada, pois ele agora viveria atrás dos meus olhos e faria parte da minha visão para sempre. Todas as vezes que olhava para Amram, era aquela criança que eu via.

Desejei ser uma mulher e ter ficado em casa.

– Achava que o mundo não fosse assim? – disse o Homem do Vale.

Meu cachorro estava aos meus pés. Havia sangue no seu pelo. À luz do dia, as moscas pululariam sobre seu pelo e ele pareceria monstruoso. Eran nunca me abandonara no tumulto sangrento, investira contra qualquer um que se aproximasse de mim, atacando e arreganhando os dentes.

Nunca me senti tão vulnerável, ou tão dominada pela vergonha. Perdera algo tão completamente que acho que não poderia recuperar a partir de nada que fora criado sobre a terra. Precisava olhar para o céu. A essa altura, a neblina desaparecera e as estrelas brilhavam. Vimos algumas pairar na escuridão em explosões de luz, para em seguida desaparecerem, invisíveis aos nossos olhos. Fiquei paralisada por essa visão, encantada ao pensar na bondade daquele animal irracional que em nenhum momento cogitara fugir de mim e no fato de tanto eu como o guerreiro ao meu lado continuarmos vivos.

– Não é lindo? – eu disse sobre o mundo que nos rodeava.

– Não é terrível? – retrucou o Homem do Vale.

Ele olhou para mim e rapidamente entendi que era uma pergunta e que ele precisava de uma resposta. Peguei-lhe a mão e puxei-o para mim, fazendo-o deitar-se ao meu lado. Assim como ele me salvara, fiz o mesmo por ele. Por uma noite, ainda sentindo o cheiro de sangue um do outro, enquanto o ar estava negro e todo o mundo parecia invisível, não estivemos sozinhos.

*

A FERIDA DE ADIR sarara e sua febre se extinguiu, mas meu irmão mancava e parecia frágil. Minha mãe preocupava-se com ele e experimentou um remédio após outro, vasculhando suas pilhas de ervas e suas receitas de *pharmaka*. Ainda assim, ele estava fraco. Embora tivesse reprovado as minhas ações no passado, ela concordou que eu deveria voltar a ocupar o lugar de Adir quando chegou a hora de ele ser novamente chamado para lutar. Era assim que deveria ser. Eu era melhor guerreira que ele, com maior probabilidade de retornar. Mais uma vez, minha mãe e eu compartilhamos segredos. Era um vínculo que não negávamos, algo que tinha de acontecer, pois nosso destino sempre fora entrelaçado.

Qualquer amargura preexistente entre nós havia se dissipado.

Talvez meu pai esperasse um filho, a exemplo do pai de Adir, pois Ben Ya'ir tornara-se cada vez mais imprudente no que se referia à minha mãe, passando a encontrar-se com ela na cisterna quase todas as noites, encantado tanto com ela como com a criança que viria a nascer. Sua esposa permanecia confinada, longe da vista de todos. As pessoas cochichavam que Channa voltara a adoecer, mas eu me perguntava se não fora o marido que a proibira de aparecer entre as outras mulheres. Ele não tolerava mais a sua interferência, depois de lhe dedicar a maior parte da vida. O pouco que lhe restara para um relacionamento ele agora reivindicava para si mesmo.

Desde a nossa chegada, ele vinha praticando sua própria modalidade de invisibilidade, não muito diferente das habilidades que o velho assassino me ensinara. Ele mantinha o seu anseio pela minha mãe escondido bem diante dos olhos das outras pessoas. Na verdade, elas olhavam além do que era mais evidente e não viam nada. Ele tinha o direito de reclamar outra mulher quando a sua se revelara estéril; ainda assim, Channa lutara por ele e fizera o possível para enganá-lo, insistindo que Deus lhe dera a criança que ela roubara de Yael.

Agora, quando parecia que cada dia era uma dádiva e que outro talvez não sobreviesse, como os essênios haviam assegurado que aconteceria, o meu pai já não se preocupava com subterfúgios. Eu o vira com a minha mãe à nossa porta, entregues a um abraço tão apertado que parecia que estavam se afogando. Havia noites em que ele se sentava à nossa mesa, participando da refeição escassa. Nessas ocasiões, eu ficava no lado de fora, levando o meu irmão comigo para o quintal, embora ele precisasse se apoiar no meu ombro até para andar. Nós nos sentávamos no lado de fora e comíamos frutas secas e pão sírio com a mão. Talvez meu irmão achasse que eu acreditava que nenhum de nós dois tinha o direito de permanecer na presença do grande homem. Mas eu não podia ver Ben Ya'ir sem que a minha cabeça fosse tomada pelos gritos que ouvira durante a invasão da aldeia. Sentia que falhara com ele de alguma forma e que ele, por sua vez, falhara comigo. Talvez tivesse sido melhor vê-lo a distância, de modo que suas falhas permanecessem invisíveis. Quisera que ele me conhecesse em batalha e me reconhecesse como filha; agora eu achava que a invisibilidade me agradava.

E no entanto uma noite, quando saiu da câmara da nossa mãe, Ben Ya'ir parou diante de nós. Eu advertira meu irmão sobre o que fazer se tal ocasião viesse a se concretizar. Era para nós dois baixarmos os olhos na presença do nosso líder.

– Quando for novamente para a batalha, poderá precisar disto – disse Ben Ya’ir.

Ele estendeu uma faca diante de nós. Observei que o cabo era feito de bronze, lindamente decorado com um pavilhão de folhas. *Perac lavan* estava gravado sobre ele. *Flor alva*. Ele carregava a faca em homenagem à minha mãe e aos lírios que ela amava quando menina em Alexandria. Eu não concordava com tudo o que ele fazia, nem com seus modos no campo de batalha, mas ele era meu pai. O presente era para um guerreiro, por isso dei uma cotovelada no meu irmão. Adir murmurou palavras de agradecimento, mas, quando Ben Ya’ir nos deixou, fui eu quem ficou com a faca.

COM FREQUÊNCIA cada vez maior, fazíamos nossas refeições no quintal, para que minha mãe e Ben Ya’ir tivessem privacidade. Não éramos os únicos que sabiam que o nosso líder ia ao alojamento da minha mãe todas as noites. Minha mãe era perseguida pelo ciúme, e a desconfiança se imiscuíra por toda a montanha. Ela era uma mulher que estivera a ferros, que podia invocar os demônios e atrair o *kadim* para si. Em uma meia-noite, deixaram uma pomba desmembrada no lado de fora do nosso alojamento, o bico e os pés decepados, as penas brancas polvilhadas de preto com uma cobertura de fuligem. Depois disso, dei à minha mãe a faca de Ben Ya’ir, para que pudesse se precaver contra as más intenções de quem quer que fosse. Fora um presente do seu amado e, portanto, pertencia justamente a ela pois, embora eu devesse à minha mãe a minha primeira vida, a segunda vida devia ao Homem do Vale, não a Ben Ya’ir. Agora me achava tola em pensar que meu pai fora um dos anjos; o meu verdadeiro pai fora o homem da Montanha de Ferro, o único que nos salvara e me ensinara tudo o que precisava saber.

Minha mãe pegou a faca, o símbolo de proteção de Eleazar. Aconselhei-a a fechar a porta quando eu estivesse fora e que fosse mais discreta, para não ser a causa da própria profecia e acabar sendo levada à ruína por amor.

UM GRUPO de exploradores romanos nos surpreendeu quando montou acampamento no vale. Isso aconteceu no mês mais sagrado, *Tishri*, quando celebrávamos o ano-novo e expiávamos nossos pecados, aqueles pelos quais éramos responsáveis e os que estariam por vir.

Quando os observadores chegaram, pensamos que seriam como todos os outros, surpreendendo-se com a posição da nossa fortaleza e, em seguida, passando a informação de que não poderia ser conquistada. Mas esse grupo era diferente. Esses soldados tinham a intenção de ficar. Haviam trazido urnas de

vinho e azeite, rebanhos de camelos e, o mais revelador de tudo, padeiros, que se estabeleceram no acampamento. Podíamos sentir o aroma do pão fresco assando em seus fornos abobadados.

Ficou evidente que esses soldados eram apenas os primeiros do que logo seria uma legião. Roma vinha acumulando um exército de dez mil soldados nas imediações de Jericó, juntamente com mais mil judeus que haviam sido escravizados e enviados para servir ao imperador. Nosso conselho proclamou que as mulheres não teriam mais permissão de se aventurar além dos portões por nenhum motivo, para assegurar que não caíssem nas mãos dos inimigos. Os homens que viajassem para longe da montanha o fariam por seu próprio risco. Os guerreiros ainda saíam, embora mais sorrateiramente, tomando o caminho da serpente, sob a cobertura da escuridão ou descendo pela parte traseira da montanha, uma escarpa tão traiçoeira que vários perderam a vida tentando retornar por ali. Apesar do perigo, eu vivia para essas noites em que as corujas voavam mansamente acima de nós. Passávamos pelos inimigos como se fôssemos névoa, livres das nossas formas terrenas.

À noite, eu andava de um lado para outro no alojamento, não querendo outra coisa senão ir além dos portões. As únicas pequenas alegrias que tínhamos eram ao comemorar os inúmeros progressos de Ariei. Ele estava com catorze meses de idade. Até mesmo aqueles que o menosprezavam como uma criança órfã admitiam que era incomum, bonito, forte e admirável. Ele era tão querido entre as mulheres no pombal que todas as vezes que corria sobre as pedras do calçamento ou falava o nome *immah* para a sua querida mãe, aplaudíamos como se tivesse escalado uma montanha.

À noite, eu me sentava entre as mulheres nos teares. Embora não soubesse tecer, ajudava a girar o pouco de lã que havia. Ao lado, meu cachorro repousava a cabeça sobre meu joelho. Eran e eu queríamos a mesma coisa, a liberdade do deserto, mas precisávamos ter paciência. Eu queria ser como o Homem do Vale, que dormia além dos campos. Não o via, nem procurava por ele, mas sabia que estava lá. Sempre que éramos convocados para descer a montanha em ataques, esgueirando-nos entre os observadores romanos, eu nunca deixava de andar ao lado dele, pois com ele não precisava fingir ser alguém diferente do que era.

*

AMRAM enviara uma menina para me perguntar por que já não o encontrava na fonte. Ele esperava por mim à noite, mas eu não aparecia. Decidira então correr um risco e envolvera aquela criança para fazer a sua vontade. A menina, que não

deveria ter mais de quatro ou cinco anos, era filha de um dos guerreiros, um amigo em que ele confiava do seu tempo em Jerusalém. A criança usava uma trança grossa e preta e pareceu muito amigável. Ela me lembrou de Nahara, com seus olhos brilhantes e inteligentes. Falei-lhe para dizer ao homem que a mandara que eu estava com febre. Corei sob o peso da minha mentira, e talvez parecesse estar mesmo em chamas, verdadeiramente tomada por uma doença, pois a criança pareceu acreditar em mim. Ela se afastou rapidamente, depois correu para transmitir a mensagem.

Era a época do *Rosh Chodesh* e o sacerdote que observava a lua que nascia soou o chamado do chifre de carneiro para que nos reuníssemos para a Bênção da Lua Nova, *Kiddush levanah*, uma oração que nos concedia o favor de Deus e atraía a *Shechinah*, tudo o que era compaixão e sabedoria, para o nosso meio. Nosso povo permaneceu sob a lua nova para ouvir os sacerdotes e os homens cultos. Rejubilamo-nos, comemorando a passagem do tempo com a dança, os músicos tocando chocalhos, címbalos e sinos em desafio aos romanos estacionados no vale. Rezamos e dançamos juntos, mas somente as mulheres não trabalhariam pela manhã, pois eram ligadas à lua de maneiras que os homens não entenderiam, mais próximas do núcleo feminino da criação.

Mantive-me nas sombras, para que Amram não me visse, porque o avistara entre seus irmãos. Ao vê-lo, não enxergava suas belas feições, mas o rosto da criança assassinada na aldeia, ainda mais nova que a menina que me mandara com a mensagem. Não havia ninguém ali com quem pudesse compartilhar a alegria do novo mês. Senti a falta da minha irmã e de como dançávamos juntas na terra do seu pai, apesar de o seu povo não contar os dias como fazíamos. Nossa mãe nos ensinara que, quando a lua estava branca, reaparecendo depois de uma ausência, era para nos mostrar que o que estivera oculto poderia facilmente tornar-se visível outra vez.

Naquela noite, durante o sono, talvez tenha me tornado febril, adoentada pela ausência da minha irmã. Ansiava por ela, a menina que trouxera a este mundo. Sonhei que havia sete lobos na montanha e que cada um trouxera uma pomba na boca, cada uma das pombas tinha sete asas e podia voar mais longe que quaisquer outras. Sete era o número mais poderoso de todos. As primeiras palavras da Torá eram em número de sete e o *shabat* era o sétimo dia, o mais sagrado de todos. Tive o sonho com números sete. Isso me pareceu uma bênção e um chamado, que eu não poderia ignorar.

Fui até a muralha para observar minha irmã.

Permaneci ali por grande parte do dia, convencida de que meu sonho fora um caminho, um sinal de que Deus sabia que a minha irmã ainda me pertencia e que nunca poderíamos verdadeiramente viver separadas. Ao crepúsculo, a hora entre os dois mundos, quando os olhos nos pregam peças e é fácil enxergar o que desejamos ver, e não o que está à nossa frente, pensei ter visto Nahara. Ela seguia as magras cabras pretas, como se procurassem em vão por tufo de grama sobre a falésia de rocha nua. Abaixo de nós, no seu acampamento, logo os romanos também a perceberiam se ela continuasse na borda da montanha enquanto houvesse luz. Depois que os soldados haviam montado acampamento, os essênios não saíam da caverna durante o dia. Mas as provisões durariam por pouco tempo se ninguém saísse em seu auxílio. Se não tivessem uma fonte ou um poço, logo morreriam de sede.

Apenas metade das pombas nos restavam, apesar de minha mãe ter implorado para que as deixassem viver. Em vez disso, elas foram levadas por causa da sua carne. Tínhamos apenas algumas cestas dos seus excrementos para adubar a terra, e essa nos retribuíra na mesma medida pela falta de gratidão. Nos pomares, as folhas que vingavam eram raras; as frutas nos chegavam já secas. Durante a colheita, juntei o que pude para a minha irmã. Não podia olhar para o vale e vê-la morrer de fome enquanto ainda conseguíamos nos alimentar, ainda que escassamente. Embalei um pouco de feijão e milho, um pequeno jarro de azeite a que tivéramos direito. Estava disposta a ser uma ladra, como estivera disposta a ser uma mentirosa, uma impostora e uma assassina. Mas havia uma falta que não poderia cometer. Eu, que matara homens e provara o gosto do sangue, não seria capaz de matar as pombas de que cuidávamos. Procurei Yael e apelei por sua ajuda, que ela me deu sem questionar.

Fomos juntas ao pombal. A lua nova nos observava do alto e nos permitiu nos esgueirar pela praça como nada mais que sombras. Entramos, depois nos agachamos sobre a palha. Observei enquanto Yael chamava as pombas para junto de si. Ela levantou a mão e elas se aproximaram. À medida que cada uma se aproximava dela, Yael sentava-se com ela calmamente e depois lhe quebrava o pescoço. Ela chorava enquanto o fazia, tamanho era o sacrifício que fazia em meu benefício. Ela então dispunha seus corpos flácidos sobre o colo, acariciando as penas antes de me entregá-las.

Ela me acompanhou de volta aos meus aposentos, ajudando-me a carregar as provisões que pretendia levar para a minha irmã. Como eu a havia ajudado nos momentos de necessidade, agora ela estava ao meu lado. Eu nunca teria imaginado que ela, que um dia fora a minha rival, viesse a se mostrar uma irmã

para mim. No máximo eu imaginava que ela poderia se tornar minha irmã pelas leis do casamento. Amram e eu sempre planejáramos incluí-la na cerimônia, mas esse tempo acabara. No dia seguinte ao que a menina mensageira dissera-lhe que eu estava doente, Amram veio ao nosso alojamento e bateu na porta. Minha mãe ficou surpresa ao ver que, tão logo avistei quem batia à porta, saíra furtivamente para o jardim. Ouvi-o perguntar sobre a febre e receber a resposta de que era meu irmão que estava doente, não eu. Talvez Amram tivesse reclamado com a irmã pois, quando nos aproximamos do quartel, Yael murmurou:

- Meu irmão disse que raramente a vê. Ele ainda usa o lenço azul.
- Ele faz isso por você. – Mantive os olhos baixos. – Não por mim.
- Todo homem muda na guerra.

Pelo seu tom de voz, entendi que sabia que alguma parte do seu irmão se perdera.

VESTI A TÚNICA do meu irmão e coloquei sobre as costas a mochila pesada que levaria para minha irmã. Adir ainda estava em seu leito por causa da dificuldade de andar. Ficou surpreso quando me viu vestida como ele. Garantiu que ele mesmo pensaria que eu era Adir se não soubesse que era eu. Ele ainda não entendera muito bem como conseguia ser um guerreiro mesmo estando em um canto escuro do nosso alojamento.

- Todos acreditam que sou você – admiti.

Meu irmão aceitou que eu tomasse o seu lugar e que honrasse o seu nome. Esse era o motivo de os guerreiros deixarem presentes de azeite e mirra à porta e de as pessoas virem felicitá-lo pela bravura de seus atos.

Meu irmão levantou-se sobre um cotovelo para me examinar melhor. O cão postou-se ao meu lado, um pacote amarrado às costas, pois ele era meu quando deveria ser do meu irmão.

- Eu me saí bem como um guerreiro? – Adir quis saber.

Balancei a cabeça, envergonhada por ter tirado tanto dele. Mas ele parecia aliviado.

- Matei muitos inimigos?
- Só quando precisou.

Todas as vezes que os guerreiros saíram em ataques, meu irmão, você estava

entre eles. Atacamos à noite, divididos em quatro grupos, atingindo os inimigos no escuro, vindo dos quatro cantos do mundo. Fomos mostrar aos romanos que eles não haviam nos destruído e que não desaparecêramos, apesar da sua presença no nosso vale. Fomos a fim de pegar o que precisávamos para sobreviver e porque nosso povo não pode ser contido nem privado do seu direito ao Sião.

Durante as noites, enquanto você, meu querido irmão, descansava no seu estrado, eu me embrenhava entre os espinheiros e tive o homem que não temia o metal, que ansiava por ele, a exemplo de mim mesma, como fora durante toda a minha vida. Embora não fôssemos mais que metade de pessoas, embora tivéssemos perdido a nós mesmos, juntos éramos um e sentíamos-nos completos. Era por isso que me achava tão impaciente sempre que precisava permanecer na montanha. Ele era a única pessoa que me conhecia. Ele me disse que, se eu fosse uma mulher, não poderia possuir-me, pois jurara nunca permanecer com uma mulher que não fosse sua esposa. Mas eu era outra coisa, um guerreiro, assim como ele. Nós não precisávamos falar, como aqueles que lutam lado a lado não precisam de palavras, mas, em vez disso, conhecem-se em silêncio. Dessa forma, era possível cada um de nós prever o que o outro queria, fosse algo brutal ou delicado, fosse para durar a noite toda ou em uma breve explosão de tempo roubado.

No dia em que nos arrependemos dos nossos pecados, eu deixara esse homem entregue à dor do passado. Na véspera do *Yom Kippur*, ele desapareceu no deserto. Não pedi para compartilhar suas dores, pois isso não teria sido possível. Esperei na noite azul, sozinha, como qualquer companheiro faria. Quando ele voltou para mim, havia carreiras de espinhos enfiadas no seu peito. Ofereci-lhe água e uma parte do meu jantar, e não fiz nenhuma pergunta nem apresentei exigências. Tínhamos adversários suficientes, não precisávamos desafiar um ao outro.

Eu me sentia grata, meu irmão, por você não poder ver como era o mundo além desses portões, assim como me sentia grata por poder fechar os olhos sob a copa dos espinheiros, por poder gemer e me debater como nunca fiz em batalha, pois em batalha, meu irmão, a sua reputação era a do silêncio. Você nunca gritava durante a noite, tendo apenas o cão para ouvir enquanto você se agarrava ao guerreiro ao seu lado. Você era jovem, o mais leve entre eles, mas era um arqueiro bom, talvez o melhor de todos, conhecido pelas penas vermelhas nas suas flechas, que aceleravam cada tiro, as armas tornando-se aves à procura dos nossos inimigos para levá-los à morte. Nenhuma cabra selvagem lhe fugia,

nenhum coelho era rápido o bastante.

Na maior parte das vezes, você permanecia na retaguarda de uma escaramuça, porque dali a visão seria mais clara, observando os atacantes a distância e abatendo-os antes que se apoderassem dos nossos homens. Por causa da sua habilidade, vários guerreiros que poderiam ter sido mortos viviam. Uma vez Amram foi surpreendido por uma pedra atirada contra si por uma funda, e você, meu irmão, adiantou-se para matar o atacante de cima do morro onde se posicionara, a sua armadura ardendo ao sol, deixando marcas vermelhas na sua pele macia.

Depois disso, Amram veio lhe agradecer. Chamou-o de irmãozinho e ofereceu-lhe a sua lealdade. Você simplesmente baixou os olhos, como se estivesse muito impressionado com a honra que ele lhe concedia por lhe dirigir a palavra, quando a verdade era que não queria que visse a cor dos seus olhos, ou adivinhasse o que estava por baixo das escamas de metal prateado que usava. No entanto, você aceitou como presente o amuleto, um disco de prata de Salomão lutando contra um demônio no piso do Templo, para não ofendê-lo.

– Devo-lhe a proteção – disse ele no dia em que você, mais jovem e mais leve, salvou-o do Anjo da Morte que pairara tão perto. – A minha vida é sua.

Você usou o amuleto dele para não o ofender no campo de batalha, mas escondeu-o debaixo de um lenço em todas as outras ocasiões. Não teve coragem de lhe dizer que não era a vida dele que queria. Tudo o que você desejava era a sua própria vida, as noites nos espinheiros, os dias com os guerreiros.

Meu irmão, seu cão esteve sempre ao seu lado, tão calado quanto você, com um silêncio que poderia muito bem ter aprendido com o leopardo. Quando uma batalha começava, ele rompia o silêncio e rugia ao seu lado, pois não tinha medo do sangue nem do metal nem da morte. Ele era seu companheiro e dormia com você, estivesse você sozinho ou com o homem que sabia quem você era, entendendo por que você se isolava sob as estrelas. Embora fosse zeloso o bastante quando era necessário, disposto a carregar as espadas de dois gumes dos outros guerreiros, as suas fundas, as suas lanças, você não se misturava com eles.

Quando você saía da sua túnica, desaparecia sob a lua. Você evaporava no ar e ali descansava, entre os mundos.

Foi assim que vim a tomar seu lugar.

*

SAÍ FURTIVAMENTE pelo Portão da Água do Sul, juntamente com o cão, para me encontrar com a minha irmã. Enrolara-me em xales, pois o frio da noite logo se abateria sobre nós. Trouxera a minha irmã à vida uma vez e faria isso novamente. Nenhum guarda me impediria, pois eu era o bravo Adir, o mesmo nome de reis do povo de seu pai, e os guardas postados no portão apenas balançaram a cabeça em cumprimento a um companheiro guerreiro. Levava o arco amarrado às costas. A escuridão começava a se estender no horizonte. A luz esmaecente tornara as falésias vermelhas a distância. As cotovias e as brilhantes aves canoras azuis cruzavam o céu, pegando os mosquitos que enxameavam à noite. Procurei pisar com cuidado, pois uma única rocha poderia fazer com que os romanos me notassem na perigosa travessia para a caverna dos essênios.

Estava tão concentrada no acampamento romano que jamais pensei que poderia estar sendo seguida. Não estava preparada quando me agarraram e me tiraram do caminho. Gostaria de ter a faca que meu pai me dera. Na batalha corpo a corpo, o arco era inútil. Virei-me para lutar, mas o homem que me segurava não se intimidou, como se dizia dos anjos e dos demônios. Lutei com ele até que me venceu. Talvez aquele não fosse um homem afinal, mas um dos sete lobos do meu sonho. Se assim fosse, o sonho profetizara a minha derrota. Lamentei a minha fraqueza. Eu, que sempre fora tão destemida, entreguei-me a ele, esperando ser consumida pela luz ou pelas chamas.

Reconheci-o quando Eran deitou-se como se estivesse aos pés do dono. Vi meu seguidor por quem ele era, o homem que nada possuía além do machado que carregava. Disse que me acompanharia e que, se caísse do penhasco que descíamos, então estava destinado a isso, pois ansiava pela morte e não tinha escolha a não ser cortejá-la. Se *Mal'ach ha-Mavet* o procurasse, isso seria apenas o que desejava o tempo todo.

Não queria pô-lo em risco por causa da minha irmã, mas em batalha não se pode dizer ao outro quando é a hora de entrar no Mundo Vindouro, nem é possível manter qualquer homem neste mundo quando deseja deixá-lo para trás. Eu não podia discutir com o Homem do Vale, pois isso era uma coisa que uma mulher faria, e ele jurara nunca ficar com uma mulher que não fosse sua esposa. Eu era seu companheiro e, como tal, devia respeitar seu desejo. Não poderia me agarrar a ele, pois isso também me mostraria como uma mulher. Eu usava a túnica de Adir e levava o seu arco, portanto deveria desistir de lutar.

Amarramos o cão a um espinheiro, depois prosseguimos, o ruído da nossa respiração produzindo ecos. A lua nova brilhava com uma luz delgada e fraca, mas logo as nuvens a encobriram e pudemos escapulir através da escuridão. Eu

não precisava ver o Homem do Vale para saber que se encontrava ali, pois estávamos ligados por algo mais forte que a visão e, assim como os cavalos do rei, não tropeçamos no penhasco. Cheguei a imaginar que poderia capturar a minha irmã, amarrá-la com cordas e levá-la de volta para a fortaleza. Mas, se fizesse isso, ela gritaria, como chamara pelo pai quando deixamos a Montanha de Ferro. Seus gritos atrairiam os romanos para cima de nós e eu não queria ser a causa da morte da minha irmã.

Sabia que precisava deixar que ela mesma causasse isso.

Uma vez, enquanto olhava para a escuridão, meu pé escorregou e meu companheiro me agarrou e me abraçou até eu recuperar o equilíbrio. Pedras rolaram em direção ao vale, mas, no escuro, poderíamos muito bem ter sido dois íbex pretendendo escalar o precipício. Quando prosseguimos, pudemos distinguir três cavernas, uma para as cabras, uma usada como depósito, ao lado de outra caverna maior, na qual os essênios acampavam. Não tivemos medo de que pudessem nos atacar para se proteger, pois não tinham armas e nenhum desejo de outra defesa que não fosse a misericórdia de Deus. O fedor da caverna nos alcançou primeiro e ficamos surpresos por ser pior que o de qualquer curral. Quando olhei através da escuridão, mal pude suportar a visão do modo que viviam. As fogueiras no interior da caverna enegreceram suas peles e as roupas de linho estavam salpicadas de cinzas. Dois homens vieram ao nosso encontro, franzindo a testa, claramente se ressentindo da nossa intromissão em seu meio. Eles estavam sujos, muito magros, com uma expressão arrebatada de fome em seus olhos. Reconheci Malaquias, embora ele não me reconhecesse e, vendo a minha túnica, me tomasse por um menino.

– Trouxemos provisões para vocês – disse o Homem do Vale. Colocamos os fardos no chão, algumas frutas, as pombas, o pão sírio, os grãos, as bolsas de água.

– Das mãos de assassinos? – disse o essênio mais velho, avaliando as provisões que trouxéramos com grande perigo.

– Das mãos dos seus irmãos – observou o Homem do Vale. Ele estava sendo polido, mas seu tom de voz carregava uma nota de reprovação.

Dei alguns passos para a frente, enquanto os homens continuavam a falar. Através da escuridão avistei o perfil de Abba; o louvado mestre dos essênios estava encostado a uma rocha, tão fraco que parecia que já passara para o outro mundo, embora ainda respirasse. Vi as mulheres reunidas, olhando para nós com desconfiança, mas não distingui a minha irmã das outras, nem ela me

reconheceu. Tirei o lenço da cabeça e deixei o cabelo cair sobre as costas para que ela visse quem eu era, a irmã a quem pertencia. Malaquias imediatamente aproximou-se de mim depois de me notar, tão rapidamente que poderia ter sido uma víbora negra, do tipo que se enrola em torno da presa em um aperto implacável.

– Vá agora – ele me disse, apesar de eu ter arriscado a minha vida e a vida do meu companheiro para trazer-lhes provisões e água. – Ela não pode ver você ou pensar naquela outra vida.

Avistei-a, então, uma mulher em trapos, a minha irmã linda, cercada pelas outras mulheres, ovelhas em um cercado, não mais uma parente para mim que as ovelhas por trás das nossas cercas escamosas feitas de ramos de arbustos espinhosos. No entanto, entendi o medo de Malaquias. Ele sabia o que eu pretendia fazer antes que o fizesse. Pois nesse momento chamei Nahara, a minha voz tão melancólica e miserável que mal a reconheci como minha.

– Venha comigo – supliquei, com a intenção de atraí-la para mim. – Você não pertence a eles. Parta comigo e a protegerei como fazia antes de você ter vindo para esse lugar ou de ter conhecido esse povo.

Não houve resposta além do som dos meus próprios gritos, pois minhas palavras caíram como pedras, que arrancaram lágrimas de mim. O Homem do Vale postou-se ao meu lado. Esperava que ele me censurasse pelos meus atos, porque não estava sendo nada mais que uma mulher. Em vez disso, ele se inclinou para perto de mim, sem julgamento.

– Deixe-me tentar falar com ela – sugeriu ele.

Esperei na entrada da caverna. Notei que havia um charco raso de água parada. Certamente os essênios bebiam dessa poça, embora não fosse adequada para a sede humana. Na terra enlameada havia crescido um pezinho de acácia. Pouco mais que um galho, mas estava florescido. Mil abelhas vinham aos ramos. Fechei os olhos e ouvi o zumbido. Por um momento, estava em outro mundo, na rotina da minha outra vida, cavalgando sobre as pradarias. Sonhei que fazia uma fogueira e queimava uma centena de ramos, e que as faíscas voavam para o céu e permaneciam lá no alto para se tornar estrelas.

Levantei-me quando o Homem do Vale se aproximou. Sentia-me sedenta pela nossa viagem, mas ao vê-lo me senti como se algo tivesse sido saciado. Permaneci ao seu lado quando me disse que os essênios tinham concordado em aceitar as provisões. Ele fora levado perante Abba para que uma oração pudesse

ser oferecida em seu nome. O antigo mestre mal podia falar, pois estava tão fraco que o fio que o prendia a este mundo se desgastava. Minha irmã conseguira se aproximar. Depois que Abba acabou de cantar, ela sussurrou ao Homem do Vale para que só ele ouvisse. Pediu que me dissesse que se lembrava de mim, o cavaleiro mais veloz, o filho favorito do seu pai, a irmã a quem um dia pertencera, em outro tempo e outro mundo.

CAMINHAMOS em silêncio, como sempre fazíamos. Nossa carga estava mais leve, pois já não carregávamos frutas, água e grãos, assim como eu já não carregava o destino da minha irmã nas mãos. Eu a deixara lá. Se fosse para nos encontrarmos novamente nesta vida, não cabia a mim decidir. Ela renunciara à menina que eu trouxera para a vida e por isso não estávamos mais ligadas uma à outra. No entanto, pensaria nela não como uma mulher encolhida em uma caverna, os olhos baixos, esperando pelo Fim dos Dias, mas como o único nascimento que presenciara na vida, a grande glória e o milagre de Deus.

ERAN esperava por nós. Paramos antes de subirmos em direção ao portão. Como camaradas, concordamos em prosseguir sem dizer uma palavra. Sabíamos que Roma se aproximava e entendíamos o que isso significaria. Dedicamos aquela noite a nós mesmos, no caso de não haver outra. Fomos para a caverna em que Yael me dissera uma vez que vivia um leão. Dentro não encontramos nenhum leão. Fizemos uma fogueira longe da boca da caverna. Soubemos que outros tinham feito o mesmo antes de nós, pois encontramos montes de cinzas e fuligem. Talvez quem tivesse estado ali antes de nós ansiasse por libertar-se do topo da montanha, como fizemos. Talvez tivesse desejado outros mundos e outra época.

Passei os braços em volta do meu guerreiro, chamei-o para perto de mim e me entreguei a ele. Não tinha mais forças para a batalha. Queria um mundo que fosse bonito e naquela noite ele foi terno comigo de um modo que não fora antes, talvez porque tivesse me visto chorar na frente da minha irmã. Ele me tratou não como um guerreiro, mas como uma mulher. Entendi que essa era a sua maneira de me dizer que o mundo era terrível e que deveria me preparar para o que estava por vir. Mas eu decidira ignorar esses temores, assim como me desfizera da advertência da minha mãe sobre os malefícios do meu amor. Nada disso importava agora. Éramos dois feridos, descrentes de tudo o que já víamos e conhecêramos. Tínhamos matado juntos, enterrado os caídos juntos e entoado orações criadas apenas para os homens recitarem. Estivemos juntos como os animais, desesperados e impulsionados por uma necessidade feroz, e como amantes para quem o resto do mundo inexistia.

Quando saímos da caverna, a manhã abriu os cantos mais distantes do céu. A poeira se levantava enquanto a legião romana se aproximava. Uma coluna procedia do norte e outra do leste. Quando as tropas se reuniram, as nuvens ascendentes tomaram não a forma do javali, o símbolo que carregavam em seus estandartes, mas a figura de um leão, ícone da antiga tribo de Judá e do deserto em torno de nós.

– O meu nome é Rebeca – disse a ele enquanto permanecemos juntos ali.

E ele era Yoav, o Homem do Vale, o amor da minha vida.

Outono, 72 d.C.

QUARTA PARTE

Inverno, 73 d.C.

A Bruxa de Moabe

Não éramos diferentes das pombas acima de nós.

Não podíamos falar ou chorar, mas, quando não houve

escolha, descobrimos que podíamos voar. Se você

quer um motivo, considere este: nós ansiávamos pela

nossa porção de céu.

A MINHA MÃE ME ENSINOU tudo o que uma mulher deveria saber neste mundo e tudo o que era necessário para levar ao Mundo Vindouro. Com a idade de oito anos, eu aprendera que a folha da tamareira fervida em água era remédio para a picada do escorpião, que o néctar da espetada flor azul do hissopo presa ao punho servia para afastar o perigo, que a pele de cobra queimada e moída era uma proteção contra o mal. Eu tinha um dente de cachorro preto amarrado em volta do pescoço como proteção contra os animais selvagens e tinha o cuidado de recitar um encantamento quando escavava as raízes do meimendo, a planta sagrada, porque muitas vezes enterrava os amuletos da minha mãe como oferendas a Astarte, a deusa que nos vigiava em momentos de dificuldade.

Minha mãe me instruíra na preparação de encantos contra a febre e encantos pela vitória, embora ela se recusasse a lidar com feitiços de ódio, usados para prejudicar rivais, algo que faltava no meu livro de receitas. Eu sabia como lançar encantos que dissolviam um feitiço e os que curariam mordidas de répteis. Ela costurava pedaços de pergaminho prateado e escaravelhos nas bainhas das minhas vestes com seus dedos rápidos e incansáveis. Sua grande beleza era eclipsada somente pelo grande conhecimento. Seu nome era Nisa e eu o considerava a palavra mais bela em qualquer idioma. A palavra em si era como o brotar de uma fonte, o ritmo da chuva.

Ao crepúsculo, quando o ar em Alexandria tingia-se suavemente de azul, ela me instruíra no nosso jardim, ensinando-me hebraico, aramaico e grego, formando as letras na poeira com algumas estocadas da borda pontuda de uma vara. Ninguém via o que fazíamos durante essas aulas, pois não morávamos entre os habitantes da cidade, mas na casa das mulheres santas que estavam disponíveis para os sacerdotes. Desse modo, éramos também abençoadas, pois as

leis que se aplicavam às outras mulheres não se aplicavam à minha mãe. As orações não eram proibidas para ela, assim como não foi a educação, nem a liberdade de admitir a entrada de homens na sua câmara privada.

A entrada da nossa casa era ladeada por sebes estreitas de arbustos de jasmim e de rosas perfumadas. À noite, a própria cidade parecia tornar-se azulada, como se mergulhasse o nosso mundo sob as águas. Sombras compridas estendiam-se sobre os tijolos de terracota do caminho da entrada, de modo que ninguém visse quem entrasse pela nossa porta e quem saísse por ela no meio da noite escura e perfumada. Essas sombras também me ajudavam pois, embora fosse solitária, era igualmente independente. As únicas testemunhas da minha instrução e da minha educação foram as lagartas e os besouros. Ainda muito criança entendi que as mulheres guardavam segredos e que alguns deles deviam ser transmitidos somente às filhas. Desse modo, permanecíamos unidas pela eternidade.

No jardim, onde aprendia as letras, crescia uma variedade rara de lírio-d'água branco que à noite exalava uma fragrância perfumada. Essas flores tornaram-se as minhas favoritas desde essa época. Uma só delas vale um barril de bálsamo ou de mirra. Os lírios vermelhos de Moabe, por mais gloriosos que sejam, são ervas daninhas quando comparados a essas flores, seu perfume o simples ar quando comparado ao dos lírios de Alexandria. A minha mãe esfregava o perfume nos punhos e por isso nenhum homem poderia repudiá-la.

Enquanto as outras mulheres mantinham-se dentro dos pátios murados das casas, não se aventurando além do mercado – e então apenas acompanhadas de servos ou parentas –, minha mãe era autorizada a fazer o que quisesse. Toda primavera ela viajava para visitar a família em Jerusalém, durante a Festa dos Pães Ázimos. Era lá naquela cidade que meu destino me aguardava.

DIZ-SE QUE, após a expulsão de Adão e Eva do Éden, dois anjos se ofereceram para entrar no nosso mundo para ensinar aos humanos o conhecimento permitido por Deus. Esses anjos faziam as refeições com os humanos, apaixonaram-se por eles, tiveram relações sexuais com eles, viram seus filhos nascer. Por causa disso, nunca mais puderam voltar ao mundo espiritual. Eles continuam na terra em nossos dias, ensinando a sabedoria da feitiçaria àqueles que desejam aprender. Minha mãe provinha de uma linhagem de mulheres que se dispunham a ouvir quando os anjos começavam a falar. Ela guardava seus bens mais pessoais em uma caixa de pau-ferro esculpido, cuja chave trazia ao pescoço, presa a um fio de crina de cavalo trançado. A chave tinha o formato de uma cobra. Quando eu era criança, ela me parecia uma coisa viva. Sempre que a minha mãe me permitia pegá-la na mão, eu sentia como se ela rastejasse

friamente sobre a minha palma.

Dentro da caixa trancada, havia um caderno de pergaminho em que minha mãe anotara os inúmeros segredos que acumulara ao longo dos anos. Era um livro de receitas para o coração humano, pois nosso povo acreditava que tudo o que sabemos e tudo o que vivemos está contido ali.

HAVIA ENCANTAMENTOS em cada página do diário da minha mãe: *Para a Cegueira Noturna. Para Capturar um Ladrão. Para a Dor de Cabeça. Para a Febre. Para a Fidelidade. Para o Amor.* Enquanto as outras meninas brincavam de corda ou com animais esculpidos em madeira, eu aprendia o que fora escrito pela minha mãe, segredos que ela me transmitia e que um dia eu confiaria a uma filha minha. Os feitiços em si eram transcritos em código, para que nenhum estranho pudesse entendê-los ou avaliar plenamente a sua eficácia.

Sempre existiram antigos livros de mistérios. Os homens que praticavam a magia eram os mestres chamados *abba*, pais abençoados pelo conhecimento d'*O Livro dos Mistérios*. Diz-se que o próprio Moisés tinha o que os mágicos e grandes mestres chamam de *O Livro da Lua*, uma coletânea de magias tão eficazes que nenhum outro ser humano jamais ousou folhear suas páginas, para não ser queimado vivo pelo calor das palavras que continha. Houve quem dissesse que Moisés seria capaz de fazer o mar desaparecer e que poderia ter destruído o mundo inteiro se quisesse, ou se Deus o mandasse fazê-lo. Noé também tinha um livro de encantamentos. A voz de um anjo em *O Livro dos Jubileus* relata que os próprios anjos ensinaram a Noé todos os tipos de segredos, para que pudesse usar as ervas da terra a fim de curar seus filhos. Entre os homens, houve rumores sobre a existência de um tesouro inestimável chamado *O Livro dos Vigilantes*, com instruções diretas do Todo-Poderoso, um tratado místico tão complicado, ocultista e envolto em enigmas, que apenas o iluminado mais sábio poderia tentar entender seu significado.

Esse era um trabalho de homens, estudiosos e sacerdotes. Existiam duas escolas de magia de que os homens eram conhecedores, a que os sacerdotes praticavam publicamente, os exorcismos, maldições e bênçãos, e os trabalhos menores produzidos pelos *minim*, todos homens, fossem eles sábios ou magos, que ofereciam a magia em troca de pagamento no lado de fora das sinagogas. Além disso, em segredo, no escuro, existia a magia que as mulheres praticavam por trás de portas fechadas, com os livros de receita de *pharmaka*, os medicamentos e *philtrons*, as poções do amor. As mulheres tinham usos secretos para as cinzas, folhas de louro verdes, sangue, mirra, enxofre, almíscar, mel, azeite e flores, juntamente com as raízes de plantas, tais como as da mandrágora,

as da *yavrucha* e as dos *ba'aras*, muitas vezes chamadas de “fulgor prodigioso”, de um vermelho incendiado quando retiradas da terra. No Templo fora decretado que ninguém deveria tolerar feitiçaria, pois se dizia que esse tipo de magia era praticado por prostitutas, cuja maldade era disfarçada por um manto de sabedoria que não deveria ser permitido. Existiam dez variedades de homens sábios conhecidos, mas apenas dois tipos de mulheres que poderiam ouvir a voz do Todo-Poderoso: as profetisas e as bruxas.

Para as mulheres que praticavam a magia em segredo, não havia ninguém a não ser Ele, o nosso Deus, o radiante, muito maior que qualquer mago. Mas nós não concordávamos com as regras dos homens e ignorávamos certos decretos, embora o tipo de magia que mulheres como a minha mãe praticavam fosse conhecido como fora da lei e, portanto, considerado pecado.

Nós sabíamos por que isso acontecia, e por que a nossa grande deusa, Astarte, meio guerreira e meio vidente, fora profanada e alvo de censura nos escritos que se seguiram aos profetas. A presença de Astarte nos foi negada, as imagens da sua forma foram derretidas, transformadas em piscinas de prata e bronze, os bolos que fazíamos com sua figura eram considerados ilegais, as árvores que decorávamos em sua homenagem tinham sido derrubadas havia muito tempo. A expulsão da Rainha do Céu ocorrera pela mesma razão pela qual Sansão perdera toda a força; a razão pela qual homens queimavam o cabelo e as unhas, para que esses símbolos não fossem usados contra eles nos feitiços de qualquer mulher. As mulheres que praticavam o *keshaphim* foram consideradas bruxas e punidas como tais, expulsas, queimadas, desonradas. Elas eram poderosas e perigosas e ninguém queria uma criatura dessas por perto, exceto, talvez, em sua cama por uma noite, antes de livrar o mundo da sua existência.

Certamente foi por causa disso que as mulheres se acostumaram a não tomar notas dos seus conhecimentos, para que eles não fossem descobertos e usados contra elas mesmas. Contávamos umas às outras as nossas receitas mágicas, assim como confidenciávamos as melhores maneiras de fazer um bolo de figos, um caldo de ossos, um ensopado de maçãs e mel que fosse mais doce que qualquer outro. Não discutíamos métodos, nem tornávamos nossos talentos públicos, mas as outras mulheres sabiam. A verdade fora escrita em nós, como diziam que os pecados dos homens estavam marcados em seus ossos, para que, quando morressem, seus atos perversos pudessem ser lidos como se estivessem gravados em pergaminho.

Podíamos oferecer às mulheres o que elas mais quisessem, um remédio para as doenças mais comuns do mundo. Quando um casamento não fosse abençoado

e os demônios se apegassem a uma casa, a dissolução do matrimônio poderia ser encontrada em um feitiço, que é um documento legal de divórcio. *Eu te conduzo para fora da casa dela e não deverás aparecer para ela, nem mesmo em sonhos, porque te dispenso e liberto pelo ato do divórcio, uma carta de rejeição de acordo com a lei das mulheres de Israel.*

Quando as crianças estivessem doentes ou os bebês se recusassem a nascer, quando os homens fossem infiéis, quando o céu estivesse desprovido de chuva, quando os amuletos enterrados sob os muros santos por instruções dos *minim* não oferecessem consolo e todas as súplicas aos sacerdotes por orientação falhassem, quando os rituais que oferecessem não trouxessem conforto e consolo, elas viriam até nós.

*

AINDA MENINA, em Alexandria, muitas vezes observava minha mãe folhear seu caderno quando deveria estar dormindo no estrado, ao pé da cama, que era digna de uma rainha, acima do piso e coberta por um tecido de linho fino, bordado com fios roxos e dourados. Minha mãe parecia ameaçadora a meia-luz, o cabelo negro caindo pelas costas. À noite ela queimava bálsamo em uma tigela de barro. A fumaça que espiralava em direção ao teto era clara, muito parecida com as penas de dentro da asa de uma pomba. O aroma era de terras distantes, onde os campos estavam sempre verdes e os pés de acácia se desenvolviam. Minha mãe fora escolhida para ir a Alexandria e viver entre uma seita de gregos e judeus porque era muito bonita e culta. Por causa disso, ela tinha tatuagens secretas gravadas sobre a pele, desenhos intrincados feitos com canas afiadas mergulhadas em hena. Esses desenhos atestavam a condição de *kedeshah*. Após a iniciação, muitas vezes ela se mantivera escondida pois, embora sua posição fosse reverenciada entre muitos círculos em Alexandria, o Templo de Jerusalém proibia essas práticas.

As mulheres que se entregavam a esse estilo de vida acreditavam que poucas estivessem mais próximas de *Shechinah* que uma *kedeshah*. Elas se dedicavam ao aspecto feminino de Deus, a Habitação, a extensão espiritual em que reinava a inspiração, pois nas palavras escritas de Deus a compaixão e o conhecimento sempre foram do sexo feminino. Era por isso que cresciam lírios no jardim da minha mãe e por isso fora-lhe permitido ter acesso ao conhecimento do grego e do hebraico, o que a habilitava a conversar com qualquer homem.

Quando os sacerdotes nos visitavam, eu ficava fora de casa, ia para o jardim. Entre as sebes brotavam as flores muito alvas da hena, que produziam uma

nuance escura de vermelho, misteriosa e sagrada, quando preparadas como um corante. Geralmente, passava o tempo ao lado de uma pequena fonte decorada com azulejos azuis e brancos. Não gostava de ser separada da minha mãe, mas mantinha-me ocupada, uma habilidade aprendida por crianças que às vezes tinham de agir como mais velhas que sua idade. Os lírios-d'água descansavam sobre rechonchudas esponjas verde-claras que arrastavam tentáculos carnosos abaixo deles nas águas da fonte. Os pássaros vinham beber água, oferecendo suas canções em troca de saciar a sede. Minha mãe me dizia para permanecer em silêncio e sempre a obedecia. Pratiquei até ser capaz de me sentar quieta, até me tornar invisível para os pássaros que voavam por baixo dos pinheiros. Muitas vezes eles pousavam nos meus ombros e joelhos. Podia sentir seu coraçãozinho batendo rápido enquanto cantavam de pura gratidão pela sombra e pelo conforto do nosso jardim.

Uma vez, quando tinha pouco mais de quatro anos, fui mandada por várias horas para o sol ardente. Senti tanta raiva por ter sido expulsa do nosso quarto para o calor brutal do meio-dia que me atirei na fonte. Os azulejos pareceram frios e escorregadios sob meus pés. Na minha fúria infantil, pulei sem pensar nas consequências. No instante em que o fiz, o calor do dia desapareceu. Prendi a respiração quando afundei. Com a água verde ao meu redor, imediatamente senti que encontrara um lar. Esse era o elemento a que era destinada. O próprio mundo virou de cabeça para baixo e ainda assim parecia mais meu que qualquer outro lugar. Quis fechar os olhos e permanecer flutuando ali para sempre. Vi as bolhas que se formavam com minha própria respiração. Nesse instante, alguém me agarrou com força. O sacerdote arrancou-me para fora da água. Ele me sacudiu e disse que as meninas que brincavam com água se afogavam e que ninguém se apiedaria de mim se esse fosse o meu destino.

Mas eu não me afogara e olhei para ele, desafiadora e respingando água. Senti um poder inusitado em meu íntimo, que me deu coragem para encarar aquele homem santo. No umbral da porta em que se encontrava, vi minha mãe me olhar de uma maneira estranha, demorando-se em observar minha roupa encharcada. Trazia o cabelo solto e vestia apenas um xale branco enrolado em torno do corpo nu. As tatuagens de hena que se enrodilhavam pelo pescoço, seios e braços haviam sido desenhadas em padrões melífluos, como se ela fosse uma flor e não uma mulher.

Não muito tempo depois do meu mergulho na fonte, minha mãe me levou ao Nilo. Fora ali, à margem do rio mais poderoso, que Moisés inscrevera o nome de Deus em ouro, jogando-o nas águas, implorando ao Todo-Poderoso para que

tivesse início o Êxodo do nosso povo. Era uma longa jornada a empreender, mas minha mãe insistiu que devíamos ir. Nossos servos nos levaram até lá em um carro puxado por burros. Viajamos embaixo de uma tenda erguida sobre as cabeças, para proteger a pele de queimaduras. Partimos no meio da noite, para que a viagem fosse mais fresca. Descansamos durante o calor do dia seguinte, depois tornamos a partir. Enquanto cochilava, ouvia as rodas do nosso carro e os murmúrios dos servos conversando em grego, a língua que todos falavam publicamente, fôssemos judeus ou egípcios, pagãos ou gregos. Os burros eram brancos e bem-escovados, a marcha era rápida e constante. Tínhamos frutas em uma cesta para comer sempre que sentíssemos fome, juntamente com bolos feitos de tâmaras e figos. Eu me perguntava se era uma princesa e a minha mãe, uma rainha. O ar cintilava com o calor, mas, à medida que nos aproximávamos do rio, a brisa tornava-se mais fresca.

A manhã avançava e as pessoas já se ocupavam com o trabalho cotidiano ao redor. Na estrada para o rio, a vida fervilhava em atividade, o ar perfumado com canela e cardamomo. Ali cresciam as mais altas pimenteiras e tamareiras que eu já vira antes. Sentia-me excitada e satisfeita por estar sozinha com minha mãe. Pela primeira vez na vida, eu não precisava dividi-la com ninguém. Ela me deixava brincar com os dois amuletos dourados que usava ao pescoço e com a chave sinuosa como uma serpente que brilhava à luz do sol.

Minha mãe usava uma túnica branca e sandálias. Ela untara o cabelo com azeite e o trançara, assim como o meu, como fazíamos quando íamos participar de um ritual para fazer uma oferenda. Quando nos aproximamos ainda mais do rio, o dia amanhecia, o céu estava tingido de rosado. Pairava um odor penetrante de lama e lírios. As mulheres carregavam cestos de roupa para lavar e secar nas margens, e os homens partiam para a pesca em barcos de madeira estreitos e de fundo chato, girando os remos enquanto chamavam uns aos outros, as redes intrincadas luzindo no ar quando as lançavam para a captura.

Minha mãe se inclinou para sussurrar que chegáramos ao nosso destino. Ela me disse que, se a água fosse realmente meu elemento, precisava aprender a nadar com os olhos abertos. Devia controlá-la ou ela me controlaria. Para comandar uma substância tão poderosa, era preciso antes entregar-se a ela, fundir-se em comunhão com ela, para então triunfar. Passamos pelos juncos, que eram afiados e nos vergastavam, deixando pequenas marcas serrilhadas cruzando as pernas em um desenho em forma de “X”. Vi garças e cegonhas pescando o desjejum. Nossos pés afundaram na lama e, quando entramos mais fundo, as túnicas flutuaram ao redor.

O Nilo sempre inchava depois da lua cheia no verão, suas águas uma grande dádiva em uma época de calor brutal. Pude sentir como era refrescante e doce. Nunca conhecera o sentido do verdadeiro deleite, como o prazer intenso percorria o corpo lentamente e depois, de repente, em um assomo de sensações. A um só tempo, possuíamos o rio enquanto ele igualmente nos possuía. Tive a sensação de pertencer àquelas águas e de sempre ter pertencido.

– Agora descobriremos quem você será – minha mãe me disse, ansiosa para ver em que a sua filha poderia se tornar.

Eu afundei, os olhos bem abertos. Teria piscado se minha mãe não me dissesse para permanecer vigilante. Confiava nela e sempre fazia o que dizia. Procurei manter os olhos abertos. Graças a isso, tive uma visão que carregaria comigo por toda a vida. Apareceu um peixe tão grande quanto um homem. Ele parecia luminoso na escuridão da água turva. Era enorme, uma criatura que não precisava nem de ar, nem de terra, como eu precisava, e ainda assim não tive medo dele. Em vez disso, um assomo de ternura apoderou-se de mim. Senti como se ele fosse o meu amado. Estendi a mão e ele se aventurou perto o suficiente para eu correr a mão sobre as escamas frias e prateadas.

Levantei-me do rio com um sentimento de alegria, mas também com uma melancolia que não conhecera antes. Não era normal uma criança sentir tanta tristeza quando nada mudara e o mundo ao redor ainda era o mesmo. No entanto, eu experimentava um sentimento de perda extrema.

Quando contei à minha mãe sobre o peixe, ela disse que eu vira o meu destino. Ela não parecia surpresa.

– Ele a mordeu? – perguntou ela.

Neguei com a cabeça. O peixe parecia muito gentil.

– Bem, ele morderá – a minha mãe me disse. – Eis o enigma do amor: tudo o que lhe dá, ele tira.

Não sabia o que isso significava, mas sabia que o mundo era um lugar perigoso para uma mulher. Ainda assim, não entendia como uma pessoa cujo elemento era a água podia viver longe dos peixes.

DIZEM QUE a mulher que pratica a magia é uma bruxa e que toda bruxa tira seu poder da terra. Um grande vidente advertiu um dia que, se um homem segurasse uma bruxa no ar, poderia assim eliminar seus poderes, tornando-a inofensiva. Mas essa tentativa não teria nenhum efeito sobre mim. Minha força provinha da

água, meus dons eram motivados pelo rio. No dia em que nadei no rio Nilo, e vi o meu destino escrito nas profundezas com tinta azul, minha mãe me disse que teria meus próprios poderes, como se dava com ela. Mas ao mesmo tempo me advertiu: se me afastasse demais da água, perderia o poder e a vida. Deveria manter a cabeça no lugar e não ceder ao desejo, pois isso era o que fazia com que as mulheres se afogassem.

*

NO DESERTO, o ar queima. Respire e ele o incendeia por dentro, pois é forte como o ferro, tão implacável quanto o turbilhão de poeira que sobe em uma tempestade. Nossa água vem da chuva e dos aquedutos construídos há muito tempo pelos escravos de Herodes, tubos largos de cerâmica que carregam as águas correntes dos *nechalim* para nós quando enchem em vazantes repentinas nos meses de inverno. Ainda assim, isso não é suficiente para mim. O deserto me sobrecarrega, minha força se esvai. Na água eu flutuo, mas no inferno seco do deserto mal consigo manter o fôlego. Sonho com rios e peixes prateados. Há quem diga que no nosso povo as pessoas são como os peixes do mar, alimentadas pelas águas do conhecimento que fluem da Torá, e é por isso que conseguimos sobreviver em uma terra tão brutal e inclemente.

Costumo acordar do sono ofegante, afogando nas piscinas de luz branca que rompem o céu todas as manhãs. As mulheres com uma nova vida dentro de si são especialmente suscetíveis ao calor. Senti-me tão aflita nas minhas três vezes. Uma vez, em Jerusalém, quando tinha apenas treze anos de idade, mal tendo me tornado uma mulher. Duas vezes na Montanha de Ferro, que foi pouco mais que um exílio para mim. E agora aqui, mais uma vez, no lugar em que encontrei meu destino.

À noite vou às cisternas, guiada pelo cheiro de água. Para mim, esse odor é mais pungente que a mirra ou o incenso. A única fragrância capaz de rivalizar com ele é o perfume do lírio branco, que só pode ser encontrado em Alexandria. As pessoas dizem que posso chamar a chuva e que a água é atraída para mim, mas estão erradas. Eu é que estou em busca dela, como sempre estive. Quando sonho, enxergo o Nilo naquela manhã rosada e a minha mãe, a quem não vejo faz tanto tempo que ela não mais me reconheceria, se é que já não partiu para o Mundo Vindouro.

As estrelas se refletem na água negra da cisterna. Encontro conforto no presságio que vislumbro ali: a luz na escuridão, a verdade quando parece que não existe nenhuma. Esse é o único lugar em que posso ser eu mesma, a menina

que caiu na fonte, que não tinha medo de monstros, nem de água profunda, nem de afogamento. Desço os cem degraus de pedra, o granito frio contra os pés. Sei aonde o amor me levará pois, no dia em que viajamos para o Nilo, minha mãe me disse que ele me levaria à ruína e que a pessoa a quem me atrevesse a amar seria atraída para baixo comigo. Mas, mesmo enquanto falava, ela sabia, eu não teria escolha a não ser seguir meu destino.

Paro à beira da cisterna, onde as pedras foram recobertas por uma camada fina de gesso. O pó do gesso branco apegase à minha pele. Vejo o brilho do calor sobre a água. Diz-se que o espírito de Deus paira sobre as águas, como aconteceu no primeiro dia da criação. Estou diante da glória de tudo o que Ele criou. Dispo o manto, as sandálias, a túnica. Outras mulheres se purificam na *mikvah*, mas preciso de águas mais profundas. Mergulho.

Algumas pessoas dizem que essa, a maior das cisternas construídas pelos pedreiros de Herodes, não tem fundo, e que se alguma vez virmos o fundo desse poço também veremos a nossa sina. Essa piscina é profunda, mas não é infinita. Sei disso com certeza. Todas as coisas terminam. Costumo mergulhar para atingir as profundezas, depois me impeço de subir de volta segurando as rochas empilhadas na base. Elas são escorregadias contra a minha mão, alisadas pela interminável lapidação da água contra a pedra. Mantenho os olhos abertos mesmo que a água seja preta. Não há peixes, nem lampejos de luz, mas, quando volto à superfície, meu primo Eleazar está esperando.

Foi ele que vi na água do Nilo quando avistei o peixe ao meu lado.

Desde o início até agora, essa foi a única coisa que nunca mudou.

Ele é o meu destino.

*

OS SOLDADOS da décima legião eram liderados através do deserto por Flavius Silva, o procurador de toda a Judeia, o governador romano recém-nomeado. As tropas levantavam uma tempestade de poeira tão grande que certamente poderia ser vista de tão longe quanto a Montanha de Ferro, onde passei muitos anos na companhia de um marido que tinha o dobro da minha idade e sabia que eu não o amava, mas ainda assim me protegeu. Ele nunca me maltratou, embora tivesse a indiferença de pedra de muitas das pessoas destemidas de Moabe, juntamente com uma ternura surpreendente com relação aos seus filhos. Seu nome era Sa'adallos, embora eu nunca o chamasse assim. Se o fizesse, poderia tê-lo amado. Poderia estar em Petra, em vez de nessa fortaleza, quando os romanos

chegaram. Poderia estar andando por aquela cidade vermelha, com suas milagrosas colunas esculpidas com elefantes e camelos, desfrutando da sua piscina, que diziam ser do tamanho de um lago, e dos jardins que pendiam dos penhascos, fazendo com que os homens elevassem o olhar para as montanhas com assombro, espantados por ver tamareiras onde em outra terra haveria apenas nuvens.

Se o amasse, meus filhos viveriam em segurança, meu futuro estaria assegurado. Em vez disso, eu os trouxera para viver presos a esse poleiro do qual não há libertação. Embora os anjos possam nos ouvir chamá-los, jamais nos alcançariam aqui na periferia do mundo, mesmo se quisessem nos salvar. Entendi isso quando joguei os ossos dos pombos, pois eles profetizaram que, assim como não havia como escapar do que já fora escrito, não haveria fuga dessa fortaleza.

Nosso povo reuniu-se para assistir à aproximação dos seis mil homens da legião, acompanhados por mais de mil escravos e seguidores. Trememos em silêncio. O que mais nos aterrorizou não foi o número, mas sua absoluta determinação. Eles vinham em nosso encalço desde Jerusalém, embora não passássemos de algumas centenas. Encontravam-nos como os chacais encontram suas presas, cercando a fraqueza das vítimas, ganhando tempo, prontos para saltar quando chegasse o momento certo.

Na tempestade de poeira que levantaram, pássaros caíram do céu, incapazes de levantar voo nas explosões de areia turbilhonante. Em pouco tempo o chão estava juncado de corvos, mais numerosos que os soldados. As aves que não voavam transformaram a terra em uma superfície desolada e enegrecida, e de repente pareceu que a extensão do Mundo Vindouro nos alcançara como uma estrada de carne e penas.

– Já vi isso antes – Revka murmurou para mim, o rosto pálido. – Não podemos escapar do perigo.

Havia apenas uma razão pela qual Roma devia ter vindo para tentar nos derrotar, quando éramos tão poucos e seu império tão grande. Temia que nós, rebeldes, pudéssemos servir como uma brasa para reacender a chama da liberdade. A desonra arde, ela queima quando menos se espera que possa se inflamar. Os romanos não podiam permitir isso. Éramos como peixes em uma rede, já recolhidos sobre o costão rochoso; tudo o que precisavam fazer era cortar a água que nos sustentava. Àquela altura, em Roma, já tinham sido cunhadas moedas em comemoração à queda da Judeia. A imagem de um

legionário romano e de uma mulher judia prisioneira, humilhada e escravizada debaixo de uma palmeira, fora impressa em prata. Assim como tinha sido impresso, eles queriam que acontecesse, como se eles, e não somente Deus, pudessem criar matéria a partir de palavras e da vontade.

Em uma terra em que a rebelião foi esmagada, não pode restar um único guerreiro.

ERA INVERNO e o ar estava seco. Usávamos nossas capas puxadas contra o corpo como uma armadura, tremendo ao vento, assistindo à aproximação do destino. As chuvas vieram, enchendo os vales com torrentes de água. O peixe que desaparecera no solo profundo durante os meses áridos reapareceu, enfeitado para a vida. Por todas as colinas viam-se flores silvestres e abelhas. Os troncos das árvores mortas murmuravam como se tivessem recobrado vida. Havia pasto verdejante para o íbex, carne para o leopardo. O deserto proporcionara à décima legião as condições mais favoráveis para uma travessia. Com certeza, nossos inimigos consideraram isso como um presságio de que seriam os vencedores. Se estivessem com fome, eram alimentados. Se estivessem com sede, não precisavam procurar mais longe que os córregos, que haviam se transformado em cachoeiras.

Talvez aqueles que fossem novos na Judeia se perguntassem como era possível que o deserto tivesse dizimado tantos que os haviam precedido, como a brutalidade do seu calor feroz transformara aqueles que haviam lutado para se manter vivos no seu abraço. Pois aquele era o momento misericordioso do ano, quando as aves começavam a voltar da África e do Egito, quando havia garças em vez de urubus, quando a terra era abundante. O exército que veio ao nosso vale era composto de homens de uma dezena de diferentes regiões, todos falando latim, cada um deles recompensado por Roma com as provisões com que não se atreveriam a sonhar na pobreza da sua terra de origem, pois viajavam com camelos e burros carregados de carne, tâmaras e barris de couro com água suficiente para encher dez cisternas.

Eles se aproximaram da nossa fortaleza com força intacta, enquanto comíamos grama e pombas, sacrificando as ovelhas para as quais não tínhamos mais grãos, cortando as gargantas das cabras que já não davam leite. Tínhamos água, o que sempre desejáramos, e as cisternas se encontravam cheias, mas estávamos pobres e nossa fome pulsava e nos recordava da pobreza. Tantas pombas haviam sido levadas para servir de alimento ou sacrifícios que seus excrementos já não enchiam as cestas nem adubavam os campos. Os pomares não produziam, os jardins achavam-se vazios, os armazéns já não nos

sustentavam. Agora, quando entrávamos nos pombais, havia silêncio em lugar do canto das pombas, ouvia-se apenas um leve arrulho.

Os guerreiros estavam exaustos. Havia lutado por muito tempo, sem alívio ou descanso, muitos deles jovens e destreinados, apenas garotos de dez e onze anos de idade convocados para ocupar o lugar dos caídos. Ainda assim, eles escondiam seu medo. Bradavam que a legião poderia trazer toda Roma e ainda assim jamais escalaria a montanha para chegar até nós.

Mas aquele era um exército que assassinara vinte mil pessoas do nosso povo na Cesareia, de modo que não restasse sobreviventes. Destruíra os outros dois redutos judeus, Herodium e Maqueronte, onde executara aqueles a quem dera uma promessa de indulto. Informada de que alguns haviam conseguido escapar e permaneciam escondidos, a décima legião derrubara completamente a floresta de Jardes, para que não restasse uma única árvore atrás da qual os rebeldes fugitivos pudessem se esconder. Ali mesmo mataram mais três mil, os corpos deixados espalhados pelo campo para as aves de rapina, sem sequer um fragmento de tecido para cobrir sua nudez.

Depois disso, Flavius Silva voltara o olhar na nossa direção. Dizia-se que era um homem impiedoso, de humor e temperamento violentos, mas com o dom da lógica pura quando precisasse avançar contra o inimigo. Postei-me em cima da muralha com o restante do povo e vi o vale ser preenchido pelas colunas de combatentes. A seguir vinham os que assavam o pão dos soldados e cozinhavam suas refeições e consertavam suas capas, juntamente com as *zonnoth*, mulheres que eram mantidas em tendas para o deleite dos soldados, e os escravos que montaram os acampamentos, arrastando madeiras enormes do norte através do deserto, juntamente com os ferreiros com suas carroças de armamento – lanças, escudos e milhares de flechas. No entanto, algo mais temível chegou com a legião, o sinal do nosso destino, pois os romanos trouxeram consigo um leão preso por uma corrente. Desfalecemos de pesar ao ver aquele animal feroz. Ele, que um dia fora livre no deserto e governara as planícies da sua caverna, o símbolo da força da antiga tribo da Judeia, agora atendia às ordens dos seus guardiães. Ele nos fitou e nos seus olhos vimos o desejo dos romanos.

Eles queriam nos devorar.

Prenderam a pobre criatura a um poste de metal, erguido bem em frente ao palácio que pertencera ao rei Herodes. Aquele era o lugar em que se montariam os acampamentos de Silva, um local destinado a representar um insulto e um desafio todas as vezes que olhássemos na sua direção. Enquanto montavam os

acampamentos, ouvíamos o rugido da fera subjugada.

Yael confidenciara-me que sonhava com um leão. Ao mesmo tempo que temia essa criatura, sentia-se atraída por ela. Ela chorou quando me contou isso e entendi por que se sentia dilacerada pelo significado dos seus sonhos. Um leão poderia permanecer ao lado de um íbex na sombra, se o seu apetite estivesse saciado, poderiam até dormir juntos, as costas de um descansando na do outro, mas no dia seguinte, se o leão acordasse com fome, então ele deveria servir-se do íbex.

Agora, o sonho de Yael aparecera diante de nós. Ela ficou ao meu lado e chorou ao ver o leão dominado por sua corrente, preso como nós, escravizado por aqueles cuja brutalidade era uma afronta à natureza, ao nosso povo e a Deus. Depois que a poeira baixou, pudemos observá-lo claramente, pois havia somente o ar azul-claro de inverno à nossa frente e o dia estava luminoso, o vento fresco. Muitos disseram que era possível ver o céu daquela nossa montanha, mas agora parecíamos muito mais próximos do primeiro portão do inferno. O que ouvíamos e que nos esperava não provinha dos confins de Deus. Vinha de baixo de nós, do rugido do leão.

EM BREVE, os escravos que montaram os acampamentos construíram uma aldeia, com tendas e barracas erguidas durante a noite. O cheiro de comida pairava sobre o vale, carne cozida, pão, especiarias. A tudo assistíamos, na miséria, famintos, como fantasmas diante da mesa posta de um grande banquete. A construção continuou sem cessar, os escravos trabalhando durante a noite. Aquele era um empreendimento feito para durar; os romanos estavam se estabelecendo. Não iriam embora e não admitiriam a derrota. Começaram a construir doze torres, dispostas a uma centena de metros de distância, subindo tão depressa que parecia que surgiam diante dos nossos olhos. Depois que as torres foram construídas, qualquer homem que desejasse partir para o vale oriental representaria uma ameaça, denunciada pelos guardas no topo dos postos de observação. Eles nunca passariam para o outro lado.

Quando os acampamentos estavam quase terminados, mais escravos foram trazidos do norte para erguer um muro de pedras. Esse muro não chegou a nos preocupar até que começou a ziguezaguear em direção às montanhas, com um desenho estranho. Não entendemos as intenções os romanos, pois parecia uma empresa idiota designar mil escravos judeus para o trabalho, dia e noite carregando pedras tão pesadas que muitos dos trabalhadores caíam prostrados no chão. Quando esses miseráveis não conseguiam mais se erguer, eram mortos e deixados no chão, pois era mais fácil eliminá-los que curá-los. Os romanos

levavam a sério a construção daquele muro. Imaginamos que queriam cercar seus acampamentos, para se proteger de nós. Certamente nossos guerreiros tinham planos para ataques, que, apesar de perigosos, já estavam sendo elaborados.

Assim que foi informado do muro, Ben Ya'ir veio apreciá-lo do alto. Quando notou que as pedras eram amontoadas na direção dos penhascos, concluiu era aquele muro destinava-se a nos cercar. Ele cercava não só os acampamentos romanos, mas toda a montanha. Era um muro de cerco, com quase dois metros de espessura. O nosso líder compreendeu imediatamente que o objetivo não era o de proteger os acampamentos romanos, mas nos manter cercados.

Alguns guerreiros riram disso, pois o muro não era tão alto que um homem não pudesse escalá-lo sob a proteção da noite. Ainda não tinham percebido que havia outro objetivo para esse empreendimento. Os romanos visavam a uma crucificação da terra que nos pertencia, cada pedra do muro servindo como um prego na nossa carne. Estavam nos dizendo que lhes pertencíamos, assim como o leão acorrentado, assim como os escravos sob as suas ordens, assim como os seiscentos mil que haviam dizimado em sua guerra contra os judeus.

Eles queriam nosso medo e foi isso que tiveram. O medo tomou conta da fortaleza como uma febre. De repente, o ar azul pareceu difícil de respirar. Havíamos construído um mundo ali, um mundo que representava as aldeias em que conhecêramos a liberdade e a cidade que amávamos e para a qual esperávamos voltar. Cunhávamos as próprias moedas, o bronze despejado em moldes nas oficinas do palácio, impressas com o nosso sonho: *Pela Libertação do Sião*. Tínhamos nosso mercado, nossos padeiros e os comerciantes de vinho, os oleiros que faziam jarros e vasos de cozinha com a argila encontrada abaixo, no *nachal*. Assim como *Adonai* nos criara à Sua imagem, assim também havíamos criado Massada à imagem da nossa vida passada e da vida que esperávamos viver novamente, quando fôssemos livres.

Mas então, diante daquele muro de cerco à vista, as pessoas entraram em pânico, com medo de que o Sião nunca mais ressurgisse. Elas correram aos depósitos, cobiçosas no seu medo, pensando apenas na sobrevivência, como o chagal faz no meio da noite, quando a manhã parece um lugar distante. Mas até mesmo o chagal divide a presa com os da sua espécie, e não os atropela, nem os abandona. Nosso povo enlouqueceu com as obras dos romanos e com o medo do que estava por vir durante um cerco que poderia durar meses.

Eleazar postou-se sobre a fonte para deter o caos. Seus seguidores haviam lhe

dado um peitoral dourado em que sobressaíam quatro pedras preciosas de grande valor. Apesar de ter aceitado o presente, ele nunca o usara em batalha, preferindo envergar a mesma malha de ferro usada pelos seus homens. Agora, com a chegada dos romanos, passara a exhibir o peitoral de ouro para mostrar à legião, mesmo a distância, que éramos fortes e destemidos, e que fôramos escolhidos pelo Todo-Poderoso para derrotar Roma.

– Nós temos somente um inimigo – gritou ele.

As pessoas voltaram-se para ele como poderiam se voltar para um profeta. Ele era a pessoa que as guiara até ali, que acreditava nessa fortaleza como salvação. A montanha que defendera Herodes na época em que Cleópatra procurara lhe tomar essa terra agora também nos defenderia. Nesse ponto ele nunca vacilara.

– O muro é apenas um muro, feito de pedras. Mas as pedras são as pedras da Judeia. Elas nos pertencem e o inimigo só nos dá o que já é nosso. Não morreremos de fome, pois ainda há vinho e azeite suficientes para nos sustentar. Mesmo durante um período de sítio, teremos o necessário para comer. As cisternas estão cheias de água. Nosso Deus está em toda parte, de ambos os lados do muro.

Os que entraram em pânico, e que pretendiam atropelar-se por medo, recuaram. Já não ouvíamos os soldados no vale pois, como um milagre, o vento mudara de direção e as vozes ásperas haviam desaparecido, para que pudéssemos escutar nosso líder. A multidão aproximou-se para ouvir o salmo que Eleazar agora recitava, as palavras de Davi, nosso grande rei do passado, um guerreiro que, como qualquer outro homem, sentira medo, como sentíamos agora, como todos os homens sentiriam.

– Por causa do clamor do inimigo e da opressão do ímpio; pois sobre mim lançam calamidade e furiosamente me hostilizam. Estremece-me no peito o coração, terrores de morte me salteiam; temor e tremor me sobrevêm, e o horror se apodera de mim.

Permaneci na treliça de sombra que se projetava dos galhos da oliveira do meu jardim, mas meu coração se enlevou ao ouvir a voz do meu amado. Sua voz era pelo que mais ansiara quando fora expulsa de Jerusalém, pois o modo que ele falava era um milagre. Com as palavras, ele aproximava a alma do seu lugar de origem, uma glória a Deus, pois as palavras foram a primeira criação do Todo-Poderoso, depois do silêncio do mundo, e eram também um dom de Eleazar ben Ya'ir.

Fechei os olhos como se estivéssemos sozinhos e como se aqueles que se achavam entre nós já não se interpusessem no nosso caminho. O mundo era um rio, e eu fora trazida para cá nas suas correntezas, não em busca de esperança, mas porque era esse o meu destino.

*

QUANDO O VI pela primeira vez, em Jerusalém, eu me encontrava de pé junto a um poço, com um jarro de água nas mãos. Fora enviada a parentes da minha mãe porque não tinha pai nem *beit avi*, família da linhagem do meu pai. Embora tivesse de implorar para que me aceitassem, minha mãe queria que eu fosse retirada com segurança de Alexandria, onde as *kedeshah* estavam sendo expulsas de suas casas. Não haveria mais mulheres santas para os sacerdotes, pois as antigas leis de Jerusalém tinham se infiltrado no Egito. Minha mãe e as outras mulheres que eu sempre conhecera como tias eram agora chamadas de vadias e prostitutas, a exemplo daquelas nas ruas que tinham seus preços gravados nas solas das sandálias para que os homens que as seguissem soubessem o quanto deveriam pagar por seus favores. De uma só vez, o que antes era honrado agora era injuriado. As tatuagens de hena que as declaravam como mulheres de valor agora as assinalavam como indignas, e os sacerdotes a quem haviam se sacrificado foram os primeiros a acusá-las de seus pecados.

Antes da minha partida, minha mãe prendera seus preciosos amuletos dourados ao meu pescoço, sussurrando que apenas as minhas filhas deveriam recebê-los. Ela tirou o livro de encantamentos da caixa de pau-ferro, enrolou as folhas de pergaminho em linho para disfarçá-las, depois as entregou a mim, enchendo a caixa com ervas de que eu pudesse precisar: cominho preto, folhas de louro, mirra. Nesse momento percebi que ela poderia não sobreviver à virada contra quem ela era. Ela, que antes fora exaltada, era agora forçada a percorrer a cidade sob uma capa escura, escondendo o redemoinho de marcas que já haviam me convencido de que ela era uma rainha, as tatuagens que agora levavam as pessoas a desprezá-la, assobiando, como se fossem cobras e ela uma pomba, pronta para ser capturada. Antes de ser mandada embora, eu já fora iniciada no ritual doloroso e tedioso de me tornar tatuada, felizmente só nas costas e no peito, não no rosto ou nos braços e pernas, como a minha mãe fora marcada. Ninguém veria o que estava predestinada a me tornar.

Eu estava com doze anos de idade no último dia em que a vi, parada à minha frente, os olhos banhados em lágrimas. Essa era a minha idade quando fui ao poço em Jerusalém. Fui atraída para lá pela minha necessidade de água e porque me lembrei do que vira no Nilo. O meu parente aproximou-se de mim,

encontrando-me, pois eu não tinha permissão para ir ao mercado desacompanhada. Vi que seus olhos eram prateados, a cor do peixe. Ele tirou o balde de água da minha mão. Quando a sua mão roçou na minha, ele me garantiu que isso não importava, pois éramos do mesmo sangue e primos. Portanto, era como um irmão que tocasse uma irmã, o que não era pecado.

Ouvi-o e senti-me enfeitiçada, pois já naquele momento ele me pareceu ter o jeito de Deus na criação, e suas palavras se derramaram sobre mim como água. No entanto, eu também o enfeitiçara. Ele era um marido, um jovem de dezoito anos, e eu apenas uma menina. Ao mesmo tempo, senti a mesma força que experimentara quando o peixe se aproximara de mim por vontade própria. Ele não tinha escolha, pois fora escrito que meu primo e eu nos encontraríamos, e que nosso amor me arruinaria, e que eu não me importaria com isso.

AGORA, enquanto o ouvia proferir as palavras do rei Davi no dia da loucura, quando o nosso povo se transformara em chacais por medo, senti-me novamente em transe. Como qualquer outra pessoa na montanha, estava influenciada pelo esplendor da sua voz. Mas os outros não o conheciam como eu. Quando ele recitou a canção de David, senti como se falasse diretamente para mim, pois eu era a sua amada, e o fora durante todo aquele tempo.

– Quem me dera ter asas como as das pombas! Voaria e acharia pouso. Eis que fugiria para longe e ficaria no deserto. Selah. Dar-me-ia pressa em abrigar-me do vento e da tempestade.

Daquela montanha não haveria mais fuga para o deserto. Os seis acampamentos romanos com suas torres altas bloqueavam todas as passagens pelas ravinas, ou pela descida pelo caminho da serpente, ou ao longo do percurso traiçoeiro pela rota sul das falésias na parte traseira da montanha. A fortaleza era o único lugar em que poderíamos permanecer. Assim como o leão na sua corrente, não tínhamos como fugir das forças do inimigo. Estava escrito que tomaríamos posição ali e seríamos os últimos a fazê-lo. O resultado permaneceria desconhecido até se abater sobre nós e tudo o que poderíamos esperar era seguir o caminho de Deus.

– Eu, porém, invocarei a Deus, e o SENHOR me salvará. À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e Ele ouvirá a minha voz. Livra-me a alma, em paz, dos que me perseguem; pois são muitos contra mim.

Depois, quando as pessoas tinham se acalmado e a sua fé havia sido restaurada, as mulheres e as crianças foram recolher pedras para transformá-las em armas. Essas eram então atiradas em uma saraivada, como uma tempestade

de granizo que se precipitava sobre os trabalhadores abaixo. Mas os romanos pareciam preocupar-se pouco com as pedras que eram catapultadas na direção deles. A construção continuou enquanto eles levantavam as suas guarnições feitas de pedra. Se um escravo trabalhando no muro chegasse a morrer, haveria outro para substituí-lo. Se um soldado se ferisse e vacilasse, um companheiro ocuparia seu lugar.

No silêncio do crepúsculo, ouvíamos o eco das rochas que eram levantadas sobre o muro e tremíamos, apesar das palavras do rei Davi e da ardente confiança de Eleazar. Esse era o método dos romanos para nos intimidar e aterrorizar. Naquela noite, quando alimentaram o leão, deram-lhe um burro para que pudesse matar sua própria refeição. Podíamos ouvir os gritos do burro acima do tilintar infinito das pás e picaretas e das vozes ásperas dos homens gritando abaixo de nós. Houve um grande eco no vale e pareceu que os soldados estavam falando diretamente para nós, como se fôssemos aqueles que o leão tinha em suas mandíbulas.

Olhei para o precipício onde a minha filha se encontrava, escondida na caverna com o povo que escolhera como seu. Parecia uma caverna como qualquer outra, utilizada pelo íbex selvagem como abrigo. Se a presença dos essênios permanecesse desconhecida para os romanos, talvez ela estivesse de fato mais segura ali. Projetou-se um clarão brilhante, alguém na escuridão da sua caverna levantara uma tigela de bronze, que brilhava no escuro. Considerei aquilo como uma mensagem. Imaginei que fosse seu coração alcançando o meu. Apesar de tudo, ela ainda era a filha que eu labutara para trazer a este mundo.

*

NO MÊS de *Shevat* choveu torrencialmente. Nosso povo não plantou trigo, cevada ou linho, nem se aventurou à praça para celebrar o *Rosh Chodesh*, mas em vez disso ergueu os olhos para o céu inchado desde a porta de casa, incapaz de ver a lua nova e, portanto, de registrar o verdadeiro mês, que começava com a lua.

Meus vizinhos permaneceram dentro de casa, observaram a inundação e respiraram o ar frio. Eles se protegeram da chuva, tanto quanto eu era atraída por ela. Fui para o jardim e fiquei lá até estar encharcada. Agradei a Beree, o anjo da chuva, que se aproximou de mim quando o procurei, pois o havia chamado na esperança de que os romanos parassem a construção se a última das chuvas violentas da temporada os perturbasse. Quem sabe as poças de lama, profundas o bastante para as mulas e os homens se afogarem, servissem para atrasá-los.

Mas, ao contrário, os romanos empenharam-se com mais afinco na tarefa. Seu

mundo estava se patenteando diante de nós. Assim como os anjos, inclinamo-nos para ver o que estavam criando acima da areia. Mais escravos judeus haviam sido trazidos para o vale, amarrados com tiras de couro, tratados como pouco mais que ovelhas ou cabras. Só podíamos observar nossos irmãos que tinham sido escravizados nos chamar para salvá-los enquanto eram maltratados e espancados. Ouvíamos seu choro, mas não podíamos fazer nada para aliviar o sofrimento. Eles dormiam em cercados, como as ovelhas, sem abrigo da chuva, enquanto os soldados residiam com comodidade em grandes tendas armadas sobre as fundações de pedra, protegidas por muros, com guardas postados em cada um dos quatro portões que davam acesso aos acampamentos.

Uma vez eu acreditara que fosse capaz de controlar a chuva tanto quanto de invocá-la, mas agora, contemplando os inimigos, vi que estava enganada. Somente o anjo Beree era capaz de deter a chuva e fazê-la servi-lo, e assim mesmo pela graça de Deus. O que eu invocara só favorecera os nossos inimigos. Os romanos banhavam-se na água da chuva e davam graças aos deuses. A murta floresceu e seu perfume enchia o ar. Rebanhos de íbex vinham deitar-se diante dos acampamentos dos romanos para beber das poças, embora isso significasse que seriam abatidos, parecendo ser também uma dádiva do céu.

EMBORA ele estivesse doente, deixei meu filho aos cuidados da irmã e pedi a Yael para me acompanhar até o *auguratorium*. Vinha guardando os ossos de pombos sacrificados, secando-os ao sol, para depois usar para prever o futuro.

Subimos a escada em direção à torre. O mês de *Adar* estava começando, a época da floração das amendoeiras, e o ar estava perfumado. Do nosso ponto privilegiado, pudemos ver os acampamentos romanos na sua totalidade, um círculo de brutalidade. Os ossos que leváramos conosco em um saco de seda haviam se tornado tão brancos que pareciam incandescentes na escuridão crescente. Pensei nas pombas que tinham nos dado suas vidas, como eram bonitas, como eram leais entre si, como não nos temiam, as suas guardiãs, mesmo quando deviam ser sacrificadas.

Yael limpou a areia, em seguida despejou um círculo de cinzas que conteria o futuro, para que ele não se derramasse no presente. Ela alisou as cinzas com a faca que sempre carregava sob a túnica. Enquanto o fazia, recitou um hino ao rei Salomão. Tinha uma bela voz; cada canto que eu lhe ensinara era muito mais melodioso na sua boca do que na minha. A pureza da canção dissipou-se através do vale e por um momento nossos irmãos, que eram escravos labutando lá embaixo, olharam para cima, como se chamados pelo nome.

Eu ensinara bem a Yael, como sabia que ensinaria no momento em que a vi entrar pelo Portão da Serpente. Embora ela não se lembrasse de mim, conhecera-a havia muito tempo. Por essa razão insistira que aceitasse o amuleto de ouro que minha mãe me dera. Antes de dar à luz minha primeira filha e de ser expulsa de Jerusalém, antes de ser levada para a Montanha de Ferro por um homem a quem nunca chamei pelo nome, antes de Nahara chegar a este mundo, antes de ter um filho chamado Adir, um nome que o seu pai me permitira usar, pois significava nobre para o meu povo, antes que os pombos me trouxessem para cá, Yael fora a minha filha, embora não tivesse nascido de mim, e eu tinha sido a sua *immah*, a sua amada mãe, ainda que não passasse de uma menina na época.

Em Jerusalém, muito antes de qualquer uma de nós ouvir falar dessa fortaleza, eu lhe sussurrara as canções da minha mãe. Penteara seu cabelo, alimentara-a e cuidara dela, ainda que seu pai me instrísse para deixar seu cabelo despenteado e não lhe dar nada além de crostas, pois seu desejo era que ela nunca tivesse entrado neste mundo e a culpava por seu luto.

Chegara até a casa deles como uma serva, uma garota simples, de longos cabelos negros, tão inútil que o assassino nunca me fitara o rosto, não notara os meus traços, nem a minha história. Se minha mãe soubesse da minha condição, ficaria chocada ao descobrir que me tornara uma empregada doméstica, embora soubesse ler aramaico, hebraico e grego, e fora educada para conversar com os homens mais cultos de Alexandria. Na verdade, sentia-me aliviada por ter ido embora da casa dos parentes dela, que tinham passado a me desprezar. Fora a mãe de Eleazar ben Ya'ir que me mandara embora para ser uma criada. No dia em que cheguei à sua casa, ela me levou à *mikvah* com a sensação de que me achasse *tamé*, impura. Quando despi a túnica, procurei ficar nas sombras, mas ela me viu por quem eu era. Respirou fundo ao ver as minhas tatuagens, então rapidamente murmurou uma prece.

Depois desse momento, a minha tia não perdeu o filho de vista, pois desconfiava da minha educação. Em breve seu medo se concretizaria. Pelos olhares que compartilhávamos, ela descobriu o que se passava entre nós dois e rapidamente adivinhou por que o filho não se voltava mais para a esposa, apesar de estarem casados havia pouco tempo. Assim, minha tia, que prometera à minha mãe que eu estaria segura em sua casa, mandou-me logo embora, planejando tudo às pressas, sem o conhecimento de Eleazar, para que eu fosse servir em uma casa cuja dona morrera. Era um lugar de má sorte, onde ninguém queria trabalhar. Por isso fui aceita para a função, apesar de ser uma garota com pouco conhecimento das tarefas domésticas, tão jovem e inexperiente que muitas

vezes dormia chorando de saudade da minha mãe.

Antes de me mandar embora, a mãe de Eleazar atou um amuleto de ervas à minha capa e disse-me que era para dar sorte. Sorri e agradezi, mas sabia que não era nada disso. Ela procurara uma praticante de *keshaphim* para conseguir um encantamento que me vinculasse à solidão e me mantivesse longe do seu filho. Minha mãe me ensinara sobre essas coisas e reconheci a raiz de meimendro. Assim que cheguei à rua, arranquei a peça costurada à capa. Deixei o amuleto em uma calha em que corria o esgoto, pois era o lugar a que pertencia. Recitei a oração de proteção, *Amém. Amém. Selah*, de modo que Ele, o nosso Senhor, bendito seja o Seu nome, me livrasse da maldade da minha tia.

FUI MANDADA para a casa de Yosef bar Elhanan, onde dormia no corredor ao lado da criança de que devia cuidar. Ela era pouco mais que um bebê, esquecida no seu estrado, enquanto o irmão recebia todas as atenções do pai e tinha a própria babá. Enxuguei suas lágrimas quando ela chamava pela mãe, assim como eu o fizera quando acordava no meio da noite e me surpreendia ao descobrir que não estava mais em Alexandria e que não havia mais pátio nem fonte, nem lírios brancos rebrilhando na água escura.

Sensibilizada pela tristeza da minha protegida, eu sussurrava que ela podia me chamar de sua *immah*, muito embora tivesse apenas doze anos e faria melhor em me considerar a sua irmã. Sabia que neste mundo toda menina devia ter um protetor, pois a minha mãe assim me dissera e eu acreditava em tudo o que dizia. Embora tivesse saudade da sabedoria da minha mãe e dos seus conselhos, agora precisava tomar as minhas próprias decisões. Assim, resolvi cuidar da pobre criança sem mãe. Prometi a mim mesma protegê-la enquanto dormisse no corredor, que varria todas as noites para garantir que os escorpiões ficassem nos cantos.

Quando o pai dessa família mandou a cozinheira deixar apenas as crostas para nós, pouco mais que o alimento para os ratos, mesmo sendo a véspera do *shabat*, resolvi a situação com as mãos. Encontrei um cálice de bênção prateado e guardei-o sob meu manto. Embora soubesse que o roubo me atrairia uma maldição, levei o cálice ao mercado para trocá-lo por uma túnica e uma capa novas para a criança, juntamente com caquis, romãs e uvas, bem como uma roupa de cama para o corredor e uma pomba que planejava assar.

A minha pequena protegida chorou, agarrando-se a mim, quando percebeu que pretendia matar a pomba, implorando-me para libertá-la. Embora ela fosse calada, também era destemida quando precisava ser.

– Se eu fizer o que me pede – adverti antes de soltar o pássaro –, então você em troca deve atender aos meus pedidos.

Essa era uma barganha que minha mãe frequentemente fazia comigo quando pedia os seus favores. Yael deu-me sua promessa e soltei a pomba. Ela desapareceu no céu acima de Jerusalém e, ao fazê-lo, uniu-nos para toda a eternidade.

Não tivemos carne para a refeição naquela noite, mas Yael ficou contente. Eu também me senti satisfeita por cuidar dela, ainda mais ao descobrir que ela dormia bem. Nunca acordava à noite quando eu saía para ir ao poço onde vira meu primo pela primeira vez, para poder ser sua. Ele falava comigo e eu o escutava – foi assim que começamos. Ele contava da sua raiva contra os costumes dos sacerdotes do Templo, onde havia discordâncias sobre quem representaria o verdadeiro Israel. Dizia que não podia suportar que a Arca da Aliança, a palavra de Deus a Moisés, fosse guardada atrás de paredes de ouro, uma vez que fora concebida para ser colocada em uma tenda simples, como *Adonai* instruía inicialmente. Não era de admirar que desaparecera da vista dos homens.

A casa do nosso povo era a palavra de Deus, insistia Eleazar, não um prédio construído de pedra ou de ouro. Eu o ouvia e sabia que um dia outros o ouviriam também e o seguiriam, e eu gostaria de estar entre eles. Ele era culto e cantava os salmos de David, ansiando por incorrer na glória de Deus. Eu era tanto sua discípula como prima. Acreditava nele e em nenhum outro, e logo lhe pertencia. Entreguei-me a ele, como a minha mãe previra que faria.

Quando a esposa de Eleazar viajou para visitar a família no norte, perto da costa da Galileia, meu primo levou-me à presença de um homem culto para nos casarmos em segredo. Depois, conduziu-me à sua câmara, onde realizamos em atos o matrimônio. Eu ardia quando estava ao seu lado. Esquecia-me de Alexandria e do jardim em que estudara com minha mãe. Nunca revelei que era instruída em muitas línguas, pois era apenas a voz dele que queria ouvir, não a minha. Outro homem poderia ter questionado as tatuagens desenhadas no meu corpo e dado as costas a mim ao vê-las. Eu lhe disse que as marcas eram o mapa que me levava até ele e isso lhe bastou.

Ele me aceitava como eu era.

*

COMO UMA serva na casa do meu senhor, era de esperar que não soubesse nada.

Poderia nunca ter recebido nenhuma instrução, meu conhecimento transformava-se em cinzas. Tudo o que precisava era varrer o chão e cuidar da criança. Isso não era um problema para mim. Era carinhosa com Yael. Aprendi a ser mãe cuidando dela. Talvez me sentisse como se ela fosse a minha filha, o que contribuiu para aumentar a minha ternura por ela. Eleazar prometera que informaria à família sobre seu amor por mim, mas não conseguiu chegar a fazer isso. Disse que o pai era um tirano, mas eu sabia que era à mãe que ele temia. Uma noite meu coração disparou e meu sangue não veio com a lua. Senti-me quente e afogueada, sofrendo de uma sede constante, como me senti todas as vezes que esperava uma criança, pois cada vida que se desenvolvia em mim era como uma fogueira contra a qual não havia outro recurso senão carregar e deixar queimar.

Quando me tornei tão grande que não podia mais esconder meu tamanho, Bar Elhanan mandou-me embora da sua casa. A menina querida que fora minha filha agarrou minha capa e chorou. Assegurei-lhe que o seu irmão cuidaria dela, advertindo-o de que fizesse isso sempre. Yael correu atrás de mim, levando-me água. Era tudo o que tinha para oferecer, mas para mim, na minha solidão, parecia um grande presente. Chorei ao deixá-la para trás. Disse-lhe que, se Deus quisesse, voltaríamos a nos encontrar neste mundo, antes de passarmos para o Mundo Vindouro.

A *ÚLTIMA VEZ* que me encontrei com Eleazar em Jerusalém estava chovendo. Tal acontecimento foi uma alegria, inesperada e necessária. A poeira assentou, os ramos das árvores ergueram os braços para o céu. Tornei-me viva de novo, a garota na fonte, a nadadora no rio, aquela sem medo de se afogar. Permaneci na rua, em frente à casa da minha tia, até ficar encharcada. Por fim eu o vi, passando pelo pátio, fluido nos seus movimentos, tornando-se parte da torrente que se precipitava sobre nós, inundando as ruas, forçando as pessoas a permanecer dentro de casa.

Somente ele podia saciar a minha sede.

Eu o chamara para mim como aprendera a chamar a chuva. Não fora preciso nem um sussurro e ainda assim ele me ouvira. Eu acreditava que ele se divorciaria da esposa e me traria para sua casa, convencida de que, ao contrário de outras mulheres que procuravam desesperadas as praticantes do *keshaphim*, dispostas a pagar qualquer preço por um encantamento, eu nunca teria necessidade de feitiços de amor.

Mas Eleazar veio me dizer que a esposa insistira que tinha provas de que eu

estivera em sua cama. Ela jurara que o estrado em que dormiam estava manchado com o vermelho da hena da minha pele. A minha tia, que me desprezava, contara-lhe sobre as minhas tatuagens, para preveni-la, e portanto ela olhara debaixo do cobertor que tecera para o marido e encontrara a minha marca. O meu amado me prometera que eu era tanto sua esposa quanto ela, mas então vi a verdade em seu semblante, seu desejo por mim entrelaçava-se com a tristeza. Se elas encontraram a cor vermelha no local em que ficáramos juntos, então essa era uma previsão do meu destino e na realidade era o meu sangue, pois meu coração começara a chorar.

Fui dominada por um tipo de medo que não sentira antes, nem mesmo quando deixara a minha mãe. Lembrei-me do que ela previra no dia em que vi o futuro. Havia uma parte de mim que desejara ter ficado ao seu lado, embora tivessem tirado de nós a casa. Novos inquilinos certamente usufruíam da fonte em que cresciam os lírios brancos. Eu chorava sobre aquelas flores raras quando queria lamentar o meu destino. Disse que não poderia viver sem elas. Tornei-me frenética, incontrolável. Meu primo aturdiu-se, preocupado; pediu-me para esperar, enquanto corria ao mercado, de onde me trouxe um frasco de perfume. O presente deveria me agradar, pois transmitia o cheiro de lírios, mas a fragrância viera dos lírios vermelhos dos campos de Moabe e não dos que conhecera na infância. Chorei ainda mais, pois entendia agora a perda que sentira quando era apenas uma menininha, não mais velha que Yael, e vira o meu futuro no Nilo.

Eleazar prometeu que pleitearia com os anciãos da família para que eu fosse aceita no seu lar como a segunda esposa. Tais arranjos eram bastante comuns, especialmente entre as famílias ricas das cidades em que havia poucos homens, ou se a primeira esposa fosse incapaz de gerar um filho. O meu amado era um homem honrado, mas jovem, e ainda não se atrevera a enfrentar os pais. Ele aprenderia bem essa lição quando se juntasse aos zelotes que desafiavam os sacerdotes do Templo, mas por enquanto estava à mercê da família.

Garanti ao meu primo que esperaria até que fosse me procurar, mesmo sabendo que não o faria. As marcas que sua esposa jurava terem manchado o leito nupcial foram a minha ruína, e nenhum homem de algum valor me tomaria como esposa. Sua família não permitiria.

ENCONTREI um alojamento onde poderia me hospedar atrás da casa de uma *keshaphim*. Havia reparado na minúscula choupana quando fora ao mercado, pois minha mãe costumava ir a esses lugares em Alexandria e eu não me esquecera disso. Ela me instruíra que, em momentos de privação, poderia

encontrar refúgio entre as mulheres praticantes da magia. Três velhas que eram irmãs moravam lá. Eram todas solteiras, que se diziam ser bruxas que se transformavam em dragões à noite. Na verdade, eram pessoas de bom coração, pobres, mas experientes nos procedimentos da magia. Em troca da permissão de dormir lá, eu preparava as refeições e aprendi a fazer pão no pequeno forno de barro, nunca me esquecendo de separar os queimados como oferta em sacrifício a Deus para que Ele não me abandonasse. Meu primo não retornou. Sonhei com ele durante noites a fio e depois ele desapareceu dos meus sonhos. Então, quando acordava do sono, estava ofegante, pois me afogava nos sonhos, eu me afogava no rio a que a minha mãe me levava. Pela primeira vez percebi que, apesar de o peixe se aproximar de mim, ele também nadava para longe. Essa fora a razão pela qual me sentira desamparada enquanto permanecera atolada no Nilo.

Implorei às irmãs por um encantamento de amor, pois não se pode fazer um amuleto desses para si mesma. Elas moldaram uma taça encantada com a argila branca de Jerusalém, que diziam ser a mais pura do mundo. Antes de a taça ser levada ao fogo, eu deveria escrever em torno dela com uma cana afiada. *Santos anjos, eu vos suplico que, assim como esse barro é queimado, o coração de Eleazar ben Ya'ir queime por mim.*

Mas, ao ser queimada, a taça se quebrou. Reunimos os pedaços, embora eles nos queimassem os dedos. Era um mau presságio, mas peguei os cacos, enrolei-os em linho e os embebi com as minhas lágrimas.

Quando chegou a hora de eu trazer uma vida a este mundo, as irmãs foram minhas parteiras. O primeiro parto foi difícil. Eu era jovem e estava assustada. Desde aquele momento, tenho assistido a uma centena de nascimentos, mas meu sangue me aterrorizou, e o calor dilacerante dentro de mim quase me fez em pedaços. Quis desistir e deixar que o Anjo da Morte me levasse, mas uma das irmãs inclinou-se sobre mim para me exortar.

Ehyeh Asher Ehyeh. Em nome do que sou o que sou, o nome de Deus, saia. Você concluiu a jornada e agora chegou. Amém. Amém. Selah.

Chamei a minha filha de Rebeca e vi que tinha os olhos do pai. Isso foi tudo que recebi dele. Esse foi o castigo de Deus.

FUI CHAMADA à presença dos anciãos que me julgariam na cerimônia do *sotah*, na tentativa de provar a minha culpa como adúltera. A situação tornara-se uma questão legal, pois a mãe e a esposa de Eleazar me acusavam de adultério e de ter relações sexuais com demônios. Eles destrançaram o meu cabelo e deixaram-

no cair desgrenhado, para envergonhar-me e exhibir-me como uma das discípulas de Lilith. Pareciam se esquecer de que eu era apenas uma criança, pois completara treze anos poucos dias antes. Escreveram o nome de Deus em pergaminho e o mergulharam em um copo de água, para que a palavra se apagasse no líquido. Eu fui forçada a beber o nome do Todo-Poderoso. Se vomitasse, isso significaria que a minha impureza não aceitaria o que era puro. Então, eu seria revelada como adúltera.

Mas a água era meu elemento e não me abandonou. Bebi-a toda, permanecendo diante deles ilesa e impenitente. Declarei que não cometera adultério, e isso era verdade. Somente Eleazar ben Ya'ir era meu marido.

Eles ergueram a minha filha para examiná-la. Ela era um ser pequeno, com uma cabeleira escura. Parecia exatamente como eu quando nasci, a minha imagem em muitos sentidos. Aqueles que nos julgaram quase se convenceram de que não havia prova nenhuma de qualquer irregularidade. A criança morena era minha. Não havia sinal do pai, fosse ele humano ou uma criatura indescritível, nem asas, nem chifres, nem nenhuma marca do demônio. Eles quase nos deixaram ir. Até que encontraram a prova na cor dos olhos dela.

– Os olhos de um demônio – testemunhou a esposa de Eleazar, e talvez naquele momento ela acreditasse que isso fosse verdade.

O pai de Eleazar o confinara, para que não viesse ter comigo. Naquela noite ele conseguiu enviar um criado com uma gaiola de madeira contendo dois pombos, treinados para retornar a ele, dedicados um ao outro como nós. Levei os pombos e a minha filha na carroça que usaram para me expulsar da sua vista. Deixei o meu amado para trás, mas no xale mantive o que restava da taça encantada. Levei os pedaços de cerâmica para a Montanha de Ferro quando acompanhei o homem que pagou algumas moedas por mim. Usei goma de terebintina para colar os cacos quebrados no lugar. Então esperei. Passaram-se anos na espera, toda uma vida. Quando finalmente meu amado me chamou, quebrei a taça deliberadamente, certa de não precisar mais de tais encantamentos.

Mas, quando joguei os ossos dos pombos na torre para ler o que estava por vir, entendi que me enganara.

*

NOSSOS GUERREIROS saíam em pequenos grupos, com lanças, em silêncio, invisíveis e mortais. Atacavam os escravos que construíam o muro nos

penhascos atrás de nós e os soldados que os supervisionavam. Mas, assim que os inimigos caíam, outros os substituíam, como se não fossem carne e osso, apenas talos de trigo.

Quando o nosso povo roubava armas, no entanto, elas não eram tão facilmente substituídas. A raiva dos romanos era brutal contra esse tipo de ofensa, a retaliação tornava-se feroz. Mostravam que não tolerariam tais procedimentos, capturando os guerreiros que invadissem seus depósitos, aglomerando-se em torno deles em tão grande número que os nossos desapareciam sob o ataque.

Os escravos romanos haviam fincado madeiras profundamente na terra e erguido uma plataforma para que todos pudessem ver. Eles crucificavam o nosso povo no nosso próprio vale, depois cortavam a cabeça dos corpos, de modo que o espírito dos nossos entes queridos permanecessem vagando. Atiravam as cabeças ao chão e rolavam-nas para o leão. Mas o animal se recusava a pegá-las. Deitava-se e não tocava nelas.

Ainda era *Adar*, o mês das amêndoas e da boa sorte, a época em que Yael viera pela primeira vez ao pombal. Talvez o nosso povo ainda fosse de algum modo afortunado. Um sussurro espalhou-se entre nós, de que a besta que fora aprisionada era o nosso leão, estava do nosso lado. Entre os guerreiros formou-se uma aposta: quem libertasse o leão daria a maior glória a Deus. Aquele que o fizesse seria abençoado e traria a bênção de Deus para o nosso povo.

NÃO IMPORTAVA como pudéssemos rasgar as vestes e entoar lamentações, não haveria fim à nossa dor, pois sem os corpos ou sem os ossos não poderíamos homenagear nosso povo. As famílias dos assassinados davam gritos alucinados e procuravam os sacerdotes, pedindo vingança. Não havia um só homem entre nós que não daria a vida em troca da liberdade do nosso povo, mas uma vida não era nada para os inimigos. Éramos como os gafanhotos que eles podiam matar sem esforço, com um único tapa.

Meu filho tentou arrastar-se para fora da cama, usando uma muleta que fizera com um galho caído da árvore que crescia atrás do alojamento. Queria lutar ao lado dos companheiros, mas Aziza pediu-lhe que a deixasse ir no seu lugar. Ela se sentou à mesa e cortou o cabelo comprido, depois trançou com força o pouco que restara junto da cabeça. Ela instruiu o cão para ficar de guarda e não deixar que Adir deixasse o alojamento. Ao seu comando, o enorme mastim permaneceu ao lado do menino, rosnando, formando uma espuma nos cantos da boca.

– Estou prisioneiro? – o pobre Adir quis saber.

Ele ainda era uma criança aos meus olhos, mesmo que tivesse a minha idade ao ser expulsa de Jerusalém para encontrar o meu caminho no deserto, quando fora julgada como uma mulher e já abdicara da inocência.

Yehuda viria fazer companhia a Adir, cuidando para que não fugisse, pois o menino essênio não lutaria ao lado do nosso povo e, embora permanecesse conosco e Revka cuidasse dele como se fosse seu filho, ele se mantinha à parte com as suas crenças.

– Você é o meu carcereiro também? – Adir perguntou ao amigo.

– Isso eu nunca seria – Yehuda respondeu.

O menino essênio levantou-se e abriu a porta para Adir sair, caso fosse esse realmente o seu desejo. Mas Adir estava cansado das nossas discussões; ele se reclinou para trás no estrado, o rosto acinzentado. A sua vida de guerreiro foralhe tirada; dele próprio restava apenas uma parte. Embora eu sentisse compaixão, também estava aliviada. Egoisticamente, não queria arriscar a vida do meu filho.

A minha filha era outra questão. Ela fora forjada do ferro.

NO LADO DE FORA havia uma loucura crescente. Os romanos tinham começado um ataque com flechas incendiárias que caíam sobre nós em uma chuva incandescente. Uma parte do pomar se incendiou e, mesmo quando as chamas eram apagadas, nosso povo correndo a extingui-las com jarros de água preciosa, o perfume das frutas queimadas espalhava-se por toda parte. Enquanto nossas árvores eram destruídas, enquanto nossos filhos respiravam a fumaça, enquanto nossas roupas eram chamuscadas e ficavam pretas com a fuligem, os romanos montavam uma arena para brigas de galos, de modo que pudessem ter alguma diversão à noite. Quando se entediavam disso, eles incitavam os escravos uns contra os outros com lanças e correntes, pois, para os romanos, a vida dos escravos não valia mais que a dos galos.

Demos-lhes as costas e não olhamos para eles lá embaixo. Cobrimos as orelhas para não ouvir os escravos clamar por suas mães, suas esposas e pelo seu Deus, que parecia tê-los abandonado.

NO DIA em que meu filho foi chamado ao dever, a exemplo dos demais guerreiros, fui ao quintal com Aziza. Alguns diriam que eu estava errada em deixá-la ir tão facilmente e permitir que lutasse entre os homens, mas o seu destino já fora escrito. Talvez pudesse ter evitado a convocação para a guerra se não tivesse mudado seu nome, ou talvez fosse esse seu destino, não importava

por que nome fosse chamada. Ela seguia o caminho do seu elemento. Sempre escolhera o metal, um elemento frio e afiado. Isso lhe convinha, como lhe conviera cavalgar pelas pastagens.

Antes que partisse, ofereci-lhe o segundo amuleto de ouro para proteção que usava ao pescoço, mas ela balançou a cabeça.

– Estou protegida – ela me assegurou. – Não tenha medo.

Quando ela levantou o lenço, observei o medalhão prateado com a imagem de Salomão atacando um demônio feminino. Nenhuma mulher teria permissão de usar tal amuleto. Sua coragem deixou-me orgulhosa, assim como atraiu uma nuvem de pesar.

– Deveríamos ter ficado onde estávamos – eu disse com tristeza.

Começara a sonhar com a Montanha de Ferro. Nos meus sonhos havia quarenta árvores de acácia e, em cada uma delas, quarenta pássaros pretos. Eu me encontrava sob os galhos e descobria que não conseguia me mover. Meus pés haviam se entrelaçado com as raízes de uma árvore, os braços eram ramos cobertos de flores amarelas. As abelhas eram atraídas para mim e se aglomeravam ao meu redor, e eu chorava por não poder provar a doçura do seu mel, embora ele estivesse por toda parte.

Eu fizera tudo o que pudera para evitar que minhas filhas seguissem o meu destino. Nada disso impedira o que a minha mãe me dissera ter sido escrito antes de elas nascerem, antes de eu ir para Jerusalém e parar junto ao poço, e de fazer o que mais me agradasse, mesmo sabendo aonde me levaria. O amor seria a causa da minha ruína. Por essa razão fizera o possível para não amar as minhas filhas, para não atrair sobre elas a minha maldição. Nisso, eu fracassara.

– Aqui é o lugar onde deveríamos estar – Aziza me assegurou.

Sua pele estava queimada pelo sol. Notei que a cicatriz embaixo do seu olho brilhava muito branca em contraste com o rosto bronzeado. Ela poderia ter sido uma bela mulher, em vez disso era um guerreiro. Ela poderia ter sido um menino caminhando pelas ruas da cidade vermelha de Petra, em vez disso era a minha filha, que me seguira a essa fortaleza, e a quem eu amava, apesar das muitas maneiras pelas quais tentara não fazê-lo.

Quando ela foi para o quartel pensei na minha mãe, que ficara no pátio ao lado da fonte para me ver deixar Alexandria. Agora entendia que ela sabia que não me veria novamente. O meu coração falhou, porque eu vira o futuro e o que

estava por vir nos ossos que jogara no chão da torre.

Eu perderia tudo o que possuía.

Algo estava terminando, mas também começando. Podia sentir a vida dentro de mim se mover e mudar de posição. A criação começara no monte do Templo e talvez recomeçasse outra vez se o restante desaparecesse. Já havia homens falando de um terceiro Templo, que surgiria no futuro, mais glorioso que qualquer outro. Da destruição sucederia a luz, e as primeiras palavras seriam novamente pronunciadas em um silêncio sagrado, pois o início é sempre assim.

Caminhei até a muralha, a capa apertada em torno de mim. Descansei a mão sobre a barriga e sobre a minha filha que ainda não era nascida. O meu amado desejava um filho, todos os homens desejam, mas eu sabia que teria outra filha. Sempre carregava uma menina do mesmo modo, no alto, embaixo do coração. Queria outro mundo para ela, não aquele caos abaixo de nós. Ainda se viam poças de chuva no fundo do vale. Em qualquer outro momento, eu seria grata. As cabras selvagens e os cervos viriam beber. Os falcões e as garças cairiam do céu para se banhar, e os corvos, que haviam alimentado Elias no deserto, viriam até nós com ameixas nos bicos.

Agora só havia o leão, cuja corrente permitia-lhe rolar na água. Estava coberto de lama, as patas enormes deixando marcas fendidas na terra úmida. Obriguei-me a desviar o olhar do grande animal, pois não suportava vê-lo tão aviltado e domesticado. Lembrei-me dos ursos sírios treinados que podiam ser vistos nas ruas de Alexandria e de Jerusalém, mas o que via agora era muito pior, pois o leão fora humilhado na sua própria terra, despossuído como nós, senhor de nada, a não ser de pedras.

Em meio à minha tristeza, reclinei-me sobre o penhasco e, quando o fiz, avistei uma cabra preta ao lado da montanha. Por certo fugira da caverna dos essênios. O animal descarnado cambaleava entre as pedras, perdida e abandonada, incapaz de encontrar o restante do rebanho.

Era um sinal das trevas que se avizinhavam.

UM SOLDADO romano percebeu a cabra, mas um foi tudo o que bastou. Ele chamou os companheiros e rapidamente saíram todos atrás da criatura, primeiro por diversão, depois com o fervor implacável dos caçadores. Ao fazerem isso, depararam-se com o acampamento daqueles que só queriam a paz. Yehuda aproximou-se da muralha ao meu lado quando os romanos começaram a subir para as cavernas de calcário abaixo de nós. Era como se sua mãe, ainda entre seu

povo, o tivesse chamado ali, assim como me chamara o coração da minha filha. Éramos impotentes para fazer outra coisa senão assistir, enquanto os soldados escalavam o penhasco. Um deles caiu e eu me apressei a louvar a Deus, perguntando-me o que fora feito de mim para rezar pela morte de um homem sobre as rochas, regozijando-me com o som de seus gritos.

Os soldados que conseguiram atingir um patamar no penhasco depois lançaram cordas para garantir que aqueles que os seguissem tivessem mais facilidade em escalar a encosta. Como se diz dos anjos, podíamos ver o que estava para acontecer antes de acontecer, mas, a exemplo deles, não éramos capazes de alterar o resultado. Se era isso o que os anjos observavam quando contemplavam o nosso mundo, enquanto nos matávamos uns aos outros e nos torturávamos sem descanso, então senti pena deles como não sentira de mais ninguém.

Os nossos guerreiros apareceram para lançar uma saraivada de flechas, mas essas caíram sobre as pedras como se fossem pássaros caindo do céu. Aziza também acorrera à muralha, mas estava vestida como mulher e, portanto, era impotente, embora não pudesse ser impedida de atirar pedras, e ouvi o grito de guerra de Moabe escapar de seus lábios. Os soldados romanos tinham entrado na caverna e lá nossas armas não podiam alcançá-los. Vários dos nossos guerreiros puxaram Aziza de volta quando ela subiu na muralha, em uma tentativa de saltar para a briga abaixo de nós, pois um guerreiro como a minha filha não podia ficar de braços cruzados, e ela foi, portanto, contida por cordas.

Embora os assassinatos ocorressem fora do alcance da nossa vista, não estavam longe dos nossos ouvidos, e fomos obrigados a escutar o som da morte, tão terrível de ouvir, ainda pior quando o que vemos está dentro de si mesmo, as mil crueldades praticadas sobre aqueles que amamos.

Aziza e eu ficamos juntas e choramos, sem saber se os gritos que ouvíamos eram as vozes daqueles que amávamos ou dos impiedosos gaviões acima de nós. Poderíamos segurar as mãos sobre as orelhas, poderíamos nos virar, mas isso não acabaria com o horror. O lamento dos mortos pode ser ouvido em todos os cantos deste mundo e no Mundo Vindouro. Ele não para quando o som acaba, ele permanece dentro de nós, uma parte eterna do nosso ser.

POR ELA NÃO poder ser enterrada e seus ossos permanecerem espalhados, a alma da minha filha ficaria ao lado do seu corpo, perdida, tentando desesperadamente reinserir-se e tornar-se viva mais uma vez. Os chacais a encontrariam, mas a alma permaneceria na caverna, mesmo quando a levassem em suas mandíbulas;

ela veria quando os animais a sacudissem em pedaços para devorá-la. Ela sofreria todas as agonias da carne em espírito. Não haveria *taharah*, a purificação que prepara o corpo para o outro mundo, nem a água ou os óleos abençoados, nem o aloé para lavar os pecados da vida na terra. Ainda que os puros de coração, segundo se dizia, fossem capazes de ver a *Shechinah* enquanto morriam, eles erguiam os olhos para a face mais radiante e piedosa de Deus. Era o que eu poderia esperar. Que no momento da sua morte ela visse a luz de Deus e nada mais.

Desejei que a mentira contada pelos romanos sobre o povo do pai de Nahara fosse de fato verdadeira e que seu sangue corresse azul, de modo que, quando a cortassem, mais mil surgissem em seu lugar. Eu quase morrera no nascimento dela, e teria morrido não fosse por Aziza ter sido uma criança tão destemida. Toda aquela agonia passou somente a fim de que eu pudesse viver para entoar lamentações para ela durante todo o dia e toda a noite. Rasguei minhas vestes até as mãos sangrarem, lamentando como fizera antes. Embora a tivesse perdido quando ela me desafiara e se casara com Malaquias, lamentei-me amargamente por ela agora. O sangue dela estava em minhas mãos. Não culpei Malaquias nem os essênios, pois fora eu quem a levava à perdição, exatamente como a minha mãe previra que faria, arruinando todos os que amasse e alguém que pudesse me amar.

Quando a filha de Moabe nasceu, o pai esperou dez dias para vê-la, como era o costume do seu povo. Ele queria um filho, mas, quando entrou na tenda, o rosto se abriu em um sorriso. Era bom que um homem não pudesse ver o filho imediatamente, quando a criança ainda estava abalada pelo nascimento, inchada e azul pelo fardo de vir à vida. Aos olhos do pai, essa menina era um ser radiante. Ele era um homem que não escondia o que sentia. Ele escolheu o nome para ela e concordei com a decisão, pois Nahara significava a luz que brilhava sobre uma grande beleza. Concordamos em muitas coisas, mas nessa mais que tudo. Gostaria de saber se, do outro lado do Mar de Sal, o pai da minha filha sabia que ela estava perdida, se esperara por todo aquele tempo que voltássemos. Gostaria de saber se, quando ele me encontrou no deserto e levou-me consigo, agi errado por não o amar. No mínimo, deveria ter sido grata o bastante para oferecer-lhe em troca a minha lealdade.

*

NOSSO POVO saiu para ver a lua nova por ocasião do *Rosh Chodesh*. Elevamos a Deus as nossas orações, mas não nos rejubilamos. Não houve dança. O muro romano fora concluído, cercando-nos como uma víbora. Os acampamentos

tinham sido erguidos, vários deles maiores que a maioria das aldeias. Aqueles de nós que não tinham vindo de Jerusalém ficaram surpresos com o que a legião realizara; abaixo deles, havia mais pessoas do que muitos tinham visto na vida, todos os seis mil usando as túnicas brancas da legião e milhares mais escravizados para ajudá-los em suas tarefas brutais.

O acampamento principal dos romanos, montado diretamente à frente do Palácio do Norte, ostentava uma torre que rivalizava com a de qualquer guarnição. Houve outro grande acampamento atrás de nós, guardando a traiçoeira encosta oriental, e mais seis acampamentos menores dispostos em um círculo. Além do acampamento de Silva, ficava a aldeia de seguidores da legião, onde as pessoas cuidavam das suas necessidades cotidianas, criando galinhas, levando as mulheres para o seu prazer, rezando para seus deuses. Considerei cada um deles como o assassino da minha filha.

Saí à noite para a muralha, local em que produzira feitiços anteriormente, e lá proferi um terrível juramento.

Invoco e suplico a Deus, o Altíssimo, o Senhor de todos os espíritos e da carne, contra aqueles que traiçoeiramente assassinaram ou mataram, que derramaram o sangue inocente de uma forma injusta. Senhor, que supervisionais todos os anjos, diante de quem toda alma se humilha, vingai o sangue inocente e buscai justiça.

Escrevi essas palavras em um pergaminho, depois as queimei para que subissem ao Todo-Poderoso. Invoquei os anjos de *Chimah*, os mensageiros da ira e da vingança. Também se diz que *Chimah* é o nome das estrelas do céu que são as sete irmãs, que velam por nós nos momentos de dor. Enquanto implorava aos anjos, encostei uma faca sobre a minha pele e fiz um corte ao longo da palma da mão esquerda, embora o nosso povo não estivesse autorizado a cortar a si mesmo ou promover dano ao que fora criado por Deus. Cortei profundamente enquanto me oferecia em troca de manter meus filhos sobreviventes a salvo de todos os seres vivos, dos demônios que estavam tão próximos e do leão abaixo de nós.

OS INIMIGOS estudaram atentamente nossos costumes. Para eles, nada mais éramos que um escorpião preso sob uma peça de vidro. Eles queriam avaliar quando seria a nossa próxima ferroadada. Todas as vezes que tentaram escalar o caminho da serpente, derramamos óleo fervente sobre seus homens. Nossos arqueiros empoleiravam-se nas oliveiras e ao longo da muralha, prontos para abater quem quer que tentasse passar. O caminho era estreito e havia muitos na legião, os

romanos se tornavam um alvo fácil quando começavam a escalar a montanha.

Achamos que eles veriam o quanto um escorpião podia ser perigoso, apesar do tamanho diminuto. Mas, ao que tudo indicava, os romanos pareciam ter concluído que a melhor maneira de pegar um escorpião era esmagando-o no próprio jardim. Para nos destruir, eles precisavam chegar até nós. Então começaram a fazer seu próprio caminho, uma rampa larga construída na encosta oeste que subia na direção do Portão Norte. Barril após barril de terra foram trazidos para levantar essa rampa, que tomou a forma de uma montanha branca. Pensamos que eles eram loucos para tentar criar o que só Deus poderia formar, um penhasco que se elevava a cem metros do vale e por onde poderiam nos perseguir. Mas havia tantos escravos, o trabalho era tão incessante, que diante dos nossos olhos o penhasco apareceu, tão branco que seu brilho queimava. À noite parecia que o mundo virara de cabeça para baixo e as estrelas brilhavam abaixo de nós, subindo em nossa direção, ameaçando nos queimar com sua luz.

Os homens que estavam na sinagoga se reuniram para discutir se era ou não realmente possível que aquela rampa chegasse à nossa muralha. Mas, durante o tempo gasto para debater esse assunto, a rampa subiu tanto que podíamos ouvir claramente os trabalhadores. Os soldados romanos foram capazes de lançar dardos e lanças, que tiraram várias vidas. Estávamos atordoados com o que os nossos inimigos tinham conseguido e como, a exemplo do nosso Criador, haviam construído uma montanha da noite para o dia.

*

EM JERUSALÉM, eu vira minha rival apenas uma vez, quando subia na carroça no dia em que fui expulsa da cidade. Eu tinha na mão a gaiola de madeira com os pombos e carregava nos braços a minha filha, que chorava. Eles me forçaram a ir com os pés descalços, como era o costume; quando meus pés sangrassem, mais uma tristeza seria adicionada ao castigo. Lembro-me de que a esposa de Ben Ya'ir estava usando sandálias finas, feitas de couro de cabra, entrelaçadas com fivelas de metal. Ela usava colares de lápis-lazúli, cornalina e turquesa e pulseiras de ouro nos braços. Eu tinha apenas um lenço preto ao redor do corpo. Enquanto a minha inimiga me via subir na carroça que transportava ovelhas para o açougueiro, não pensei nos tormentos do deserto, nem nos abutres e nos corvos que nos acompanhariam. Não estava preocupada com o calor que se abateria sobre nós nem com os chacais que não se contentariam em esperar nossa morte para ter sua refeição. Em vez disso, tinha vergonha dos meus pés descalços.

Agora, depois de todo esse tempo, ela veio à minha porta no dia em que a

rampa romana foi concluída. A rampa não atingira o objetivo e por isso agradecíamos. Mas estremecíamos ao pensar que os romanos corrigiriam isso e que estavam determinados a nos alcançar, mesmo que isso significasse flutuar no ar.

O cão que vigiava meu filho latiu quando Channa se aproximou, como se ela pudesse ser o Anjo da Morte batendo à nossa porta. Dizem que os cães sabem distinguir essas visitas. Em Alexandria, eu testemunhara o cão de um padre uivar no momento da morte do seu dono; a criatura chorosa foi depois sacrificada para que o corpo pudesse ser enterrado ao lado do seu senhor. Segurei nosso cão de guarda pelo pescoço e abri a porta para encarar a minha interlocutora com ódio. Já a enfrentara uma vez nessa montanha e ela não tinha mais nenhum poder sobre mim.

Pelo menos ela foi esperta o bastante para não cruzar o umbral da porta. Observei a minha rival, o rosto contraído, os olhos tristes, e por sua vez ela me fitou. Nesse momento não procurei disfarçar que logo traria outra criança a este mundo. No entanto, era um mundo dilacerado. Para mim, o nascimento parecia menos uma dádiva para a alma que eu carregava que uma maldição.

O cão arregaçou os lábios e exibiu os dentes para a visitante.

– Só quero um minuto – disse Channa apressadamente.

Afrouxei o meu domínio sobre o cão e ele estalou os maxilares. Talvez Eleazar tivesse mencionado que ela tinha medo de cães. Talvez isso me agradasse.

– Pensei que quisesse a minha vida – comentei.

– Não. – Ela balançou a cabeça. – Queria o meu marido.

– Então vá procurá-lo – sugeri.

Ela pareceu hesitante. Somente quando comecei a fechar a porta, ela falou, disparando as palavras.

– Só você pode me conceder a proteção da vida dele.

Olhamos uma para a outra no umbral da porta. Perguntei-me se era possível que, mesmo naquele momento, enquanto Roma nos cercava, Channa pudesse estar tentando me atrair para uma armadilha, na esperança de me levar perante o conselho para ser julgada como bruxa. Ainda assim a escutei, pois aquela mulher e eu estávamos vinculadas uma à outra como a noite está ligada ao dia, sem

nunca nos conhecer e, no entanto, sem nunca nos iludir uma com a outra.

Talvez quisesse vê-la implorar por alguma coisa. A tentação dos seus apelos consternados e do seu remorso era irresistível. Mandeí o cão para dentro, depois saí para o pátio. Em qualquer outro ano, essa temporada teria significado o início do plantio, mas os campos estavam em pousio. Não havia sementes, nem homens para o trabalho com o arado, tampouco animais para ajudá-los.

– Não sou mágica – disse à minha rival. – Não posso conceder-lhe nada.

As amendoeiras estavam em plena floração e o hissopo também florescia. Channa terminara o remédio que lhe mandara e novamente estava propensa a ter dificuldade quando respirava fundo. Não mencionei que o hissopo crescia ali perto, ao longo do meu muro. Deixei que ofegasse.

– Hoje à noite os guerreiros sairão para tentar impedir a construção da rampa. Nem todos voltarão.

Eu estava decidida a não deixar que ela visse o quanto essa notícia me afetava. Se ela pensasse que eu era indiferente, não teria o poder de me magoar.

Channa continuou em face do meu silêncio.

– Sonhei que ele só voltaria com a ajuda de um pássaro preto.

– Não sou um pássaro – eu disse, embora estivesse alarmada com a notícia, pois também sonhara com um pássaro preto, um corvo, como o que visitou Elias e o alimentou quando ele se perdeu no deserto e não tinha sustento. – Por que veio me procurar?

Ela olhava para a criança dentro de mim.

– É um filho? – Sua voz soou melancólica.

– Agora você acha que sou uma bruxa e capaz de adivinhar a vontade de Deus. Acha que sou muitas coisas, ao que parece. Já pensou que eu era uma menina quando fui mandada para o deserto? Viu que meus pés estavam descalços, que os abutres me seguiam e que estava sozinha, enviada para morrer? Talvez seja por isso que teve esse sonho. Talvez esteja destinada a engasgar com as penas.

– Salve-o, mesmo que seja para si mesma – Channa disse-me então.

Ela levantou os olhos e vi a verdade, que ele era o seu marido e que ela estava disposta a fazer qualquer coisa para salvá-lo. Dei um passo para trás. Sabia que

ela ainda tinha poder sobre mim e que esse derivava do fato de que o amava.

– Eu devia ter levado você para nossa casa – continuou ela. – Então, seus filhos seriam meus como o meu marido era seu. Poderíamos ter carregado nossos fardos e nossas alegrias juntas, como irmãs.

Fiquei maravilhada por sua coragem de me falar dessa maneira, por não ter medo de cortejar o meu ódio e o meu despeito. Em vista disso, amoleci de uma maneira que não pensara ser possível. Talvez estivesse escrito que ela arruinaria a vida dela e a minha. Talvez ela também não tivesse escolha a não ser seguir o destino.

– Não faça para mim – insistiu Channa. – Faça pela pessoa que você ama. O nosso marido.

Observei-a enquanto se afastava, ligeira, acompanhando a muralha, embora voassem flechas por perto, algumas delas incendiárias. Ela não tinha medo delas; talvez não se importasse mais com questões como a própria segurança. Notei que seus pés estavam nus, que tinha um lenço preto enrolado ao redor dos ombros, que era ela quem estava agora no deserto e que tudo o que dissera era verdade.

FUI ATÉ o Portão da Serpente e pedi ao guarda que me deixasse passar. Entendi por que sonhara com quarenta acácias cercadas por abelhas. O sonho fora-me inspirado pelos anjos e pelo Todo-Poderoso. O que parecia ser um quebra-cabeça agora ganhava a forma de um caminho.

O guarda poderia ter me barrado, mas Amram passava perto e voltei-me para pedir ajuda. Ele parecia arrogante e impaciente, parcialmente vestido com sua armadura prateada. Trazia o cabelo comprido trançado, pronto para a guerra.

– Nenhuma mulher passa pelo portão – ele me disse friamente, já se preparando para a noite seguinte, quando os guerreiros pretendiam atacar os escravos que construíam a rampa.

Ele não fazia ideia de que o conhecera como uma criança mimada e doce, favorecida aos olhos do pai. Seu comportamento agora era agressivo e vi algo sombrio dentro dele, uma escuridão de espírito que não existia antes. Alguns sussurravam que os ataques do nosso povo tinham incluído o assassinato de mulheres e crianças. Juravam que os guerreiros não tiveram escolha, que era tudo pela causa do verdadeiro Israel e daquele cujo nome nunca pode ser pronunciado em voz alta, *Eu sou eu*. Mas a guerra provocava essas mudanças em todos, e essas eram acompanhadas da perda de *lev*, o coração verdadeiro,

especialmente naqueles que traíam as leis de Deus, que sabiam o que haviam feito e que diziam a si mesmos que agiam como deviam agir.

– Por acaso veio porque sua filha tem uma mensagem para mim? – perguntou ele.

Aziza rejeitara esse guerreiro, sem conceder-lhe uma razão para seu desagrado, e a dor que ele sentia era evidente. Ela não falaria com ele e parecia não ter interesse por ele.

– Você é a mensageira dela? – o guerreiro quis saber.

Ele usara a palavra *mal'ach* que, embora pudesse significar mensageiro, também poderia significar anjo. Talvez essa fosse sua maneira de chamá-la de *shedah*, como muitos a haviam chamado antes dele, ou talvez acreditasse que eu tivesse invocado os anjos de ira sobre ele, que fora a minha desaprovação que fizera Aziza se afastar dele.

Yael observara-nos da praça. Ela usava um manto cinzento esfarrapado que era muito grande para seu corpo. Adiantou-se, preocupada, ao perceber a amargura do irmão.

– Shirah não é a causa das ações da filha – Yael lembrou suavemente.

– Ou sou eu, ao que parece – disse Amram em um tom acalorado. – Ela não pode nem me ver.

– Seja paciente – Yael sugeriu. – Ela pode voltar para você.

Amram estendeu a mão para fazer uma varredura rápida do caos abaixo de nós.

– Não tenho tempo para esperar.

Yael notara a cesta que eu carregava. Ela me lançou um olhar rápido, em seguida pediu ao irmão se poderíamos apanhar ervas na encosta.

Amram balançou a cabeça, pois isso não era permitido.

– Não neste dia.

– Meu irmão – Yael brincou –, devo recordar-lhe que me lembro de quando dormia com o polegar na boca e temia o escorpião no corredor?

– Yaya – disse ele, balançando a cabeça e sorrindo, apesar de tudo. – Não posso deixar você ir.

– Teremos cuidado – ela prometeu. – O que tiver de ser, será – ouvi-a sussurrar em seguida. – Vou procurar uma erva que lhe trará sorte.

Amram ainda era seu irmão, disposto a ouvir seus pedidos. Ele falou com o guarda, que nos franqueou a saída pelo portão. A luz do dia estendera-se em longas sombras, o que nos permitiu sair coladas aos penhascos sem sermos vistas. Tivera a intenção de ficar sozinha, mas agora não tinha escolha quanto a isso. Talvez fosse conveniente Yael acompanhar-me, pois ela aprendera as magias que minha mãe me ensinara e não teria medo do que deveríamos realizar.

Caminhamos juntas ao longo da encosta, depois descemos nos equilibrando em direção a um barranco úmido entre duas cavernas. Uma vez, juntando gravetos ali por perto, observara cachos de flores cor-de-rosa perfumadas brotando de arbustos altos e esguios. Eram primos silvestres do rododendro, uma flor para a qual a minha mãe apontara em Alexandria a fim de me advertir dos seus perigos. Assim como a raiz dos *ba'aras*, que tinham o pendão de tirar a alma do inimigo, as folhas e as raízes do rododendro eram proibidas, embora muitas vezes fossem usadas para *pharmaka* em matéria de amor e de vingança. De todas as partes dessa planta tóxica, as flores eram as mais potentes.

Agachamo-nos e ouvimos atentamente a lama do *nachal* escorregando sob os nossos pés descalços. Estávamos protegidas do vento. Parecia que nos encontrávamos em outro mundo, em que conseguíamos nos lembrar de como o deserto podia ser belo. Estávamos nos aproximando da Festa dos Pães Ázimos e o sol seria forte na ocasião. A flor do rododendro era a poção que viera encontrar, eu não teria necessidade de inventar ou criar, pois ela já era parte da criação. Os feitiços e encantamentos não eram suficientes para proteger meu amado. Era de veneno que eu precisava.

Levantei a mão para que Yael dobrasse a atenção em direção ao eco que ressoava perto. Sob o barulho incessante dos romanos, elevando-se enquanto eles trabalhavam com pás e picaretas, ouvia-se o som de abelhas. Na primavera, muitas vezes elas invadiam aquelas montanhas, viajando para cá provenientes do Egito para o último florescimento do deserto antes da chegada do calor. Seguimos o zumbido até um tronco caído, de onde escorria o mel amarelado, que alguns entre nós chamavam *debas* e outros referiam como maná. A comida das abelhas muitas vezes era a salvação para quem se encontrasse no deserto, apreciada igualmente por homens e animais. Mas esse mel era como nenhum outro, pois fora produzido a partir das fatídicas flores cor-de-rosa que desabrochavam na ravina; apenas uma pequena amostra deixaria um homem enlouquecido durante horas, talvez dias.

Encolhi os ombros da minha capa e insisti para que Yael ficasse para trás. Somente eu estaria a salvo das picadas das abelhas iradas, pois derramara sal sobre a minha pele, de modo que elas não viessem para cima de mim quando alcançasse o interior do tronco para tirar um favo de mel. Antes que os nossos guerreiros partissem para destruir a rampa dos romanos, os soldados da legião que partilhassem desse mel contaminado ficariam enlouquecidos. Quando a noite chegasse, eles não seriam capazes de saber se estavam sonhando ou se realmente nossos homens haviam caído sobre eles. Na confusão, com os homens embriagados, eles não conseguiriam sacar as espadas.

Yael e eu encolhemo-nos ao lado de um penhasco enquanto as abelhas circulavam em torno do favo de mel. Polvilhei sal sobre o favo, forçando as abelhas a voltar para as mortais flores cor-de-rosa, de onde coletariam mais néctar. Quando expus minhas intenções, Yael não pareceu surpresa. Admitiu que saíra em busca de mim porque ouvira uma voz chamando-a, dizendo-lhe o que deveria fazer. Seria ela a pessoa que levaria o veneno para os inimigos. Fora essa a razão pela qual decidira deixar Ariei com seu pai e por ter vestido a capa do assassino, tirando-a de um gancho no seu alojamento para servir como armadura, por mais frágil e fina que fosse. Quando a puxou sobre a cabeça, ela desapareceu diante de mim. O pano era da cor do céu claro, das pedras e da fraca luz do sol que se projetava sobre nós. Até mesmo o cabelo escarlate desaparecera sob a cobertura; seu rosto se ocultou, tornando-se uma névoa.

Eu planejava depositar o maná contaminado para os romanos, mas Yael insistiu que a voz lhe falara por uma razão. Eu não queria deixá-la ir, ou ser a causa de qualquer mal que pudesse lhe acontecer. Cheguei a implorar, mas ela não quis ouvir. Acreditava que fora chamada para tirar o mel das minhas mãos. Na verdade eu entendi, pois no meu sonho ela estava ao lado das acácias. Ela levantava os braços para o céu enquanto tomava o meu lugar.

Gostei de Yael ter dado ao escravo o amuleto de ouro para proteção; todas ficáramos consoladas ao imaginá-lo encontrando o caminho para a sua terra, onde a neve descia em espirais. Ainda assim, ela precisava de proteção. Prendi o segundo amuleto de ouro em volta do seu pescoço, apesar das suas alegações de que não era digna dele. Sabia que ela deveria ser protegida pelo signo do peixe, pela promessa de água e pela graça do Todo-Poderoso.

ESPEREI NA LUZ minguante do dia enquanto Yael ia sozinha. Tínhamos entrado na hora que o firmamento se abria à nossa visão, um momento em que os homens santos insistiam que conseguiam enxergar o trono de Deus. Eu via apenas os penhascos à nossa frente. Não ousava erguer os olhos para a caverna na encosta

onde se dera a matança dos essênios, pois o espírito da minha filha permanecia ali, frio e sozinho. A maldade do mundo era parte da criação, eu sabia disso, e o Anjo da Morte fora criado no dia do surgimento da vida, mas ainda assim sentia-me amargurada. Chorei pelo que perdera, pelo que o mundo perdera e pelo que ainda seria perdido.

Yael seguiu rapidamente pelo caminho que descia a montanha. Mal consegui avistar a sua forma sob o manto enquanto se aproximava da rampa branca que levava ao inferno, como passáramos a chamar o vale que fora nosso e se tornara parte de Roma. Quando se aproximou do local da construção, ela imediatamente deixou o favo de mel sobre uma saliência na pedra, depositou-o com cuidado, para que os soldados que supervisionavam os escravos com certeza o encontrassem. O doce aroma os atrairia e eles devorariam o veneno como o nosso povo apreciara o maná depois de se libertar da escravidão no Egito. Então os nossos guerreiros teriam certa dose de segurança quando atacassem.

A cortina da noite em breve se fecharia sobre nós, o favo de mel estaria no lugar, e no entanto Yael demorava a voltar. Senti frio enquanto observava as estrelas aparecerem e ainda assim ela não vinha. Comecei a me preocupar e a andar de um lado para o outro, pois ela parecia ter desaparecido. Embora usasse o amuleto de ouro para proteção, somente Deus poderia protegê-la naquele vale. Começou a ficar tarde e tornei-me frenética, quase dominada pelo medo do que pudesse ter-lhe acontecido. Então vislumbrei uma névoa a distância.

No escuro, Yael conseguira agachar-se ao lado de uma pedra e permanecer escondida enquanto os romanos exercitavam-se no campo para a guerra que se aproximava, lutando com as espadas e as lanças que usariam contra nós quando a rampa branca estivesse concluída. Finalmente, quando os soldados retornaram aos seus quartéis, Yael levantou-se de trás da rocha. Eu não conseguia entender o significado dos seus movimentos quando ela deixou a segurança do seu esconderijo e continuou a seguir adiante. Perguntei-me se ela teria provado do mel e enlouquecido a ponto de pensar que poderia entrar no vale dos romanos e sobreviver. Ainda assim, ela continuava a seguir em frente.

Diante dela estendia-se o charco de lama e, além dela, estava o leão.

Em todo o vale, somente a fera a observara, ou talvez tivesse sentido o seu perfume. Yael fora à *mikvah* naquele dia e, quando o fedor está por toda parte, o cheiro do que é puro destaca-se de tudo. O leão ergueu a cabeça e olhou através do charco enquanto Yael seguia seu caminho, pisando com cuidado. Eu não podia suportar a ideia de vê-la dilacerada, devastada e devorada enquanto a

observava, a menina a quem amava como se fosse minha filha, desde quando eu mesma era uma menina. O meu pesar era enorme ali sozinha na escuridão crescente, chorando por tudo o que fizera no mundo e pelas inúmeras pessoas que magoara. Pensei que talvez estivesse testemunhando o Fim dos Dias e que os essênios tivessem razão o tempo todo e nós fôssemos simplesmente imprudentes demais para ouvi-los. Pensei no que os ossos que jogara tinham revelado, no futuro que vira e em tudo que ainda tinha a perder neste mundo.

Yael postou-se diante do leão. Ele poderia facilmente alcançá-la e atacá-la, mas não se mexeu. A cauda mexeu-se, nada além. Yael aproximou-se ainda mais. Eu os via através de uma camada de névoa. Uma criatura feroz, uma poça de água, uma mulher que não sentia medo. Talvez porque já fora mordida por um leão, ela imaginasse que seria imune a quaisquer outras mordidas, como alguns que são atacados por abelhas nunca mais reagem às picadas.

Ninguém no acampamento romano prestara atenção ao leão por algum tempo, ou sequer pensara em alimentá-lo desde a sua chegada. Um burro fora tudo que lhe coubera. Ele fora maltratado, quase morto de fome, deixado para ficar exposto ao sol ardente, incapaz de fugir das torrentes de chuva quando caíram. Ele servia ao seu propósito, amedrontar-nos, e agora estava abandonado. Os corvos se aproximavam, mas ele não conseguia alcançá-los. Os íbex, os cervos e as ovelhas eram assados nas fogueiras dos romanos, mas ao leão não coubera nem uma lasca da carne ou dos ossos.

Ele não se moveu quando Yael se aproximou, nem recuou diante dela. Talvez não a atacasse porque fora humilhado, tirado da sua terra, sofrera maus-tratos, e agora era incapaz de agir como um leão. Ou talvez estivesse apenas esperando por um mensageiro de Deus, como esperávamos por Gabriel.

Yael então se aproximou o bastante para soltar a fivela de latão que prendia a coleira da criatura à sua corrente. Eu não conseguia respirar nem me mover. Imaginei que o animal se voltaria contra ela e então eu veria a sua morte diante dos olhos. Em vez disso, o leão levantou-se e parou diante dela. Ele olhou para Yael com os olhos amarelos, mais curiosos que ferozes. Pode ser que a tenha reconhecido como uma da sua espécie e se perguntado se queria acompanhá-lo. Pode ser que acreditasse que ela fosse um sonho, pois se os leões sonhassem certamente seria assim, a liberdade no meio da noite, mãos que os soltam das correntes, montanhas elevando-se à frente.

Yael levantou os braços, como fazíamos para permitir que as pombas levantassem voo. O leão virou-se para correr através do vale, desaparecendo nas

falésias, a sua cor pardacenta como manto que lhe permitia desaparecer diante dos nossos olhos.

Eu soube então que havia testemunhado um milagre. Esperei no lugar em que estava, rezando, dando graças ao Todo-Poderoso, a minha fé renovada, enquanto no fundo do vale o mais valente guerreiro entre nós regressava para a nossa montanha, invisível a todos os homens sob o manto acinzentado, mas radiante na escuridão, uma estrela brilhante aos olhos de Deus.

NOSSOS GUERREIROS saíram naquela noite para encontrar os soldados da legião inebriados, enlouquecidos e meio adormecidos, pois tinham misturado o mel tóxico com vinho para fazer hidromel, e muitos tinham bebido o veneno. Os nossos homens mataram tantos quantos puderam antes que os gritos dos abatidos trouxessem centenas de outros soldados correndo. Nesse momento, os guerreiros de Massada voltavam, haviam começado a escalar o precipício. Vários se perderam na luta e foram trazidos nos ombros dos seus companheiros. Pelo menos teríamos seus corpos e poderíamos preparar suas formas terrenas para o enterro. Em Jerusalém, teríamos levado os mortos para as cavernas dos ancestrais, e depois de um ano recolheríamos seus restos para serem armazenados em ossuários de pedra. Ali não havia tempo para tais práticas. Embora os romanos retaliassem com uma tempestade de flechas incendiárias, nos reunimos na praça para entoar lamentações, rasgar nossas vestes e estender os mortos para descansar.

Durante o luto, alguns dentre nós olharam para o vale. Viram que o leão fora libertado das correntes de Roma para retornar aos penhascos da Judeia. Houve gritos e orações. Multidões se reuniram, aturdidadas, perguntando se fora Gabriel, o mais destemido dos anjos, que produzira aquele presságio para nós, pois certamente nenhum homem teria a coragem de se aproximar de um leão.

*

AINDA ASSIM, os romanos construíram a sua rampa branca, ainda assim ela subiu mais alto. Embora despejássemos óleo quente, lançássemos pedras, atirássemos flechas, eles continuaram, uma máquina mortífera concentrada na vitória. Em semanas, a rampa achava-se a uma distância da nossa muralha igual ao comprimento de algumas armas, e os danos que seus soldados podiam provocar agora eram grandes. Tivemos muitas perdas e incêndios ocorriam todos os dias. O que quer que destruíssem com pedras, e chamamos nós reconstruíamos, mas não tínhamos mãos suficientes e aumentavam as ruínas ao redor. Agora, ninguém se atrevia a sair da fortaleza, ou até mesmo se aproximar da muralha. Nós nos

amontoávamos ao vento. Um grande silêncio se abatera sobre nós. Era o desespero, e ele passava de um para o outro mais rapidamente que a febre.

Quando à noite Eleazar me procurou, não falou nada. Embora as palavras sempre nos unissem, não eram suficientes para nos salvar agora. Abaixo de nós havia um borrão de movimentos, cada vez mais agitados, mais determinados e mais brutais. Éramos lembrados de como as abelhas podiam criar cidades inteiras da noite para o dia nas colmeias. Assim também a legião era capaz. Onde houvera seis mil, agora havia dez mil diante de nós. Os romanos eram como um enxame interminável. Não seria possível superá-los em batalha ou fugir deles. A única opção seria passar sal na pele, por mais que doesse fazer isso, e cobrir-se com um manto para poder desaparecer.

Meu amado primo dissera ao nosso povo que os romanos seguiriam em frente quando entendessem que não seríamos vencidos por um cerco. Tínhamos o bastante para nos sustentar, poderíamos passar fome, mas seria possível viver na pobreza e sobreviver por um ano com rações, talvez dois. Certamente Roma se cansaria de nós e decidiria usar o poder da legião para um propósito melhor. Agora que a rampa subira tão alto na encosta ocidental, meu primo já não falava dessas coisas nem nos dava nenhuma falsa esperança. O Anjo da Morte tem mil olhos e nenhum homem o deixa para trás. Contavam-se histórias de homens que tinham cavalgado a noite toda para escapar ao seu destino, apenas para chegar a uma aldeia longínqua em que o Anjo os esperava, conhecendo o destino das suas vítimas antes que elas próprias o soubessem. *Mal'ach ha-Mavet* realizaria seu propósito, não importava com que rapidez fosse capaz de cavalgar, mesmo que o cavalo fosse tão rápido quanto era o do meu marido, o grande Leba, que guardava o coração de mil cavalos.

Eleazar e eu fomos à cisterna depois do escurecer, já não nos importando com quem pudesse nos acusar de pecado. A Morte nos vigiava tanto quanto nós a ela, mesmo de olhos fechados. Na água, abracei meu amado em silêncio; ele estremeceu, pois acabara de ser ferido e eu não prestara atenção à sua lesão. Quis cobrir o corte com *samtar*, mas ele me disse que não havia tempo. Quando ele disse isso, comecei a chorar, como fizera naquele dia em Jerusalém quando chovia e ele fora ao mercado para me trazer um frasco de perfume com a fragrância de lírios. Fora a última vez que nos víamos, até ele me chamar a essa montanha. Agora, eu o perdia novamente.

– Não faça isso – ele me disse enquanto eu chorava. – Não há tempo para isso também.

Ele fora endurecido pelos anos de luta. Quando o conheci, ele não era muito mais que um menino, agora matara tantos que suas mãos estavam manchadas. No entanto, as lágrimas não podiam desfazer o que realizara nem lembrá-lo de quanto éramos humanos. O sofrimento do mundo pesava sobre ele. Sequei os olhos, porque ele me pediu para fazê-lo. Sempre fizera o que pedia, não porque era obrigada a fazê-lo, mas porque via no fundo quem ele era e como ele mesmo sofrera. Quando o olhava, não via a face brutal que os inimigos enxergavam, ou os braços e as costas fortes de um guerreiro que envergava uma armadura de aço, mas o rapaz do poço que vira muito além das tatuagens de hena que eu usava. Ele sempre soube quem eu era.

Eleazar segurou meu cabelo e levantou-o para beijar-me o pescoço. Sem os amuletos, eu estava desprotegida. Senti-me arder. Acreditava estar segura em sua companhia. Ele, que se mostrava tão cruel no campo de batalha, ainda era o menino que fora um dia, tão ansioso por mim que a sua esposa, o seu pai e todas as leis de Jerusalém não puderam afastá-lo de mim. Ele sussurrou que preferia gastar o pouco tempo que nos restava nos braços um do outro. *Não falemos, nem nos lembremos dos nossos problemas, vamos nos deitar juntos e esquecer o mundo, lembrando-nos apenas um do outro.*

Os romanos nos encontrariam como abelhas; cairiam como um enxame sobre nós e o sal cairia da nossa pele, que ficaria nua e indefesa perante eles, como agora estávamos um com o outro.

*

QUANDO SAÍMOS do nosso sono agitado, descobrimos que a rampa no lado ocidental da montanha já estava concluída. Fazia um tempo frio, nublado e azul. Já era o mês de *Nissan*, em que nosso povo celebrava a liberdade. Quando abrimos os olhos, foi como se a rampa sempre tivesse estado lá, existindo como por mágica, mais real que as montanhas, que existiam desde que Deus as criara.

Naquele mesmo dia a poeira se levantou sobre o chão do deserto quando um grupo de viajantes chegou do Oriente. Vi que muitos dos mantos eram azuis. Eles pertenciam ao povo do pai de Nahara e Adir, nômades das montanhas de Moabe. Traziam todos os tipos de especiarias e tesouros de Petra e vinham oferecer sua ajuda aos romanos, com quem tinham um tratado de paz. Quando pensei naqueles homens, meu coração afundou, porque sabia que eram ferozes e difíceis de derrotar.

Meu cabelo estava úmido depois da noite na cisterna, os braços doíam de tanto abraçar um homem que sempre me deixava enquanto dormia. Eu acordava

na beira do poço, ao lado da água profunda, uma cobertura de pó de gesso manchando a pele, e estaria sozinha. Apesar da minha barriga inchada, eu tinha emagrecido. O homem que fora o meu marido em Moabe teria notado, teria procurado me alimentar com tâmaras e figos, porque acreditava que uma mulher magra era como um cavalo magro, fraca demais para as montanhas da sua terra. Ele me amava, embora nunca o dissesse. Ficava me olhando durante todo o tempo que permanecíamos juntos, como se os seus olhos nunca se cansassem das minhas formas.

Eleazar não notara que as minhas costelas estavam visíveis, ou que os ossos dos ombros e da coluna destacavam-se contra a pele. Não vira que a dieta insuficiente de raízes e feijão deixara meu cabelo menos brilhante, porque eu o trançava e depois prendia acima da cabeça com dois pinos feitos de chifre. Para ele, eu era a garota com longos cabelos pretos no poço de Jerusalém, assim como ele era o meu amado, o homem que ficara comigo na chuva e me tomara para si; aquele a quem eu fora prometida o tempo todo.

JÁ NÃO tomávamos conhecimento das leis dos homens, apenas das leis de Deus. Rezávamos dia e noite sem parar. Os anciãos reuniam-se na sinagoga e, pela luz bruxuleante do pouco azeite que nos restava, pediam perdão a Deus e sua graça. Os romanos haviam colocado toras de madeira sobre a rampa para receber os barris de terra branca que os escravos continuavam a derramar sobre ela. A rampa estava agora tão próxima que os romanos podiam nos falar, e Silva em pessoa aproximou-se para gritar o nome de Ben Ya'ir. Alguns dos nossos homens responderam que nosso líder nunca falaria com demônios, pois um demônio era capaz de tirar a alma de alguém por meio de palavras. Era verdade, sabíamos, pois quando ouvíamos o demônio que comandava a décima legião ele nos trazia nuvens de terror. Cobrimos as orelhas, mas ainda assim podíamos identificar as palavras de Silva. *Rendam-se agora e deixaremos que partam em liberdade.*

Exatamente o que haviam dito aos guerreiros da fortaleza de Maqueronte antes de assassinar cada um deles, deixando-os para os chacais, de modo que os ossos fossem espalhados pela floresta, como se nunca tivessem sido homens um dia, mas vindo a este mundo como pedras.

BEN YA'IR não deu nenhuma resposta a Silva, em vez disso enviou uma chuva de flechas incendiárias. Vi os melhores arqueiros em cima da muralha, a minha filha entre eles. Ela usou tantas flechas que em pouco tempo não tinha mais nenhuma. Naquela noite, ela ensinou Adir a fabricar aquelas armas, como manter o sílex em linha reta para não raspar as mãos nuas enquanto esfregasse a

ponta fina de metal contra a pedra, como amarrar a ponta afiada à haste de madeira com uma tira fina de couro. Como Yehuda não pudesse, pela sua fé, tocar um instrumento de guerra, ele recolhia as penas dos pombos para prender às flechas, para que elas voassem em linha reta das mãos da minha filha até o coração do inimigo.

Aziza chamou-me de lado antes de voltar à muralha com a cesta de flechas recém-acabadas. Ela parecia muito forte, com os músculos retesados, o rosto bonito, contraído e bronzeado. Minha filha me disse que aplicaria todas as táticas para salvar nosso povo, com exceção de uma. Não atiraria em nenhum homem de manto azul. Um deles poderia ser o que fora o pai de Nahara e Adir, o meu marido um dia, que havia muito tempo se esquecera de que Aziza não era sua filha verdadeira por nascimento.

Dei-lhe a minha bênção, lançando pó de cobra sobre seu cabelo curto e preto para a proteção. Senti o meu amor por ela no fundo da garganta. Não o revelaria em voz alta, temendo que lhe trouxesse desgraça, mas abracei-a e ela entendeu o que ela significava para mim, como sabia que eu dependera dela para me ajudar a trazer Nahara para este mundo, como tivera fé suficiente para permitir que andasse na companhia dos homens de Moabe. Uma vez eu lhe dera um nome que a ajudaria a ser destemida em um mundo dominado pelo medo. Esse fora o meu maior presente a ela.

*

FELIZMENTE, ainda havia um espaço entre o penhasco e a rampa branca. Todas as vezes que os trabalhadores lançavam mais terra ali, o fim da rampa desabava em um deslizamento de terra. Embora os escravos tivessem trazido enormes aríetes, tão grandes como os troncos de palmeiras, aqueles últimos metros não puderam ser acabados e, portanto, não podiam romper a muralha. Embora o rei Herodes tivesse sido mau de muitas maneiras, sentimo-nos gratos pela muralha que ele construía e pelas pedras que levavam a sua marca. Pensamos que a incapacidade da legião de construir a rampa para atingir a muralha do rei fosse um presságio do nosso sucesso garantido e oramos para agradecer ao Todo-Poderoso.

Logo seria a véspera da Festa dos Pães Ázimos, o dia em que o nosso povo fora libertado da escravidão no Egito. Pensamos em Moisés no deserto e como houvera fé mesmo quando não havia esperança, como ele conduzira seu povo apesar dos infortúnios. Pensamos que a comemoração nos trouxesse sorte no futuro. Não entendemos que, assim como o nono dia de Av, quando os dois

Templos caíram, quando Moisés quebrara as tábuas recebidas de Deus, quando a tristeza imperara no nosso mundo, alguns dias foram feitos para nos fazer lembrar que o passado continuava conosco.

Os romanos eram implacáveis, e a muralha de um rei não significava nada para eles quando trabalhavam pela glória do imperador. Eles se lançariam de uma plataforma enorme, que se elevava a mais de cem metros. Toda a madeira fora trazida da Grécia, transportada pelo mar, puxada até ali nas costas dos escravos; as madeiras carregavam o aroma da floresta. Revka disse que haviam sido feitas de ciprestes e ela chorou com essa lembrança. Ficamos observando enquanto a plataforma era concluída e os soldados subiam em cima dela e gritavam maldições, lançando rapidamente rajadas de tochas acesas. O cheiro do fogo tomou conta de tudo; o doce aroma do cipreste foi como um sonho que um dia pairara no ar.

Como a plataforma ainda não fosse suficiente para vencer a distância entre a rampa e a imponente muralha de Herodes, a legião a ampliou com enormes pedras encaixadas. Depois veio a pior criação que jamais havíamos visto, inventada por Vespasiano, posteriormente usada por Tito e agora por Silva. Parecia que aquela obra bélica fora fabricada no mundo dos demônios e milhares de espíritos malignos a haviam construído. Observamos assombrados e em desespero. Até mesmo os homens crescidos tinham lágrimas escorrendo pelo rosto. Uma torre forrada de metal de quase cem metros de altura foi encaixada em cima da plataforma de madeira, para que os romanos pudessem nos atacar ao mesmo tempo que permaneciam protegidos das nossas fundas, flechas e dardos. Dessa torre, eles eram capazes de lançar pedras enormes, golpeando a muralha do rei que fora feita para durar por toda a eternidade.

Assim foi que tudo começou. A montanha tremeu e os pássaros levantaram voo, os corvos e as cotovias, os pardais e os gaviões, todas as criaturas aladas fugiram de nós, exceto as pombas dos pombais, que não tinham outra escolha senão permanecer. Senti a criança dentro de mim mudar de posição quando me sentei sobre a borda da fonte. Tudo ao meu redor era uma loucura. Crianças de três e quatro anos de idade raspavam o sangue das lanças que haviam sido jogadas em uma pilha, puxadas dos corpos dos mortos. Os nossos falecidos eram tantos que foram levados ao campo onde as amendoeiras floresciam em botões cor-de-rosa e brancos. Ali os cadáveres eram lavados com a água da chuva e óleo, depois enrolados em lençóis de linho.

Quando o linho acabou e chegaram mais mortos, usamos os nossos próprios xales para enrolá-los. Dois dos nossos jovens guerreiros, apenas garotos de

armadura, saíram pelo portão para lutar contra os soldados por conta própria. Tiveram a cabeça cortada do corpo e foram lançados sobre nós por catapulta, os olhos ainda abertos. As mães desses meninos rasgaram a própria pele, horrorizadas, presas ao pesadelo que era a vida de vigília.

Revka e os netos vieram ficar comigo, juntamente com Yael e Ariele, pois seu alojamento era muito próximo da muralha. Seus vizinhos haviam sido mortos enquanto dormiam, quando uma flecha entrara por uma fenda na pedra que servia de janela, incendiando os estrados. Tínhamos espaço suficiente. A minha filha Aziza montara uma tenda no nosso quintal. Ela já não queria dormir dentro de casa e, como um guerreiro que era, permanecia sob as estrelas. O Homem do Vale veio fazer as refeições com ela e eles sentavam-se ali como irmãos, sem falar nada, mas precisavam de conforto. Os filhos desse homem, Noé e Levi, observavam o guerreiro sério, pois ele se tornara mais uma lenda do que um homem para eles. Uma vez vi seu olhar relancear sobre eles. A sua expressão se suavizou e algo pareceu agitar-se em seu íntimo, mas ele se virou, concentrando-se na refeição escassa de feijões e lentilhas que Aziza preparara para compartilharem.

Revka confidenciara-me que, no dia da morte da sua amada filha, o genro prometera duas coisas: enquanto estivesse no mundo não levaria outra mulher à sua cama e nunca mais cortaria o cabelo. Mas uma noite, quando ele veio para a refeição, Revka gemeu ao vê-lo, depois saiu correndo. Ela ficou de costas para nós, abalada. O genro cortara o cabelo, depois raspou a cabeça. Aproximei-me de Revka e tomei a sua mão na minha enquanto ela chorava. Estava acabada, ela me disse, aquela nossa vida sobre a terra. O seu genro rapou o cabelo porque chegara a hora de deixar este mundo para trás.

Naquela mesma noite, vi a minha filha abraçar esse guerreiro no nosso jardim. Ele parecia um ser brutal, coberto de cicatrizes, fios de metal embutidos na carne, as roupas apenas feitas de escamas de metal. No entanto, naquele único abraço, notei o que nunca vira entre a minha filha e Amram. Percebi que o amor a levava não à ruína, mas ao seu próprio destino. Eu nunca poderia ter esperado impedir o caminho que ela deveria seguir. O Homem do Vale jurara não amar uma mulher, mas nunca fizera esse juramento com relação a outro guerreiro. Ao tornar-se um rapaz, Aziza o permitira que a amasse.

Era por isso que muitos acreditavam que minha filha fosse uma *shedah*, pois quando passava os braços ao redor desse homem, que se cingia com tiras de metal afiado, era como se ela fosse um dos milhares de mensageiros que nos guardavam, enviado para tomá-lo nas suas asas. Virei-me quando o vi chorar,

porque sabia que o que Revka dissera era verdade. Aquele mundo estava se desfazendo.

Isso já estava escrito.

*

QUEM PODE dizer em que hora a muralha de Herodes foi violada, o momento infeliz em que a primeira pedra caiu? Tinha chovido, mas, quando a chuva parou, continuou a ouvir-se um trovão. Então, de repente, percebemos que não era um trovão, mas o aríete batendo continuamente contra a muralha. Ficamos observando enquanto Deus nos abandonava e depois fizemos o melhor que pudemos. Houve caos, os homens correram para a praça, a fim de construir outro muro de forma rápida, com fúria louca. O meu primo queria um muro que ficasse atrás da muralha de pedra que a legião quebrara, feito de barro e grama para poder balançar com o aríete, em vez de se quebrar. Em uma tempestade, uma folha de grama pode suportar a fúria dos ventos que levam os palácios dos reis à ruína. Não houve uma pessoa que não ajudasse na construção desse segundo muro, pois o terror mantinha todos agitados. Até mesmo Yehuda, o menino dos essênios, e o meu filho, Adir, de muleta, estavam lá, ansiosos por ajudar.

Fora a vontade de Deus que tivéssemos chuva e, portanto, não faltaria lama, havia poças, que endureciam rapidamente depois que o sol saiu, formando o segundo muro. As crianças estavam todas cobertas de barro, trabalhando entre nós, apesar das flechas em chamas que pousavam chamuscando as nossas capas e ateavam fogo aos nossos telhados e jardins.

Cada ação nossa parecia ocorrer em um sonho que se precipitava. Vi uma criança pegar fogo e morrer nos braços da própria mãe e homens que deram a vida sem se queixar. Vi a legião saltar como um animal feito de metal, sem coração ou espírito, quando o muro de lama foi abalado, mas não caiu, pois era mais forte que a muralha de Herodes, muito embora tivesse sido construído por anciãos e crianças. Vi o Anjo da Morte empoleirado ao lado da minha filha quando ela ergueu seu arco, passando a mão sobre sua carne radiante. Vi os fantasmas dos que haviam sido assassinados na caverna dos essênios trilharem os caminhos das falésias como cabras pretas, suas almas elevando-se à sua frente. Meu primo se separou da multidão quando percebeu que muitos haviam morrido e deveriam ser estendidos no campo. Quando o segui, encontrei-o chorando no meu jardim.

Naquele instante, vi a profecia que se anunciara quando jogara os ossos na

torre. Eles haviam profetizado que eu me afogaria, exatamente como o sacerdote avisara que me aconteceria quando era criança e saltara para dentro da fonte no jardim da minha mãe. Não na água, mas no meu próprio sangue.

*

POR NOITES a fio sonhara com a criança que carregava. No meu sonho, ela estava imersa em água, com os olhos abertos, pois a água era seu elemento, como fora o meu. Se todos devêssemos ser abatidos, e se fosse para estar entre os mortos, queria garantir que essa criança saísse antes de entrar no Mundo Vindouro. Essa era a única maneira de eu poder assegurar que carregasse um nome, que lhe permitisse ser chamada por Deus para junto de Si, ao contrário dos nascituros, almas sem nome que deveriam vagar sem direção pelo resto do tempo.

Eu sabia que era a hora de a minha filha vir ao mundo, pois logo não restaria tempo suficiente para nada.

Preparei um chá de arruda, destinado a provocar o aborto, e bebi rapidamente um copo cheio. Essa mistura traria minha filha antes do tempo. Andei sobre o chão do meu aposento enquanto Adir, Yehuda e todos os outros, com alguma força, trabalhavam febrilmente para restaurar os danos feitos à segunda muralha. Chamei Yael para junto de mim, pois ela prometeu me ajudar no momento em que tivesse necessidade. Ela deixou Ariele aos cuidados de Revka e trouxe-me uma cesta de excrementos do pombal para colocar sobre o fogo. Como lhe ensinara como conduzir um parto, ela agora traria minha filha à vida.

Parei em cima da fumaça, para que ela abrisse meu útero. Yael agachou-se de cócoras, entoando o nome do infinito para a frente e para trás até que formassem uma única letra em sua boca, subindo e descendo, um som tão antigo que ninguém podia entender o significado. Concentrei-me na imagem de Astarte no altar. Trouxera-a dos aposentos da minha mãe, envolta em linho, juntamente com seu livro de receitas mágicas, escondida debaixo de um punhado de palha na gaiola das pombas.

Tudo o que eu precisava me fora dado pela minha mãe. Tudo o que sabia, sabia graças a ela. Mas tudo o que sacrifiquei foi pela minha filha.

Eu derramara uma oferenda de azeite perante Astarte e cobri-me com o óleo de romã e com o perfume de lírio em sua homenagem. Essa era a última fragrância em meu poder. Sabia que não haveria mais. Imaginei os lírios ao lado da fonte no jardim da minha mãe. Eles pareciam crescer entre os mosaicos pretos e brancos que azulejavam o chão do meu alojamento. Concentrei-me neles até

ver apenas aquelas flores invisíveis e o resto do mundo desaparecer. Dediquei-me com afinco para não fazer barulho, para que ninguém fosse atraído para nós. Mordi meu braço e tirei sangue. Apesar da hora e das circunstâncias, eu estava viva, ainda capaz de dar a vida.

Conforme o tempo passava e a criança não aparecia, tive medo de que a filha que estava prestes a dar à luz fosse fraca por ser muito prematura. O pânico martelava em minha garganta como um tambor. O conselho poderia decidir lançá-la para fora da muralha a fim de morrer antes de receber um nome. Jurei que isso jamais aconteceria. Não haveria deserto para essa criança, nem corvos, nem ossos insepultos, nenhum soldado da legião, nem chacais cobiçando-a com fome. Seu espírito não ficaria aprisionado em uma caverna nem vagaria pelo vale, em vez disso permaneceria nas mãos de Deus e sob Seu olhar cuidadoso. Era por isso que iria trazê-la ao mundo antes do tempo, para que pudesse conhecer mais do que a tristeza e aquecer-se no esplendor do Todo-Poderoso, na Sua graça e na Sua sabedoria, mesmo que fosse por apenas uma hora ou um dia.

Minha filha veio ao amanhecer, depois de muitas horas e de muito sangue. Sangue demais saindo de mim, mas era o preço a ser pago pelo seu nascimento. Embora fosse prematura, ela não era fraca. Ela gritou e o meu coração se abriu. Seus olhos eram acinzentados, como os do pai. O cabelo era claro, muito parecido com as penas das pombas. Nós a levamos ao campo, a fim de enterrar a placenta, embora a última das amendoeiras tivesse sido derrubada para fornecer a madeira para a construção do muro. Agradecemos a Astarte e a Adonai. Tirei a capa e fiquei nua diante deles, embora estivesse exausta e não tivessem se passado sete dias. Não sabíamos quantos dias nos restavam e por isso eu não podia esperar para lhe dar um nome.

Chamei-a Yonah, porque ela viera ao mundo por causa de uma mensagem trazida por uma pomba.

Minha esposa, minha amada, minha filha, meu mundo.

*

DURANTE TODA a noite, o nosso povo reforçou o segundo muro, a nossa única defesa contra o abismo. Nossos homens amarraram os ramos das amendoeiras que haviam sido lavrados apressadamente, preenchendo os vãos abertos com lama, para que o novo muro fosse flexível, movendo-se aos impulsos do aríete. A Festa dos Pães Ázimos seria comemorada no dia seguinte. Em todos os outros festivais dessa natureza, nosso povo se reunia a fim de dar graças pela nossa libertação do Egito. Agora não tínhamos tempo para nada, a não ser as orações

que carregávamos em nosso íntimo.

Mas o muro que não podia ser rompido podia ser queimado. O cheiro de amêndoas subiu em uma nuvem amarga. Os romanos atearam fogo ao muro e logo estávamos envolvidos por um anel incendiário.

À porta, contemplei minha filha nos meus braços enquanto ouvia os homens cantarem, pois os cânticos elevavam-se acima dos sons da guerra. Ouvi as mulheres chorando. Enquanto contemplava a nossa desgraça, virei-me para observar uma sombra no jardim, um corvo agachado entre as fileiras de ervas que haviam crescido, todas queimadas e em cinzas naquele momento, a hortelã e a arruda, o coentro e os ramos do hissopo. Entrei no jardim que não mais existia.

Channa viera ver a criança. Ela estava magra, como todos estávamos, mas seu rosto se iluminou quando viu o bebê nos meus braços. Jurou que não contara a ninguém sobre o nascimento, nem mesmo ao nosso líder, para não distraí-lo. Sussurrou que as pombas que eu soltara haviam retornado para lhe contar sobre o nascimento, aquelas da gaiola atrás da sua casa que haviam me visitado na terra de Moabe.

Fiz sinal para ela, que se aproximou como um cão dócil, a passos largos, a cabeça baixa. Ficou cativada instantaneamente, o semblante ansioso quando levantei a criança para que visse. Observei enquanto a minha inimiga permanecia ali chorando, não de tristeza, mas de alegria.

Ela me mandara para o deserto, mas eu não me lembrava de como os meus pés descalços haviam se queimado sobre as pedras. Ela me rebaixara e arruinara, mas eu não me recordava das palavras que haviam sido usadas contra mim nem dos anos que passara em Moabe. O jardim ardia, o ar impregnado de faíscas de fogo, como dizem que seria no Mundo Vindouro quando caminhamos ao lado dos anjos e não tememos sua iluminação ou seu poder.

Deixei-a segurar a nossa filha. Rejubilamo-nos juntas pela beleza da filha do nosso marido, pois ela era como um lago de água calma e bela. Estávamos submersas, a nossa sede saciada, embora houvesse incêndios e explosões de fogo em todos os lugares, em folhas e telhados, caindo sobre nós como chuva. Ficamos ali, as cabeças unidas, enquanto os outros se escondiam nos alojamentos ou labutavam arduamente para apagar as chamas. Já não tínhamos sede e não mais necessidade de fúria ou vingança, pois não éramos mais inimigas.

HORAS MAIS TARDE, todo o muro pegou fogo. Ele nos cercava como uma cobra,

como se pretendesse nos devorar. Acreditamos que nossa hora havia chegado, mas então Deus nos enviou o vento do norte e soprou as chamas na direção dos romanos. Elas queimaram os soldados ainda vivos e incendiaram os aríetes. Nosso povo veio assistir e todos caíram de joelhos em sinal de gratidão.

Mas o que nos é dado também é tirado, para que saibamos que a glória de Deus nos alcança apenas pela Sua vontade. O salvamento foi temporário. O vento tornou a mudar de direção, soprando então do sul, e passou a ser de novo nosso inimigo. Nosso povo correu, temendo por suas vidas. As pessoas que puderam encharcaram-se com o pouco de água que encontraram, em uma tentativa de suportar a explosão de calor. Todo mundo ouviu a torcida dos romanos e seus gritos sanguinários. Eles posicionaram uns mil guardas no vale, para que ninguém do nosso povo pudesse tentar se esgueirar sobre a muralha de Herodes e fugir.

Reunimo-nos todos nos meus aposentos, cobertos de fuligem. O menino de Yael, com seus olhos escuros e belos, estava quieto; ele parecia sentir o terror que se abatia sobre nós e não se atrevia a chorar. Derramamos a água de um jarro sobre nossas cabeças, na esperança de não sermos incendiados pelas centelhas flamejantes. Amamenteei minha filha e pensei em como o pai de Nahara e Adir não vira os filhos por dez dias depois que nasceram, seguindo um costume do seu povo. Somente agora percebia que essa lei não era apenas para impedir o pai de ver a criança em uma condição de ferido, o preço da viagem para nascer. Pelo contrário, era para garantir que o pai esperasse até que estivesse bem certo de que o filho viveria. Não fazia sentido para as pessoas destemidas de Moabe vincular-se a alguém que estivesse fadado a perecer, pois eles cavalgavam na companhia da morte e armavam as tendas com a sua companhia. Eles sabiam que a carne não durava muito neste mundo.

Eu seguiria a sua lei agora e manteria a minha filha longe dos olhos do pai, para que ele não tivesse de amar alguém que seria obrigado a perder. Enquanto a embalava dentro da minha capa, dois corações bateram contra o meu peito. Mas nenhuma criatura poderia conter mais de um coração. Eu sabia que uma de nós viveria e a outra morreria. Chorei ao pensar que não ouviria minha filha me chamar de mãe.

O SEGUNDO MURO fora violado. Essa construção tosca, que construíramos até nossas mãos ficarem em frangalhos e sangrando, até já não haver mais uma única árvore no campo, rachara sob os impactos sucessivos do aríete, seus pedaços espalhados por todo lado, os ramos maleáveis das amendoeiras destroçados, reduzidos a farelos. Nosso povo fizera tudo o que fora possível para

lutar contra a maré do que estava por vir, os soldados que entrariam e nos encontrariam, o derramamento de sangue, a tortura e o assassinato no dia da nossa maior festa. Eleazar apareceu na praça. Fomos atraídos para lá pelo som do chifre de carneiro, usado para nos chamar para a oração. Abri caminho entre o povo, embora ainda estivesse enfraquecida pelo parto, o bebê escondido sob o manto. Deixei um rastro de sangue sobre as pedras, que foi se enegrecendo à medida que se distanciava de mim, um presságio, eu bem entendia.

Do meu lugar na borda da multidão, podia ver as mulheres cujos filhos eu ajudara a trazer ao mundo. Vi a minha filha com o seu arco, os braços e as pernas listrados de lama; o meu filho, arruinado pela guerra antes de ter se tornado um homem; o meu povo no auge da infortúnio; e o homem a quem amava desde que vira pela primeira vez e soubera que seria meu.

– Resolvemos não obedecer aos romanos, e sim apenas a Deus. Agora chegou a hora de provarmos a nossa fé. Não podemos cair em desgraça aos olhos do nosso Senhor, nem nos submeter à escravidão. Se cairmos nas mãos dos romanos, será o fim de tudo, não só das nossas vidas, mas da vida do Sião. Temos o privilégio de ser a última fortaleza e, como Deus nos favoreceu com isso, retribuiremos o favor morrendo nobremente como seres humanos livres.

As pessoas começaram a entrar em pânico ante as palavras de Ben Ya'ir. Pareceu que alguns tentariam fugir. Mas também houve um ímpeto entre os mais leais, aqueles que ansiavam fervorosamente pela liberdade e agora não poderiam voltar atrás.

– Ao amanhecer, o inimigo cairá sobre nós e não mais poderemos detê-los, mas somos livres para optar por morrer com honra, nos braços de quem amamos. Não podemos derrotar os romanos em uma batalha aqui na terra, mas podemos negar-lhes a vitória.

Mulheres choravam por todos os lados. Tive pena de Eleazar por ter de proferir aquelas palavras.

– Fizemos tudo para reivindicar a liberdade e não podemos parar agora. Não sabemos por que Deus deixou a cidade ser destruída pelo fogo, por que Ele deixou o nosso povo ser perseguido até a extinção, por que devemos morrer hoje. A liberdade é a nossa mortalha e é mais gloriosa que qualquer outra. Não deixaremos nada para os nossos inimigos e o gosto da vitória será amargo; eles não poderão cortar as cabeças dos nossos corpos e deixá-los para os corvos.

As mulheres lamuriavam-se e alguns homens as acompanharam. As chamadas

ao nosso redor foram uma bênção, pois rugiam e impediam que fossem ouvidos os clamores de agonia e de dor.

– Que as nossas esposas morram ilesas, os nossos filhos sem o manto amargo da escravidão. Querem que eles sejam devorados por animais selvagens, torturados pelo fogo e chicoteados, escravizados? Apressemos-nos. Evitemos as desventuras da humanidade. Preferimos a morte a essas misérias. Sairemos do mundo com as nossas esposas e nossos filhos em liberdade. Que a nossa história seja um testemunho de que perecemos por nossa escolha, uma escolha que fizemos no início, pois escolhemos a morte em vez da escravidão.

Os guerreiros foram enviados para incendiar os depósitos. O calor se agravou a ponto de tornar-se um inferno. Parecíamos ter caído de cabeça no mês de Av, a época em que as aflições do nosso povo ardiam, quando Deus testava a nossa fé, o nosso respeito e a nossa crença na Sua grandeza.

*

OUVIMOS Eleazar, como poderíamos ouvir um sonho, um sonho que não terminaria, um sonho do qual não acordaríamos. Senti meu amor por ele tão profundamente que pensei que poderia me desfazer como acontecera aos ramos das amendoeiras, o meu ardor era a faca que me perfurava. As pessoas começaram a correr para as casas, não para fugir, mas para reunir seus bens materiais para que pudessem ser destruídos em vez de cair nas mãos dos romanos. Foi erguida uma grande fogueira e tudo o que possuíamos era lançado sobre ela, roupas e sandálias, bacias de madeira e peças de lã. As cabras e as ovelhas que restaram tiveram a garganta cortada e os corpos colocados sobre o fogo, como oferendas queimadas sacrificadas a Deus, pois não haveria mais necessidade de carne ou de leite, somente da graça Dele. Não restava mais nenhum Templo e esse seria o nosso último sacrifício.

Os homens de Eleazar, os favoritos, guerreiros que haviam lutado ao seu lado, os homens marcados pelas batalhas que tinham viajado desde Jerusalém para tornar-se falcões naquele deserto, aproximaram-se formando um círculo em torno dele. Alguns soluçavam e eram consumidos pela dor, outros já não sentiam as dores do mundo, pois se encontravam em um estado de sacrifício, como era comum entre os guerreiros antes de entrar em batalha. Eram uns cinquenta ou mais, Amram entre eles, e esses homens traziam pedaços de cerâmica quebrada, *ostraca*, nos quais tinham sido inscritos seus nomes ou iniciais. O choro tornou-se mais furioso quando a loteria teve início. O sacerdote e os homens cultos começaram a rezar e a cantar, balançando-se para a frente e para trás com a

paixão das orações.

Dez homens seriam escolhidos entre eles. Esses se incumbiriam da tarefa e despachariam o restante de nós. Eles suportariam o fardo do carrasco, para que não tivéssemos de carregar o pecado de cometer o mal contra nós mesmos, o que era proibido. Quando chegasse o momento, eles matariam um ao outro, até que restasse apenas um. Esse homem suportaria o peso de todos os pecados e receberia a ordem de entrar pelos três portões do Gehennom, o vale do inferno, onde sofreria os tormentos dos demônios por toda a eternidade.

– Por que devemos temer a morte quando não tememos o sono? – Eleazar gritou em frenesi, em tamanho êxtase que ninguém conseguiu desviar o olhar. Eu o vi como ele fora no poço, furioso com todos os delitos dos homens, certo de que poderia consertar as coisas em nome de Deus. – A morte permite a liberdade da alma. É preciso a verdadeira coragem para encontrar a verdadeira liberdade e ser chamado para o lado de Deus. Teria sido melhor se tivéssemos morrido antes de ver Jerusalém destruída. Agora, a nossa esperança nos abandonou, mas podemos nos vingar contra os inimigos da cidade santa e ser benevolentes com aqueles que amamos, não vê-los serem levados à escravidão e ser testemunhas da tortura e da violência que aguardam nossas mulheres, nossas crianças e nossos queridos amigos.

Maridos e esposas abraçaram-se, mães carregaram os filhos, filhos correram em busca dos pais para morrerem lado a lado. Os dez homens foram escolhidos, os nossos salvadores e os nossos verdugos. Ben Ya'ir pegou a espada para fazer um juramento sobre a arma que usara para lutar por Deus, pela nação e por nós.

– Nós nascemos para morrer, assim como todos os que são trazidos ao mundo. Isso até mesmo os mais afortunados de nós devem enfrentar. Esse é o nosso destino e o nosso destino está agora diante de nós.

O meu destino estava diante de mim também.

Rapidamente fiz sinal para Yael e Revka. Voltamos ao meu alojamento, puxando pela mão o neto mais novo de Revka, Levi, para que não fosse arrastado pela multidão, com Noé seguindo atrás. A própria Revka por pouco não desmaiou no empurra-empurra.

Yehuda estava no meu quarto, envolto em seu manto branco, recitando a oração pelas almas dos mortos. Adir estava em algum lugar fora da vista.

– Onde ele está? – eu estava tão perturbada que puxei o pobre menino essênio pelo xale de oração.

Revka, que passara a considerar Yehuda como seu filho, aproximou-se para persuadir o menino assustado a falar.

– Ele estava preocupado com Aziza. Disse que ela tinha ido no seu lugar e pretendia encontrá-la e trazê-la de volta.

Corri até o armário para pegar o livro de magias da minha mãe, os meus dois corações palpitando dentro de mim. Gritos ecoavam na praça, pois os algozes haviam começado o trabalho e alguns dos moribundos não podiam suportar a visão da sua família abatida, mesmo nas mãos dos nossos próprios homens, anjos de misericórdia, os mensageiros do nosso destino. As minhas mãos tremiam. Talvez tivesse sido escrito que eu seria resgatada. Talvez o amor não fosse a minha ruína, mas a salvação.

Deixei o livro da minha mãe nas mãos de Yael e insisti para que o guardasse em segurança. Notei que ela usava o colar do leão enrolado no braço e então compreendi que acertara ao escolhê-la, pois ela era tão destemida quanto leal.

Revka estava encolhida com seus netos, segurando Arie no colo. Ele se fazia pouco mais que um bebê, mas era sensível e sabia quando o silêncio se fazia necessário. Revka levou um dedo aos lábios e ele silenciou, inclinou-se contra ela. Ela então deu um tapinha no ombro de Yehuda quando ele chorou, sentindo-se culpado por ter permitido que Adir saísse. Ele era apenas um menino, e a mãe o deixara aos nossos cuidados para protegê-lo do mal. Todos se amontoaram sobre o chão de ladrilhos adaptado para a cozinha de um rei, um aposento que se tornara fétido, extremamente quente, como um túmulo na areia.

A criança que era o meu coração chorava. Tirei-a de baixo da minha capa e a pus nas mãos de Yael, como lhe dera o livro de encantamentos. Fui até a caixa de pau-ferro, que viera comigo do Egito, aquela que minha mãe trancava com a chave em formato de cobra, uma cobra que eu pensava que adquiria vida e rastejava na palma da minha mão quando era apenas uma menina. Abrindo a caixa, encontrei ali dentro os ingredientes que viera armazenando para o pior dos momentos: pele de cobra para a serpente negra que dormia entre as rochas, cinzas da fogueira de um pombo sacrificado, lápis-lazúli moído, a pedra que é a mais forte entre todas as outras, cordões amarrados em nós precisos, destinados a tecer uma rede de proteção. Peguei o que precisava. Iria me encontrar com meus filhos na praça, e então procuraria Eleazar. O pânico latejava dentro de mim porque sabia que, não importava o que fizesse, realmente me afogaria nesse dia. Esse era o destino revelado pelos ossos que lançara na torre.

Yael pousou a mão no meu braço, tentando impedir-me quando fui para a

porta, insistindo que era tarde demais para ir.

– O que você não faria por aqueles que ama? – perguntei a ela.

– Estou fazendo isso agora – ela respondeu, como se fosse realmente a minha filha. – Não vá para ele.

Ela me prometera uma vez que faria o que pedisse. Lembrei-lhe disso quando lhe dei a última fruta que conseguira salvar, uma romã, a mesma fruta que lhe dera no nosso último adeus. Ela me reconheceu então como a menina que cuidara dela em Jerusalém. Jogou os braços ao meu redor e poderíamos ter chorado juntas se houvesse tempo. Em vez disso, afastei-me e disse-lhe o que deveria fazer. Esperava que ela me obedecesse como quando era criança. Se visse um sinal das pombas, devia perguntar a Revka onde ela me vira como eu era. E depois encaminhar-se para lá, sem hesitação.

O CAOS estava por toda parte. Fiz o que pude para seguir o meu caminho. Aqueles que dizem que não é possível ver *Mal'ach ha-Mavet* não poderiam estar mais errados. Vi-o de pé bem à frente, as doze asas enegrecidas pelo fogo, os mil olhos vendo tudo o que somos e tudo o que fazemos. Eu estava presa nas garras da sua escuridão, uma violação do esplendor de Deus e da Sua glória. Devemos sofrer na sua presença, devemos parar diante dele, mas eu não estaria pronta para enfrentá-lo enquanto não encontrasse meus filhos.

Os romanos já tinham começado a colocar tábuas para poder atravessar a nossa muralha pela manhã. Era a noite que antecedia a da fuga dos nossos antepassados do Egito, a noite em que começou a nossa morte. Viam-se maridos e esposas deitados lado a lado sobre as pedras do calçamento, encharcadas de sangue, para que pudessem encontrar a morte juntos; crianças em fila, lamuriando-se. Os dez executores dedicavam-se ao trabalho doloroso, indo de casa em casa, como o Todo-Poderoso fizera na noite de Páscoa, quando os judeus pintaram suas portas com flores de hissopo manchadas de sangue, permitindo que *Adonai* os identificasse como verdadeiros crentes e passasse por eles para que pudessem viver.

Atravessei a Praça Ocidental, depois desci a escada em direção ao Palácio do Norte. Meu peito doía e gotas de sangue pingavam de mim, mas continuei. Acima do caos ouvi os latidos do cachorro da minha filha. Corri, seguindo o eco do animal desesperado, evitando todos os homens, avançando pelas sombras até que avistei vultos próximo à entrada de uma pequena piscina em que o rei se banhava em água fria, cercado por lírios brancos de lótus que trouxera de Alexandria. Ali, sobre os degraus, Amram viera encontrar-se com minha filha.

As flechas caíram ao seu redor quando ele a agarrou pela cintura e cortou sua garganta. Ao fazer isso, ele a teve para si afinal, mas, enquanto ela ofegava em seus braços, ele vira o medalhão prateado em seu pescoço. Quando o avistei, ele a puxara para junto de si, a tristeza enorme, pois a conheceu por quem ela era pela primeira vez, o guerreiro que lutara ao seu lado e o salvara. Ele gritou pelo que fizera, lamentando-se por tudo o que morrera com ela.

Adir aproximou-se correndo de Amram enquanto eu observava. O meu filho não tinha uma lança ou uma espada, somente a muleta, e a usou para bater em Amram por ter visto a irmã assassinada e pisar em seu sangue. Amram virou-se e o trespassou, depois terminou o trabalho com um corte rápido na garganta do meu filho. Ele usava o xale de oração, como o faziam os demais carrascos, a peça de vestuário que era sempre feita de linho com um único fio de lã azul, para que o portador se lembrasse do céu e dos mandamentos de Deus. Mas o xale de oração de Amram estava manchado e parecia marrom com o sangue grudado ao linho.

Assisti a tudo aquilo como em um sonho, como se tivesse visto antes e vindo ali como testemunha para que os meus filhos não estivessem sozinhos na hora da morte. Orei a Deus para que fossem recebidos por *Shechinah*, a morada do Senhor.

O meu filho não era um guerreiro, apenas um menino. O meu guerreiro era uma mulher que não esperava o ataque de alguém que tanto a amara.

O cão estava enlouquecido em vista do ferimento causado à sua dona, lamuriando-se como se fosse um homem e não um animal. Ele não se calou quando Amram virou-se para gritar com ele; montou sobre o corpo caído de Aziza, protegendo-lhe as formas inertes, as mandíbulas salpicadas de espuma. Amram chutou-o, depois o atacou, mas o cão manteve-se firme. Era um animal que desejava vingança, mais leal que o guerreiro que então o esfaqueou uma vez atrás da outra.

O mastim recusou-se a morrer, o guardião da minha filha, que na sua morte revelou-se ser apenas uma mulher jovem que rapara o cabelo e usava roupas de homem. As flechas de penas vermelhas estavam caídas ao seu redor, seu campo de flores, o último adeus. Apesar de mortalmente ferido, o cão agarrou-se a Amram e recusou-se a deixá-lo ir, enterrando os dentes na carne do inimigo. Assisti à luta em meio a uma névoa de tristeza, até que tanto o cão como o homem estivessem tão feridos que não conseguiam continuar nem morrer.

O Homem do Vale deveria estar à disposição do seu líder, pois fora um dos

dez escolhidos. Em vez disso, ele viera ao encontro de Aziza. Quando viu o que acontecera, ele cortou o pescoço do cachorro para que o animal pudesse morrer com honra, liberando-o, assim, da dor e dos deveres neste mundo. Mas o guerreiro se deteve sobre Amram e observou-o nos seus estertores, sem oferecer consolo nem assistência. O homem que fora o genro de Revka, quando o seu nome era Yoav, quando ainda tinha compaixão e fé, deixou que o assassino da minha filha morresse em angústia.

Depois que Amram se foi, o Homem do Vale cortou a armadura do homem morto para aumentar a desonra, de modo que o chão ficasse coberto de escamas prateadas e era dado a conhecer a Deus que ali estava um covarde indigno de ser chamado de guerreiro. Em seguida, o Homem do Vale tirou o próprio xale de oração e cobriu Aziza, como se ela fosse um homem, um guerreiro caído em batalha. Talvez fosse nisso que quisesse acreditar. Ele não suportava como uma mulher a quem amara, uma menina feita de carne, não de ferro, que retribuía seu amor.

Depois que esse guerreiro enlouquecido retornou ao turbilhão da praça, corri até meus filhos. Fechei seus olhos e rezei pelos seus espíritos. Lavei os seus pés e mãos com a água da piscina, apesar de as cinzas terem deixado a água preta. Atei os encantamentos que levava comigo aos fios dos seus cabelos para que fossem protegidos, ainda que não neste mundo, mas pelo menos no Mundo Vindouro. Pensei nos momentos dos seus nascimentos: o de Aziza, em um quarto em Jerusalém, onde as mulheres que praticavam o *keshaphim* me ajudaram a trazê-la à vida. O de Adir, em uma barraca na Montanha de Ferro, onde esperei que o meu marido viesse em seu cavalo desde os confins orientais de Moabe para poder estar lá no décimo dia, para ver o filho e dar-lhe o nome de um rei do seu povo.

OS DEZ seguiram em frente com a fúria assassina, pela nossa honra e pela glória de Deus, e nisso foram bem-sucedidos. Quando subi a escada até a esplanada no topo da montanha, viam-se corpos por toda parte, os que se amavam, os que se desprezavam, os que acreditavam que haveria liberdade no Sião, os que haviam acompanhado um marido ou um irmão, os que haviam nascido nessa montanha, os que haviam sonhado que morreriam ali, todos em uma total confusão sobre as pedras. Vi o corvo que me mandara para o deserto com um xale negro, curvada em seu jardim, e chorei pelo seu espírito. Vi o pai de Yael, o assassino que matara tantos nos pátios do Templo de Jerusalém, esparramado nas imediações do quartel, o seu sangue tão vivo como qualquer flor.

Fui aos pombais e abri as portas dos dois primeiros, finalmente chegando ao

columbarium de pedra que tinha o formato de uma torre, o lugar onde minhas filhas trabalhavam ao meu lado com mais frequência, onde Revka chegara durante o luto, onde Yael atraía as aves para si sem emitir uma única palavra, como eu soubera que faria quando fomos juntas ao mercado em Jerusalém e ela implorara pela libertação de uma pomba, e em troca dera a promessa de fazer o que quer que eu pedisse.

Afugentei as pombas para fora, agitando o xale, assobiando como o falcão, forçando-as a sair dos poleiros. Elas subiram ao céu enegrecido todas de uma só vez, manchando a treva com seu esplendor, apregoando a mensagem de que havia um tempo para morrer e um tempo para ressuscitar.

O *HOMEM* a quem eu amava me encontrou na porta do meu aposento. Não havia ninguém lá, somente nós dois, como no dia em que ele me levava para a cama, quando deixei uma camada de vermelho nas roupas de cama, não da hena, mas de sangue. Os outros haviam fugido. Yael mantivera a sua promessa. Ela fizera o que eu pedira.

Deixei de lado tudo, a não ser o meu amado. Não me importava que ele estivesse coberto de sangue. Não queria saber quantos matara, ou se estivera abraçado à sua mulher antes de ser rápido na morte dela, ou até mesmo se lhe pedira perdão depois de todo aquele tempo.

– A morte caminha ao nosso lado, mas não conosco – me disse ele enquanto me tomava nos braços.

Fiquei feliz por ele não ter visto sua nova filha. Se o tivesse feito, teria sido muito doloroso para ele deixá-la e eu nunca quis ser a causa da sua dor, como sabia que ele nunca quisera me causar nenhuma. A minha mãe me avisara o que o amor faria comigo. Eu não me importara na época e não me importava agora.

Os olhos dele eram acinzentados, como as pombas, como a névoa que se desfez quando o mundo começou no dia em que Deus nos deu a palavra e pudemos falar, e as nossas palavras transformaram o mundo no que ele veio a ser. Eu poderia ter clamado contra o destino e ter coberto a cabeça. Poderia ter implorado por mais tempo, insistido com ele para fugir comigo. Mas talvez me tivesse sido concedido tudo o que precisara nesta vida. O meu amado era um homem teimoso, um verdadeiro crente. Ele era mais complicado que qualquer outro homem que eu já conhecera e o único que poderia ter-me chamado para atravessar o Mar de Sal e deixar para trás o meu marido e as colinas verdes de Moabe.

Era isso o que a minha mãe queria dizer quando me advertiu que o amor seria a minha perdição. O amor fazia você se entregar, prendia você a este mundo e ao destino de outro. Deitei-me ao lado de Eleazar. Estávamos juntos como fazíamos mesmo quando separados, pois éramos uma só pessoa, casados por mais do que nosso desejo.

Tivemos os últimos momentos de vida neste mundo, mas eu morreria uma centena de vezes para ter seu amor. Beije-o de um modo que nunca beijaria outro homem. O seu espírito entrelaçou-se ao meu quando ele me penetrou e me tornou toda sua. Se chorei, foi apenas porque a água era o meu elemento, o que mais ansiava e o que precisava acima de tudo. Quando ele acabou, eu ainda chorava por perdê-lo, apesar de estar escrito que deveria acontecer. Amei-o mesmo nesse momento, em que ele levou uma faca à minha garganta, em que me afoguei em sangue, em que sussurrei: *Primo, você estava errado. Nós nascemos para viver.*

15 de Nissan, 73 d.C.

ALEXANDRIA

77 d.C.

Eles me chamam a Bruxa de Moabe.

Assim estava escrito no Livro da Vida. Antes de eu nascer de uma mulher que já estava morta, antes de deixar Jerusalém e ser mordida por um leão, antes de os romanos virem para nos destruir, já fora decidido que isso viria a acontecer.

Um dia eu soube com certeza que nunca mais conheceria o prazer das coisas mais simples: um tear, uma mesa, um pente para o cabelo. Pensei que a minha vida tivesse acabado e que o anjo de mil olhos se achasse à minha porta. Mas estava errada. Tenho uma casa feita de pedras brancas. Os operários trabalharam para construir a fonte no centro do pátio no fundo de um jardim murado, onde há tamareiras e vasos de jasmims e lírios brancos que não se encontram em nenhuma outra terra, exceto, talvez, nos campos do mundo além do nosso.

Quando Mal'ach ha-Mavet me procurou, salpicado pelo sangue do meu povo, eu usava o manto da invisibilidade. Embrenhara-me tão profundamente no interior da terra que ele precisaria ter descido uma centena de degraus antes de poder me avistar, ainda que possuísse a visão de um exército. A despeito do seu dom da visão, eu ainda estaria escondida de sua vista, pois se diz que a Morte deve fechar os olhos ao entrar na água e eu estava submersa em uma cisterna, um poço tão profundo que há quem acredite que não tenha fundo, que chega até o centro da terra, de volta à primeira pedra de Jerusalém, onde começou a criação.

Foi a água que nos salvou, protegendo-nos das chamas que tremulavam e das mãos gananciosas da Morte. Tínhamos nos apressado a descer pelos degraus de pedra, perdendo o fôlego na escuridão, enquanto a Morte assomava sobre nós, antes de mergulharmos na água como se fôssemos peixes, pois os homens e as mulheres do nosso povo são irmãos e irmãs de tais criaturas, e é por isso que conseguimos subsistir onde outros estão fadados a perecer.

Em Alexandria as manhãs são claras, o ar tão úmido que parece um mundo de água, até que o sol surge em faixas amarelas de luz. Posso ver o porto enquanto preparo xícaras de chá-preto, doces de gergelim, laranjas cortadas em quartos. Há três cabras pretas no celeiro, uma dezena de ovelhas detrás do muro, um burro branco que é tão rápido que levanta nuvens de pó vermelho quando corre. O nosso povo sofreu restrições na cidade, mas conseguimos permanecer.

Arieh e Yonah brincam no jardim depois das aulas, escondendo-se entre os juncos ao lado de uma lagoa em que as garças vêm se alimentar. Há um íbis branco que se apossou da nossa fonte. Ele se equilibra sobre uma perna fina e bebe água, levantando a cabeça para o céu. Talvez o que deixamos para trás tenha vindo a nós na forma dessa criatura, pois ela nos observa cuidadosamente e cheia de compaixão.

Os netos de Revka não são mais crianças, mas homens cujas sombras são tão altas que fico surpresa que pertençam àqueles que já foram os meninos a quem contava histórias para que pudessem dormir a noite toda. Agora somos Revka e eu que nos remexemos e viramos na cama enquanto sonhamos com os homens que se recusaram a se render e com as mulheres que eram guiadas pela devoção. Lembramo-nos de tudo pelo que lutaram, de todos a quem amaram e foram leais. Lembramo-nos de como era o mundo quando a terra era governada pela guerra.

No entardecer em que uma diáfana luz escarlate se esparrama pelo céu, na hora em que o espaço entre os mundos se abre antes que a noite peneire sobre a terra o seu azul intenso, as mulheres aparecem no portão dos fundos para perguntar pela Bruxa de Moabe. Elas vêm com as melhores roupas, sandálias de couro que lhes deixam os passos silenciosos, anéis com sinete e pulseiras de ouro adornando-lhes os dedos e punhos esguios, kohl preto em torno dos olhos. Elas me oferecem moedas de ouro e prata, fios de pérolas. Em troca, pedem que jogue os ossos de aves para adivinhar o futuro. Suplicam manjerona e arruda, amuletos e poções, uma boa saúde, o parto de um filho e o sumiço de inimigos. Elas pedem amor, sempre. Abro o livro em que essas receitas estão escritas, a tinta ainda fresca, embora o pergaminho tenha ficado marrom, como se segurasse um maço de folhas em minhas mãos.

As mulheres que chegam me chamam de inteligente, esperta, bonita, sábia. Contam-me seus segredos e falam de violações e de sonhos. Confiem-me o que jamais admitiriam a outra, ainda que eu seja uma estranha. Faço o melhor que posso por elas. Aprendi a adivinhação com uma mulher sábia, mas aprendi a escutar com um fantasma.

Muitas vezes tomo a estrada sinuosa de pedras até o porto para ver a grande lanterna que é acesa todas as noites no farol na ilha de Faros, uma das sete maravilhas do mundo. Espero pelos navios que vêm da Grécia, soprados sobre o mar, as enormes velas brancas cheias pelo vento dos quatro cantos da terra. A água nos circunda. Quando o Nilo transborda, os campos ficam verdes e há grandes comemorações, lanternas penduradas em árvores, tambores

retumbando a noite toda, dançarinas com véus e saias compridas. O rio exhibe todos os tons de azul conhecidos pela humanidade: marinho, turquesa e lápis-lazúli, índigo, esverdeado, cerúleo e ultramarino. No entanto, é do deserto que mais tenho saudade. Marfim, alabastro, as rochas que faziam meus pés sangrar, a faca para marcar os dias, o homem a quem amava. Ao entardecer, o cheiro de terra árida chega através da Judeia e me lembra de quem eu era. Meu cabelo é perfumado e trançado, mas à noite retiro os pinos e deixo-o cair solto às minhas costas.

Quando me sento no escuro, as aves se aproximam. Eles ainda me conhecem por quem sou.

Sou a garota do deserto, mesmo que esteja tão longe.

Sou a mulher que foi salva pelas pombas pois, quando as vi se elevarem em uma nuvem acima de Massada, à hora em que reinava a escuridão, soube que devíamos fugir.

Estávamos na cozinha do palácio, esperando que Mal'ach ha-Mavet entrasse pela porta na forma de um dos dez verdugos que viriam nos cortar a garganta. Revka e as crianças amontoavam-se em um canto, inertes, com a perplexidade das ovelhas empurradas para o açougueiro quando chamadas e conduzidas por sinos. Eu andava para lá e para cá sobre o piso de mosaico preto e branco, depois fui até a porta, examinando ansiosamente a multidão. Tinha esperança de que logo Shirah apareceria, retornando com Aziza e Adir, resgatados em segurança do caos. Mas, quanto mais observava, mais eu tremia, pois os corpos eram empilhados na praça e o sangue corria como um rio, uma maré que alimentava as oliveiras, as tamareiras e o jardim reduzido a cinzas. As lamúrias eram incessantes, mas logo os gritos ecoantes deram lugar a um silêncio estranho. Shirah uma vez me dissera que a única coisa que deveríamos temer era o silêncio. Esse era o nosso verdadeiro inimigo pois significava, como as pegadas apagadas pela tempestade, que havíamos desaparecido da vista de Deus.

Yonah gritou de repente, quebrando o silêncio com a voz doce de alguém que pede para ser alimentado. Eu ainda amamentava Ariele e, quando a recém-nascida chorou, senti meu leite brotar. Naquele instante compreendi que, apesar da morte que nos cercava, eu ainda vivia.

A fortaleza queimava de dentro para fora, devastada pelo nosso próprio povo. Todas as casas haviam sido incendiadas, todos os bens lançados sobre uma fogueira que se avivou com o vento e rapidamente se alastrou fora de controle,

as faíscas ateando fogo aos telhados e às folhagens das poucas árvores que não tinham sido cortadas para a construção do muro interior. Muitos corpos já haviam queimado até as cinzas que se elevavam para produzir uma noite que era a mais escura já vista. Era a véspera da Páscoa, mas não houve um maná como o nosso povo conhecera na fuga da escravidão do Egito, apenas o céu preto e uma cortina de fumaça. Respirávamos os ossos do nosso povo – os desejos, as diferenças mesquinhas, a fé –, todos martirizados, desaparecendo no sombrio ar assassino.

Não se viam estrelas e a escuridão reinava absoluta, como fora antes do primeiro dia da criação. Mas então as pombas elevaram-se através da fumaça, como se elas fossem estrelas. Perguntei-me se o maná aparecera dessa maneira enquanto o nosso povo vagara pelo deserto por quarenta anos, se flutuara acima da morte com a facilidade de uma pomba, uma mensagem para nos informar que éramos destinados a sobreviver.

Como as aves não voam à noite, entendi que as pombas em voo eram o sinal que Shirah prometera me enviar. Ela, que cuidara de mim quando eu era uma criança órfã de mãe em Jerusalém, uma vez mais me protegia. Ela abria as portas dos pombais, como devíamos agora abrir as portas para nós mesmos.

Peguei a filha de Shirah em meus braços e segurei-a com meu filho. Para mim, eles poderiam ter sido gêmeos, uma recém-nascida, o outro com vinte meses no mundo, um não menos querido para mim que a outra. Mandeí Revka parar de chorar, precisávamos fugir. Não tínhamos tempo para a morte, disse a ela, surpresa com a minha certeza determinada.

Revka encarou-me, pensando que eu enlouquecera, pois éramos cativos dos romanos, do nosso próprio povo e do destino. Disseram-nos para ficar indiferentes ao mundo porque não tínhamos outra escolha senão perder e abraçar a morte. Mas as crianças nos meus braços se mexiam, vivas, destinadas a algo mais.

Mandaram que nos sacrificássemos em vez de nos render, e eu poderia ter obedecido, não fosse pelas crianças. Depois que me expliquei, rapidamente Revka concordou. Faríamos qualquer coisa para salvar as crianças sob a nossa guarda. Revka o fizera na cachoeira quando a morte espreitara seus netos. Quanto a mim, não perderia outro leão. Não poderia obedecer à ordem do nosso líder. Se isso fosse traição, então eu era uma traidora.

Mas eu já desrespeitara as leis antes e Deus, que fora testemunha dos meus pecados, me perdoara.

Apressei Revka e as crianças. Yehuda hesitou, pois fora educado para não combater a violência, mas a aceitá-la, e ficou perturbado em pensar que poderia desrespeitar seu povo. Incitei-o, lembrando-lhe que a sua mãe o confiara a nós para que pudesse viver; essa era a intenção dela e ele deveria honrar a sua vontade acima de todas as outras motivações.

Levantei um tapetinho para revelar uma porta instalada no chão da cozinha, idealizada para a fuga do rei. Aziza uma vez me confidenciara que usava aquela saída para se encontrar com Amram. Ninguém sabia da existência dessa porta, a não ser o rei, que já se fora havia uma centena de anos.

Entramos no espaço abaixo do piso, abafado, esgueirando-nos nas sombras. Puxei a porta, que se fechou atrás de nós, impedindo a passagem de qualquer réstia de luz. Descemos pela escada até o porão. De mãos dadas, seguimos no escuro, rapidamente e em silêncio, como fazem os ratos. Noé e Levi estavam acostumados ao silêncio, pois esse se tornara parte da sua natureza. Yehuda era diligente e calado. Até mesmo Yonah e Ariele pareciam pressentir que sem o silêncio seríamos apanhados nas malhas da morte. Eles não gemeram nem choraram, em vez disso agarraram-se a mim sem reclamar.

Não pude deixar de pensar no meu irmão, um dos dez que haviam sido escolhidos pelo nosso líder. Imaginei se ele ainda usava aquele quadrado de seda azul na armadura, se ele se lembrava do dia em que o procurara, debaixo do flamboyant, e lhe pedira para abandonar a faca. Talvez a faca fosse tudo que tivesse agora, a única coisa com que se importava ou em que confiava e à qual era leal. Disse uma oração por ele. Acho que eu sabia a resposta aos meus questionamentos, porque a oração que murmurei em seu nome era uma lamentação cantada em memória dos mortos, para que encontrassem a paz no Mundo Vindouro.

Atravessamos a câmara de pedra, respirando o ar úmido, não parando até chegarmos a outro conjunto de escadas, que nos levariam a uma pesada porta de madeira. A porta, uma vez aberta, levou-nos para o ar livre. Lá estávamos nós, o cheiro amargo de fumaça nos envolvendo, o vento em lufadas transportando faíscas das fogueiras que tinham sido acesas, juntamente com os espíritos dos mortos se contorcendo.

Revka segurou meu braço e nos entreolhamos, sem precisar de palavras para entender o pacto estabelecido entre nós.

Pretendíamos viver.

Enrolei a filha recém-nascida de Shirah no meu xale, para que pudesse permanecer em silêncio e invisível, enquanto Ariele montava o meu quadril, os olhinhos escuros bem abertos, segurando-se firmemente à minha túnica com as duas mãos. Quando saímos para a noite e a porta do túnel fechou-se atrás de nós, foi como se tivéssemos entrado pelo primeiro portão do Gehennom, a porta de entrada para o vale do inferno. A cena com que tínhamos nos deparado dificilmente se parecia com algo terreno, mas sim com um mundo em chamas, com punições para os maus. Ou talvez esse tivesse sido um teste para os fiéis. Será que conseguiríamos enfrentar o inferno e atravessar o fogo sem hesitação, ou cairíamos de joelhos e desistiríamos da vida que Deus nos concedera?

Não podíamos recuar naquele momento. O nosso mundo estava devastado, desaparecera do alcance de Deus. Revka e os meninos relutavam em prosseguir, pois havia multidões por toda parte e eles temiam que fôssemos vistos. Fiquem nas sombras, eu lhes disse, pois era isso o que eu fazia no deserto quando queria passar despercebida das aves que se aproximassem.

Perguntei a Revka onde ela vira Shirah pela primeira vez, porque era para onde Shirah instruíra-me a fugir. Imaginava que quisesse que corrêssemos para os pombais e nos escondêssemos lá, ou que esperássemos por ela próximo ao Portão da Serpente, mas Revka referiu-se baixinho a um local que me surpreendeu: ela vira Shirah muitas vezes, mas só a veria claramente por quem ela era quando a encontrara por acaso em uma cisterna, a maior delas, situada na caverna mais profunda esculpida na montanha, centenas de degraus de gesso abaixo, construída no lugar mais distante. Era para onde Shirah queria que fôssemos.

Prosseguimos através da loucura que nos cercava. Contornando o quartel, passamos pela fogueira cujas chamas estavam fora de controle. Viam-se corpos empilhados sobre ela, juntamente com as provisões e os despojos de animais, tudo o que tínhamos nos nossos armazéns e depósitos. Embora a fumaça fosse acre, parei atordoada, pois fora ali, ao lado das pilhas de armas, que vi o meu pai pela última vez, estendido entre os soldados mortos.

Aproximei-me dele e me ajoelhei ao seu lado para fechar-lhe os olhos. Pela sua expressão entendi que estava agora ao lado da sua amada esposa, a mulher de cabelo cor de fogo que também era a minha mãe. Pelo menos tivemos isso em comum. Ao lado dele, no chão, achava-se o manto acinzentado. Ele poderia ter tentado escapar do seu destino, mas despira o manto para ser visto por quem ele era, o assassino Yosef bar Elhanan, que fora o meu pai e que permaneceria assim por toda a eternidade.

Enquanto examinava seu rosto, sereno pela primeira vez, lembrei-me do que me dissera sobre seu talento para o disfarce. Os homens muitas vezes não conseguiam avistar que estava diante deles. Eles procuraram por segredos e pelo que estava enterrado, mas o que estava abertamente às claras à sua frente os cegava, de modo que não conseguiam enxergar. Um rato que atravessasse rapidamente a mesa teria menos probabilidade de ser apanhado que outro que ficasse parado no canto de uma sala, onde era de esperar que ratos se amontoassem. Um assassino que entrasse em uma sala poderia facilmente parecer-se com um homem comum se agisse com confiança, com todo o direito de fazer o que quisesse.

Peguei a capa do meu pai. Os outros me seguiram e continuamos juntos como se formássemos uma nuvem, uma névoa, nada que parecesse humano. Rapidamente atravessamos o pomar onde antes cresciam as amendoeiras, onde as flores cor-de-rosa flutuavam no ar quando o vento kadim se levantava. Não restara nada ali, nenhum ramo, nenhum galho, embora o chão estivesse coberto de faíscas que brilhavam com a incandescência de mariposas brancas que tivessem surgido à nossa frente, caídas sobre a terra.

Mais do que apenas árvores tinham sido derrubadas nesse pomar agora estéril, com sangue fluindo em vez de seiva e fios de cabelo em vez de flores. Cadáver após cadáver se espalhava pelo campo.

Revka disse aos netos e a Yehuda para pensarem nas formas escuras no chão como árvores caídas, não como homens, mulheres e crianças com a garganta cortada. A tarefa dos carrascos estava quase concluída; em breve eles cairiam uns sobre os outros, pois tinham se posicionado ao lado do Portão da Água e tiravam a sorte para ver quem seria o último guerreiro, o homem a atrair todos os pecados dos irmãos e pôr fim aos outros nove antes de virar a espada contra si mesmo.

No entanto, ainda havia entre o nosso povo alguns para serem despachados e a violência não terminara. Vimos uma família com quatro filhos esperando nos degraus de um armazém em chamas, silenciosas como fantasmas, embora continuassem no mundo dos vivos, os olhos turvos e trêmulos. O pai da família foi o primeiro a oferecer o pescoço a um dos algozes, como se para ensinar aos filhos, como se os instrísse sobre como arrebanhar as ovelhas, ou como atirar uma flecha, ou como começar suas orações da manhã com a subida do sol. Mas essa não era uma lição de beleza ou de conhecimento, apenas um momento feio de horror. As crianças correram ao redor do pai moribundo, agarrando o seu manto, como se ao fazê-lo pudessem reencontrar-se com seu espírito no Mundo

Vindouro.

O algoz era Uri, o guerreiro que nos encontrara no deserto, a mim e ao meu pai, o menino que fora amigo do meu irmão, um jovem brando que ficara tão impressionado com essa fortaleza quanto a descrevera para mim nos mínimos detalhes enquanto estávamos sentados em volta de uma fogueira no deserto, comendo uma refeição que eu conseguira, um pássaro que atraíra para mim.

Ele me contara sobre os afrescos das sete irmãs pintados pelos melhores artistas de Roma, sobre os banhos que eram aquecidos por tubos de cerâmica, sobre os jardins que se agarravam aos penhascos, sobre o palácio voltado para o norte, para que qualquer pessoa que ali residisse sempre olhasse na direção de Jerusalém. Havíamos sentado juntos no deserto com a luz minguando aos poucos, o cheiro da murta em torno de nós, olhando para o fogo como se observássemos um destino que ainda não entendíamos. Éramos jovens e o deserto abria-se até o horizonte com sua beleza sobrenatural, as estrelas cintilando no firmamento no alto, tão numerosas que ficávamos atordoados com sua luz.

Agora as estrelas não podiam ser vistas, escondidas pelas nuvens crescentes de fumaça. Uri murmurou a oração pelos mortos para o homem que matara. O homem morto fora um dos padeiros do mercado. Revka hesitou quando viu o avental branco sob seu manto de oração tornar-se escarlate. Foi como se um estandarte de desespero fosse agitado para ela. Segurei seu braço e obriguei-a a me seguir, como segui as pombas que fugiam da única morada que conheceram. Já os filhos do padeiro, nos degraus, eram despachados pela faca de Uri; eles tinham se reunido como para facilitar a tarefa do seu assassino, pois não havia nenhum lugar para onde correrem.

Talvez Revka tenha soltado um gemido ao virar-se da cena de morte, talvez um dos meninos tivesse tropeçado em uma pedra, ou a filha de Shirah, que recebera o nome que significava pomba, tivesse choramingado e arrulhado dentro da minha capa. Silenciei-a enquanto apressava os outros a prosseguir, mas foi tarde demais. O eco do ruído fez com que Uri nos avistasse através da escuridão. Ele terminou depressa a sua função nos degraus – eram apenas crianças e, depois que se foram, a mãe não resistiu, abrindo a capa para que pudesse ser levada desta vida.

Uri veio atrás de nós, forçado pelo seu dever. Nós corremos, incentivando-nos mutuamente, os garotos seguindo na frente. Nossa respiração estava quente e todos nós ofegávamos enquanto corríamos pelas nossas vidas. Noé e Levi

pararam quando perceberam que a avó não se encontrava mais entre nós. Revka caíra atrás de nós, incapaz de nos acompanhar. Ela gritou para continuarmos correndo, insistindo que a abandonássemos, pois Uri já a alcançara, já a estava segurando, implorando que aceitasse o que tinha de ser enquanto ela lutava para repeli-lo. Imaginei que ela tivesse tropeçado de propósito, para impedir que o jovem guerreiro nos alcançasse.

Disse aos meninos para seguir em frente e entreguei os bebês a Yehuda antes de voltar correndo de volta para junto de Revka.

– Continue – ela gritou, agitando os braços como teria feito se uma das pombas se recusasse a deixar o ninho.

Ela não me tivera muito em conta no início, quando eu chegara ao pombal, e tinha razão para desconfiar de mim. Eu não fora alguém que valesse a pena. Uma ladra que não conhecia o significado do amor, uma tola sem entendimento do que um leão poderia fazer a quem se deitasse com ele.

Eu fora uma garota do deserto, disposta a fazer qualquer coisa para sobreviver.

Corri na direção de Uri enquanto ele segurava Revka com firmeza. Disparei até ele, para alcançá-lo com mais força, mas também para não precisar ver o seu rosto. Trazia a faca que pertencera a Ben Simon, a que ele usara em nome do Sião, que me dera para me proteger quando se convenceu de que morreria, que havíamos pecado e que eu precisaria seguir em frente sem ele.

Usei a adaga antes de poder considerar o peso do meu ato, antes de poder sentir o calor do sangue de Uri. Quando emboscava as pombas no deserto, sua morte parecia um sopro de fumaça branca, rápida e silenciosa. Essa foi um inferno, uma explosão de sangue e calor. Uri soltou Revka e virou-se para mim, perplexo, o olhar fixo em mim, como se eu fosse a assassina e ele o pássaro na rede. Ele avançou para me agarrar e me levar com ele, mas, antes que conseguisse me segurar, foi atingido por trás e tropeçou, caindo para a frente. Ele parecia um tufo de mato tirado de um sulco da terra, cortado na colheita. Caiu ao chão como as amendoeiras do pomar.

O Homem do Vale viera em nossa direção. Ele estava quase irreconhecível, o rosto parecendo meio humano, meio bestial. Foi por isso que o Todo-Poderoso nos deu a oração, para distinguir os homens dos animais, para deixar os animais trancados em nós, como demônios presos em frascos de chumbo. Aquele guerreiro não usava nada além das suas faixas de metal para o seu suplício e

uma túnica que estava encharcada de sangue.

Mas não importava a sua aparência, o Homem do Vale era de fato humano, embora ele mesmo pudesse negá-lo. Quando Uri procurou me dominar de novo, segurando a minha perna, o Homem do Vale gritou para eu me esquivar para trás. Ele fez uma varredura rápida para completar a morte de Uri, tão rápida que parecia que seu machado era feito de luz. Talvez Gabriel, que era o senhor do fogo e da vingança, de fato caminhasse ao lado dele.

Depois de matar o jovem guerreiro, o Homem do Vale ajoelhou-se para entoar a canção para os mortos, que muitos diziam ser a única oração que ele oferecia a Deus. Ele cantou como se estivesse em transe. Quando se levantou, vi que fora marcado com as letras do nome do Todo-Poderoso no peito e nos braços, pois era o último dos dez, o que deveria matar todos os carrascos e, em seguida, causar a própria morte.

Um dia ele fora um homem culto e estudioso, fora um homem de fé. Agora, participara de um sorteio para ver quem seria o último homem e Deus o escolhera para essa terrível tarefa derradeira. De todos os verdugos, ele era o mais feroz, pois a sua indignação elevava-se acima da condição da sua espécie e o deixava sem medo. Ele estava acostumado à violência; fosse infligida contra si mesmo ou contra outro, não fazia nenhuma diferença.

Naquele momento, não tive certeza se ele seria nosso assassino ou nossa salvação. As crianças haviam parado em seu caminho, olhando com horror. Os meninos conheciam o pai e o chamaram, mas ele não respondeu. Em vez disso ele olhou para mim, inofensivo, e nesse momento vi o homem que ele fora, o que voltaria a ser quando entrasse no Mundo Vindouro e se inclinasse diante do Criador de todas as coisas.

– Deixo meus filhos para você – ele disse, a voz rouca. – Aonde quer que forem, a minha esposa estará com eles.

Nem mesmo nesse momento ele conseguia se esquecer dela, ou perdê-la para os animais que a subjugaram. Se ele tivesse sido outro homem, poderia ter vindo conosco para se esconder daquele caos, pois murmurei que estávamos fugindo. Mas ele procurara a morte por tanto tempo que não poderia permanecer entre nós agora. Finalmente estava prestes a encontrar aquele por quem sempre esperara, o machado pronto para desferir o golpe, perante Mal'ach ha-Mavet, da única maneira que poderia vencer essa batalha, contra si mesmo.

Ele soprou na sua mão, em seguida pegou a minha e disse-me o que deveria

fazer.

Corri para aqueles que me aguardavam. Corremos para a cisterna e descemos pelos degraus o mais rápido que podemos. A escuridão era densa diante de nós e ouvia-se o eco da água abaixo. Na entrada da caverna parei para dizer a Revka que ela deveria beijar a minha mão, pois fora isso que o Homem do Vale me ordenara a fazer. Ela o fez e eu lhe revelei o presente do seu genro. Neshamah, o sopro da alma da sua filha, era-lhe devolvido, para guardar por toda a eternidade e para levar conosco, aonde quer que fôssemos.

Nossos passos ecoavam enquanto nos aprofundávamos na terra, mas apenas para nossos ouvidos, pois não restara mais ninguém para ouvi-los. Podíamos sentir o silêncio dos mortos, mas ele não nos seguiu. Ouvia-se apenas o eco lânguido da água parada, espirrando quando caíam pedras sob a ação dos nossos passos. Quando chegamos ao fundo do poço, a borda de gesso branco brilhou e indicou o caminho. Parecia que as estrelas tinham caído no subterrâneo.

Entramos na água e foi ali que nos escondemos da morte. Chegamos lá no dia dezesseis de Nissan, quando amanhecia o dia da Páscoa.

O calor das fogueiras acima da cisterna passou sobre nós. Assim como o nosso povo foi salvo quando o Anjo da Morte passou sobre ele enquanto era escravo no Egito, nós também escapamos dele. Dormimos na boca do poço, pois estávamos exaustos e havíamos passado horas na água, batendo os pés, segurando-nos na borda afiada de gesso até os dedos sangrarem. Então saímos da cisterna para descansar ao lado da boca do poço e não nos afogar pelo nosso estado de exaustão. Lá ficáramos, extenuados, o cabelo arrastando na água, os dedos em carne viva, as túnicas encharcadas.

Talvez sonhássemos que os que tinham morrido permaneciam nas proximidades, pois eles nos sussurraram durante a noite. Estávamos tão perto dos mortos que podíamos ouvi-los do mesmo modo que é possível ouvir o vento em uma tempestade, mesmo quando se está escondido em segurança. Quando acordamos, ficamos maravilhados por ainda estarmos vivos. A cinza negra fora lavada de nós durante as horas passadas na cisterna e pudemos ver as réstias de luz filtrando-se de cima, pois era de manhã e outro dia chegara.

Erguemos os olhos alarmados quando ouvimos vozes abafadas. Pensamos que fossem as vozes dos mortos e que talvez estivéssemos entre eles e não reconhecêramos o Mundo Vindouro, tomando-o pelo mundo que sempre conhecêramos antes daquela noite assassina. Por tudo o que sabíamos,

pensamos que nós também estávamos entre os mortos e ainda não percebêramos que deixáramos o corpo, demorando-nos como os falecidos sempre fazem antes de seguir em frente. Desanimados, abaixamos a cabeça.

Levi e Noé temeram que os demônios nos aguardassem, pois tinham visto tais seres em ação. Eles se abraçaram, preparando-se para quais fossem os próximos terrores a serem infligidos sobre eles. Yehuda insistiu que o Fim dos Dias chegara e que o seu povo ressuscitara do túmulo e da montanha onde os ossos haviam sido espalhados pelos chacais e logo viriam juntar-se a nós. Ele começou a rezar, postado na direção de Jerusalém, pois embora estivéssemos sob a terra ele conseguia indicar a localização da cidade santa pela posição dos raios de luz, enquanto o sol subia acima da cisterna.

Passos soaram ruidosamente na escada, descendo pela terra, onde esperávamos o que estava por vir. Os ruídos me fizeram pensar nos cavalos do rei, como haviam galgado o estreito caminho da serpente porque não tinham outra opção, estavam de olhos vendados para os perigos ao redor.

Quatro soldados da legião aproximaram-se de nós, exibindo nos rostos o choque por nos avistar. Um agarrou Yehuda e obrigou-o a ficar de pé. Levantei-me com um grito. O meu cabelo era da cor do sangue e eu estava salpicada com manchas em tons de sangue que sempre me marcaram e pela matança sangrenta do meu povo.

O soldado recuou. Talvez acreditasse em fantasmas.

O que é você?, disse ele. Falava em latim.

Fingi não entender.

Você está viva?, perguntou.

E então compreendemos que estávamos vivos, pois ele podia nos ver e era feito de carne e osso, vestido com a túnica branca da legião, carregando uma lança que fora preparada para usar contra nós. Mas a lança pendia folgada em sua mão, pois ele não sabia o que éramos, e os fantasmas não podem ser mortos com armas feitas pelos homens.

Se as circunstâncias fossem diferentes, certamente teríamos sido todos mortos, mas agora a expressão dos soldados era de confusão, pois estavam nervosos pelo que tinham testemunhado na montanha acima de nós, as centenas de corpos carbonizados, a queima de tudo o que tínhamos sido e de tudo o que possuíamos.

O que é feito de todos os outros?, disse o mesmo soldado.

Eu presumira que haviam capturado mais sobreviventes, aqueles que tinham se escondido em seus alojamentos, ou tinham se agachado ao lado da muralha.

Procuramos em todos os lugares e não encontramos nada além de mortos, prosseguiu ele.

Nós percebemos que éramos os únicos e que tínhamos somente uma história para contar.

Eles nos puseram em fila e nos examinaram, com medo de que fôssemos realmente fantasmas, e nos trataram como tal, com um respeito moldado pelo medo. Havia sangue nas solas dos nossos pés e nas palmas das nossas mãos. Um dos soldados trouxera uma corda para nos amarrar, mas o que falara conosco primeiro jogou a corda para longe.

Para onde é que eles vão?, disse ele. Como poderiam fugir?

Nós seguimos os soldados, os olhos baixos. O dia estava claro e seco, mas ainda estávamos encharcados pelo tempo que passáramos na cisterna, a água pingando dos cabelos e as túnicas molhadas. Parecíamos criaturas que tinham sido trazidas do fundo de um rio por um peixe reluzente que emergira das águas do inferno.

O cheiro de carne queimada nos provocou tontura e fraqueza. Muitos soldados cobriam a boca e o nariz, vários estavam pálidos. As moscas pululavam por toda parte e acima de nós pairavam nuvens de corvos e aves de rapina. Os romanos tinham se preparado para uma batalha, nunca imaginando que teriam de atravessar um campo de martírio. Novecentos queimados, chacinados. Pior eram as crianças, as mulheres e os bebês nos braços de suas mães, seus corpinhos jovens e pálidos envolvidos em sangue, as abelhas circulando em volta, como se seus restos mortais fossem adoçados com o mel de sua juventude. Essas mortes foram uma desgraça para a legião, e os soldados não tiveram nenhuma alegria nessa rendição. Os homens que temiam espíritos e fantasmas ficaram na periferia quando eles foram trazidos para a praça. Os homens que temiam seus deuses imaginaram que era um pecado pisar naquela terra.

Abaixei a cabeça diante da legião, não em respeito aos seus integrantes, não como sua prisioneira, simplesmente porque não era capaz de contemplar os rostos daqueles que conduziram a batalha contra nós. As crianças fizeram como eu e depois de um momento Revka também me imitou, embora soubesse que era

uma violação para ela curvar-se diante dos romanos. Esperei que ela não me julgasse. Certamente, não julgo a mim mesma. Deixei isso para o Todo-Poderoso. Tínhamos um motivo para prosseguir e muito a proteger. Ainda estávamos neste mundo, aquele que conhecíamos, a que nos prendemos, embora estivesse cheio de tristeza, o mundo que nossos pais tinham criado.

Silva, o grande general, postou-se à nossa frente. O soldado que nos encontrara deu um grito e caímos de joelhos.

Baixamos os olhos para o pó. Ainda víamos a sombra de Silva; ele era a força por trás do cerco, o comandante que construía o muro e a rampa, aquele que assassinara nosso povo. Era impossível interpretar seu comportamento, se pretendia nos trespassar ele mesmo ou ordenar a nossa crucificação, ou então nos deixar para os chacais. O pânico latejava na minha garganta. Senti o ar fresco esquentar, manchado de sangue, movendo-se em ondas vermelhas enquanto o sol subia.

Meus olhos velados pestanejaram sobre a forma de Silva. Ele era um homem alto, de pele morena, de aspecto sério. Mas ele era mais que músculos e tendões. Era um monstro sem piedade. No entanto, quanto mais tempo ele se demorava a nos examinar, mais passei a acreditar que, se tivesse a intenção de nos matar, já teria feito isso. O general não era visto frequentemente por pessoas comuns e o fato de ter vindo nos avaliar fez-me ter uma ideia de que poderíamos ser mais importantes do que ousara imaginar. Talvez tivéssemos algo que ele queria.

Revka segurava Ariele e eu carregava Yonah em meus braços. O comandante podia muito bem ter pensado que a menina recém-nascida fosse um anjo, a causa da nossa sobrevivência, pois nos mandou ficar de pé para que pudesse vê-la mais de perto. Ela tinha apenas dias de vida, não era um mensageiro alado, somente uma criança humana com uma pequena cabeleira loira platinada. Em seguida, os olhos de Silva voltaram-se para mim, para as manchas vermelhas na minha pele, o meu cabelo da cor da flor do flamboyant, escurecido pela água da cisterna a ponto de os fios parecerem sangue escorrido.

Retribuí o olhar de Silva. Ele me lembrava do leopardo que vira uma vez no deserto, o que poderia ter me matado e devorado se não tivesse subido em uma rocha e me tornado maior do que era, acenando com o xale no ar, rosnando como se fosse um animal também.

Ouvi um dos homens Silva sugerir que não éramos nada, prostitutas e seus filhotes, que mereciam qualquer morte que nos dessem. O homem do general disse que, embora meu cabelo fosse da cor da rosa, eu era uma erva daninha a

ser arrancada e queimada. Ele cuspiu após essa palavra e sua saliva caiu sobre mim. Ele falava em grego. Eu sabia disso porque Shirah me ensinara a língua durante nossas aulas. Aquele soldado sugeriu que seus homens cuidassem de nós, sem se preocupar em perder pregos e madeira para nos crucificar, apenas nos trespassando com a espada. Ele cuidaria disso pessoalmente, um servo do seu general.

Há sempre um momento em que algo começa e algo termina. Eu sentia o peso da filha de Shirah em meus braços, um presente e um fardo, minha filha agora.

Uma erva daninha alimenta a ovelha muito melhor que uma flor, eu disse em grego.

A minha voz trespassou a discussão dos homens. Silva virou-se para mim, surpreso com o meu conhecimento dessa língua e com a minha coragem de falar diante dele.

Continuei em latim, pois Shirah também me ensinara a língua do império. Uma flor dura um instante, uma erva daninha pode ser uma praga por toda a eternidade.

O que aconteceu com seu povo?, Silva perguntou. Onde está o homem que os liderava?

Ergui o queixo e examinei o general que nos destruía. Ele era apenas um homem como qualquer outro. O que faria se tivesse de ficar diante de um leão sem lança ou espada com que se proteger? Aí estava o meu segredo e a minha força: falara com o leão e essa era a razão de ter vivido quando o enfrentara. Dissera que lhe pertencia. Dera-lhe o meu nome e em troca ele era meu.

Ele foi assassinado, eu disse. Deitado entre os mortos do nosso povo.

Como poderia ser assassinado?, Silva exigiu saber. Ainda não havíamos passado o muro e havia mortos por toda parte.

Ela não sabe nada, comentou grosseiramente o seu segundo em comando. O que ela sabe do seu líder ou dos seus planos?

Aquele soldado lançou os olhos sobre mim. Vi que ele tinha uma ideia do que poderia fazer antes de me matar.

Peguei a faca de Ben Simon. Ela brilhou ao cortar a minha carne. Segurei o braço estendido e deixei o sangue gotejar sobre a areia, manchando-a, reclamando-a para mim. Um murmúrio subiu entre os soldados. Sempre

acreditei que, se fosse para ser ferida, preferiria que fosse por mim mesma. Agora percebi que, quando me cortara no deserto, eu o fizera não apenas para marcar os dias que passei ali, mas para lembrar a mim mesma que estava viva.

Eleazar ben Ya'ir era meu parente, anunciei. Conheci-o como a nenhum outro, porque sou sua prima. Sou Shirah, sua companheira mais próxima. Somente eu posso contar a história desta fortaleza.

No instante em que mudei de nome, mudei de destino.

Vou narrar-lhe a história, prometi. Será a verdade e você será capaz de dizer em Roma tudo o que aconteceu aqui hoje. Só peço um favor em troca.

Ouviram-se risos entre os homens. Pude sentir a Morte rondando, olhando para mim com seus inúmeros olhos. Posso dizer com certeza que seus olhos são frios e que seu olhar pode congelar o coração. Puxei a capa do assassino ao meu redor para que pudesse desaparecer de vista de Mal'ach ha-Mavet. Pensei no leopardo que afugentara quando eu era apenas uma garota no deserto, no leão que ficara ao meu lado e naquele que libertara quando estava acorrentado sem misericórdia. Desde aquela época, eu usava a coleira do animal em torno do meu braço, como uma pulseira e uma lembrança. Havia quem jurasse que o sangue do leão concedia o poder de persuasão sobre príncipes e reis. Tirei a coleira do braço e segurei-a, pois o leão lutara no cativeiro e seu sangue estava sobre ele.

Você não reconhece isto?

Vários dos homens conheciam realmente a coleira e a identificaram, recuando, atordoados. Desde o dia em que o leão fora liberado, vinha-se falando de bruxaria.

Silva aproximou-se de mim e pegou a coleira, depois voltou para onde estivera sobre a plataforma de madeira. Examinou a coleira e descobriu que fora marcada com a insígnia da décima legião. Vi que estava confuso, embora com uma expressão velada. Ele fez sinal para eu me aproximar. Reconheci o gesto, o mesmo que meu pai usara quando queria que o seguisse, como chamaria a um cão. Mas um cão é muitas vezes espancado depois de ter cumprido sua tarefa, então permaneci no lugar, ainda não disposta a ceder e me aproximar do general.

Tenho necessidade do seu favor, eu disse. E você do meu.

Os olhos de Silva voaram sobre a minha forma. Um favor, ele concordou,

talvez imaginando que eu fosse apenas uma mulher simples, com desejos simples, e que gostaria de pedir pão ou água. Apenas um, me advertiu ele.

Pedi-lhe para nos deixar ter as nossas vidas.

Ele me fitou e disse que gostaria de saber quem eu pensava que era para pedir tal adiamento.

Eu disse que era a Bruxa de Moabe e que estava escrito que deveria estar ali para contar a história do que aconteceu nesse dia no mundo que Adonai criara, enquanto as pombas voavam acima de nós. Disse-lhe que, sem a história que eu contasse, ninguém saberia como Roma nos alcançara e como tremêramos diante do leão escravizado em sua corrente.

Você dirá que era destemida, ele respondeu, pensando em como a minha história difamaria o seu império. Você vai contar como se aproximou do leão e ele se curvou à sua frente.

Somente um tolo não teme um leão, assegurei a ele, lembrando o homem que escapara de um leão que matara nove homens antes dele. Eu era simplesmente demasiado amarga para o seu gosto, disse.

Silva acenou com a cabeça, ansioso por ouvir mais. Por que lhe concederia o que quer?

Embora fôssemos apenas mulheres e crianças, éramos os únicos sobreviventes daquela maré de morte. Ouvíramos Eleazar ben Ya'ir falar aos seus seguidores e memorizáramos suas palavras. Somente nós teríamos crédito quando se falasse daquela noite, pois éramos as únicas testemunhas. Ouvíramos os gritos dos que sabiam que não teriam chance de vitória contra Roma.

Abaixei a cabeça, pois dissera o bastante. Uma história pode ser muitas coisas para muitas pessoas. Eu lhe daria a história que ele queria, mas, a exemplo do escorpião que está escondido em um canto, a minha história doeria como uma ferroada. Eu soube não falar sobre como o nosso povo escolhera a morte em vez de ser escravizado. Nem sugeri que seríamos fortalecidos pela minha história se eu vivesse para contá-la, e que Roma seria assombrada pelos fantasmas do nosso povo, e que um fantasma pode ser mais forte que um império, pois poderia levar as pessoas não só às lágrimas, mas também à ação.

O general me observou. Eu sabia que ele queria ouvir mais sobre o que acontecera. Como pudera o nosso povo matar a si próprio, matar todos que amava? Isso era um enigma, e até mesmo os homens ferozes podem ser

intrigados por um enigma, mas, uma vez as peças unidas, elas poderiam servir para desafiá-los.

Quando ele concordou com a minha barganha, aproximei-me dele.

Ele me disse para falar e fiz exatamente o que pediu. Disse-lhe o que ele queria ouvir.

Vimos para Alexandria porque era o lugar a que a Bruxa de Moabe pertencia, a cidade pela qual ela ansiara quando sonhava com o grande rio, com a sua mãe e com os lírios brancos que cresciam nos jardins dessa cidade. Fomos levados perante a legião em Jerusalém para que a nossa história fosse registrada, transcrita e enviada a Roma. Nós a contamos muitas vezes e, embora nos curvássemos à força do império, todas as vezes que a contávamos mais milhares de pessoas aprendiam sobre aquela noite, quando nos recusáramos a ser derrotados. A história tornou-se uma nuvem, a nuvem uma cortina de chuva, e a chuva caiu por todo o império.

Fomos libertados para fora dos muros de Jerusalém. A cidade tornara-se algo que não mais reconhecíamos e o nosso povo não tinha permissão de entrar pelos seus portões. Vendi o amuleto de ouro do peixe para pagar a viagem. Ele nos protegera, livrando-nos dos nossos inimigos, e com isso servira ao seu propósito. Pensei no escravo do norte e rezei para que seu amuleto lhe tivesse servido bem, para que houvesse encontrado o caminho de volta à sua terra, onde a neve durava a maior parte do ano, onde os veados eram tão rápidos quanto o leopardo nas pastagens, onde ele poderia ser livre.

Yehuda viajou conosco e viveu na nossa casa durante vários anos, mas, quando se fez homem, atendeu ao chamado do seu povo. Os essênios haviam se reunido no norte, perto da Galileia. Muitos dos que restaram do seu povo ainda acreditavam na paz e nos princípios da pura devoção ao Todo-Poderoso. No dia em que ele nos deixou, Revka chorou, pois o amava como se fosse seu filho.

Noé e Levi logo se tornaram homens jovens. Ambos tinham a pele cor de mel e olhos escuros; eram bonitos, dedicados à avó enquanto ela envelhecia. Poderiam ter-se tornado estudiosos, como fora o seu pai antes que o destino o mudasse, em vez disso aprenderam o ofício do avô. Todas as manhãs éramos despertados pelo cheiro de pão assando no forno de cúpula em um galpão a um canto do jardim. Houve ocasiões em que encontrei pessoas no portão no início da manhã, chorando, atraídas ali pelo cheiro de pão que lhes lembrava do pão da sua juventude, quando Jerusalém era nossa. Agora, somos cidadãos do mundo, e o pão dos irmãos reflete isso: o mel é coletado das abelhas egípcias, o

coentro e o cominho de Moabe, o sal das margens do mar que a Bruxa de Moabe atravessou porque estava destinada a fazê-lo.

Quanto ao meu filho, ele é calmo e destemido. É um aluno excelente e fala quatro idiomas, mas é atormentado por pesadelos. Era de esperar isso, depois de tudo que presenciou, embora nunca reclame dessas coisas. Descobri sua dificuldade para dormir porque há noites em que me levanto e o encontro sentado no escuro. O sono é ainda um território desconhecido para mim, como é para o meu filho. Talvez o pai fale com ele nos sonhos, assim como o meu me procura. Ainda possuo a capa do assassino, a que se diz ter sido tecida com teias de aranha que o ocultavam de todos os olhos. Perdoei-o, como espero que, no Mundo Vindouro, ele tenha me perdoado, porque eu não fui irrepreensível. Se fosse levada diante dele, gostaria de homenageá-lo, pois ele me deu a minha vida e por isso serei sempre grata.

Todos os anos, no aniversário da queda da fortaleza, eu conto a parte da história que não disse a Silva, embora meus filhos a conheçam de cor. Como os soldados capturaram o leão, mantiveram-no acorrentado e o atormentaram, como ele esperou a sua hora, deitado na lama, até ser libertado, saindo livre para o deserto, e como está lá ainda, sozinho e solitário.

Digo que esse leão não é o rei de outra coisa senão da própria liberdade. Quer o terceiro Templo seja erguido ou não, que os homens construam palácios ou arruinem cidades, é o leão que terá de lutar por uma terra de pedras. Todas as coisas mudam, pois assim é o mundo em que vivemos. Mas algumas coisas permanecem constantes, mesmo depois de terem passado. Digo aos meus filhos que um dia tivemos milhares de pombas e que depois as libertamos, mas se olharmos para o céu ainda poderemos vê-las, mesmo que estejamos muito longe.

Todos os anos, no mês de Nissan, Yonah e eu vamos ao rio na noite anterior à festa que registra a jornada do nosso povo para fora do Egito, uma viagem que esperamos fazer novamente algum dia, quando Jerusalém nos pertencer outra vez. É uma longa viagem que nos propomos. Neste ano comemoramos a Bênção do Sol, pois que o orbe glorioso está exatamente no mesmo lugar que ocupou durante a Criação, quando Deus criou o bem e o mal, imbuindo o nosso mundo com ambos à mesma hora, quando criou a palavra e nos tirou do silêncio, para que pudéssemos fazer as nossas próprias escolhas. Montamos o burro branco que mantemos no galpão. Revka e eu nos asseguramos de que essa criatura seja bem tratada, pronta para o caso de precisarmos partir de repente. O nosso povo nunca sabe quando terá de fugir. Tudo o que é importante nós carregamos conosco, esteja ou não escrito.

Yonah é uma criança linda, embora com o cabelo claro e os olhos cinzentos não se pareça nada com a mãe. Ainda assim, ela é atraída para a água. Eu não poderia mantê-la afastada desse elemento mesmo que tentasse. Um dia, encontrei-a mergulhando na nossa fonte do pátio onde criamos peixes. Eles não fogem dela, em vez disso reúnem-se ao seu redor, assim como as pombas me procuravam. Esse é o seu elemento, que ela divide com Shirah, que fez o possível para trazer essa menina ao mundo, mesmo que ainda não fosse o momento, muito cedo para fazê-lo com qualquer garantia de segurança. Shirah sangrou tanto que, após o parto, não teria sobrevivido mesmo que o Anjo da Morte não andasse entre nós naquela noite terrível. Nós duas sabíamos disso quando ela bebeu a arruda e postou-se sobre a fumaça para provocar o nascimento. Ela deu a vida para que Yonah tivesse a dela. Para aqueles que dizem que a Bruxa de Moabe nunca amou ninguém, que era egoísta, preocupada apenas com o próprio destino, só posso dizer que se arruinou por amor, que se entregou a ele e que deixou algo glorioso para o mundo, um criança que gosta de ficar na chuva.

Nossos pés descalços afundam na lama enquanto caminhamos por entre as águas do Nilo. O rio está azul-escuro. Na margem crescem caniços verdes e abundantes, e um aroma de bálsamo flutua no ar. As mulheres lavam suas roupas e as deixam para secar sobre rochas ao longo da margem. Os homens já saíram em seus barcos e os carregam sobre os ombros, subindo com eles pelos caminhos de areia. Avançamos até avistar as sombras de peixes prateados pairando por perto. Enquanto o crepúsculo se adensa, depositamos uma vela sobre uma folha de lótus que flutua na corrente e observamos enquanto desaparece no escuro. Essa é a razão de estarmos aqui, para dar graças às nossas mães, que estão cuidando de nós no lugar onde nos juntaremos a elas um dia, no Mundo Vindouro.

AGRADECIMENTOS

As mulheres do deserto é um romance ambientado durante e depois da queda de Jerusalém (70 d.C.). O livro abrange um período de quatro anos, quando os romanos travaram uma guerra contra a fortaleza judaica de Massada, reivindicada por um grupo de novecentos rebeldes e suas famílias. A história é baseada no historiador Josefo, que escreveu o único relato sobre o cerco e nele registrou que duas mulheres e cinco crianças sobreviveram ao massacre na noite em que os judeus cometeram suicídio em massa, em vez de submeter-se à legião romana. Foram esses sobreviventes que contaram a história para os romanos e, portanto, para o mundo.

Fui inspirada pela minha primeira visita a Massada, uma experiência espiritual tão intensa e tocante que senti como se as vidas que haviam sido conduzidas para lá dois mil anos antes fossem totalmente novas e relevantes. Os trágicos acontecimentos do passado e os sacrifícios extraordinários que tiveram lugar nessa fortaleza pareciam estar presentes no ar claro. Era como se aqueles que ali viveram e morreram tivessem passado por ali apenas algumas horas antes.

No Museu Yigal Yadin, em Massada, podem ser encontrados muitos dos artefatos mencionados neste romance: um tecido *tartan* pertencente a um legionário recrutado no País de Gales; as sandálias e o cabelo de uma mulher jovem, cujos restos foram encontrados ao lado de uma fonte, juntamente com os esqueletos de um jovem guerreiro e de um menino, com escamas prateadas de armadura ao seu redor. Um amuleto de um museu do País de Gales, que é o que foi dado ao escravo fugido, Wynn, e as taças encantadas, amuletos e feitiços citados no romance podem ser encontrados em museus da Europa, em Israel e no Egito. Os nomes encontrados em *ostraca* em Massada – incluindo Yoav, o Homem do Vale, e Ben Ya'ir, o líder da rebelião –, que podem ter sido tirados no sorteio pelos últimos guerreiros, também estão em exposição em Massada. Vários esqueletos foram descobertos na caverna abaixo da fortaleza e, embora ninguém possa saber se essênios estiveram em Massada, foram desenterrados pergaminhos seus ali. A magia era uma atividade secreta, mas, sempre que possível, incluí na história de *As mulheres do deserto* vestígios arqueológicos encontrados.

Devo muito não somente ao relato de Josefo, mas também a Yigal Yadin, o arqueólogo encarregado do projeto de Massada, autor de *Massada*, a brava história da escavação da fortaleza. Embora haja discussões sobre a história e as descobertas arqueológicas, sempre preteri os achados iniciais e as interpretações

no próprio local.

Conduzi as pesquisas para *As mulheres do deserto* por muitos anos, mas não sou historiadora nem erudita em religião. Como romancista, fiz o melhor que pude, dentro dos limites da realidade. Apesar de alguns personagens serem baseados em figuras históricas, as tramas das mulheres quase nunca foram escritas, e *As mulheres do deserto* é a minha tentativa de imaginar esses enredos. A minha esperança é que, ao fazer isso, possa dar voz àquelas que se mantiveram em silêncio por tanto tempo.

Gostaria de agradecer aos meus primeiros leitores, Maggie Stern Terris, Daniel Terris, Pamela Painter e Sue Standing, pelas ideias e pelos comentários valiosos, e pela amizade e apoio durante a redação deste livro. Também gostaria de agradecer a meu tio e minha tia, Ashley e Harriet Hoffman, também primeiros leitores, pela bondade constante tanto com relação ao meu texto quanto na vida real. Agradeço a Mindy Givon, a minha cunhada, por ser uma leitora solidária, por viajar por Israel comigo e ser uma grande amiga. Quero expressar a minha gratidão ao Centro Feminino de Estudos de Pesquisa de Brandeis, por ter-me nomeado como pesquisadora visitante, com agradecimentos especiais a Shulamit Reinharz e à minha aluna maravilhosa, Deborah Thompson.

Agradeço a Susan Brown pela edição do texto, tendo sido tanto meticulosa quanto tolerante. Agradeço a Gary Johnson e Julia Kenny, da agência Markson Thoma, pelo apoio contínuo, e também a Paul Whitlatch, da editora Scribner, pela ajuda ao longo da publicação deste livro. Meus agradecimentos a Camille McDuffie, pela amizade e por muitas gentilezas ao longo de muitos livros. Agradeço a Joyce Tenneson, cuja fotografia gloriosa inspirou-me como um símbolo da graça e da coragem das mulheres do mundo antigo.

Devo muito ao meu cunhado, Menachem Givon, que foi meu guia em Israel e cujos conhecimentos foram-me inestimáveis na leitura atenta do manuscrito. Teria sido impossível para mim pesquisar tudo o que ele já sabia de memória e teve a bondade suficiente para compartilhar comigo. Também sou profundamente grata a Richard Elliott Friedman, um estudioso e escritor excepcional, cuja leitura sábia e cuidadosa do livro foi extremamente útil e cujas ideias inspiradas sobre o mundo bíblico foram fascinantes e inestimáveis. Agradeço aos dois por serem professores generosos e pacientes.

Em especial, gostaria de agradecer a Elaine Markson, a minha extraordinária agente e amiga; ela acreditou neste livro desde o início e sempre apostou em mim. Agradeço muito também ao meu agente de longa data e querido amigo

Ron Bernstein, pelos conselhos sensatos durante esses anos. Sou grata além das palavras por ter trabalhado com Nan Graham como meu editor e com Susan Moldow como diretora editorial. Eles também acreditaram em mim e neste livro, e o acolheram com carinho. Ao fazer isso, eles mudaram meu destino. Agradeço também a Carolyn Reidy, pela sua bondade e pelo apoio.

Agradeço ao meu marido, Thomas Martin, que viajou comigo ao deserto, apesar das dificuldades que encontramos.

Por fim, a quem devo mais do que ninguém é a minha mãe, Sherry Hoffman, de quem sinto falta todos os dias. Espero que tenha me perdoado, assim como já a perdoei há muito tempo.

LEITURA ADICIONAL

The Jewish War (A guerra dos judeus), Josephus, Penguin Classics.

Masada (Massada), Yigal Yadin, Welcome Rain Books.

Ancient Jewish Magic (Magia judaica antiga), Gideon Bohak, Cambridge University Press.

Magic in Ancient Egypt (Magia no Antigo Egito), Geraldine Pinch, The British Museum Press.

Every Living Thing, Daily Use of Animals in Ancient Israel (Todos os seres vivos, o uso diário dos animais no Israel antigo), Borowski, Alta Mira Press.

Daily Life in Biblical Times (A vida diária nos tempos bíblicos), Borowski, Society of Biblical Literature, Atlanta.

Mais informações sobre a história e um glossário podem ser encontrados na página da autora na internet: www.alicehoffman.com.

ALICE HOFFMAN nasceu em Nova Iorque, em 1952. Autora de mais de vinte obras de ficção, teve alguns de seus títulos adaptados para o cinema, em filmes como *Da magia à sedução*. Muitos de seus romances receberam a distinção “livro do ano” por importantes veículos, como *The New York Times*, *Entertainment Weekly*, *The Los Angeles Times* e revista *People*. De sua autoria, a Planeta publicou em 2011 *O terceiro anjo*. Atualmente, Hoffman divide seu tempo entre Nova Iorque e Boston. Para mais informações sobre a autora, visite seu site: www.alicehoffman.com.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Epígrafe](#)

[Mapa](#)

[Primeira Parte – Verão, 70 d.C.](#)

[A Filha do Assassino](#)

[Segunda Parte – Verão, 71 d.C.](#)

[A Esposa do Padeiro](#)

[Terceira Parte – Primavera, 72 d.C.](#)

[A Amada do Guerreiro](#)

[Quarta Parte – Inverno, 73 d.C.](#)

[A Bruxa de Moabe](#)

[Alexandria](#)

[Agradecimentos](#)

[Leitura Adicional](#)

[A Autora](#)

[Copyright](#)

Copyright © 2011 by Alice Hoffman

Todos os direitos reservados.

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Título original: The Dovekeepers

Preparação: Beatriz de Freitas Moreira

Revisão: Gabriela Ghetti

Diagramação: Triall

Design de capa: © Rex Bonomelli

Foto da capa: © Joyce Tenneson

Adaptação de capa: Triall

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H647m

Hoffman, Alice

As mulheres do deserto / Alice Hoffman; tradução Henrique Monteiro. – 1. ed. –

São Paulo: Planeta, 2013.

480 p. : il.

Tradução de: The dovekeepers

ISBN 978-85-422-0097-3

1. Ficção americana. I. Monteiro, Henrique Amat Rego. II. Título.

13-00124 CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3